

FRANCISCO RODRIGUES, S. J.

A Formação Intellectual do Jesuita

LEIS E FACTOS



1917

LIVRARIA MAGALHÃES & MONIZ, EDITORA

11, Largo dos Loyos, 14

PORTO

Ao

Congresso Internacional de Granada

No

Tricentenário do Doutor Eximio

FRANCISCO SUAREZ

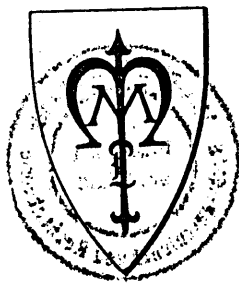
© *Auctor.*

TYPOGRAPHIA LUZITANIA
* * Mario Antunes Leitão * *
71, Rua da Picaria, 73 — Porto

FRANCISCO RODRIGUES, S. J.

A Formação Intellectual do Jesuita

LEIS E FACTOS



1917

LIVRARIA MAGALHÃES & MONIZ, EDITORA
11, Largo dos Loyos, 14
PORTO

pt 34 a 18

662372



211-0002475

PROLOGO

A Companhia de Jesus, que no dizer do erudito protestante Boehmer, é a maior associação de ensino que jamais existiu (1), occupa na historia da pedagogia um lugar de primeira importancia. Os seus collegios, tantos em numero e muitos delles grandiosos, a difundir as luzes da instrucção pelas cinco partes do mundo, não podiam deixar de ter decisiva influencia na formação das gerações novas. Daqui veio que numerosissimas pennas de escriptores se empregaram em explanar com mais ou menos extensão as leis pedagogicas daquella Ordem Religiosa e apontar os resultados que ellas practicamente produziram. Mas em Portugal ninguém até agora se abalançou a um estudo minucioso e completo deste assumpto, ainda hoje de interesse palpitante para a historia dos seculos XVI a XVIII. Aquelles que particularmente no seculo findo e nos annos do

(1) *Les jésuites, ouvrage traduit de l'allemand par Gabriel Monod* (Paris 1910), pag. 225.

que vae decorrendo, escreveram entre nós sobre a instrucção dos jesuitas, só se teem limitado a uns discursos que por alto e de léve tocam na materia e geralmente com tão manifesta parcialidade, que não podem satisfazer a uma intelligencia que só na verdade repouse. Desejando nós preencher, na medida de nossas forças, esta falta e contribuir com um pequeno subsidio para a remodelação da nossa historia, especialmente literaria, resolvemo-nos a estudar conscienciosamente o systema pedagogico da Companhia de Jesus em si e nas suas consequencias practicas, para deste modo adquirirmos conceito exacto da formação intellectual dos jesuitas.

*

*

*

Será porém realizavel o nosso intento? Poderemos determinar com precisão a maneira como o jesuita se forma e como, segundo essa formação, desenvolve no mundo a sua actividade? O jesuita é effectivamente um ser muito difficiloso de definir! Ha mais de três seculos que vive na sociedade humana, e apesar das innumeraveis descripções que desde o alvorecer da sua existencia até nossos dias tentaram caracterizá-lo, ainda hoje se não logra saber quem seja essa personagem mysteriosa e contradictoria, pois ainda hoje se apre-goam della pela palavra e pela imprensa as mais flagrantés contradicções. Nos muitos retratos que teem saído a granel, pinta-se o jesuita como heróe de virtude e pureza e monstro de perversidade e corrupção, como fautor do progresso e retrogrado ferrenho, como ardente propagador da civilização e funesto á sociedade. Particularmente no campo da sciencia e instrucção o jesuita

é apontado como sabio e promotor da ignorancia, como mestre de moral purissima e semeador de doutrinas perigosas, como educador atilado e corruptor da juventude. Uns auctores nos dizem que o jesuita ganhou triumphos maravilhosos na pedagogia, outros sustentam que os seus methodos só teem por effeito a esterilização das intelligencias, e succede até que nas paginas do mesmo livro se nos desenha como professor admiravel e logo como ruina das letras.

Definições tão encontradas e persistentemente repetidas quase nos levam á desesperança de chegarmos a desvendar este mysterio e a saber o que é o jesuita. Amigos e adversarios teem aparado as pennas para o descrever e quebrar o encanto pertinaz; mas nem uns nem outros chegaram ao que pretendiam. Os amigos não ha quem os acredite porque são amigos, e os adversarios não deviam acreditar-se porque o são; aquelles, dizem, cega-os o amor, a estes desnorteia-os a desaffeição. Entretanto resulta que a verdade no fumo dos debates e no conflicto das paixões se escurece e se opprime, e talvez brilham e prevalecem os exaggeros da calumnia como mais atrevida na refrega. Não será então possivel que se faça luz sobre este implicadissimo assumpto e se tirem essas contradicções que enredam a tantas pessoas bem intencionadas e desejosas de conhecer a verdade? Mas de que maneira?

Emmudeçam apologistas e accusadores de profissão; não se escutem as vozes da affeição e do odio e num seculo em que tanto se alardeiam rigores de critica historica, seja tambem o jesuita julgado com imparcialidade. Examinem-se friamente as leis que o regem e as acções que practica e por ellas se dê a sentença.

*

* *

Tal é o meu proposito no modesto trabalho que ora offereço á publicidade. Não faço obra apologetica nem polemica nem muito menos panegyrica; serei apenas expositor das normas officiaes que dirigem o jesuita no estudo e no ensino, e dos resultados que obteve. Segundo este designio hei de traçar dois quadros parallellos: no primeiro apresentarei as LEIS de formação e no segundo os FACTOS que resultaram dessas leis. O primeiro ha de mostrar ao leitor, despido de preconceitos, se é mysteriosa a formação do jesuita ou antes muito singela, franca e razoavel; o segundo lhe dirá se a Companhia de Jesus é tão funesta á sociedade humana, como a pintam não raramente as pennas molhadas no odio e na malquerença. Como porém escrevo para portugueses, limitar-me-hei neste segundo quadro a expor a acção pedagogica dos jesuitas em Portugal e nas suas conquistas e missões.

Hei de ter naturalmente occasião de louvar e de reprehender; mas na reprehensão e no louvor só a analyse das leis e a evidencia dos factos me hão de guiar a penna. O leitor julgará.

*

* *

Neste anno de 1917 festeja a cidade de Granada o terceiro centenario da morte do Doutor Eximio FRANCISCO SUAREZ, jústamente ufana de ser mãe de um filho que tanto a illustrou a ella, a toda a Espanha, á Companhia de Jesus e á Igreja com a vastidão e pro-

fundeza de sua sciencia. Como solennidade principal desta commemoração resolveu-se reunir na mesma cidade um CONGRESSO INTERNACIONAL, em que se estudasse a personalidade do grande sabio do seculo XVI e XVII, analysando os differentes ramos do saber em que elle se notabilizou. Um dos estudos porém que não pouco ajudarão a conhecer profundamente o escriptor e lente das Universidades, é, a nosso ver, o que expõha as leis que dirigiram a sua formação intellectual, contidas no systema pedagogico da Companhia de Jesus, de que Suarez foi alumno docil e filho extremoso. Estas leis, que elle defendeu por escripto e explanou com methodo e solidez (1), o formaram desde a juventude e a esta formação attribuiu o proprio Suarez a sciencia que possuia e os resultados que alcançou no manejo da penna e no longo exercicio do ministerio professoral. Com expressões de amor e reconhecimento que nos commovem, o declara elle no proemio ao tratado que escreveu sobre a Companhia de Jesus. "Esta é, diz o Doutor Eximio, a ultima parte da obra sobre o estado religioso, na minha intenção a primeira e principal, como devida que era por mais titulos e obrigações.

Neste anno de 1605 em que isto vou escrevendo, faz precisamente quarenta annos que, por grande beneficio da graça divina, fui chamado a esta Religião; e no decorrer de todo este largo tempo em que no seio della vivi, fui educado e me formei, nunca deixei de admirar o seu instituto e modo de proceder, e por experiencia lhe conheci, nas diversas e tão afastadas provincias de Italia, de França, de quase toda a Espanha e fi-

(1) *De Religione Societatis Jesu*, L. v.

nalmente de Portugal, santidade e pureza de costumes singular, piedade e reverencia para com Deus, e para com os proximos eximia caridade e zelo das almas. Vendo porém que esta Ordem Religiosa era aborrecida não só pelos herejes, o que é grande gloria, mas também impugnada, com apparencia de religião, por homens que professam a sã doutrina e a Religião catholica, e de varios modos molestada, já em conversas particulares, já também nas cadeiras e nos pulpitos com injustas detracções e argumentações sophisticas, concebi de ha muito um ardente desejo de explicar a uns e outros que Religião era a nossa e satisfazer a todas as objecções que até hoje se excogitaram contra a Companhia de Jesus; não porque a verdade, mais clara do que a luz, precise de ser illuminada, nem esta Ordem Religiosa que a Sé Apostolica tanta vez approvou e a graça divina tornou por suas proprias obras mais illustre, necessite da nossa defesa, mas para dar um testemunho de gratidão primeiro a Deus que me chamou á Companhia de seu Filho e depois á mesma Companhia a quem reconheço dever quanto sou e quanto tenho..."

Esta singela declaração exarada por um genio como Suarez, é, cuidamos nós, um dos maiores elogios que se podem tributar á pedagogia da Companhia de Jesus. Não antecipemos porém conclusões, que só hão de brotar do exame das leis e dos factos.

Pontevedra, 8 de Maio de 1917.

Lista das obras principais consultadas

- ALMEIDA, CANDIDO MENDES DE, *Memorias para a historia do extincto Estado do Maranhão*, Rio de Janeiro, 1860-1874.
- + ALMEIDA, FORTUNATO DE, *Historia da Igreja em Portugal*, Coimbra, 1910, segg.
- ALBERS, PEDRO, *Liber saecularis Historiae Societatis Jesu ab anno 1814 ad annum 1914*, Romae, 1914.
- Annuae Litterae Societatis Jesu anni M.D.LXXXIX ad Patres et Fratres ejusdem Societatis*, Romae, 1591.
- Annuae Litterae Societatis Jesu anni M.DC.III. ad Patres et Fratres ejusdem Societatis*, Duaci, 1618.
- [ARAUJO, JOSÉ DE], *Reflexões apologeticas á obra intitulada Verdadeiro Metodo de estudar... em uma carta... que escreveu... o P. Frey Arsenio da Piedade*, Valensa, 1748.
- + ASTRAIN, ANTONIO, *Historia de la Compañia de Jesus en la Asistencia de España*, Madrid, 1902-1913.
- Atti del IV Congresso Internazionale degli Orientalisti tenuto in Firenze 1878*, Firenze, 1880-1881.
- AZEVEDO, MANOEL DE, *Ars Poetica*, Venezia, 1781.
- AZEVEDO, LUÍS GONZAGA DE, *O Jesuita, Fases de uma lenda*, Bruxellas, 1913.
- + BACKER, AGOSTINHO, E LUÍS DE, *Bibliothèque des Écrivains de la Compagnie de Jésus*, Liège, 1853-1861.
- BACON, FRANCISCO, *De Dignitate et augmentis scientiarum*, Lugduni, 1763.

- + BARBOSA, DIOGO, *Bibliotheca Lusitana, historica, critica, chronologica*, Lisboa, 1741-1759.
- BECCARI, CAMILLO, *Rerum Aethiopicarum Scriptores occidentales inediti a saeculo XVI ad XIX*, Romae, 1903, segg.
- BERTRAND, J., *La Mission du Maduré*, Paris, 1847-1850.
- BETENDORF, JOÃO PHILIPPE, *Chronica das Missões dos Padres da Companhia de Jesus do Estado do Maranhão*, Rio de Janeiro, 1910.
- + BIKER, JULIO F. J., *Supplemento á Collecção dos Tratados, Convenções*, ... T. XVIII, Lisboa, 1879.
- + BOEHMER, H., *Les Jésuites, ouvrage traduit de l'allemand... par Gabriel Monod*, Paris, 1910.
- BONIFACIO, JOÃO, *Institutio Christiani Pueri*, Ingolstadii, 1607.
- BORRI, CHRISTOVÃO, *Relatione della nuova Missione delli PP. della Compagnia di Giesu al Regno della Cocincina*, Roma, 1631.
- BOSMANS, HENRIQUE, *Extrait de la Revue des Questiones Scientifiques*, Avril, 1910.
- + BRAGA, THEOPHILO, *Historia da Universidade de Coimbra nas suas relações com a instrucção publica portugueza*, Lisboa, 1892-1898.
- *Introducção e theoria da Historia da Litteratura Portugueza*, Porto, 1896.
- *A Arcadia Lusitana*, Porto, 1899.
- *Eschola de Gil Vicente*, Porto, 1908.
- *Camões, obra lyrica e epica*, Porto, 1911.
- Brotéria, Revista de sciencias naturaes*, Braga, 1902, segg.
- CABALLERO, RAYMOND DIOSDADO, *Gloria Posthuma Societatis Jesu*, Romae, 1814.
- CABRAL, ESTEVÃO, *Ricerche istoriche, fisiche, ed idrostatiche sopra la caduta del Velino nella Nera...* Roma, 1786.
- CAMPOS, AGOSTINHO DE, *Educação e Ensino*, Porto, 1911.
- CAMPOS, MANUEL DE, *Trigonometria Plana e Esferica com o canon trigonometrico linear e logarithmico*, Lisboa, 1737.
- CANTÚ, CESAR, *Historia Universal, versão de Manuel Bernardes Branco*, Lisboa, 1875-1879.
- CARAYON, AUGUSTO, *Documents inédits*:
- Tomo IX, *Les Prisons du Marquis de Pombal*, Poitiers, 1865.
- Tomo X, *Notes historiques sur le rétablissement de la Compagnie de Jésus en Portugal*, Poitiers, 1863.
- Tomo XIX, *Rétablissement de la Compagnie de Jésus en Portugal*, Poitiers, 1866.

- CARDIM, ANTONIO FRANCISCO, *Batalhas da Companhia de Jesus na sua gloriosa Provincia do Japão*, Lisboa, 1894.
- *Relatione della Provincia del Giappone*, Roma, 1645.
- CARDIM, FERNÃO, *Narrativa epistolar de uma viagem e missão Jesuitica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro...*, Lisboa, 1847.
- + *Cartas de San Ignacio de Loyola*, Madrid, 1874-1890.
- Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus escreverão dos reinos do Japão e China aos da mesma Companhia da India e Europa des do anno 1549 até o de 1580*, Evora, 1598.
- CARVALHO, ANTONIO, *Corografia Portugueza e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal*, Lisboa, 1706-1712.
- CARVALHO, JOAQUIM MARTINS DE, *Apontamentos para a Historia Contemporanea*, Coimbra, 1868.
- + CASTELLO BRANCO, CAMILLO, *Curso de Litteratura Portugueza*, Lisboa, 1876.
- CASTRO FREIRE, FRANCISCO DE, *Memoria historica da Faculdade de Mathematica... desde 1772 até ao presente*, Coimbra, 1882.
- Catalogus Missionariorum Societatis Jesu, qui in veteri Madurensi Missione laboraverunt*, Trichinopoly, 1913.
- Centenario do Veneravel Joseph de Anchieta*, Lisboa, 1910.
- + CHAGAS, MANUEL PINHEIRO, *Historia de Portugal popular e illustrada*, Lisboa, 1899-1907.
- [CLAVIO, CHRISTOVÃO] *Christophori Clavii Bambergensis e Societate Jesu operum mathematicorum tomus tertius complectens commentarium in sphaeram Joannis de Sacro Bosco*, Moguntiae, 1611.
- + COMPAYRÉ, GABRIEL, *Histoire Critique des doctrines de l'éducation en France depuis le XVI^e siècle*, 5.^a ed. 1885.
- *Pedagogia theoretica e pratica*, trad. di Angelo Valdarnini, Torino, 1910.
- Conclusiones Philosophicas, praeside P. Sebastiano de Abreu publico Philosophiae professore, propugnabit Antonius de Carvalho e Sequeira in regia ac pontificia Eboensis Academiae Aula, integra die 28 Martii*, Eborae, 1754.
- + COELHO, LATINO, *Historia politica e militar de Portugal desde os fins do XVIII seculo até 1814*, Lisboa, 1874.
- Collecção dos Documentos e Memorias da Academia Real de Historia Portugueza...* Lisboa, 1721-1737.
- CORDARA, JULIO CESAR, *De Suppressione Soc. Jesu Commentarii...* em Döllinger, *Beiträge* III, Wien, 1882.

- CORDEIRO, ANTONIO, *Historia Insulana das Ilhas a Portugal sugeitas no Oceano Occidental*. Lisboa, 1866.
- *Loreto Lusitano, Virgem Senhora da Lapa*, Lisboa, 1719.
- CORDIER, HENRIQUE, *L'Imprimerie Sino-Europeenne*, Paris, 1910.
- + COSTA, D. ANTONIO DA, *Historia da Instrucção popular em Portugal*, Lisboa, 1871.
- COSTA E SILVA, JOSÉ M. DA, *Ensaio Biografico critico sobre os me-lhores poetas portuguezes*, Lisboa, 1850-1855.
- [COUPLET, PHILIPPE], *Catalogus Patrum Societatis Jesu qui post obitum S. Francisci Xaverii, primo saeculo, sive ab anno 1581, usque ad 1681 in Imperio Sinarum Jesu Christi fidem propagarunt...* 1686.
- CRUZ, LUÍS DA, *Tragicae, Comicaeque Actiones a Regio Artium Col-legio Societatis Jesu datae Conimbricae in publicum theatrum*, Lugduni, 1605.
- DAHLMANN, JOSÉ, *Die Sprachkunde und die Missionen*, Freiburg im Breisgau, 1891.
- DELBREL, J., *Les Jésuites et la Pédagogie au XVI siècle*, Paris, 1894.
- DEMOGEOT, J., *Histoire de la Littérature française*, Paris, 1883.
- + DEUSDADO, M. A. FERREIRA, *Educadores Portuguezes*, Angra, 1909.
- DE URSIS, SABATINO, P. Matheus Ricci, S. J., *Relação escripta pelo seu companheiro*, Roma, 1910. Edição do R. P. Valerio Cor-deiro.
- DUHR, BERNARDO, *Die Studienordnung der Gesellschaft Jesu*, Frei-burg im Breisgau, 1896.
- DUPANLOUP, *De l'Éducation*, Paris, 1850-1857.
- Epistolae Selectae Praepositorum Generalium*, Romae, 1911.
- Études religieuses, philosophiques, historiques et littéraires par des Pères de la Compagnie de Jésus*, Paris, 1878, 1904, 1908.
- FERNANDES, ANTONIO, *Commentarii in Visiones Veteris Testamenti*, Lugduni, 1617.
- FERREIRA, JOAQUIM, *Vita del gran servo di Dio D. Emmanuele Mar-ques*, Sinigaglia, 1807.
- FONCK, LEOPOLDO, *Le travail scientifique... adapté de l'allemand par J. Bourg et A. Decisier*, Paris, 1911.
- + FONSECA, FRANCISCO DA, *Evora Gloriosa, epilogo dos quatro tomos da Evora Illustrada que compoz o R. P. M. Manoel Fialho da Com-panhia de Jesu*, Roma, 1728.
- FOUQUERAY, HENRIQUE, *Histoire de la Compagnie de Jésus en France*, T. II, Paris, 1913.

- FOURNIER, MARCELLO, *Les Statuts et Privilèges des Universités Fran-çaises...* T. IV, Paris, 1894.
- FRANCO, ANTONIO, *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus do Real Collegio do Espirito Santo de Evora do Reyno de Portugal*, Lisboa, 1714.
- *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus na Corte de Lisboa*, Coimbra, 1717.
- *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra em Portugal*, Evora, 1719.
- *Annus Gloriosus Societatis Jesu in Lusitania...* Viennae Aus-triae, 1720.
- *Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitania ab anno 1540 usque ad annum 1725*, Augustae Vindelicorum, 1726.
- *Contramina Grammatical...* por Francisco da Costa Eborense, Evora, 1731.
- GALANTI, RAPHAEL MARIA, *Biographia de illustres Brasileiros*, S. Paulo, 1911.
- GODET, MARCELLO, *La Congrégation de Montaigu (1490-1580)*, Paris, 1912.
- [GOMES, ANDRÉ], *Relaçam Geral das Festas, que fez a Religião da Companhia de Jesus na Provincia de Portugal na Canonização dos gloriosos Santos Ignacio de Loyola seu fundador e P. Fran-cisco Xavier Apostolo da India Oriental no anno de 1622*, Lis-boia, 1623.
- GOMES, DR. BERNARDINO ANTONIO, *Elogio Historico do P. João de Loureiro, lido na Sessão solemne da Academia Real das Scien-cias de Lisboa em 30 de Abril de 1865*, Lisboa, 1868.
- GREGORIO, GIACOMO, *Manual da sciencia da linguagem*, trad. de Candido de Figueiredo, Lisboa, 1903.
- GUILHERMY, ELESBAN DE, *Ménologe de la Compagnie de Jésus, Assis-tance de Portugal*, Poitiers, 1867-1876.
- GUIMARÃES, RODOLPHO, *Les Mathématiques en Portugal*, Coimbra, 1909.
- [GUSMÃO, JOÃO DE], e [ANDRADE, BRAS DE], *Relaçam das Festas com que o Collegio e Universidade da Companhia de Jesus da cidade de Evora applaudiu a Canonização dos dous gloriosos Santos Luls Gonzaga e Estanslao Kostka da mesma Companhia em Novembro de 1727*, Evora, 1730.

- GUSMÃO, F. A. RODRIGUES DE, *Memoria da vida e escriptos de Estevam Dias Cabral*, Coimbra, 1855.
- HEIMBUCHER, DR. MAX, *Die Orden und die Congregationen der katholischen Kirche*, Paderborn, 1908.
- HERMAN, J. B., *La Pédagogie des Jésuites au XVII^e siècle*, Louvain, 1914.
- HERVÁS, DOM LOURENÇO, *Catálogo de las lenguas de las Naciones conocidas y numeracion, division y classes di estas segun la diversidad de sus idiomas y dialectos*, Madrid, 1800-1805.
- HUBER, JOÃO, *Der Jesuiten-Orden nach seiner Verfassung und Doctrin, Wirksamkeit und Geschichte*, Berlin, 1873.
- HURTER, HUGO, *Nomenclator literarius recentioris Theologiae Catholicae*, Oeniponte, 1893.
- Institutum Societatis Jesu*, Florentiae, 1892-1893.
- Instruções para os professores de Grammatica latina, grega, hebraica e de Rhetorica...*, Lisboa, 1759.
- INTORCETTA, PROSPERO, *Compendiosa narratione dello stato della missione cinese cominciando dall'anno 1581 fin al 1669*, Roma, 1672.
- JANSEN, JOÃO, *Geschichte des deutschen Volkes seit dem Ausgang des Mittelalters*, T. VII, Freiburg im Breisgau, 1893.
- JOUVANCY, JOSÉ, *Magistris Scholarum inferiorum Soc. Jesu de Ratione discendi et docendi*, Florentiae, 1703.
- KIRCHER, ATHANASIO, *Mundus Subterraneus*, Amstelodami, 1678.
- KLEUTGEN, JOSÉ, *Ueber die alten und die neuen Schulen*, Münster 1869.
- LAZERI, PEDRO, *De Vita et scriptis Petri Joannis Perpiniani*, Romae, 1749.
- Litterae Societatis Jesu duorum annorum MDXC et MDXCI*, Romae, 1594.
- LOBO, D. FRANCISCO ALEXANDRE, *Discurso historico e critico ácerca do Padre Antonio Vieira*, Coimbra, 1897.
- LONGHAYE, JORGE, *Cours de Ratio*, Louvain, 1909.
- LOUREIRO, JOÃO DE, *Flora Cochinchinensis sistens plantas in Regno Cochinchina...*, Berolini, 1793.
- MACAULAY, THOMAS BABINGTON, *The History of England*, Leipzig, 1849.
- MAYNARD, M., *Des Études et de l'Enseignement des Jésuites à l'époque de leur suppression*, Paris, 1853.

- MELLO MORAES, A. J. DE, *Geographia historica, chronographica, genealogica, nobiliaria e politica do Imperio do Brasil*, Rio de Janeiro, 1858-1863.
- Memorias da Academia Real das Sciencias*, Nova serie, T. IV.
- MENDES DE AZEVEDO, CANDIDO, *A Brotéria no Exilio*, Madrid, 1913.
- MESCHLER, MAURICIO, *Die Gesellschaft Jesu Ihre Satzungen und ihre Erfolge*, Freiburg im Breisgau, 1911.
- MEYER, FREDERICO, *Der Ursprung des Gesuitischen Schulwesens, ein Beitrag zur Lebensgeschichte des heiligen Ignatius*, Gräfenhainichen, 1904.
- +MICHAELIS DE VASCONCELLOS, D. CAROLINA, *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, Halle, 1685.
- Monats-Blat für katholisches Unterrichts und Erziehungsvesen* ann. 12, Münster, 1857.
- MONTEIRO, IGNACIO, *Philosophia libera seu eclectica Rationalis et Mechanica sensuum ad studiosae juventutis institutionem accommodata*, Venetiis, 1766.
- *Monumenta Historica Societatis Jesu: Vita Ignatii Loiolae et rerum Societatis Jesu historia auctore Joanne A. Polanco*, Matriti, 1894-1898, citado *Chronicon*.
- *Sancti Ignatii... Epistolae et Instructiones*, Matriti, 1903-1911.
- *Litterae Quadrimestres... Romam missae 1546-1556*, Matriti, 1894-1897.
- *Monumenta Paedagogica Societatis Jesu...* Matriti, 1901.
- *Epistolae Mixtae ex variis Europae locis ab anno 1537 ad 1556 scriptae*, Matriti, 1898-1905.
- *Epistolae P. Hieronymi Nadal ab anno 1546-1577*, Matriti, 1898-1905.
- MORAES, JOSÉ DE, *Historia da Companhia de Jesus da Provincia do Maranhão*, Rio de Janeiro, 1860.
- MOTTA VEIGA, MANUEL EDUARDO DA, *Esboço Historico-litterario da Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra...*, Coimbra, 1872.
- MULLER, MAX, *Lectures on the science of language*, London, 1882.
- *Essays on the science of religion, on mythology, traditions and customs, on literature, biography and antiquities, on the science of language*, London, 1867-1875. Em alemão, Leipzig, 1869.

- MURR, CHRISTOVÃO VON, *Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur*, vol. VII.
 [NAUMANN, DR. VICTOR], *Der Jesuitismus von Pilatus*, Regensburg, 1905.
O Instituto, Revista scientifica e litteraria, Coimbra, 1904-1905.
O Nosso Collegio, Lisboa, 1905 e segg.
O Panorama, Jornal litterario e instructivo, Lisboa, 1837-1867.
 + *Obituarios da Igreja e Casa Professa de São Roque da Companhia de Jesus*, Lisboa, 1916.
 ORLANDINI, NICOLAU, *Historia Societatis Jesu*, Coloniae, 1615.
 PACHTLER, G. M., *Ratio Studiorum et Institutiones scholasticae Societatis Jesu per Germaniam olim vigentes*, Berolini, 1887-1894.
 PERIER, EDUARDO, *A litteratura brazileira nos tempos coloniaes do seculo XVI ao começo do XIX, esboço historico*, Buenos Ayres, 1885.
 PEREIRA, BARTHOLOMEU, *Paciecidos libri duodecim*, Conimbricae, 1640.
 PEREIRA, BENTO, *Prosodia in Vocabularium trilingue*, Lisboa, 1672.
 PEREIRA, ESTEVES, e RODRIGUES, GUILHERME, *Portugal, Dictionario historico, chorographico, heraldico, biographico, bibliographico, numismatico e artistico*, Lisboa, 1904 segg.
 PEREIRA DE FIGUEIREDO, ANTONIO, *Novo Methodo de Grammatica latina para uso das escolas da Congregação do Oratorio...*, Lisboa, 1752.
 + PEREZ, DR. DOMINGOS GARCIA, *Catálogo razonado de los autores portugueses que escribieron en castellano*, Madrid, 1890.
 [PERPINHÃO, PEDRO], *Petri Perpiniani Valentini e Soc. Jesu Opera*, Romae, 1749.
 POSSEVINI, ANTONIO, *Bibliotheca selecta...* Roma, 1593.
 PRAT J. M. *Maldonat et l'Université de Paris ou XVI^e Siecle*, Paris, 1856.
 PRESTAGE EDGAR, D. Francisco Manuel de Mello, *Esboço biographico*, Coimbra, 1914.
 QUEYROS, FERNÃO, *Historia da vida do veneravel Irmão Pedro de Basto, coadjutor temporal da Companhia de Jesus e da variedade de successos que Deos lhe manifestou*, Lisboa, 1689.
 QUINTILIANO, M. FABIO, *Institutionum oratoriarum libri XII...* Parisiis, 1589.
 RANKE, LEOPOLDO, *Die Römischen Päpste*, Leipzig, 1900.
Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Jesu, Romae, 1832.

- REBELLO DA SILVA, LUIS AUGUSTO, *Corpo Diplomatico portuguez*, tomo IV, Lisboa, 1870.
 — *Quadro Elementar das Relações Politicas e Diplomaticas de Portugal*, tomo XVI, Lisboa, 1858.
 + — *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, Lisboa, 1860-1861.
 — *Arcadia Portugueza*, Lisboa, 1908.
 + REMEDIOS, MENDES DOS, *Historia da Literatura Portuguesa*, Coimbra, 1914.
 [KAULEN, LOURENÇO], *Reposta apologetica ao poema intitulado Uraguay*, Lugano, 1786.
Revista Portuguesa colonial e maritima, Abril, Maio, 1907.
Revista trimestral do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1838 segg.
 RICHTHOFEN, FERNANDO VON, *China*, Berlin, 1877.
 RITTER, HENRIQUE, *Histoire de la Philosophie Moderne*, trad. por Challemeil-Lacour, Paris, 1861.
 RIVIÈRE, ERNESTO M., *Corrections et Additions à la Bibliothèque de la Compagnie de Jésus, Supplément au De Backer-Sommervogel*, Toulouse, 1911, 1912, 1913.
 RODELES, CECILIO GOMES, *Imprentas de los antiguos Jesuitas en las Misiones de Levante, durante los siglos XVI al XVIII*, Madrid, 1912.
 — [ROMÃO, FRANCISCO], *Compendio istorico dell'espulsione dei Gesuiti dai regni di Portogallo e da tutti i suoi domini*, Nizza, 1791.
 [RODRIGUES DE MELLO, JOSÉ] *Vita Venerabilis Patris Emmanuelis Correae e Societate Jesu in Brasilia Missionarii una cum adjunctis animadversionibus historicis*, in Fano S. Martini, 1789.
 RUIZ AMADO, RAMON, *La Educacion Intelectual*, Barcelona, 1909.
 — *Historia de la Educacion y la Pedagogia*, Barcelona, 1911.
 SACCHINI, FRANCISCO, *Historia Societatis Jesu, Pars secunda...*, Antuerpiae, 1620.
 — *Protrepticon et Paraenesis ad Magistros Scholarum inferiorum Soc. Jesu*, Romae, 1625.
 S. BARTHOLOMEU, FR. PAULINO DE, *India Orientalis Christiana*, Romae, 1794.
 [S. THERESA, D. IGNACIO DE], *Crisis Paradoxa super tractatu insignis P. Antonii Vieira Lusitani Societatis Jesu, de regno Christi in terris consummato*, Londini, 1743.

- SANCHEZ, FRANCISCO, *Minerva seu de causis linguae latinae Commentarius*, Amsterdam, 1733.
- SANTOS FR. JOÃO DOS, *Ethiopia Oriental*, Lisboa, 1891.
- + SANTOS, FR. MANUEL DOS, *Historia Sebastica*, Lisboa, 1735.
- SCHIMBERG, ANDRÉ, *L'Éducation Morale dans les Collèges de la Compagnie de Jésus en France sous l'ancien régime (XVI^e, XVII^e, XVIII^e siècle)*, Paris, 1913.
- [SCHMITT, LUÍS], *Synopsis Historiae Societatis Jesu*, Ratisbonae, 1914.
- SCHOPPE, GASPAR, *Grammatica Philosophica*, Amsterdam, 1664.
- SCORRAILLE, RAUL DE, *François Suarez de la Compagnie de Jésus*, Paris, 1912.
- SEMEDO, ALVARO, *Imperio de la China y cultura evangelica en el por los Religiosos de la Compañia de Jesus...* Lisboa, 1731.
- + SILVA, INNOCENCIO DA, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa, 1858 segg.
- SOMMERVOGEL, CARLOS, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, Paris, 1890-1909.
- + SOUSA, D. ANTONIO CAETANO DE, *Historia Genealogica da casa Real Portugueza*, I, Lisboa, 1735.
- SOUSA, CAETANO FRANCISCO DE, *Instituições Portuguezas de educação e instrucção no Oriente*, Bombaim, 1890.
- SOUSA, FRANCISCO DE, *Oriente Conquistado a Jesus Christo pelos Padres da Companhia de Jesus da Provincia de Goa...*, Bombaim, 1881-1886.
- SOUSA VITERBO, e ALMEIDA, B. VICENTE DE, *A Capella de S. João Baptista*, Lisboa, 1900.
- *Fr. Francisco de S. Agostinho de Macedo*, Lisboa, 1910.
- STOCKLER, FRANCISCO DE BORJA GARÇÃO, *Ensaio historico sobre a origem e progressos das mathematicas em Portugal*, Pariz, 1819.
- SUAREZ, JOSÉ, *La Libertad de la Ley de Dios en el Imperio de la China... traducida de la lengua portuguesa a la castellana por D. Juan Espinola etc.*, Valencia, 1696.
- TACCHI VENTURI, PEDRO, *Storia della Compagnia di Gesù in Italia*, Roma-Milano, 1910.
- *Opere Storiche del P. Matteo Ricci S. J.*, Macerata, 1910-1913.
- + TEIXEIRA, DR. ANTONIO JOSÉ, *Documentos para a Historia dos Jesuitas em Portugal*, Coimbra, 1899.
- TELLEZ, BALTHAZAR, *Summa Universae philosophiae*, Lisboa, 1642.

- *Historia Geral da Ethiopia a alta ou Preste Joam*, Coimbra, 1660.
- + — *Chronica da Companhia de Jesu na Provincia de Portugal*, Lisboa, 1645-1647.
- TRIGAUT, NICOLAU, *De christiana expeditione apud Sinas suscepta ab Societate Jesu...*, Lugduni, 1616.
- + VASCONCELLOS, SIMÃO, *Chronica da Companhia de Jesu no Estado do Brasil...* Lisboa, 1865.
- + VASCONCELLOS, DR. ANTONIO DE, *Francisco Suárez (Doctor eximius)* Coimbra, 1897.
- VEIGA, EUSEBIO, *Planetario Lusitano...*, Lisboa, 1758.
- VEIGA, MANUEL, *Relaçam geral do estado da christandade de Ethiopia...*, Lisboa, 1628.
- [VERNEY, LUÍS ANTONIO], *Verdadeiro Metodo de estudar..., exposto em varias cartas, escritas pelo R. P. *** Barbadinho da Congregasam de Italia...*, Valensa, 1747.
- *Resposta as Reflexoens, que o R. P. M. Fr. Arsenio da Piedade Capucho fez ao Livro intitulado: Verdadeiro Metodo de estudar...*, Valensa, 1748.
- VIEGAS, ARTHUR, *O Poeta Santa Rita Durão...*, Bruxelles, 1914.
- VIEGAS, BRAS, *Commentarii exegetici in Apocalypsim...* Eborae, 1607.
- VIEIRA, ANTONIO, *Obras completas do P. Antonio Vieira, Sermões*, Porto, 1907-1909.

Fontes manuscriptas

ARCHIVIO VATICANO:

- *Nunziatura di Portogallo*, Vol. 6, 9, 14, 57, 152.
- *Nunziatura di Portogallo*, Ann. 1814.
- *Nunziatura di Portogallo*, Ann. 1815.

ARCHIVIO DI STATO, ROMA:

- *Gesuit. Collegi*, Lisbona, mazzo 65.
- *Gesuit. Collegi*, Coimbra, mazzo 42.
- *Gesuit. Collegi*, Evora, mazzo 46.
- *Gesuit. Collegi*, Portogallo, mazzo 152.

ARCHIVO DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE S. PETERSBURGO:

Serie: Asia, n.º 20.

MSS. DA COMPANHIA DE JESUS:

- Lus. 35, *Epistolae Gen. 1700-1726.*
- Lus. 39, *Catalogi breves.*
- Lus. 43, *Catalogi triennales.*
- Lus. 44, *Catalogi triennales.*
- Lus. 45, *Catalogi triennales.*
- Lus. 47, *Catalogi triennales.*
- Lus. 48, *Catalogi triennales et breves.*
- Lus. 49, *Catalogi triennales et breves.*
- Lus. 51, *Litterae annuae.*
- Lus. 53, *Litterae annuae.*
- Lus. 54, *Litterae annuae.*
- Lus. 58, *Necrologia.*
- Lus. 59, *Necrologia.*
- Lus. 60, *Epist. Lusit.*
- Lus. 62, *Epist. Lusit.*
- Lus. 63, *Epist. Lusit.*
- Lus. 64, *Epist. Lusit.*
- Lus. 65, *Epist. Lusit.*
- Lus. 67, *Epist. Lusit.*
- Lus. 68, *Epist. Lusit.*
- Lus. 93-97: J. Caeiro, *De Exilio Provinciae Lusitanae.*
- Goa. 24, 25, 26, *Catalog.*
- Goa. 33, *Goana Historia.*
- Jap. Sin. 134, *Catalog.*
- *Epist. NN. 90.*
- *Opp. NN. 23, 24, 137, 138.*
- Lus. 105, *Catalogus Scriptorum Societatis Jesu Provinciae Lusitanae... ab anno 1675 ad annum 1725 inclusive... collectus a P. Joanne Valente.*
- *Hist. Soc. 41, Catal. S. J. 1574.*
- *Vol. de Cartas e Relações dos missionarios da China desde 1649 a 1714.*

LIVRO I

LIVRO I

LEIS

Feliz a sociedade a que a Providencia depara um legislador sabio no dictar leis e firme na execução dellas! Esta felicidade, tão rara nos annaes das instituições humanas, coube á Companhia de Jesus, Ordem Religiosa nascida numa epoca de lucta de ideias e de abalos sociaes. Ignacio de Loyola, o fundador, apparece na historia, escreveu um erudito protestante, como “um dos maiores genios organizadores que deram leis no mundo” (1). Psychologo profundo, prudente nas resoluções, intelligencia limpida e serena, vontade energica e inquebrantavel, coração talhado para grandes empresas, Ignacio de Loyola nascêra com destino ao difficiloso encargo de formar e reger homens.

Não admira que a sua obra, a sociedade que fundou, “se deva, no dizer de João v. Müller, comparar ás

(1) «... un des plus grands génies organisateurs qui aient jamais existé...» H. Boehmer, *Les Jésuites* (Paris 1910) pag. 69.

grandes instituições dos legisladores da antiguidade" (1). O código em que Ignacio exarou as suas leis, é o livro das *Constituições* (2), que elle meditou longos annos e foi, linha por linha, aperfeiçoando até que pouco antes da morte as entregou, como testamento, á sua Companhia para que as observasse. Logo do seu primeiro apparecimento despertaram admiração universal. O jesuita portuguez Antonio Brandão escrevendo de Roma para Coimbra em 1551 synthetizou nesta phrase a opinião commum dos que as conheciam: "Das Constituições que teem feitas não sey mais que fama que são admirabilissimas" (3). Este conceito porém não o diminuíram os annos. O merecimento verdadeiro não perde com o tempo. Ainda hoje amigos e adversarios sinceros são accordes no louvor com que exaltam a sabedoria daquellas leis. "A fundação da Companhia de Jesus, opinava um illustre brasileiro, continua a ser motivo das meditações do historiador e do critico; e a sua extraordinaria constituição um monumento de sabedoria, de prudencia, de conhecimento da natureza humana, nunca assás investigado pelo philosopho e pelo politico" (4). O juizo dos adversarios podemos dizer que o resumiu Boehmer, protestante, quando escreveu que "a organização da Com-

(1) Vierundzwanzig Bücher Allgemeiner Geschichte, besonders der Europäischen Menschheit III, (Tubingen 1810) 24.

(2) *Constitutiones Societatis Jesu no Institutum S. J.* (Florentiae, 1893).

(3) Monumenta Hist. S. J., *Epist. Mixtae*, II, 516.

(4) Eduardo Prado, *O Catholicismo, a Companhia de Jesus e a Colonização do Brazil*, Conferencia recitada em S. Paulo em 1896 e publicada no *III Centenario do veneravel Joseph de Anchieta* (Lisboa, 1910).

panhia de Jesus era sem duvida uma obra prima no seu genero" (1), e tambem com maior encarecimento o Dr. Victor Naumann, igualmente protestante, ao expor as conclusões que lhe brotaram do exame minucioso a que submettêra as leis da Companhia. "Quem estudar, diz elle, a obra de arte que é o edificio espiritual da Companhia de Jesus, quem examinar vagarosamente o plano do *architecto*:... ha de inclinar-se cheio de respeito e admiração perante a energia e prudencia desses homens que foram capazes de levantar obra tão de mestre numa epoca bem pobre de creações artisticas no campo politico" (2).

Mas nesta construcção, que mereceu tão insuspeitos louvores, é parte consideravel a que regula a formação intellectual dos jesuitas; neste código de leis tão qualificadas de prudentes se encerram as normas legais que constituem a lei fundamental do systema de instrucção na Companhia de Jesus. A Quarta Parte das Constituições, a mais poimenorizada e extensa das dez grandes divisões do livro, é, de facto, em compendio um verdadeiro programma escolar, que serviu de base e deu os principios á organização definitiva dos collegios da Companhia. Dalli se desenvolveu, como de germe pequenino, o *Ratio Studiorum*, esse plano de estudos,

(1) «Cette organisation est assurément un chef-d'oeuvre dans son genre». *Obr. cit.* pag. 69.

(2) «Wer das Kunstwerk des geistigen Baues der S. J. kennen, lernt, wer den Plan des «Architekten» nach und nach versteht,... wird... voll Respekt, ja voll Bewunderung für die Tatkraft und Klugheit der Männer erfüllt sein, die in einer an staatlichen Kunstgebilden armen Zeit ein derartiges Meisterwerk zu errichten fähig waren». *Der Jesuitismus* (Regensburg 1905) pag. 87.

alvo de juizos tão encontrados, que dirigiu, como methodo universal, a educação e o ensino subministrado pelos jesuitas em todas as partes da terra. É este o curso practico de pedagogia, cujas leis vamos examinar.

CAPITULO I

O Ideal

Quando no castello de Pamplona caiu prostrado por uma bala francesa D. Ignacio de Loyola, para depois se levantar transformado em capitão de nova milicia com outras ambições e novos ideaes, tão diversos dos que até esse tempo lhe faziam palpitar o coração de guerreiro, era bem deploravel o estado da Igreja ainda no meio das nações que se gloriavam de catholicas. Do tumulto da idade media a sociedade christã saíra profundamente abalada, e germes de futuras revoluções lhe fermentavam no seio. A vida religiosa soffrêra baixa em todas as classes, principalmente nas mais elevadas; a corrupção lavrava medonhamente penetrando até as portas do santuario; o espirito mundano infiltrara-se nas fileiras do clero; a philosophia e theologia escolasticas decaíram do seu esplendor; a politica desembaraçara-se da religião e a vida civil dos Estados descompunha-se em desordem assustadora.

Num terreno assim preparado brotou o humanismo com o acompanhamento de ideias e costumes pagãos a propor áquella sociedade doentia as lições de naturalismo depravado, contidas na literatura classica, romana

e grega. Não é de admirar que os humanistas em boa parte se extraviassem por veredas perigosíssimas e concorressem enormemente para a depravação daquela epoca. Estava a materia disposta para uma conflagração religiosa. Luthero lançou o facho incendiário e o fogo pegou com facilidade e propagou-se temerosamente. Seguiu-se como necessaria consequencia uma como que anarchia no pensamento, nos costumes, na Igreja e nos Estados. Negava-se a auctoridade ecclesiastica e a supremacia espiritual do Pontifice Romano, desgregava-se a jerarchia sagrada, as ordens religiosas eram vilipendiadas, os sacramentos caíam no esquecimento e no desprezo, nações inteiras desmembravam-se da unidade catholica e uma serie crescente de heresias, originadas do principio do livre exame, desconcertavam a bella harmonia dos dogmas do christianismo. Foi talvez a mais horrenda tempestade que se desencadeou contra a Igreja de Deus (1).

*

* *

Nesta conjunctura de circumstancias arriscadas, que pediam soccorro immediato e energico, appareceu Ignacio de Loyola. Com seu olhar perscrutador viu os males da Igreja e da sociedade e meditou muito tempo no re-

(1) O estado da sociedade christã nos seculos xv e xvi descrevem-no, entre outros, com pinceladas de mestres Janssen, *Geschichte des deutschen Volkes seit dem Ausgang des Mittelalters*; Pastor, *Geschichte der Päpste seit dem Ausgang des Mittelalters*; Tacchi-Venturi, *Storia della Compagnia di Gesù in Italia*; Astrain, *Historia de la Compania de Jesús en la Asistencia de España*, 2.^a ed.

medio. Traçou emfim o plano decisivo de uma Ordem Religiosa inteiramente accommodada ás necessidades da vida moderna, fundou a Companhia de Jesus, e rompendo com as tradições monasticas da idade media, as quaes elle contudo venerava como santas, deu-lhe uma constituição nova que a armasse espiritualmente á guisa de exercito bem ordenado, sempre prompto a acudir a todas as partes da terra para reavivar o espirito christão, estirpar os vicios que maculavam a sociedade e chamar os extraviados á pureza e unidade da fé.

A nota caracteristica porêem daquela epoca, se a comparamos com os seculos anteriores, era sem duvida o augmento pasmoso de actividade intellectual. Havia luctas, mas as mais agguerridas eram as que se travavam no campo das ideias. A Renascença dominava os espiritos, a curiosidade de saber, picada pela exegese livre do systema protestante, despertava-se por toda a parte e o descobrimento da imprensa facilitava assombrosamente a diffusão da verdade ou do erro. Quem se propusesse dirigir este grande movimento scientifico e literario, tinha de se prover com um cabedal copioso de sciencias e letras. Ignacio de Loyola não recuou perante esta ideia. Com resolução propria das almas superiores assenta fazer da sua Companhia uma sociedade, cujo nucleo fosse constituido por homens verdadeiramente eruditos (1). Para esse effeito institue casas de formação scientifica e literaria com um methodo de estudos vagaroso e solido e determina que sejam admittidos na sua ordem jovens

(1) «Non enim alii quam spiritus et doctrinae selectae viri et multum diuque exercitati... cum omnium aedificatione et satisfactione perspecti ad professionem admitti debent». *Constitutiones*, P. x, 7.

que pelo talento e virtude dêem fundadas esperanças de que hão de vir a ser doutos e proficuos á sociedade. Estes jovens serão, declara Ignacio, tanto mais aptos quanto mais talentosos forem, mais ornados de virtude e de melhores forças corporaes (1).

Esta determinação porém não bastava á execução do seu plano. Era preciso diffundir largamente a verdadeira sciencia e o modo mais efficaz estava na formação das gerações que começam. Resolve finalmente, depois de madura liberação, dar á sua Companhia a organização de uma sociedade essencialmente dedicada á instrucção da juventude. Não mudou os intuitos por que a fundára, só lhe alargou a esphera de acção. "A escola jesuita, escreve Boehmer, é absolutamente criação de Ignacio de Loyola; não só porque lhe estampou o sello do seu espirito, mas tambem porque transformou a sua Ordem numa Ordem docente com a energia e habilidade de um homem superior, apenas entendeu a fertilidade que promettia o novo campo de trabalho" (2). A intenção porém de Ignacio não se limitava precisamente a formar sabios nem a ensinar para que houvesse homens de saber. As suas aspirações eram

(1) «...admittendi nimirum juvenes, qui bonorum morum et ingeniorum indole spem facerent, quod in probos simul ac doctos viros ad colendam Christi Domini nostri vineam essent evasuri». *Const., P. IV, Proem., A.* «Illi autem quo magis ingeniosi bonisque moribus ornati et sani corpore... eo magis idonei». *Ib., c. III, 2.*

(2) «L'école jésuite est absolument son oeuvre. Non seulement parce qu'il lui a imprimé le sceau de son esprit, mais aussi parce qu'il a transformé son Ordre en un Ordre enseignant avec une énergie et une habilité supérieures, dès qu'il eût compris de quelle fertilité était ce nouveau champ de travail. *Les Jésuites*, pag. 56.

mais elevadas e nobres. Ignacio punha a mira em transformar o ensino e a sciencia num meio de regeneração e elevação da humanidade. Pretendia reformar as ideias para melhorar os costumes, alumiar o entendimento para dirigir a vontade e modelar o coração pela virtude, formar sabios para os tornar homens de caracter e os affeição pelo modelo que elle tinha na mente e o arrebatava, o Homem-Deus, exemplar e ideal de toda a perfeição humana. Tão alto subiam as ideias de S. Ignacio.

*

* *

Daqui vem que no systema pedagogico da Companhia de Jesus a instrucção decorre tão unida com a educação, que ambas hão de progredir intimamente penetradas. O ideal da boa educação deve a toda a hora pairar ante os olhos dos professores jesuitas. O fim ou causa final ha de constantemente guiar com sua luz as energias e influir bondade nos meios que se empregam para o conseguir; e a educação é o fim proximo a que o Jesuita nos seus collegios encaminha os estudos e o ensino. Este processo de pedagogia temos de olhá-lo como consequencia forçosa da organização da Companhia de Jesus, que não é uma sociedade meramente scientifica, nem tem por objectivo primario a propagação da sciencia, mas é uma sociedade estritamente religiosa que utiliza a sciencia e o ensino como força excepcionalmente poderosa a promover a verdadeira religião. De que maneira? Procurando por meio da sciencia que ministra e pelo systema de a communicar ir dirigindo e aperfeiçoando as faculdades do jovem se-

*

gundo as exigencias da natureza racional e consequentemente em conformidade com a lei eterna que é a norma suprema das acções do homem. Por esta consideração se devem medir e avaliar as leis de formação e os resultados obtidos pela Companhia de Jesus no campo das sciencias e das letras. O fim que se propõe uma sociedade é que nos ha de servir como de padrão para julgarmos com justeza a actividade de seus membros. Quem por outra maneira se aventurasse a calcular os fructos que a Companhia de Jesus produziu na area da sua acção, considerando-a talvez como gremio puramente scientifico, arriscar-se-hia a os avaliar a meias e ainda erradamente. S. Ignacio nos deu a regra para formarmos juizo seguro: "Sendo o alvo da doutrina que na Companhia se aprende, ajudar com o favor de Deus ao-bem das almas proprias e das do proximo, será esta a medida que determina para toda a corporação e para os particulares a que faculdade se devam os Nossos applicar e até onde hajam de progredir nos estudos" (1).

*

*

*

Mas que educação proporciona em seus collegios a Companhia de Jesus segundo suas leis? Quem as examinar livre de preconceitos, conforme a interpretação practica da experiencia, verá que a educação dada pelos

(1) «Cum doctrinae quae in hac Societate addiscuntur, hic scopus sit suis et proximorum animis, Dei favore aspirante, prodesse; haec erit in universum et in particularibus personis mensura ex qua, quibus facultatibus addiscendis Nostri incumbere, et quousque in eis progredi debeant, statuatur». *Const.*, P. IV, C. V, 1.

Jesuitas attende a aperfeiçoar todo o homem em si mesmo e a lhe desenvolver harmonicamente todas as faculdades, de modo que se torne membro digno da familia, não prejudicial mas util á sociedade e capaz de tender para Deus, para o bem supremo e ultimo fim da creatura. As leis exaradas nas Constituições que são a base e norma da legislação posterior, dirigem-se realmente a fazer dos Jesuitas e consequentemente dos jovens a que elles pela educação communicuem o seu espirito, homens equilibrados no exercicio de suas energias, tão bem regulados no governo de si mesmos, que as faculdades desempenhem cada uma o seu officio sem excessos nem exorbitancias, mas segundo as prescrições da recta razão que deve ser a directora na economia psychologica do homem. O entendimento ha de procurar a verdade não por veredas tortuosas, mas conforme as leis do natural raciocinio, com calma, com precisão, sem confusões; a imaginação ha de contribuir poderosamente a excitar as outras potencias, mas deve-se-lhe ter mão com firmeza para não ultrapassar os limites que a razoavel moderação impõe; a vontade ha de se robustecer a tal ponto que só aspire ao verdadeiro bem e domine as paixões inferiores e as obrigue a sujeitarem-se ao imperio da razão ainda nos lances mais difficultosos. Numa palavra quer S. Ignacio que seus filhos e quantos elles educarem, venham a ser homens que saibam e possam vencer-se, que tenham dominio completo de si mesmos, que sejam homens de character. É este um dos pontos caracteristicos na psychologia de Ignacio de Loyola. Foi elle certamente um dos homens que mais alcançaram vencer-se a si mesmos e com maior energia pôr todas suas faculdades ao serviço de uma ideia. Boehmer condensa nesta phrase o ideal particular de S. Ignacio:

“Vence-te a ti mesmo e sacrifica-te pelo serviço da Igreja” (1). Não desacerta o illustrado protestante. Os *Exercícios espirituaes*, fundamento de todas as leis de Ignacio e de sua pedagogia, compendiam maravilhosamente no titulo o programma que elle se propunha realizar: *Exercícios espirituaes para se vencer o homem a si mesmo e ordenar sua vida sem se determinar por alguma affeição desregrada*. É o vencimento proprio, o senhorio de si mesmo e a dedicação. Em resumo o que Ignacio pretende é formar homens de character e proficuamente laboriosos.

*

* *

Mas a verdadeira formação de character só a dão os principios do Christianismo; só a doutrina de Christo resolve com segurança o problema dos destinos do homem e só esta solução pode subministrar as bases solidas de uma educação acertada, qual a requerem as exigencias da natureza humana. A pedagogia de S. Ignacio ha de pois ser toda empregnada da doutrina do Evangelho, inteiramente illuminada pelas luzes da fé e guiada pelos preceitos da moral purissima de Jesus Christo. Jesus Christo, unico mestre infallivel, é tambem o exemplar supremo que S. Ignacio propõe a seus filhos e a seus alumnos. Os collegios da Companhia de Jesus só podem ter por empresa formar homens de character mas de character genuinamente christão. Só este objectivo corresponde

(1) « Commence par être maître de toi-même, et ensuite sacrifie-toi pour le service de l'Église ». *Ob. cit.*, pag. 37.

ao fim que S. Ignacio se propôs fundando a sua Ordem. Aos estudantes jesuitas manda-lhes que “não busquem nas letras senão a gloria de Deus e o bem das almas” continuando a realização da obra de Jesus Christo; e aos professores ordena-lhes que “encaminhem com particular empenho os alumnos externos para a virtude, para o serviço e amor de Deus e os movam a dirigirem para este fim todos os seus estudos” (1). A primeira e ultima regra estabelecida para estes alumnos o que lhes inculca encarecidamente é que “ao entrar para os collegios da Companhia se persuadam que não menos se devem instruir na virtude que nas artes liberaes” e “em todas as suas acções procedam tão ajustadamente, que appareçam aos olhos de quantos os virem, tão cuidadosos na aquisição da virtude e da pureza de vida, como das letras e da sciencia” (2). A primeira regra do Provincial, do Reitor, do Prefeito de estudos e dos professores em commum, são accordes em insistir no mesmo gravissimo problema practico de unir intimamente a aprendizagem das letras com a formação moral, a instrução literaria com a educação do character segundo os principios da doutrina christã.

É que o fundador da Companhia de Jesus e os Jesuitas formados na sua escola estiveram sempre inabalavelmente convencidos de que a instrução sem a educação religiosa constituia um perigo para a sociedade. “Um educador sem fé, sem Christo, sem Deus! exclamava um experimentado pedagogo do seculo XIX, pae e mãe sem

(1) *Constit.*, P. IV: C. VI, 1, C. XVI, 4.

(2) *Ratio Stud.*, *Regulae Externorum Auditorum Societatis*, 1 e 15.

oração, sem altar, creança sem religião! ah! eu arredo desta vista o meu pensamento e o meu olhar: e affirmo que, sejam quaes forem os paes, o educador e o educando, sejam quaes forem os dons da natureza, do genio, da fortuna, toda a obra da educação não será para o futuro mais que devastação e ruina" (1).

Para obviar a mais larga devastação e levantar as ruinas já caídas, formou Ignacio o plano de converter em meio efficacissimo de regeneração e formação moral o ministerio do ensino, nobilitando assim esta profissão e transformando-a no exercicio da virtude mais divina que é a caridade. Sublime ideal!

CAPITULO II

Meios pedagogicos

Para realizar este ideal na maior extensão possível determinou Ignacio e os que logo lhe desenvolveram o plano, empregar aquelles meios que, depois de muito exame, a prudencia lhes dictou como mais adequados. De um lado era necessario pôr em acção muitas actividades que practicamente effectuassem com boa harmonia, vagar e segurança o que se propunham alcançar; de outro lado, e não se mostrava este menos melindroso, tornava-se indispensavel remover os impedimentos que pudessem estorvar a plena realização da empresa. Ignacio porém e quantos lhe herdaram o espirito não hesitaram nunca perante a applicação dos meios honestos e necesarios para levar a effeito uma resolução conducente ao verdadeiro bem do proximo e á gloria de Deus.

Para duas classes de estudantes legislou S. Ignacio: para os membros da sua Ordem e para os jovens externos; e para uns e outros coordenou de tal modo as suas leis, que o aperfeiçoamento moral fosse de mãos dadas com o progresso nos estudos. Os primeiros, os estudantes jesuitas, hão de como que transformar o estudo

(1) Dupanloup, *De l'Éducation*, II, (Paris, 1857) pag. 6.

numa obra de sanctificação. Não de estudar não levados só pela curiosidade natural de saber, mas animados pela aspiração purissima de se aperfeiçoarem a si proprios para ser instrumentos da gloria de Deus, e de se prepararem devidamente para fazer depois obras uteis ao bem espiritual da sociedade humana. A pureza de alma, que tanto favorece o estudo com o sossego do espirito e limpidez das faculdades, hão de conservá-la illibada e procurar que no fervor dos estudos não arrefeça o amor da piedade (1). De tal modo porém devem progredir estes dois empenhos na virtude e letras, que para nenhuma parte haja excesso. É a regra tanta vez inculcada por S. Ignacio de se guardar em tudo o justo meio, para que melhor se aproveitem as forças e se lhes não diminua a duração (2). Por isso durante a carreira escolar nem as devoções serão excessivas, nem as mortificações muito rigorosas, nem as orações demasiadas, mas ter-se-ha o devido cuidado com a saúde, o repouso necessario e a conveniente recreação. Nem deixa o fundador de recordar que os collegios se construam em sitio de ar puro e sadio para que o bem estar do corpo ajude ao trabalho do espirito (1). É o equilibrio em tudo e a harmonia que tão efficaçmente concorre para a boa formação do character.

Aos alumnos externos depara-se-lhes tambem na

(1) *Constit.*, P. IV, C. IV, 1; C. VI, 1, 2.

(2) «Moderatio laborum animi et corporis et in Constitutionibus quae ad neutrum extremum rigoris vel dissolutionis vergant, ut sic melius observari possint, mediocritas, conferet ad durationem et totius corporis in suo statu conservationem». *Constit.*, P. X, n.º 10.

(1) *Constit.*, P. IV, C. IV, 1-6; C. VI, 3; P. X, n.º 13, C.

pedagogia de Ignacio copia de meios tendentes a realizar uma educação solida e profundamente religiosa. As almas das creanças devem ser cultivadas como um campo fertil que se rega com suavidade e a que se vae lançando a boa semente, accommodada á natureza do terreno, com medida e em sãzão propria. Nos collegios da Companhia de Jesus hão de primeiramente os alumnos respirar uma atmospheria de santidade, mas uma atmospheria tão leve e tão natural, que cercados pelo ambiente de pureza e virtude, vão cada dia embebendo insensivelmente o animo nos principios da sã moral e vivendo sem constrangimento mas com intimo prazer uma vida toda repassada de sentimento religioso. "Para estes *modeladores de almas*, escreve Schimberg referindo-se aos Jesuitas, a educação moral não é um mero ensinamento, um curso mais theórico do que practico. Elles encaram-na de um modo muito particular. A educação moral é o fim a que elles primeiro que tudo pretendem chegar e para o qual fazem convergir todos os meios que estão a seu alcance. Melhor do que ninguem tiveram os Jesuitas em conta a malleabilidade da infancia; melhor do que ninguem procuraram tirar della proveito, dirigindo-se simultaneamente aos sentidos, ao espirito, ao coração, á vontade. É uma *sugestão* — tomando esta palavra na accepção mais nobre — que os Padres exercem sobre as almas, como psychologos consumados. Todo o seu empenho se concentra em formar ao redor da creança uma *atmosphera* em que ella viva e que a penetre" (1). Assim é. Todas as occupações da vida escolar devem ser vehiculos da boa educação.

(1) *L'Éducation Morale* (Paris, 1913) pag. 19.

O professor, segundo a ideia de S. Ignacio, ha de ser tão exemplar e apontado no seu modo de falar e proceder, que as suas acções possam servir de modelo aos alumnos e suas conversas de incitamento para o bem (1). Ha de aproveitar com arte muito natural todas as occasiões que se offerecem nos labores escolares, de semear germes de virtude no coração do discipulo, com uma palavra, com uma observação ou conselho a proposito. Uma phrase da prelecção, um episodio mais curioso do auctor explicado, o assumpto de um thema, a historia, até a mythologia pagã, tudo lhes ha de dar ensejo a pequeninas e rapidas lições de moral, sem impertinencia, sem fastio, mas com muito gosto dos alumnos. Desta arte vae penetrando de mansinho na alma da creança a semente que depois desabrochará em fructos de benção (2).

Além destes ensinamentos ministrados como ao acaso instituiu-se tambem o curso regular de doutrina christã, completado pelas exhortações do professor feitas semanalmente ou na vespera dos dias mais solennes. Nellas exhortava os discipulos á oração de cada dia, em que levantassem a Deus o pensamento, agradecido e supplicante; á recitação da corôa de Nossa Senhora; ao exame das acções diarias para corrigirem o mal e

(1) *Ratio Stud., Reg. Comm. Prof. Super. Facult.* 3; *Reg. Comm. Prof. Class. Inf.*, 6, 10.

(2) *Constit.*, P. IV, C. XVI; *Reg. Comm. Prof. Cl. Inf.*, 1: «Feratur autem ejus peculiaris intentio tam in lectionibus, cum se occasio obtulerit, quam extra eas, ad teneras adolescentium mentes, obsequio et amoris Dei ac virtutum... praeparandas». — «Neque cum satietate ac molestia puerorum» commenta Sacchini no seu *Protrepticon*, cap. XVI.

aperfeiçoarem o bem; á frequencia dos sacramentos da penitencia e eucharistia; á assistencia da missa e dos sermões; á leitura de bons livros; á detestação e fuga de vicios e maus habitos e á practica das virtudes *dignas de um homem christão* (1).

Estas conferencias de indole official devem ser suavemente reforçadas pelas conversações particulares, que decorrendo na intimidade, possuem condão especial de attrahir mansamente ao amor da virtude (2). Aqui tem o mestre ensejo de conhecer melhor o alumno, de se accommodar ao seu temperamento e caracter, de lhe suggerir conselhos mais a proposito ao estado presente de sua alma e de o dispor com prudencia e segurança para a carreira futura (3).

Não bastam porém lições de palavra para a formação; é preciso acostumar os jovens desde os primeiros annos ao exercicio de boas obras. S. Ignacio nas Constituições, o *Ratio Studiorum* e os estatutos particulares das universidades e collegios determinaram practicas piedosas que fomentassem o bom espirito dos alumnos. A aula começava por uma pequenina oração que todos, mestre e discipulos, haviam de recitar de joelhos e com a cabeça descoberta. A' missa deviam assistir cada dia;

(1) *Ratio Stud., Reg. Prof. Sup. Facult.*, 3; *Prof. Cl. Inf.*, 5, 8.

(2) *Ratio Stud., Reg. Prof. Cl. Inf.*, 6.

(3) «Ut singulorum vita, mores, familiaritates perspecta magistro sint, et prout ejusque aptum ingenio et usui fuerit, ita adjumenta suggerat»; «Quoniam vitae genus non idem futurum est omnium, ita sagaciter quisque formandus erit, ut quam secuturus postea videbitur rationem, ad eam quam optime instructus aptusque reddatur». Sacchini, *Paraenesis*, c. XVIII.

aos sermões nos dias de festa e, com mais frequencia, na quaresma; á confissão eram obrigados a apresentar-se todos os mēses e á communhão era conselho que se chegassem repetidas vezes (1). Mas todos estes exercicios piedosos, ainda que estabelecidos com tanta parcimonia, deviam exigir-se com suavidade, de modo que aos estudantes, que se não pudessem facilmente induzir a os practicar por obrigação, se lhes aconselhassem com amor; nunca porém fosse a omissão delles causa de expulsão do collegio, se por outra via não dessem escandalo aos companheiros (2).

Mas ha ainda uma practica piedosa de especialissima efficacia pedagogica para formar o coração e fazer brotar nelle sentimentos delicados. É a practica da devoção á Mãe de Deus. Foi ella sempre fervorosamente recommendada nos collegios da Companhia de Jesus como um dos meios mais suaves e poderosos de conservar a innocencia e a pureza de costumes (3). Nas aulas os mestres deviam accendê-la com palavras fervorosas. Mas onde ella mostrava todo o seu suavissimo encanto e muita vez ostentava magnificencia deslumbrante, era nas congregações marianas, alfobres de virtude celeste que perfumavam todo o collegio com a fragancia de uma santidade fresca e juvenil a germinar em corações puros e innocentes. "Foi esta, diz Schimberg, a insti-

(1) *Ratio Stud., Reg. Prof. Cl. Inf.*, 2-7. — Os Estatutos da Universidade de Evora ordenados pelo fundador D. Henrique continham eguaes prescripções, mas quanto á communhão recommendavam que se tivesse pelo menos nas festas de Todos os Santos, do Natal, da Paschoa, de Pentecostes e de N. Senhora de Agosto.

(2) *Constit.*, P. IV, C. XVI, 1, A.

(3) *Ratio Stud., Reg. Prof. Cl. Inf.*, 7.

tuição mais original e fecunda dos collegios dos Jesuitas no que respeita a piedade" (2).

Nestas congregações alistavam-se os alumnos mais distinctos; formavam uma jerarchia bem ordenada com o seu presidente, assistentes, consultores e simples congregados e celebravam a seu tempo reuniões devotas para cantar louvores á celeste Padroeira, receber a sagrada communhão, ouvir a exhortação do director; para se animar á practica fervorosa da vida christã e estender aos demais, dentro e fóra do collegio, a acção benéfica da sua influencia. Congregações desta indole promettiam colheita abundante de fructos entre a mocidade estudiosa; não é maravilha que a Companhia de Jesus se empenhasse em propagá-las com verdadeiro entusiasmo. O *Ratio Studiorum* recommenda ao reitor que as introduza no seu collegio (2). Em Portugal já desde 1583, um anno antes da instituição canonica de Gregorio XIII, se tinham estabelecido nos collegios de Lisboa e Evora e logo tiveram grandioso incremento por todas as casas da Companhia de Jesus (3).

As congregações marianas facilitavam o emprego de outro meio pedagogico muito effcaz e summamente agradável. Eram as festas collegiaes. A vontade e a imaginação juvenis precisam deste attractivo, e ao coração ainda tenro das creanças e jovens resultam podero-

(1) *Ob. cit.*, pag. 199.

(2) *Ratio Stud., Reg. Rect.*, 22.

(3) Cf. Franco, *Synopsis*, anno 1583. As congregações marianas tiveram principio no collegio romano no anno de 1563 por iniciativa do fervoroso jesuita flamengo J. Leunis, que em 1572 erigiu tambem uma em Paris por incumbencia do Geral da Companhia Everardo Mercuriano.

samente salutare para o tempo da vida collegial e talvez mais para o futuro as suavissimas impressões que deixam na alma as festas graciosas da meninice e da juventude. São allivio proveitoso ao estudo, variedade sympatica na vida de collegio, renovação periodica de fervor e lições de virtude que não se desluzem facilmente da imaginação e da memoria. "As festas catholicas, escreve Dupanloup, proporcionam aos alumnos as alegrias mais puras e ao mesmo tempo os auxilios mais poderosos para a virtude; dão aos mestres as mais profundas consolações e a toda a casa no decorrer do anno o movimento religioso mais elevado e fecundo. São as festas, para assim me expressar, o coração e o foco da piedade viva e solida" (1).

As festas do anno liturgico celebravam-se com regularidade nos collegios da Companhia, mas além destas solennizavam-se outras que o regulamento collegial introduzira, ou occasionava um acontecimento extraordinario. As solennidades religiosas abrilhantava-as quase sempre uma exhibição litteraria; as profanas eram santificadas pelo elemento religioso e procurava-se animá-las de tal espirito que não pouco affeioavam os animos dos alumnos a seus mestres, á educação recebida e consequentemente á virtude.

O anno entrava com a solenne abertura das aulas, em que depois da função religiosa um professor dos mais auctorizados pronunciava em latim o discurso inaugural. Realçavam ordinariamente a solennidade poesias e dramas (2).

(1) *De l'Éducation*, II, pag. 96.

(2) *Ratio Stud.*, *Reg. Rect.* 15.

Solenne distribuição de premios, animada com representações theatraes, terminava o curso, que tambem era a espaços variamente interrompido por sessões litterarias não raras vezes coroadas de premiação menos apparatosa.

No decorrer do anno lectivo cada Congregação festejava o seu Padroeiro com esplendor de festa religiosa e litteraria. A pompa destas solennidades era singularmente encantadora (1).

Extraordinariamente festejavam-se com brilho não raro deslumbrante, unindo-se tambem á cerimonia religiosa exercicios poeticos ou dramaticos; os acontecimentos gloriosos para o collegio, para a Companhia, para a Religião e para Portugal, e desta maneira se alliava o amor da Religião com o amor das letras e da patria, triplice affecto que os Jesuitas sempre procuraram desenvolver nos corações de seus alumnos. A visita de uma personagem illustre, a coroação do rei, a canonização dos Santos deram frequente occasião a festividades cuja memoria se perpetuava muita vez em livros estampados (2).

(1) Cf. Ms. da *Visita* do P. João Alvares em 1610, Tit. 11, C. 2, n.º 40, 43, exemplar conservado no Arch. di Stato, Roma, Ges. Collegi, Portogallo, maço 152.

(2) São dignas de recordar-se, pela maior solennidade que revestiram, as festas da canonização de S. Ignacio e S. Francisco Xavier, da canonização de S. Luís Gonzaga e S. Estanslao Kostka, a do recebimento feito a Philippe II de Portugal em 1619, famosa pelo apparatoso drama representado em Lisboa sobre o *Descobrimento da Índia*, e a da solenne acclamação de D. João V, que mandou se publicassem as composições em livro que intitularam *Lusitania coronata*. — As duas ultimas são expansões de amor patrio que resalta particularmente no assumpto tão português do drama composto para ser representado deante do monarcha espanhol.

Com estes meios empregados com prudencia e sobriedade se impressionavam salutarmente os sentidos, propunham-se á sensibilidade e imaginação objectos dignos que não amesquinhassem a dignidade humana, despertavam-se no coração sentimentos nobres, puros e delicados, elevava-se o pensamento para um ideal sublime, e attrahia-se a vontade para a virtude com a tornar sensível, graciosa e amável.

*
* *
*

Mas para a boa formação da juventude ha um escolho perigosissimo do qual a todo o custo procurou sempre a Companhia de Jesus arredar os seus alumnos, que não viessem a naufragar. Era a leitura dos livros perigosos, nomeadamente dos obscenos. A educação virtuosa é bem mais importante que a mais elevada instrucção nas sciencias; a innocencia é um thesoiro, que se ha de resguardar com amor e respeito; a vontade e o coração quando flexiveis, malleaveis e virgens de paixões violentas, então se devem affeição á virtude e afastar de seducções mortíferas, e o entendimento, quando começa a abrir-se para a luz, não se ha de envolver nas trevas do erro, mas allumiar com o esplendor da verdade. É a theoria de todos os pedagogos bem avisados, ainda dos pagãos (1).

(1) Quintiliano, *Institutionum Oratoriarum* L. I, C. III: «Si studiis quidem scholas prodesse, moribus autem nocere constaret, potior mihi ratio vivendi honeste, quam vel optime dicendi videretur». — É commovedor o conselho amoroso, que o P. Manuel Alvares

Porisso nas escolas dos Jesuitas não se abria a porta nem a livros nem a auctores que pudessem corromper o coração, seduzir a vontade ou extraviar o entendimento. É a lei de S. Ignacio: «Nos livros pagãos de letras humanas, nada se explique que não seja conforme á honestidade, . . . e obras de christãos, ainda que boas, não se leiam, se o auctor é mau, não seja caso que algum se lhe affeioe» (1). Pelo mesmo motivo ordenava se expurgassem, e se alguns houvesse que não soffressem expurgação, se deixassem totalmente para que a decencia não padecesse desar (2). Esta lei transcreveu-se no *Ratio Studiorum*, regra 34 do Provincial; e o novo *Ratio* de 1832, justamente sollicito pelo maior perigo da actualidade, acrescenta que haja particular cautela com os auctores de lingua vernacula e que não se leiam nem louvem os escriptores a que os jovens se

na sua Arte de Grammatica deixa ao professor christão nos seguintes versos:

Paucis te volo, christiane doctor,
Aurem, quacso, benignus admoveto!
Mores si doceas pios, pudicos
Primum: dein monumenta purioris
Linguae, cum pietate copulata
Vera: te faciet beatioris
Vitae participem omnium Magister.

Com emphase não menor encarece o pedagogo P. Lebrun na sua obra *Institutio Juventutis christianae* (Paris, 1653) pag. 187, 188, a estima em que se ha de ter a innocencia: «Si quid paululum sapis, mecum ita senties opinor, si pereundum alterutri apt periclitandum est scientiae aut pudori, salvus sit pudor; imo pereat illa citius, quam hic periclitetur». Cit. de Schimberg, *ob. cit.*, pag. 230.

(1) *Constit.*, P. IV, C. 5, E.

(2) *Constit.*, P. IV, C. 14, n. 1, 2, A, D.

não podem afeiçoar sem pôr em risco a fé ou os bons costumes (1).

Mas não obstante o empenho de infiltrar sentimentos piedosos no animo dos alumnos e de afastar quanto é nocivo á educação, a natureza humana, tão inclinada para o que é prohibido, mostra suas tendencias ruins; as paixões pullulam no coração e é mister não só empregar muita vigilancia para estorvar o mal, mas até de quando em quando lançar mão de fogo para cauterizar feridas. Daqui nasce o uso da *disciplina escolar* e da *punição*.

Bem sei que este nome de *disciplina escolar* desagrade a muitos ouvidos effeminados, nem quadra com as ideias avariadas de liberdade que modernas revoluções introduziram; mas é conforme com a fé, com a razão e com a experiencia. "A disciplina, escreve o eminente pedagogo já citado, é para a educação o que é a casca para a arvore... A casca parece-nos apenas um

(1) *Rat. Stud.* (1832), reg. Prov. 34, § 2. — Deste espirito era a ordenação que já em 1559 se mandava de Roma a Portugal. Determinava que «se expurgassem os livros de escholios, notas, commentarios hereticos e se imprimissem de novo tirando o nome do auctor mau, com o mau que escreveu; porque o Supremo Inquisidor o approvava e a Inquisição ainda nos ficava agradecida; que se em Coimbra se viessem a estampar, dali se poderiam enviar a outras partes». Entendia-se de livros de gentios e coisas profanas. Arch. di Stato, Roma, Ges. Coll., Lisbona, Ms. das obediencias, pag. 56. — O P. Cypriano Soares foi encarregado de ir expurgando todos os livros aí pelos annos de 1560. *Mon. Paedag.* S. J., pag. 667. — Era tal a delicadeza neste particular de afastar quanto pudesse embaciar a innocencia, que o P. J. Alvares, visitador, ordenou que nem sequer cantigas de toadas profanas se cantassem nas representações. Ms. da *Vita*, Tit. 8, Cap. 8, n. 8.

invólucro grosseiro, mas conserva na arvore e em todas as suas partes a força e o viço. Assim é a disciplina: parecer-nos-ha uma casca um tanto aspera e escabrosa da educação, mas é ella que tudo conserva, educa e robustece" (1).

Conforme a este conceito recommenda o *Ratio* aos professores firmeza em manter a disciplina e boa ordem nas escolas (2), que "sem firmeza, segundo Dupanloup, tudo morre numa casa de educação, tudo é ruina sem remedio" (3).

O Prefeito de estudos tinha como dever de seu cargo procurar que em toda a parte se procedesse com ordem e nenhuma coisa destoasse da dignidade de uma casa de educação; o prefeito do atrio vigiava o pateo das escolas, e alguns professores haviam de acompanhar os alumnos á missa para que se guardasse o respeito devido á casa de Deus (4).

No recinto das escolas, segundo os costumes das varias nações, nomeava-se dentre os alumnos mais distinctos o chamado *Primeiro Decurião*, ou *Censor* ou *Pretor* encarregado de attender ao bom andamento da aula e de avisar o professor, se algum se desmandasse (5); ajudavam-no outros decuriões que ouviam as lições de cór, recolhiam os themas e tomavam nota dos esquecimentos e descuidos dos companheiros, segundo a disposição do professor (6).

(1) Dupanloup, *De l'Éducation*, I, pag. 178.

(2) *Rat. Stud. Reg. Comm. Prof. Cl. Inf.*, 39.

(3) Dupanloup, *ob. cit.*, II, pag. 406.

(4) *Rat. Stud., Reg. Praef. Stud. Inf.*, 43, 44, 45, 46.

(5) *Rat. Stud., Reg. Praef. Stud. Inf.*, 37.

(6) *Rat. Stud., Reg. Prof. Cl. Inf.*, 36.

Esta vigilância que recordava continuamente aos estudantes a obrigação de se portarem correctamente em toda a parte, realizava uma das primeiras qualidades da boa disciplina que é ser preventiva.

Às idéias de agora poderá parecer excessivo este cuidado de vigilância, e exposto a abusos e occultas vingançaizinhas sobretudo nas aulas. Não o nego; era um methodo humano, havia de ter defeitos; mas a prudencia do professor e a acertada escolha dos decuriões, que deviam ser dos mais exemplares, attenuavam os inconvenientes. Em todo o caso o methodo de excessiva liberdade que se pretendeu oppor ao antigo, produziu resultados mais lisongeiros? A experiencia o diga. "Que nos ensina a experiencia, escreve Kleutgen, senão que nas aulas onde reina aquella liberdade, os alumnos bem morigerados são quase tão raros como os corrompidos naquellas onde a educação e disciplina acompanhavam a instrucção?" (1)

(1) *Ueber die alten und die neuen Schulen* (Münster, 1869) pag. 94: «Welche Erfahrung aber haben wir, als dass auf Schulen, wo jene Freiheit herrscht, die sittlich guten Zöglinge fast ebenso selten sind, als die schlechten dort, wo Zucht und Erziehung den Unterricht begleiten?» — Os Jesuitas já encontraram nas escolas este modo de vigilância, como meio pedagogico. Em Liège o empregavam os Irmãos da Vida Commum, em cujas aulas tambem campeava o famoso *decurião* tão pouco sympathico aos modernos: «Habebant singuli ordines ducentos et amplius adolescentes qui deni aut octoni conjungebantur, inter quos unus ordine constituebatur, qui mores observabat, et annotaret quoties quis erraret, id Rectori indicabat, qui pro magnitudine delictorum poenam moderabatur. Si ille decurio, qui singulis hebdomadibus novus constituebatur, neminem notaret et negligens esset, dabat ille poenas pro coeteris.» Fournier, *Les Statuts et Privilèges des Univ. Françaises*, T. IV, pag. 18. Na regra que diri-

Mas a disciplina, ainda que vigilante não impede todas as faltas; tem que ser tambem *repressiva*, corrigindo o culpado. E' uma consequencia da debilidade do homem, que não baste o sentimento do dever para lhe refrear os impetos da paixão, mas seja necessaria alguma vez a dureza do castigo para lhe robustecer a fraqueza da vontade e lhe ter mão na inconstancia. Nem a punição moderada é offensa á dignidade do homem, mas antes o ajuda a levantá-la, nem argúe desaffeição em quem a dá, mas amor. A Escripura deixou em proverbio: *Qui parcit virgae, odit Filium* (1).

Não é porém muitas vezes sufficiente a reprehensão de palavra; torna-se necessario o castigo corporal, porque, bem o nota um moderno e insuspeito pedagogista, aquella "só é segura e efficaz quando o menino já tem o sentimento da vergonha e estima e ama a seus mestres" (2).

Ora o uso de castigo para a educação não o inven-

gia a Communidade dos Pobres do Collegio de Montaign em Paris, onde S. Ignacio foi alumno externo, teve o legislador da Companhia occasião de ler as seguintes prescripções de 1503: Cap. II... «eritque in qualibet lectionum ex prudentioribus aliquis, qui ceteros suae lectionis conducat observetque ne quis a lectione sese distrahat aut aliorum consortio, aut si cum divitibus vel coram eis aliquam presumpserit admittere insolentiam.» E no Cap. III: «Nemo autem ex hoc in se aut in alio accusationes moribus expedientes taceat aut dissimulet, ne, sicut scriptum est, dicere oporteat: *Ve mihi quia tacui*. Reus namque et communitatis proditor reputabitur qui libere morbos latentes non revelaverit, ut secundum rei exigentiam prestetur remedium.» Cf. *La Congrégation de Montaign* por Marcel Godet (Paris, 1912) pag. 147, 150.

(1) *Proverb.*, Cap. 13, v. 24.

(2) Compayré, *Pedagogia teoretica...* Lez. XI, pag. 371.

tou a Companhia de Jesus, antes o suavizou com a sua pedagogia maternal. Quando ella abriu escolas já era popular o annexim: *letra com sangue entra*, e eram bem conhecidos os excessos que deram assumpto curioso ás satyras de Erasmo que delles fôra victima no Collegio de Montaigu. Neste mesmo collegio teve S. Ignacio conhecimento e talvez foi testemunha ocular daquelles rigores da educação, que lhe ficaram na memoria mas para os dulcificar na sua pedagogia (1).

Nas suas Constituições estabelece que não ha de faltar a conveniente correcção aos alumnos para quem *não bastarem boas palavras nem exhortações*. O castigo subia gradualmente desde a reprehensão e trabalhos escolares até ás penas corporaes e expulsão (2).

(1) S. Ignacio começou a frequentar as aulas de Montaigu em 1528. Do mesmo Collegio tinham sido alumnos Erasmo e Calvino, aquelle da *Communidade dos Pobres*, este dos pensionistas ricos. Cf. Marcel Godet, *Collège de Montaigu*, (Paris, 1909), *Extrait de la Revue des études rabelaisiennes* T. VII, 1909; M. Godet, *La Congrégation de Montaigu* (Paris, 1912), pag. 67, 96, 97.

(2) *Constit.*, P. IV, C. VII, 2; Cap. XVI, 5. — Em Portugal regulou o P. Nadal os castigos da seguinte maneira: «Que los moços de pequena edad puedan ser açoitados, y quales sean estos scilicet capazes de aços o no, quedará al arbitrio del Rector, y los de mas edad hasta ser hombres pueden ser castigados con palmotreadas, y quales sean capazes dellas, quedará al arbitrio del Rector. Mas los hombres ya hechos no sean castigados de ninguna manera, sino solo con amoestaciones y reprehensiones privadas y despues publicas. Y quando los medios no quisieren tomar palmotreadas o no se ayudaren con ellas, y estos postreros no se aydaren con reprehensiones, sin les dizir nada ni riñir con ellos, dirá el Rector al merino que los lleve al conservador». Arch. di Stato, Roma, Ges. coll. Evora, 45, *Determinaciones q. dio el p.º m.º Nadal...* (1561). Cf. *Mon. Pael.*, pag. 684, na *Mon. Hist. S. J.*

Mas são commovedoras as precauções que os jesuitas deviam tomar para não se commetter o mais pequeno excesso no infligir as penas. O professor não havia de ser precipitado no castigo, nunca lhe seria permittido castigar por sua mão nem por meio de nenhum da Companhia; era lei que houvesse sempre pessoa extranha incumbida da correcção, por isso chamada *Corrector* (1), e onde não fosse possível, se dêsse o castigo por outro modo conveniente, nunca pôrém o professor tocasse o alumno; que nunca se proferisse palavra nem practicasse nenhuma acção injuriosa para o castigado, que só pelo seu nome ou sobrenome se devia chamar; no castigo se guardasse a justa gradação e só em casos extremos se usassem os mais rigorosos; entretanto se procurasse sempre evitar o castigo e emendar e melhorar o alumno mais pelo sentimento da honra e esperança de premio que pela sanção de penas (2).

(1) O *Corrector* era naturalmente na jerarchia collegial a figura menos sympathica ás imaginações das creanças. Contudo, exercitando o seu officio com amor e suavidade, não deixava de inspirar nos animos dos alumnos sentimentos de estima e gratidão duradoira. Foi o que succedeu com Sebastião Sequeira que durante *quarenta annos* exercêra no collegio de Bragança o cargo de *Corrector*. Tendo fallecido a 12 de Março de 1694, quizeram os nobres da cidade levá-lo a seus hombros á sepultura em prova de agradecimento pelos castigos escolares com que os educára na puericia. Cf. Franco, *Synopsis*, anno 1694.

(2) *Ratio Stud.*, *Reg. Praef. Stud. Inf.* 38.41; *Reg. Comm. Prof. Cl. Inf.*, 39, 40: «Nec in puniendo sit praecept, nec in inquirendo nimis; dissimulet potius, cum potest sine cujusquam damno: neque solum nullum ipse plectat (id enim per correctorem praestandum) sed omnino a contumelia dicto factove inferenda absteat: nec alio quempiam, quam suo nomine vel cognomine compellet...»

Em resumo a regra que S. Ignacio traçou e se perpetuou no *Ratio Studiorum*, para compendiar o seu pensamento, são desta maneira: "A todos se trate com espirito de brandura, paz e caridade (1).

Conformando-se com estas leis procuravam os pedagogos jesuitas suavizar na theoria e na practica as ideias e processos pedagogicos daquella epoca não só com o exemplo de seus collegios mas tambem com as obras que escreviam. Nos opusculos de Sacchini e Jouvancy ha paginas commoventes de estima e ternura para com as creanças. Trasbordam de suavidade e amor os livros do celebre pedagogo jesuita João Bonifacio, que encanecou nas escolas de gramma e humanidades durante a segunda metade do seculo XVI. "Devo tambem, escrevia elle, censurar os professores que, sendo embora excellentes, não guardam comtudo a devida mansidão. Cuidam haver-se galhardamente, se são o terror das creancinhas, se as abatem e desalentam com ameaças, em vez de as exhortar e encaminhar para a virtude com palavras amorosas. Neste ponto faltam innumeras vezes uns homenzinhos ignorantes e intractaveis que lançam o veneno acerbo da sua condição desabrida sobre aquella tenra idade, tão digna de compaixão, que só costuma defender-se com gemidos" (2).

(1) *Constit.* P. IV, C. XVI, D: «...quamvis quoad ejus fieri poterit, in spiritu lenitatis, pace et caritate cum omnibus conservata, sit agendum».

(2) «Reprehendendi etiam mihi sunt praeceptores, optimi illi quidem, sed non satis mansueti. Arbitrantur enim, strenue sese gerere, si terrori sint puerulis, si minis illos frangant ac debilitent potius quam ad virtutem benevolo sermone cohortentur atque incitent. Quo in genere saepissime peccatur ab imperitijs homuncionibus, qui

Como porém não é menos prejudicial na educação o excesso de sensibilidade, os jesuitas procuravam conciliar a firmeza com a brandura. Acertadamente delles escreveu Schimberg: "Os Padres substituem os processos moraes, racionais e scientificos aos methodos de correcção physica, empregados por seus antecessores, e formam a transição entre o começo do seculo XVI ainda barbaro e o fim do seculo XVIII excessivo na sensibilidade" (1).

cum moribus sint difficillimis, suae acerbitalis virus evomunt apud miseram aetatem, quae se solis gemitibus tueri est solita». *Institutio Christiani Pueri* (Ingolstadii, 1607), pag. 126.

(1) «Les Pères substituent les procédés moraux, rationnels et scientifiques aux méthodes de correction physique en usage chez leurs prédécesseurs; ils forment comme une transition entre les commencements du XVI^e siècle encore barbare et la fin du XVIII^e déjà trop sensible». *L'Éducation Morale*, pag. 482. — Não leu certamente as leis suavissimas do *Ratio Studiorum* o auctor da *Historia da Universidade de Coimbra*, Theophilo Braga, que na pag. 279 e segg. do T. I se compraz em descrever os methodos rigorosos, os castigos degradantes e o orbilianismo das escolas da Companhia! Pôde talvez dar-se e deu-se certamente na practica algum excesso insulado, que os superiores logo reprimiam, mas methodo de rigor nunca foi da pedagogia dos Jesuitas. Nunca nos seus collegios estiveram em praxe crueldades como, por exemplo, as do collegio de Montaigu em Paris, onde o Principal Pierre Tempête usando e abusando do rigor dos estatutos mereceu a pouco honrosa alcunha de *Grand fouetteur des enfants*. Cf. Marcel Godet, *La Congrégation de Montaigu* (Paris, 1912) pag. 66, 67. Rejeitavam absolutamente os conselhos que Texier de Ravisi (Ravisius Textor), reitor da Universidade de Paris, dava em 1520 a um amigo que o consultara acerca da educação dos meninos: «S'ils tombent dans quelque faute, s'ils sont convaincus de mensonge, s'ils tentent de seouer le joug, s'ils murmurent ou se plaignent le moins du monde; frapper très fort et ne cesser de frapper, et n'adoucisiez pas la correction, que leur arrogance ne se soit amolie, qu'ils ne

Em remate, os Jesuitas deviam, segundo as suas leis, educar como bons paes em que a affeição para com os filhos é o movel de quanto por elles se afadigam. Ainda quando usam do castigo, o amor é que lhes arma o braço. Se os paes lhes confiavam os filhos, julgavam-se elles obrigados a desempenhar com estes os officios da paternidade; amavam-nos, e quanto lhes faziam de bem, lhes brotava do amor que lhes dedicavam.

Mas para purificar e sublimar este amor, olhavam para o sublime e amoroso exemplar de mansidão, Jesus, para o amigo affectuoso dos meninos. E' enternecedora a oração que Jouvancy põe nos labios do jesuita educador: " Senhor Jesus, que não duvidastes soffrer a morte mais dolorosa por estes pequeninos, que os amaes tão

soient devenus plus calmes que l'huile et moins résistants que la chair du melon ». Cf. *Epistolae Joannis Ravisi Textoris* (Rothomagi, 1597) epist. xxiii, cit. de Delbrel, *Les Jésuites et la Pédagogie au XVI siècle*, (Paris, 1894) pag. 41. Nem sequer admittiam, por serem contrarias a seu espirito, as leis mais moderadas, mas rigorosas, que J. Sturm deu á Universidade de Strassburg em 1538 no primeiro regulamento escolar, onde se liam entre outras as seguintes: « Quod severitate corrigi potest, indulgentia non debet negligi. Quare si quis ad horas constitutas non adest vel in scholis Gymnasii vel in concionibus ecclesiae, virgarum verberatione corrigendus est, nisi excusationem a parentibus... adferat... Qui sermone utuntur alio quam latino... puniantur... Decurio, si officium non fiat in animadvertendo et accusando, virgis corrigendus est ». Fournier, *Le Status et Privilèges des Universités Françaises*, T. iv (Paris, 1894) pag. 25. O *Ratio Studiorum* adoptou com a prudencia e brandura de suas regras a severidade excessiva das escolas daquella epoca. Porisso afasta-se neste ponto da verdade o snr. Theophilo Braga, como em tantos outros passos daquelles tres tomos, quando trata de Jesuitas. O espirito de parcialidade e sectarismo que resuma de toda a obra, inutilizou o grande trabalho de investigação!

ternamente e mandaes se cheguem a vós... peço-vós que os guardeis; que ainda que m'os entregastes, são contudo sempre vossos. Ponde nos meus labios as vossas palavras e abri-lhes a elles o coração... " (1)

Mestre animado destes pensamentos como não educaria com amor? De facto as leis do *Ratio Studiorum* tornavam a educação dos jesuitas suave e paternal. Um collegio da Companhia de Jesus havia de assemelhar-se a uma familia, cujos membros unisse e irmanasse o laço espiritual do amor divino.

Desta arte a brandura e o rigor temperados na vida proporção, a vigilancia prudente, a alegria expansiva das festas escolares, as congregações marianas com a ternura suavissima da devoção á Mãe de Deus, as practicas religiosas, a instrucção christã, a sollicitude e o exemplo virtuoso dos mestres, tudo se unia e conspirava harmonicamente para a boa educação dos alumnos e lhes dispunha o espirito para sentir e gostar as delicias das occupações literarias, serenando-o com a paz de uma consciencia não alterada pelo embate violento das paixões; que, segundo disse Quintiliano, *nihil... est tam occupatum, tam multiforme, tot ac tam variis affectibus concisum atque laceratum, quam mala mens.* — " Não ha coisa tão embaraçada, tão mudavel, tão retalhada e despedaçada de affectos, como a alma viciosa " (2). Assim no systema pedagogico da Companhia de Jesus tudo se enlaçava de modo que a virtude contribuisse para o progresso na sciencia e a sciencia concorresse para o aperfeiçoamento moral do homem.

(1) *Ratio discendi*... P. II, C. I, 1.

(2) *Institut, Orat.* L. XII, C. I,

CAPITULO III

Systema de Ensino

O codigo de leis que dirigem a formação intellectual do Jesuita, assenta, como dissêmos, sobre uma como lei fundamental exarada por S. Ignacio na quarta parte de suas *Constituições*. Naquellas paginas lançou a mão prudente do Fundador as linhas geraes de um systema de educação e ensino.

No primeiro traço propõe, como norma, o fim nobilissimo de fazer bem e não qualquer, mas o bem sobre todos apreciavel, qual é o de levar os homens á consecução do seu ultimo destino (1).

(1) *Const.* P. iv, Proemium: «Cum scopus, ad quem Societas recta tendit, sit suas ac proximorum animas ad finem ultimum consequendum, ad quem creatae fuerunt, juvare; cumque ad id, praeter vitae exemplum, doctrina et modus eam proponendi sint necessaria; postquam in iis, qui admissi sunt ad probationem, jactum esse videbitur abnegationis propriae et profectus in virtutibus necessarij convenientis fundamentum, de litterarum aedificio et modo eis utendi agendum erit, quo juvare possint ad magis cognoscendum, magisque serviendum Deo Creatori ac Domino nostro.» P. iv, Cap. xi: «Eadem charitatis ratio, qua Collegia admittuntur, et publicae scholae in eis, non tantum ad Nostrorum, sed magis etiam ad externorum aedifica-

Logo designa as materias que se hão de aprender, e ensinar com os olhos sempre fitos no fim que estabeleceu (1); define claramente os limites á doutrina, que seus filhos hão de seguir, para que se não extraviem nas investigações scientificas e determina que em qualquer faculdade abracem a mais segura e approvada (2); aponta os livros que se hão de explicar escolhendo os mais solidos e rejeitando ainda os suspeitos (3); ensina o modo de estudar com ordem, com docilidade, com diligencia na preparação, com empenho na revisão das lições, com esmero nos apontamentos que hão de recolher; marca o tempo que nas varias disciplinas se deve empregar (4), e lembra que o alumno se ha de especializar no ramo a que o leva a idade e o talento, a que o inclina a propensão ou a que o aconselha o adeantamento nas letras e sciencias e ainda o bem commum (5).

Mas o legislador escrevia para toda a terra e a sua prudencia lhe dictou que deixasse ao parecer dos Superiores

tionem in doctrina et moribus, tenentur; extendi poterit ad Universitatum curam suscipiendam; ut in eis hic fructus extendatur latiusque pateat, tam in scientiis, quae traduntur, quam in hominibus, qui ad eas conveniunt, et gradibus ad quos promoventur; ut aliis in locis cum auctoritate docere possint, quod in his bene ad Dei gloriam didicerint.»

(1) *Const.*, P. IV, C. v, XII.

(2) *Const.*, P. IV, C. v, 4.

(3) *Const.*, P. IV, C. XIV.

(4) *Const.*, P. IV, C. XV.

(5) *Const.*, P. IV, C. v, C: «Juxta modum aetatis, ingenii, propensionis animi et institutionis in litteris uniuscujusque, vel communis boni quod speraretur, posset in his omnibus facultatibus, vel aliqua aut pluribus earum, quis exerceri: Qui enim in omnibus non posset, curare deberet ut in aliqua earum excelleret.»

riores accommodar aos usos das varias nações e ás circunstancias de pessoas e tempo as prescripções que elle formulava (1).

Sobre esta base architectaram homens doutissimos, depois de muita e prolongada experiencia, meditação e consulta, o *Ratio Studiorum*, que durante dois seculos serviu de norma á instrucção nas Universidades e Collegios da Companhia de Jesus. Com ordem e brevidade apresentamos aos olhos do leitor o systema de Instrucção.

*

* *

Toda a carreira dos estudos se divide em tres cursos parciaes, distinctos, mas dependentes uns dos outros emquanto o inferior é degrau e preparação para os superiores: o curso de *letras* ou linguas, o de *philosophia* ou de artes e o de *theologia*. O curso de letras prepara para o de philosophia e este para o de theologia, á qual se entregava com particular empenho a Companhia como a estudo que mais directamente aproveitava para realizar as suas aspirações religiosas (2).

Nestes tres cursos entram todas as materias que geralmente se ensinavam nas mais sabias universidades daquelle tempo, exceptuando a Medicina e Leis, que por não dizerem tão bem com o fim do Instituto, a Companhia se não encarregava de ensinar (3).

(1) *Const.*, P. IV, C. XIII, 2, A; C. XIII, 4.

(2) *Constit.*, P. IV, C. XII, 1: «...cumque ad eum finem medium magis proprium sit facultas Theologiae, in hanc potissimum Societatis Universitates incumbent.»

(3) *Constit.*, P. IV, C. XII, 4.

S. Ignacio nas suas *Constituições* reúne no primeiro curso de letras humanas a grammatica, as humanidades, a rhetorica e a historia, as linguas latina, grega, hebraica, o chaldeu, o arabe, as linguas indianas e mais quantas forem de proveito para a evangelização; no curso de artes a philosophia, a mathematica e as sciencias naturaes, e no de theologia a escolastica, a positiva, a Sagrada Escripura e o direito canonico menos a parte do foro contencioso. Mas o *Ratio Studiorum* de 1599 com a mira sempre posta na unidade do ensino e educação juvenil, forma o curso de letras com a grammatica, humanidades e rhetorica e com o estudo directo das duas linguas classicas latina e grega, deixando ao professor o encargo de ir dando simultaneamente aos discipulos os demais conhecimentos uteis ou necessarios e reservando o hebraico para o tempo da theologia. Começamos pelo

Curso de letras

A lingua latina era no *Ratio Studiorum* o centro em torno do qual se movia o curso literario. Em todo elle se ensinava, apprendia, e aperfeiçoava o latim; variavam os preceitos, modificavam-se os exercicios escolares e as composições pelo adeantamento de cada escola, mas quem tinha a primazia, quem regulava o andamento das classes e dava unidade á multidão dos labores escolasticos e á variedade dos estudos, era a majestosa lingua do Lacio.

Com o latim se ensinava o grego, a lingua patria; a historia e quanto comprehendia o vastissimo nome da erudição; entender os auctores classicos, falar correctamente o latim, escrevê-lo com elegancia e primor cice-

roniano era o alvo principal a que se dirigia o empenho do mestre e os esforços do discipulo. Os livros de texto em latim eram compostos e a lingua viva das aulas era o latim pelo menos desde que os alumnos o podiam entender (1). Entretanto com phrases de facillima intelligencia lhes ia o professor dispondo o ouvido e animando a boa vontade como a avezinhas que principiavam a ensaiar gorgeios melodosos (2). Era applicação do principio razoavel do systema de Berlitz, que se apregôa como invenção do seculo XIX, tendo já sido reduzido á practica tres seculos antes pelos Jesuitas, e cujas exaggerações, reconhecidas por antipedagogicas, não eram suppostas nem acceites pelos auctores do *Ratio Studiorum* (3).

O curso começava pela GRAMMATICA latina e subia pelos tres degraus de grammatica infima, media e suprema, della passava á classe de Humanidades e terminava com a Rhetorica e esta repartição de classes se mantinha com tal rigor que ao Provincial e ao Prefeito de estudos se recommendava que de modo nenhum as multiplicasse, mas, se a multidão dos alumnos o reque-

(1) *Rat. Stud., Reg. Prof. Cl. infer.* 18.

(2) E o preceito que dá o celebre professor de Coimbra P. Pedro Perpinhão no seu opusculo *De ratione liberorum instituendorum litteris graecis et latinis*, cap. III. Recommenda que logo do principio se proponham ao estudante breves phrases latinas e acrescenta: «Sed danda est opera ut haec omnia et pura sint et ad communem sermonem accommodata eorumque significatio intelligatur, ut etiamsi nulla didicerunt adhuc praecepta loquendi, tamen ut aves nonnullas facere videmus, imitatione jam assuescant latine loqui.»

(3) Cf. Ruiz Amado, *La Educacion Intellectual* (Barcelona 1909) pag. 589, 596.

resse, se repartissem de preferencia em varias secções (1). A Arte da Grammatica do P. M. Alvares dividida em tres partes correspondia ás tres divisões de Grammatica infima, media e suprema (2).

Na classe infima de grammatica apprendiam-se os rudimentos da Arte com as regras mais geraes da syntaxe latina e os principios da lingua grega, e para as prelecções escolhiam-se as cartas mais faceis de Cicero.

Na classe media percorria-se toda a grammatica para se alcançar um conhecimento de toda ella, se bem que não ainda perfeito, ao menos sufficiente, e no grego avançava-se até aos nomes contractos e verbos em μ , e explicavam-se as cartas familiares de Cicero, composições escolhidas de Ovidio e algum auctor grego de muito facil intelligencia.

Na classe suprema procurava-se obter noticia completa dos preceitos e elegancias da grammatica latina, e no grego proseguia o estudo das regras grammaticaes, deixando os dialectos e observações mais abstrusas; para explicação tomavam-se no latim livros de mais alguma difficuldade entre os de Cicero, e para o grego S. João Chrysostomo, Esopo e semelhantes.

(1) *Rat. Stud., Reg. Praef. Cl. inf. 8, Reg. Prov. 21.* — Se era tão grande o atraso dos alumnos que num anno só não pudessem aprender o livro destinado á grammatica infima, então permittia a Reg. 8, § 3, que se dividisse a grammatica infima em duas classes inferior e superior e se percorresse em dois annos. Quando não podia haver as cinco aulas distinctas, propunha o *Rat. Stud., Reg. 8 Praef. Cl. inf.*, a maneira de conservar, quanto fosse possivel, a mesma divisão de classes, repartindo as aulas em duas categorias ou ordens.

(2) *Rat. Stud., Reg. Praef. Stud. Cl. inf. 8, § 2; ib. Reg. Prof. Cl. inf. 12.*

A aula de HUMANIDADES tinha por fim preparar o campo á eloquencia pela exposição breve dos preceitos da rhetorica e pelo conhecimento da lingua procurando que os alumnos lhe penetrassem a propriedade dos termos e possuissem as riquezas do vocabulario. Os livros philosophicos e discursos mais faceis de Cicero, os historiadores de maior nome como Cesar, Sallustio, Lívio, os poetas mais celebres como Virgilio e Horacio offereciam nas suas bellezas estheticas materia abundante para formar e apurar o bom gosto. Na lingua grega entravam de cheio pela syntaxe e interpretavam-se na prosa discursos de Socrates, S. João Chrysostomo, S. Basilio, cartas de Platão, Synesio e obras semelhantes, e na poesia Theognides, S. Gregorio Nazianzeno e mais auctores de equal facilidade.

A classe de RHETORICA ou eloquencia, cujos ambitos eram tão largos, que o *Ratio* declara não se lhe poderem facilmente traçar os limites, punha a mira em formar perfeitos oradores e adestrar os alumnos na arte da poesia; no que se empenhava o mestre expondo os preceitos de Cicero e Aristoteles e explicando as orações de Cicero e os melhores historiadores e poetas latinos. No grego aprofundavam o estudo dos auctores e dos dialectos, percorrendo Demosthenes, Homero, Pindaro e os mais afamados escriptores da antiguidade.

Para alargar mais a conveniente instrucção do alumno e dar como que um verniz brilhante á formação litteraria, patenteia o *Ratio* um campo vastissimo que elle distinguuiu com o nome de erudição, na qual o professor experimentado e erudito, sem desconcertar a unidade do plano, enriquecia o espirito com uma variedade immensa de conhecimentos uteis e agradaveis. Neste campo entravam muito á larga a chronologia, a historia,

a geographia, os usos e costumes das gentes, a noticia biographica e literaria dos auctores, noções de varia literatura, mythologia e technologia e quanto pudesse concorrer para formar um espirito illustrado.

Jouvancy no livro composto por decreto da 14.^a Congregação geral para explicação do *Ratio* e direcção dos professores, recommenda em termos encarecidos o estudo da historia e tambem, como indispensavel para a historia, o estudo da geographia e chronologia, e aponta os auctores que poderão ser com proveito consultados pelo professor (1).

Na remodelação porém do *Ratio Studiorum*, levada a cabo em 1832, como veremos, já se ordena que se ensinem como accessorias em aula propria a historia, a geographia, a mathematica elemental e outras disciplinas que parecer conveniente explicar (2).

A lingua patria, instrumento indispensavel para os ministerios do sacerdocio e do ensino, como adverte o primeiro esboço do *Ratio* de 1586, estudava-se com o latim, segundo o methodo então geralmente em voga e admittido nos mais celebres estabelecimentos de instrucção. (3) Apprendia-se nos themas que eram frequente-

(1) *De Ratione discendi et docendi Magistris scholarum inferiorum*. Cap. II, Art. III, § 1, II.

(2) *Rat. Stud.*, ed. 1876, *Reg. Prov.* 23; *Reg. Praef. stud.* inf. 8, § 11.

(3) Pachtler, *Ratio Studiorum*, II, pag. 170. — J. B. Herman S. J. ao dar a razão porque se não ensinava *ex professo* nas aulas a lingua patria, escreve: « Comment expliquer cet ostracisme? De la manière la plus simple du monde. Qu'on se rappelle les efforts de Trotzendorf, de Sturm surtout, pour désapprendre à leurs élèves la langue allemande; qu'on se rappelle les ordonnances draconiennes de Mélancthon, qui

mente dictados em lingua vernacula e consistiam em versões do latim e retroversões, apprendia-se nos desafios em que os alumnos se perguntavam uns aos outros phrases latinas e tempos de verbos que deviam ser logo traduzidos, apprendia-se nas prelecções do mestre que explicava tambem em vernaculo o auctor latino e terminava a explicação do trecho com aprimorada traducção. (1)

Nestas prelecções recommenda o auctorizado interprete do *Ratio*, P. Jouvancy, que procure o professor a propriedade da lingua vernacula, e que faça notar a semelhança ou dissemelhança com o latim comparando, ambas as linguas, de modo que o alumno as apprenda a par uma da outra (2). Outra vez, inculcando ao professor o estudo e ensino da lingua nacional, lhe adverte que saiam trabalhadas com todo o esmero e elegancia as traducções por elle propostas; que attentamente confronte o latim com a sua propria lingua para descobrir as propriedades e primores de ambas; que os dictados que fizer na aula, sejam não só correctos, mas aperfeiçoados segundo todas as regras da lingua patria e que nas conversas particulares e tratô de cada dia tenha cui-

bannit des programmes de Saxe l'allemand aussi bien que le grec et l'hébreu; qu'on se rappelle les dispositions du plan d'études du Wurtemberg, le plus important du xvi^e siècle en terre protestante, qui oblige les élèves à parler latin en classe et en dehors des classes; qu'on se rappelle enfin, les statuts de réforme de l'université de Paris, qui défendent l'emploi du français dans les collèges, et l'on aura les éléments d'une réponse équitable. » *La Pédagogie des Jésuites au XVI^e siècle* (Louvain, 1914) pag. 213.

(1) *Rat. Stud.*, *Reg. Prof. Gram. inf. med. et supr.*, *Reg. Prof. Hum.* 5: « Ad extremum licebit, si videatur, omnia patrio sermone sed quam elegantissimo vertere. »

(2) *Ob. cit.*, P. I, C. II, A. III, § 3. (ed. 1856) pag. 70.

dado se empregue sempre uma linguagem castiça e não adulterada com barbarismos (1).

Com o tempo e com o progresso das sciencias e letras abriram os Jesuitas mais largos horizontes ao estudo da lingua vernacula a começar de 1832, ensinando-a já directamente e em aulas proprias, de modo que nos tempos de agora se pode dizer que tem o primeiro posto nos seus collegios, entre as demais linguas. Era justo; exigiam-no as circunstancias dos tempos a que a Companhia de Jesus timbrou sempre de se accommodar, acompanhando passo a passo o andamento progressivo da civilização (2).

*
* *

Declarado o objecto do estudo e ensino, resta expôr o METHODO ESCOLAR, cujas prescrições se podem facilmente reduzir a três, pois todo o empenho do mestre e occupação dos discipulos se resolvia na explicação e intelligencia dos preceitos, nas prelecções e composições dos themas.

Os *preceitos* explicava-os de antemão o professor e os discipulos os decoravam tendo conta mais no sentido do que nas palavras, como se recommendava não só para as humanidades e rhetorica, mas ainda para a

(1) *Ob. cit.*, P. I, C. I, A. III, *De studio linguae vernaculae*, pag. 17. — No livro segundo veremos o empenho dos Jesuitas portugueses no apprender a sua lingua e os escriptores abalizados, Jesuitas e não Jesuitas, que se formaram em suas escolas e enriqueceram a literatura nacional.

(2) *Rat. Stud.* de 1832, *Reg. dos Prof. de Rhet. Hum. e Gram.*

grammatica. O ponto estava em entendê-los bem para os saber applicar (1). Os primeiros livros de texto coube a Portugal a honra de os dar a toda a Companhia: para a classe de grammatica a *Arte* do P. Manuel Alvares, e para as humanidades o *Compendio* do P. Cypriano Soares (2).

Os auctores commentavam-se nas *prelecções* a que se dava importancia não secundaria, como o inculca o primeiro esboço do *Ratio* de 1586: "Audiant attente praelegentem Magistrum, cum auctorum interpretatio ac stylus longe majoris utilitatis sint, quam praecepta Grammatices, quamquam haec ipsa minime negligenda sint (3).

O *Ratio Studiorum* definitivo resume-as nestes quatro pontos geraes. Primeiro lê o professor toda a passagem que deve analysar; em segundo lugar declara-lhe o sentido e nota-lhe, se preciso fôr, a connexão que o liga ao que antecede; depois retoma cada phrase por sua vez e explica-a em latim por locuções mais claras ou a traduz em lingua vernacula; finalmente recommendo do principio do trecho o illustrará com observações accommodadas ao grau de cada escola, as quaes contudo, se o julgar mais conveniente, poderá inserir ao passo que se offerecem no andar da explicação. Na rhetorica fará sobretudo notar o artificio do orador ou poeta, a belleza esthetica da composição e o ornamento,

(1) *Reg. Prof. Cl. inf.* 29; *Reg. Prof. Hum.* 8. O *Ratio Stud.* de 1586 recommenda o mesmo por estas palavras: «In grammaticorum scriptis curandum est maxime ut res ipsas pueri quam optime teneant, verba non ita religiose attenteque sectentur». Pachtler, II, pag. 166.

(2) *Reg. Prov.* 23; *Reg. Prof. Hum.* 1.

(3) Pachtler, II, pag. 165.

propriedade e abundancia da linguagem; nas humanidades encarece-se de um modo particular o conhecimento profundo da lingua, a força, propriedade e etymologia dos termos, e apuro esmeradissimo na traducção vernacula; nas classes de grammatica o empenho do Mestre guiava o alumno a verificar nos trechos analyzados as regras grammaticaes e a traduzir correctamente os auctores (1).

A terceira incumbencia do professor e o principal emprego da actividade dos alumnos recaia nos exercicios de *composição*. Era a tarefa de cada dia; mas para evitar o fastio com o deleitoso da variedade, apresentava o *Ratio* abundantes assumptos e generos literarios em que os discipulos manejariam a penna com agrado (2). O professor devia preparar o thema com todo o cuidado, dictá-lo na aula, depois de o dictar mandá-lo ler, logo explicá-lo, se tinha algum ponto difficultoso, e subministrar abundancia de phrases, conceitos e materiaes para ajudar a boa diligencia do discipulo (3). Apresentados os themas já feitos pelos alumnos, recommendava-se ao professor que os emendasse diariamente, como exercicio donde os jovens haviam de recolher o principal e maior fructo de seu trabalho (4).

Na Grammatica tinha o professor em vista, para a emenda das composições, sobretudo a applicação exacta das regras, a correcção esmerada na orthographia e pontuação e nas classes mais adeantadas tambem uma tal

(1) *Reg. Prof. Cl. inf.* 27.

(2) *Reg. Prof. Rhet.* 5, 9; *Prof. Human.* 4, 6; *Gram. sup.* 4, 6; *Gram. med. et inf.* 4, 7.

(3) *Reg. Prof. Cl. inf.* 30.

(4) *Ib. Reg.* 23.

qual elegancia inicial no estilo; e cuidava attentamente em que os principantes não só não declinassem arteiramente a difficuldade, mas lhe fossem de encontro e a vencessem (1).

Nas Humanidades olhava sobretudo pela elegancia, harmonia do estilo e abundancia da linguagem (2).

Na Rhetorica insistia com particularidade no artificio oratorio e poetico, na graça e primor da locução, no nexo das varias partes da obra literaria; e notava, para se evitar, o desconcertado do trecho, a falta de clareza, de elevação e de decoro, a demasia da digressão e quanto se não compadecia com a fineza e apuro de um gosto bem formado (3).

*

* *

Á solicitude amorosa do professor era mister correspondesse a applicação do discipulo. Os alumnos, tanto os que eram membros da Companhia, como os externos, deviam dar-se ao estudo com seriedade e constancia, escutar os mestres em silencio e com attenção, preparar as lições com cuidado, repeti-las com diligencia, propor as duvidas que se lhes offereciam, o que suppunha trabalho pessoal, apontar o que fosse de maior importancia tomar parte activa e interesse em todos os exercicios escolares (4). Esta actividade e diligencia dos discipulos

(1) *Reg. Prof. Gram. inf. med. et supr.* 3.

(2) *Reg. Hum.* 3.

(3) *Reg. Prof. Rhet.* 4.

(4) *Reg. Sch. Soc.* 2, 4; *Reg. Externorum Auditorum Societatis*, 9: «Serio animum ad studia et constanter adjeiciant, sint in scho-

seguindo conscienciosamente a direcção do professor é ponto recommendado e encarecido no *Ratio* que timbra de pôr em actividade e aperfeiçoar todas as faculdades do estudante. *Excitetur ingenium* pode dizer-se o lemma da escola (1).

A memoria exercitava-se e enriquecia-se decorando preceitos e passos de auctores; o entendimento acompanhando attentamente a explicação dos mestres, meditando as regras propostas e dirigindo segundo ellas a penna do escriptor principiante; a vontade incendiava-se com os desafios e disputas, com os meios de emulação; a imaginação prendia-se e deleitava-se com a variedade aprazível de composições; a mão adestrava-se no escrever calligraphicamente; a lingua no desembaraço de recitar as lições, e em declamar trechos escolhidos. Na realidade a escola segundo o *Ratio*, tornava-se, presidida por um habil e diligente professor, uma serie continuada de exercicios e movimentos intellectuales (2).

lis mature frequentandis assidui, in audiendis et recolendis pralectionibus caeterisque obeundis exercitationibus diligentes. Quod si quid minus assequantur aut si quid dubitent, magistrum consultant.

(1) *Reg. Prof. Hum.* 6. Esta expressão *excitetur ingenium*, ou *excolatur ingenium*, como se lê na reg. 32 das communis aos professores, significa, segundo o contexto, que se mettam em acção as faculdades intellectuales por um trabalho pessoal mais livre e espontaneo. Na regra 4 do prof. de hum., onde se lê *Eruditio modice usurpetur, ut ingenium excitet interdum ac recreet*, a phrase *ingenium excitet* quer dizer particularmente que se não deixe amortecer ou enfastiar o engenho, mas se avivente com a belleza attractiva da erudição.

(2) É de facto para se notar como a cada passo encostramos no *Ratio* a palavra *exercere* nos varios modos, tempos, numeros e derivados. Assim na reg. 25 dos prof. das classes inferiores se manda que a prelecção diaria seja de preferencia repetida por muitos, *ut omnes exerceantur*.

Lições de memoria, perguntas na aula, desafios, themas, repetições mantinham constantemente despertas e em acção as faculdades e aptidões da creança. A aula começava pela lição de cór, logo o professor corrigia os themas um a um tendo o cuidado de manter entretanto occupados os alumnos em fazer traducções, em imitar os auctores, em compor trabalhos originaes, em colligir phrases mais elegantes, numa palavra em proveitosos exercicios escolares. Seguia-se a repetição da prelecção anterior com explicação da seguinte e dictava-se o thema; porfim repetiam-se os preceitos, o que se animava frequentemente com os desafios, e explicava-se nova lição. Este era o andamento geral, esta a actividade continua da escola (1).

(1) *Rat. Stud., Reg. 2 Prof. Rhet., Hum., Gram. inf., med. et sup.* Este programma de instrucção literaria, oficialmente promulgado em 1599, foi, quanto á substancia do methodo, o que dirigiu o ensino dos Jesuitas portugueses logo desde os primeiros annos que tiveram escolas em Portugal. Deprehende-se do primoroso opusculo do P. Pedro Perpinhão intitulado *De Ratione Liberorum instituendorum litteris graecis et latinis*, e composto a pedido do italiano P. Francisco Adorno, o confessor de S. Carlos Borromeu, e companheiro de Perpinhão no Collegio de Jesus de Coimbra desde 1551. Assim o diz o proprio auctor em carta para o P. Adorno. «... Cum ex me cognoscere te velle dixisses, quatenus in Gymnasio Conimbricensi Societatis nostrae, ratio in pueris infimorum ordinum erudiendis teneatur, ego... universam illius Gymnasii institutionem animo complexus, quid de tota liberum Latinis Graecisque litteris instituendorum ratione sentirem... praescripsi...» Roma 1 de Fev. de 1565. Cf. *Petri J. Perpiniani Opera* (Romae, 1749) T. III, pag. 86. O methodo como o expõe o eloquente e experimentado professor é de verbas primoroso. Mostra-se notavel pela prudencia e segurança com que vae guiando passo a passo o estudante desde o mais facil para o mais difficiloso até ao remate do curso pela Eloquencia; e de cada pre-

A duração das aulas era para a rhetorica de duas horas, para as humanidades e grammatica de duas horas e meia, tanto de manhã como de tarde. Nem se julgará demasiado o tempo, se se olhar para a variedade de occupaões com que se preenchiam as horas escolares (1).

ceito transluz a seriedade, o desvelo e carinho com que o professor ha de ir formando pouco a pouco o seu discipulo. «Ante omnia, diz no capitulo primeiro, magister deligendus est, integris moribus, flagranti studio, ingenio acri, litteris exquisitis, qui non communium paedagogorum more tempus omne contriverit in nugis et somniis delirantium grammaticorum, sed et praecepta pauca eaque ex optimis quibusque auctoribus in promptu habeat... et sit ipse tum in loquendo, tum in scribendo bene exercitatus.» (l. c., pag. 88). Logo vae propondo nos capitulos seguintes uma serie de preceitos prudentissimos nos quaes ensina com particular encarecimento o modo de exercitar continua e progressivamente as faculdades do alumno, e o empenho attencioso com que o mestre se ha de accommodar á indole vária das creanças. «Quamquam cognitum esse debeat praeceptorum quos docet, ingenium, ut institutionem suam accomodet ad eujusque naturam; exultantes nimia licentia verborum reprimat; cunctantes et quasi verecundantes excitet ad audendum; immodica se fundentes ubertate et copia coerceat; siccis atque aridis succum et vires addat cultura.» (l. c. pag. 109).

(1) Ao principio duravam as aulas por longas tres horas como se lê nas Cartas Quadrimestres (Mon. Hist., *Litt. Quadr.*, II, pag. 352), onde contudo se adverte que nas tardes de verão, por motivo do calor, se contrahiam a duas horas no Collegio de Lisboa. Até encontro um horario do Collegio de Coimbra que pelos annos de 1560 marcava para as aulas da manhã o intervallo das sete horas ás dez e meia, e para as da tarde o das duas ás cinco (Cf. Mon. Hist., *Mon. Paed.*, pag. 641). Escolas tão demoradas eram do uso daquelles tempos, a que os Jesuitas se conformavam, tomando-o das de Paris. «Quamvis autem scholarum praeceptores more parisiensi tres horas mane et totidem a prandio legere jussisset...» (Polanco, *Chronicon*, III, pag. 150). Mas até em Coimbra no Collegio das Artes foram os Je-

*
* *

Com as ultimas aulas de eloquencia na classe de Rhetorica abriam-se ao jovem literato as portas da

Philosophia .

Apprendêra a linguagem, formára o estilo, enthusiásmára o espirito com as bellezas da esthetica, precisa agora de abundancia e solidez de doutrina. Não basta falar e escrever bem, é necessario escrever e dizer coisas boas. Sob a roupagem transparente de uma linguagem castiça e adornada com as galas encantadoras de um es-

suitas portuguezes encontrar já em vigor o mesmo horario escolar: «Praeceptores singulis diebus incipient ordinarias lectiones hora octava mane et finient undecima, praeterquam tribus mensibus, Junio, Julio, Augusto, in quibus propter aestum incipient praelectiones hora septima matutina et finient decima, a prandio vero semper incipient hora tertia et finient sexta». (Cf. J. Teixeira, *Documentos para a Hist. dos Jesuitas*—Coimbra, 1899—pag. 33, *Statuta novi Regii Gymnasii*...). Não tardou porém que se reparasse no excessivo trabalho que traziam tão longas horas de aula, e fixou-se-lhe a duração como acima apontamos. Já em 1559 se escrevia de Roma a Portugal, se olhasse não fossem tão prolongadas as aulas «que quizeram fazer ao modo de Paris, não o consentindo nem a qualidade da terra nem as compleições dos Portuguezes». (Cf. Arch. di Stato, Roma—Ges. Collegi, Lisbona, *caderno das obediencias*, pag. 57). Em 1610 o Visitador P. João Alvares deixou ordenado que as classes no collegio de S. Antão de Lisboa, nos meses de junho e julho não durassem mais de duas horas pela manhã, saindo-se dellas meia hora mais cedo, e de tarde não mais de hora e meia, entrando-se para ellas uma hora mais tarde. (Cf. citado Ms. da *Visita* do P. João Alvares, Tit. XI c. II, n.º 28).

tilo apurado, haja substancia de bons pensamentos dispostos em boa ordem e concatenados pelos liames do raciocinio legitimo. Este é o empenho da philosophia, que se propõe ministrar, á nova intelligencia doutrina sã e copiosa, não a pedaços soltos mas systematizada e unida segundo as leis da boa logica.

O curso pois de Philosophia ou de Artes, como se dizia, visava directamente a formação scientifica da intelligencia; mas, segundo o *Ratio Studiorum*, encaminhava-se a um fim moral e religioso para não contrariar, mas favorecer as sublimes intenções do Fundador da Companhia de Jesus. A primeira regra dos professores de philosophia ordenava-lhes que versassem esta sciencia com tal arte, que tendo sempre os olhos na maior gloria de Deus, dispusessem os seus alumnos, particularmente os seus irmãos na Religião, para o estudo da theologia e os levassem ao maior conhecimento do Creador. Não que os Jesuitas tivessem em vista formar só theologos, que das suas aulas saíam jovens para todas as carreiras, mas ensinavam de tal modo a philosophia e sciencias naturaes, que dispendo para todas as profissões, particularmente se adaptava á sciencia mais nobre, qual é a sciencia de Deus. Communicava os vastos conhecimentos que a denominação de philosophia e sciencias naturaes comprehende e ensinava a raciocinar com acerto. Assim preparava as faculdades do alumno para depois se dar aos estudos especiaes a que sua inclinação o levasse.

As *Materias* que se explicavam durante o curso eram a logica, a physica, em que entravam as sciencias naturaes, a metaphysica e ethica, seguindo-se como auctor a Aristoteles e S. Thomás. A physica e sciencias naturaes foram-se desenvolvendo com o progresso dos tem-

pos e chegaram a abranger a mechanica, a geographia physica, a astronomia e a cosmologia sob a denominação de physica geral, e com a designação de physica particular os tratados de organologia, physiologia e anatomia, optica, electricidade, meteorologia e cosmographia (1). Como livro de texto para a *Logica* recommenda o *Ratio* a obra do português P. Pedro da Fonseca (2).

No *Methodo* de exposição tanto na philosophia como na theologia não se accommodavam os Jesuitas com o papel de simples commentadores. Limitar-se a apostillar elucubrações alheias não o poderiam soffrer homens da envergadura intellectual de Maldonado, Fonseca, Molina e Suarez. Seguiam, não ha duvida, os auctores propostos pelo *Ratio*, mas a razão tomava o peso aos argumentos, examinava-lhes o valor intrinseco e se os achava inadmissiveis, sem quebra do respeito para com tão distinctos escriptores, desviavam-se de suas affirmações e apresentavam opiniões suas (3). Mas nem sequer na prelecção das doutrinas o seu genio se contentava de ler os auctores. Analizavam as conclusões, penetravam-nas com a agudeza de seu entendimento, assimilavam-nas e propunham-nas como proprias e com a convicção de quem ensina como mestre e não repete o que outros ensinaram. Assim o declarou Maldonado ao abrir o seu curso no Collegio de Clermont: *In summa non tam volo esse Petri Lombardi interpres quam professor theologiae* (4).

(1) Cf. *Philosophia libera...* do P. Ignacio Monteiro. (Vene-tiis, 1766); *Conclusiones philosophicas...* in regia Eboensis Aca-demiae Aula (Eborae, 1754).

(2) *Rat. Stud., Reg. Prof. Philos.* 9.

(3) *Rat. Stud. Reg. Phil.* 2 e 6.

(4) Discurso de Maldonado na inauguração do curso; citação

Nem doutra maneira se expressou o nosso português P. Christovão Gil no prologo da sua obra de theologia quando escreveu: "Non agam ullius auctoris interpretem sed propria methodo et ordine utar" (1).

Mais explicitamente o diz Suarez, o Doutor Eximio, em carta de 2 de Julho de 1579 dirigida ao P. Geral Mercuriano para desviar do seu methodo de ensino a nota de novidade, que lhe lançavam: "El segundo punto es que, aunque se pueden imaginar muchas ocasiones, que puede aver auido para poner en mí esta nota, una principal es el modo de leer que yo tengo, que es diferente de lo que los más usan por acá; porque ay costumbre de leer por cartapacios, leyendo las cosas más por tradición de unos á otros que por mirallas hondamente y sacallas de sus fuentes, que son la authoridad sacra y la humana y la razón, cada cosa en su grado. Yo e procurado salir deste camino y mirar las cosas más de rayz: del lo qual naze que ordinariamente parece que llevan mis cosas algo de novedad..." (2).

No tratar as questões preceitua o *Ratio* que o professor deixe controversias inuteis e obsoletas, que não seja demasiado em accumular auctoridades, que timbre de não citar auctores que elle proprio não tenha lido, que na refutação de opiniões alheias se haja com modestia, que, podendo ser, não dicte as lições aos alumnos, para que estes não dêem mais atenção a escrever

de J. M. Prat na obra *Maldonat et l'Université de Paris* (Paris 1856), pag. 555.

(1) R. P. Christophori Gillii... *Commentationum Theologicarum... libri duo*. (Coloniae, 1610).

(2) Cf. Tacchi-Venturi, *Storia della Compagnia di Gesù*, I, (Roma, 1910) pag. 487.

que a entender. "A voz viva do professor faz mais impressão, exprime os conceitos com mais vigor, grava-os mais profundamente, tem mais despertas as faculdades, prende mais a atenção, desenvolve melhor as ideias: pelo contrario no dictado frio tudo é languidez e morte." (1)

A *forma* da exposição era a syllogistica tão util e necessaria para encontrar a verdade, para a confirmar, para a distinguir do falso, para ensinar os entendimentos a discorrer com acerto, a não se desviar do ponto preciso da questão, a descobrir o erro disfarçado sob paralogismos enganosos e para adestrar os alumnos a usar dignamente da faculdade tão propria do homem; porque afinal a-forma syllogistica não é mais que a exteriorização das operações naturaes do entendimento humano. Quem a nega e contraria, renega de suas faculdades. Quem a apoda de velharia medieval ou retrocesso ao obscurantismo, insulta o homem no que elle tem naturalmente de mais sublime. Com razão manda o *Ratio Studiorum* de 1832 que a forma syllogistica se lhe conserve o seu posto de honra nas aulas da Companhia de Jesus (2). Em quanto o homem fôr um ente racional, o syllogismo será a sua forma de discorrer.

O tempo do curso completo de philosophia era de tres annos com duas horas diarias de lição pelo me-

(1) *Rat. Stud.*, 1599, *Reg. Prof. Cl. sup.* 5-9; *Rat. St.* 1586, Pachtler, II, pag. 83: «Viva vox magis afficit, exprimit, imprimit, excitat, suspendit attentionem, explicat: quae omnia languent in emortua dictatione... Dum dictatur, intenti sunt potius scribendo quam intelligendo.»

(2) *Rat. Stud.*, 1832, *Reg. Prof. Phil.* 13, 14; Pachtler, II, pag. 381.

mos (1). Mas em Coimbra e Evora prolongava-se até ao quarto anno, no qual se preparavam os discipulos para o exame publico (2). Houve de quando em quando tendencia para o abreviar a dois annos, sobretudo onde estudavam só alumnos seculares, mas a Congregação XXII em 1853 sancionou para toda a Companhia a duração de tres annos (3).

*
* *
*

Tocamos por fim a meta do curso literario e scientifico. Letras, philosophia, sciencias naturaes tudo se encaminhava a preparar e facilitar o estudo da

Theologia

á qual principalmente se dedicam por obrigação os trabalhos dos Jesuitas. Se a Companhia de Jesus não crear insignes historiadores, physicos, astrónomos poder-se-lhe-ha talvez encontrar desculpa, mas se não apresenta bons theologos, não cumpriu a sua missão de ensinar. E' uma sociedade religiosa, que tem por fim levar as almas a Deus; as sciencias são meio e a theologia é o principal (4). Por esta razão o Professor deve primeiro que tudo propor as questões do modo que consiga corroborar a fé e alimentar a piedade. As materias que

- (1) *Rat. Stud.*, 1599, *Reg. Prof. Philos.* 7.
- (2) *Rat. Stud.*, 1586, Pachtler, II, pag. 125.
- (3) *Decret. Congr. G.* xxii, decr. 34; Pachtler, I, pag. 113.
- (4) *Constit.*, P. IV, C. 12.

abrange este curso da sciencia de Deus são a theologia escolastica e positiva, a Sagrada Escripura, o hebreu e mais linguas orientaes, a moral e a casuistica.

A doutrina theologica é a de S. Thomás a quem os Jesuitas seguem como a auctor proprio, não servilmente, que seria indigno de sabios tal escravidão, mas com a nobre independencia de quem lhe admirá o talento genial, entretanto lhe examina com serenidade as opiniões, e se acaso alguma encontra menos bem fundada, delle se afasta com respeito e como que forçado (1). A razão desta preferencia é a que propôs a Congregação geral V no decreto 41, quando determinou que os professores da Companhia de Jesus seguissem a S. Thomás cuja doutrina era a mais solida, segura e approvada.

O *Methodo* de exposição é o mesmo que nas aulas de philosophia.

O tempo do curso estende-se a quatro annos, mas áquelles que mostram maior aptidão para o estudo e podem vir a ser lentes nos collegios ou Universidades concedem-se-lhes mais dois annos, durante os quaes aprofundam e alargam os conhecimentos adquiridos, alcançam a mais vasta erudição que podem e se aperfeiçoam e especializam naquella ramo a que sentem mais propensão, como lhe mandam as suas regras particulares (2).

(1) Cf. *Reg. Prof. Theol.* 2; *Reg. Prof. Philos.* 7; *Congreg. Gen.* v, dec. 41 e 56.

(2) Cf. *Reg. Prov.* 10; *Rat. Stud.*: *Institutio eorum qui per biennium... theologiam repetunt.* — Em Evora prolongava-se o curso de theologia até cinco annos. Começou com quatro annos e dois professores; em seguida para mais esplendor da Universidade alcançaram novo lente e conseguiram entrasse o curso pelo quinto

Chegado a este ponto termina o Jesuita o seu periodo de estudante. Completou a sua formação intellectual, agora procure fructificar de modo que a semente lançada no espirito renda cento por um para sanctificação propria e dos seus semelhantes. Mas enquanto se esforça por desenvolver a semente e fazê-la germinar em flor e fructos, quero dizer, enquanto educa, ensina, prega, escreve, que immenso cabedal de conhecimentos não pode amontoar e não amontoa de facto um espirito methodico, laborioso e dedicado?

*

* *

Durante tres seculos foi este o processo, por que se formaram os Jesuitas e ensinaram em seus collegios e universidades. Em 1832 porém, mudada a orientação nos estudos, tambem a Companhia começou de aproveitar os melhoramentos, que o progresso dos tempos trouxe á instrucção, e, depois de muito consultar, modificou o *Ratio Studiorum* de 1599, conservando-lhe contudo não só os mesmos principios basilares da educação e as linhas fundamentaes do systema escolar, mas ainda uma boa parte das disposições particulares. Entretanto as modificações introduzidas accomodavam sufficientemente o programma de ensino ás exigencias razoaveis dos tempos modernos.

No curso de letras humanas louva-se encarecida-

anno a dentro; e já em 1610 o Visitador João Alvares ordenava e distribuia as materias pelos cinco annos e por tres professores. Cf. Paetler, II, pag. 74; Ms. da *Visita* do P. João Alvares, Tit. 8.º, C. 3.

mente e prescreve-se o estudo da lingua nacional, dando-lhe um lugar de honra ao lado das linhas classicas e recommenda-se o exercicio de composição continuo, o estudo dos melhores auctores vernaculos para a formação do estilo. Introduzem-se tambem aulas particulares de historia, geographia e mathematica elementar (1).

Na Philosophia franqueia-se largo campo ao estudo da physica, sciencias naturaes, chimica, astronomia, historia natural e mathematica superior, nem já se menciona Aristoteles como livro de texto.

Na Theologia é concedida mais liberdade ao professor para tratar as questões actuaes da apologetica, abrem-se escolas especiaes para historia ecclesiastica e direito canonico, e recommenda-se o estudo das linguas orientaes além do hebraico.

Desta maneira a Companhia de Jesus, sempre desejosa de aproveitar, para fazer bem á humanidade, o que o progresso das sciencias lhe vae offerecendo, tratou, apenas saída do sepulcro, de se vestir com os trajos modernos, mas honestos, que já encontrou em moda. Para não ser porém taxada de leviana em negocio de tanta monta, como é um systema de educação e ensino, donde depende o bem ou o mal da juventude, consultou por largo tempo, desde a primeira Congregação Geral celebrada em 1820, depois da Companhia restabelecida, até o anno de 1832, e, só depois de seriamente estudada a questão por alguns Padres escolhidos de varias provincias e para esse fim chamados a Roma no anno de 1830, pôde o P. Geral Roothan

(1) *Rat. Stud.* 1832, *Reg. Prov.* 23, § 2; *Reg. Prof. Rhet.* 1, 11; *Reg. Prof. Hum.* 1, 6.

em carta dirigida aos Superiores, Prefeitos de estudos e Professores a 25 de Julho de 1832, annunciar o novo *Ratio Studiorum* não já como lei definitiva, mas ainda sómente como systema provisorio (1). Nesta carta lastima-se o P. Roothan da multidão de systemas de ensino que por toda a parte pullulavam cada dia, mas tão inconsistentes, que tinham muito de aerio e apparatuso e pouco de solido, lançavam no esquecimento e desprezo disciplinas gravissimas, subministravam ás creanças e jovens uma infinidade indigesta de conhecimentos, e formavam por este modo uma turba arrogante de doutores precoces e perigosissimos para a sociedade humana. Systemas tão leviamente organizados repelle-os a Companhia de Jesus que no repartir a instrucção tem os olhos sobretudo na educação christã da mocidade e na solida formação de cidadãos prestimosos; e por este motivo determinou o mesmo P. Geral, segundo o parecer da commissão mencionada, com o conselho de seus assistentes, conservar o que no antigo *Ratio* a experiencia dos melhores engenhos mostrára ser bem estabelecido, e tomar dos novos systemas quanto não contrariava as exigencias de uma boa educação intellectual e moral (2).

(1) A commissão formada para accomodar o *Ratio* aos adeantamentos modernos dos estudos, compunha-se dos Padres Francisco Manera pela Italia, Vicente Garofalo pela Sicilia, João Loriquet pela França, José Van Heeke pela Allemanha, e Manuel Gil pela Espanha. Cf. Albers, *Liber Secularis Hist. Soc. Jesu* (Romae, 1914) pag. 324 segg.

(2) Vid. Carta Circular do R. P. João Roothan «ad Praepositos Provinciales, Rectores Collegiorum, Praefectos studiorum ac Professores...» Romae, 25 Julii 1832. Cf. *Rat. Stud.*... a G. M. Pachtler S. J. T. II, (Berlim 1887).

Mas o progresso dos estudos era assombroso no seculo XIX, os Jesuitas deviam, como sempre, acompanhá-lo; foram-se consequentemente accommodando, quanto o permittia seu Instituto, aos programmas dos melhores estabelecimentos de ensino, até que na Congregação Geral XXV, reunida em 1906, se discutiu ponderadamente sobre a importantissima questão de remodelar e fixar o systema de instrucção segundo as exigencias actuaes. O negocio apresentou-se complicadissimo e muito espinhoso. Porisso resolveu a Congregação que, sendo em nosso tempo tantas, tão varias e inconstantes as leis escolares, não se devia tratar da reforma do *Ratio Studiorum*, mas os Provinciaes, com o parecer dos melhores mestres, organisassem cada um para a sua Provincia ou para as varias regiões della, um programma de estudos e o submettessem á approvação do P. Geral, e que na redacção destes programmas se olhasse ao que pretende a Companhia nos seus Collegios, que é não só desenvolver harmonicamente todas as faculdades dos alumnos, mas tambem, e sobretudo, educa-los na fé, na piedade e nos bons costumes, acostumá-los á obediencia e a procederem segundo os principios da virtude (1).

Havemos de qualificar de acertada e muito prudente aquella resolução, que permite accomodar as leis do ensino e educação ás variadissimas circumstancias das diversas nações. A mesma Congregação deu normas, ajustadas ao espirito de S. Ignacio, segundo as quaes se havia de modificar o *Ratio Studiorum* para a formação particular dos membros da Companhia de Jesus. De

(1) *Congr. Gen.* XXV, Decc. 12.

todas ellas se vê o empenho desta Ordem Religiosa em formar os seus filhos solidamente sabios e não levianamente eruditos (1). Em consequencia destas determinações se elaboram por toda a parte e ensaiam novos programmas de instrucção, ao nivel das sciencias actuaes, com proveito não pequeno para a formação dos Jesuitas.

Na Provincia portugêsa tambem se redigiu e pôs em practica um novo programma de estudos preparatorios, em conformidade com as exigencias modernas, para a instrucção literaria da sua juventude.

(1) *Congr. Gen. XXV*, Decc. 12, 14.

CAPITULO IV

Grande actividade

As escolas dos Jesuitas eram recintos de vida, movimento e actividade. Quem, penetrando nos *Pateos* de seus Collegios lançasse um olhar curioso para dentro das classes de letras, veria colmeias humanas mansamente ruidosas, onde innumeras abelhas, occupadas variamente, se empenhavam na dulcissima e proveitosa tarefa literaria. Aí não se lhe deparariam ociosos, todos trabalham, mestres e discipulos. O mestre dirigia as pequeninas actividades e os discipulos attentos seguiam-no doces e animados, porque se cuidava em conservar o *interesse* em nivel sempre elevado, interesse tão encarecidamente recommendado nas pedagogias modernas, e já promovido intensamente pelos Jesuitas desde as primeiras estreias de suas escolas no seculo XVI. A multiplicidade e o attractivo dos exercicios escolares de composição, de desafios, de declamações, de sessões solennes não deixavam esmorecer o ardor juvenil. O *Ratio Studiorum* apontava o escolho: *o fastio é o que mais adormece a actividade dos jovens* (1). Por isso marcava

(1) *Reg. Prof. Cl. infer.* 20, 23. «Nulla... re magis adolescentium industria quam sactetate languescit.» *Const.* P. IV, C. VI, 13.

grande variedade de assumptos em que o engenho do alumno se devia exercitar com prazer. Nunca se largava mão da penna; cada dia se apresentavam composições de prosa ou verso que o mestre com paciente desvelo cada dia emendava. Cumpria-se a regra de S. Ignacio na quarta parte das Constituições.

Mas sobretudo a *emulação* estimulava os espiritos e os applicava com vigor ao trabalho. Nesta arte sobressaíram os Jesuitas, que, até na opinião de adversarios, a empregaram com destreza inegualavel para adeantar os seus alumnos. Arte legitima, fundada na natureza das creanças, defendida pelos resultados admiraveis da experiencia, e louvada pelos mais habéis pedagogos. Não falamos da emulação desregrada que alimenta as paixões viciosas, accende a ira e instiga a vingança, mas daquelle emulação que o *Ratio Studiorum* chama *honestae aemulatio*, nobre emulação, que apresente aos olhos, para seguir-se, não a *honra vã*, mas o sentimento da *honra verdadeira* que tem sido em todos os seculos movel de heroicos accommettimentos. Sentia docemente a força desta verdade o nosso epico ao escrever

Quam doce é o louvor e a justa gloria
 Dos proprios feitos quando são soados!
 Qualquer nobre trabalho que em memoria
 Vença ou iguale os grandes já passados.
 As invejas da illustre e alheia historia
 Fazem mil vezes feitos sublimados.
 Quem valerosas obras exercita
 Louvor alheio muito o esperta e incita (1)

(1) *Lusiadas*, C. v, Est. xcii.

A emulação não é em si mesma viciosa, e, como escreveu La Bruyère (1), do ciúme á emulação vai a mesma distancia que do vicio á virtude. Pode sim degenerar em ambição reprehensivel, se é desmedida, mas a este inconveniente, que o é aliás de muito sentimento nobre, procura obviar o *Ratio*, com estabelecer que se trate de infundir no animo dos alumnos o amor sincero da virtude e educá-los na solida piedade (2).

(1) Citado por G. Compayré, *Pedagogia Teoretica e pratica* (Torino, 1910) pag. 368.

(2) Não faltaram escriptores que impugnaram o *Ratio Studiorum* porque recommenda a emulação como estímulo para a sciencia e para a virtude; mas creio que mais força tinha com elles a moda ou mania de censurar quanto era obra de Jesuitas, do que a intima persuasão da immoralidade daquelle estímulo; porque afinal só o rejeitam pelos abusos a que pode dar origem. Mas a prudencia do educador saberá moderar a emulação de modo que não degenera; antes Fénelon escreveu que a emulação é um estímulo para a virtude, e Compayré, adversario acerrimo do methodo jesuitico, proclama que «em todos os tempos foi a emulação reconhecida e recommendada pelos pedagogos como um dos meios essenciaes para a educação» (*Pedagogia teoretica...* Lez. xi, 5). O cuidado de evitar excessos já o inculcavam as regras para os estudantes em 1560: «unde philautiam et inanis gloriae cupiditatem a se modis omnibus extirpare nitantur»; (Pachtler II, 169) e o desejo de alcançar victoria devia ser moderado pelo sentimento nobre da honra: «excitata contentione honesta vincendi» (Mon. Paedagogica, pag. 169). Mas a lei da emulação virtuosa já a promulgara S. Ignacio na quarta parte das Constituições, C. vi, L. «Para que mas se ayuden los estudiantes, seria bien poner algunos iguales que con *santa* emulacion se inciten». Confirme-nos a experiencia de um illustre pedagogo. «Au petit séminaire de Paris, j'ai vu le condisciple et l'émulation préparer et accomplir des miracles de zèle et de travail, et faire fleurir, parmi cette nombreuse jeunesse, toutes les branches des plus fortes études, en même temps que les plus solides et les plus aimables vertus. J'ai vu là des enfants,

Com esta resalva fomentavam largamente os Jesuitas a emulação nas suas escolas.

A aula dividia-se em dois partidos ou campos, cada um dos quaes arvorava a sua bandeira, que umas vezes tremulava triumphante, outras descia a meio pau abatida pela derrota. O estado maior de cada batalhãozinho formavam-no os alumnos mais distinctos. Os postos de honra eram conquistados nos desafios quando um soldado de graduação inferior provocava a combate literario outro de mais elevada posição ou em concurso por provas escriptas. Cada soldado tinha no campo contrario o seu emulo com quem se batia para assegurar o triumpho de todo o seu partido e ora perguntavam uns aos outros os alumnos, ora perguntava o professor a um dos emulos e o outro emendava. A victoria era coroada pela conquista de posto mais elevado ou por algum premio ou signal de triumpho. Os nomes das dignidades tomavam-se da arte militar grega ou romana (1). Era a Renascença que dominava (2).

dont les noms et le souvenir seront éternellement chers à mon cœur, je les ai vus s'écrier: *Je n'ai point d'ennemis, j'ai des rivaux que j'aime!* C'était la devise de leurs combats d'émulation. J'ai vu là des émules s'aimer tendrement, se combattre, se vaincre et se féliciter tour à tour; je les ai vus s'admirer, se chérir, se louer, s'applaudir mutuellement avec bonheur, ne pouvoir se passer les uns des autres: c'est qu'il y avait, chez cette généreuse jeunesse, la noble et pure émulation du bien, non la basse et odieuse envie». Dupanloup, *De l'Éducation*, II, (Paris, 1857) pag. 609.

(1) *Reg. Prof. Cl. inf.* 31.

(2) E' para notar a semelhança destes desafios com os que já nas suas escolas de Liège os Irmãos da Vida Commum empregavam para provocar a emulação dos alumnos. «...Liberum erat inferioribus contra superiores contendere, propositio themate, stilo aut dictione subita aut simili disceptatione. Si vinceret inferior, fiebat emo-

Desta maneira o espirito de emulação aviventava todos os exercicios escolares. Dos themas havia o professor de ler publicamente cada dia alguns dos melhores, ou tambem dos mais imperfeitos, para dar brios aos remissos e premio aos applicados. De quando em quando os alumnos de rhetorica e humanidades ornavam as paredes da aula com poesias suas para serem lidas dos que as visitassem (1). As repetições que se tornavam exercicios diarios e no fim da semana se generalizavam nas famosas sabbatinas, eram quase sempre animadas pelos desafios.

Algumas vezes no anno solennizavam-se mais estes torneios escolares, quando uma aula desafiava outra para terreiro. Então o maior desejo da victoria accendia mais facilmente os animos.

Nem faltavam as sessões literarias em que os alumnos davam mostra dos progressos em que iam adeantando. Alternadamente os rethoricos e humanistas se convidavam quase cada quinze dias para assistirem á recitação de poesias e discursos, ou á exposição das prelecções; o que tambem no seu tanto imitavam os grammaticos. De quando em quando revestiam estas sessões mais solennidade e os rhetoricos recitavam numa sala ou na igreja poesias ou discursos de maior folêgo em latim e em grego, ou apresentavam tambem de quando em quando o simulacro de um julgamento

mutatio honoris et alter in alterius locum a rectore mittebatur: qui summus habebatur honos vincere adversarium, quemadmodum turpe erat vinci et loco cedere.» Fournier, l. c., pag. 18.

(1) Em Portugal mandou o já mencionado visitador J. Alvares que os discipulos de rhetorica e humanidades ornassem de dois em dois menses a aula com versos. Mss. da *Visita*, tit. 11, c. 2.

disputas que pela forma rigorosamente escolastica davam ao espirito precisão e clareza admiravel nas ideias, e aguçavam o intendmento para penetrar profundamente a força da argumentação contraria. "É difficultoso admittir, escreve Friederich Paulsen, que a idade media se tenha illudido sobre a importancia das disputas. De facto eram ellas capazes de dar ao espirito grande precisão e pasmosa habilidade de perceber os argumentos" (1). Andavam ellas tanto em voga que formavam o principal e mais frequente exercicio dos estudantes, e Luís Vives pôde escrever em 1531: "Disputa-se antes do jantar, disputa-se depois do jantar, disputa-se em publico, em particular, em todo o logar e em todo o tempo" (2).

A Companhia de Jesus comprehendeu bem a utilidade incontestavel deste uso e deu-lhe no seu methodo logar primacial. Estabeleceu as disputas sabbatinas, as mensaes e outras mais solennes; aquellas eram as repetições semanaes de algumas theses, as segundas abrangiam materia mais vasta e duravam até quatro ou cinco

(1) -Cit. por Fonek, *Le Travail scientifique* (Paris, 1911) pag. 8.

(2) Cit. por Fouqueray, II, pag. 703 — No Collegio das Artes de Coimbra, já antes de ser confiado aos Jesuitas, estava em pleno vigor o costume de disputar: "... Singulis diebus sabbathi fient publicae concertationes statim a prandio, etiamsi festum illa die occurrat"... Nem faltavam as disputas ordinarias de manhã e de tarde "... Ordinariae vero lectioni prius signum dabitur semihora ante octavam [de tarde ante tertiam] ... Post duas deinde horas dabitur signum praelectionibus finiendis et privatis disputationibus inchoandis, quae horam unam durabunt". *Statuta novi Regii Gymnasii*. Cf. Teixeira, *Documentos para a Historia dos Jesuitas em Portugal* (Coimbra 1889) pag. 32 segg.

horas, e as ultimas sobresaíam pela pompa exterior e pelo maior numero e distincção de convidados.

Tambem ao terminar do curso se escolhia de entre os mais abalizados algum alumno que publicamente defendesse conclusões de toda a theologia ou philosophia. Eram as disputas de maior alcance e mais pomposa solennidade. Em Portugal ainda se celebraram solennissimas quando já resoavam temerosas as ameaças do furor pombalino (1).

(1) Cf. *Rat. Studiorum, Reg. Praef. Stud.*, 12: «Hujusmodi autem actus oportet esse caeteris solemniores, et quanto maximo Nostorum, externorum Doctorum ac principum etiam virorum conventu celebrari.» Não faltam modernos escriptores que ridiculizem estas disputas, como velharias mofentas e inuteis da idade media, e para darem ao ridiculo alguma apparencia de razão, apontam as questões de ninharias em que ás vezes se gastava nas escolas um tempo precioso. Mas estes abusos da decadencia não prejudicam o methodo, que foi e é seguido por grandes intelligencias, como racional, proveitoso e sobretudo efficaz para apurar a verdade. S. Ignacio, homem que não se entretinha com bagatellas, o encarece nas suas Constituições P. 4. C. 6, n.º 10. «Cum perutilis sit, praesertim Artium ac Theologiae scholasticae studiosis, disputandi usus, intersint scholastici ordinariis scholarum... disputationibus.» Antes no mesmo capitulo manda que os estudantes, membros da Companhia, tenham cada dia disputas particulares além das communs nas escolas. Em Roma logo dos primeiros annos do famoso Collegio Romano se effectuaram solennissimas disputas e em tão larga escala que em 1566 duraram sete dias continuados. Em Portugal nunca esfriou o ardor destes certames scientificos. Em 1610 o Visitador J. Alvares ordenava que depois das que elle chama demonstrações literarias com composições, emblemas... se seguissem as conclusões celebres em cada anno por seu turno de casos, de curso, de mathematica, ou umas boas e graves declamações sem vestidos tragicos, e que o mestre de Mathematica além das sessões que lhe cabiam em turno, dêsse outras para fomentar o estudo desta sciencia. Nas conclusões publicas podia haver

*
* . *

Não se contentavam porém os Jesuitas com estes meios excellentes de adeantar os seus alumnos. Formavam ainda entre elles as *academias escolares*, modernamente muito preconizadas, mas que os Jesuitas ha tres seculos introduziram e mantinham florescentes em seus collegios. Eram ellas gremios literarios e scientificos, em que se reuniam estudantes distinctos por engenho e applicação para se especializarem nalgum ramo particular dos estudos. Os membros destas academias deviam ser o escol de todo o collegio; de modo que o academico se pudesse apontar a todos como exemplo de virtude, de diligencia no estudo e observancia da disciplina collegial. Por esta razão só se admittiam nellas, por via de regra, os congregados de Nossa Senhora. Como em tudo o mais, tambem aqui era a emulação fonte de vida e entusiasmo.

As academias eram três: uma para grammaticos, outra para rhetoricos e humanistas e a terceira para philosophos e theologos, a não ser que a multidão dos alumnos ou outra razão de conveniencia exigisse que se multiplicassem. O governo interior dellas era meio monarchico e meio democratico. O Superior do collegio nomeava o director dentre os professores ou padres da casa, os restantes dignitarios, presidente, dois consultores e secretario eram eleitos pelos membros da academia

charamelas, não musica de vozes, que nas declamações se permitiria, sendo a letra e a toada honesta. Cf. Ms. da *Visita...* tit. 11, c. 2.

em escrutinio secreto. De quando em quando reunia-se a consulta da mesa directiva ou de todos os academicos para se tratar do bem da corporação. Nas sessões ordinarias ou se repetiam ou se aprofundavam os estudos já feitos nas aulas. Nas academias de grammatica explicava-se algum auctor mais elegante e attrahente; acaloravam-se as repetições com desafios, exercitava-se o estilo, repetia-se do pulpito a prelecção da aula, accrescentada de notas e alguma prefaçãozinha; numa palavra variavam-se os exercicios de modo que aquella reunião de pequeninos academicos fosse ao mesmo tempo proveitosa e interessante. Nas academias de rhetoricos e humanistas procurava-se igualmente pela variedade e interesse de occupação fomentar o entusiasmo dos estudantes. Declamavam-se obras literarias compostas pelos academicos, debatiam-se theses com arengas que as defendiam ou impugnavam; imitavam-se no estilo composições inteiras de oradores e poetas; compunham-se dialogos, poemas, tragedias; improvisavam-se discursos sobre assumpto dado para explorar a força da invenção; distribuiam-se livros entre os academicos para cada um extrahir e commentar trechos escolhidos.

Nas academias dos theologos e philosophos repetiam-se as materias estudadas, disputava-se para as penetrarem mais profundamente, ou tambem compunha um academico uma dissertação erudita sobre alguma questão particular e a recitava do pulpito. Tal era o emprego das sessões ordinarias. Além destas cada academia dava por sua vez uma sessão publica e apparatusa para que solennemente, como em parada literaria, se passasse revista ao aproveitamento conseguido e se alentassem com brios novos os animos dos academicos.

Não ha quem não apalpe com as mãos a utilidade

e alcance destas instituições (1). Muito acertadamente escreveu a este proposito B. Duhr: "O estudante deve aprender a empregar bem e com proveito os momentos que lhe restam livres das aulas, das obrigações e conveniente recreação. Desde os primeiros assomos da idade juvenil deve interessar-se pelos bens espirituales da humanidade; pela virtude e sciencia e occupar-se delles ainda por iniciativa propria; que a espontaneidade, a actividade e a energia são os tres segredos do progresso intellectual, quer se trate de virtude, quer de sciencia ou de arte. Ao mesmo tempo estes exercicios academicos são bom ensaio para a actividade futura do professor e para o valor scientifico do sabio; acostumam a versar as questões da sciencia e dão habito de exactidão nas investigações" (2).

(1) Schimberg, pag. 332, não duvidou affirmar que «Ces Académies scolaires donnèrent naissance aux Académies provinciales et peut-être même suggérèrent-elles l'idée de la fondation de l'Académie française».

(2) Duhr, *Die Studienordnung*, pag. 128, segg.; Fonek, *Le Travail scientifique*, pag. 10; Schimberg, *L'Éducation morale*, pag. 331; Herman, *La Pédagogie des Jésuites*, pag. 91. Cf. as regras das diversas academias no *Ratio St.* de 1599 e de 1832. Cf. *Institutum S. J.*, *Reg. Prov.*, 8; *Reg. Rect.*, 7. — Todos estes meios de adeantamento literario e scientifico nem sempre se empregaram devidamente na practica, nem se tirava delles o proveito que justamente se esperava. Em todas as coisas ha epochas de prosperidade e de decadencia. Além de que nem sempre os professores eram, como seria para desejar, idoneos para manejar todos estes instrumentos de actividade, e succedia que uma ou outra vez se descuidava a observancia destes aureos preceitos. Esta observação indica-nos que devemos attribuir não ao methodo, mas a descuido, o resultado menos lisonjeiro de algumas escolas.

*
* *
*

Outro meio, tambem efficacissimo, empregavam os Jesuitas para a formação de seus alumnos. Eram as representações theatraes, que devemos olhar pelo lado moral e literario, pois é certo que por ambos, sobretudo pelo moral, tem poder magico para fazer impressão profunda no coração da juventude. Aqui não se liam sómente as obras literarias e as acções moraes: viam-se com os olhos, recebiam-se pelos ouvidos, viam-se, executavam-se realmente tanto pelos actores, como tambem pelos assistentes, que arrebatados pela representação, entravam nos affectos, nas intenções dos que representavam e nas acções que se realizavam. É esta a força empolgante dos bons theatros. Os exemplos arrastam. Sendo pois tamanha a efficacia deste meio pedagogico para as letras, para o vicio e para a virtude, os Jesuitas lançaram mão d'elle para verberar o vicio, promover as letras e sobretudo para incitamento a ideias nobres e acções virtuosas. Não o inventaram elles, encontraram-no em uso nos collegios, aproveitaram-no. Quando elles appareceram, já nos estabelecimentos de ensino florescia a arte dramatica. Nomeadamente em Paris e Strasburgo os estudantes subiam de quando em quando á scena transformados em actores, que nem sempre guardavam as leis do commedimento e decoro. Ainda antes de ser o costume sancionado no *Ratio Studiorum*, já os collegios da Companhia recreavam e instruiam seus alumnos com espectaculos (1). Umas

(1) Rebello da Silva na *Historia de Portugal* v, pag. 288, es-

vezes sem apparato dentro das paredes das aulas e nas sessões literarias representavam-se pequenas peças dramaticas, quase sempre dialogos, outras com vistosa pompa de enxoval e numerosa assistencia de convidados se davam á scena dramas e tragedias de maior fôlego.

Em Portugal já em 1556 se representou um drama, intitulado *Acolastus*, que quer dizer Prodigio, com tamanha acceitação dos espectadores, que, segundo escreve testemunha de vista, "pediam todos se repetissem com frequencia representações deste genero, sobretudo os estudantes, que nessa especie de entretenimentos se deleitavam sobremaneira e se enthusiasmavam quanto se póde dizer" (1). Em 1559 tambem despertava applausos a tragedia sobre o Rei Saul, como parte das grandes festividades com que desde o primeiro de Novembro

creve que «foi provavelmente em 1550, para celebrar a vinda a Coimbra de El-Rei D. João III, seu protector, que os Padres do Collegio das Artes ensaiaram a primeira peça recitada pelos estudantes na presença do Monarcha». Era cedo de mais. Os Jesuitas só em 1555 receberam a direcção do Collegio das Artes.

(1) Mon. Hist. S. J. *Litt. Quad.* IV, pag. 456. Carta do P. Francisco de Varea de 1 de Set. de 1556. Este drama ou comedia, estreia da arte dramatica dos Jesuitas portugueses, foi representado no Pateo do Collegio de S. Antão em Lisboa. Armou-se alli um paleo bem proporcionado, que se ornou com magnificencia: as paredes em volta vestiram-se de colgaduras e as columnas do peristyllo de preciosa tapeçaria; quadros de boa pintura, suspensos a entrevallos, davam realce á ornamentação. Para amenizar a execução da peça, não faltou musica muito escolhida de vozes e instrumentos. Os pequenos actores — os mais idosos não passavam de 13 annos — houveram-se com tanto garbo, que arrancavam dos espectadores já riso, já lagrimas, conforme os affectos, que se exprimiam na acção. Foi uma novidade deliciosa para o povo de Lisboa. Assim o conta o mencionado P. Francisco de Varea na carta datada do mesmo Collegio de S. Antão. Cf. *Litt. Quad.*, pag. 455-457.

se celebrou a erecção da Universidade de Evora; e depois se continuou sem interrupção até nossos dias o uso de representações dramaticas, já para realçar o brilho de solennidades escolares, já tambem para festejar personagens distinctas ou sómente para recreação proveitosa dos alumnos.

Como principalmente se tinha em vista a educação moral, os assumptos eram na sua maioria religiosos, tirados da Escripura Sagrada ou da Agiographia christã, conforme o Instituto da Companhia, que só os approvava para a scena sagrados ou piedosos e limpos da mais pequena sombra de indecencia (1).

Accentua a recommendação de boa moralidade nas representações theatraes o P. Jouvancy, o interprete official do *R. Studiorum*. "A tragedia deve contribuir para a formação dos costumes. Consequentemente escolha o poeta os assumptos no vasto e fertilissimo campo das Escripturas e annaes ecclesiasticos, onde encontrará farta abundancia de acontecimentos maravilhosos e riquissimos de ensinamentos. O assumpto escolhido, qualquer que elle seja, apresente-se de maneira que em nenhuma coisa desdiga da madureza e gravidade de um poeta christão" (2).

(1) *Institutum S. J., Reg. Prov.* 58: «Comoedias et tragoedias rarissime agi permittat, et non nisi latinas ac decentes, et prius aut ipse eas examinet, aut aliis examinandas committat: eas vero, atque alias id genus actiones, in ecclesia fieri omnino prohibeat». *Ratio Stud., Reg. Rect.* 13: «Tragoediarum et comoediarum, quas non nisi latinas ac rarissimas esse oportet, argumentum sacrum sit ac pium: neque quidquam actibus interponatur, quod non latinum sit et decorum; nec persona ulla muliebri vel habitus introducatur». — Esta regra 13 foi supprimida no *Rat. Stud.* de 1832.

(2) *De Ratione discendi...* P. I, C. II, § 2.

Tomadas estas precauções vinha a ser o theatro um dos energicos factores da boa formação dos alumnos. Desenvolviam-se por um modo sobremaneira agradável todas as faculdades e aptidões dos discipulos; aprimorava-se o gosto esthetico, exercitava-se a memoria, educava-se a voz e o gesto, regulava-se todo o menceio exterior e ganhava-se confiança e desembaraço para apparecer em publico, infundia-se amor ao trabalho pelo prazer legitimo de um bom resultado e despertavam-se nos animos os sentimentos finos ou generosos dos heroes christãos, dos defensores da patria e dos grandes exemplares de virtudes domesticas (1).

“Não cuidemos, escreve Schimberg, que as representações theatraes eram para elles [Jesuitas] um divertimento, uma distracção, um passatempo intellectual. De modo nenhum; os esforços que se dispendiam nellas, não estariam em proporção com um fim tão pouco elevado. Os Jesuitas consideravam o theatro uma verdadeira instituição e a scena uma continuação da aula, da capella... o verdadeiro, o bello e o bom era o que elles se propunham fazer amar, misturando, já se vê, o util com o agradável” (2).

(1) Esta feição educativa do theatro era antiga e bem conhecida, como se vê no plano de estudos de 1529 do Convento dos Carmelitas em Strasburgo, onde se lê: «Quia jam crebris experimentis perdidicimus, ut in aliis rebus ita et in dicendo exercitationem plurimum valere, tum praesertim ad audaciam parandam, pro consuetudine nostra pudicas comoedias et tragoedias recitamus, idque in publico, ut non tam dicendo exercitati evaderent pueri, quam ut discant etiam coram plebe et in coetibus audacter loqui». Fournier, T. IV, pag. 8.

(2) *L'Éducation*... pag. 369.

Falta a corôa dos trabalhos escolares, o dia da premiação solenne, a esperança dos alumnos diligentes e o incentivo dos descuidados. Os premios olhados num futuro proximo por entre os labores de um estudo serio, e entregues pela mão de uma personagem illustre no meio dos applausos da assemblea, sorriam aos mais applicados, assim como a vergonha de se imaginarem excedidos podia estimular o desleixo dos indolentes. Era pois um meio de justa emulação, os Jesuitas não o desdenharam; não o introduziram como novidade, apenas lhe augmentaram a pompa e redobram a efficacia para o adeantamento dos estudos (1).

O Geral da Companhia Diogo Laynez auctorizou em Roma as premiações solennes e celebrou-se a primeira no Collegio Romano em 1564 (2).

(1) Na primeira Congregação Geral da Companhia, realizada em 1558, propôs-se a questão se convinha dar premios para incitamento ao estudo e respondeu-se pela parte affirmativa: «Petebatur etiam an essent proponenda et danda munuscula quaedam, quae praemia vocant, scholasticis externis, ut ea ratione inflammarentur ad studia litterarum. Placuit proponi et dari...» Decr. 123. Mas antes dos Jesuitas já se premiavam os estudantes e se lhes distribuiam os premios com alguma solennidade. Usavam-no entre outros nas escolas de Liège os Irmãos da Vida Commum, na promoção solenne dos alumnos, como se deprehende do plano de estudos que J. Sturm introduziu na Universidade de Strasburgo. Cf. Fournier, *Les Statuts*... I. c. pag. 18; Herman, *La Pédagogie des Jésuites*, (Louvain, 1914), pag. 90. Errou consequentemente o Sr. A. de Campos quando escreveu na *Educação e Ensino* (Porto, 1911), pag. 258, 259, que «a instituição dos premios destinados a alimentar a vaidade [sic!] como estímulo (*honestae aemulatio*) é também um invento da Companhia, hoje radicado e generalizado...»

(2) Sachini, *Historia S. J.*, P. II, L. 8, n.º 38; Cf. Fouquet-ray, T. II, appendice.

a animação de suas escolas. Uma victoria sobre o adversario, uma repetição de maior fôlego, um thema que se avantajasse, dava occasião facil a estes signaes de bevo-lencia (1).

Tão grande efficacia para o aproveitamento tinham, no parecer dos Jesuitas, estas premiações, que até as ordenaram alguma vez para os estudantes membros da Companhia, que geralmente excediam os dezasete annos de idade. Assim em 1610, se ordenára na Provincia portuguesa, que todos os annos na festa de S. Ignacio se fizessem composições publicas e universaes de prosa e verso, em latim, grego e hebraico, e que nas ferias se repartissem os premios, não contudo de muito preço nem curiosidade, e que os de grego e hebraico fôsem sempre avantajados (2).

(1) *Rat. Stud., Reg. Praef. Cl. infer.* 36. «Det quoque operam ut, praeter publica praemia, privatis etiam, quae Rector Collegii supeditabit, praemiolis, vel signo aliquo victoriae, Magistri in sua quisque schola discipulos excitent; cum vel adversarium vincendo, vel totum aliquem librum repetendo memoriterve reddendo, vel illustre aliquid ejusmodi agendo in dies, commeruisse videbuntur.» Tal era o uso, mais antigo, no Collegio das Artes de Coimbra, como se depre-hende do que escreve o P. Pedro Perpinhão no seu opusculo, atrás mencionado, sobre o methodo de ensino naquella collegio. «...prae-mia potius proponenda sunt, si quid memoriter omnium optime reci-tarint, si quod verbum melius, quam alii declinaverint, si ceteros aut scribendo, aut reddenda eorum quae audierint, ratione, aut explanandi cum elegantia, tum facilitate copiaque superaverint.» *Petri Perpiniani Opera* (Romae, 1749) T. III, pag. 110: *De ratione liberorum instituen-dorum...* C. IX.

(2) P. João Alvares, Ms. da *Visita*, tit. II, c. 11, n.º 17.—E interessante o que a este proposito deixou em memoria no T. I da sua *Ars Poetica* (Veneza, 1781) pag. 335, o P. Manuel de Azevedo, entrado na Companhia em 1728: «In Provincia lusitana Rhetores primi anni in uma aula, Rhetores secundi anni in alia, in tertia Phi-

De todo este discurso tiramos a conclusão de que nas escolas dos Jesuitas trabalhavam com ardor discipu-los e mestres e que se empregavam meios adequados para a educação moral e formação literaria e scientifica.

losophi conveniebant Dominicis Julii... ibi dato argumento seorsim scribebant. Quinque erant certamina: 1. Compositio Oratoria, 2. Heroica, 3. Elegiaca, 4. Epigramma, 5. In lingua graeca. Non subscri-bebatur nomen, sed Praefectus Studiorum appositis numeris nomina apud se servabat. Judices a Rectore eligebantur et mense Septembri coram omnibus praemia distribuebantur primum et secundum. Unde singulis annis triginta praemia. Ego hoc inivi certamen quinque annis, quinquies in anno; unde viginti quinque vicibus duodecim obti-nui praemia».

CAPITULO V

O Professor

O ideal que se propôs S. Ignacio é sublime, o systema de instrucção pareceu-nos solido e bem ordenado, os meios pedagogicos são abundantes, faceis e apropriados. Como empregar estes meios, como realizar o systema para attingir o ideal? "Tudo depende do professor", dizia o experimentado pedagogo P. João Bonifacio resumindo nesta só phrase quanto tinha que expor ácerca do melhor methodo de ensinar a rhetorica. Se o professor sabe, se tem methodo, se possue as qualidades moraes e pedagogicas necessarias ao elevado ministerio que desempenha, poderá fazer maravilhas ainda nos talentos medianos; se lhe escasseiam aquelles dotes, inutilizará talvez os maiores engenhos. "Não esqueçamos, disse um professor eminente, que nas tentativas interminaveis de reformas pedagogicas, que ha trinta annos desconcertam o nosso ensino secundario, por demais se esquece que o principal, quando se trate de livros, de programmas e de methodos, é ter bons professores" (1).

(1) J. Bainvel, *Comment enseigner la Théologie*, Etudes, 1908, T. 117, pag. 85.

A Companhia de Jesus esteve sempre convencida plenamente desta verdade desde os principios da sua fundação. S. Ignacio nas Constituições repetidas vezes recommenda que os professores sejam “idoneos”, “eruditos”, “doutos, diligentes, assíduos no trabalho e solícitos do adeantamento dos discipulos, tanto nas lições como nos demais exercicios literarios” (1). É um facto comprovado pela historia que a Companhia de Jesus procurou satisfazer as intenções do fundador e attribuiu em todo o tempo decidida importancia á formação dos professores que em seus collegios haviam de ensinar e educar a juventude. “Sob este respeito, escreve Schimberg, fez a Companhia de Jesus progresso enorme na educação e adeantou-se ao seu seculo” (2).

Primeiro que tudo inculcava-lhes a dignidade de um professor christão. Este devia considerar o alumno como deposito sagrado que lhe confiava Deus, a familia e tambem a sociedade, segundo o pensamento do *Ratio Studiorum* de 1586. Havia nesta entrega um como que nobilissimo contracto em que o professor tomava sobre si a obrigação de, quanto estivesse da sua parte, restituir a Deus um homem profundamente compenetrado dos principios religiosos, á familia um filho bem formado e á patria um cidadão prestimoso. “O mestre christão, escreve o commentador do *Ratio Studiorum*, deve trazer muita vez á consideração a importancia do seu cargo, as obrigações que lhe impõe o serviço de Deus, o cuidado dos alumnos que lhe encomendaram,

(1) *Constit.*, P. IV, C. VI, 6; C. XII, 2, 3.

(2) «Sous ce rapport, elle fit faire un progrès énorme à l'éducation et devança son siècle». *L'Éducation*, pag. 40.

o bem do Estado e da cidade onde ensina... Mestres, vós daes aos homens a coisa mais bella que lhes podeis dar, illuminaes a intelligencia e educaes os filhos de Deus. Homens, respeitae o homem e não desprezeis essa natureza que o Creador do mundo fez sua. Essas creanças teem dignidade de reis. Olhae nellas a Christo que as resgatou pela cruz...” (1). Estes pensamentos não ha duvida que são capazes de influir no animo dos professores alta estima da sua profissão e de os levar a corresponder-lhe dignamente para tanto bem dos alumnos e da sociedade. “A educação da puericia é a renovação do mundo”, disse com profundeza o citado pedagogo João Bonifacio—*Puerilis institutio est renovatio mundi*—; e anteriormente recordava tambem aos professores da Companhia uma regra antiga que “fizessem do emprego que se lhes commettia, a estima que se deve ter de uma coisa muito importante e necessaria á salvação do mundo” (2).

Depois de lhes apontar para a sublimidade do encargo que lhes ia confiar, tratava a Companhia de Jesus de os formar segundo as exigencias da sã pedagogia. Benci, auctorizado pedagogo jesuita do seculo XVI, requeria no professor tres qualidades absolutamente necessarias: *Scientia, Prudentia, Fides*. Na sciencia incluia os conhecimentos precisos das materias do ensino; pela prudencia entendia o methodo e tino para o applicar e na lealdade comprehendia o conjuncto de dotes

(1) Jouvancy, *De Ratione discendi et docendi*, C. III, § III.

(2) “... Ogn' maestro farà quel conto dell' offitio che egli è comesso, che far si deve de una cosa molto importante et necessaria alla salute del mondo». *Mon. Paed. S. J.*, pag. 626.

moraes que tornam um mestre perfeito (1). Todas estas qualidades procurava, segundo suas leis, a Companhia de Jesus que as tivessem os professores dos seus collegios e universidades.

*
* *

O noviciado é a primeira escola, onde começa a lhes dar aquella forma e feição moral que depois os ha de tornar guias seguros e modelos da creança inexperiente. Alli durante dois annos os ensina a estudarem-se a si mesmos e a penetrarem nos recantos mais intimos do seu coração, para saberem mais tarde conhecer o coração humano; obriga-os suavemente a combater e refrear suas paixões, para que, conseguindo dominar-se, sejam senhores de si em todos os contratempos e nada no seu porte exterior chegue a destoar da madureza que deve revestir e auctorizar a um educador; põe-lhe deante dos olhos a Jesus o ideal sublime da dedicação para com o proximo indigente a fim de que lhe vá brotando na alma o amor que é a fonte dos generosos sacrificios inherentes á missão de educar; numa palavra procura fazê-lo santo, que só um santo é digno de que se lhe confie a innocencia das creanças para a guardar e robustecer. Sentiu bem e comprehendeu a força educadora do noviciado o conhecido literato allemão Miguel Denis, que por estas palavras, se expressa: "Ter sempre a Deus deante dos olhos, apprender a avaliar as coisas terrenas pelo que ellas valem, viver não para seus proprios interesses mas para o bem de muitos, aju-

(1) Benci, *Orationes*, pag. 198-208.

dar ao proximo de palavra e pelo exemplo, por isso dominar as inclinações desordenadas para a sensualidade, para o orgulho, para a ira, dispor-se a fazer frente a todas as contrariedades, subjugar o proprio capricho, obedecer de boa vontade aos superiores, amar o recolhimento e o silencio, pensar e falar sempre modestamente de si e de suas coisas, levar com paciência as descortesias alheias, não consentir assomos de inveja nem offender a honra de outrem, contentar-se com o menos, e quanto finalmente ensina a sabedoria christã, tudo isso pairava cada dia deante do meu espirito, tudo isso procurava eu realizar em mim nas frequentes meditações" (1).

Esta preparação moral não a termina a Companhia com o noviciado; prosegue-a durante a longa carreira dos estudos, emquanto leva o religioso a não dar treguas á lucta com as paixões, a ampliar e fortalecer a virtude e a esforçar-se com empenho constante por approximar-se do seu ideal de perfeição e santidade. Uma das grandes vantagens desta lenta e seria formação é a experiencia que se alcança da psychologia humana. "A practica da vida interior, escreve justamente Schimberg, contribue para dar aos que della se alimentam, não só

(1) *Michel Denis' litterarisches Nachlass* (Wien 1801), 28, cit. de Duhr, *Die Studienordnung der Gesellschaft Jesu* (Freiburg 1896) pag. 36. — O P. Miguel Denis nasceu em 1729, entrou na Companhia em 1747 e falleceu em Vienna em 1800. É muito para notar o contraste que apparece entre esta descripção do noviciado da Companhia e a que delle fazem outros escriptores como, por exemplo o Sr. Lucio de Azevedo na *Revista de Historia*, Julho-Setembro 1916, pag. 238 e segg. Vae muito de escrever experiencias proprias a reproduzir o que disseram outros, talvez nem bem informados nem imparciaes.

o habito do recolhimento e do senhorio proprio, mas tambem um conhecimento profundo do coração humano... Um educador é necessariamente um psychologo. Como trabalhar na alma da creança, se não se conhecem as energias, os defeitos e os recursos maravilhosos que possui? Sob este respeito é a vida religiosa uma escola de primeira ordem, e S. Ignacio, esforçando-se por a reconduzir á sua pureza primitiva, prestou serviço á causa da educação" (1).

*
* *

Mas é preciso tambem iniciar directamente os professores nas regras da pedagogia e ensiná-los a pôr em practica o methodo que hão de seguir. Quando se vem chegando o tempo de entrar no professorado, é occasião de lhes dar lições que de proposito e mais proximamente os disponham para o novo ministerio. Por isso homem experimentado na arte pedagogica deve consoante as leis da Companhia encarregar-se de instruir practicamente o novo professor acerca da maneira de dirigir com proveito a aula e de desempenhar a primor os varios encargos de um bom mestre (2). A execução desta regraurgia-a o P. João Alvares em Portugal ordenando no seu memorial de Visitador que "principalmente nos collegios de Coimbra e Evora houvesse um Padre practico no ler humanidades, que adestrasse os Nossos que hão de começar a ser mestres" (3).

(1) *L'Éducation*, pag. 40, 41.

(2) *Ratio Stud.*, *Reg. Prov.* 30; *Reg. Rect.* 9.

(3) *Ms. da Visita*, Tit. 2, cap. 11.

Ao subir pois á cadeira professoral, o novel Religioso não entrava ás escuras, mas encontrava tambem a dirigir-lhe a actividade a luz de regras prudentes sobre a maneira de tratar os alumnos. Havia de ser para todos elles um exemplo constante de virtude que os attrahisse e guiasse docemente para a piedade, havia de ser cuidadoso e perseverante na preparação das aulas, zeloso do adeantamento dos discipulos, igual para todos sem preferencias affectuosas, não desprezador de ninguém, mas amigo e protector dedicado de pobres e ricos sem distincção; não impaciente, nem arrebatado no castigar, não minucioso em pesquisas, mas de animo largo que sabe dissimular, quando não ha perigo, em tudo porém mantenedor firme da disciplina escolar (1).

Além destas regras mettiam-lhe os superiores na mão aureos livros de pedagogia que os aperfeiçoavam na arte difficullosa da educação humana. A todos sobrelevava a obra do P. Jouvancy elaborada por ordem da Congregação Geral XIV, decreto 10, para direcção dos professores de letras. Divide-se em duas partes: a primeira trata do modo de adquirir instrucção, *ratio discendi*, e a segunda familiariza o professor na arte do

(1) *Ratio St.*, *Reg. Prof. Cl. infer.*, 10, 30, 40, 47, 50. A regra 39 é como segue: «Disciplinam omnem nihil aeque continet atque observatio Regularum. Haec igitur praecipua sit Magistri cura, ut discipuli tum ea quae in eorum Regulis habentur, observent, tum ea quae de studiis dicta sunt, exsequantur; quod spe honoris ac praemii, metuque dedecoris, facilius quam verberibus, consequetur.» A 50 diz assim: «Sit denique in omnibus, divina aspirante gratia, diligens et assiduus, profectus studentium, tum in lectionibus tum in aliis litterariis exercitationibus, studiosus. Contemnat neminem, pauperum studiis aeque ac divitum bene prospiciat, profectumque uniuscujusque e suis scholasticis speciatim procuret.»

ensinar, *ratio docendi*. Desde então foi considerada commentario official do *Ratio Studiorum*, e tida como primoroso manual de pedagogia christã e humanistica (1).

Mas para lhe guiar os passos ainda inexperientes não tinha o novo professor somente a letra morta das leis que o illuminassem; achava-se cercado de uma bem travada jerarchia de que elle fazia parte, para receber tambem o impulso geral que movia todo o collegio, e a vida que o animava. Desta maneira suppria com experiencia alheia o que lhe faltava de practica. A direcção paternal do Superior, os conselhos e exemplos de irmãos que se empenhavam na mesma tarefa laboriosa da educação, eram para elle luz, guia e incitamento. No alto da jerarchia campeava o Reitor do collegio, a quem incumbia particularmente a obrigação de manter e fomentar a animação alegre e activa dos professores (2).

(1) *Magistris scholarum inferiorum de Ratione discendi et docendi* (Florentiae, 1703). Desta obra de Jouvancy escreve Voltaire no *Siecle de Louis XIV*: «Son livre *De Ratione discendi et docendi* est un des meilleurs qu'on ait en ce genre», cit. por Schimberg, *L'Éducation*, pag. 39. São dignos de menção entre outros os livros pedagogicos de Sacchini S. J., o historiador da Companhia: *Protrepticon et Paraenesis ad Magistros scholarum inferiorum Soc. Jesu* (Romae, 1625); de Franz Wagner S. J., *Instructio privata... pro sex humanioribus classibus in usum Magistrorum* S. J., 1735; e o de Franz Kropf S. J., *Ratio et via recte atque ordine procedendi in literis humanioribus aetati tenerae tradendis*, 1736.

(2) *Rat. Stud., Reg. Rect.* 19: «Studeat diligenter caritate religiosa Magistrorum fovere alacritatem, curetque ne muneribus domesticis gravius onerentur.» O *Ratio* de 1586 inculca esta regra ainda com maior encarecimento: «Tandem illud universim habendum est, Rectoribus nihil antiquius, nihil optabilius esse debere quam

Immediatamente se lhe seguia o Prefeito Geral dos Estudos, que era o braço direito do Reitor para a organização do ensino e o bom andamento das aulas; logo o Prefeito das classes inferiores subordinado ao Prefeito Geral; depois o Prefeito do Atrio encarregado de vigiar a disciplina no Pateo das escolas e por fim os varios professores, sacerdotes e escolasticos todos unidos entre si e com a cabeça pelos laços communs da dependencia jerarchica de uma auctoridade (1).

Protegido e animado por esta jerarchia, com regras tão prudentes e minuciosas e preparação tão vagarosa e solida se formava o professor dos collegios, que não é maravilha pudesse vir a ser pedagogio eminente.

*

* *

Quanto á formação scientifica não era menos desvelada a Companhia de Jesus. Seguia o Jesuita o curso inteiro do *Ratio Studiorum*, mas sobre isto era ainda cultivado e formado com mais particular empenho.

ut... praeceptorum conservent hilaritatem et in ea posita esse praesidia omnia scholarum bene gerendarum». Pachtler, II, pag. 146.

(1) *Rat. Stud., Reg. Prov.* 2, 3; *Reg. Rect.* 22.— Nas universidades havia ainda algumas vezes o Cancellario (*Reg. Praef. Stud.* 2). Em Coimbra, escreve o P. Antonio Cordeiro em 1716 no seu *Loreto Lusitano*, pag. 115, que o «Padre Prefeyto, que os Estatutos chamam Mayoral, decano de Theologia... fas as vezes de Cancellario»; e Telles na *Chronica*, II, pag. 697, tem para o anno de 1556 que «no Collegio de bayxo, a que chamavam Collegio das Artes, era superior o P. Miguel de Sousa... o qual juntamente era Prefeyto de Estudos, que então chamavão Principal, ao modo parisianno...»

O curso ordinario como se fazia em Portugal em 1716 assim o descreve o P. Antonio Cordeiro: "Os que entram na Companhia, indo já em 15 annos, por mais que saibão ler, escrever e contar, lhes determina hora nos dous annos de Noviciado para cada dia nas ditas se reformarem; e aos que entram bons latinos os torna a mandar, em acabando o Noviciado, a reformar-se em latim, grego e hebreo por outros dous annos", depois segue-se a "Philosophia por quatro annos e se della sahem approvados os manda então ler e ensinar Latim, Poesia e Rhetorica por tres, cinco ou seis annos, logo o quadriennio de Theologia..." (1)

Além das lições communs nas escolas publicas tinham os do curso de letras em casa, para se aperfeiçoarem, exercicios especiaes de prelecções, composições e declamação dirigidos por mestre habil, e os que cursavam sciencias eram exercitados em particulares disputas e repetições (2). Sobretudo porêm aos que se destinavam para as cadeiras superiores, concediam-se-lhes, depois dos quatro annos de theologia, mais dois annos de estudo para aprofundarem as materias que haviam de ensinar. Antigamente especializavam-se em theologia durante este biennio, agora em qualquer dos ramos literarios ou scientificos (3). E que somma de despêsas

(1) *Loreto Lusitano*, pag. 210.

(2) *Ratio Stud.*, *Reg. Rect.*, 6, 10, 11.

(3) *Ratio Stud.*, *Reg. Prov.*, 10. — Já numa regra antiga, anterior ao *Ratio Studiorum*, se recommendava ao Prefeito de estudos que investigasse as aptidões particulares dos estudantes Jesuitas e procurasse que se especializassem no ramo de letras ou sciencias, para que tivessem mais talentos: «Studebit intelligere qua facultate ingenii valeant nostri, et ea ex parte curabit illos proficere; ut si

não fez sempre e faz sobretudo nos tempos modernos a Companhia de Jesus para formar estes especialistas!

Tal era, por assim dizer, o curso ordinario de formação. Mas a segunda Congregação Geral decretava em 1565, que onde e como se pudesse effectuar, se estabelecesse em cada Provincia um Seminario de professores para os haver sempre habilitados a qualquer dos ramos de ensino (1), e no *Ratio Studiorum* se recommendava ao Provincial que para fomentar o estudo das letras humanas e conservar na Provincia um como que viveiro ou seminario de bons mestres, se empenhasse em ter sempre dois ou tres professores insignes em humanidades e oratoria, que os formassem cuidadosamente (2). Duma maneira ou doutra como o davam as circunstancias, se punham em effeito estas leis.

quis ad eloquentiae studia idoneus sit, eum curabit accuratius et diutius humanioribus literis et oratoriae arti operam dare... Eadem erit cura si quis ad poesim judicaretur esse habilis, si quis ad litteras graecas, si quis ad philosophiam, si quis ad scholasticam theologiam, sive ad eam, quae studio constat sacrarum literarum et doctorum, tum conciliorum et ejus juris canonici partis, quae spectat ad theologiam». *Mon. Paed. S. J.*, pag. 133.

Em 1653 recommendações analogas fazia ás duas Provincias de Portugal o Visitador P. João Brisacier: «Ad provinciae splendorem et obedientiae exercitium omnino necessarium est, ut superiores diligentissime talenta singulorum explorent et post studiorum finem vel tertium probationis annum seligantur applicandi, alii ad conciones, alii ad scientias speculativas, alii ad casus conscientiae, alii ad mathematicas disciplinas, alii ad rhetoricam, linguas et humaniores litteras diutius tractandas juxta regulam 27 Provincialis». Arch. di Stato, Roma, Ges. Collegi, maço 152: *Ordinationes Rev. di Patris Joannis de Brisacier visitatoris Lusitaniae pro utraque Provincia*, Cap. 1, n.º 6.

(1) *Instit. S. J.*, Cong. II, Dec. 9.

(2) *Ratio Stud.*, *Reg. Prov.* 22.

Em Portugal já em 1569 se colhiam fructos desta instituição com o seminario organizado no collegio de Coimbra pela actividade do P. Cypriano Soares. "Del Seminario de Maestros que se a instituido aqui en Coimbra, escreve elle para Roma ao P. Diogo Mirão, V. Rev. avra visto ya la orden y reglas que tienen. En poco tiempo pasan muchos libros y se van haziendo diestros y tomando modo de leer; y quando salen en publico, ya parecen con satisfacion y edificacion". E pouco depois encarecendo o empenho que se ha de ter com o progresso dos estudos, lembra ao Geral S. Francisco de Borja ser preciso "tenerse mucho cuidado y cuenta con un Seminario de Maestros que se instituo en Coimbra, en el qual se ve notable provecho... Con esto no solo avra maestros, mas maestros idoneos y exercitados y conocidos para quanto son, y con exercitarse en este exercicio por la mañana oyen liciones de theologia a la tarde" (1).

Muitas vezes com academias especiaes se dava tambem execução a estes desejos da Companhia. Na regra setima do Reitor se lhe ordena que estabeleça academias de grego e hebraico para ter mestres habilitados a ensinar estas linguas; e o Visitador J. Alvares recommendava á Provincia de Portugal que as promovesse e

(1) Mss. S. J., *Lus.* 63, f. 20, 22. — Observa Ziegler na sua *Geschichte der Pädagogik* que foram os Jesuitas os primeiros que se occuparam da formação pedagogica dos professores e preludiaram os Seminarios de especialistas de nossos dias: « Den Jesuiten gebührt das Verdienst erstmals etwas für die pädagogische Verbildung künftiger Lehrer an höheren Schulen gethan, dem Probe und Seminarjahr unserer Tage praeludiert zu haben ». Citação de Schimberg, *ob. cit.*, pag. 40.

animasse ainda concedendo favores e premios aos avantajados. É particularmente interessante a ordem do mesmo Visitador que estabelecia houvesse academias de erudição na latinidade, para intelligencia da poesia, oratoria e historia, e entrassem nellas os mestres presentes e passados. Cada um devia trazer sua questão estudada e por escripto, e expô-la nas sessões que se reuniam tres ou quatro vezes por anno e duravam mais ou menos duas horas. Assim podemos dizer que se lançavam nos collegios dos Jesuitas os germes das futuras Academias scientificas e literarias que depois germinaram á farta em Portugal (1).

É na verdade commovedora a solicitude com que a Companhia de Jesus preparava os educadores da mocidade. Tinha comprehendido a delicadeza e alcançado a importancia e consequencias da missão sublime de educar. Agora se entenderá a razão da estima especial que ella fazia dos professores, particularmente dos de humanidades, porque estes eram os primeiros que lançavam nas almas das creanças a semente da virtude e sciencia. De feito, sempre os professores de letras tiveram na Companhia mui particular estima, conforme ao espirito do Instituto que os recommenda ao affecto dos Superiores. Gozavam até de certos privilegios e recebiam de quando em quando os seus mimos (2). O Geral Visconti recommenda aos Provinciaes que "seja considerado grande benemerito da Provincia o sacerdote que tivesse muitos annos a fio ensinado nas escolas de

(1) Ms. da *Visita*, Tit. 2, c. 11, n.º 6 e 18.

(2) Cf. *Instit. S. J.* T. II, pag. 294, Cong. VI, D. 15; T. III, pag. 383, Instruct. 20.

letras e alcançado fama neste laboriosissimo magisterio" (1).

Este empenho da Companhia alliado á boa vontade e correspondencia dos mestres era, cuido eu, bem accomodado a sair com homens eminentes nas letras, na sciencia e nas artes pedagogicas. "Dai-me um homem, escreveu Dupanloup, um professor, seja elle embora jovem e muito jovem, mas applicado, mas methodico no seu trabalho e todo e conscienciosamente empenhado na sua obrigação; ousou affirmar que a applicação constante ao ensino por mais humilde que seja, e a dedicação fiel ao emprego mais singelo fará delle um homem superior na sua natureza e na sua especialidade" (2). Acertava o illustre pedagogo. Não foram sempre os grandes talentos que sobressaíram nos collegios da Companhia de Jesus ou pelas sciencias ou pela pedagogia; muitas vezes a dedicação de homens bem que ornados de medianas aptidões, mas sacrificados sem reserva ao bem do proximo e á gloria de Deus, a constancia no trabalho e a docilidade flexivel de um animo virtuoso dirigida por uma direcção bem norteada é que produziram, como depois veremos, os magnificos resultados que logo dos primeiros annos deram brado na Europa e renome aos Jesuitas como a educadores da mocidade.

(1) «Si quis erit intra Provinciam sacerdos, qui munus istud laboriosissimum per plures continenter annos gesserit in eoque famam adeptus sit, curabit Reverentia Vestra, ut sit tanquam de Provincia optime meritus.» *Epist. Selectae Praep. Gener.*, (Romae, 1911) pag. 223.

(2) *De L'Éducation*, II, (Paris, 1857) pag. 365.

CAPITULO VI

Origem e desinvolvimento

As grandes obras não se desenhavam de uma só pincelada no espirito de seu auctor. Começam de apparecer delineadas apenas com uns traços geraes mais ou menos indefinidos, depois limitam-se os contornos, pinta-se variamente o interior, recebem colorido as diversas figuras, primeiro como que entre nevoas indecisas, logo com tintas mais claras e vivas, até que o todo se mostra perfeito nas suas partes harmonicamente dispostas.

A Companhia de Jesus é uma destas obras. A sua imagem foi-se delineando pouco a pouco e aperfeiçoando na mente do Fundador pelo espaço de trinta e cinco annos, até que por sua morte a entregou a seus filhos tão completa e acabada que a sua architectura tem sido o estudo e admiração de grandes talentos. Nos primeiros esboços não se apresentou logo a Ignacio uma associação dedicada ao ensino publico das letras e sciencias; apenas a via levantando estabelecimentos de instrucção para ministrar a seus filhos a sciencia necessaria á defesa e propagação da fé. Depois acclarou-se mais a pintura; já lhe apparecia uma congregação de

homens abalizados pela sabedoria com que illuminavam as intelligencias da juventude. Esta nova luz sob que Ignacio via a sua obra, alterava e ampliava necessariamente as leis para a educação dos Jesuitas. Não fundava sómente uma ordem de apóstolos, mas um corpo scientifico.

Ora cabe á provincia de Portugal a honra de ser a primeira que repartiu a instrucção em collegios de jovens seculares. Foi no Oriente onde ainda antes que o Fundador determinasse a erecção de semelhantes collegios na Europa, os missionarios que acompanharam e seguiram a Xavier, começaram na cidade de Goa a exercer este fructuosissimo ministerio. Já em 1542 escrevia S. Francisco Xavier que se dêra começo á fabrica de um collegio para educação de meninos, e em 1543 já se ensinava a um bom numero de internos a ler, escrever a lingua latina, e em 1546 era nomeado Reitor o P. Nicolau Lancilotto. Por este tempo chegavam os alumnos a 60, cujas idades oscillavam entre 10 e 20 annos (1).

(1) Polanco, *Chronicon* I, pag. 109, 123, 124, 165, 168.—A fundação deste collegio ou antes seminario é devida á zelosa iniciativa de dois sacerdotes seculares, Miguel Vaz e Diogo Borba, ambos insignes em letras e virtudes. Procuraram primeiro se estabelecesse em Goa uma Confraria que zelasse a propagação da fé; em seguida, para lhe assegurar o bom exito de seu empenho, de accordo com os membros da nova associação resolveram fundar um estabelecimento de ensino com o titulo de *Seminario de Santa Fé* para educar meninos que depois fossem levar a todas as partes da India a boa nova do Evangelho. De facto em novembro de 1541 se começou a construcção do edificio e quando o Santo Xavier desembarcou na cidade de Goa já o P. Mestre Diogo Borba regia o Seminario. Instou este com o Santo quisesse acceitar a direcção do novo instituto; não se

Em 1546 lançava o B. Pedro Fabro a primeira pedra em Gandia ao Collegio, depois Universidade, fundado por S. Francisco de Borja (1).

Mas em 1548 é que S. Ignacio estabeleceu um collegio que serviu de modelo para fundações congêneres: foi o collegio de Messina, o terceiro na ordem do tempo (2). O empenho e actividade que desenvolveu Ignacio na erecção deste collegio mostrou que já na sua alma desabrochava e se desenvolvera a ideia de uma

quis prender em Goa o grande espirito de Xavier, mas consentiu ficasse nelle o P. Paulo Camerte, como professor e director espirital. Foi-se desenvolvendo o collegio até que por morte do fundador e primeiro Reitor Diogo Borba e em força de novas instancias tomou Xavier em nome da Companhia posse do Seminario, junto do qual nasceu e cresceu o collegio de S. Paulo, escreve F. de Sousa, «assim na capacidade da fabrica, como no numero dos sujeitos, exercicios de sciencias e virtudes; que se pode comparar com todos os da Europa.» No Seminario os meninos que mostravam engenho para letras e boa indole para o sacerdocio, depois de saberem ler e escrever, estudavam grammatica, musica, rhetorica, philosophia e theologia. Cf. Franc. de Sousa, *Oriente Conq.* P. I, C. I, D. I, § 25, 47 (Bombaim, 1881), pag. 18, 37; Caetano F. de Sousa, *Instituições Portuguezas... no Oriente* (Bombaim, 1890) pag. 4 segg.—Em 1550 já dirigia na India a Companhia de Jesus cinco collegios, ainda em principio, para educação da juventude: «In India septem erant hujusmodi loca [de residencia da Companhia], scilicet Goae, Bazaini, Cochini, Coulani, Choromandeli... Malacae et Moluci. In omnibus his locis praeterquam Choromandeli et Cochini collegia, ubi pueri aiebantur et instituebantur inchoata jam tunc erant, nec alibi quam in India id collegiorum genus, quod maxima ex parte ex externis constabat... admissa fuerant.» Polanco, *Chronicon*, II, pag. 5.

(1) Nesta Universidade se doutorou em 1550 na faculdade de Theologia o V. P. Gonçalo da Sylveira, bemaventurado Martyr de Monomotapa. Polanco, II, pag. 132; Franco, *Synopsis Ann.*, 1550.

(2) O primeiro fundara-se em Goa, o segundo em Gandia e o terceiro em Messina. Polanco, I, pag. 268.

associação que largamente se houvesse de empregar na educação e instrução da mocidade (1). Procurou que viessem a Roma alguns dos melhores sujeitos que a sua Companhia já tinha em Paris, Colonia, Lovaina e Portugal; escolheu dez dos mais habéis; quis que alguns delles, antes de partir, dessem na sua presença mostra do methodo nas prelecções, e por fim apresentou-os ao soberano Pontifice Paulo III, que paternalmente os acolheu, lhes falou e os despediu com a benção apostolica (2). O novo collegio começou logo a prosperar sob a regencia do P. Jeronymo Nadal.

Em seguida ás lisongeiros experiencias de Messina resolveu Ignacio estabelecer em Roma um collegio que fosse e pudesse dignamente propôr-se como typo de todos os collegios da Companhia, que no decorrer dos annos se houvessem de fundar em todo o mundo. Metteu ombros á empresa e levou-a felizmente a cabo, como todas as em que o prudentissimo santo punha a sua mão vigorosa. De facto a 18 de Fevereiro de 1551 abriam-se as primeiras escolas de latim, grego e hebraico naquelle estabelecimento, cujo nome haviam de aureolar nos seculos vindouros os annaes das letras e sciencias. Foi este o celebre Collegio Romano (3).

(1) Friederich Meyer, *Der Ursprung der jesuitischen Schulsens...* (Gräfenhainichen 1904) pag. 6, 7.

(2) Polanco, I, pag. 268, 269, 281, 282.

(3) Polanco, II, pag. 165, III, pag. 9. «Voluit... P. Ignatius delectum haberi auctorum et doctrinae a nostris audiendae in omnibus facultatibus et Romanum hoc Collegium velut formam quamdam aliis, ubicumque disciplinae nostris traderentur, pro forma et exemplo quodam esse volebat et hic in oculis Sedis Apostolicae et orbis christiani hoc institutum collegiorum sui specimen praebere cupiebat.»

Neste mesmo anno com data de 1 de Dezembro escrevia Ignacio ao P. Simão Rodrigues, Provincial de Portugal, enviando-lhe uma instrução sobre a maneira de abrir collegios segundo o espirito da Companhia de Jesus, e exhortando-o a que, em vista dos proveitos colhidos de semelhantes fundações nos reinos de Italia e Sicilia, procurasse elle que se erigissem na cidade de Lisboa, e Evora e noutras partes de Portugal (1). A semente fructificou maravilhosamente. No dia 25 de Janeiro de 1553 partiam de Coimbra o P. Cypriano Soares e o P. Manuel Alvares, o depois celebrado auctor da Arte de grammatica, para fundar, como primeiras pedras, o Collegio de S. Antão em Lisboa. Antes deste collegio não tinham os Jesuitas mais que o de Coimbra e de Evora (2), onde por então se formavam sómente os membros da Companhia. Escolas publicas abriu-as primeiro a Casa de S. Antão (3). Seguiram-se-lhe immediatamente Evora no mesmo anno de 1553 e logo Coimbra com o famoso Collegio das Artes em 1555.

*
* *

E qual foi o methodo de ensino que empregaram os Jesuitas logo desde o principio de sua actividade lite-

(1) Mon. Hist., *Epist. et Instr.*, IV, pag. 5-11.

(2) O de Coimbra fôra fundado em 1542, e o de Evora em 1551. Cf. Polanco, II, pag. 377; Franco, *Synopsis Ann.*, 1551; Telles, *Chronica*, I, pag. 515.

(3) *Litt. Quadr.* II, pag. 217, carta do P. Cypriano a S. Ignacio.

*

caria? Entraram porventura no campo das letras calcando e destruindo methodos vigentes e arvorando em suas bandeiras novos lemmas de pedagogia? Quem isto supusesse, desconhecia completamente o espirito e intenções da Companhia de Jesus. Esta Ordem Religiosa tem por fim proprio a salvação das almas e procura-o por todos os meios que não desdigam do character religioso e sacerdotal. Para o conseguir, introduz-se mansamente no meio da sociedade, põe-se em contacto com toda a classe de pessoas, toma-lhes, segundo lho permite a prudencia christã, os mesmos usos e costumes, nem se talha burel ou habito proprio, mas veste como os sacerdotes honestos da região, para ter facil entrada com todos, a todos falar, a todos fazer bem, a todos levar ao conhecimento da fé, ao gremio da Igreja, ao céu, a Deus. É a realização daquelle maravilhoso compendio de caridade evangelica: *omnibus omnia factus sum*. O Jesuita na Europa mostra-se conhecedor da mais fina civilização, na India veste como Brahmane ou Pária, na China como Mandarim, na Africa e Brasil abate-se á condição dos negros e tapuyas, tudo para todos, para todos ganhar a Christo.

Ora quem não vê que seria pôr-se em contradicção consigo mesmo, se apparecesse nas escolas e entre os sabios erguendo altaneiro programmas novos, com menosprezo daquelles methodos em que se tinham formado homens eminentes? Andou consequentemente prudentissima a Companhia de Jesus em saber-se aproveitar dos meios de instrucção que encontrára na sociedade. Adoptou os methodos em voga e aperfeiçoou-os de modo que servissem a realizar as suas aspirações. "Os Jesuitas, diz Lantoine, guardaram-se cuidadosamente de desempenhar um papel de reformadores desassisados indo de encontro

a tradições do passado e provocando irritações no gosto dos contemporaneos. Ao revés não houve nunca innovadores mais solícitos de conservar o melhor que tinham os costumes estabelecidos, nem de se afeiçoar á condição do tempo presente" (1).

Mas em que Universidade ou Collegio foram os primeiros Jesuitas receber inspirações para o seu plano de instrucção? Um bom discipulo recorda com agrado os ensinamentos de seu mestre e volve olhares saudosos para o estabelecimento de sua educação. Os fundadores da Companhia frequentaram as escolas da Universidade de Paris, bem como as principaes personagens que ajudaram a S. Ignacio quando começou a dar forma a seus Collegios (2). Era pois muito natural que se acostassem no seu methodo aos methodos daquelle Universidade tão famosa na idade media. A analyse comparativa o prova e a historia o confirma.

O P. Polanco, espanhol, que naquelle tempo como secretario assistia a S. Ignacio na direcção da Companhia de Jesus, em mais de uma passagem de seus escriptos aponta, que o methodo parisiense era o que servia de

(1) «Les Jésuites se gardèrent bien d'aller, en reformateurs inintelligents, heurter les traditions du passé ou les goûts des contemporains. Tout au contraire, jamais novateurs ne furent plus soucieux de conserver ce qu'il y avait de meilleur dans les usages établis ou de se plier à l'humeur du temps présent». Lantoine, *Histoire de l'enseignement secondaire*, pag. 74, 75, citado por Fouqueray, *Histoire de la Compagnie*... T. II, (Paris 1913) pag. 692.

(2) Dos fundadores do collegio de Messina, que segundo indicamos, serviu de modelo até ao Collegio Romano, estudaram em Paris o P. Nadal (Epist. Nad. I, 1), o P. A. du Coudray (Codreto) e I. Bellini (Epist. Mixt. I, 56) e talvez André des Freux (Frusio) e Martinho Mare. Pedro Canisio estudara em Colonia e C. Vishaven em Lovaina,

norma para a organização dos collegios, que a nova Ordem Religiosa ia fundando. No collegio de Messina declara elle que desde 1548 se foi introduzindo pouco a pouco o methodo da Universidade de Paris e que ás lições ordinarias se accrescentavam exercicios escolares á *maneira de Paris* para que o novo collegio dêsse de si uns ares de universidade (1). E o P. Nadal director do collegio escrevia a S. Ignacio em 1551 que nos exercicios escolares se guardava o *modo de Paris* e não sem grande fructo pelo favor divino que alentava a olhos vistos a nova empresa (2).

A fama do Collegio Messanense espalhava-se ao longe, no dizer de Polanco (3), e os resultados consoladores animavam a Ignacio, que logo pediu de Messina o programma de estudos para o metter em practica no nascente Collegio Romano. Daqui se espalhou por toda a Europa ao mesmo passo que se iam levantado aqui e além novas casas de instrucção; e em toda a parte se amoldava o methodo de ensino pelas mesmas normas (4). Para Portugal recommendava em 1559 o P.

(1) Polanco, I, pag. 282: «Collegium... in quo *parisiensis* Universitatis in docendo *modus* paulatim est inductus...»; pag. 372: «Addebantur etiam lectionibus singulis exercitationes *more parisiensi*, ut quamdam speciem Universitatis Collegium prae se ferre videretur.»

(2) *Epist. Nadal*, I, pag. 121: «si serva il modo di Parigi et si capisee con la gratia del Signore et fa gran frutto.»

(3) Polanco, I, pag. 286.

(4) Cf. Polanco, II, pag. 242, nota: Polaneus ex commissione Hieronimo Natali ut fuse et distincte Romam scribat quem modum teneant in studiis, lectionibus et in coeteris, quae ad promovendam in scholasticis pietatem et doctrinam faciunt, 27 Junii.—Polanco, I, 419: já em 1549 pedia S. Ignacio professores de Paris para os collegios de Italia e com effeito vieram logo quatro mestres em Artes.—

Geral Diogo Laines, como atrás indiquei, que na duração das escolas, que quiseram fazer *ao modo de Paris*, se accommodassem ás compleições dos portugueses (1). Mas baste o testemunho peremptorio do P. Nadal, que foi dos que mais trabalharam em organizar os primeiros collegios dos Jesuitas. Nos commentarios que fez ás Constituições de S. Ignacio, declara elle expressamente “que a Companhia se appropriou o methodo da Universidade de Paris, e que era preciso conservá-lo” (2).

De facto não só o andamento externo das escolas, mas os proprios exercicios escolares e linhas geraes do programma de estudos se norteavam pelos methodos parisienses. Como em Paris assim nas escolas dos Jesuitas se dividia a carreira completa dos estudos no curso de linguas, *facultas linguarum*, no de Artes, *facultas artium*, e no de theologia. O curso de linguas se repartia, como em Paris, em classes de grammatica,

O P. du Coudray, Reitor que foi do collegio de Messina, escreve no mesmo sentido em a sua historia dos primeiros dez annos do collegio, infelizmente perdida: «Hic primum instituendae juventutis curam Societas suscepit; hic primum discipulorum distinctae classes et harum singulae lectiones distributae; omnisque publicorum studiorum ratio hinc primum Romam praescripta ad alia deinde collegia quae ad hujus normam instituta sunt, missa est. Erant, ut diximus, alia Societatis collegia, ante hoc erecta, sed hujusmodi docendi munus nondum subierant.» Cf. Aguilera *Provinciae Siculae... Res gestae* I, (Panormi 1737) pag. 21.

(1) Cf. Arch. di Stato, Roma, Ges. Collegi, Lisbona, *caderno de obediencias*, pag. 57.

(2) «...animadvertendum est et accurate quidem, ne *Ratio Studiorum Parisiensis*, quam nostris scholis fecimus familiarem, propterea remittatur, quae constanter est retinenda.» *Scholia in Constitutiones* (Prati 1883) pag. 350.

humanidades e rhetorica (1). O numero de annos para cada curso era quase o mesmo em ambas as partes. Em Coimbra o curso de letras estava distribuido por 10 classes, e o de philosophia por quatro, a qual distribuição já encontraram os Jesuitas no Collegio das Artes, onde a introduziu André de Gouveia que sem duvida a trouxe, talvez um pouco alterada, de Paris e immediatamente de seu collegio, *Schola aquitanica*, fundado em Bordeus no anno de 1534 (2).

(1) Contudo a denominação expressa de tres classes distinctas de *Grammatica*, *Humanidades* e *Rhetorica* não falta quem opine que foi introduzida pelos Jesuitas. (Cf. Lantoine, *Hist. de l'enseignement secondaire au XVII siècle*; Ruiz Amado, *Hist. de la Educacion y la Pedagogia*, Barcelona 1911, pag. 198). Ha bom fundamento para supôr que o P. Nadal é quem primeiro a empregou no seu Collegio de Messina. Um dos mais antigos documentos em que se me deparou tal denominação é, de facto, o plano de estudos—*De Studiis Societatis*—redigido por Nadal certamente quando governava aquelle collegio de 1548 a 1552. A phrase que aí lemos: «In quarta classe, quam *libet* humanitatis appellare» parece dar-nos a entender que o termo *humanitatis* foi da escolha de Nadal. As outras classes chama-as simplesmente de *grammatica* e *rhetorica*, sendo como era já antigo o uso de assim as denominar. Cf. Mon. Hist. S. J., *Mon. Paed.* pag. 90. Uma carta do P. Annibal Coudreto de 1551, professor no mesmo collegio de Messina, já distinguia as tres classes de *grammatica*, *humanidades* e *rhetorica*. Cf. Mon. Hist. S. J. *Litt. Quad.* 1, 349. Nas Constituições tambem S. Ignacio menciona a sobredicta distincção de classes: «Tres ordinarie erunt Praeceptores in tribus diversis *Grammaticae* classibus; quartus *Humaniores litteras*, quintus *Rhetoricam* praeleget». *Constit.* P. IV, C. XIII, B. Anteriormente o vocabulo *Humanitas*, *Humanidades*, comprehendia todos os estudos de letras.

(2) «*Decem classium ordo. Hic est collegii conymbricensis... est etiam Parisiensis in quibusdam collegiis*»... *Mon. Paed. S. J.* pag. 384; Cf. F. Meyer, *Der Ursprung*, pag. 24, 42, segg.

O pensamento fundamental do methodo da Companhia que está na união da educação com o ensino das sciencias e letras, já se entrevê nos estatutos da Universidade de 1452. Tanto nestes como naquelle os bons costumes e as letras deviam inculcar-se ao mesmo tempo no animo da juventude (1). Até as orações da Ave Maria, Salve Rainha, Ladainhas... que se usavam nas escolas da Companhia, eram tambem já desde 1534 prescriptas em Paris (2). Nem faltava semelhança nos meios de promover o adeantamento dos alumnos; as disputas, as declamações e composições que acompanhavam os tres cursos, tão inculcadas por S. Ignacio e pelo *Ratio Studiorum*, encontram-se egualmente muito recommendados nos estatutos de Paris de 1534 e 1542, e em particular o costume de suspender as composições nas paredes das aulas e outros logares publicos para dar mostra do aproveitamento e accender a emulação, tambem se pode affirmar que de Paris entrára nas escolas dos Jesuitas.

Em Lisboa ainda o Collegio de S. Antão não completára o primeiro anno de sua existencia e já os estudantes na inauguração das aulas em 1553 dão especimes de seu adeantamento em numerosos discursos e poesias, com que vestiram as paredes do Pateo das escolas e recrearam a numerosa assistencia de magistrados e homens de

(1) «Der Grundgedanke des jesuitischen Schulwesens, die grundsätzliche Verbindung von Unterricht und Erziehung findet sich bereits in der Statutenreform der Universität von 1452. Er ist später oft wiederholt. Das Ziel, das die Schule erreichen soll, sind *mores* und *pietas* einerseits, *scientia*, *doctrina* andererseits.» Meyer, *der Ursprung*, pag. 22.

(2) Meyer, *obr. cit.*, pag. 22; *Litt. Quad.* 1, pag. 357.

letras. Para dar mais vistoso realce á festa, o P. Manuel Alvares adornou com epigrammas seus as dezasseis columnas que rodeavam o mesmo Pateo. Os alumnos copiaram-nos á porfia (1). Com apparato semelhante se inaugurou em Evora no peristilo do collegio o curso de 1555. *Segundo costume trazido de Paris a Portugal*, observa expressamente o chronista Polanco, suspende-ram-se das paredes discursos e poesias ornados com desenhos e letras de varia côr (2).

Muitos outros pontos de semelhança entre os dois methodos, que não é preciso mencionar, provam cabalmente que em Paris teve origem o programma de estudos da Companhia (3).

*
* *
*

Em seguida aos primeiros ensaios foram os Jesuitas modificando e ampliando o seu methodo de ensino,

(1) Cf. *Litt. Quad.* II, pag. 495, carta do P. Cypriano Soares a S. Ignacio, 31 Dez. 1553; Meyer, *ob. cit.* pag. 26.

(2) «Calendis octobris anni 1555, principium studiorum in peristilo Collegii celebratum est; ubi ex more *Parisiis* Portugalliam deducto, multae orationes et carmina, variis coloribus et litteris ornata, parietibus erant affixa». Polanco, *Chron.*, VI, pag. 728.

(3) Até ao seculo dezaseis a Universidade de Paris não tinha collecção de Estatutos, a qual só em 1540 se terá formado. Os varios collegios que constituíam o corpo da Universidade se guiavam cada um por estatutos particulares. Os do collegio de S. Barbara, que na primeira metade do seculo dezaseis entre os demais florescia com a sabia direcção dos Gouveias, é que terão sido sobretudo imitados pelos Jesuitas. Os de Montaigne foram traçados pelos de S. Barbara. Nestes dois collegios estudou S. Ignacio. Cf. Meyer, *ob. cit.* pag. 21, 42.

sempre porêem com os olhos nas mesmas normas, como se vê claramente dos varios programmas que nos annos successivos redigiam os varios collegios (1).

Coube finalmente ao P. Geral Aquaviva o encargo de promover a redacção final do methodo que nas escolas da Companhia se devia empregar, e de fixar definitivamente o famoso *Ratio Studiorum*. Logo na Congregação Geral IV que o elegeu em 1581 para o governo supremo da Companhia, se nomeou uma comissão de doze Padres conhecidos por sua prudencia e letras e practica do ensino, e se lhes deu a incumbencia de esboçar um programma de estudos. Nesta comissão entravam os dois celebres Portugueses Pedro da Fonseca e Sebastião de Moraes (2). Não se conhece a que ponto chegaram os trabalhos destes doze; que talvez o grande numero de vogaes embarçava as resoluções pela variedade de pareceres em materia tão sujeita a disputas (3).

(1) Cf. *Mon. Paed. S. J.*

(2) Vide Deer. XXXI: «Postea P. Generalis deputavit ad concifiendam formulam studiorum sequentes Patres, videlicet P. Petrum Fonseca, P. Franc. Costerum, P. Nicol. Clerum [Le Clere], P. Sebast. Moraes, P. Franc. Adornum, P. Alfonsum Dezam, P. Joannem Maldonatum, P. Achillem Galiardum, P. Jac. Acostam, P. Franc. Riberam, P. Aegidium Gonzalez, P. Benedictum Sardium». Eram cinco espanhoes, tres italianos, dois portugueses, um allemão e um francês. O italiano Francisco Adorno entrou na Companhia de Jesus em Portugal no anno de 1549 e cursou as aulas do Collegio de Coimbra; depois foi chamado á sua patria, ganhou por sua virtude e sciencia a boa affeição do Cardial S. Carlos Borromeu que o escolheu para seu confessor e delle se acompanhava nas viagens. Falleceu em 1596 na cidade de Genova. Cf. *Mss. Soc. Jesu Lus.* 43, f. 7; Franco, *Synopsis Ann.*, 1549, *Ann. gloriosus*, pag. 25.

(3) Pachtler, II, pag. 9, assim o affirma, como tambem Duhr,

Mas o P. Aquaviva, com sua proverbial energia, não levava a bem as delongas. Nomeia segunda comissão internacional apenas de seis Padres. Chamou de Portugal o P. Gaspar Gonçalves, de Espanha o P. João Azor, de França o P. Diogo Tyrius, da Austria o P. Pedro Busäus, da Allemanha o P. Antonio Goyson e em Roma lhes juntou o P. Estevão Tucci. Eram dos homens mais eminentes de cada provincia e mais experimentados nos labores das escolas (1). A oito de Dezembro de 1584 apresentou o P. Geral os seis Padres escolhidos ao Summo Pontifice Gregorio XIII, para que este com a benção apostolica implorasse sobre seus trabalhos de tanto alcance as luzes da sabedoria increada.

Com o favor divino metteram-se os seis Padres na delicada tarefa. Reuniam-se tres horas em cada dia,

Studienordnung, pag. 17: Die Arbeit dieser Kommission gedieh zu keinem Abschluss»; mas Fouqueray, II, pag. 694, diz que «en 1584 le travail semblaît suffisamment préparé» e que então formou Aquaviva a Comissão dos seis; não adduz porém argumento nenhum.

(1) O P. Azor deu seu nome á Companhia no anno de 1559, ensinou philosophia e theologia em Plasencia, Alcalá e Roma, onde falleceu em 1603. Publicou em tres tomos uma obra de theologia moral, que saiu em varias edições. Sommervogel I, 738. — O P. Busäus (Buys) nasceu em Nimega, entrou na Companhia no anno de 1561 e em Vienna ensinou Escriptura e hebraico. Morreu em 1587. Illustrou e publicou em quatro tomos o Catecismo do B. P.^o Canisio. Sommervogel, II, 439. O P. Tucci alistou-se na Companhia em 1558, professou humanidades e rhetorica em Messina, e theologia em Padua e no Collegio Romano. Falleceu em Roma no anno de 1597. Conipôs obras de literatura latina em prosa e verso e de theologia. Sommervogel VIII, 265. O P. Tyrius (Tyrie) era natural da Escossia; fez-se Jesuita em 1563, ensinou theologia em Paris e falleceu em Roma no anno de 1597. Sommervogel, VIII, 299. Sobre o P. Gaspar Gonçalves veja-se o L. II, cap. II. Do P. Goyson não tenho noticias particulares.

para discutir as varias propostas; o mais do tempo levavam-no a consultar os auctores da sciencia pedagogica e a percorrer os apontamentos que de suas respectivas provincias cada um trouxera. Nas sessões communs apresentavam as cartas e consultas vindas das varias partes de Espanha, França, Italia, Allemanha e Portugal; examinavam-se os estatutos e leis das universidades e collegios, e particularmente o livro manuscripto dos usos do Collegio Romano; tinha-se em conta a experiencia das diversas casas de educação fundadas nas varias nações; pesavam-se as utilidades e os inconvenientes dos programmas até alli postos em practica, e tomavam-se de commun accordo as resoluções finaes, conservando o que parecia bom dos methodos introduzidos, cortando o que desagradava e accrescentando novas regras, mas tendo sempre os olhos nas Constituições de S. Ignacio, P. IV, como em lei fundamental da Companhia de Jesus (1).

Em Agosto de 1585 concluiu-se o trabalho e dissolveu-se a Commissão; mas ficaram junto de Aquaviva os PP. Gaspar Gonçalves, João Azor e Estevão Tucci para resolver as difficuldades que se offerecessem, e receber as observações que das varias provincias sobre o novo *Ratio Studiorum* fossem mandadas a Roma. O P. Geral deu o trabalho da Commissão a examinar aos professores do Collegio Romano e a seus Assistentes; mas a sua prudencia não lhe consentiu promulgá-lo

(1) Cf. Acta Congregationis quae anno 1584 jussu admodum Rever. Patris Praepositi Generalis Claudii Aquaevivae habita est de ratione studiorum instituenda; Pachtler II, pag. 26 segg.; Antonii Possevini S. J., *Bibliotheca selecta* (Romae 1593) pag. 46.

como lei definitiva; mandou-o imprimir e enviar ás diversas provincias para o ensaiarem na pratica. Na sua carta circular de 21 de Abril de 1586, que acompanhava o *Ratio* encomenda em termos encarecidos a cada Provincial que encarregue a revisão a cinco homens doutos e aos mais que julgar conveniente, para que entre si confirmem e consultem as leis do systema e depois remetam a Roma o resultado das deliberações para serem examinadas (1). Os tres Padres sobreditos Azor, Gonçalves e Tucci recolhiam as observações e as discutiam em presença dos professores do Collegio Romano (2).

Logo o novo texto já modificado, que segundo diz Aquaviva na carta circular de 1586 devia conter só as regras deixando de parte as discussões do *Ratio* de 1584-85, foi estampado, como manuscrito, em 1591 com o titulo: *Ratio atque institutio studiorum*, Romae, in Collegio Societatis Jesu.

Antes da sancção ultima ainda Aquaviva o quis pôr á prova; mandou-o ás Provincias, e ordenou aos Provinciaes que dentro de três annos lhe mandassem a nota das modificações, que se julgassem convenientes. Em Roma se tomavam em conta para a redacção final. Só em 1598 foi o *Ratio Studiorum* impresso em Napoles e em circular de 8 de Janeiro de 1599 promulgado para toda a Companhia (3).

(1) Cf. Pachtl, II, pag. 9, carta do P. Cl. Aquaviva de 21 de Abril de 1586; Fouqueray, *ob. cit.*, II, pag. 695.

(2) Assim consta da circular de 8 de Janeiro de 1599, escripta por ordem do P. Geral pelo P. Jac. Domenici, Secretario.

(3) Pachtl, II, pag. 226, circular de 8 de Janeiro de 1599. O P. Franco *Synopsis Ann.*, 1592, recorda a introdução do *Ratio*

Fructo de exame aturado, de experiencia de muitos annos, de muitas orações que Aquaviva intimou para o bom exito do que se intentava, e de tanto empenho combinado, não podia o *Ratio Studiorum* deixar de fructificar para bem da Igreja e da sociedade humana. Foi este o programma de ensino que adoptaram os Collegios da Companhia até ao seculo dezanove. Em 1832 foram, como já observei, introduzidas mudanças e ampliações, mas, nem o espirito nem as bases do methodo saíram alteradas; e nos ultimos annos se alargaram mais, os ambitos do systema de estudos para o accommodar, quanto possivel, aos programmas da publica instrucção e ao progresso actual das sciencias.

Studiorum nos collegios de Portugal: « In hac Provincia coepit executioni mandari *Ratio Studiorum* typis commissa ad nostras ubique scholas dirigendas, ut omnes idem et eodem modo sapiamus et dicamus ».

CAPITULO VII

Originalidade do Methodo

Percorremos, bem que rapidamente, o methodo de educação e ensino: investigámos-lhe a historia passo por passo, analizámos-lhe as leis tão miudamente exaradas neste codigo de formação moral, literaria e scientifica, e seguimos o alumno que subia vagarosa mas seguramente por todos os degraus da instrucção desde as primeiras noções das letras até á sciencia divina. Detenhamos agora o passo, e num relance de olhos retrospectivo compendimos em synthese breve mas exacta as notas caracteristicas de todo o systema.

E antes de mais, poderemos qualificar de original o methodo de formação, como se vai desenvolvendo nas paginas do *Ratio Studiorum*? Não faltou quem lisonjeiramente se abalançasse a o ennobrecer com esta qualificação honrosa e appetecida de quantos traçam programmas de ensino. Talvez o successo, quase direi maravilhoso, que logo do principio coroára os esforços dos Jesuitas, fosse parte para lhe darem maior originalidade do que o permittem a historia e a analyse comparativa, mas nem as materias que são como que o substrato das leis, nem as linhas geraes do plano, nem se-

quer os meios de aproveitamento e disciplina escolar consentem que se lhe junte sem restrição o epitheto de original.

O capitulo em que delineamos a genese do systema nos mostra claramente, que os estudos de Paris foram a primeira e principal norma por que se amoldaram os da Companhia de Jesus e que na redacção do *Ratio Studiorum* os seis Padres da Commissão que o formularam, pusêram a mira em ordenar e systematizar os methodos vigentes nos Collegios da Companhia, modificando-os quanto o exigia a unidade e solidez do plano, e trouxeram tambem de suas nações os programmas das diversas universidades para delles se aproveitarem no desempenho de seu encargo. Como atrás indicámos, a Companhia de Jesus não appareceu no meio da sociedade com intentos destruidores; começou logo a edificar com os materiaes já existentes e segundo as regras que mestres sapientissimos haviam traçado. Não é para extranhar, mas para cobrir de louvores a tactica de uma associação de ensino, que soube aproveitar os bons processos de instrucção, que estabelecimentos já acreditados punham em practica.

Antes de os Jesuitas abrirem escolas, eram já celebres muitos emporios de letras, com os quaes teem semelhança os seus collegios. Além das Universidades de Paris e Lovaina que S. Ignacio expressamente nomeia em suas cartas (1), as escolas dos Irmãos da Vida Commum ou Jeronymitas (na Allemanha Fraterherren) em seus collegios de Liège, Deventer, Zwolle, Wesel e outros, e particularmente a Universidade de Strasburgo reformada por

(1) Cf. *Mon. Ignat., Epist. et Inst.*, iv, pag. 653.

João Sturm dão taes pontos de semelhança com o *Ratio Studiorum* da Companhia, que é forçoso confessar, que os Jesuitas começaram a caminhar sobre as pègadas dos que os precederam. Basta lançar uma vista ainda que rapida para os varios programmas que João Sturm foi executando em Strasburgo, e a cada regra descobrimos analogias entre o seu methodo e o dos Jesuitas. As materias do ensino, os auctores a que dá preferencia para a explicação, as industrias que emprega para o aproveitamento dos alumnos e até as practicas de piedade logo denunciam parentesco de programmas. As materias em que o latim e o grego, como nas escolas dos Jesuitas, teem a primazia, vão-se progressivamente desenrolando até á theologia, que nos dois methodos remata a carreira de instrucção. Na divisão porêem dos cursos e organização das escolas o dos Jesuitas leva-lhe incontestavel vantagem; o programma de Sturm não divide o curso de letras, como os Jesuitas, em grammatica, humanidades e rhetorica, e nas classes mais elevadas amontoa e confunde as disciplinas, de modo que não as podemos denominar aúlas superiores nem inferiores, por accumular nas que elle chama lições publicas, a theologia com a explicação de Cicero e Demosthenes, e na 1.^a e 2.^a classe das nove, por que vai gradualmente subindo o curso, ensinar a dialectica ao lado da Eneida de Virgilio.

Os auctores predilectos de João Sturm para o latim são Cicero e Virgilio que tambem sobretudo recommenda o *Ratio Studiorum* (1).

(1) *Ratio Studiorum, Reg. Prof. Rhet.*, 1: «Stylus (quamquam probatissimi etiam historici et poetae delibantur) ex uno fere Cicerone desumendus est.» *Reg. Prof. Hum.* 1: «...In quotidianis prae-

Mas nos meios adoptados para promover a emulação e adeantamento dos alumnos é que mais se aproximam os dois methodos. Os themas, as prelecções do mestre, os exercicios de memoria, as declamações, as repetições, os desafios e disputas tanto em voga nas aulas da Companhia, são com particular encarecimento preceituados por João Sturm; a emulação, as distribuições de premios, o theatro, que tanto peso tinham na pedagogia dos Jesuitas, também animavam as escolas de Strasburgo; o uso da lingua latina era mais rigorosamente exigido por Sturm que pelo *Ratio Studiorum* da Companhia; até as explicações de catecismo se amiudavam mais nas escolas do calvinista que nas dos Jesuitas, e a duração das aulas em ambos os programmas chegava a cinco horas diarias (1).

lectionibus explicetur ex oratoribus unus fere Cicero...; ex poetis praecipue Virgilius».

(1) Nos programmas successivos que João Sturm foi realizando em Strasburgo, lemos os seguintes usos e ordenações, que comprovam o que asseveramos no texto:

«Scripta volo esse quotidiana, et discipuli manum aut auriculam nunquam absque stylo et calamo, absque papyro et charta esse placet.» Fournier «*Les Statuts et Privilèges des universités françaises*»... Deuxième partie: seizième siècle, T. IV (Paris 1894) pag. 88, n.º 2031, an. 1565.

No *Ordo et Ratio docendi in singulis classibus scholae Argentoratensis anno 1551* a cada passo se inculca o exercicio de memoria. *Ob. cit.*, pag. 58.

As declamações e discursos compostos com esmero e recitados depois da ceia, *declamationes, conciones diligenter conscriptae, post coenam*, eram de uso ordinario. *Ob. cit.*, pag. 88.

«Quotidianis et repetitionibus et exercitationibus intersunt: abesse nemini impune esto». É quase á letra a regra do *R. Studiorum*. *Ob. cit.*, pag. 88.

Não descuidava porém Sturm a educação moral, recommendada encarecidamente a cada pagina do *Ratio*

«Qui dignos aetate sua progressus fecisse comperiuntur, ad praeceptorem superiorem non absque laude transmittuntur. Caeterum ad primum Kal. aprilis majori quadam id fieri solet celebritate. Tum enim quibusdam a magistratibus praesentibus, praesertim scholae praefectis et in frequenti doctorum hominum corona totiusque scholae conventu, post leges repetitas et nomina progredientium honoris gratia publice recitantur et ex unaquaque classe doctiores afficiuntur praemiis. Quibus acceptis unus et alter oratione ad hoc composita primum scholarchis et praeceptoribus agit gratias, deinde senatui caeterisque viris honestis scholam et litterarum studia commendat, concinentibus ad haec pueris symphoniis et favorem et plausum coeteris omnibus gestu, vultu, voce significantibus»... *Ob. cit.*, pag. 67, n.º 2018, de uma carta de *Petrus Dasypodius* a Michael Han, conde de Hanou, *De schola urbis Argentoratensis, anno 1556, Mense Novembri*. É frisança a semelhança desta solennidade escolar com as premiações solennes dos collegios dos Jesuitas.

Sobre as representações theatraes é para notar a seguinte recommendação: «Coemodias et Tragoedias non placet in Gymnasio multas explicari a praeceptoribus, ne alia quae necessaria sunt, negligantur; multas tamen agi et memoriter recitari velim a juvenibus». *Ob. cit.*, pag. 88, n.º 2031, an. 1565.

Quanto ao uso do latim na conversação nunca os Jesuitas foram tanto adeante: «Sermones juventuti latinos esse volumus omnium, etiam eorum qui in extremis latent classibus...» Cum in scholas ingrediuntur pueri et cum domum redeunt, cum collidunt, cum simul ambulant, cum obviam veniunt, sermo sit latinus aut graecus... *Ob. cit.*, pag. 88, n.º 2031, an. 1565.

É entre as leis escolares publicadas em 1538, achamos esta: «Sermo ubique omnium latinus esto...; qui peccarit, pro ratione peccati et modo bono paenas luito».

A duração das aulas vêmo-la determinada no *Ordo et ratio docendi* de 1551, *ob. cit.*, pag. 58, n.º 2008. «In septima classe audiunt diebus singulis praeceptorem per horas quinque, quemadmodum in omnibus classibus».

Studiorum; antes o empenho de unir a sciencia com os bons costumes transparece da regra de bem viver, que estabelece para os alumnos, das practicas de piedade que prescreve, das aulas de catecismo e de religião que ordenam seus programmas, e da vigilancia rigorosa que manda exercer sobre o procedimento dos jovens (1).

Emfim até na organização das aulas divididas em decurias, a cuja frente apparece o decurião seriamente encarregado da disciplina dos condiscipulos, se manifesta a semelhança com as leis pedagogicas dos Jesuitas (2).

Andaria porêr muito errado quem destas semelhanças dêsse a João Sturm o louvor de original e a honra de ser copiado pelos Jesuitas. Nem os Jesuitas lhe copiaram as leis, nem lhe cabe a elle o privilegio de originalidade. João Sturm foi discipulo dos Irmãos da Vida Commum em Liège e tão affeiçãoado saiu a seus mestres, que, quando a cidade de Strasburgo o chamou para reformar as suas escolas, o primeiro programma que apresentou, foi o da escola de Liège. Ser-

(1) Cf. Fournier, *ob. cit.*, pag. 25 segg., n.º 1980. Sirvam de prova as seguintes leis de 1538: *Leges Collegii ann. 1538 latae*: «Senatus populusque Argentoratensis sic sentit, sic vult, sic constituit, sic jubet: ut Religionis, doctrinae bonaeque disciplinae causa scholae habeantur...

1. Praeces antemeridianas et pomeridianas singuli frequentantur.....

10. Festis diebus bini templa ordine verecunde adeunto, conciones omnes diligenter audiunt.....

25. Paedagogus quin cubicula omnium circumeat intusque eadem probet, hebdomadam nullam praetermittit....»

(2) «Decurio, si officium non fiat in animadvertendo et accusando, virgis corrigendus est.» Fournier, *ob. cit.*, pag. 25.

viu-lhe de base para os seus methodos, modificou, ampliou, aperfeiçoou; este foi o seu merecimento. O biographo de Sturm escreve que a organização dos estudos de Liège lhe ficou de tal modo impressa, que em Strasburgo lhe aproveitou as menores particularidades (1).

Se pois J. Sturm não foi pedagogista original, nem também se pode gloriar de ter sido modelo dos Jesuitas. Viu elle as semelhanças entre os seus methodos e os delles, mas foi tão comedido que não se atreveu a affirmar categoricamente que os Jesuitas tivessem ido ás escolas de Strasburgo buscar o prototypo das suas, e só modestamente deixou apontado nas suas *Epistolae classicae*, que lhe parecia ter sido o methodo Jesuitico tirado do seu como de fonte (2). Não acertou, mas teria dado no ponto se escrevesse que ambos foram haurir seus methodos de fonte commum (3). João Sturm e os Jesuitas seguiram as normas de seus mestres e predecesores, aquelle sobretudo as dos laboriosos Irmãos de Liège, estes principalmente as de Paris.

Não nego contudo que os Jesuitas corressem tam-

(1) Ch. Schmidt, *La vie et les travaux de Jean Sturm* (Strasbourg, 1855) pag. 5, citado por Duhr, *Studienordnung*, pag. 12.

(2) «Jesuitarum novum et recens nomen est et hominis acuti callidum inventum ad colligendas multorum hominum et civitatum et populorum, imperatorum etiam et regum gratias..... Laetor ego hoc instituto duabus de causis, quarum una est quod nos juvant et bonas litteras colunt, quarum nos perstudiosi et percupidi sumus. Vidi enim quos scriptores explicent et quas habeant exercitationes et quam rationem in docendo teneant, quae nostris praeceptis institutisque usque adeo proxime abest, ut a nostris fontibus derivata esse videatur...» Fournier, *ob. cit.*, pag. 82.

(3) Cf. Duhr, *Studienordnung*, pag. 7.

bem os olhos pelos programmas de Sturm, enquanto elaboravam o seu *Ratio Studiorum*, antes a historia nos demonstra que á maneira de abelhas industriosas e prudentes colheram das varias universidades o melhor que nellas florescia (1).

(1) João Sturm que morreu em Strasburgo a 3 de Março de 1589 com 82 annos de idade, começára os estudos em Schleiden (Sleidae) sua patria, continuára-os em Liège (Leodii), logo em Lovaina, onde tambem ensinou, e concluiu-os em Paris, na qual cidade se fez calvinista e demorou por oito annos parte apprendendo, parte ensinando. Dalli os seus correligionarios o chamaram a Strasburgo em 1537 para a instituição da escola, que depois cresceu a Universidade e lhe deu grande nomeada. Cf. Fournier, *ob. cit.*, T. IV, pag. 239. — Ruiz Amado, *Hist. de La Educación y la Pedagogia* (Barcelona, 1911) pag. 193. É bem natural que a passagem de Sturm pelas diversas regiões onde viveu, exercesse influencia nas suas ideias pedagogicas, ainda que maior preponderancia teve sem duvida na sua orientação a escola catholica dos Irmãos da Vida Commum de Liège, uma das mais florescentes daquella epoca na Europa. Assim o demonstra H. Kämmer na *Encyclopädie des gesamten Erziehungs- und Unterrichtswesens* (Schmid) III, (Gotha, 1880), 528: «In den Anfängen der Reformationszeit war die Schule der Brüder zu Lüttich vielleicht die blühendste Europas... Es unterliegt gar keinem Zweifel, dass wir in dieser Lütticher Schule das Vorbild für Sturms Einrichtungen vor uns haben.» Cf. Duhr, *Studienordnung*, pag. 11, 12.

De quanto dissemos, fica manifesta a pouca exactidão com que o Sr. Theophilo Braga na *Historia da Universidade de Coimbra*, T. I, pag. 279, 280, insinua que os Jesuitas adoptaram os methodos dos protestantes, mencionando expressamente o de Sturm, sem advertir ou saber, que o deste reformador é fundamentalmente o da escola catholica de Liège. Queria sobre os catholicos exaltar os protestantes, mas fálhou no intento.

*

* *

Onde iremos logo encontrar a originalidade do systema de educação e ensino da Companhia de Jesus? A originalidade descobrimo-la na fina sagacidade com que os Jesuitas entraram nas ideias da epoca, aproveitando os processos antigos, mas, cortando velhas superfluidades, introduzindo regras de boa pedagogia e modificando as particularidades, dispuseram e travaram tão habilmente todas as suas partes, que, tanto para a educação moral como para a instrução, lhes saiu das mãos um plano perfeitamente methodico pela *racionalidade* da disposição e linhas geraes, pela *harmonia* bem equilibrada de todas as leis e regras, pela *unidade* maravilhosa de todo o complexo, pela *solidez* da formação, que subministra, e pelo *liame estreito* da educação intellectual com a moral, a qual não é considerada como uma tarefa separada do ensino, mas como alma vivificadora de todo o systema (1).

Sejam quaes forem as ideias particulares do critico, se este quer ser justo, ha de qualificar de *racional* um

(1) «C'est qu'ils surent, escreve Lantoiné na sua *Histoire de l'enseignement secondaire*, dans le cadre de l'ancien enseignement faire entrer des methodes nouvelles; n'étant point gêné par la tradition, ils purent accepter ce que la tradition leur offrait de meilleur et laisser ce qu'elle avait de suranné». Cf. Fouqueray, *Hist. de la Comp.*, T. II, l. c. É tambem este o pensar do protestante Dr. Victor Nauman: «Das Jesuitengymnasium hat das Erbteil des Humanismus übernommen und vermehrt durch sehr verständige und praktische Anweisungen für die Lehrer». *Der Jesuitismus von Pilatus* (Regensburg, 1905) pag. 103.

systema que tão cuidadosamente se conforma com as relações essenciaes das coisas e com as exigencias naturaes dos alumnos. Neste ponto é innegavel a descrição do *Ratio Studiorum*, que marca distinctamente a cada coisa o logar que lhe compete na jerarchia natural.

As bellas artes que exprimem sensivelmente e aperfeiçoam os pensamentos, servem ás sciencias que os ministram; nas sciencias por sua vez ha tambem degraus jerarchicos; a philosophia e sciencias que a cortejam investigando as bellezas naturaes do mundo, do homem e de Deus, abrem o caminho ao conhecimento do sobrenatural, á theologia, com a qual não podem entrar em desaccordo sob pena de se extraviarem. É a jerarchia natural: as artes como que instrumentos da sciencia, a sciencia que a razão alcança, subordinada á sobrenatural como a sciencia superior; e tal é a jerarchia do *Ratio Studiorum*.

Neste systema três ou mais annos de grammatica dispõem para dois annos de literatura; tres annos de philosophia preparam o espirito para a theologia, philosophia para a theologia, literatura para ambas. (1) Mas nesta ascensão gradual das materias de ensino, como se

(1) G. Longhaye, *Cours de Ratio*, pag. 12, segg.; Meschler, *Die Gesellschaft Jesu*, pag. 231. Cf. *Ratio Studiorum*, Reg. Prov., 16; Reg. Prof. Philos., 1: « Quoniam artes vel scientiae naturales ingenia disponunt ad Theologiam, et ad perfectam cognitionem et usum illius inserviunt, et per se ipsas ad eundem finem juvant... » — Não se vá contudo entender que o *Ratio Studiorum* só preparava futuros theologos; a maior parte dos alumnos deixavam os collegios da Companhia depois de concluida a rhetorica ou a philosophia e estavam habilitados para seguir a carreira particular que escolhessem, como agora os que terminam o curso dos lyceus.

accommoda rigorosamente á evolução successiva das faculdades psychicas da creança! Nos primeiros annos é a memoria a faculdade dominante no espirito do homem, em seguida apura-se a sensibilidade e aviventase a phantasia, e por fim resplandece a intelligencia que á maneira de sol ascendente illumina com fulgor sempre mais intenso o céu da alma. Pois bem, segundo o methodo que analysamos, a memoria tem o seu tempo proprio e utiliza-se de preferencia na grammatica; a imaginação exercita-se e aperfeiçoa-se principalmente na literatura; e a intelligencia desenvolve-se, forma-se, aclara-se e adorna-se sobretudo na philosophia e mais sciencias. Não é que estas faculdades devam nunca separar-se no seu exercicio; a intelligencia, a phantasia e a memoria hão de acompanhar-se sempre umas das outras e dar-se mutuo auxilio na educação do homem; mas havemos de admittir que obtem não simultaneo nem igual desenvolvimento, mas realmente successivo. E com esta successão real conforma-se o plano do *Ratio Studiorum*. Na grammatica domina a memoria, na literatura a imaginação, nas sciencias o entendimento. (1)

Daqui parece manifesto o erro dos methodos que amontoam na intelligencia das creanças conhecimentos excessivos e extemporaneos, não tendo em conta o desenvolvimento progressivo das faculdades, mas começando logo dos primeiros annos com materias que ou esmagam com o peso demasiado a intelligencia ainda tenra, ou a embaraçam com sua multiplicidade.

Para obviar de facto ao pernicioso inconveniente de enredar os alumnos na variedade de disciplinas deu

(1) Cf. Duhr, *Die studienordnung*, pag. 174.

a Companhia a seu plano uma *unidade perfeita* pelo methodo da *concentração*. No primeiro curso o latim era o centro principal da instrução, em torno do qual se aggrupavam as outras materias; no segundo era a philosophia o ponto de convergencia e no terceiro dominava a theologia como rainha á qual serviam á maneira de ancillas as mais artes e sciencias.

Methodo era este muito apto para tornar o espirito bem ordenado sem desequilibrio e solido sem levianidade. Das aulas dos Jesuitas podiam sair para a sociedade homens que soubessem pensar, de raciocinio seguro, de ordem, de principios bem assentes, de ideias claras. Eram almas bem formadas.

Para attingir esta meta alvejada pela educação dos Jesuitas, empenharam-se os redactores do *Ratio Studiorum* em dispor *harmonicamente* as suas leis. Nada destôa neste codigo escolar; não ha aí demasias nem extranhezas que desequilibrem a singela harmonia da obra. O fim da instrução é nitidamente proposto aos educadores, os meios que todos elles hão de empregar, tão facilmente coordenados e tão empregnados do mesmo sentimento, que parece que um só espirito anima aquella architectura viva e vivificadora; a prudente moderação rege toda a actividade dos alumnos e mestres; nas doutrinas não ha de haver extravagancias nem novidades perigosas, sigão-se as opiniões mais solidas, as defendidas pelos auctores mais abalizados; as materias não se accumulem á maneira de mole indigesta, confusa e esmagadora; no refutar opiniões alheias não transpareça arrebatamento; no adduzir auctoridades haja parcimonia; nos desafios refreie a modestia o entusiasmo que tresborda; os castigos modere-os a brandura, a paz e o amor; as practicas de piedade se-

jam poucas, mas solidas e bem feitas, emfim uma jerarchia, bem travada nas varias dependencias de Superiores e subalternos, tudo conserve no seu posto e mantenha a tranquillidade na ordem, e a paz harmonica, o lustre das boas sociedades. É innegavel que esta harmonia observada e vivida por largos annos ha de influir profunda e beneficemente na formação da creança (1).

(1) Vide *Ratio Studiorum*: regras dos diferentes prefeitos e professores, particularmente as dos professores das classes superiores e inferiores. Contra esta suavissima harmonia do ensinamento insurge-se o sr. Theophilo Braga na sua *Historia da Universidade de Coimbra*, T. II, pag. 375, quando escreve: «O Collegio das Artes [de Coimbra] differenciava-se de todos os outros Collegios jesuiticos de Portugal pela circumstancia dos seus professores serem todos sacerdotes; isto tornava o ensino extremamente rigoroso e pela frequencia prolongada das aulas e violencia abusiva da memoria, alem das praticas religiosas, dava em resultado uma terrivel mortandade dos alumnos do Collegio que succumbiam lançando sangue pela bocca.»

Deixando de parte as inconsequencias deste raciocinio, baste apontar que o auctor não soube ler o documento onde declara ter tomado a noticia. O Ms. citado pelo Sr. Theophilo é o da *Visita do P. João Alvares*, n.º 5, f. 8. Mas este passo trata exclusivamente dos estudantes membros da Companhia de Jesus e não dos alumnos seculares. Bem o pudéra ver por todo o contexto o auctor da *Historia da Universidade*, e especialmente pela resolução que tomou o Visitador de mudar o vinho de pasto que á mesa se servia, visto attribuirem alguns as doenças tambem á má qualidade da bebida. Ora não creio que o Sr. Theophilo tenha tão elevado conceito da generosidade dos Jesuitas que os julgue capazes de fornecer gratuitamente vinho aos dois mil estudantes do seu collegio das Artes! Além de que o Ms. não descreve mortandades que são puras phantasias do Sr. Theophilo, só patenteia a solicitude paternal do Visitador em tratar de robustecer as forças de seus subordinados, cuja fraqueza se originou de causas diversas. Os rigores e excessos que lamenta o critico, havidos com estudantes seculares, manda-nos a historia que lhes chamemos inven-

Accrescentemos a *solidez* de formação e teremos uma das características mais próprias do methodo do *Ratio Studiorum*. A formação é solida, porque é bem ordenada, accommodando-se á capacidade successiva do alumno; é solida, porque, vagarosamente progressiva, não deixa passar a lições novas sem que as antecedentes tenham penetrado na mente do estudante, o que sobretudo alcançam as muitas repetições, nem subir a grau superior sem a conveniente instrucção nos inferiores; e porque as materias se vão sobrepondo e succedendo como os degraus de uma escadaria não ingreme nem empinada, mas facil e suave; é solida porque não tende principalmente a ensinar multiplicidade de disciplinas, mas a formar um espirito capaz de caminhar seguramente por si mesmo através de qualquer campo scientifico. Pouco, mas bem. "Se os Jesuitas, diz Schimberg, não atulhavam o cerebro de conhecimentos, desenvolviam e preparavam maravilhosamente as faculdades da creança para ultteriores assimilações." (1)

Ao terminar do curso não se apresentavam jovens que pudessem falar de tudo; nem umas cabeças encyclopedicas, levianas e arrogantes, sem ordem nem solidez; não uns sabios envernizados com a superficialidade de uma erudição variada, mas uns homens seriamente instruidos e solidamente educados.

Tambem o insuspeito Compayré confessa que o peso

ções de animo desaffeioado. Algum caso esporadico de um ou outro professor menos prudente, não justifica a censura. É conhecida a suavidade com que os Jesuitas tratam os seus alumnos; mas deste assumpto escrevo noutro logar.

(1) Schimberg, *ob. cit.* pag. 481.

dos programmas modernos augmenta dia a dia com farto prejuizo para a liberdade do espirito, e aconselha que se volte ao antigo rifão: *non multa, sed multum*, porque a boa educação não deve dar uma instrucção superficial, mas preparar o desenvolvimento intimo e profundo das faculdades da alma. (1)

(1) Compayré, *Pedagogia teoretica e pratica* (Torino, 1910) pag. 55, 57. — O Sr. Agostinho de Campos no seu opusculo *Educação e Ensino* (Porto, 1911) tomou, ao que parece, á sua conta desconceituar o systema da Companhia de Jesus. Para o intento, em vez de lançar mão do *Ratio Studiorum* e analizá-lo, como pedia a regra de critica mais elemental, vai á França, consulta um inimigo declarado da pedagogia dos Jesuitas, e sem mais exame nem verificação copia para o seu livro o que lhe apraz, com os mesmos desacertos que commetteu o pedagogo francês. Por isso querendo, contra o que dizemos no texto, provar que os Jesuitas não tratavam de *desenvolver a intelligencia propriamente dita* (*ob. cit.* pag. 242), cita ou copia de Compayré uma carta do P. Geral Beckx, escripta a 15 de Julho de 1854 ao Ministro de Instrucção na Austria. Mas, por infelicidade, a carta prova-lhe exactamente o contrario. Segundo a traducção do Sr. Campos este documento diz que «os Gymnasios (lyceus) permanecerão o que são por natureza; uma gymnastica do espirito, que consiste muito menos na assimilação de materias reaes, na acquisição de conhecimentos diversos, do que n'uma *cultura de pura forma*.»

Dou o texto original e a traducção fiel; o leitor confronte-a com a do Sr. Campos e julgue:

«Die Gymnasien sollen bleiben, was sie ihrer Natur nach sind, nämlich: eine Gymnastik des Geistes, die nicht sowohl in der materiellen als in der formellen Bildung, nicht bloss in der Aneignung vielfacher, verschiedenartiger Kenntnisse, sondern in der richtigen, naturgemässen,

Os Gymnasios devem continuar a ser o que são por sua natureza, a saber: uma gymnastica do espirito, que consiste não tanto na *formação material*, como na *formal*, menos na acquisição de conhecimentos multiplos e variados do que no recto e progressivo desenvolvimento e elevação das

Porém o que mais contribuía para a solidez da formação completa era sem duvida a arte prudentíssima com que se alliava a educação moral com a instrução. O ideal da Companhia visava a formar homens instruídos, mas sobretudo homens honrados e christãos sinceros; antes a propria instrução era subministrada de maneira que fosse ella o vehiculo dos sentimentos religiosos. Havia poucos exercicios piedosos, porque num collegio da Companhia tudo devia concorrer para influir a piedade; os livros de texto, as prelecções da aula, as composições literarias, as conversas particulares, as sessões publicas, as solennidades civis e religiosas, até os divertimentos e as representações theatraes haviam de ser exercicios practicos de virtude e lições de moral pelo espirito que animava todas estas acções e que pouco a pouco e insensivelmente se ia embebendo nos animos juvenis (1). "Os collegios da Companhia, escreve Schim-

stufenweisen Entwicklung und Veredlung des Geisteskräfte besteht.»

faculdades da alma conforme as exigencias naturaes.

Monats-Blatt für katholisches Unterrichts- und Erziehungswesen, Zwölfter Jahrgang, 6 Heft, Münster, 1857, pag. 260.

Para boa intelligencia do que escreve o P. Beekx e o sr. Campos parece não ter percebido, lembro que em linguagem technica se chama educação ou formação *material* a que tem por fim primario ministrar conhecimentos, que são a materia da instrução; e formação ou educação *formal* a que tende a formar as faculdades para o bom exercicio de seus actos proprios. Cf. Ruiz Amado, *Historia de la Educación y la Pedagogia*, pag. 11.

(1) Ruiz Amado, *La Educación Intellectual* (Barcelona, 1909) pag. 623: «El *Ratio Studiorum* adoptó en esta parte el verdadero camino, proponiendo la Religión y la Moral, no como materia de

berg, são machinas excellentes de gymnastica moral e de therapeutica christã. Tudo nelles fala ao espirito, ao coração, á vontade. Seguem uma lei que na psychologia contemporanea ganhou relevo notavel e proclama que o caracter se forma de uma estratificação de ideias inconscientes. Não seria descabida a comparação de tal regime escolar com um terreno de proposito escolhido e preparado, em que se concentram todos os principios de nutrição e a alma desabrocha com rapidez e vigor. Nelle se escondem alimentos para todas as naturezas e estimulantes para todas as iniciativas" (1).

Concluamos. Todas estas qualidades do *Ratio Studiorum*, as quaes com luz clara apparecerão aos olhos de quem o ler attentamente e sem preconceitos, não ha duvida que dão merecimento verdadeiro e subido valor ao methodo de Instrução da Companhia de Jesus. Havemos de dizer que attingiu a perfeição em todos os pormenores? De modo nenhum. Pretendemos que ainda agora possa dirigir a vastissima obra da Instrução? Muito menos. O assombroso desenvolvimento das letras

concentración didáctica; sino como espíritu que debe animar toda la enseñanza, aunque verse ésta acerca de materias tan diferentes como la Mitología ó las Matemáticas.»

(1) *L'Éducation morale* (Paris, 1913) pag. 482: «Leur Collèges sont des machines excellentes de gymnastique morale et de thérapeutique chrétienne. Tout y parle à l'esprit, au cœur, à la volonté. Ils obéissent à une loi que la psychologie contemporaine a mise en relief saisissant et qui proclame que le caractère est formé d'une stratification d'idées inconscientes. On pourrait comparer ce régime scolaire à un sol particulièrement choisi et préparé où se rencontrent tous les principes nutritif set où l'âme pousse vite et avec vigueur. Il s'y trouve des aliments pour toutes les natures, des stimulants pour toutes les initiatives.»

e sciencias já não cabe nos moldes do *Ratio Studiorum*, amplos para o seu tempo, estreitos para o dia de hoje. Mas um programma que se norteasse pelos solidos principios daquelle systema, que o conservasse nas linhas mestras e modificasse quanto as actuaes circumstancias exigissem, seria certamente o ideal dum plano moderno, racional, ordenado, pródigo, solido.

Nem se julguem estes desejos utopias da imaginação; que, para omittir outros pareceres bem auctorizados, na Conferencia realizada na Allemanha em 1890 acerca da Instrução, muito se discursou, sem nomear o *Ratio Studiorum*, em prol dos principios em que elle se baseia; e já em 1851 o Dr. Wiese, conselheiro de estado no Ministerio da Instrução publica, advogava para a formação do character o systema de *concentração* e perseverante exercicio de compôr, tão peculiar ao *Ratio Studiorum*. (1)

*
* *
*

Em vista do que aí deixo formulado sobre o *Ratio Studiorum*, occorre naturalmente ao leitor perguntar como se compadece juizo tão favoravel com os ataques violentos que o assaltaram no seculo XVIII. A occasião dessa guerra furiosa não eram tanto as deficiencias do *Ratio*, como os seus auctores. Combatia-se o methodo principalmente para ferir e derribar os Jesuitas. Primeiro levantou-se emulação e animosidade, depois desencadeou-se a perseguição rancorosa, e por fim a moda continuou a sanha de maldizer.

(1) Cf. Duhr, *Studienordnung*, pag. 81-83, 98.

Mas terão os censores inventado programmas que levassem conhecida vantagem aos methodos empregados pelos Jesuitas? O primeiro que se apresentou na estacada e manejou não sem destreza e vigor as armas da critica foi Luis A. Verney no seu *Verdadeiro Methodo de Estudar*. Estigmatizava os methodos em voga. Percorreu todos os ramos do saber desde o latim até á theologia, analisou, descobriu falhas, extravios, erros, censurou acremente, condemnou o systema e a doutrina e taxou os mestres de incapazes para a elevada missão que desempenhavam.

Se o reformador entrasse na empresa não como adversario sanhudo, de espada em punho e viseira erguida, mas com a calma que deve morar no remanso das letras e sciencias, teria talvez evitado dissabores e colhido loiros mais viçosos. Mas o repto insolente, atirado com sarcasmo e arrogancia, irritou o campo contrario.

Começou de parte a parte um duello; cada um rechaçava com altivez os golpes do inimigo, e defendia a todo o transe o terreno proprio. Como é inevitavel nas polemicas, de ambos os lados houve demasias. No *Verdadeiro Methodo* não faltavam bons principios que poderiam ser semente da desejada restauração dos estudos, mas havia nelle um frenesi de destruição e os censores descobriam-lhe facilmente erros de systema e erros de doutrina, que davam aso a lhe vibrarem golpes certos, além de que nem o estilo nem a linguagem abonavam a mestria do auctor. O methodo dos Jesuitas, em si mesmo excellente e fonte de resultados admiraveis nos tempos para que fôra elaborado, tambem não era difficil taxá-lo de insufficiente para os incrementos que levava o estudo das sciencias e das linguas. Esta insuf-

ficiencia agravada com a necessidade de pôr cobro ao gosto derrancado da época e sobretudo a rivalidade que por aquelles annos se ateava contra a Companhia de Jesus com maiores assomos de irritação, explica o applauso que favoreceu o *Verdadeiro Methodo*, do qual diz o insuspeitissimo D. Antonio da Costa, que naquelle tempo fizera grande impressão no publico, mas que hoje só se lê com enfado (1). Em verdade o merecimento da obra não era tal que valesse a pena quebrar lanças por a defender (2).

À emulação mais ou menos repassada de occulta inveja, succedeu a violencia aberta e sem disfarce. Pombal assentou acabar com os methodos da Companhia arrancando de Portugal esta Instituição já duas vezes secular. Começou de trovejar no seu estilo empolado palavras sonoras contra o systema dos Jesuitas apodando-o de fastidioso, escuro, prejudicial, e a doutrina, ensinada aos alumnos, de sinistramente ordenada á ruina não só das artes e sciencias, mas até da mesma Religião e Monarchia!

Depois de lermos este desafoço de indignação, é natural a curiosidade de vermos quaes os methodos de Pombal inteiramente oppostos aos dos Jesuitas. Percorro pacientemente o codigo de novas leis para o ensino secundario, mas não sem pasmo vejo que os methodos são nas suas bases e na maior parte dos pormenores não só semelhantes mas quase sempre identicos. Varios dos processos que a moda lançava em rosto aos

(1) *Historia da Instrução Popular...* (Lisboa, 1871), pag. 97.

(2) Veja-se no *Dicc. Bibliog.* de Innocencio da Silva a lista de opusculos publicados por uma parte e outra nesta controversia pedagogica, art. Luis Antonio Verney.

Jesuitas, alli estão legislados; os castigos postos em praxe, a emulação fomentada, a duração das aulas ainda mais prolongada que nos collegios da Companhia; a preponderancia do latim de Cicero encarecida, a primazia do latim formulada no plano de instrucção, o estudo da lingua portugueza apoiado ao da latina, o uso das selectas recommendado, o ensinamento da doutrina christã e o exercicio das practicas religiosas prescripto. Nalguns pontos aparta-se do *Ratio Studiorum*, mas nem sempre com acerto. Quer a grammatica latina em vulgar. Não nego a utilidade para os primeiros rudimentos, mas é irracional a pecha de absurdo que atira ao methodo opposto. Só permite o falar latim quando os alumnos tiverem bastante conhecimento desta lingua, sem advertir que o mesmo exercicio bem dirigido de falar um idioma lhe facilita admiravelmente a aprendizagem e que as mães não esperam que os filhinhos conheçam as regras da lingua vernacula para lhes consentirem que a falem. Só admite a prelecção dos poetas para o fim do curso, allegando que as creanças não percebem as bellezas da poesia, como se não houvesse nos bons auctores composições tão lhanas e faceis que não excedam a capacidade da intelligencia infantil e tão singelamente formosas que possam deleitar e prender suavemente aquellas imaginaçõeszinhas tenras. Quase absolutamente rejeita os themas nos principios, e dá como razão que para compôr é preciso saber os termos, phrases e propriedades da lingua. E contudo a experiencia de muitos annos e até a auctoridade de pedagogos modernos demonstram que a regra de ir acompanhando passo a passo os preceitos e estudos da theoria com a practica de falar e escrever, prudentemente regulada segundo as leis apprendidas, é o methodo mais

natural e eficaz de possuir uma lingua. Obriga os alumnos a receber a Eucharistia todos os meses sem falta; e pudera apprender a moderação do código da Companhia, que só aconselha aos jovens a Communhão frequente, evitando os embaraços em que póde enredar as consciencias esta obrigação forçada (1).

(1) Cf. *Instrucções para os professores de Grammatica latina | grega, hebraica, e de Rhetorica, ordenadas e mandadas publicar | por | El-Rey | Nosso Senhor | ...* (Lisboa, 1759).

No § iv das Instrucções para os professores de grammatica latina, ao inculcar-se o methodo em vulgar diz-se que «não ha maior absurdo que intentár aprender uma lingua no mesmo idioma que se ignora.» Absurdo! Qual seria o idioma por meio do qual o auctor desse programma apprende a lingua materna? Foi este methodo absurdo que formou os numerosos e habeis latinistas que estudaram nos Pateos dos Jesuitas! Para livro do texto manda pois usar a grammatica de Antonio Felix Mendes, ou a de Antonio Pereira de Figueiredo. Não creio ter sido assombroso o progresso com a mudança. A grammatica do douto Oratoriano, a quem não sómente não regateio o louvor de muito erudito, mas espontaneamente lhe confesso grande conhecimento do latim, apenas se differença da Arte do P. Alvares por ser escripta em vernaculo. No demais não adeanta. «O auctor do *Novo Meihodo*, escreve Camillo, discute enfadonhamente sem elevação philologica, em defesa do seu systema, que apenas differe do cutro no bom intento de compendiar, sem a minima alteração nas bases do ensino.» Cf. *Curso de Litt. Port.* pag. 16. De facto a sobriedade de regras tão desejada pelos adversarios nas Artes dos Jesuitas, não tenhó que a louvar no methodo oratoriano. Além de um prologo de 107 paginas num formato em oitavo, onde pretende enumerar os erros da grammatica de Alvares, enchem os preceitos dos generos boas 37 paginas; os verbos estendem-se por 96, e os preteritos e supinos abrangem 42. É de assustar um principiante!

Quanto a instrução religiosa, diz desta maneira o preceito pombalino no § xviii: «Devem os professores instruillos nos mysterios da Fé e obrigallos a que se confessem e recebam o sacramento da Eucharistia *infallivelmente* em hum dia de cada mez.» A regra dos Je-

Apesar pois das insignificantes differenças dos dois systemas, e da vantagem do methodo jesuitico em varios pontos, o Alvará de 28 de Junho de 1759 define que os Religiosos da Companhia deram com o seu methodo de ensino «causa necessaria á quasi total decadencia das referidas linguas» latina e grega, e proscree das escolas a «*Arte de Manuel Alvares*, como aquella que contribuiu mais para fazer difficultoso o ensino da latinidade nestes reinos.»

Sobre a verdade que encerram estas asserções, escreveu um erudito, que foi testemunha e parte dos acontecimentos. «Uma das consequencias da expulsão dos Jesuitas, diz elle, foi a reprovação do seu methodo de ensino e a queima dos seus livros de Grammatica. Que mesquinha ridicularia! Emquanto isto succedia, as obras manuscriptas roubadas aos Jesuitas eram impressas com o nome dos improvisados *maestrillos*, que, sem saberem latim, blasonavam de Varrões e Quintilianos. Este só ponto dava um volume inteiro para desenfastiar os leitores; mas fôra coisa superflua gastar tempo a defender o valor litterario da Companhia. A quem tiver dúvidas, basta-lhe-ha examinar as livrarias» (1).

Depois da sentença fulminada pelo despotismo pombalino, julgaram-se os escriptores auctorizados a in-

suitas, mais comedida, determina que o professor explique a doutrina christã e exorte os alumnos a receberem devidamente e com frequência os sacramentos da *confissão e communhão...*» *Reg. Prof. Class. sup. et inf.* 3, 5. A confissão tambem os Jesuitas exigiam que fosse mensal — *Reg. 3 dos alumnos externos* —, mas não havia neste ponto os inconvenientes da communhão obrigatoria de cada mês.

(1) Fr. José de Santa Rita Durão na obra do snr. Arthur Viégas, *O Poeta Santa Rita Durão* (Bruxelles, 1914) pag. 188.

vectoriar com expressões virulentas e indeterminadas o methodo jesuitico, e começou a moda a repetir machinalmente, que os Jesuitas atrophiam o cerebro das creanças e estorvavam o progresso das letras.

É superfluo tentar desfazer estas accusações formuladas em phrases genericas. A breve exposição que deixamos do *Ratio Studiorum* basta para as rebater. Methodo tão racional, tão harmonico, tão solidamente estabelecido não pode atrophiar intelligencias nem travar a marcha progressiva das ideias.

Mas é facil de advinhar o fundamento desta queixa. Muitos dos que hoje impugnam os processos da Companhia de Jesus, quizeram que ella proclamasse a liberdade do pensamento para abrir porta franca ao erro, e acolhesse nas suas escolas uma philosophia nova que se declarou em guerra aberta com a sã philosophia tradicional; não perdoam boamente aos Jesuitas que procurem com a educação solida contêr os alumnos nos ambitos, bem que vastissimos, infinitos, da verdade, e afastem de seus olhos quanto póde escurecer-lhes o intendmento e macular-lhes a innocencia da alma. Daqui rebentam as iras mal disfarçadas.

Afirmam e repetem que tyrannizam as creanças annullando-lhes a vontade com a obediencia cega e sobrecarregando-lhes excessivamente a memoria para lhes abater os vãos do intendmento. Mas, emquanto saem, nestas affirmações, caem num grave equivoco, pois nunca os Jesuitas exigiram obediencia cega de seus alumnos externos. As regras que a recommendam, são unicamente dirigidas aos membros da Ordem, e o facto de exercitarem com mais intensidade, não com demasias, a memoria das creanças, corresponde ao desenvolvimento natural das faculdades do homem. Não nego eu que na

practica houvesse excessos de quando em quando; mas estes nasciam não das leis moderadas e prudentes, que analysámos, mas de professores menos habeis. Eram defeitos de execução num plano que os pedagogos desapixonados ainda hoje louvam se não em todas as particularidades, ao menos no complexo total de suas disposições (1).

(1) Sem attender a esta evidencia continuam escriptores manifestamente parciaes a repetir a accusação. O snr. Theophilo Braga na *Historia da Universidade*, T. 1, pag. 279, assevera que o intuito dos Jesuitas formulado no *Ratio Studiorum* é o fim religioso conseguido pela annullação da vontade. Mas o auctor não repara que na mesma obra, pag. 285, escreve que do Collegio de S. Barbara, «viveiro de grandes homens, saíram os principaes humanistas do seculo xvi e ali se disciplinou a forte geração que fundou a Companhia adoptando as formas de ensino empregadas pelos Gouvêas, para fazerem frente aos eruditos e apoderarem-se do ensino publico». Se os Jesuitas adoptaram as formas dos Gouveias, que formaram grandes homens e os principaes humanistas, como é que esse methodo annulla a vontade ou tambem atrophia o intendmento? É lastimosa a confusão em que muitos escriptores se equivocam por não terem distinguido no *Ratio Studiorum* e nas Constituições o que se refere aos membros da Companhia e aos estudantes externos. Para estes se usam as expressões *scholastici externi*, *externi*, e para aquelles os termos: *scholastici nostri*, *scholastici Societatis Jesu*, se aliás o contexto não decide claramente por outra forma. Quando foi necessario mencionar membros da Companhia, convictores e externos, empregou o *Ratio*, — reg. 27 do Prefeito de estudos —, os vocabulos: *Nostri*, *alumni*, *externi*. Se attendesse a estas differenças, não escreveria D. Antonio da Costa, *Historia da Instrução Popular*, pag. 92 segg. que a instrução nacional no tempo da Companhia de Jesus fôra impregnada de um triste principio: a escravidão do pensamento, a sujeição da intelligencia, a obediencia material e cega. Para o provar cita a *Carta de Obediencia* que era endereçada exclusivamente aos membros da Companhia. Não é aqui logar de discutir que especie de obediencia

Como remate e confirmação de quanto fica exposto neste capitulo, venha a auctoridade de homens competentes. Meschler no aureo livro que escreveu no fim de sua longa vida como expressão do que sentia sobre a Companhia de Jesus ao cabo de mais de 60 annos que nella viveu, escreve com a auctoridade que lhe davam suas cãs, experiencia e virtude: "Era acertado o plano de instrucção porque tinha como primeiro principio e fim principal fazer dos alumnos homens uteis, de nobres sentimentos e conscienciosos... Era acertado porque propunha não opiniões pessoaes e vacillantes, mas doutrina geralmente recebida e segura. Era acertado pelo methodo que se baseava na experiencia e natureza humana, tendo conta com a evolução natural das aptidões dos alumnos. Era acertado por abranger todo o homem com todas as suas potencias, entendimento, phantasia, coração, vontade, para as formar a todas... Era acertado emfim porque estimulava a actividade dos alumnos pelo continuado exercicio de composição, pe-

cia exige esta carta; só advirto que nunca as regras da Companhia prescreveram aos estudantes de fóra a obediencia cega. A religiosos que teem voto de obediencia, pede-se mais; dos discipulos externos requer o *Ratio Studiorum* bem pouco, só o que era indispensavel para a boa ordem das aulas e occupações escolares. « Todos obedecam a seus mestres e guardem nas aulas e em casa com toda a diligencia a maneira de estudos que elles prescreverem ». Cf. *Ratio, Reg. Externorum auditorum Societatis*, 8. — Igualmente Compayré na *Historia da Pedagogia* (Turim, 1910) pag. 116, deixou estampado que « a obediencia cega, a suppressão de toda a liberdade, de toda a espontaneidade era a base da educação moral que davam a seus alumnos », e prova-o com as batidas semelhanças do *cadaver*, e *boardão* de homem velho, que se lhe deparam nas regras da Companhia. Aquellas regras só regulam a obediencia de quem se sujeitou a ella por voto e de modo nenhum a dos alumnos seculares.

los exames e repetições, por premios e distincções mais que pelo castigo, e lhes infundia o desejo do trabalho e o amor da sciencia" (1)

A confirmar o parecer de um Jesuita douto venha o de um extranho na pessoa do erudito allemão Heimbucher que nos dirá em compendio o que mais largamente expusémos. "A organização do ensino na Companhia de Jesus sobresaie pela *unidade, solidez e clareza* no fim e nos meios, bem como pela *ordem* com que systematicamente educa as faculdades espirituaes do alumno. Accommoda-se realmente ao successivo desenvolvimento psychologico e procura com a formação harmonica do espirito corroborar simultaneamente a vontade no bem. De facto a educação para Deus era o seu objectivo, a formação scientifica só meio para o fim" (1).

(1) *Die Gesellschaft Jesu...* (Freiburg, 1911) pag. 45: « Weise war er weil er, als höchsten Grundsatz und Hauptziel verfolgte, aus den Schülern brauchbare, edle und gewissenhafte Männer zu machen... Weise war der Schulplan durch Darbietung nicht unsicherer, persönlicher Lehrmeinungen, sondern allgemein geltender sicherer Wahrheit. Weise war der Lehrplan durch die Methode, die sich auf die Natur des Menschen und auf die Erfahrung stützt... Weise war der Lehrplan, weil er den ganzen Menschen mit seinen Fähigkeiten, Verstand, Phantasie, Herz und Willen, bildend umfasst... Weise endlich war der Lehrplan der Gesellschaft, weil er die Schüler durch fortgesetzte scholastische Übung, durch Prüfungen und Wiederholungen, weniger durch Strafen als durch Belohnungen und Auszeichnungen zur Selbsttätigkeit anregt, sie mit Lust zur Arbeit und mit Liebe zur Wissenschaft erfüllt ».

(1) Heimbucher, *Die Orden und die Congregationen...* vol. III, pag. 121: « Die Studienordnung der Gesellschaft ist durch Einheit, Festigkeit und Klarheit in Ziel und Mitteln, sowie durch systemati-

Ponha o remate a opinião auctorizada do insuspeitissimo Chancellor de Inglaterra. "A parte mais nobre da instrucção antiga, diz Bacon referindo-se á educação da juventude, foi em certo modo como que de novo restaurada nos collegios dos Jesuitas. Ao ver a actividade industriosa e a destreza avisada, com que ensinam a sciencia e formam nos bons costumes, occorre-me o dicto de Agesilau a Pharnabazo: *Se ássim és, oxalá fôras dos nossos.*" Noutro capitulo ainda mais energicamente se expressa: *No que toca a Pedagogia, baste uma palavra: Consulta as escolas dos Jesuitas; não encontrarás melhor* (1).

*
* *
*

Chegámos ao termo da analyse, que nos propusemos, e o leitor, que nos foi acompanhando sem preven-

sehe Ordnung in Ausbildung der geistigen Fähigkeiten des Zöglings ausgezeichnet. Die Ausbildung schliesst sich zeitlich und sachlich der psychologischen Entwicklung an und erstrebt durch harmonische Geistesbildung zugleich befestigung des Willens im Guten; ja die Erziehung für Gott ist ihr Endzweck, die wissenschaftliche Ausbildung nur Mittel zum Zweck. Hoher Wert wird auf Erweckung edlen Wetteifers unter den Schülern, ferner auf würdige Feier kirchlicher und weltlicher Feste gelegt, welche so begangen werden sollen, dass sie als Quelle wahrer Freude und mannigfacher Anregung stets in Erinnerung bleiben.»

(1) «Quae nobilissima pars priscae disciplinae revocata est aliquatenus quasi postliminio in Jesuitarum collegiis, quorum cum intueor industriam solertiamque tam in doctrina excolenda quam in moribus informandis, illud occurrit Agesilai de Pharnabazo: *Talis cum sis, utinam noster esses.*» *De Dignitate et augmento scientiarum* (Lugduni, 1763) L. I, pag. 24. — «Ad Paedagogiam quod attinet, brevissimum foret dictu: Consule scholas Jesuitarum; nihil enim quod in usum venit, his melius.» *Ibid.* L. III, c. IV, pag. 427.

ções, conhece finalmente por estudo proprio o tão discutido *Ratio Studiorum*. Examinou o fim, a que elle encaminha a actividade literaria dos Jesuitas, investigou-lhe os principios e regras do methodo escolar, seguiu-lhe o desenvolvimento historico, distinguio o que tinha de commum com outros systemas de instrucção e notou-lhe a originalidade que o caracteriza. Agora póde, cuidamos nós, fazer juizo exacto das leis pedagogicas da Companhia de Jesus e concluir seguramente que o seu plano de formação intellectual não é, se o consideramos em si mesmo, pernicioso á educação da mocidade, mas proficuo e promettedor de vantajosos resultados. Corresponderam realmente os factos ás leis?

LIVRO II

LIVRO II

FACTOS

Theorias ainda que bem architectadas, se os factos não veem comprovar-lhes o valor intrinseco e a fecundidade, caem no descredito. A experiencia é a pedra de toque das ideias. Uma associação, ainda que se apresente recommendada pelos seus programmas bem traçados e talvez pomposos, afinal só consegue acreditar-se definitivamente, se os processos correspondem á realidade e os resultados practicos auctorizam as leis que lhe regem a actividade. O programma dos Jesuitas, apesar dos detractores que desde o principio nelle desfizeram, considerado sem preconceitos, apparece-nos racional, modelar e capaz de dar boa formação a quem pelos seus moldes fôr educado. Comprovam os factos o resultado da analyse theorica, e podem os Jesuitas apontar sem rubor para o seu systema de educação? Um relance d'olhos, que não pode deixar de ser muito rapido, pelo campo da sua actividade intellectual, no-lo vai mostrar. Quaes foram os resultados obtidos no seio da Companhia de Jesus? Quaes os fructos que ella colheu nas gerações que passaram por suas escolas no devolver de quatro seculos?

CAPITULO I

Força de expansão

Pasmosa foi a rapidez com que a Companhia de Jesus se ramificou e multiplicou seus collegios por todo Portugal, pelas Ilhas, Conquistas e Missões de além-mar. Os olhos dos inimigos descobrem neste desenvolvimento, que se lhes afigura assombroso, o resultado de uma ambição desmesurada que só quer dominar; mas a historia imparcial, que não se contenta de afirmações caprichosas, lê nos documentos primitivos que, se por um lado a actividade de uma associação que se sentia forte pela novidade e frescura de suas energias e animada pelos nascentes fervores do seu zelo, tornou possível tão rápida e vasta expansão, pelo outro a fama que despertaram os primeiros resultados, o acolhimento que lhe fizeram por toda a parte personagens de influencia, e os convites muitas vezes insistentes com que as cidades e villas os chamavam, cabalmente nos explicam tão largo desenvolvimento.

De feito os Jesuitas, convidados para Portugal, e não vindos espontaneamente (1), começam a trabalhar

(1) Veja-se a correspondencia de D. João III com D. Pedro

com zelo em Lisboa; o seu fervor por extraordinario assombra, captiva os animos; já se delibera se não será mais conveniente conservá-los no reino em vez de deixá-los navegar para a India aonde vieram destinados; resolve-se que vá Francisco Xavier para o Oriente e Simão Rodrigues permaneça em Portugal para fundar um viveiro de missionarios que sigam a esteira daquelle apostolo. Tal foi a origem do primeiro collegio que teve a Companhia de Jesus em Portugal e no mundo todo. Data a sua fundação do dia 2 de julho de 1542. Coimbra ainda hoje admira o soberbo edificio (1). Cresceu

Mascarenhas, seu embaixador em Roma, no *Corpo Diplomatico*, anno 1539, tomo iv, pag. 104-105.

(1) Os Jesuitas habitaram ao principio em casa de aluguel, que depois compraram, e em 1547 aí lançaram a primeira pedra ao famoso Collegio de Coimbra. Para o grandioso templo do Collegio benzeu-se a primeira pedra aos sete de Agosto de 1598; no dia 1 de Janeiro de 1640, primeiro anno secular da Companhia, foi inaugurado o corpo da igreja, e só em 1698, no dia de S. Ignacio, se abriu ao culto o cruzeiro e a capella mór. O P. Franco escreve na sua Synopse ao anno de 1598 estas palavras sobre a magnificencia do templo: «Paulatim surrexit ad eam amplitudinem, ut nullum sit in urbe augustius». Franco: *Imagem da V... Coimbra I*, pag. 3; *Syn. Ann.*, 1542, 1547, 1598, 1616, 1640, 1698. O auctor do poema *Paciecidos*, Bartholomeu Pereira S. J. assim descreve o Collegio de Coimbra

«...qua Munda per agros
Influit argento fugitivo, oleaque feraci,
Cincta caput coelo doctrix Collimbria surgit,
Colle superbifico sese hic domus ardua Jesu
Extollit, spectatque agros atque imminet urbi.
Hanc Loiola Parens cunctis prae sedibus unam
Maiorem natu titulis et tempore primam
Esse dedit, semperque novis dabit incrementis.

rapidamente o numero dos habitantes do novo collegio e já em 1551 destacava para Evora uma boa leva destinada á fundação do Collegio do Espirito Santo e em 1553 a segunda para inaugurar o tambem famoso Collegio de S. Antão em Lisboa. Neste mesmo anno de 1553 o Collegio de Evora abriu aulas publicas e logo em 1559 no primeiro de Novembro se transformou em Universidade, cuja erecção a cidade solennizou com regozijo. "Foy dada num theatro com singular successo, notavel aparato e grande aplauso huma tragedia intitulada *El-Rey Saul*; e nas tres noytes seguintes houve encamisadas muy aparatosas e pera ver, correndo a cidade toda grande numero de cavalleiros com tochas accesas" (1). No decorrer dos annos juntaram-se á Universidade o Collegio chamado dos Porcionistas, para alumnos internos, creado pelo Cardial D. Henrique em 1563, mas que terminou com a morte do fundador; o Collegio da Purificação fundado pelo mesmo Cardial para theologos seculares e começado a habitar em 1593, e o Collegio da Madre de Deus instituido por Heitor Pina para formação principalmente de jovens de sua familia e aberto em 1608.

Até o anno de 1555 fôra o Collegio de Jesus de Coimbra destinado sómente para formar os membros da

Divitiis animisque altae regalibus aedes
Consurgunt, magnaeque urbis se molibus instar
Attollunt, radiat celsa de parte lycaeum
Palladiae genti sacrum longeque patescunt
Atria marmoreis tercentum effulta columnis.

(*Paciecidos* lib. vii, pag. 112 — Conimbricæ 1640)

(1) Telles, *Chron.*, P. II, pag. 345.

Companhia, mas os prosperos resultados do Collegio de Lisboa moveram o Rei D. João III a entregar aos Jesuitas o Collegio das Artes de que tomaram posse no Outubro desse anno juntamente com o annexo Collegio de Porcionistas (1).

(1) O Collegio das Artes quando foi entregue aos Jesuitas, jazia no mais baixo da cidade; em 1566 deixaram este edificio, passaram as aulas para o Collegio de Jesus, situado em posição elevada e aí edificaram nova casa lançando a primeira pedra em 1568; cresceu porém a obra com tanto vagar que só em 1616 se franquearam todas as salas do Pateo das escolas e a grande sala de actos. Para celebrar o acontecimento representou-se uma tragedia de Balthazar, composta pelo professor João da Rocha, depois Bispo de Hierapolis. Franco, *Syn. Ann.*, 1566, 1568 e 1616.

Auctores desaffeiçãoados á Companhia vêem na posse que ella tomou do *Collegio das Artes*, um lance calculado da ambição jesuitica. Para o sr. Theophilo Braga, na sua *Historia da Universidade*, é facto indiscutivel! A verdade porém é que as boas estreias que a Companhia fez no Collegio de Lisboa, e o descredito a que desceram precipitadamente os professores do Collegio das Artes, foram os motivos principaes que determinaram a resolução do Rei. O processo que se instaurou, trouxe a lume, além das bem fundadas suspeitas de heresia, as intrigas, as mutuas diffamações, e os vicios repugnantes que deslustravam o corpo docente daquelle estabelecimento de ensino. Vejam-se os documentos no *Archivo Historico Português*, vol. IV, pag. 249-251, citado pelo sr. Fortunato de Almeida na *Historia da Igreja em Portugal* T. III, P. I, pag. 443-447. Com estes documentos concorda o que, não sem comedida reserva, escreveram os historiadores da Companhia, Telles e Franco, e o que nos deixa entrever, por entre os elogios aos antigos professores, o discurso que o P. Perpilhão recitou na primeira inauguração solenne das aulas no Collegio das Artes em 1555: «...hoc ipsum, credo,... fatebimini: quae causae Societatem universam ad docendas publice bonas artes incitarunt, easdem Religionis amantissimum Regem, publicique boni cupidissimum, ut nos in his sedibus collocaret, impulsi. Sperat id,

Já eram bastantes e talvez de sobra os collegios das tres cidades, Lisboa, Coimbra e Evora, para occupar a nascente congregação; mas os pedidos vinham uns sobre outros. Em Braga fundava-lhe o Collegio de S. Paulo em 1560 o zeloso Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, e logo em 1561 a convidam para Bragança o duque Brigantino e D. Antonio Pinheiro, Bispo de Miranda. Pelo mesmo tempo desejavam ardentemente fundar collegio, D. Antonio, filho do Infante D. Luis, no Crato, o Cardial D. Henrique em Santarem, o Duque de Bragança em Villaviçosa, o Arcebispo de Braga em varias cidades da sua vasta diocese, e com igual intento chamavam os Jesuitas os Bispos do Algarve, da Madeira, de Angra e a cidade de Elvas. Desta ultima cidade eram tão porfiadas as instancias, que rogava se lhe enviassem pelo menos alguns Padres doentes e fracos, pois com vê-los e tratá-los se consolaria todo o povo (1). Do Algarve era tambem o grande bispo Jeronymo Osorio que pedia para a sua diocese collegio de Jesuitas (2).

quod et nos omnes sperare optareque debemus, si ad scientiarum vim atque splendorem virtutis salubritas, aut potius sanitas accesserit, aliquid quale prisca illa saecula viderunt, et quale nostra etiam aetate non raro extitit, evasurum.» P. J. Perpiniani ... *Opera* (Romae, 1749) T. I, pag. 34.

(1) Ms. Soc. J., Lus. 62 f. 137. Carta do Provincial Leão Henriques ao Geral a 18 de Nov. de 1566. Cf. Franco, *Synopsis Ann.*, 1566.

(2) «...este año fui embiado del P.^o Provincial al Algarve a peticion del S.^{or} Obispo don Hieronymo Osorio, amigo mui antiguo de la Compañia... y asi el S.^{or} Obispo desea en aquel reino un collegio... El S.^{or} Obispo trata esto con el P.^o Provincial...» Ms.

Foram attendidas em primeiro logar a cidade de Angra com o Collegio da Ascensão em 1570 e no mesmo anno a Madeira com o de S. João Evangelista, edificado na cidade do Funchal. Desde 1567 viera a Lisboa um enviado da parte dos madeirenses para alcançar do Rei em nome da Ilha um Collegio da Companhia de Jesus (1). Em Angra, donde as instancias tinham sido ainda mais encarecidas com requerimentos ao Rei e á Rainha, foram os primeiros Jesuitas acolhidos com espontaneo entusiasmo, descendo á praia a os receber o Bispo com o seu clero e as auctoridades da cidade, emquanto a fortaleza augmentava o regozijo e a solennidade com salvas de artilharia. No anno seguinte, em 1571, escrevia a S. Francisco de Borja o P. Luis de Vasconcellos, que a cidade estava muito satisfeita com a erudição dos professores e a Companhia gozava de muita acceitação com o povo da Ilha, o qual não cessava de apregoar a mercê que recebera na fundação do Collegio (2).

Pouco depois em 1575 lançaram-se os fundamentos ao Collegio de Jesus em Angola, que só mais tarde pôde abrir escolas. Em 1591 fundava-se em Ponta Delgada o Collegio de todos os Santos, pedido havia mui-

Soc. J., *Lus.* 62 f. 229. Carta autographa do P. Cypriano Soares ao Geral, de Lisboa, dia do Esp. Santo, 1568.

(1) Cf. Ms. Soc. J., *Lus.* 62 f. 198, Leão II. a Borja, 29 Fev. 1568; Franco, *Syn. Ann.*, 1567.

(2) «...Está aqui muy excepta la Compañia y no cessan de hablar de la grande merced que hizo N. S. a esta Isla con le dar personas de la Compañia...» Ms. Soc. J., *Lus.* 64 f. 156. Angra, 30 Jan. 1571; Cordeiro, *Historia Insulana*, vol. II, L. VI, C. XII, n.º 112; Franco, *Syn. Ann.*, 1570.

tos annos pelos Michaelenses que invejavam á cidade de Angra a boa sorte do que já possuía. Em 1636 é que se ultimou a fundação com a nomeação do primeiro Reitor, o santo religioso P. Luis Lopes (1). Em 1599 eram acolhidos em Faro no Algarve, com illuminações e corridas de cavallos, os primeiros fundadores do Collegio de Sant'Iago, que, por algumas opposições que se levantaram, só em 1616 deixou a denominação de Casa Professa para tomar o nome de Collegio (2).

Não arrefeceu no seculo dezasete o fervor do seculo dezaseis. Apenas decorridos seis annos entravam os Jesuitas em Portalegre no anno de 1605 para começar o Collegio de S. Sebastião, e em Lisboa se encarregavam do Seminario de S. Patricio fundado em 1593 pelos Padres João Olingo e Pedro da Fonseca, ambos da Companhia de Jesus (3).

Tambem nos primeiros decennios do seculo deza-

(1) Cf. Franco: *Syn. Ann.* 1591, *Annus Gl.* pag. 128. — Já desde 1571 e 1573 mettiam os michaelenses requerimento com El-Rei para obterem a erecção de um Collegio: «Los de la Governança y gente principal de la ciudad de Ponta Delgada... desean mucho se funde en esta ciudad un collegio: y sobre ello embiaron hun hombre honrrado a El Rey... Por esta fundacion ha mucho tiempo instan y creo holgara El Rey mucho con ella, empero como está endeudado y con aver pocos años que fundó los otros dos collegios, no parece les dará por aora palavra dello». Ms. Soc. J., *Lus.* 65, f. 193. O Provincial Jorge Serrão ao Geral; Coimbra 13 de Maio de 1573. Cf. etiam *Lus.* 64 f. 216. Em 1600 dirigia novamente a Camara da mesma cidade de Ponta Delgada petição a El-Rei para que os Padres da Companhia abrissem finalmente na cidade escolas de latim e casos de consciencia. Cf. Deusdado, *Educadores portugueses*, pag. 33.

(2) Cf. Franco, *Syn. Ann.*, 1599, 1616.

(3) Cf. Telles, *Chron.* II, pag. 184; Franco, *Syn. Ann.*, 1593. Este seminario nos primeiros tempos, levou, por falta de recursos,

sete começaram a funcionar as escolas no Collegio de S. Lourenço no Porto, que, apesar de longos annos de opposição, chegou contudo a florescer entre os principais estabelecimentos de ensino. A fundação do Collegio data de 1560, mas uns receios infundados da parte dos cidadãos, que temiam ver a sua cidade invadida e desassossegada por nuvens de estudantes vindos de fóra, não consentiram mais cedo que a obra, de tantos desejada, tivesse realização completa. Não eram estes medos nem de todos nem continuos; entretanto não deixavam que se dêsse principio ás aulas. Porfim desvaneceram-se aquellas imaginações e subiu tanto a acceitação do Collegio, que este foi crescendo com os annos e para o de 1724 nota o P. Franco, annalista da Provincia, que se augmentára o numero das escolas para conter a multidão dos estudantes que affluíam. Já em 1669, quando o Collegio estava em plena actividade, contractaram com o reitor os vereadores da cidade, que houvesse tambem uma cadeira de philosophia. A Camara obrigava-se a dar para esse fim annualmente a quantia de 50:000 reis, e o contracto foi, a pedido dos vereadores, confirmado por alvará de 26 de junho de 1699 (1).

existencia trabalhosa. O Colleiitor de Portugal, Mons. Fabio, Patriarcha de Jerusalem, desvelou-se pelo bem da fundação e recomendou-a instantemente á generosidade do Papa e do Cardial Aldobrandini, a quem escreveu a 17 de Julho de 1593 que visitára o seminario e ficára muito satisfeito com os progressos dos seminaristas irlandezes e com a dedicação dos Padres Jesuitas: «... Sono rimasto molto soddisfatto di veder che in cosi poco tempo abbia fatto tanto progresso nelle lettere et li Padri Gesuiti nelle loro scuole gli attendo con molta carità». Arch. Vat., Nunz di Port. 9, f. 59.

(1) Alguns escriptores citam contra os Jesuitas um accordam

Coube logo em 1621 a vez ao Collegio de N.^a S.^a da Conceição em Santarém, tanto tempo desejado pelos

de 1630, no qual a Camara da cidade do Porto ameaça com severas penas os que mandarem seus filhos estudar latim nas escolas da Companhia. Um escriptor, chamando esse documento monumental, vê-se que prefere ignorantes os cidadãos do Porto a serem insinados por Jesuitas. De feito, o accordam pela incorrecção com que está redigido, é monumento mas de pouca sabedoria, e prova que na cidade o que faltava, eram escolas. Entretanto dos dizeres do documento nada se colhe em descredito do ensino da Companhia, contra o qual se não fez referencia desfavoravel. A causa da resistencia era a que indicámos, inteiramente extrinseca, e bem a explicam Telles e Franco e nós a vimos comprovada em documentos coevos. «Dicen tener assentado, escreveu em 1570 o P. Rui Vicente, reitor do Collegio, que no quieren Collegio de escuelas en esta tierra diciendo, que ajunta la Compañia tanta renda de monasterios aqui, para aver aqui escuelas a que vengan estudiar de fuera toda gente y se ajuntaran tantos que no se pueda sustentar la ciudad por ser pobre...» Notemos ainda que no apno de 1587 a Camara da mesma cidade pedira, com annuencia do povo, ao P. Sebastião de Moraes, Provincial dos Jesuitas, que abrisse escolas no Porto. Não se deu logo execução ao pedido e quando, annos depois, começou o reitor P. Antonio de Vasconcellos a construir edificio para as aulas, renovaram-se antigos receios, que obrigaram por então a desistir da obra.—O edificio do Collegio, que era em 1910 o seminario diocesano, começára a ser habitado pelos Jesuitas em 1577, tendo-se-lhe lançado a primeira pedra, com grande solennidade e concurso de povo, a 20 de Agosto de 1573, na praça das Aldas, ou rua das Aldas como diz o P. Carvalho na sua *Corografia*. O sitio descreve-o assim Franco nos seus *Annaes*, anno 1573: «Collegium Portuense in loco e melioribus urbis Durio flumini imminens, prospectu amoenissimo.» Cf. Ms. Soc. J., *Lus.* 64, f. 145; Rodrigo da Cunha, *Catalogo dos Bispos do Porto*, P. II, pag. 205, 215; Telles, *Chron.* II, pag. 89-90; Franco, *Syn. Ann.*, 1601, 1602, 1662, 1724. P. A. Carvalho, *Corografia*, T. I, pag. 352; Fortunato de Almeida, *Hist. da Igreja em Portugal*, T. III, P. I, (Coimbra, 1913) pag. 459.

seus habitantes, começando as aulas tres annos depois já com avultado numero de alumnos (1). Accresceram depois os Collegios de Sant'Iago em Elvas no anno de 1644, em que o primeiro Reitor foi acolhido com musica por multidão immensa de povo (2); o de Faial em 1652, onde com regozijo universal ao som de instrumentos musicos e salvas de artilharia receberam os fundadores; o de Setubal em 1655; o de Portimão em 1660; o de Beja em 1670, e mais outro em Lisboa, na Alfama, no anno de 1677, todos cinco dedicados a S. Francisco Xavier (3).

Entramos no seculo dezoito e logo nos primeiros

(1) Nos Mss. S. J. *Lus.* 53, *Litt. ann.* 1625, lê-se: «Illo anno primum apertae sunt scholae... ab oppidanis tantopere desideratae...» De facto era tão verdadeiro como antigo o desejo que tinha Santarem de possuir collegio da Companhia; tanto assim que, prohibindo o Vigario do Arcebispo de Lisboa aos moradores de Santarem mandarem seus filhos a aprender grammatica nas aulas dos Jesuitas, os bons cidadãos protestaram e o Collecitor de Portugal pôs mão no negocio em favor delles. Arch. Vat., Nunz di Port., 14, fol. 23, carta de 24 de Junho de 1623; Franco, *Syn. Ann.*, 1570. No anno de 1651 passaram os Jesuitas a habitar o palacio real que lhes concedera D. João IV, e festejaram a mudança com solennissima procissão de andores muito vistosos, prégando o P. Antonio Vieira. Em 1687 foi inaugurada solennemente a nova igreja. Igreja e collegio são agora occupados pelo seminario patriarchal. Franco, *Syn. Ann.*, 1651, 1687.

(2) Mss. S. J. *Lus.* 54, *Litt. ann.* 1654, fol. 255.

(3) O collegio de Beja soffreu no principio contradicções da parte de Religiosos, dos Irmãos da Misericordia e do Arcebispo de Evora; por isso durante annos não passou de tenue residencia. Vencen-as em 1693, quando a Rainha D. Sophia quis ser a fundadora, e lançou-se-lhe a primeira pedra a 12 de Março de 1695. A igreja, que ainda hoje não está concluida, tinha por Orago S. Sizenando. Cf. Franco, *Syn. Ann.*, nos annos da fundação destes collegios.

annos foi acceite a fundação de um collegio em Lisboa, destinado a formar missionarios para a India, mas embaraços que se amontoaram successivamente, não deram logar a que se construísse (1). No anno de 1735 tomou a Companhia a direcção do seminario que D. João V fundou em Villa Viçosa para o culto de sua real capella e em 1739 teve principio em Gouveia o ultimo collegio que a Companhia de Jesus acceitou em Portugal (2).

Dirigiam pois os Jesuitas ao tempo da perseguição Pombalina, no reino e ilhas adjacentes e Africa occidental, uma Universidade, 20 collegios, incluindo o da Madre de Deus, e tres seminarios. Tinham ainda escolas frequentadas por numerosos alumnos na Residencia de Pernes junto a Santarem e na de N. S.^a da Lapa, santuario situado na diocese de Lamego (3).

(1) Era fundador o Almirante de Castella D. João Thomás Enriquez de Cabrera e determinara que se chamasse da Purissima Conceição de Nossa Senhora. Em 1755, depois do terremoto de Lisboa, os Procuradores das Missões da India construíram uma barraca no sitio da Cotovia; deram-lhe o nome de Hospicio de S. Francisco de Borja e para aí foram habitar, até que se fabricasse o dicto collegio para o qual tinham já as coisas em bom andamento. Cf. Arch. di Stato, Roma, Gesuit. Coll., maço 152; *Compendio istorico dell' espulsione dei Gesuiti* (Nizza, 1791) pag. 112; Franco, *Syn. Ann.* 1705, 1715; Fonseca, *Evora GL.*, pag. 430.

(2) Não faltaram no começo difficuldades para a fundação do Collegio de Gouveia, nem desordens suscitadas pelo Prior de S. Pedro, pelo Capitulo de Coimbra e pelas Religiosas de S. Clara que na terra tinham convento; chegou até a levantar-se uma sedição no povo, assoprada por quem nella tinha interesse; mas, como a parte mais sã da povoação estava pelos Jesuitas, passou a tempestade. Mss. S. J. *Lus.* 54, *Litt. ann.* 1740, fol. 287.

(3) Na Residencia de N. Senhora da Lapa abriu-se a escola de latim em 1714. Cf. Franco, *Syn. Ann.*, 1714. Teve tambem a Compa-

Tão grande numero de collegios não esgotava porém a actividade dos Jesuitas portugueses, cujo zelo empreendedor se estendeu a todas as terras de além-mar, onde lhes abriu caminho o genio aventureiro de Portugal. Na Provincia de Goa ensinou a Companhia em dez collegios e tres seminarios estabelecidos na capital do Oriente, onde o Collegio de S. Paulo se pudéra chamar uma boa Universidade, em Agra, Baçaim, Chaul, Damão, Diu, Rachol, Taná e Moçambique. Na Provincia do Malabar levantou oito collegios e dois seminarios em Ambalacata, Bengala, Cochim, Manganapatão, Meliapor, Manapar, Pegú, Travancor e Vayapurú. Na Provincia do Japão, emquanto o vento das perseguições não desfez a florente christandade, regeu em tempos diversos seis collegios e dois seminarios. (1) Na China diri-

nhia na cidade de S. Salvador do Congo um pequeno collegio que soffreu em todo o tempo grandes difficuldades, e pelas perseguições de que foi alvo e inconstancia daquella gente, houve de acabar em 1669. Começara em 1623 — Franco, *Syn. Ann.*, 1623, 1672. — Para se formarem nas Humanidades os membros da Companhia, organizaram-se estudos na casa da Cotovia em Lisboa, que só duraram desde 1695 a 1701. Foi primeiro professor o P. Antonio Franco que por esta occasião publicou o seu *Promptuario de Syntaxe*, e o segundo o P. Pedro de Almeida, auctor de um erudito *Commentario* sobre Suetonio. De 1701 em diante continuaram os escolasticos a cursar as aulas publicas de Coimbra e Evora. A maneira por que se davam estas aulas domesticas em Lisboa descreve-a o P. Franco nos seus *Annaes*. O trabalho dos mestres era excessivo: um só professor ensinava na escola durante duas horas de manhã e duas de tarde, presidia aos desafios literarios pelo espaço de tres quartos de hora e algumas vezes á explicação da lingua grega por hora e meia. Os estudantes fallavam sempre latim entre si e com o professor, e chegavam a alcançar tamanha facilidade na expressão, que parecia conversarem na sua lingua nativa. Franco, *Syn. Ann.*, 1695, 1701.

(1) Veja-se o Mappa das Missões do Japão delineado em 1646.

gia quatro collegios e um seminario fundados em Macau, Cancheu, Nanquim e Pequim; e pelas vastas regiões do Brasil espalhava a instrucção em nove collegios e um seminario, estabelecidos na Bahia, em Belem, no Rio de Janeiro, em Olinda, S. Paulo, no Recife, em Todos os Santos, no Espirito Santo, Pará e S. Luis do Maranhão (1).

pelo P. Antonio Francisco Cardim e inserido no livro do mesmo auctor *Fasciculus e Japponicis Floribus*. Nelle se lê o seguinte: «Jappon dividitur in 66 Provincias sive Regna... Per omnia dilatata est Fides catholica labore et industria Religiosorum Societatis Jesu; multa centena christianorum millia numerantur. Habuit Societas Jesu diversis temporibus Collegia sex, Residentias majores seu Collegia inchoata tria, Domos Probationis duas, Residentias 64, Seminaria duo. Plurimi pro Christo mortem oppetierunt.»

(1) Ao enumerar os collegios das Missões refiro-me aos tempos vizinhos á perseguição de Pombal; porquanto no decurso de dois seculos se fundaram collegios que com o tempo se vieram a desamparar. Na India, por exemplo, havia em annos atrasados casas de instrucção como a de Salsette, Vaipicota, Tutucorim, Malaca.

Todos estes collegios especialmente os da Europa, á excepção de alguns seminarios, eram frequentados por alumnos de fora. Os Internatos não agradavam aos antigos Jesuitas, ou fosse pelo grande dispendio de pessoal, ou pela apparencia de interesse que poderia haver em collegios com pensões, ou fosse pelos amargos dissabores que não raramente traziam, não os tomavam ou desobrigavam-se delles, apenas as circumstancias lho permittiam. Em Portugal dirigiram dois collegios de Porcionistas: o de Coimbra, annexo ao Collegio das Artes, e o de Evora fundado pelo Cardeal D. Henrique. Mas o de Coimbra dissolveu-se em 1579 e o de Evora em 1580 com a morte de D. Sebastião e D. Henrique, de cuja vontade dependiam. Escreve o P. Franco — *Syn. Ann.*, 1580 — que «Nunquam Societas, nisi invita, his operibus subiecit humeros,» e depois da morte dos Reis que os queriam, «non erat cur molestissimam curam amplius sustineret Societas, quam semper gravem et quieti nostrae infensam existimavit.»

Desta maneira derramavam os Jesuitas a instrução pelas quatro partes do mundo, e não sei que houvesse associação que mais difundisse as luzes do saber.

*

* *

O numero de estudantes que affluíam ás aulas da Companhia, chegava a ser assombroso. Alguns exemplos o demonstram. Ao Collegio de S. Antão acudiam logo nos primeiros cursos para cima de quinhentos alumnos, além dos que ouviam casos de consciencia, que passavam de trinta (1). Em 1564 já uns trezentos clérigos recebiam do P. Marcos Jorge lições de casos de consciencia, que elle explicava na igreja por não haver sala capaz de tamanha multidão de ouvintes (2). Em 1575

Syn. Ann., 1579. O Collegio dos Porcionistas em Coimbra, de que se encarregaram os Jesuitas em 1555, foi o primeiro que na Europa teve a Companhia, e a primeira Congregação Geral no decreto 126 concedeu por via de dispensa, e não como lei ordinaria, que a Provincia de Portugal continuasse a regê-lo. Segundo isto, não é inteiramente exacto o que escreve o distincto escriptor P. Tacchi-Venturi no vol. 1 da sua *Historia da Companhia de Jesus em Italia* pag. 397, quando observa que a occasião do primeiro internato da Companhia na Europa fôra a admissão de Porcionistas que em 1558 fizeram Laynes no Collegio Germanico. Quando a Companhia de Jesus reapareceu depois da catastrophe do seculo dezoito, as circumstancias e costumes tinham variado; conheceu a necessidade de internatos e procurou accommodar as suas leis á direcção de taes collegios. Cf. Astrain, *Historia de la Compañia de Jesus*, T. II, pag. 555.

(1) Mon. Hist. S. J. *Litt. Quad.*, II, pag. 674.

(2) Franco, *Syn. Ann.*, 1564.

eram mil e trezentos os alumnos (1), em 1588 e 1593 uns dois mil e em 1598 mil e oitocentos (2).

Em Coimbra já no anno de 1558 frequentavam o Pateo do Collegio das Artes uns mil estudantes, entre os quaes sobresaíam muitos Religiosos Franciscanos, Bernardos, Jeronymos, e Loyos (3), e em 1594 regulavam por dois mil (4).

Em Evora no anno de 1575 tinham crescido a mil os estudantes, não contando os muitos que apprendiam nas escolas de primeiras letras, e em 1592 chegaram a mil e seiscentos (5). Em Braga, além dos principiantes de ler e escrever, cujo numero orçava por quatrocentos, tocavam a boa cifra de novecentos em 1624 e ainda em 1727 (6).

Na India passavam de setecentos os que recebiam instrução no Collegio de S. Paulo de Goa pelos annos de 1594, incluindo nesse numero os meninos das escolas elementares (7). No anno de 1617 observa o annalista contemporaneo que "os estudos são frequentados com mais de duzentos e cincoenta estudantes, que para terra tão guerreira e tão pouco dada a letras não he pequeno

(1) Mss. S. J., *Lus.* 106, *Litt.*, ann. 1575, fol. 75.

(2) Mss. S. J., *Lus.* 106, *Litt.* ann. 1598, fol. 223; *Annuae Litterae*... an 1588 (Romae 1591) pag. 444.

(3) Franco, *Syn. Ann.*, 1558.

(4) Mss. S. J., *Lus.* 106, *Litt.* ann. 1594, fol. 176.

(5) Mss. Soc. J., *Lus.* 106, *Litt.* ann. 1575; *Annuae Litterae Societatis Jesu*, an. 1592 (Florentiae 1600) pag. 177.

(6) Mss. Soc. J., *Lus.* 53, *Litt.* ann. 1624, *Lus.* 64, f. 155.

(7) «Scholae alumnos numerarunt supra septingentos elementariis adjunctis». *Litterae Societatis Jesu* an. 1594, 1595 (Neapoli 1604) pag. 807.

numero." (1) Não mettia nesta conta os que estudavam primeiras letras (2).

O numero dos alumnos manteve-se geralmente na maior altura que indicámos; porém na primeira metade do seculo dezoito apontam os documentos manuscritos baixa de frequencia nalguns collegios principaes. Em 1740 observa o escriptor das cartas annuas que houvera diminuição no numero dos estudantes em Coimbra, e em 1747 apenas faz notar que passavam de mil os que iam ao Pateo de S. Antão (3). O motivo do decrescimento tem justa explicação na rivalidade que por esses tempos se ateára mais accessa contra a Companhia de Jesus, e na concorrência que lhe faziam escolas bem acreditadas, como as dos oratorianos (4).

(1) Mss. Soc. J., Goa. 33, f. 560.

(2) Tem-se escripto até o dia de hoje que eram uns três mil os alumnos que enxameavam no collegio dos Jesuitas na antiga capital da India. É lenda que se formou no principio do seculo xvii. Quem lhe deu origem foi o francês Francisco Pirard no seu livro de viagens. O illustre viajante deve ter confundido com os alumnos do collegio os meninos da doutrina que em longa procissão de 3.000 percorriam, cantando, as ruas do Goa, segundo conta Francisco de Sousa no *Or. Cong.* P. II, C. I, D. I, § 31. Cf. Caetano de Sousa, *Instituições Portuguezas... no Oriente* (Bombaim 1890) pag. 32, 58; *Stimmen aus Maria Lach*, vol. 87, pag. 500-511, art. de Affonso Vath.

(3) Ms. S. J., Lus., 54, *Litt. ann.* 1740, fol. 290; *Litt. ann.* 1738-47, fol. 323.

(4) O dramaturgo Manuel de Figueiredo deixou escripto no tomo xiv de suas obras, pag. 450, que o povo de Lisboa chamava *Estorninhos* «aos immensos estudantes que andavam nas aulas dos Jesuitas no Collegio de Santo Antão, hoje Hospital de S. José, vestidos como os Estudantes de Coimbra, com chapéo, ou vestidos pretos, de casaca ou á romana de cabelleira ou sem ella, muito á sua vontade, mas sempre vestidos de preto.» — A maior parte dos numeros que aí deixo consignados, tirei-os dos documentos manuscritos offi-

*
* *
*

Para se fazer agora conceito justo das aulas que havia nos collegios, e dos professores que ensinavam, bastarão poucos numeros de estatística. Era praxe dos Jesuitas dar começo ao collegio com alguma escola de latim e muita vez com outra de casuística, e augmentar o numero das aulas ao mesmo passo que iam affluindo os alumnos ou cresciam os rendimentos da casa. Tal foi o processo seguido ainda nos collegios maiores, á exce-

ciaes e contemporaneos; noutros porém se me depararam numeros diversos e, uma ou outra vez, bem mais avultados. Desta maneira num manuscrito da Bibliotheca Nacional de Roma — Mss. Ges. 1384. 15 — se lê para o anno de 1591 o que segue: «Estudantes que em Coimbra são perto de 2:000, em Lisboa mais de 2:500, em Evora mais de 1:200, em Braga quase outros tantos.» Mais ainda. Fr. Luis de Granada na vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres escreveu que nas escolas do collegio de Braga havia mais de 1:500 estudantes — Obras de Fr. Luis de Granada (Madrid 1906) Tom. 14, pag. 350. Mas em 1622, como leio na *Relação Geral das Festas... na canonização dos gloriosos S. Ignacio... e S. Francisco Xavier* (Lisboa, 1623) pag. 13, só mil e oitocentos alumnos frequentavam o Pateo de S. Antão; e o P. Antonio Vieira no sermão de S. Ignacio, prégado em 1669 na igreja deste collegio, já deplora a diminuição de frequencia nas suas escolas. Contudo na Universidade de Evora pelos annos de 1734 conta o escriptor das cartas annuas, que desde o tempo em que o Serenissimo D. José, irmão de D. João v, alli recebêra o grau de doutor, crescêra desmedidamente o numero dos candidatos ás insignias do doutorado. Mss. S. J., Lus. 54, *Litt. ann.* 1734-1737, fol. 270. No Collegio de S. Antão, escreve Orlandini, *Hist. Soc. Jesu* (Colonia, 1615) L. xiii, pag. 433, e depois d'elle Franco, *Syn. Ann.*, 1553 — que logo no primeiro anno lia o P. F. Rodrigues casos de consciencia a quatrocentos alumnos. Foi certamente confusão de numeros. O que aponto no texto ficou em memoria na carta quadrimestre daquelle tempo.

*

pção do Collegio das Artes em Coimbra, que a Companhia recebeu das mãos d'el-Rei com a organização e aulas que se conservaram sem grande alteração no decorrer dos annos. Havia pois neste Collegio *onze* cadeiras publicas de grammatica, latinidade, humanidades e rhetorica, *duas* de grego e hebraico, *quatro* de philosophia, e *uma* de mathematica; e particularmente para os estudantes Jesuitas mais *duas* de theologia moral, *tres* de especulativa e *uma* de sagrada escriptura (1).

Em Evora regiam os professores *tres* cadeiras de theologia especulativa, *duas* de moral, *uma* de escriptura, *quatro* de philosophia, *uma* de mathematica, *duas* de rhetorica, *duas* de humanidades, *quatro* de grammatica e *duas* de ler e escrever (2).

No collegio de S. Antão em Lisboa havia *nove* classes de grammatica, humanidades e rhetorica, um curso de philosophia, *duas* cadeiras de theologia especulativa e outra de moral, e com particular brilho se explicava a mathematica e astronomia na famosa aula da Esphera, muito frequentada até da nobreza (3).

No Collegio de Braga leccionava-se em *cinco* classes de latinidade, além da escola de primeiras letras,

(1) As sciencias naturaes, cujo ambito se foi alargando com o tempo, ensinavam-se nos quatro annos de philosophia. Cf. Telles, *Chr.* II, pag. 592; A. Cordeiro, *Loreto Lusitano*, pag. 175; Franco, *Syn. Ann.*, 1555.

(2) Telles, *Chr.* II, pag. 358; Franco, *Imagem da V... Evora*, pag. 881; Fonseca, *Evora gloriosa*, pag. 418.

(3) Telles, *Chr.* II, pag. 24.—As duas cadeiras de theologia especulativa foram inauguradas em 1621 com os primeiros lentes P. Diogo Pereira e P. Melchior de Macedo. *Mss. Soc. J., Lus.* 78, f. 78.

num curso triennial de philosophia e em *duas* aulas de theologia moral, cuja frequencia era mais numerosa que em nenhum outro collegio do reino (1).

Na cidade de Angra davam lições de grammatica, latinidade, rhetorica, philosophia e theologia (2).

Nos collegios do ultramar a organização era, sem diferenças notaveis, a dos da Europa. Sirva de modelo o Collegio de S. Paulo de Goa, cujos estudos se dividiam em *três* classes de latinidade, *um* curso de artes, *três* lições de theologia especulativa e moral, e uma de Escriptura Sagrada, e o Collegio de Macau, onde havia *um* mestre de ler, escrever e contar, *dois* mestres de latim, *um* de philosophia, *dois* de theologia, e *um* de moral e casos de consciencia.

Nos collegios menores, tanto do reino como das missões, era, bem se deixa conjecturar, mais diminuto o numero das aulas (3).

(1) Franco, *Syn. Ann.* 1560; Antonio Carvalho, *Corographia Portugueza*, T. I, pag. 174. Por algum tempo se leu tambem no Collegio de Braga theologia especulativa.

(2) Cf. Deusdado, *Educadores Portugueses*, (Coimbra 1909) pag. 42. O P. Antonio Cordeiro escreve que se davam no Collegio de Angra aulas de theologia moral, de philosophia, de rhetorica e latinidade. *Hist. Insulana*, vol. II, L. VI, C. XII n.º 119.

(3) Cf. *Mss. Soc. J., Goa*. 24, II, f. 386; Sousa, *Orient. Cong.* P. I, C. I, D. II, § 14 (Bombaim 1881) pag. 71; A. F. Cardim, *Batalhas da Companhia de Jesus* (Lisboa 1894) pag. 20. O P. Cardim no livro *Relazione della Provincia del Giappone...* (Roma 1645) pag. 8, assim escreve do Collegio de Macau: «... Il collegio della Compagnia di Gesù é fabricato in luogo eminente della città: mantiene ordinariamente 60 soggetti et è Università, insegnando da' primi elementi sino alla Theologia, dando i gradi di Dottore à coloro che in essa Università si sono approfittati dello studio...»

Destes dados, ainda que poucos, sai manifesta a conclusão de que os Jesuitas se dedicavam sobretudo ao ensino secundario e superior. Mas desdenhavam elles o ensino primario? Longe de o desdenhar, consideravam-no muito nobre e o ministravam em não poucas de suas escolas; mas nem todos se podem occupar de proposito de todos os ramos da instrucção. É o dizer expresso de S. Ignacio (1). Apesar disto na Provincia de Portugal e missões havia em muitos collegios aulas de instrucção primaria. Em Coimbra ensinaram-na desde que tomaram o Collegio das Artes até 1581, no qual anno trocaram esta escola pela de rudimentos de latim (2). Na Universidade de Evora tiveram sempre abertas duas escolas de ler e escrever frequentadas por grande numero de meninos, e uma nos collegios de Braga, Bragança, Setubal, Villa Nova de Portimão, no Collegio de S. Francisco Xavier em Lisboa e em muitos das missões, como nos de Goa, Cochim, Macau, Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Angola e Congo, aos dois ultimos dos quaes concorriam não só creanças mas até homens nobres, levados pelo desejo de apprender a lingua portuguesa. Estas aulas eram regidas por sacerdotes ou irmãos auxiliares e tal vez por um secular, como no Collegio de Braga (3).

(1) « Ensinar a ler e escrever seria tambem obra de caridade, se a Companhia tivesse abundancia de sujeitos, que para tudo bastassem, mas por falta delles, não temos costume de o fazer por modo ordinario ». *Const.* P. iv, C. xiii, O.

(2) Franco, *Syn. Ann.*, 1581.

(3) Mss. S. J., *Lus.* 38, *Catalog.*, fol. 20, 62, 140; *Lus.* 53, *Litt. ann.* 1625, fol. 170; Franco: *Imagem da V... Evora*, pag. 881, *Syn. Ann.*, 1560, 1605, 1625, 1704; F. Guerreiro, *Relaçam Annual...*

Em remate qual é a consequencia que estes factos nos auctorizam a tirar? Tanianho numero de collegios,

nos annos de 1602 e 1603. — Está consequentemente em opposição com a verdade o snr. Theophilo Braga quando, a proposito de se ter deixado no Collegio das Artes a escola de ler e escrever, afirma na sua *Historia da Universidade de Coimbra*, T. II, pag. 378, que os Jesuitas abandonaram totalmente o ensino desta disciplina. O mesmo escriptor, *ob. cit.*, T. I, pag. 278, 279, assevera que os Jesuitas «desprezaram completamente o ensino popular» e «preoccupados com a restauração da hierarchia catholica, afastavam-se da tradição da Igreja primitiva, que ligava a maxima importancia á instrucção popular». O illustre professor do *Curso Superior de Letras* lastima que os Jesuitas não desçam a se occupar do ensino inferior e primario, e censura-os de se afastarem da tradição da Igreja por abrirem collegios para o ensino secundario e superior tão favorecido pela Igreja em todos os seculos! — Compayré para accusar a Companhia de Jesus de promover a ignorancia no povo, chega a falsear as Constituições de S. Ignacio afirmando que nellas se lê o seguinte: *Nenhum dos que são destinados para o serviço da casa deverá saber ler e escrever ou se o sabe não aprenda mais, nem se ha de instruir sem consentimento do Geral...* A regra da Companhia — 14 dos Communs, tirada do *Exame Geral*, cap. vi, 6 — sóa desta maneira: «Nenhum dos que são recebidos para os officios de casa aprenda a ler ou escrever nem aprenda mais ainda que saiba alguma coisa, nem alguém o ensine sem licença do Preposito Geral...»

Uma coisa é mandar que os Coadjuutores não se dediquem a aprender sem permissão, e outra, bem diversa, determinar que não saibam ler nem escrever! — Cf. Compayré, *Storia della Pedagogia* (Torino 1910) Lic. 6.^a n.º 6. — O Sr. Agostinho de Campos no seu livro *Educação e Ensino* (Porto 1911), pag. 239, repete sem mais exame a mesma afirmação e traducção despropositada. Do que dizemos no texto concluímos que é inexacto, antes falso o que o mesmo escriptor português assevera no logar citado: «A primeira observação que se impõe aos criticos do seu systema é o absoluto desprezo pela instrucção do povo, a qual nunca mereceu attenção aos Jesuitas». E o critico não adduz outra prova que a passagem das Constituições mal traduzida!

recebidos muita vez com entusiasmo, em todas as partes do mundo; multidão tão consideravel de alumnos, que espontaneamente corriam para as escolas da Companhia de Jesus, não nos permitem concluir que era grande e excepcionalmente elevada a opinião que geralmente se fazia da sciencia dos Jesuitas e particularmente do seu systema de ensino e educação?

Occorre porém neste passo uma observação que mais peso vem dar á conclusão que aí deixamos. É facto demasiadamente conhecido que os Jesuitas e todas as empresas em que se metteram, foram em todo o tempo alvejados pelo odio dos adversarios e malquerença de desaffeitados. Ora apesar da vozearia adversa, que estrondeava, não raramente, em volta dos collegios, as suas escolas trasbordavam de alumnos que aos Jesuitas pediam educação e sciencia. Mais ainda. Os mesmos adversarios o reconheciam, e muitos com eloquentissima contradicção, lhes confiavam os seus filhos. Na Allemanha, escreve o profundo historiador Janssen, enquanto os reformadores lançavam sobre a Companhia nuvem de libellos infames, iam tirar os filhos das escolas de seus mestres para os levarem ás dos Jesuitas (1). Não foi igual o procedimento de muitos portugueses no seculo dezanove e vinte, que não obstante declararem publicamente a sua aversão aos Jesuitas, não receavam metter os seus filhos nos collegios da Companhia de Jesus? A logica dos factos é mais persuasiva que a das vozes.

(1) *Geschichte des Deutschen Volkes*, T. VII (Freiburg 1893) pag. 80-82. O mesmo escreve Ranke, *Die Römischen Päpste*, Leipzig, 1900, pag. 22: «Selbst Protestanten riefen ihre Kinder von entfernten Gymnasien zurück und übergaben sie den Jesuiten...»

CAPITULO II

A Escola, o Pulpito e a Imprensa

Uma associação como era a Companhia de Jesus, tão rapidamente espalhada por todas as nações, animada vigorosamente por um espirito que assombrava, e dedicada com ardor ao ministerio do ensino em collegios numerosos, que maravilha que tenha formado de seus proprios filhos uma galeria vistosa de homens distinctos, e erigido com as obras de suas pennas uma vasta e opulenta bibliotheca? Mais de tres seculos de actividade que até os inimigos qualificam de pasmosa, não podia ser infecunda, mas havia necessariamente de produzir fructos correspondentes a tamanho desenvolvimento de energias. «Não havia associação religiosa, escreveu Macaulay, que pudesse apresentar uma lista de homens distinctos em ramos tão diversos» (1). E Latino Coelho, repisando o mesmo pensamento, com particular referencia á instrucção, tambem deixou escripto: «Não houve genero de letras divinas ou humanas, que se não con-

(1) «No religious community could produce a list of men so variously distinguished». Macaulay, *The History of England* (Leipzig, 1849), t. II, pag. 288.

decorasse com os triumphos alcançados por algum membro de tão illustre sociedade" (1).

No campo da imprensa, que perpetua os homens de letras e lhes alarga immensamente a esphera de acção, entrou de cheio a Companhia de Jesus na ideia de S. Ignacio, que admittiu na sua Ordem a profissão de escriptor, como meio de vasto alcance para a realização de seu plano (2). Desde os primeiros annos até ao seculo actual não decresceu, antes foi augmentando a actividade litteraria, que o protestante Böhmer considera de algum modo espantosa e tambem superior á das outras Ordens na quantidade das producções (3). Semelhante juizo formulou em 1895 o eruditissimo bibliographo Leopoldo Delisle ao annunciar no *Journal des Savants* a apparição dos cinco primeiros volumes da Bibliotheca da Companhia de Jesus de Sommervogel. "De tous les Ordres religieux, escreve elle, la Compagnie de Jésus est assurément celui qui a produit le plus grand nombre de livres de théologie, d'histoire, de science et de littérature..." (4)

(1) *Hist. Politica e Militar*, t. 1, pag. 28.

(2) *Const.* P. VII, C. IV, 11—P. VI, C. II, C.—P. IV, C. VI, O.

(3) Böhmer refere-se particularmente ao numero de obras publicadas; a qualidade julga elle que não está muita vez em proporção com a quantidade. «Si l'on devait évaluer la valeur des productions d'après leur masse, l'Ordre des Jésuites tiendrait sans contestation le premier rang parmi tous les ordres religieux, au point de vue de l'activité scientifique. Car le fécondité de ses savants est à quelques égards effrayante. Mais la qualité est souvent chez eux en raison inverse de la quantité. *Les Jésuites*, trad. por G. Monod (Paris, 1910) pag. 235.

(4) *Journal des Savants*, Février 1895, pag. 108. Cf. Sommervogel, *Bibliothèque*, x, pag. XIII.

Mas serão porventura obras primas todas as que saíram das pennas de Jesuitas? Não de certo. Ainda assim fica verdadeira a expressão de Alembert, que não ha quase ramo de letras no qual não seja a Companhia de Jesus representada por sabios de primeira ordem (1).

Nem estes louvores são privativos das outras nações. Em Portugal, bem que fosse tão vasta a esphera de acção da Companhia que nas missões de além-mar despendia e esgotava tanta vez o melhor e mais fresco de suas energias, tambem os Jesuitas se foram illustrando nas sciencias e letras e engrossaram com boa proporção o numero de escriptores da Companhia de Jesus. Cairia porém num erro de calculo quem pretendesse avaliar as producções de seu labor intellectual pelos volumes que deram á estampa. Multidão consideravel de obras manuscritas se ficaram depositadas nos archivos, umas vezes porque a morte de seus auctores se anticipava a impedir que saíssem a lume, outras porque eram excessivas em Portugal as difficuldades da impressão, vindo finalmente contribuir não pouco para o mesmo effeito a expulsão pombalina que sustou nos dominios portugueses o movimento scientifico da Companhia de Jesus (2).

(1) *Sur la destruction des Jésuites en France*, 1765, pag. 42.

(2) O P. Antonio Franco em varias passagens de suas obras se queixa das difficuldades de estampar livros em Portugal. Na *Imagem da Virtude em o Noviciado de Evora*, Prologo, escreve que as suas obras não sairão tão depressa como desejava pelo «grande custo que em Portugal fazem as impressas e por sermos os Religiosos da Companhia os mais destituídos de subsidios temporaes para os gastos.» No mesmo volume, pag. 823, admira-se de que o P. João da Fonseca pudesse imprimir os seus muitos livros «sendo as impressões tão dif-

O Provincial português que mais se empenhou para que os seus subditos dessem á estampa os productos de seu talento, foi o P. Christovão de Gouveia que dirigiu a Província desde 1597 a 1599. Di-lo expressamente o P. João Rebello na dedicatória que lhe faz da sua obra *Rosario de la Santissima Virgen*, onde escreve que uma das razões porque lha dedica "é o empenho com que anima os subditos a que comecem a dar a lume os seus trabalhos."

Entremos pois na bibliotheca dos Jesuitas portugueses, leamos os titulos das obras principaes para conjecturarmos as riquezas que brotaram de suas pennas, e, olhando para a galeria de seus homens illustres, tomemos conhecimento dos que entre elles mais se distinguiram nas varias provincias do saber.

§ 1

Nos Estudos Classicos

As primeiras escolas e as mais numerosas que os Jesuitas abriram em Portugal foram as de letras humanas que nessa epocha de Renascença abrangiam pouco mais que o estudo das linguas classicas. Não admira pois que neste ramo de estudos se assignalassem de prompto os novos professores que mais de uma vez chegaram a produzir verdadeiro entusiasmo. Mas, se

ficultosas e custosas em Portugal.» Refere-se aos fins do século xvii e principios do século xviii. Vem comprovar esta affirmação o facto de que muitas obras de Portugal se mandavam imprimir em typographias estrangeiras.

bem começaram a cultivar com empenho as tres linguas latina, grega e hebraica, deram em Portugal e nas demais nações primazia ao latim, segundo o que se estimava nos outros estabelecimentos de instrução. Daqui veio que no idioma do Lacio podiam os Jesuitas sem arrogancia apresentar-se como mestres. Os muitos que nessa lingua escreveram, a facilidade com que traduziam seus pensamentos, e a eloquencia de um fino sabor classico a lhes repassar as expressões, os auctorizam a revindicar para a sua corporação aquella honra e bem justificado lustre. Mas nem todas as obras latinas viram a publicidade; pelo contrario a maior parte ou se extraviou em manuscripto ou jaz tambem sepultada por esses archivos em tomos volumosos e nas cartas, relações e memorias que de seus trabalhos compuseram. Por minha parte confesso que me tenho deliciado a examinar os thesoiros de latinidade que encerra a litteratura manuscripta da Companhia de Jesus e particularmente da Província de Portugal.

É verdade que nem sempre, sobretudo no século xviii, a sobriedade do estilo recommenda a composição, mas a elegancia da linguagem ostenta-se geralmente primorosa. Concedamos pois aos Jesuitas esta gloria, que até os adversarios lhes não sonegam, se os anima um pouco de imparcialidade. O protestante Victor Naumann escreveu poucos annos atrás, que *podiamos chamar aos Jesuitas os mestres da lingua latina do século xvii* (1).

(1) «Mit Recht wird häufig hervorgehoben, wie viel alle Deutsche Luthern verdanken als deutschem Sprachmeister. Mit demselben Recht aber können wir die Jesuiten die lateinischen Sprachmeister des 17. Jahrhunderts nennen.» *Der Jesuitismus von Pilatus* (Regensburg, 1905) pag. 73.

De feito ensinavam-na com tanto primor que no dizer do insuspeito e auctorizado Ranke "obtinham resultados maravilhosos, e os alumnos apprendiam mais nas suas escolas em seis mêses que nas de outros no espaço de dois annos" (1).

*
* *
*

Logo nos primeiros annos que os Jesuitas tiveram entre os portuguezes escolas publicas, tres nomes de homens illustres lhes ganharam a estima dos eruditos. Eram elles os dos Padres Cypriano Soares, natural de Ocaña, Pedro Perpinhão, de Elche, e Manuel Alvares, madeirense, todos tres professores que bem mereceram da eloquencia, da poesia e da erudição classica. O P. CYPRIANO SOARES foi dos primeiros que ensinaram no Collegio de S. Antão em Lisboa, onde na abertura das aulas, realizada a 18 de Outubro de 1553, recitou um elegantissimo discurso em latim, e o primeiro professor de rhetorica e de grego no Collegio das Artes em Coimbra. A pericia não vulgar que tinha das linguas e a erudição nos estudos da antiguidade classica, apontaram-no para lente de Escriptura Sagrada, que explanou por uns vinte annos, e fizeram-no escolher com o doutor Eximio, Soares Granatense, para dar o seu parecer sobre o

(1) «Nicht minderen Fleiss widmeten die Jesuiten der Leitung der lateinischen Schulen... Und es gelang den Jesuiten hiermit zur Verwunderung. Man fand, dass die Jugend bei ihnen in einem Halbjahr mehr lerne, als bei andern binnen zwei Jahren». *Die römischen Päpste*, II (Leipzig, 1800) pag. 22.

Ratio Studiorum da Companhia, que então se elaborava (1).

O P. PEDRO PERPINHÃO extremou-se pela força, graça e magestade de sua eloquencia e pelo estilo ciceroniano. "A voz, a acção, o meneyo, o peso, correnteza e abundancia de palavras e rezões tudo neste Padre foi uma suspensam", como delle escreveu Antonio Franco. Inaugurou as aulas de Evora e de Coimbra com discursos latinos em 1553 e 1555, e nos annos seguintes suspendeu com os arrebatamentos do seu genio oratorio os eruditos da Universidade de Coimbra, particularmente nos sermões annuaes, em que a Universidade celebrava a Rainha Santa. Foi respectivamente em Evora e Coimbra o primeiro professor de rhetorica e humanidades (2);

(1) O catalogo *ms* da Provincia de Portugal de 1574 dá o P. Cypriano como «muy docto en lenguas.» Além das linguas latina, grega e hebreia, conhecia tambem o arabe. *Mss. Soc. Jesu, Lus.* 43, f. 472; *Epist. NV.* 90, Carta de 3 de Jan. de 1555. Em Janeiro de 1580, poucos dias antes da morte do Cardeal Rei, retirou para Espanha «cansado, escreve elle ao Geral da Companhia, de los humores y condiciones de portugueses.» De feito, era nesse tempo de discórdias pela successão do throno bem melindrosa a posição dos Espanhoes em Portugal. Falleceu em Plasencia no anno de 1593. Cf. *Mss. Soc. Jesu, Hisp.* 129, f. 38; Telles, *Chr.* II, pag. 18 e 592; Franco, *Synopsis Ann.*, 1553, 1555; Fonseca, *Evora Glor.*, pag. 428; De Scoraille, *François Suarez*, I, pag. 188.

(2) Telles na sua *Chronica*, II, pag. 19 e 319, escreve que Perpinhão fôra tambem o primeiro mestre de humanidades no Collegio de S. Antão em Lisboa. Equivocou-se o chronista. O mesmo equivoco soffreu Astrain, o acreditado historiador da Assistencia de Espanha. Cf. *Hist. de la Comp. de Jesús*, II, pag. 360. Perpinhão nunca ensinou naquella collegio. De Coimbra, onde era estudante, foi reger a cadeira de rhetorica em Evora em 1553, e daqui foi chamado a ensinar humanidades no Collegio das Artes de Coimbra em Outubro

em seguida chamou-o a obediência a Roma para illustrar as cadeiras do Collegio Romano, e depois o mandou a França para com a força da sua eloquencia combater a heresia que se alastrava naquelle reino, mas com perda lastimosa para a causa da Religião falleceu pouco depois em 1566. Marco Antonio Mureto e Paulo Manucio, dois luminares das letras em seu tempo, admiraram o talento, a erudição, a elegancia latina e eloquencia de Perpignano (1).

O P. MANUEL ALVARES, o famoso auctor da Arte de Grammatica, era profundo conhecedor e mestre das linguas latina, grega e hebraica. Inimigos da Companhia de Jesus quizeram deslustrar o merecimento de seu primeiro grammatico; mas baste para elogio o que lhe teceu o seu mais acerrimo adversario. Escreve pois o oratoriano P. Antonio Pereira de Figueiredo: "Foy o P. Manuel Alvares hum homem de erudição rara, assim nas letras gregas como nas latinas: Poeta insigne, grammatico doutissimo e como tal merecedor dos muitos e mais honorificos elogios que lhe fizeram Vossio, Scioppio, Bangio, Morhofio, Nicolau Antonio, e outros. Foy finalmente hum daquelles famosos Heroes, que no seculo XVI illustrarão com sua litteratura o nosso reyno, servindo de gloria aos nacionaes, de inveja aos extra-

de 1555. No anno de 1560 era prefeito de estudos e cursava theologia no Collegio de Evora, e em 1561 já occupava a cadeira de rhetorica no Collegio Romano. Cf. Mon. Hist. S. J., *Epist. Nadal.* I, 148; *Mon. Lainii*, v, 218, vi, 66, 148.

(1) Lazeri, *De vita et scriptis Petri Joannis Perpigniani* (Roma, 1749) pag. 53, 54; Franco: *Synopsis Ann.*, 1553, 1555; *Imagem da V... Coimbra*, II, pag. 310; Telles, *Chr.* II, pag. 19, 319, 593.

nhos e a huns e outros de admiração..." (1) Amado pela singeleza de sua virtude e venerado pela sua sciencia expirou em Evora a 30 de Dezembro de 1583.

A estes mestres insignes succederam outros que não desluziram as escolas que os primeiros honraram. Entre elles cabe logar eminente ao DR. GASPAS GONÇALVES. Era grande literato, grande orador, grande theologo e escriptuario; sabia com primor as tres linguas classicas latina, grega e hebreia; leu rhetorica, theologia e Escripura com tanto applauso e fama que Sisto V o escolheu para a correção da Vulgata, e o Geral Aquaviva escrevia ao Provincial de Roma que para substituir Suarez Granatense na cadeira de theologia no collegio Romano se propunham "o P. Gaspar Gonçalves ou o P. Fosca, ou o P. Azor, ou o P. Gabriel Vázquez." (2) Foi tambem escolhido para discursar em latim na solenne audiencia em que o Summo Pontifice recebeu os embaixadores japoneses; e era um dos seis membros da commissão internacional formada por Aquaviva para compor o *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus (3).

(1) *Novo Methodo de Grammatica Latina* (Lisboa, 1752) pag. III.

(2) Mss. Soc. Jesu, *Rom., Epist. Gen.* 1580-1591, cit. por De Scorraile I, 177.

(3) O catalogo da Universidade de Evora correspondente ao anno de 1574 dá sobre o P. Gaspar Gonçalves, então na idade de 33 annos, este elogio em compendio: «Le theologia de Visperas, predicador, maestro en Artes, doctor en theologia, muy docto en ello y en letras humanas; talento grande para letras y para predicar y para lo demás bueno.» Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 43, f. 470. Nascera em Coimbra e entrou na Companhia em 1556. Era tão fraco de saude que deitava sangue pela boca e falleceu em Roma no anno de 1590. Cf. Tel-

Contemporaneamente brilhava nas cadeiras de humanidades o P. LUÍS DA CRUZ, doutíssimo também no latim, grego e hebraico, poeta de fama no seu tempo e orador de merecimento não vulgar. As suas tragédias, que lhe deram a maior celebridade, eram acolhidas com applauso imenso pelos espectadores, entre os quaes avultou alguma vez a família real e o mais distincto da nobreza do reino (1).

Deste famoso humanista e de outros seus confrades que semelhantemente se illustraram pelo conhecimento das linguas classicas, escreve Antonio Ribeiro dos Santos: "Cypriano Soares, Diogo Fernandes, Francisco Martins, Cosme de Magalhães, Luis da Cruz, sabios Jesuitas e mestres do Collegio das Artes de Coimbra... compunham em grego varias obras de muito preço". E em nota adverte que "Estes Padres eram mui sabedores da lingua grega de que ainda nos ficarão illustres documentos nas suas composições, que existem em hum

les, *Chron.* II, pag. 469; Franco: *Imagem da V...* Coimbra, I, pag. 509; *Annus Gl.* pag. 456.

(1) O P. Luis da Cruz entrou na Companhia no anno de 1558 aos 15 annos de idade e falleceu em Coimbra a 16 de julho de 1604. Um necrologista contemporaneo fez-lhe o seguinte encomio: «P. Ludovicus a Cruce... per aliquot [annos] humaniores literas, rhetoricen per plurimos cum summa laude et auditorum applausu explanavit, quibus postea non minori approbatione in concionandi munere exquendo est probatus... In comicis tragoediis componendis, eisdem in theatrum vario semper et erudito argumento exhibendis excelluit... Decessit Conimbricæ 16 julii anni 1604, aetatis suæ 62». Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 58, *Necrologia*. O catalogo do Collegio de Coimbra de 1574 caracteriza-o nestes termos: «buen humanista y poeta, bueno para letras humanas, poesia y predicar». Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 43, f. 466.

precioso codigo manuscripto que ha na Real Bibliotheca de Lisboa, em que se contem diversas obras latinas em prosa e verso de excellente gosto; alli vem em grego, entre outros escriptos, Epitaphios do P. Cypriano Soares, epigrammas dos Padres Diogo Fernandes, Francisco Martins, Cosme de Magalhães e poesias lyricas do P. Luis da Cruz" (1). O P. DIOGO FERNANDES nomeado por Antonio Ribeiro dos Santos, era um bom latino e occupou durante largos annos com fama de muito erudito as cadeiras de grego e hebraico no Collegio das Artes (2); e o P. FRANCISCO MARTINS notabilizou-se pela facilidade com que penetrava as linguas classicas e pelo profundo conhecimento da theologia de que foi lente no mesmo collegio (3).

(1) *Memorias da Litt. Port.* VIII: *Memorias para a Historia da Typographia Portuguesa do sec. XVI*, pag. 78.

(2) O P. Diogo Fernandes era espanhol, natural de Maiorga, bispado de Leon, e entrou na Companhia a 20 de janeiro de 1558. No anno de 1567 editou em Coimbra quatro comedias de Plauto com esta dedicatoria: *Jacobus Ferdinandus ex Societate Jesu pietatis ac bonarum literarum studiosis adolescentibus*. Falleceu em 1572, anno em que ainda ensinava, bem que muito enfermo. Cf. Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 43, f. 134, 191, 240; Sommervogel, *Bibliothèque III*, 652, onde por falta de noticias suppõe que o P. Fernandes era português; *Obituarios da Igreja e casa professa de São Roque* (Lisboa 1916) pag. 83 n.º 429.

(3) O P. Martins era natural de Monsanto e alistou-se na Companhia na idade de 14 annos. Falleceu na viagem para o Oriente em 1582 e Francisco de Sousa deixou em memoria no seu *Or. Conq.* P. II, C. I, D. II, (Bombaim 1881) pag. 65, que ensinara philosophia e theologia em Coimbra, fôra insigne na lingua grega e que a India perdera nelle um homem santo, prudente, benigno e letrado. O P. Jorge Serrão, Provincial dos Jesuitas escreveu ao Geral Mercuriano a 6 de Dezembro de 1573 estas phrases de elogio para o erudito pro-

A estes nomes de professores illustres que sobressaíram pela erudição classica, podemos com sobeja razão, baseados em memorias antigas e obras que a imprensa divulgou, accrescentar os nomes dos Padres VASCO PIRES, MANUEL GOES, MANUEL DE SÁ (m. 1596), BRÁS VIEGAS, PEDRO DA FONSECA, SEBASTIÃO BARRADAS, PAULO FERRER (m. 1618), BENTO FERNANDES, FRANCISCO DE MENDONÇA, ANTONIO FERNANDES (m. 1674), MANUEL MONTEIRO (m. 1680), FRANCISCO E MACEDO (m. 1681) e BENTO PEREIRA de entre tantos que particularmente nos seculos XVI e XVII deram lustre aos collegios da Companhia de Jesus (1).

O seculo XVIII porém veio mostrar que não arrefecia no declinar dos annos o brio com que se cultivavam estes estudos. Os nomes de LUIS DE ALMEIDA, ANTONIO FRANCO, PEDRO SERRA, JOÃO CAEIRO, FRANCISCO DUARTE e MANUEL DE AZEVEDO recordam outros tantos mestres insignes das linguas classicas.

fessor: «El P.^o Francisco Miz es raro subjecto de virtud, humildad y mortificacion y tiene buena prudencia y conocimiento de aquel collegio [Coimbra], mas hará mucha falta su lection a los nuestros, porque la theologia de la Universidad se lee por lentes muy flacos y el siendo tan virtuoso y liendo theologia verná a ser un insigne hombre en todo, porque tiene gran habilidad para letras»... Mss. Soc. Jesu, Lus. 65, f. 274.

(1) José Silvestre Ribeiro na sua *Historia dos Estabelecimentos Scientificos*, I, pag. 217, cita, como de homens doutissimos no grego e hebreu, os nomes de quase todos estes professores. — O P. Vasco Pires, natural de Elvas, foi durante varios annos professor de grego e hebreu em Coimbra, succedendo, nestas duas cadeiras, ao P. Diogo Fernandes em 1572. O Catalogo manuscripto de 1574 tem delle o seguinte louvor: «sabe bien latin, griego, hebreu.» Ms. Soc. Jesu, Lus. 43, f. 467. Era, além disso, um exemplar de virtude e simplicidade religiosa. *Ibid.* f. 495. Falleceu em 1590.

*
* *

Mas onde era tão vivo o empenho nos estudos da antiguidade, não é muito que viesse a imprensa trazer a lume obras que imitassem de perto o classicismo dos velhos modelos.

Do P. PERPINHÃO estamparam-se em varias edições os *Discursos*, a *Vida de S. Isabel*, Rainha de Portugal, e numerosas *Cartas*, onde o latim puramente cicero-niano faz delicia ao paladar de quem saboreou alguma vez as mais finas elegancias do Lacio (1). Muitos outros

(1) Ainda no anno de 1749 editou em Roma tres tomos com o titulo *Petri Joannis Perpiniani Valentini e Societate Jesu Opera* o P. Pedro Lazari S. J. e accrescentou mais um quarto volume com a vida do P. Perpinhão e analyse critica de suas obras. A dedicatória á Rainha de Espanha D. Maria Barbara, esposa de Fernando VI e filha de D. João V de Portugal, fê-la num latim elegantissimo o português P. Manuel de Azevedo, o qual dando a razão por que os editores o convidaram a escrevê-la, por estas palavras o explica: «Aiebant enim Perpinianum cum de catholico orbe universo, tum de Lusitania nostra optime fuisse meritum: Conimbricæ, in qua ego urbe natus et Societatem ingressus essem, eidem Societati nomen et literis operam ipsum quoque dedisse: demum Eborensem Rhetorices cathedram, quam ego magister obtinui, summa cum laude moderatum». Na mesma dedicatória dá o P. Azevedo o seu parecer, bem auctorizado, sobre a latinidade e eloquencia de P. Perpinhão: «tanta etiam dicendi copia floruit, ut quacumque in urbe ex superiore loco verba faceret, sui expectationem summa omnium admiratione superaret, eaque ætate (qua plurimi quidem romanæ eloquentiæ restitutores fuerunt) paucos admodum habere pares, superiorem fortasse neminem putaretur. Scripta autem ejus cum aureos illos latinitatis auctores sermonis elegantia et sententiarum gravitate referunt, tum Religionis et pietatis sensu sanctiores Ecclesiæ Antistites æmulantur». *Ob. cit.*, pag. IX.

discursos, dignos por certo da publicidade, proferiram os Jesuitas, particularmente na abertura annual das escolas, sendo para notar nomeadamente os que pronunciaram o P. CYPRIANO SOARES e SIMÃO VIEIRA, insigne rhetorico e latinista que discursou na inauguração da Universidade de Evora; mas a maior parte delles se ficaram pelos archivos em manuscripto (1). Dos que viram a luz publica aponto, como modelos de boa latinidade, ainda que não cheguem ao primor de Perpinhão, o discurso pronunciado pelo P. GASPAR GONÇALVES no

(1) Entre as obras dos Jesuitas portuguezes, desterrados no tempo de Pombal, existia uma collecção manuscripta de discursos latinos recitados pelos mestres de rhetorica do Collegio das Artes nas solennes academias em que todos os annos se festejava a Rainha Santa. O primeiro discurso pertencia ao P. Luís de Gouveia, desterrado como os mais Jesuitas em 1759. — O P. Simão Vieira extremava-se tambem como poeta latino. Da facilidade com que lhe corria o verso deu boa prova quando em principios de Outubro de 1558 chegou a Evora para ensinar na primeira classe de rhetorica. Levava elle a noticia da morte do Imperador Carlos v, succedida poucos dias antes a 21 de Setembro. Em signal de lucto deu ordem o P. Leão Henriques, reitor da Universidade, que se não pendurassem das columnas do claustro, como era costume, os epigrammas feitos pelos estudantes para solennizar a abertura das aulas, mas pediu a Simão Vieira compusesse epigrammas e epitaphios que celebrassem a memoria do Imperador. O tempo era escasso, mas desempenhou-se elle do encargo com tanta presteza que dois dias depois á hora da festa todas as vinte columnas appareceram ornadas de poesias latinas com admiração de quantos souberam do caso. Pelos annos de 1569 ou 1570 foi para a Italia por se não accomodar bem na Provincia de Portugal. Encontrei tambem noticia de que lhe fôra dada permissão de se passar para os Eremitas de S. Agostinho, o que não sei se chegou a effectuar. Segundo A. Franco, *Synopsis*, pag. 195, morreu no Collegio de Coimbra em 1608. Cf. Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 51, f. 33, *Lus.* 64, f. 210.

Consistorio em que o Santo Padre Gregorio XIII recebeu os embaixadores do Japão; aquelle em que o P. AFFONSO MENDES, depois Patriarcha de Ethiopia, saudou o rei Phillippe II de Portugal na visita á cidade de Evora; e outro de mais recente data recitado em Coimbra no anno de 1755 nas exequias da Rainha Fidelissima D. Maria Anna d'Austria pelo P. MANUEL MARQUES que nos transmittiu nelle um monumento de latim ciceroniano, de bom gosto literario e delicadeza (1).

*

* *

Sobre assumptos HISTORICOS compuseram igualmente os escriptores portuguezes da Companhia livros latinos merecidamente apreciados. Em linguagem apurada e fluente deu á estampa o P. NICOLAU GODINHO a *Vida do P. Gonçalo da Silveira* e um pequeno volume *Sobre as coisas dos Abexins*.

O P. ANTONIO DE VASCONCELLOS com latim não menos elegante, mas em estilo mais pomposo, compendiou nas *Anacephaleoses* a historia dos Reis de Por-

(1) O discurso do Patriarcha Affonso Mendes imprimiu-o nas suas *Anacephaleoses* o P. Antonio de Vasconcellos. O do P. Marques foi impresso em folheto na typographia do Collegio das Artes em Coimbra no anno de 1755. O orador encarece no discurso a felicidade e virtude de D. Maria Anna como filha, mãe e rainha, divisão natural que propõe desta maneira: «Illam, quanta fuit, conabor exprimere Principem videlicet fortunae suae parem et dignam esse quae erat: dignam augustissimis parentibus Filiam, dignam serenissimis liberis Matrem, dignam Fidelissimae cognomento Regiam».

tugal (1), e o P. ANTONIO DE MACEDO, além de traduzir para latim a *Vida do P. João de Almeida*, composta em português por Simão de Vasconcellos, escreveu com luxo de muita erudição historica a sua *Lusitania infulata et purpurata* sobre os bispos e cardeaes portugueses (2).

Nos fins do seculo XVIII, como prova de que não descrecia o gosto classico, saiu da imprensa um pequenino volume da *Vida do P. Manuel Correia*, composto em primorosa linguagem latina pelo P. JOSÉ RODRIGUES

(1) As Anacephaleoses chegam até Philippe III de Portugal. Da pag. 383 em diante traz uma patriotica descripção do reino lusitano «cum compendio rerum illustrium quae in eo visuntur, tam ad humanum cultum spectantium quam ad divinum». Barbosa assim o elogia na sua *Bibliotheca Lusitana*, I, pag. 411: «Foy insigne na lingua latina e humanidades e não menos perito nas sciencias escolasticas, que dietou na Universidade Elborense... Para o ministerio do pulpito teve natural genio, onde sempre foy ouvido com attenção e applauso». O P. Vasconcellos terminou sua vida em Evora no anno de 1622 em seguida a um prolongado martyrio de 10 annos em que um mal de gota pertinaz o teve quase continuamente preso ao leito. Cf. Franco: *Imagem da V... Evora*, pag. 855; *Annus Gl.*, pag. 385.

(2) No prefacio da *Lusitania infulata* encarece o auctor o seu grande trabalho de investigação para a composição do livro. No Proemio tracta da origem dos cardeaes, sua dignidade e insignias, e no Prologo á vida do P. Almeida traz esta observação: «Caeterum etsi interpretis in hoc opere officio fungor, interdum scriptoris partes ago: ubi verito fidelis, ubi narro, sincerus esse studeo». O P. Macedo, humanista aprimorado, foi irmão do eruditissimo Frei Francisco de S. Agostinho de Macedo de quem publicou um volume de versos latinos em 1683. Na corte da Suecia, onde passou algum tempo, começou a conversão ao catholicismo da Rainha Christina; depois foi em Roma 20 annos Penitenciario e falleceu em Portugal no anno de 1693. Cf. Franco: *Imagem da V... Lisboa*, pag. 677; *Annus Gl.*, pag. 401.

DE MELLO e publicada depois da morte do auctor em 1789 com o accrescimento de preciosissimas notas historicas, onde estão condensadas noticias interessantes acerca do Marquês de Pombal e seu tempo (1).

Obras de maior vulto escreveram-nas o Patriarcha da Ethiopia AFFONSO MENDES, ANTONIO FRANCO e JOSÉ CAEIRO. Aquelle deixou concluidos por sua morte dois tomos em folio com o titulo de *Expeditionis Aethiopicae*, que ha pouco deu á estampa o P. Camillo Beccari na sua obra monumental: *Rerum Aethiopicarum Scriptores*. Não obstante ser o estilo por vezes rebuscado, pelo vicio da epoca, e nem sempre de puro sabor classico, a obra recommenda-se pela boa disposição, brevidade e energia da phrase (2).

A. FRANCO num latim bom e facil compôs dois grossos volumes sobre a historia da Companhia de Jesus em Portugal. O primeiro que intitolou *Annus Gloriosus*, contém as biographias dos Jesuitas illustres portugueses e o segundo, sob o titulo *Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitania*, dá-nos pela serie chronologica dos annos um compendio historico da Provincia de Portugal (3).

(1) O P. José Rodrigues termina com estas palavras a biographia do P. Correia: «... Patris Correeae olim discipulus hoc quantumcumque illud est, grati animi monumentum charissimi Praeceptoris memoriae consecravi». O biographado P. Manuel Correia foi desterrado do Brasil pelo decreto pombalino e falleceu em Roma no anno de 1761. Não pude averiguar o nome do editor do livro e auctor das notas historicas.

(2) Cf. *Rerum Aethiopicarum Scriptores*, T. VIII, IX.

(3) O P. Franco falleceu em 1732 com 70 annos de idade. Ensinou letras humanas e rhetorica. Sendo reitor do collegio de Se-

O P. JOSÉ CAEIRO escreveu num latim primoroso e com fino gosto literario dois bons volumes até hoje não impressos e intitulados *De Exilio Provinciae Lusitanae* e *De Exilio Provinciarum transmarinarum*, que offerecem noticias preciosas sobre a destruição da Companhia de Jesus em Portugal e epoca pombalina (1).

Termino esta ementa de obras escriptas em prosa com as duas que o auctor BENTO PEREIRA intitulou

tubal esteve a ponto de acabar sob o ferro de um homem perverso, a cuja amante o bom Padre negara a absolvição sacramental. Vem a portaria do collegio pelas nove horas da noite do primeiro de Junho de 1707 um embaçado, finge e diz que um moribundo chamava o Reitor para que lhe assistisse; acode sem demora o Padre; põe-se a caminho e a poucos passos o malvado vibrou-lhe um golpe de punhal que rasgou profundamente a face desde a orelha ao labio de cima. Brada o ferido: Seja por amor de Deus! Accorre a salvá-lo o irmão Coadjutor que um pouco atrás os seguia e o sicario escapou-se ligeiro na escuridão. No outro dia divulgou-se o caso com horror da cidade. O P. Franco celebrou depois em disticos, mas com pesar de não ter sido martyr, o crucifixo que lhe pendia ao peito e ficara banhado com o sangue que da ferida correra. Cf. Franco: *Synopsis Ann.*, 1707: *Annus Gl.* na dedicatória.

(1) Da obra de Cairo conservam-se varias copias nos archivos. De tres que vi, guardam-se duas entre os *Mss. S. J.*, *Lus.* 93, 94, 95, 96, 97; e uma na Bibliotheca Real de Bruxellas. O P. Cairo foi professor de letras em Portugal; em 1759 deportado para a Italia, onde feneceu na idade avançada de 79 annos em 1791. Em Portugal compusera um Diccionario Latino-Português e Português-Latino, cuja publicação interromperam na letra S do tomo primeiro as calamidades de 1759. Com a saída dos Jesuitas encarregou-se Fr. Manuel de Pina Cabral, da Ordem Terceira de S. Francisco, de ultimar a impressão deste tomo, que saiu com o titulo *Magnum Lexicon Latinum et Lusitanum* e depois se aperfeiçoou em varias edições. Cf. Innocencio da Silva, *Dicc. Bibl.* vi, pag. 83; Sommervogel, *Bibliothèque*, II, 512; *Portugal, Dicc. Hist.*, v, 737.

Pallas togata et armata e *Academia seu Respublica litteraria*. Ambas teem merecimento para se darem por modelos de bom latim. A primeira vae-se desenvolvendo numa serie de problemas politicos que o auctor discute com muita erudição da antiguidade classica (1). Na *Academia* ou *Respublica litteraria* em grosso in-folio, trata da organização das universidades, disputa sobre a maneira da fundação, sobre os estatutos, privilegios, certames academicos, dignidades e officiaes universitarios. Com justo fundamento escreveu José Silvestre Ribeiro que o P. Pereira dispendeu nesta obra uma vasta erudição (2).

*
* *

De POESIA latina além de innumeraveis composições menores que bem attestam o garbo com que os

(1) Sirvam de exemplo estes dois problemas: «Quid plus studere debet Princeps, timeri an amari? — Quod potius regimen, unius an multorum?» No fim do volume accrescenta um poema latino em hexametros que descrevem com elegantissima latinidade *Elborensis Collegium renovatum sub R. P. Antonio de Sousa Rectore meritissimo*.

(2) *Primeiros traços de uma Resenha da literatura portugueza...*, pag. 99.

Ainda que não seja obra de penna portugueza, não nos fique sem menção a historia da India escripta em Portugal, de 1579 em diante, com o titulo *Historicarum Indiarum libri XVI* pelo P. João Pedro Maffeo, de Bergamo, um dos mais insignes latinistas da segunda metade do seculo XVI e tambem historiador de grandes qualidades. A pedido do Cardeal Rei encarregou-se do trabalho o Jesuita italiano vindo para esse effeito de Roma, onde regera brilhantemente a cadeira de rhetorica no collegio Romano, como successor de Perpinhão. A historia da India publicou-a em primeira edição em Florença no anno de 1588. Morreu em Tivoli em 1603. Cf. Sommervogel, *Bibliothèque*, v, 298.

Jesuitas se entregavam ás musas do Lacio, tambem nos perpetuou a estampa exemplares de subido valor. Como primeiro no tempo se offerece o poema sobre a vida de Nossa Senhora em 4172 versos que o grande missionario JOSÉ DE ANCHIETA vivendo sózinho, como refens de paz, entre os Tamoios do Brasil, escreveu nas areias da praia, gravou logo na memoria e mais tarde trasladou ao papel. Abundancia e facilidade ovidiana, sabor latino e brando sentimento são o preço desta obra literaria (1).

Entre as de maior fôlego merecem tambem ser collocadas as dos primorosos latinistas e poetas no seu tempo muito encomiados, P. LUÍS DA CRUZ, ANTONIO VELLEZ e MANUEL PIMENTA. A elegancia tersa da lingua do Lacio brotava espontanea e graciosa de suas pennas. LUÍS DA CRUZ saiu com um volume de Tragico-medias, a que depois me hei de referir mais pormenorizadamente, e com outro da traducção poetica dos Psalmos—*Davidicam Psalmodiam perpulchro metro exaratam*, diz o necrologista já citado—dividida em cinco livros. VELLEZ além da vida do P. Gonçalo da Silveira que não se imprimiu; “metteu em metro elegantissimo, escreve A. Franco, os preceitos de toda a grammatica com tal valentia que he huma suspensam a todos os que entendem da faculdade” (2). Do P. PIMENTA imprimiram-se depois de sua morte “dois tomos de seus poemas que merecem todas as estimações, por-

(1) O poema foi publicado na *Chronica do Brazil* e na *Vida do Veneravel P. Joseph de Anchieta*, obras do P. Simão de Vasconcellos.

(2) Franco, *Imagem da V...* Coimbra, II, pag. 613.

que nelles concorrem os primores da poesia latina como nos que bem a souberam” (1).

Com as obras destes poetas se juntam sem desdoiro, pela pureza e elegancia latina dois livros de prosa e verso, escriptos pelos Padres FRANCISCO DE MENDOÇA e ANTONIO DE MORIM. O primeiro, intitulado *Viridarium sacrae et profanae eruditionis*, é como que um jardim de flores de erudição plantadas pelo bom humanista Mendoça que ensinou letras humanas “com grande nome de mestre excellente” como escreve Antonio Franco (2). No segundo reuniu o auctor sob o titulo de *Dulces exuviae* composições de vario genero feitas em diversos tempos. O P. MORIM maneja a lingua latina

(1) Assim escreve Franco na *Imagem da V... Exora*, pag. 876; e o auctor da *Exora Gloriosa* tambem nota que «depois da sua morte se imprimirão dous tomos das suas poesias». *Ob. cit.*, pag. 436. Sommervogel, VI, col. 756, tem para si que só foi impresso o primeiro tomo; eu de facto não vi mais que um. São do mesmo poeta os elogios em verso feitos aos Reis de Portugal e inseridos pelo P. Vasconcellos nas *Anacephaleoses*, e grande numero de composições, umas pequenas, outras de maior inspiração que ficaram em manuscrito. O annalista da Provincia de Portugal do anno de 1603 assim engrandece os dotes poeticos do P. Pimenta: *Extincti defleatque duo, quorum alter de litteris mereri optime incipiebat, alter vero meritissimus habebatur. Is erat P. Emmanuel de Pimenta qui tres et quadraginta (sic), in Societate annos exegerat... In pangendis carminibus sive naturae faecundam ubertatem, sive eximiam artis praestantiam consideres, inter praestantissimos hujus saeculi poetas haud dubie numerandus...* » *Annuae Litterae anni 1603* (Duaci, 1618) pag. 93, 94. Era natural de Santarem, aggregou-se á Companhia em 1557 e falleceu em 1603. Cf. *Mss. Soc. Jesu*, *Lus.* 43, f. 240; Franco, *Annus Gl.*, pag. 566; Fonseca, *Exora Gloriosa*, pag. 436.

(2) *Imagem da V...* Coimbra, I, pag. 465.

com facilidade admirável sobretudo no verso, o que lhe valeu a denominação de Ovidio Lusitano (1).

Não falem porém alguns exemplos de estilo EPICO. O mais notavel apparecido em 1640, é o que nos dá o P. BARTHOLOMEU PEREIRA no seu *Paciecidos* que celebra como heroe ao B. Francisco Pacheco, martyr do Japão. Foram extraordinarios os applausos que acolheram o poema e os louvores com que lhe enalteceram o merecimento. Não é certamente obra de um genio epico, mas a elegancia e o brio da linguagem latina, o primor de descripções e a pintura de quadros contentam e prendem o leitor versado na poesia virgiliana (2).

(1) Além de outras peças literarias contem o livro um drama intitulado *Triambus id est Triumphus Lusitaniae* em que as personagens são todas allegoricas; uma descripção em hexametros do altar mór da igreja da Companhia na cidade do Porto; mais outra descripção graciosa do presepio do menino Deus que os Irmãos do Recolhimento construíram numa sala do Collegio de Coimbra. O P. Antonio de Morim que falleceu em 1716, exercitou largos annos o officio de pregador e mestre da sancta doutrina, depois de ter ensinado rhetorica em Coimbra sua patria e philosophia em Lisboa. Cf. Franco, *Imagem da V... Coimbra*, II, pag. 613; *Reposta Apologetica ao poema O Uruguay*, pag. 177; *Sommervogel*, IV, 1324.

(2) O professor de rhetorica P. André Madeira formulou nos seguintes termos o seu juizo sobre o poema: «Nullum omnino in carmen incidet quod bene tornatum non sit, nihil inane, nihil exangue: habent omnia nervos, ossa, sanguinem. Itaque Musae, si latine loquerentur, non alio uterentur sermone». *Paciecidos*... (Conimbricæ, 1640) no principio. O P. Francisco Cardim no seu *Fasciculus e Japonicis floribus* (Romae, 1616) pag. 13, nota que foi elle quem aconselhara o P. Bartholomeu Pereira a sair com o poema: «Atque adeo induxi etiam P. Bartholomaeum Pereira ut nostram Lusitaniam ditaret libello illo aureo *Paciecidos*: ubi quot carmina tot gemmae interlucent: quibus perlectis, affirmabis Mantuam plures tulisse Marones.»

Tambem se remontou com inspirações epicas o P. FRANCISCO DE MACEDO, depois, quando se passou á Ordem Seraphica, Frei Francisco de S. Agostinho de Macedo, assombro de erudição na sua epoca. Durante os 28 annos que viveu na Companhia em que fez profissão solenne, nas suas escolas se formou e em seus collegios, tanto de Portugal como de Espanha, foi mestre de poesia, rhetorica, philosophia e historia com a admiração e applausos que lhe grangeava seu talento encyclopedico. A sua veia poetica, sempre fecunda e rapida era inexaurivel, e a memoria tão prodigiosa que se julgou com recursos para defender em Roma e Veneza theses *De omni re scibili*: «Frei Francisco foi sem duvida mais erudito que Lope de Vega, teve tambem uma grande exuberancia poetica, mas faltou-lhe a *vis* creadora do eminente comediographo. As polemicas theologicas em que era insigne, inutilizaram-lhe muito da sua actividade cerebral. No emtanto é justo confessar que Macedo, um dos polygraphos da sua epoca de maior merecimento, foi tambem um poeta de valia». (1) O seu talento para a poesia bem o mostrou nas composições *Apotheose de S. Isabel e Lagrimas da Provincia Portuguesa*, pela morte do P. Francisco de Mendoça, e no primor do verso heroico em que descreveu as solennidades de 1620 feitas em Lisboa na beatificação de S. Francisco Xavier (2).

(1) Sousa Viterbo, *Fr. Francisco de S. Agostinho de Macedo*, (Lisboa, 1910), pag. 6.

(2) Da ultima composição — *De Primis Solennibus et Pompa Triumphali habita in Apotheosi Divi Francisci Xaverii epico carmine Libri tres* — escreve Franco nos seus *Annaes*: «Appendit poesim epico carmine compositam a Francisco Macedo, tunc in scholis nos-

Mais de um século depois publicou o P. FRANCISCO DE ALMEIDA em 1737 o seu *Orpheus Brasilicus*, onde exalta o poder do thaumaturgo Anchieta sobre os quatro elementos. A obracinha de 192 paginas não é uma composição continuada, mas antes compilação de poesias de varia medida destinadas a engrandecer o mesmo heroe. É um pequenino thesoiro de pura linguagem latina, em que o torneio da phrase e a riqueza de expressão denotam muita convivencia com os auctores do Lacio, mas em que falta a sobriedade de um gosto delicado e abunda a mythologia (1).

Mas nem com poemas didacticos nos foi escassa a musa dos auctores jesuitas. São muito dignos de ser lembrados pela curiosidade do argumento e belleza do verso os dois que o Brasil inspirou e Roma viu publicados em 1780 e 1781. Intitula-se um delles *De Rusti-*

tris primario Rhetorices professore. Graphice describit ignium artificia et reliquam celebritatem tam eleganter ut vix in eo genere possit optari quod cultius et exquisitius. A poesia foi publicada na *Relação das Festas... na beatificação do B. P. Francisco Xavier*, composta pelo presbitero Diogo Marques Salgueiro. Cf. Franco: *Synopsis Ann.*, 1620; *Imagem da V... Coimbra*, II, Catalogo; Dr. Garcia Perez, *Catálogo Razonado de los autores portugueses que escribieron en Castellano*, s. v. Macedo; Sommervogel, v, 245; *Portugal, Dicc. Hist.*, s. v. Santo Agostinho de Macedo. Só menciono obras que Macedo publicou sendo Jesuita.

(1) As composições são feitas pelos Irmãos estudantes da Companhia, chamados do Recolhimento, que as recitaram em Academia literaria ao Vice-Rei D. André de Mello Castro ou suspenderam na sala de estudo para serem lidas; mas o professor Francisco de Almeida as augmentou, aperfeiçoou e dispôs como foram publicadas. O livro abre por um longo discurso latino em que o empolado do estilo deslustra a riqueza e elegancia da linguagem. Cf. *Orpheus Brasilicus* (Lisboa, 1737).

cis Brasiliae rebus, no qual o seu auctor P. JOSÉ RODRIGUES DE MELLO discorre em quatro livros sobre o cultivo da mandioca, sobre a criação dos bois e cultura do tabaco. Encanta no livro o sabor virgiliano do verso e a linguagem classica, e assombra a facilidade com que tudo exprime graciosamente em pura phrase latina. É sobremaneira curioso o episodio dos formigueiros que vae da pagina 76 a 82 (1). O outro poema — *De Sa-*

(1) O P. José Rodrigues era natural do Porto e foi em creança para o Brasil, em cujas florestas sentiu as inspirações da poesia. Em Roma compôs o poema como tributo de saudade á terra que o vira crescer. Tudo elle confessa no remate do livro quarto:

Haec ego Brasiliae super arvis pauca canebar
Et super armento, qua se regnator aquarum
Tibris agit lenique interluit agmine Romam,
Dum regit imperiis almam felicibus urbem
Ac totum Clemens magnus, pius optimus, orbem,
Rezzonicae Clemens decus altum et gloria gentis.
Et quamvis illo me tempore mira tenerent
Urbis terrarum dominae spectacula, moles
Templorum ingentes, tectorum opera inelita, fontes,
Marmora et insignes, orbis miracula, villae,
Et Charitum sedes; tamen et meminisse juvabat
Brasiliae, ut quae me primis excepit ab annis
Avulsum a dulci patria, cui Durius altus
Adlambit muros et molli flumine tingit.
Carminis hoc quodcumque suo sibi Brasila jure
Posebat terra, in ejus mihi saltibus olim
Musae occurrerunt puero...».

Entrou na Companhia de Jesus no Brasil em 1719; em 1759 foi deportado para Italia e viveu em Roma, onde compôs muitas poesias a José Basilio da Gama, o auctor do Uruguay, que as recitava na Arcadia de Roma para merecer a honra de Academico nesta aggremação literaria. Falleceu em 1783. Cf. *Repositu Apologetica ao poema...*

chari opificio — que na elegancia não desdiz do anterior, é inspiração do P. PRUDENCIO DO AMARAL, que não dizer do polygrapho P. Francisco Oudin, tinha para a poesia “un génie aisé, fin, délicat, agréable” (1).

*
* *
*

Mas terminemos esta secção da literatura latina com mencionar algumas obras de exposição didactica para as escolas. A que mais celebridade ganhou nos centros literarios foi a *Grammatica* do P. MANUEL ALVARES saída a lume a primeira vez em Lisboa em 1572 (2). Bastam

O Uruguay, pag. 162. O terceiro livro do poema foi depois traduzido em verso português, diz Innocencio da Silva, III, 382, por João Gualberto Ferreira dos Santos Reis e impresso na Bahia em 1817 com o titulo *Da Criação dos bois no Brasil*.

(1) Cf. *Dictionnaire d'Histoire et de Géographie ecclesiastiques*, II, (Paris, 1914) pag. 960. O P. Amaral era português nascido no Rio de Janeiro, onde falleceu em 1715. — O P. DIOGO DA CAMARA, filho dos Condes da Ribeira Grande, fôra pelo seu talento para as letras, encarregado de compilar numa obra que intitulava *Corpus Poetarum*..., as melhores poesias dos Jesuitas portugueses, ainda não publicadas. Sommervogel, III, 580, encontrou noticia de que a obra, se viesse a imprimir-se, teria muitos volumes, mas que só dois fôram dados á estampa. Taes volumes se porventura foram impressos, do que muito duvido, nunca se me depararam em bibliotheca nenhuma. O P. Camara foi dos presos de Pombal em 1759 e falleceu em 1782. Cf. Appendice ao *Catalogus Prov. Lus.* an. 1904, n.º 364, e an. 1909, n.º 292.

(2) O Geral S. Francisco de Borja é que encomendou ao P. Alvares em 1566 a composição da Arte de Grammatica e nos fins de 1570 já elle se tinha desempenhado do encargo. Nesse anno veio para Lisboa cuidar da impressão. Cf. *Mss. Soc. Jesu, Lus.* 64, f. 60, 65, 79.

as innumeraveis edições em que se reproduziu por toda a parte desde esse tempo até nossos dias e a multidão de compendios que della nasceram durante mais de tres seculos, para lhe dar foros de Arte classica e ao auctor a qualificação de mestre abalizado e benemerito da lingua latina. A Companhia de Jesus fez della a devida estimação e no *Ratio Studiorum* preceituava, que nas suas escolas se seguisse o methodo do auctor português, de tal modo que nos compendios que se houvessem de fazer, se mantivesse a força e propriedade das regras do P. Manuel Alvares (1). Porém o mais abonado elogio lhe vem do numero incalculavel de latinistas eminentes que formou em Portugal e nas demais nações da Europa e do ultramar (2).

(1) Cf. *Ratio Studiorum, Reg. Prov.* 23.

(2) Gaspar Schoppe, grammatico e latinista afamado e adversario dos Jesuitas, nota deficiencias na Arte do P. Alvares, mas dá-lhe com franco elogio logar proeminente sobre as Artes de Grammatica daquella epoca: «Sic factum est ut veteres omnes quotquot ante mille hos annos aliquid in ea arte [grammatica] literis consignatum reliquerunt... tum recentiorum complures, ut quisque in Hispania, Gallia, Germania et Italia praeter caeteros in ea praestitisse visunt, cognitos habérem. Inter quos, ut verum fatear, Emmanuéli Alvaro primas deberi animadverti: nam et ipse longe cultius dicendi genus, quam non dico veterum quisquam (nam illi pessime omnes latine scripserunt) sed quam recentiores plerique in arte tradenda praestitit et ea ex optimo quoque veterum auctorum exempla seligere curae fuit, quibus regulae artis plurimum stabiliri et sine negotio a tironibus intelligi possent. Verum enim quoniam ille a veterum grammaticorum praeceptis, omnium praesertim consensu traditis, discedere religioni habuit, effugere non potuit quin eosdem fere errores, quos in alijs Sanctius [Francisco Sanchez] agitavit, in ipsius quoque arte inveniamus...» (*Gasparis Scioppii Grammatica philosophica* (Amstelodami, 1664) na dissertação preliminar. Sanchez aponta de facto na

*

Apesar porém desta acceitação universal não lhe faltaram detractores; contudo os que a impugnaram, de boa ou má fé, nem sempre se collocaram sob o verdadeiro ponto de vista que os habilitasse a avaliar-lhe o merecimento. O auctor, ao lançar no papel aquelles aureos preceitos, não teve a pretensão de dar profundas lições de philologia. O seu fim era sobretudo practico: ensinar a escrever e a fallar a lingua latina com correcção, com elegancia, com primor, e pode gloriar-se de o ter conseguido. Querer julgar a obra de 1572 pelo criterio de 1900 e pelo progresso dos estudos actuaes, é expor-se a risco manifesto de errar. Não pretendo eu que a Arte do P. Alvares ainda para aquelle tem o fosse perfeita e acabada em todos os seus pontos, mas sómente lhe dou o merecido louvor que outros injustamente lhe sonegam. Que tivesse defeitos, o proprio auctor o supõe nos disticos latinos que ao principio lhe estampou:

Si quis te criticus docto perstrinxerit ungue,
Sint tibi censoris munera grata tui.

Grates laetus ages: torvos ne contrahe vultus
Nec signa ingrati pectoris ulla dabis.

sua *Minerva* muitos que elle julga erros dos grammaticos que o precederam; mas engana-o facilmente o prurido de censurar. — Acerca dos versos da Prosodia escreve ainda Schoppe: «Omnes Prosodias latinae rationem versibus quasi centum sexaginta idem Alvarez ita explicuit, ut nihil practerea desiderandum videatur. Magister meus Sanctius et alii qui eadem de re versus contexuere, minus mihi satisfaciunt». *Gram. Philosoph.*, pag. 26. Os versos de Sanchez são na verdade bem pouco harmoniosos. Observo porém que Schoppe se engana dando o P. Alvares como auctor dos versos da Prosodia. O nosso P. Vellez e o italiano Tursellini é que puseram em verso os preceitos da quantidade.

Mas nem os contemporaneos e amigos de Alvares o negavam; antes eram de parecer que se corrigisse. O P. Christovão de Gouveia instava com o Geral Aquaviva para que se pusesse mão á obra, ainda em vida do auctor observando que a "correcção era necessaria, porque se achava que na grammatica algumas coisas não estavam apuradas como convinha á erudição e nome da Companhia". (1) Em 1586, três annos depois da morte de Manuel Alvares, tambem a commissão encarregada em Roma de preparar o *Ratio Studiorum* notava alguns senões na Arte do Jesuita português. Louvava-lhe o methodo primoroso com que fôra redigida, a pureza e elegancia do latim que ensinava, a ordem engenhosa com que suas partes estavam distribuidas; mas advertia que aquella disposição, excellente em si mesma, vinha a ser aqui e além menos accommodada ás intelligencias dos principiantes. De facto os compendios publicados no decorrer dos annos accrescentaram facilidade e clareza ás primeiras edições (2). Mas para a maior parte dos censores o defeito não estava na Arte, todo se concentrava no auctor, como filho que era da Companhia de Jesus. A Arte era má, porque o auctor era bom Jesuita. Não quero porém dizer que para os progressos de hoje baste a grammatica do P. Alvares. O seu methodo era singelo, bem ordenado, progressivo e engenhoso, era securissimo nos preceitos e bem mais parco de miudezas e regras que muitas

(1) Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 68, f. 300. De facto deu-se ao P. Alvares o P. Fernão Pires, bom latinista, que o ajudasse a rever e a aperfeiçoar a Arte. Ibid. f. 307.

(2) Cf. Pachtler, II, *Ratio Stud.*, pag. 155 segg.

grammaticas modernas; era mais que tudo efficacissimo para formar escriptores no idioma de Cicero. Neste ponto nenhum systema lhe disputa primazias. Alguma coisa porêm adeantámos no campo principalmente das theorias philologicas. Formem-se Artes novas e scientificas accommodadas aos adeantamentos das letras; mas pede a boa razão que falemos com respeito dos antigos que tão benemeritos foram das escolas. A antiguidade veneranda tem seus direitos (1).

(1) Cedo começaram os adversarios a criticar publicamente pela imprensa a grammatica do P. Alvares. No anno de 1609 arremetteu contra ella um italiano mestre de latin em Verona, Nicolau Orlando Pescetti; mas foi só poeira que facilmente sacudiu o P. Sebastião Berettari num engraçado opusculo que intitidou: *Efflatio Pulveris adversus Em. Alvari Grammaticas Institutiones... excitati (Monachii, 1616)*. O P. Antonio Franco na sua *Contramina Grammatical* observa que o critico Orlando «não saiu da pendencia tão formoso como enidava».

Em 1704 mais outro italiano se lembrou de censurar a Arte portugueza — *Animadversiones et Notae in Emmanuelis Alvari Grammaticas Institutiones, Authore Francisco Bagnario (Cacsenae, 1704)* — mas retorquiu-lhe o siciliano P. Manuel Aguilera chamando-o á escola e sujeitando-o ao castigo que lhe infligiram os alumnos da infima classe, como diz no titulo da sua publicação: *Bagnarius Paedagogus ad scholam revocatus et in ea egregie elisus et castigatus a Fabio et pueris infimae classis, ob ineptissimas animadversiones et notas in Emmanuelis Alvari Grammaticas Institutiones (Taurini, 1704)*.

Em Portugal só mais tarde se levantou a censura contra o benemerito livrinho. Foi um militar, Manuel Coelho de Sousa, quem deu o signal de combate em 1729, publicando em Lisboa um «*Exame da syntaxe e reflexões sobre as regras...*» da Arte adoptada. Mas um amigo e admirador do P. Alvares, o P. Antonio Franco, acceptou-lhe o desafio, e na sua *Contramina Grammatical* lhe rebateu um a um todos os assaltos que deu contra a grammatica dos Jesuitas o

Sobre a mesma grammatica appareceram ainda no seculo XVI, os *Commentarios* do P. ANTONIO VELLEZ, que, no dizer de Franco, teem facilmente a primazia entre

sargento mór, a quem contudo não faltaram imitadores de maior bizzarria.

Em 1740 entrava na liça o famoso barbadinho com a segunda carta do primeiro tomo do *Verdadeiro Metodo* em 1752 o P. Antonio Figueiredo no Prologo do seu *Novo Methodo de Grammatica latina*, onde tentou derribar do throno secular o latinista da Companhia de Jesus. A lucta accendia-se. Do lado dos Jesuitas acudiram á defesa entre outros o P. José de Araujo, sob o pseudonymo de Fr. Arsenio da Piedade, nas suas *Reflexões apologeticas* (1748), e o P. Francisco Antonio no *Mercurio Grammatical* (1753) contra Verney, e contra Figueiredo o P. Francisco Duarte no seu *Antiprologo critico e apologetico*. A contenda terminou com a autocratica decisão de Pombal, que proserveveu para sempre o *escuro e fastidioso methodo* jesuitico! Daí por deante, como echo das vozes de Pombal, as diatribes contra as innocentes e inoffensivas regras de grammatica, se foram succedendo até nossos tempos em que um escriptor de innegavel erudição, não teve receio de censurá-la por estas expressões tão alheias da critica sincera que procura unicamente a verdade: «A grammatica era a do P. Manuel Alvares, compendio verdadeiramente material dirigido unicamente á memoria... Vejamos em que consistia o *methodo alvaristico*. Decorava-se a volubrosa grammatica escripta em latin, sem se saber o que as regras significavam, e só depois de tres annos é que por laboriosas inferencias, começava o alumno a perceber alguma coisa. Estudava-se violentamente os *Nominativos*, sem a minima noção da theoria da declinação; os *generos*, sem o conhecimento da construcção syntactica A syntaxe baseava-se na ellipse, subintendendo-se sempre os elementos da oração para poder-se explicar a referencia; assim a grammatica confundia-se com a rhetorica pelo emprego da syntaxe figuradas». (Theophilo Braga, *Historia da Univ. de Coimbra*, T. II, pag. 384). Se o erudito escriptor pudesse discutir com imparcialidade questões concernentes a Jesuitas, não escreveria que era dirigido unicamente á memoria um compendio em que o auctor tão cuidadosamente vai dando a razão de

os muitos que daquela Arte se compuseram nas demais nações (1).

Com os nomes destes grammaticos também se tornou popular nas letras o do P. BENTO PEREIRA pela sua *Prosodia*, rico *Diccionario trilingue*, que as muitas edições mostram quanto era precioso e estimado. É um verdadeiro thesoiro de erudição classica. O mesmo auctor publicou em latim uma *Arte de Grammatica* da lingua portuguesá, erudito repositório de observações e regras para a falar, escrever e pronunciar. Intitula a Arte *Quaedam Academiola*, e por isso a reparte em cinco divisões que chama *Classes* e estas em subdivisões a que dá o nome de *Subsellia* (2). Compõe ainda

suas regras, e exigindo que segundo ellas se fale e escreva, o que requer não só memoria mas attenção e entendimento; não affirmaria, sem a mais pequena prova, que os alumnos decoravam toda a grammatica sem perceber as regras, o que não se compadece nem com as diarias prelecções do mestre nem com os exercicios continuados de composições que acompanhavam o estudo dos preceitos; não exigiria anachronicamente explicações sobre as theorias da declinação, cujo ensino só seculos mais tarde entrou nas escolas; nem cairia no desacerto de affirmar que a syntaxe se baseava na ellipse e que por este processo se confundia a grammatica e a rhetorica, dando-nos occasião de nos admirarmos de que um professor do Curso Superior de letras confundia a rhetorica, nobilissima arte, com a ellipse, simples figura grammatical!

(1) Franco, *Contramina Grammatical* (Evora 1731) pag. 6.

(2) Desde a pag. 231 a 285 (ed. 1672) reúne um copioso numero de sentenças moraes, *acroamata moralia*, a que ajunta primorosa traducção em portuguez. Escreveu a Arte em latim para nacionaes e estrangeiros, e dos verbos dá correspondencia latina e italiana. Na composição da grammatica prestou-lhe bom auxilio o P. Manoel Luis, como se declara no prologo: «Illud fateor in hoc opere non solum magnam sed praecipuam habere partem Doctorem Patrem Emmanuelem Ludovicum nostrae Societatis, qui ... me juxit multis

dois tomos de *Commentarios de Horacio*, que não lograram a fortuna de ser estampados.

Sobre Virgilio imprimiu eruditos *Commentarios* o P. FRANCISCO ARANHA, contemporaneo de Bento Pereira (1), e já no seculo XVIII publicava os seus sobre *Os doze Cesares de Suetonio* o P. PEDRO DE ALMEIDA que em notas geralmente brevissimas explica o sentido do texto com muita clareza e erudição. O Marquês de Valença no elogio que teceu á memoria do P. Almeida na Academia Real de Historia chamou esta obra doutissimo commento, onde o auctor mostrava noticia profunda da lingua latina (2).

Mas sobre todos estes se assignalou o P. MANUEL DE AZEVEDO, homem de talento excepcional, justamente admirado pela erudição ecclesiastica e profana, poeta latino e portuguez dotado de rara facilidade para a composição, professor de letras em Evora e Lisboa, e depois em Roma singularmente estimado por Bento XIV que lhe confiou a correcção e reedição de suas obras. Nos dois tomos da *Arte Poetica* publicada em 1781, se não dá provas de gosto sobrio e apurado em todas as composições que nella traz para exemplo, attesta os seus

et optimis documentis, quae certe non abhorrent ab insigni sacris et humanioribus literis Doctore. O P. Pereira publicou também um precioso *Florilegio dos modos de falar* e *Addugios da lingua portuguesa* com a traducção latina, opusculo que se accrescentou como appendice a algumas edições da *Prosodia*.

(1) O P. Aranha falleceu em 1677 depois de ter ensinado seis annos humanidades e rhetorica e nove philosophia e casos. «Foy nelle a graça tão particular dom que lhe não saía palavra pela bocca que não fosse apraziavel». Franco, *Imagem da V... Evora*, pag. 862.

(2) Cf. *Memorias... da Academia R. de Historia*, tomo de 1732.

muitos conhecimentos da lingua latina e a mestria com que a manejava (1). Mas bastem esses nomes e obras

(1) Entrou na Companhia em 1728 e em 1796 terminou em Piacenza sua longa vida de 83 annos. Em Roma, escreve Cordara nos seus *Commentarios* acerca da suppressão da Companhia de Jesus, «erat Azevedus in magna apud Pontificem gratia... tum alias ob causas, tum praecipue quod opera ejus omnia non magnifice minus quam eleganter recudenda curaverat sumptu suo».

A titulo de curiosidade aponto mais estes livros de texto que se usavam nas escolas dos Jesuitas e vieram ao meu conhecimento:

1) P. Cypriano Soares, *Arte Rhetorica*: foi a primeira vez impressa em Coimbra no anno de 1560 e depois se reproduzia em numerosas edições. Não tem mais merecimento que o de colligir e ordenar os preceitos da rhetorica ensinados por Aristoteles, Cicero e Quintiliano. Desta *Arte* escreveu Perpilhão o seguinte: De rhetoricis praeceptis artem breviter comprehensam, cum sint plurimae, nullam probo nisi quam Cyprianus Soarius, vir Societatis nostrae, ex tribus laudatissimis auctoribus, Aristotele, Cicerone, Quintiliano, ipsorum fere verbis prudenter collectam, proximis annis Conimbricæ edidit». *Petri Perpiniæ opera*, III, (Romae, 1749) pag. 99.

2) P. Antonio Vellez, *Compendio da grammatica do P. Alvares*, «compendium... quod puerorum manibus atteritur». Franco, *Syn. Ann.*, 1599.

3) P. Cosme de Magalhães, *Sylvæ Illustrium Auctorum, qui ad usum Collegiorum Societatis Jesu selecti sunt*, 2 T., Madrid, 1598.

4) P. José Soares, *Cartapacio da Syntaxe*, «que usamos nas escolas». Fonseca, *Evora Gl.*, pag. 433.

5) P. Antonio Franco, *Promptuario de Syntaxe*, «sic placuit vulgatum, ut saepe postea recusum sit, omniumque grammaticae studentium manibus teratur». *Synopsis Ann.*, 1701.

6) P. Ignacio de Carvalho, *Compendio da Logica Conimbricense*, «de que hoje se usa vulgarmente nas escolas», escreve Franco pelos annos de 1714. *Imagem da V... Evora*, pag. 898.

7) P. Gregorio Barreto, *Nova Logica Conimbricense*, impressa em 1711. A estes dois compendios de Logica chamavam os estudantes em gíria escolar a *Carvalha* e a *Barreta*.

que apontamos. São; creio eu prova clara do ardor, persistencia e bom exito com que os Jesuitas versavam a literatura classica.

§ 2

Na Literatura patria: Oratoria

Os Jesuitas eram pois cultores esmerados da lingua do Lacio, nem ha quem racionalmente o ponha em duvida. Mas talvez ao reconhecer-lhes esta distincção pense alguém que absorvidos nesse empenho descuidassem o estudo da lingua patria. As leis do *Ratio Studiorum*, que marcavam o latim como ponto de concentração para os exercicios escolares e inclusivamente para a aprendizagem da lingua nacional, dão, é certo, algum pretexto a semelhante persuasão. Mas a quem observar sem preocupações a practica daquelle methodo de ensino e

8) Nicolau Clenardo, *Grammatica Greca*.

9) João Despauterio, *Grammatica Latina*.

As Artes, Latina e Greca, dos dois ultimos auctores, não Jesuitas, começaram a usar-se como livro de texto nos collegios da Companhia de Jesus, logo desde os primeiros annos que abriram escolas em Lisboa, Evora e Coimbra, segundo se depreheende de documentos contemporaneos ineditos, nos quaes não encontrei menção de outra grammatica. Cf. *Mss. Soc. Jesu: Lus.* 43, f. 190, 217; *Epist. NV.* 90, Carta do B. Ignacio de Azevedo de 3 de janeiro de 1555; *Mon. Hist. S. J., Mon. Paedag.* pag. 683, 695, 697. Supponho pois inexacta a noticia de Nicolau de S. Maria ao contar que pela grammatica do Conego Regrante D. Maximo de Sousa ensinaram os Jesuitas nas escolas menores de Coimbra «até que o P. Manuel Alvares compoz a Arte por onde agora ensinam». Será esta mais uma das muitas inexactidões que o bom Chronista metteu na sua *Chronica*. Cf. Theophilo Braga, *Camões, Epoca e Vida* (Porto, 1907), pag. 193.

considerar os resultados que a experiencia attesta, os factos o convencerão da falsidade do preconceito. Basta que num relance de olhos attente nos auctores Jesuitas que escreveram em português, para se capacitar de que prezavam o estudo da sua lingua. As obras que saíram de suas pennas são algumas dellas classicas e muitas sem controversia primorosas na linguagem, cuja propriedade e belleza transparece nitidamente ainda por entre o estilo culto e sentencioso da epoca. Assim é que, se a naturalidade e lhaneza do discurso correspondesse mais frequentemente á riqueza do vocabulario, ao vernaculo da expressão e ao solido da doutrina, teriamos que admirar numero bem mais avultado de obras e classicos de primeira plana. Nomeemos antes de tudo os que mais se avantajaram pela eloquencia, genero de litteratura em que particularmente se exercitaram os Jesuitas, como o exigia a sua profissão sacerdotal.

* *

Primeiro que todos se nos apresenta o P. ANTONIO VIEIRA, cujo nome bastaria para tornar glorioso o seculo XVII que o produziu e a Corporação que o formou. Estudou, ensinou, escreveu, prégou, catechizou, missionou, viajou; foi politico, foi diplomata, foi religioso; deu lições aos grandes, defendeu os pequenos e opprimidos, soffreu, amou a Patria, a Companhia de Jesus, a Igreja, e em tudo deixou estampado o sello do genio. Como mestre da lingua não tem superior, nem talvez igual. Nenhum povo, chega a dizer um critico insuspeito, possuiu jámais nas obras de um só homem tão rico e tão escolhido thesouro da lingua propria; como

nós possuímos nas deste notavel Jesuita" (1). Como orador teve logar entre os primeiros do seu seculo e os maiores de todos os tempos. Os 15 tomos de *Sermões* publicados concordam os eruditos em os appellidar obra monumental de linguagem. São, segundo a phrase de Camillo, uns riquissimos minerios do mais fino oiro (2). No que toca á eloquencia em toda a parte esplendem fulgurações de um espirito superior, mas é lastima que muita vez deslustre os clareões que joravam de sua intelligencia e abata a sublimidade dos vôos oratorios com as subtilezas e sophismas, em que se enredava para agradar ao gosto pervertido do seculo XVII. Nos outros escriptos porém esquece agudezas mal cabidas e segue a espontaneidade, nomeadamente nas suas *Cartas* que o mesmo Camillo chama exemplares de classica litteratura (3).

(1) Alexandre Lobo, *Discurso Historico e Critico* (Coimbra, 1897) pag. 129.

(2) *Curso de Litt. Portuguesa*, pag. 104.

(3) Além dos Sermões de que já foram feitas tres edições portuguezas completas, muitos outros opusculos de Vieira se deram á estampa. Ficaram porém ineditos numerosos manuscriptos que depois da morte do eminente escriptor se procuraram conservar cuidadosamente. Por ordem dos Superiores da Companhia foram encerrados em duas areas ferradas de fechadura dobrada e depois por determinação do P. Geral mandados transportar para Roma. Não o pôde soffrer um zeloso portuguez, amante de sua patria, e receando não fosse algum estrangeiro publicá-los em seu nome e privar daquella gloria a nação portuguesa, escreveu secretamente da Bahia ao Cardeal da Cunha, Inquisidor-mór, a dar-lhe conta da remessa dos manuscriptos e também dos receios que o inquietavam. Foi a proposito o aviso. Dois officiaes da Inquisição accorreram ao desembarque, retiraram as duas areas e levaram-nas a casa do Inquisidor, onde se guardavam com grande cuidado, segundo escreveu por 1748 D. Ignacio de S. The-

Em volta de Vieira foram naquella epoca, antes e depois d'elle, apparecendo numerosos oradores que se

resa, o auctor do opusculo, publicado anonymo, *Crisis Paradoxa super Tractatu insignis P. Antonii Vieyrae... de Regno Christi*. O P. Franco na *Imagem da V...* Lisboa, pag. 876 notou que «ao P. Leopoldo Fues se devem todas as boas diligencias que se applicaram para que fallecendo o P. Antonio Vieyra se não esbrangessem os seus manuscriptos, antes se conservassem todos como partos preciosissimos do mais excellente engenho que venerou o seculo de seiscentos». O P. Leopoldo que era confessor da Rainha D. Maria Sophia, falleceu logo tres menses depois de Vieira. Estimava elle tanto a eloquencia do orador portuguez, que lhe traduziu para latim os sermões do *Rosario* e de *Xavier dormindo* e *Xavier acordado*, os quaes depois se estamparam em Colonia. — Uma das obras, conservadas em manuscripto e, segundo parece, a que Vieira sobre todas estimava é a que elle intitulou *De Regno Christi in terris consumato* ou *Clavis Prophetarum*. Nella trabalhou durante muitos annos sem que lhe chegasse a pôr a ultima demão. A obra é escripta num latim fluente e demonstra no auctor profundo conhecimento da Escriptura Sagrada, nitidez de raciocinio e agudeza de intelligencia com erudição pasmosa das obras dos Sanctos Padres e interpretes. Não creio porém que lhe levantaria muito alto os creditos de hermeneutico solido e exacto, se viesse a publicar-se, especialmente nas passagens em que Vieira inculca as suas ideias particulares do reino de Christo na terra. O primeiro livro que trata da realza de Christo é mais solido na doutrina e offerece passos sublimes; depois ha muito de aereo, quando o fundamento do raciocinio o dão interpretações mais ou menos arbitrarías das imagens escripturales. O exemplar que analizámos, dois volumes in-folio, escriptos com boa calligraphia e bem conservados em cadernos soltos, é copia do que ordenou o Jesuita Carlos Antonio Casnedi segundo o exemplar muito desordenado que lhe confiou o Cardial Nuno da Cunha. As primeiras 94 paginas contem um discurso de Casnedi, em que se louva hyperbolicamente o auctor da *Clavis* e a obra, se defendem algumas proposições nella censuradas e se dá o resumo de todos os capitulos. Infelizmente a copia não está completa. Cf. Mss. Soc. Jesu, *Opp.* N.V. 137, 138.

approximavam, a maior ou menor distancia, do que no juizo dos entendidos era o mestre e principe de todos. Antecederam-no alguns annos dois oradores famosos LUÍS ALVARES e FRANCISCO DE MENDOÇA que muito sobrelevavam entre os de seu tempo (1).

LUÍS ALVARES, morto de veneno propinado pelos judeus em 1590, alcançou triumphos memoraveis com sua eloquencia arrebatadora e irresistivel. As igrejas onde havia de prègar como que eram tomadas de assalto pelos ouvintes que saíam muitas vezes pasmados e fora de si. De um sermão sobre o juizo universal recolheram-se um dia tão assombrados, que o Arcebispo D. Theotonio lhe pediu prègasse da misericordia divina para os realentar. “Oíço que tendes em Portugal um novo S. Paulo” contam que dissera S. Pio V ao Geral S. Francisco de Borja falando deste insigne prègador. É pena que a imprensa nos não tenha perpetuado a memoria de sua eloquencia. Em tempo se conservavam em Evora quatro tomos manuscriptos de seus sermões (2).

(1) No numero dos prègadores muito apreciados nesta epoca podemos contar os Padres Jorge Serrão, Ignacio Martins, o celebrado mestre da sancta doutrina, e João de Lucena, o biographo de S. Francisco Xavier, Gaspar Gonçalves, Luiz da Cruz e Sebastião Baradas. Dos dotes naturais deste ultimo assim escreve um necrologista contemporaneo: «Ad concionandum egregia naturae praesidia a Deo acceperat, quibus minimum artis, fuci nihil adhibebat, status corporis excelsus, et erectus, augusta facies, vox canora et insitus quidam lepor, quem natura, non industria commendabat...» Mss. Soc. J., *Lus.* 59, f. 125.

(2) Camillo Castello Branco no romance *O Senhor dos Paços de Ninães*, cita um trecho de um sermão prègado pelo P. Luís Alvares por occasião do desbarate de El-Rei D. Sebastião em Africa.

Do P. FRANCISCO DE MENDOÇA a quem o Geral da Companhia Vittelleschi appellidou "grande prégador, grande escriptor, grande superior e grande sancto"; vieram felizmente á publicidade depois de sua morte, dois tomos in folio de *Sermoens*, em que nos encanta a linguagem castiça, a popularidade e clareza de estilo; em que nos captiva a lhaneza e uncção piedosa em todo o desenvolvimento e nos satisfaz a solidez e abundancia de doutrina (1). Mas é pena que a torrente do seiscen-

Quando o P. Luis Alvares tinha apenas 32 annos de idade era tão grande já nesse tempo a fama de sua eloquencia, que pôde escrever delle o P. Francisco Martins contemporaneo seu em Coimbra que: «en pocos años ha cobrado tan gran fama en esta universidad, que le anteponian a predicadores muy insignes deste reino quanto a la eloquencia y razonamientos...». De suas prêgações em Lisboa diz a mesma testemunha: «Concorria a oyr sus sermones tanta gente de toda suerte scilicet religiosos, seglares, letrados, señores de titulo y otras personas principales del reino que segun yo creo el á cobrado mas fama en todo este reino de Portugal que ninguno otro predicados cobró muchos años á...». O P. Jorge de Castro vindo de Roma e chegado de novo ao reino ficou tão maravilhado do que via e ouvia de Luis Alvares que escreveu nestes termos ao Geral Mercuriano: «...Inter omnes P. Ludovicus Alvarez eminet mirum in modum cujus auctoritas, praedicationis doctrina, vitaeque exemplum tantum valet apud populum et tam ingentes animorum progressus agit, quod in universo hoc regno passim de hoc sermo audiatur...». Foi porém ao prégador motivo de serios dissabores dentro e fóra da Religião a maneira um tanto livre que usava no pulpito e as proposições arrojadas que avançava. Correu até perigo de ser despedido da Ordem, mas a sua mesma eloquencia foi causa que o retivessem. Era natural de Lisboa, entrou em 1560 na Companhia, onde viveu 30 annos, vindo a fallecer com 50 de idade. Cf. Mss. Soc. Jesu: *Lus.* 65, f. 11; *Lus.* 67, f. 49; *Lus.* 43, f. 241; *Lus.* 44, f. 89; Franco, *Imagem da V... Coimbra*, I, pag. 210; Sommervogel, I, 220.

(1) Tal era a orientação que dava aos estudantes Jesuitas quando os mandava prégear para exercicio dizendo-lhes «que deixas-

tismo também o tenha arrastado, bem que pouco, a subtis e arbitrias accommodações da Escripura. Os sermões e escriptos deste orador confessava o P. Antonio Vieira terem sido o seu mestre na oratoria. Se é verdadeiro este facto, que Franco nos deixou em memoria, não pode haver mais cabal elogio de Mendoça (1).

São estes oradores como que os prodromos á epoca do grande Vieira, tão fecunda em homens que se assinalaram pela eloquencia. No anno de 1641, em que Vieira vindo do Brasil desembarcava em Portugal, saía do prelo um volume de *Sermões* do P. M. FRANCISCO DO AMARAL, que Camillo Castello Branco não duvida collocar entre os "abalizados oradores que illustraram o pulpito e a imprensa" (2).

No anno antecedente, alguns meses antes da restauração de Portugal, fallecia o P. GASPAR FERNANDES, grande missionario e prégador do Duque de Bragança, depois D. João IV. Delle escreve Franco que no talento para os pulpitos fóra excellente e quando morreu, dei-

sem delicadezas e curiosidades vãs e se empregassem todos em doutrina solida e devota. Dizia elle: tres lugares não sofrem leviandade: altar, pulpito, confessionario». Franco, *Imagem da V... Coimbra*, I, pag. 486, 491.

(1) Cf. Franco, *Imagem da V... Coimbra*, I, pag. 465.

(2) Não acerta Camillo assignando-lhe o ultimo quartel do seculo XVI como tempo em que prégou. O P. Amaral entrou na Companhia no seculo XVII, em 1608, na idade de 15 annos e falleceu em 1647. Cf. *Curso de Litt. Port.*, pag. 99; Franco, *Imagem da V... Coimbra*, II, pag. 616. — Outro P. Francisco do Amaral se distinguio tambem, não muito depois, na eloquencia sagrada a ponto de ser nomeado prégador regio de D. Affonso VI, mas na desgraça deste malaventurado rei foi envolvido o seu prégador a quem relegaram para Santarém como para desterro, indo depois morrer a Coimbra em 1685. Cf. Franco, *Annus Gl.*, pag. 219.

xára promptos para a estampa doze volumes de sermões (1).

Por esse mesmo tempo escutava-se com agrado a voz do P. BARTHOLOMEU PEREIRA que á suavidade de poeta unia a força da eloquencia, com que abalava profundamente os auditorios (2), e a do P. BARTHOLOMEU GUERREIRO que foi durante 17 annos fervente missionário nas provincias de Portugal e deixou impressos dois sermões, um de S. Thomé, outro das exequias do Duque de Bragança, ambos engenhosos na disposição e conceitos e ricos de imaginação e bca linguagem (3).

Nem lhes são inferiores no merecimento os *Sermões, dedicados ao Apostolo do Oriente S. Francisco Xavier* e publicados em 1687, tres annos depois da morte de seu auctor, o P. LUIS CARDEIRA. "Os sermões deste Jesuita, escreve Innocencio da Silva, merecem estimação pela pureza, elegancia e propriedade de sua linguagem e nelles se mostra discipulo aproveitado do P. Antonio Vieira" (4).

Seguiu mais de perto a esteira deste grande mestre de eloquencia o brasileiro P. ANTONIO DE SÁ que prêgou em Portugal e no Brasil com tamanhos creditos de orador, que lhe deram a qualificação honrosa de Chrysostomo Português. Muito depois de sua morte veio a

(1) Cf. Franco, *Imagem da V... Evora*, pag. 866.

(2) Falleceu em 1650 depois de desempenhar com opinião de erudito e engenhoso os cargos de mestre de humanidades e rhetorica e o de lente de theologia e Escriptura. «Hæc omnia peregit grandi nomine» diz Franco, *Annus Gl.*, pag. 689; *Synopsis Ann.*, 1650.

(3) O P. Guerreiro fôra tambem acreditado professor de letras e terminou seus dias no anno de 1642. Cf. Sommervogel, III, 1912.

(4) *Dicc. Bibl.*, v, 278; Sommervogel, II, 737.

publico um precioso volume de seus *Sermões varios*, não ermos de subtilezas e antitheses, mas ricos de boa doutrina, claros no desenvolvimento, abundantes de linguagem castiça, faceis e magestosos na elocução e animados aqui e além de rasgos oratorios. Desastradamente cinco annos depois de sairem do prelo os incendios do terremoto de 1755 destruíram grande parte dos exemplares (1).

Com este brasileiro illustre vem de molde recordar outro filho do Brasil, irmão do famoso poeta satirico Gregorio de Mattos, o P. EUSEBIO DE MATTOS que não terminou sua carreira na Companhia, donde se passou aos Carmelitas, mas nella se formou e exerceu os cargos de mestre e prêgador. Foi discipulo de Vieira em philosophia, succedendo-lhe na cadeira; era excellente latinista, bom poeta e no pulpito rival de Vieira e de Sá. Delle se imprimiram diversos sermões, mas a todos excede pelas bellezas de estilo a obra conhecida pelo titulo *Ecce Homo*, que contém practicas da Paixão prêgadas no collegio da Bahia. Finou-se em 1692 (2).

Quatro annos depois fallecia em Lisboa donde era natural, um orador do mesmo nome e appellido do grande ANTONIO VIEIRA, a quem os contemporaneos o

(1) O P. Sá entrou muito novo na Companhia de Jesus, foi professor de letras e de theologia, teve em Portugal a distincção de prêgador regio e falleceu no Rio de Janeiro em 1678. Cf. R. Galanti, *Biographias de brasileiros illustres* (S. Paulo, 1911) pag. 12.

(2) Cf. J. B. de Castro, *Mappa*, II, pag. 361, onde se lê que o P. Antonio Vieira dizia do P. Eusebio «que Deos se empenhara a fazello em tudo grande». Entrou em 1644 na Companhia de Jesus onde viveu mais de 30 annos e falleceu em 1692. Cf. Innocencio da Silva, *Dicc. Bibl.*, II, 266; *Portugal, Dicc. Hist.*, IV, 927; Galanti, *obr. cit.*, pag. 10.

comparavam no primor da eloquencia. Assim o referem as cartas annuas manuscriptas daquelle anno, que o descrevem como prègador muito applaudido pela força no dizer e subtileza dos conceitos (1).

No derradeiro anno do seculo XVII expirava tambem um dos mais louvados prègadores do seu tempo, o P. MANUEL DOS REIS, cuja eloquencia não desagradava ao P. Antonio Vieira, como assevera Franco, de ambos contemporaneo. Era este orador pequenino de estatura, mas "o talento da acção, o agradável da voz e a eloquencia das palavras eram acompanhadas de todos aquelles feitiços que na oratoria enlevam, e com huma força occulta... suspendem e enleiam os ouvintes" (2). Em edição posthuma lhe publicou o P. Antonio Franco tres tomos de *Sermoens do P. Manoel dos Reys*, que no dizer do editor foram acolhidos com singular estimação (3). Mas apesar da linguagem castiça e muito variada, apesar da exquisita propriedade de termos e das descripções primorosas que não deslustrariam as paginas dos sermões vieirenses, diminuem-lhes o muito merecimento as subtilezas tanta vez ridiculas, em que se perde a sua eloquencia.

Já no principio do seculo XVIII findavam sua car-

(1) Cf. Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 54, f. 127. — Vivia ainda pelos mesmos annos outro P. Antonio Vieira, bom professor de philosophia e moral e fallecido em Faro no anno de 1716. Cf. Franco, *Synopsis Ann.*, 1716.

(2) Cf. *Sermoens do P. Manoel dos Reys*, (Evora, 1717) no Prologo, escripto pelo editor A. Franco. Num *Catalogus Scriptorum*, manuscripto, (Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 105) lemos sobre o P. Reis: «Vir fuit, quem si a corporis molle metireris, exiguum, si ab ingenii magnitudine, eximium diceres».

(3) Cf. Franco: *Annus Gl.*, pag. 224; *Synopsis Ann.*, 1699.

reira no mesmo anno de 1709 tres prègadores, cujos nomes a historia merecidamente nos conserva. São elles o P. JOÃO COUTINHO que foi por muitos annos ouvido com agrado nos pulpitos e publicou tres tomos de *Estromas Predicaveis*; o P. MANUEL DA SILVA que deu á estampa sob o titulo de *Sylva Concionatoria* seis tomos de sermões "que foram geralmente bem acceitos como merecem", disse A. Franco (1), e o P. LUÍS ALVARES que nos tres volumes dos seus *Sermoens de Quaresma*, *Sermoens varios* e *Sermoens diversos* disputa merecidamente a palma aos que mais se assemelharam a Vieira.

Mas para não prolongar esta resenha de oradores do seculo XVII contento-me com mencionar um manuscripto que se me deparou em Roma, no qual, como informação particular para o Geral da Companhia, se apontam os de mais valor, que já no anno de 1651 tinham nomeada. O manuscripto limita-se aos da Extremadura e enumera trinta. A quinze qualifica-os de prègadores excellentes, a onze de prègadores de boa nota, a tres que são BALTHAZAR TELLES, JOSÉ DE SEIXAS e MANUEL LUÍS, de prègadores excellentes e oradores celebrados da fama, e ao P. ANTONIO VIEIRA de prègador regio e celebrado outrosim da fama (2).

(1) *Imagem da V... Coimbra*, II, pag. 425.

(2) Cf. Arch. di Stato, Roma, *Gesuit. Collegi*, maço 152. As diferentes classificações dá-as o manuscripto em latim da seguinte maneira: «*Concionator optimus; Concionator bonae notae; Orator famae celebratae, concionator optimus*. O P. José de Seixas era natural de Lisboa, foi professor de rhetorica em Coimbra e Evora e de philosophia em Coimbra; morreu em 1691. Franco, *Annus Gl.*, pag. 73; Sommervogel, VII, 1172. O P. Manuel Luís, tambem de Lisboa falleceu em 1687. O P. Franco, de accordo com este documento, escreve

Mais tarde, já bem entrado o século XVIII, ainda se escutavam com agrado tres oradores que forcejavam por imitar a Vieira, já fallecido mas vivo ainda na memoria de todos, para receber o tributo de admiração que foi crescendo com os annos na primeira metade daquelle seculo. Refiro-me aos Padres ANTONIO DE MORIM, SIMÃO DA GAMA e MANUEL DE SÁ. ANTONIO DE MORIM deixou-nos impressos, para lhe avaliarmos o talento, tres tomos intitulados respectivamente: *Sermoens do tempo de Advento e Quaresma*, *Sermoens dos Santos*, e *Doze Se moens... nas doze festas principaes de Maria Santissima*. Os discursos são geralmente pequenos, quanto á linguagem riquissimos, e provam que o auctor usava da lingua com destreza e mestria; dão exemplos de propriedade e elegancia, que não desdiriam do primor de Vieira, a quem de quando em quando se compraz em imitar claramente. No sermão da Sanctissima Trindade, tomo II, pag. 11, desdobra-se um trecho sobre a alma, em tudo semelhante á famosa amplificação Vieirense no mesmo assumpto. O estilo porém não podia deixar de ser do seu tempo; abundam as agudezas e trocadilhos com frequencia pueris (1).

que Manuel Luis foi um dos mais famosos prégadores que por aquelle tempo ouviu Portugal. *Annus Gl.*, pag. 103.

(1) No panegyrico de S. Ignacio, tomo II, pag. 406, propõe o mesmo assumpto de Vieira com allusão manifesta ao grande orador: «Ignacio... a todos foy semelhante, mas sem semelhante, como mostrou em tal dia como este, quem foy sem semelhante no pulpito». Nos sermões de Morim não faltam locuções satiricas, nem sempre dignas de um orador sagrado. Sirva de exemplo a do sermão da 2.^a Dominga do Advento: «Muitos prégadores fazem bem o seu papel, mas o papel que fazem não é o seu... grande fama de famosos prégadores e melhor lhes estava o titulo de famosos ladrões... Na Uni-

O P. GAMA, fallecido dois annos depois de Morim em 1718, entregou pela imprensa á posteridade sete volumes de sermões, onde por entre muita preciosidade reúne os frivolos conceitos expostos áquelles auditorios que, acclamavam por um dos oradores mais notaveis.

MANUEL DE SÁ é o que mais abertamente professa a imitação de Vieira nos *Sermões varios* prégados na India. No prologo declara que, se este primeiro volume contentar, pois o lança para amostra, irão saindo outros, e que nelles se verá alguma coisa, diz elle, «do grande Antonio Vieyra, a quem desejei seguir, ainda que sempre foi de muito longe». De facto imita-o no estilo, no modo de trazer e explicar os passos da Escripura; umas vezes cita-o expressamente e outras deixa lobrigar através de suas palavras e descripções algum trecho de Vieira. As proposições são agudas, as provas engenhosas, a linguagem rica e por vezes extremada na propriedade dos termos. Só publicou um volume.

Pudera ainda fazer menção de oradores que se altearam sobre a craveira ordinaria, como PAULO PEREIRA de quem A. Franco escreveu que era ouvido com grande applauso; JERONYMO CASTILHO que na Academia Real de Historia, por occasião de sua morte em 1730, o marquês de Valença merecidamente qualificou de eloquente prégador; ANTONIO BETANCURT que na India e em Portugal muito se acreditou pelos dotes oratorios; FRANCISCO DUARTE que ainda nos annos da juventude já era celebrado como orador eximio; FRANCISCO DE MATTOS que em Portugal e no Brasil igualmente ap-

versidade... huns fazem as lições e outros as dizem... e os que se haviam de formar bachareis, são papagaios, mas não saem homens de bico».

plaudiam os auditorios, e os dois brasileiros ANGELO DOS REIS, discipulo e secretario de Vieira, e IGNACIO RODRIGUES, cuja eloquencia se desprendeu do estilo vicioso do tempo (1); mas sobejam os que apontei para formar uma vistosa galeria de oradores. Não é ella tão brilhante como hoje quizeramos, attendido o numero

(1) Do P. Paulo Pereira saiu a lume um tomo de *Sermões varios* em 1715 dois annos depois de sua morte. Ao P. Betancurt publicaram-lhe tambem um volume de sermões em 1739, anno seguinte ao seu fallecimento. Sobre o P. Jeronymo Castilho cf. *Collecção dos Documentos da Academia Real de Historia*, Lisboa, 1730. O P. Francisco de Mattos que falleceu em 1720, deu á estampa em Lisboa varios tomos de sermões e discursos. Angelo dos Reis só estampou quatro sermões avulsos: *Sermão da canonização do S. Xavier, de Nossa Senhora de Belem, da Soledade da Mãe de Deus e da Restauração da Bahia*, que primam pela clareza e apuro de linguagem e por bons pensamentos; são porém um tecido de subtilzas sem o rasgo dos discursos vieirenses. Ignacio Rodrigues publicou os *Sermões da Paixão pregados... no anno de 1738 e no de 1745*, que José Caetano de Mesquita nas suas *Instrucções de Rhetorica e Eloquencia* qualifica de muito perfeitos no seu genero. Cf. Innocencio da Silva, *Dicc. Bbl.* III, 215. Do P. Francisco Duarte que não imprimiu obras oratorias, lemos em J. Caeiro, *De Exílio Prov. Lus.*, L. IV, n.º 5 (Mss. Soc. Jesu, Lus. 96), onde narra como foi mettido em prisão por ordem de Pombal em 1759: «... Eloquentiam ad id temporis praesertim excoluerat, habebaturque orator eximius». — Merece tambem não ficar no esquecimento um volume de *Exhortações domesticas* que o P. JOÃO PEREIRA fez nos collegios da Companhia em Portugal e no Brasil e deu á estampa no mesmo anno do seu fallecimento em 1715. Agrada no livro a boa linguagem, a exposição clara e fluente e a graça engenhosa com que desdobra e applica semelhanças singelas e caseiras; mas até na lhaneza de practicas familiares dominava a moda tyrannica das subtilzas. De menos valor por certa languidez de estylo, bem que engenhosas e não deselegantes são as *Exhortações Panegyricas e Moraes* do P. MATHEUS DE MOURA publicadas em 1719.

de personagens que a ennobrecem; mas para lhes aquilatarmos com precisão o merecimento, é indispensavel collocá-las na sua epoca. Os Jesuitas eram homens do seu seculo. Seguiram quem mais quem menos, as leis da escola que então infelizmente preponderava.

§ 3

Na Poesia portuguesa

Se no genero oratorio podem os Jesuitas apontar não sem ufania para uma bibliotheca bem provida de obras que a posteridade conservou reconhecida, já não succede outro tanto com a poesia portuguesa. Produções poeticas de maior fôlego, nem poetas de grande renome não os registam os fastos de sua actividade litteraria. Não ha contudo por que maravilhar-nos desta escassez. Os Jesuitas nos primeiros seculos da sua existencia não cultivaram de proposito em seus collegios este ramo de letras; e se os houve que se deram á composição de poesias no idioma vernaculo, era particular inclinação que os movia, mais do que formação regular.

Mas qual seria a razão desta que parece estranheza? O impulso que primeiro lhes norteou o methodo de ensino na direcção da Renascença ou da imitação dos auctores latinos, e depois se perpetuou definitivamente no *Ratio Studiorum*, foi, cuido eu, a razão principal, fortificada pelo espirito de tradicionalismo conservador que sempre dominou mais ou menos a Companhia de Jesus. Com isto não julgo descabido assignar outro motivo que houve de ter muita força com homens, cujo ideal era manter ou renovar os bons costumes nas varias

classes da sociedade. Não viam elles na poesia em lingua vulgar um meio de corrupção tanto mais pernicioso quanto mais facil e attrahente? Em França, opina Schimberg, não davam os Jesuitas muita amplidão ao estudo da lingua patria pela razão tambem de que a heresia a tomava como canal para derramar no povo as suas doutrinas (1).

Em Portugal ha de ter valido semelhante receio para não desenvolverem os estudos de poesia nacional. Expressamente o insinua Luís Antonio Verney condemnando-o como desacerto: "Os mestres de Retorica, diz elle, em cujas escolas é que se-faz algum poema, e que deviam ensinar estas coizas; sam os primeiros que se-calam, e deixam fazer, o que cada um quer. Envergonham-se, de poetar em Portuguez: e tem por-pecado mortal, ou coiza pouco decoroza, fazêlo na dita lingua. Imaginasoens, e prejuizos ridiculos! A Poezia nam é, pecadora: A applicasam é a que a-pode fazer condenavel, se nam é reta: e como iso pode succeder tanto na proza, como no verso; daí vem, que estes que julgam assim, nunca deviam escrever em Portuguez. Em todos os tempos os omens de virtude se-aplicáram a este exercicio" (2).

O motivo do retrahimento não ha duvida que era nobre, mas bem creio tambem eu que melhor se pudera

(1) «Dè son côté, l'humanisme, qui, sur plus d'un point, avait partie liée avec l'hérésie, s'empresait d'écouler ses nouveautés, ses obscénités aussi, par le canal de la langue vulgaire. La défiance des Jésuites leur fait honneur». *L'Éducation Morale*... (Paris, 1913) pag. 168.

(2) *Verdadeiro Metodo de Estudar*, T. 1, (Valensa, 1747) pag. 177.

conseguir de outra maneira o mesmo resultado. Entretanto, como já insinuei, não deixavam os Jesuitas de quando em quando de sair com poesias portuguezas, suavizando assim na practica a dureza da lei ou costume em contrario.

É extremamente curioso o que ainda em 1740 succedeu ao P. Manoel de Azevedo, quando, para comemorar o segundo centenario da fundação da Companhia de Jesus, fez recitar poesias portuguezas numa academia literaria. Não levou a bem o P. Geral Francisco Retz, esta que elle tinha por novidade, e em carta para o P. Provincial lhe extranhou o abuso e ordenou penitencias ao P. Azevedo. Este escreveu a desculpar-se da falta, que elle no seu interior não tinha por muito grave, e, para se resalvar com o uso, notou que, apesar de não terem poesias portuguezas cabida nas escolas da Companhia, contudo não ficam nellas tão mal, que ás vezes não entrem com applauso. E entre varios exemplos lembra o seu dialogo portuguez, que no theatro do Collegio de S. Antão fôra acolhido com acclamações, e os *Outeiros* em que, nas apotheoses dos Santos e Beatos da Companhia, os Jesuitas competiam com os seculares em poesia portuguesa (1).

(1) Cito, por muito interessante, parte desta carta começada a escrever em Evora no anno de 1741 e apresentada ao P. Geral em Roma pelo proprio auctor no de 1742: «... Licet lusitana carmina a Societatis scholis abhorreant, non adeo sunt aliena ut aliquando pro speciali aliqua ratione admitti cum laude non valeant. Omitto declamationes quasdam lusitane datas anno proxime elapso a primario Praeceptore Portuensis Collegii, de quibus tantum scio a nostris cum approbatione et plausu audiri ipsas. Sed hujusmodi exempla in collegiis minoribus frequentiora sunt. In collegio Divi Antonii Magni, cum sodalitas de novo erigeretur D. Josepho, dialogum Lusi-

Estas excepções porêm, que a iniciativa particular oppunha á corrente geral, também me não offerecem o ensejo de citar obras poeticas de grande notabilidade; mas para complemento de doutrina aponto um ou outro nome dos que neste ramo tiveram alguma distincção.

O P. JOSÉ DE ANCHIETA recreava no Brasil a portuguezes e indigenas com os encantos singelos de suas composições, particularmente dos autos que fazia representar pelos seus neophitos. A sua musa poetava com igual facilidade e graça na lingua brasilica, espanhola e portuguesa e unia muita vez as tres linguas na mesma composição. Admire o leitor a simplicidade graciosa da poesia que para aqui transcrevemos dum codice manuscripto e, em boa parte, autographo de Anchieta:

A Santa Ignês

Na vinda da sua imagem

Cordeirinha linda,
Como folga o povo
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.

Cordeirinha sancta
De Jesu querida
Vossa sancta vida
O Diabo espanta.

tano metro de Josephi laudibus conscripsi, qui tam nostrorum, quam externorum acclamatione datus est theatro; nec obfuit quod interea temporis Magistrum agerem in prima regni urbe et supra tercetos discipulos numerarem. Hoc poetandi genus, licet alias sit rarissimum, duplici eventu semper hactenus usitatum fuit in hac provincia. Primo in Apotheosi Sanctorum Societatis; tum convocantur musae tam latinae ad theatrum, quam lusitanae ad exercitationem illam, quae dicitur *Oiteiro*, in qua Nostrates Musas externorum lacesunt in certamen... secundus eventus, quo Nostrates lusitana carmina interserunt... est cum Theses... de humanioribus litteris publice defendunt». Cf. P. M. de Azevedo, *Ars. Poetica* (Venetiis, 1781) T. 1, pag. 219.

Por isso vos canta
Com prazer o povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.

Nossa culpa escura
Fugirá depressa,
Pois vossa cabeça
Vem com luz tam pura.

Vossa fermesura
Honra he do povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.

Virginal cabeça
Pola fee cortada,
Com vossa chegada
Já ninguém pereça.
Vinde mui depressa
Ajudar ao povo,
Pois com vossa vinda
Lhe dão lume novo.

Vós sois Cordeirinha
De Jesus fermoso,
Mas o vosso esposo
Já vos fez rainha;
Tambem padeirinha
Sois de vosso povo,
Pois com vossa vinda
Lhe dais trigo novo.

Não he dalentejo
Este vosso trigo,
Mas Jesus amigo
He vosso desejo.
Morro porque vejo
Que este nosso povo
Não anda faminto
Deste trigo novo.

Sancta Padeirinha
Morta com cutello,
Sem nenhum farello
He vossa farinha;
Ella he menzinha
Com que sara o povo,
Que com vossa vinda
Terá trigo novo.

O pão que amassastes
Dentro em vosso peito
He o amor perfeito
Com que a Deos amastes.
Deste vos fartastes,
Deste dais ao povo,
Porque deixe o velho
Pelo trigo novo.

Não se vende em praça
Este pão de vida,
Porque he comida
Que se dá de graça.

Ó preciosa massa!
 Ó que pão tão novo
 Que com vossa vinda
 Quer Deus dar ao povo!
 Ó que doce bolo
 Que se chama graça!

Quem sem ella passa
 He mui grande tolo,
 Homem sem miolo
 Qualquer deste povo
 Que não he faminto
 Deste pão tão novo (1).

Do P. ANTONIO DE BARROS, entrado na Companhia em 1620 e fallecido em 1670 escreve Barbosa Machado que tivera "grande genio para a poesia vulgar" de que se conservava um volume manuscrito (2).

O P. JOSÉ RODRIGUES, o auctor do poema *De rusticis Brasiliae rebus*, traduziu a Eneida em verso português e publicou um *Poema Genethliaco* em louvor de D. Luis Eusebio Maria de Menezes em 75 oitavas reaes, que mostram que o poeta não carecia de inspiração, nem de fluidez e facilidade na poesia portuguesa. Imita

(1) Mss. Soc. Jesu, *Opp.* NV. 23, 24. São dois pequenos volumes. Num delles, n.º 24, contem-se poesias e autos de Anchieta, alguns escriptos de sua propria mão. O outro, n.º 23, tem o titulo que declara o conteúdo: «*El canarino del Cielo, Canciones Del Venerable Padre Joseph de Anchieta...* sacadas, puesto que no todas ad litteram por el P. Joam Antonio Andrioni, natural de Luca de Tozeana y Provincial que fué de la Compania en el Brasil del outro libro de varias poesias del V. P.º Anchieta que contiene 208 hojas numeradas...» Este outro livro é o designado com o n.º 24. Algumas destas poesias foram já publicadas v. g. por Mello Moraes, filho, no *Parnaso Brasileiro* (Garnier editor, 1885) e no *Curso de Litteratura* (Rio, 1882) e por E. Périer na *Litteratura Brasileira nos tempos coloniaes* (Buenos Ayres, 1885).

(2) Cf. Sommervogel, I, 227; *Portugal, Dicc. Hist.*, II, 180.

alguns passos dos *Lusiadas* nomeadamente o canto das sereias e o episodio das bandeiras (1).

O P. JOSÉ DE ANCHIETA, natural de Tomar, deportado para a Italia em 1759, passou a verso português os 16 livros das *Metamorphoses* de Ovidio (2).

Mas a todos estes se avantajou por mais alentada inspiração o P. FRANCISCO FURTADO, de Gouveia, reentrado em 1814 na Companhia restaurada e fallecido em Roma no anno de 1827. As suas composições, não poucas em numero, dão-lhe direito a ser contado entre os bons literatos e poetas portugueses do seculo XVIII e XIX, sendo para lastimar que quase todas levassem des-caminho; mas o que nos resta dá testemunho da pujança de seu talento desenvolvido em circumstancias summamente desfavoraveis. Compôs entre outras obras o poema heroico *Olyssipo libertada*, os dois poemas didacticos *A Quinta ou Casa de Campo* e *Da Criação das Aves Domesticas* e traduziu em oitava rima as obras de Virgilio e os primeiros seis cantos da *Odysseia* de Homero (3).

(1) Cf. *De Rusticis Brasiliae rebus* (Romae, 1781) pag. 1-55, onde se lê o poema genethliaco em verso heroico latino e em português.

(2) Sommervogel, I, 312.

(3) Cf. Costa e Silva, *Ensaio Biographico-Critico*, T. VI (Lisboa 1853) pag. 325; Innocencio da Silva, *Diccionario Bibl.* II, 382; Sommervogel, III, 1070.

Costa e Silva na obra citada pag. 450 e segg. insere algumas oitavas da traducção das *Georgicas* de Virgilio, e a carta em oitava-rima, que a D. Maria escreveu o P. Furtado a pedir-lhe permissão de repatriar-se. Ha nesta composição pensamentos engenhosos e sentimento, e versos aqui e além duros e descoloridos. A traducção das *Georgicas* tem 577 oitavas, illustradas de notas muito eruditas.

Em Roma deparou-se-me ainda um volume manuscrito de poesias, quase todas portuguesas, de auctores Jesuitas (1). Li nelle composições de genero vario, lyrico, satyrico e epigrammatico, algumas aproveitaveis pelas boas ideias e bons versos, não poucas descuradas na metrificacão e na forma. Por amostra dou a seguinte:

Frota para Belem

Piloto da caravella,
Se a nascente caminhais,
Belem tem fermoso cais
Por fim de maré tão bella.

Se vossa ditosa estrellla
Vos leva para Belem,
Convosco me levai,
Tende, parai, ay, ay, ay,
Que para lá vou tambem.

Largai todo o papafigo,
Enchei as velas de vento,
Que com tão prospero alento
Não podeis temer perigo.

Se caminhais, como digo,
Para as prayas de Belem,
Convosco me levai
Que para lá vou tambem.

(1) Biblioteca Nazionale, *Mss. Gesuitici*, 1118.

Tratei nesta occasião
De proseguir a derrota,
Que com tão ditosa sorte
Ninguem quer perder monção.

Lançai prancha, dai-me a mão,
Se caminhais a Belem
Estríb. Convosco me levai,
Que para lá vou tambem.

Já parte a Náo S. Joseph
Mais feliz que as mais ditosas
E não quer maré de rosas
Quem não parte em tal maré.

Se nesta ninguem põe pé
Que não vá para Belem,
Convosco etc.

Vay a Náo Santa Maria
Com vento em popa, que voa
Leva mil barcos á proa
Que a todos empara e guia.

Pois levais tal companhia
Em conserva athé Belem
Convosco etc.

O Galeão Bom Jesus
Já dizem ter aportado
Porem tão desmantelado
Que os mestres fizerão Cruz;

Mas deu seu farol tal luz,
Que resplandece em Belem.
Convosco etc.

Este destroço não obsta,
Porque com temporal vario
Lá na Rocha do Calvario
Dizem que ha de dar á costa.

Emquanto o vento assopra
Ó vamos ver a Belem.
Convosco etc.

Dizem que a Não Sacramento
Partirá logo á porfia
Com mil drogas de valia;
Vamos em seu seguimento

E pois dá por popa o vento
Para a ditosa Belem,
Convosco etc.

VOLTA

Ora andai, ora andai
Piloto governai,
Barqueiros á porfia
Da Não S. Maria
As velas largai.
Ou issa, ou issa, ou issa, ou issa ai

Larga que o vento sopra
Larga a escota
O vento sopra, alarga
Trinca a amarra.

Victor, Victor, Victor
A Não S. Joseph
A Não S.^{ta} Maria
E todas á porfia,
Que he rica a maré

Viva o bairro, viva o bairro,
A Virgem Maria nos dê boa Viagem,
Boa Viagem, boa Viagem!

Mas deixemós estas amenidades poeticas e passemos
a outra especialidade em que as pennas dos Jesuitas se
tornaram mais benemeritas das letras patrias.

§ 4

Na Historia

Numa sociedade que allia o espirito de actividade
para grandes empreendimentos a uma desenvolvida
cultura literaria, desperta-se, como por evolução natu-
ral, o sentimento da historia. O desejo de tornar conhe-
cidas as acções de seus filhos em prol da humanidade
e de as perpetuar na memoria dos homens brota espon-
taneamente no seio de taes aggremações. Assim havia
de succeder na Companhia de Jesus, sociedade essen-
cialmente activa e desde seu principio profundamente
literaria. É de facto importante e vasta no ramo dos es-
tudos historicos a literatura jesuitica. Obras de grande
valor lhes alargaram os ambitos, muito particularmente
as que descobriram e communicaram á Europa os the-
soiros até esse tempo escondidos nas conquistas e mis-

sões do ultramar. Historias ou chronicas, umas de maior amplidão outras de menor volume, descreveram em estilo as vicissitudes e os resultados de empresas arduas, ou subministraram ás pennas dos eruditos materia copiosa e de grande interesse para o progresso dos estudos. São quase innumeraveis e curiosissimas as historias, as cartas, as relações de viagem, as descripções das terras com pinturas dos costumes de seus habitantes, as noticias da fauna e flora das diversas regiões, tudo riquezas de conhecimentos uteis e altamente apreciados ainda hoje, e hoje mais que nunca, nos centros scientificos, procuradas com ancia e pagas, se se encontram, a peso de oiro. Bastaria citar aquella preciosidade bibliographica intitulada: *Cartas que os Padres da Companhia escreveram dos Reynos do Japão e China*, mandadas imprimir em 1598 pelo Arcebispo de Evora D. Theotónio de Bragança, antigo Jesuita (1).

Mas reservemos para capitulo especial, pela vastidão da materia, os escriptos que particularmente se destinavam a manifestar á Europa os segredos de além-mar e apontemos neste as obras historicas de maior vulto e relevo literario, divulgadas pela imprensa.

* * *

Um dos historiadores que mais nome alcançaram e primeiro deram a lume seus trabalhos, foi o P. JOÃO

(1) O zeloso Arcebispo dedica toda a obra «aos bemaventurados Padres Francisco Xavier e Simão Rodrigues», observando que pelo grande amor e devoção que sempre teve a ambos, lhes quer accrescentar com esta publicação alguma gloria accidental. As duas partes da collecção formam um corpulento volume em folio.

DE LUCENA com a *Historia da Vida do P. Francisco Xavier*, «obra que mereceu ser traduzida em varias linguas e que merecia tambem ser mais lida do que o é entre nós, porque está escrita num estilo correcto e puro, podendo afoutamente colocar-se o seu autor entre os melhores clássicos da lingua» (1).

A Lucena seguiu-se no tempo da publicação e no renome o P. BALTHAZAR TELLES que, segundo escreveu Camillo, «cultivou a phrase cuidadosamente na *Chronica da Companhia de Jesus na Provincia de Portugal* e na *Historia Geral da Ethiopia a Alta* ou *Preste Joam*, assim apreciada sem demasia de louvores por D. Francisco Manuel: estylo claro, casto, elegante, generoso...» (2). Devêra contudo, para exactidão da critica, juntar o censor que esse estilo pecca por empolado, demasiadamente sentencioso e prolixo.

Não é porém de Telles todo o merecimento de in-

(1) Mendes dos Remedios, *Hist. da Litt. Port.* (Coimbra, 1914) pag. 192. Cf. *Livraria Classica*, onde José Feliciano de Castilho accusa a Lucena de ter commettido plagiato da *Peregrinação* de Fernão M. Pinto.

(2) Camillo, *Curso de Litt. Port.*, pag. 91. O trecho em que Francisco Manuel louva a historia de Telles é o seguinte: «Aqui acharás a historia verdadeyissima, grave e breve que sam os elementos deste Orbe. O estylo claro, casto, elegante e generoso; a Rhetorica comprida na envergadura do dizer; a eloquencia satisfyta na graça da oração; os tropos poeticos dissimulados pera persuadir; expressa a torrente historica pera narrar; as antiguidades se desempenham na averiguação...». (Telles, *Hist. da Ethiopia*, no *Antidoron*). Silvestre Ribeiro no primeiro tomo da *Hist. dos Estabelecimentos Scientificos*, pag. 115, tambem admira a elegancia de linguagem de Balthazar Telles, cuja *Chronica* é «muito recommendavel, diz elle, debaixo do ponto de vista litterario», e cita um trecho «como specimen do estylo e linguagem do aprimorado Jesuita».

investigação nas duas historias que publicou. Na Chronica aproveitou e refundiu os dois tomos manuscriptos do P. ALVARO LOBO e na historia da Ethiopia pôs em estilo culto a que escrevêra com singeleza encantadora o P. MANUEL de ALMEIDA. A obra deste escriptor, bem como as do P. PERO PAES e MANUEL BARRADAS, todos tres missionarios da Ethiopia, jazeram largos annos pelos archivos em manuscripto, mas ultimamente, já neste seculo, tirou-as a lume o P. Camillo Beccari, Jesuita, na obra intitulada *Rerum Aethiopicarum Scriptores*. São ellas repositório precioso de noticias sobre aquelle imperio, mas vantagem-se ás outras duas a do P. Manuel de Almeida. "Pera esta obra, escreve A. Franco, não perdoou a trabalho algum, correo e quasi apalpou com as mãos toda a Ethiopia de que havia pouca noticia. Revolveo os livros e os arquivos do imperio mais reconditos..." (1), e "um critico insuspeito, diz Remedios, classifica este escriptor de *sensato, verdadeiro e sobrio*" (2).

Tres annos depois da Historia da Ethiopia do P. Telles, saía, no de 1663, a *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil* do P. SIMÃO DE VASCONCELLOS, obra que segundo observou Innocencio da Silva, "continua a ser procurada com avidez, quer em

(1) *Imagem da V... Coimbra*, 1, pag. 349, segg.

(2) *Hist. da Litt. Portuguesa*, (Coimbra 1914) pag. 378.—O

P. Almeida ensinára em Goa letras e sciencias com opinião de mestre avantajado; depois soffreu na Ethiopia grandes trabalhos até ser desterrado para Goa, onde falleceu em 1646. O P. M. Barradas foi companheiro do P. Almeida nos soffrimentos e no desterro e morreu em Cochim no mesmo anno. O P. Pedro Paes, espanhol de Olmeda, diocese de Toledo, falleceu na Ethiopia em 1622. Cf. Telles, *Historia da Ethiopia*, pag. 355 e segg., 669 e segg.

Portugal, quer no Brasil, como uma das mais notaveis e estimadas no seu genero" (1). Nem é demasiada estimação. Apesar de não se ter esquivado á piedosa credulidade do seculo em que foi escripta, é contudo a Chronica um thesouro de rica linguagem portuguesa e uma fonte de noticias preciosas sobre as terras de Santa Cruz e primeiros estabelecimentos coloniaes. Confirma estas apreciações o depoimento de M. Pinheiro Chagas. Depois de encarecer a importancia historica do livro e de observar que a phrase de Vasconcellos, apesar de escrever em pleno seculo XVII, "não se enreda nem se perde no labyrintho gongorico, sem deixar por isso de ser brilhante", conclue: "*A Chronica* de Simão de Vasconcellos é pois um dos melhores livros de historia que as ordens monasticas nos transmittiram, livro para se consultar quando se quizerem conhecer os primitivos tempos das nossas colonias americanas, os costumes, a indole e as tradições das tribus selvagens. Ao invêz do que nesse tempo succedia, a chronica não se limita a narrar os factos, mas entra nas particularidades que nós actualmente procuramos com avidez e que habitualmente só encontramos nos documentos, nos cartorios e raramente nos livros. Debaixo deste ponto de vista é uma verdadeira mina o livro de Simão de Vasconcellos, mina para historiadores e mina para romancistas" (2).

(1) *Chronica do Brasil* pelo P. Simão de Vasconcellos (Lisboa, 1865), Advertencia preliminar.

(2) O *Panorama*, Vol. xvii (Lisboa, 1867) pag. 13-15. O P. Vasconcellos, natural do Porto, entrou na Companhia de Jesus na cidade da Bahia, ensinou letras e sciencias, no anno de 1641 veio a Portugal em companhia do P. Antonio Vieira e voltou para o Brasil

Sobre o norte do Brasil escreveu mais tarde o P. JOSÉ DE MORAES dois tomos da *Historia da Companhia de Jesus da Provincia do Maranhão*. Infelizmente o segundo tomo ainda manuscripto perdeu-se, como adverte o auctor, no naufragio que padeceu a Companhia de Jesus em 1759; o primeiro que só viu a publicidade em 1860 por diligencia de Candido Mendes de Almeida, ainda que escripto num estilo pouco attrahente, é contudo, diz o editor, "obra rica em factos e documentos de muito valor, de circumstancias pouco conhecidas, que rectificam e esclarecem muitos factos da historia patria" (1).

Outra *Chronica da missão dos Padres da Companhia de Jesus no estado do Maranhão*, escreveu-a com lhaneza e sem pretensão de estilo o luxemburguês P. JOÃO PHILIPPE BETENDORF, quando perfazia 38 annos de missionario. É um armazem de noticias preciosas, publicado integralmente em nossos dias pela *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* no tomo 72 e considerado pelos eruditos "entre as fontes de maior confiança" (2), como de escriptor que refere leal-

onde morreu em 1671, sendo reitor do collegio do Rio de Janeiro. Cf. Sommervogel, viii, 484.

(1) A Historia vem publicada no tomo primeiro das *Memorias para a historia do extincto estado do Maranhão...* por Candido Mendes de Almeida, (Rio de Janeiro, 1860). O P. José de Moraes já pertencia á Companhia de Jesus em 1728, trabalhou nas missões do Pará e succedeu ao P. Bento da Fonseca no cargo de chronista; foi desterrado para Portugal com os demais Jesuitas, encerrado no Mosteiro de Belem e restituído á liberdade em 1777. Cf. *Memorias* citadas pag. vii e segg.; Carayon, *Docum. inéd.* ix, pag. 247.

(2) *Revista do Instituto*, l. c. na *Summaria noticia* ou introdução pag. vii.

mente successos de que foi testemunha e parte ou cuja noticia recolheu tlas relações de contemporaneos (1).

Tambem a India e missões do Oriente tiveram o seu chronista, que não cede primazias aos anteriores. Foi o P. FRANCISCO DE SOUSA que no *Oriente Conquistado a Jesus Christo* nos conta em linguagem castiça e estilo ameno os feitos dos missionarios da Companhia de Jesus. A riqueza das noticias, a graça da narração e o primor de numerosas descripções conseguem ter constantemente presa a attenção e agrado do leitor (2).

O ultimo Jesuita que antes da expulsão pombalina deu á lume obras historicas mais volumosas foi o P. ANTONIO FRANCO. Tanto nas obras latinas que já mencionei como nas portuguezas, mostra-se Franco um desvelado, consciencioso e paciente investigador dos archivos. Elle proprio no-lo assevera escrevendo na introdução ao primeiro tomo da *Imagem da Virtude do Noviciado de Coimbra* o seguinte protesto: "Em

(1) O P. Betendorf, da provincia Gallo-Belgica da Companhia de Jesus, partiu em 1659 para Lisboa com destino ao Maranhão, onde chegou a 20 de Janeiro de 1661. Entrara na Companhia em 1645. Cf. Betendorf, *Chronica*, l. c. pag. 147 segg.

(2) O auctor publicou esta obra preciosa em 1710 e tres annos depois fallecia na cidade de Goa deixando manuscripta a terceira parte que em tempos se guardava no collegio de Lisboa. As duas partes que imprimiu levam a narração até o anno de 1585. Nascera na Ilha de Itaparica perto da cidade da Bahia, entrou no Noviciado de Lisboa em Janeiro de 1665 e logo a 25 de Março navegou para a India. O catalogo de 1709 tem d'elle o seguinte: «Lusitanus, natus Bahiae, admissus Ulysipone», e accrescenta que ensinára tres annos de humanidades e rhetorica, tres de philosophia e nove de theologia especulativa e moral. Tinha nesse anno 61 de idade. Cf. Mss. Soc. Jesu, Goa. 26; Sommervogel, vii, 1405.

tudo procurei verdade, fazendo todas as diligencias que pude; por isso no fim das vidas allego de ordinario os documentos com que me ajustei." Qualidades preciosas são estas que, unidas á probidade de seu espirito lhano, recto e amigo da verdade, lhe dariam logar mais elevado entre os investigadores de historia, se tivesse mais aperfeiçoado o discernimento critico e não cedesse um pouco á demasiada credulidade dos tempos em que escrevia. Se vivesse hoje, em epoca de critica apurada, os seus dotes recommendá-lo-hiam á posteridade como historiador de primeira plana. Nos quatro grossos tomos intitulados *Imagem da Virtude* soube, pela indole de seu character estranho a exaggeros e pelo fino gosto que possuia, furtar-se ás demasias empoladas do seculo XVIII. A linguagem, quando escreve com penna propria e não cita escripturas alheias, é formosa e genuinamente portuguesa; o estilo prima pela lhaneza e naturalidade. Tal o promete no prologo do primeiro tomo da *Imagem da Virtude* em o Noviciado de Coimbra por estas palavras: "Quanto ao estilo sigo hum modo de narrar singello, sem amplificações nem enfeites..." e tal é o louvor que lhe dá o P. Francisco da Fonseca no parecer que emittiu sobre o tomo do Noviciado de Evora: "He o estylo, diz elle, o da verdade pura, claro, despidido elegantemente dos enfeites rhetoricos" (1).

(1) Nos quatro tomos da *Imagem da Virtude* tem o auctor em vista historiar as vidas dos Jesuitas que se illustraram pela virtude, mas de envolta com as acções virtuosas vae inserindo noticias muito interessantes sobre a historia da Companhia de Jesus em Portugal e sobre as missões e curiosidades das terras e povos de além-mar. Agradecendo ao Geral Tamburini a ordem que dera, para que estas suas obras fossem impressas á custa da Provincia portuguesa,

*
* *
*

Publicaram ainda escriptores Jesuitas alguns trabalhos de historia, que se não egualam o primor de lin-

declara em carta autographa nestes termos a sua vocação para escriptor e o empenho com que se dava aos trabalhos da penna: «A decimo quinto anno, die noctuque cogente quadam occulta vi et propensione, huic labori curas et sudorem impendo, sperans in Deo ipsum, cujus res agebatur, non defuturum in ostendenda via, qua facta tam pretiosa nostrorum hominum non iterum dilaberentur ad ingratum silentium, in quo erant consepulta...» Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 76, f. 149, Coimbra 17 de Fev. 1716.

Para dar uma ideia da propensão do P. Franco para esta especie de estudos, aponto summariamente as obras que escreveu. Deu á estampa:

a) Quatro tomos em folio da *Imagem da Virtude* nos tres noviciados de Portugal: b) *Annus gloriosus Societatis Jesu in Lusitania* num volume em 4.º de vi-780 paginas. c) *Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitania ab anno 1540 usque ad annum 1725*, volume em folio. d) *Promptuario da Syntaxe*, vol. em 8.º de 476 pag. e) *Indiculus universal* em 12.º de 433 paginas. f) *Contramina Grammatical*, de 196 paginas em 8.º, livro de polemica literaria.

Deixou manuscritos:

a) Quatro tomos em folio, intitulados os dois primeiros: *Imagem do primeiro seculo da Companhia de Jesus em Portugal*, e os dois ultimos *Imagem do segundo seculo*. O primeiro tomo comprehende os primeiros quarenta annos do primeiro seculo, e o segundo os sessenta posteriores. O terceiro tomo abrange a primeira metade do segundo seculo e o quarto ficou incompleto, pois o auctor falleceu oito annos antes de terminado o segundo centenario. b) *Imagem da virtude dos tres noviciados*, em latin. c) *Compendio da Evora Illustrada* do P. M. Fialho. d) *Summula Chronologica da Synopsis Annalium*. e) *Anno glorioso*, que é o *Annus Gloriosus* em linguagem portugueza.

Observe contudo que estas obras historicas não avultam tanto como á primeira vista pode parecer, porquanto o *Annus Gloriosus*

guagem e importancia das obras mencionadas, pedem contudo pelo seu merecimento real, que não as esqueçamos nesta ementa.

Primeiro se offerece o grosso volume que o P. BARTHOLOMEU GUERREIRO, seu auctor, intitulou *Gloriosa Coroa de esforçados religiosos da Companhia de Jesus*. Na primeira parte, além de um compendio da historia da Companhia, desdobra uma resenha curiosa de pessoas illustres que mais a favoreceram, e nas tres seguintes vae tecendo em boa linguagem os elogios de martyres e varões, cujo nome illustraram suas façanhas. O estilo resente-se de gongorisimo pelo empolado e sentencioso (1).

Talvez mais interessante e certamente de estilo mais sobrio é o volume das *Batalhas da Companhia de Jesus na sua gloriosa provincia do Japão*, escripto pelo P. ANTONIO FRANCISCO CARDIM entre os annos de 1650 e 1659, e publicado finalmente em 1894 por Luciano Cordeiro que lhe dá o qualificativo de notabilissimo trabalho e o de "paginas quentes e brilhantes de crença ingenua e inquebrantavel" (2).

pouco mais é que um resumo da *Imagem da Virtude*; a *Summula Chronologica* vem a ser um epitome da *Synopsis Annalium* e esta não passa de um compendio latino da *Imagem do primeiro e segundo seculo*. Cf. Mss. Soc. J., *Catalogus Scriptorum*, Lus. 105; *Imagem da V... Evora*, pag. 854; *Annus Gloriosus*, *Praefatio ad lectorem*; *Synopsis Annalium*, *Praefatio ad lectorem*, e *Index Materialium de quibus tractarunt Lusitanæ Provinciae Scriptores*, Cap. ix e xi; Fonseca, *Evora Gloriosa*, pag. 425.

(1) O P. M. Fernandes escreve no terceiro volume da *Alma Instruida*, pag. 884, que ajudou o P. Guerreiro na composição da *Gloriosa Coroa*.

(2) O P. Cardim, natural de Vianna do Alentejo navegou para

Já no seculo XVIII tornou conhecido a seu auctor a *Historia Insulana*, composta pelo P. ANTONIO CORDEIRO, angrense, na idade de 76 annos. É um tomo em folio, onde em bom português e estilo lhano vae enca-deando notícias interessantes de envolta com algumas fabulas que a sua credulidade facilmente aceitava. No capitulo primeiro observa que vira e fielmente copiara o manuscripto intitulado *Saudades da Terra*, que o auctor Dr. Gaspar Fructuoso deixara por sua morte ao collegio da Companhia em Ponta Delgada (1). Dois an-

a India em 1618, esteve na China, Sião, Cochinchina e Tonquim; voltou á Europa, embarcou outra vez para o Oriente indo morrer em Macau em 1659. Cf. Franco, *Imagem da V... Evora*, pag. 484.

(1) O P. Cordeiro com singeleza que nos captiva, dá no prologo deste livro a resenha de todas as suas obras da maneira seguinte: «Depois de ter composto a Filosofia inteira que dictei na Universidade de Coimbra, ha 40 annos desde 676 até 680 e a Theologia escolastica que na mesma Universidade li até o anno de 696 e a Theologia moral que ensinei na dita Universidade; e depois dos dous tomos que compuz de Resoluções theojurísticas em quatro annos seguintes na Provincial Curia de Braga e em os seguintes oito na Curia do Porto e já quasi nove em esta Regia Corte de Lisboa, fui obrigado a tudo dar á imprensa por N. M. R. P. Michael Angelo Tamburino, Preposito Geral da Companhia de Jesus... Vejo porem me dirão que ainda que eu sahisse com os cinco tomos referidos (da Filosofia, theologia escolastica e Moral e com os dois Theojurísticos) parece temeridade o sahir com este sexto tomo da Historia e historia vulgar e Insulana...» O Dr. Gaspar Fructuoso, cujo manuscripto o P. Cordeiro aproveitou, era sacerdote natural de Ponta Delgada, Doutor em Artes e Theologia pela Universidade de Salamanca. Nesta cidade conheceu e tratou ao P. Miguel de Torres S. J. e tomou tão sincera afeição á Companhia de Jesus, que trabalhou fervorosamente para que ella abrisse collegios nas Ilhas. Conseguiu o intento desejado com a fundação dos collegios de Angra e Ponta Delgada. Legou á Companhia a sua bibliotheca de manuscriptos e de mais de 400 volumes

nos depois em 1719 ainda o operoso escriptor dava a lume o *Loreto Lusitano*, em que narra a historia do santuario de N.^a S.^{ra} da Lapa, no Bispado de Lamego, inserindo a qualquer proposito outras noticias referentes á Companhia de Jesus (1).

Já em 1639 publicara o P. ANTONIO LEITE um volumezinho de historia do mesmo santuario em boa linguagem portugueza e estilo ameno com seus laivos de cultismo. No primeiro capitulo espraia-se numa curiosa descripção de Portugal (2).

Não nos fiquem porém sem a devida lembrança alguns livros que, apesar de pequenos no volume, são fontes historicas de bem justificado interesse. São elles a *Narrativa de uma viagem e missão jesuitica pela Bahia... desde 1583 a 1590*, composta pelo P. FERNÃO CARDIM e publicada por Varnhagen em 1847; a *Relaçam Annual* dos trabalhos dos missionarios Jesuitas, em cinco

impressos. Nascera em 1522 e falleceu em 1591. Cf. *Hist. Insulana*, L. II, cap. II, (Lisboa, 1717) pag. 40; Franco, *Syn. Ann.*, 1591.

(1) No prologo, para se conformar com o seu costume de dar razão de si e de suas obras, escreve: «Este he o septimo tomo que já na mayor velhice de perto de oytenta annos me obrigou a compor... a sempre desejada devoção da admiravel Mãe de Deos...» Cf. *Loreto Lusitano* (Lisboa, 1719).

(2) O P. Antonio Leite falleceu no anno de 1662 em Lisboa, donde era natural, ensinou letras e sciencias e foi acerrimo defensor do dogma da Immaculada Conceição de N. Senhora. Este zelo o levou a escrever um livro cheio de erudição sobre esta prerogativa da Mãe de Deus, intitulado *Escudo de Portugal*, que apezar de approved não chegou a imprimir-se; e a fazer se gravasse na capella da Universidade de Coimbra o juramento que prestou á Universidade, de defender o Dogma da Immaculada Conceição. Franco: *Imagem da V... Evora*, pag. 659 e 855; *Ann. Gl.*, pag. 728.

volumes independentes, feita pelo P. FERNÃO GUERREIRO; a *Relaçam Geral do estado da christandade de Ethiopia... e do que de novo socedeo no descobrimento do Thybet...*, volume publicado em 1628 pelo P. MANUEL DA VEIGA; a *Jornada dos vassallos da coroa de Portugal pera se recuperar a cidade do Salvador na Bahia... ao primeiro de Mayo de 1625*, descripta em boa linguagem pelo P. BARTHOLOMEU GUERREIRO; os *Elogios e Ramalhete de flores borrifado com o sangue dos religiosos da Companhia de Jesus*, obra do P. ANTONIO FRANCISCO CARDIM (1); e a curiosa *Relaçam* do P. MANUEL GODINHO do *Novo Caminho* que fez vindo da India para Portugal no anno de 1663 (2).

(1) É a traducção portugueza editada em 1650 e feita pelo mesmo P. Cardim da primeira edição latina do *Fasciculus e Japonicus floribus*, que elle publicara em Roma no anno de 1616.

(2) O P. Fernão Cardim falleceu na Bahia no anno de 1625. O P. Antonio Vieira na carta annua desse tempo escreveu do P. Cardim o seguinte elogio: «Varão verdadeiramente religioso... a todos parece que queria meter na alma: de todos se compadecia; e a todos amava... extendia-se esta sua caridade tambem aos de fóra, como o experimentaram, e mais particularmente, os presos da cadeia e os pobres do Hospital, porque a estes visitava a miudo, remediando suas necessidades com esmolos: por aquelles intercedia solicitando suas causas como proprias, e a todos finalmente ajudava com grande amor». Cf. *Annaes da Bibl. Nac. do Rio de J.*, 1897, vol. XIX, pag. 477.

O P. Fernão Guerreiro, zeloso missionario em Portugal, morreu em 1617. O P. Manuel Godinho deixou a Companhia depois de 1663 e terminou sua vida em Lisboa no anno de 1712. Franco, *Syn. Ann.*, 1617; Sommervogel, III, col. 1522.

Sobre historia genealogica não encontro obras que os Jesuitas publicassem; contudo não faltou entre elles quem neste ramo se distin-

*
* *

Rematemos com a *historia hagiographica*, mas tenham só menção rápida: a *Vida do P. João de Almeida*

guisse, como o P. PEDRO PEIXOTO, natural de Lisboa, onde falleceu em 1686 com fama de muito douto nas letras sagradas e theologia que ensinou em Coimbra durante muitos annos. Caetano de Sousa, *Hist. Gen.* I, pag. CXXXV, escreve que «era muy applicado á Genealogia, em que escreveo muito, com grande acerto, e com muita individuação a Familia de Peixotos que lhe pertencia». Barbosa Machado, *Bibl. Lus.*, III, pag. 609, acrescenta que neste genero de estudos «sahio insigne merecendo as estimaçoens dos mayores Genealogicos do seu tempo».

O P. ALVARO LOBO tambem compôs um tratado da Familia de Almeidas. Cf. *Hist. Gen.* I, pag. LVI; e o P. FRANCISCO GARCÉS escreveu um livro de Familias, segundo refere A. Franco no catalogo dos escriptores da Companhia.

De historia bibliographica escreveram ao que me consta, quatro Jesuitas portuguezes: 1) P. FRANCISCO DA CRUZ, confessor e preceptor do principe e depois rei D. João V e fallecido em 1706, deu-se a compor uma vasta *Bibliotheca portuguesa*, que não pôde levar a cabo. «Deixou varios volumes escritos por sua mão, onde estão os authores sem ordem e como apontamentos para a obra que meditava, e sómente em hum delles estão quinhentos authores que não comprehendem totalmente a letra A, cujos elogios são compostos elegantemente em lingua latina». *Bibl. Lus.* II, pag. 139. Parte do Ms. que se conservava na livreria do Conde da Ericeira, pereceu no incendio subsequente ao terremoto de 1755, a outra parte, que segundo escrevia Innocencio da Silva, *Dicc. Bibl.* II, 368, estava na bibliotheca do conde Redondo, deve existir na Bibliotheca da Ajuda. 2) P. ANTONIO FRANCO compilou quatro catalogos de escriptores jesuitas, que publicou em appendice á Imagem da Virtude e Synopsis Annalium. 3) P. FRANCISCO DA FONSECA inseriu na sua *Evora Gloriosa o Catalogo dos Authores Eborenses*, e a *Bibliotheca Eborensis Academicus-Jesuitica*. 4) P. JOÃO VALENTE, fallecido em 1743, deixou manuscripto o *Catalogus Scriptorum Societatis Jesu Provinciae Lusitanæ... ab anno 1675 ad an. 1725*. Cf. Mss. Soc. Jesu, *Lus.*, 105.

e a *Vida do Veneravel P. Joseph de Anchieta*, ambas da penna do P. SIMAO DE VASCONCELLOS, cujo merecimento já ponderei atrás; a *Vida... do admiravel P. João Cardim*, que Antonio Franco trasladou para a Imagem da Virtude cortando-lhe as amplificações com que o P. SEBASTIAO DE ABREU, seu auctor a dilatara (1), a Historia da *Vida do Veneravel Irmão Pedro de Basto* na qual o P. FERNÃO DE QUEIRÓS em excellente linguagem e com estilo um tanto culto nos conta, por entre a exuberancia de revelações que descreve, muitos successos politicos do Estado da India, quando este se despenhava para a ruina (2); a *Vida Chronologica de Santo Ignacio de Loyola* do P. FRANCISCO DE MATTOS, volume em folio e armazem de copiosas noticias sobre a Companhia de Jesus, narradas ao modo encomiástico, e a *Vida do Apostolico P. Antonio Vieyra*, escripta á maneira de panegyrico e num estilo empolado pelo P. ANDRÉ DE BAPROS.

As solennidades em que os Jesuitas celebravam a beatificação ou canonização de seus Santos deram ensejo a se publicarem pela imprensa obras curiosas que descreviam os festejos, ordinariamente realizados com grandioso apparato. São volumes de não somenos interesse

(1) Cf. Franco, *Imagem da V... Coimbra*, II, pag. 456.

(2) O P. Fernão Queirós navegou em 1635 para a India onde ainda conheceu a Pedro de Basto, cuja prodigiosa vida escreve. No prologo dá conta das muitas diligencias que fez para apurar a verdade de quanto relata: «Pelo quê, diz elle, nenhuma coisa escrevi, ainda das materias reveladas que não fosse regulada por documentos particulares ou pela noticia universal da India, sobre que fiz novos exames com pessoas muito fidedignas que foram presentes aos successos publicos que nesta historia se referem». Morreu em 1688.

para o conhecimento dos usos nacionaes, mas a todos sobreleva pelo merecimento o que deu á publicidade em 1623 o P. ANDRÉ GOMES, com o titulo *Relação Geral das Festas... na canonização dos gloriosos Santos Ignacio de Loyola e Francisco Xavier*. Em todo o livro admiramos, como em preciosissimo thesoiro, variadas descripções de funções religiosas nos templos, de procissões, de fogos de artifício, de simulacros de guerra, de jogos, de torneios, de danças populares, de representações theatraes, de certames literarios, tudo com uma riqueza de termos e expressões technicas de causar maravilha (1).

(1) O P. André Gomes foi grande orador, ensinou letras, philosophia e Escripura, e falleceu em Lisboa no anno de 1649. Alguns attribuem esta obra ao P. Jorge Cabral; Sommervogel II, 494, III, 1551, e Innocencio da Silva, *Dicc. Bibl. art. Relaçam Geral...*, não tiram a duvida; mas A. Franco decide a questão na *Imagem da V...* Coimbra, II, pag. 611, e na *Synopsis Ann.*, catalogo dos escriptores, onde affirma categoricamente ser a obra do P. André Gomes. O P. Cabral assignou o parecer sobre o valor do livro, como se lê no principio, e daqui pode ser que tenha provindo a confusão.

O P. SILVESTRE ARANHA escreveu a *Relação das festas* celebradas em Evora na beatificação do Ven. P. João Francisco Regis em 1716; e o P. LUIS GONZAGA, o professor de D. João V, a das festas realizadas pela mesma occasião em Lisboa. O P. JOÃO DE GUSMÃO com o P. BRÁS DE ANDRADE compuseram a *Relaçam das festas* do collegio de Evora na canonização dos Santos Luis Gonzaga e Estanislaú Koska, em 1727. O P. Gusmão, ultimo Assistente em Roma da Provincia de Portugal, foi, depois da suppressão da Companhia em 1773, encerrado com o P. Geral Lourenço Ricci no Castello Sant'Angelo, onde penou durante dois annos, e morreu na cidade de Roma em 1781. O P. Brás de Andrade tendo 58 annos foi desterrado para a Italia na expulsão geral de 1759 e falleceu na quinta da Rufinella perto de Frascati em 1782. Cf. *Appendice ao Cat. da Prov. Portuguesa* de 1902. O P. ANDRÉ DE BARROS sob o titulo *Voz em Roma e Echo em*

§ 5

Na Ascetica

Com a hagiographia liga-se estreitamente a ascetica. Um ramo de literatura por sua natureza tão accommodado a encaminhar o homem na practica dos deveres christãos e a fazer desabrochar-lhe na alma os heroismos da virtude, não o podiam ter em menos os Jesuitas que por instituto se dedicam á sanctificação do proximo. A ascetica da Companhia de Jesus é genuinamente christã. Toda ella brota, como de fonte limpidissima, dos *Exercícios Espirituaes*, baseados solidamente na fé, approvados com Breve de Paulo III e tão famosos na vida da Igreja desde o tempo de seu auctor S. Ignacio de Loyola, que receberam numa experiencia fecundissima de quase quatro seculos a consagração indelevel das obras de Deus. Toda ella consequentemente se funda em principios inabalaveis e capazes de nortear o homem na vereda recta da virtude, que se manifesta em obras e não se contenta com phantasias nem com sentimentalismo exaggerado (1).

Lisboa descreveu a solennidade feita na Igreja de S. Roque para celebrar a canonização de S. Francisco Regis em 1737. — Em Italia, depois da expulsão dos Jesuitas de Portugal, illustrou-se pela vasta erudição historica o P. José de Novaes, que deu á estampa melhorados em tres edições os dezasete volumes dos *Elementi della Storia dei Sommi Pontefici... raccolti dal Canonico Giuseppe de Novaes patrizio portoghese*. O P. Novaes era trasmontano de Villa Real, onde nascera em 1736. Entrou na Companhia a nove de Outubro de 1751 e falleceu pelos annos de 1822. Cf. *Mss. Soc. Jesu, Lus.* 49, f. 208; Sommervogel, V, 1828.

(1) Cf. Meschler, *Die Gesellschaft* (Freiburg, 1911) pag. 242.

Tal é também o caracter das obras asceticas dos Jesuitas portugueses. Ementemos em resumo as principais. Teem primazia de tempo os dois grossos volumes do *Tratado do Anjo da Guarda* a trasbordar piedade e erudição, composto pelo P. ANTONIO DE VASCONCELLOS, que Camillo enumera ao lado dos escriptores que "em theologia mystica houveram grande renome". "Douto e pio; observou judiciosamente Innocencio da Silva, devia ser, quem na disposição de saude que o auctor tinha (já adeantado em annos e enfermo de cama da molestia de que faleceu) ao emprehender a obra de que se tracta, chegou a concluil-a com tão vasta erudição sagrada e profana e com tão afervorado espirito, pura linguagem e elegante estilo como nella se admiram" (1).

Vem no segundo logar o livro da *Arte de Orar*, precioso pela doutrina e primoroso na linguagem e as *Meditações dos Atributos Divinos* repassadas de poesia e fino sentimento, obras da penna do devotissimo P. DIOGO MONTEIRO, "um dos que mais se distinguiram entre nós na theologia ascetica" (2).

Contemporaneo de Diogo Monteiro era o P. LUÍS BRANDÃO, igualmente um dos mais acreditados ascetas

(1) Camillo, *Curso de Litt. Port.*, pag. 110; Innocencio, *Dicc. Bibl.*, I, 283; Franco, *Annus Gl.*, pag. 385. O P. M. Fernandes no prologo ao primeiro tomo da *Alma Instruida* escreve que «o P. Antonio de Vasconcellos, sendo velho, na cama compôs os seus dois tomos *De Angelis*, de que os seus devotos tanto se aproveitam».

(2) Innocencio, *Dicc. Bibl.*, II, 167. — O P. Monteiro falleceu em Coimbra no anno de 1634 depois de ensinar rhetorica, philosophia, theologia e Escripura. Cf. Franco, *Imagem da V... Evora*, pag. 554, 860.

portugueses, que deixou compostos quatro tomos de *Meditações sobre a historia do sagrado Evangelho*, publicados depois de sua morte. Um philologo distincto escreve que nesta obra "a dicção pura, abundante e castigada corresponde dignamente á gravidade da materia", e que o estilo é correcto, fluido e natural (1).

Mais conhecida se tornou a obra do P. MANUEL FERNANDES, *A Alma Instruida*, que apesar das muitas simplicidades que a singeleza credula nella derramou, e dos latinismos de que está aqui e além semeada, não desmerece de ser tida como repositório de boa linguagem, de vasta erudição e proveitosissima doutrina (2).

Poucos annos depois de apparecer o ultimo volume da *Alma Instruida*, saía o P. ANTONIO CARNEIRO com a sua obra ascetica mais volumosa a que pôs o titulo de *Santuario Mental*. É um curso de meditações para todo

(1) Cf. Innocencio, *Dicc. Bibl.*, v, 233. Succedeu a morte do P. Luis Brandão em Lisboa no anno de 1663. Fôra professor de sciencias e Assistente do Geral em Roma. Franco, *Imagem da V... Coimbra*, II, pag. 621.

(2) O P. M. Fernandes teve durante 26 annos o cargo de confessor de D. Pedro II, que o estimava sinceramente pelas rectissimas intenções que descobria nas suas palavras e conselhos. Fôra professor de rhetorica, philosophia e theologia, zeloso missionario, e falleceu em 1693. Sómente saíram a lume tres tomos da *Alma Instruida*, ficando em manuscripto o 4.º e o 5.º, segundo nota Sommervogel; mas o auctor no prologo do 1.º tomo só promette quatro, e de quatro também diz o censor do 2.º, Fr. Thomé da Conceição, que constará toda a obra. O alvará que concede privilegio de impressão passado em 1690 e estampado no 2.º tomo, enumera de facto cinco deste modo: «O 1.º para bem orar, o 2.º para bem crer, o 3.º para bem obrar, o 4.º para bem sacramentar, e o 5.º para bem acabar». Pode ser que o auctor resolvesse posteriormente accrescentar mais um tomo.

o anno, breves, lhanas, piedosas, em português simples e castiço (1).

Não fique porêem sem a merecida referencia o livro pouco volumoso, mas apreciado, da *Arte de criar bem os filhos*, no qual o P. ALEXANDRE DE GUSMÃO em linguagem apurada e culta desenvolve preceitos aureos de solida pedagogia (2).

Em conclusão cito os nomes dos Padres FRANCISCO AYRES e JOÃO DA FONSECA, ambos auctores piedosissimos de varias obras espirituas. O P. Francisco Ayres sob titulos gongoricos esconde solidissima doutrina, que lhe mereceu fama de asceta insigne do seu tempo. As suas obras em que se nota alguma affectação de estilo propria da idade em que viveu, "são todavia estimadas, opina tambem Innocencio da Silva, pela correcção de linguagem, amenidade de phrase e pela boa exposição de doutrina..." (3).

(1) O P. Antonio Carneiro nascera em 1662 e falleceu em 1737. Franco, *Imagem da V... Lisboa*, pag. 963; Sommervogel, II, col. 757.

(2) Entre outras obras de objectivo ascetico, escreveu o P. Gusmão com o mesmo apuro de linguagem a novella allegorica *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito*. As allegorias sem duvida muito engenhosas e bem desenvolvidas não desagradaram certamente na epoca do auctor. Mas ao criterio dos tempos actuaes hão de parecer um pouco rebuscadas e talvez ridiculas. O P. Gusmão era tio do P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o inventor da *Passarola*, e do escrivão da puridade de D. João V, Alexandre de Gusmão. Fundou o Seminario de Belem, perto da Bahia, onde morreu com 95 annos de idade em 1724, no mesmo anno em que se finava em Toledo seu sobrinho o *Voador*. Cf. Sommervogel, II, col. 1960; Densdado, *Educadores Portuguezes*, pag. 333.

(3) *Dicc. Bibl.*, II, 350. Depois de ter ensinado theologia moral cegou de ambos os olhos o P. Ayres e nos muitos annos que lhe

O P. Fonseca deu á estampa nove livros asceticos que primam pela lhanza, propriedade de linguagem e gravidade de conceitos. Nelles, diz A. Franco, "o estilo he qual o estima a virtude; nelle se vê a candura de quem os compôs" (1).

§ 6

Na Hermeneutica Sagrada

As Escripturas Santas, como fonte de revelação e thesoiro, nunca exausto, das verdades necessarias á intelligencia do homem para o conhecimento do seu destino ultimo e de seus deveres, offereciam naturalmente objecto de estudo profundo para a Companhia de Jesus que timbra em defender, sobre todas, aquellas doutrinas que mais directamente apontam o caminho para a Bemaventurança sobrenatural da humanidade. É este o seu fim particular. Mas a circumstancia do tempo em que ella appareceu no mundo, deu occasião a mais largo desenvolvimento nesta especie de investigação scientifica. Os caprichos da exegese protestante, que tinha a mira em acobertar com a auctoridade da palavra

faltou a luz até sua morte, succedida em 1664, foi dictando a amanueuses os livros que compunha.

(1) Um dos livros do P. Fonseca intitulava-se *Sylva Moral e Historica*. Tem plano semelhante á *Nova Floresta ou Sylva de varios Apophthegmas* de M. Bernardes e é provavel que este classico accrescentasse ao titulo da sua *Floresta* o adjectivo *Nova* para a distinguir da *Sylva* do auctor Jesuita. Este ensinou philosophia em Evora, foi missionario e acabou seus dias em S. Antão em 1701. Cf. Franco, *Imagem da V... Evora*, pag. 823, 868.

divina seus erros doutrinares, e o impulso proveniente das definições conciliares de Trento, abriram uma época de renascimento theologico pelo qual todas as sciencias sagradas progrediram com adiantamento consideravel.

Este coube, em não pequena parte, á interpretação dos livros santos. Uma pleiade de auctores escripturarios se tornou justamente crêdora do agradecimento da Igreja pela sciencia e brio que empenhou na defesa da palavra divina escripta. Ha porém o dever de observar que taes interpretes não podem hombrar com os melhores do tempo de hoje. Os progressos actuaes da exegese biblica são admiraveis. Antigamente applicavam-se muito a encontrar sentidos allegoricos e accommodações engenhosas; agora aprofundam mais e com mais subtilidade e segurança o sentido literal. Ainda assim aquelles homens do seculo XVI e XVII não ha duvida que merecem a admiração dos doutos, pois, não obstante o conhecimento escasso das sciencias auxiliares, hoje tão maravilhosamente desenvolvidas, realizaram progressos notaveis no ramo da hermeneutica sagrada. Para estes concorreu tambem o trabalho dos Jesuitas de Portugal, entre os quaes não faltaram exegetas de valor mais que ordinario.

*

* *

O primeiro Jesuita portuguez que deu a lume obras exegeticas, foi o P. MANUEL DE SÁ, professor, escriptor e prégador de grande nome, que aos 17 annos de idade encetou na universidade de Gandia, em Espanha, o magisterio de philosophia, contando entre os primeiros discipulos ao Duque D. Francisco de Borja; de Gandia passou a Alcalá e depois a Roma chamado por S. Igna-

cio para o Collegio Romano, onde ensinou theologia e Escriptura com fama de tão grande mestre, que S. Pio V o escolheu para a revisão e correcção do texto da Biblia.

Sobre toda a Escriptura publicou no fim do seculo XVI os seus *Notados* que tiveram a acceitação dos doutos. São brevissimas explicações em que vae seguindo versiculo por versiculo e ajuntando a nota respectiva. Dá o sentido literal que esclarecem as varias lições do texto hebreu, chaldêu e dos Setenta. Observa no prologo que foi empresa nova por nenhum interprete, ao seu parecer, antes d'elle tomada, a de explicar por este processo toda a Escriptura. Compôs, além desta, uma obra de grande trabalho e vasta erudição nos seus *Escholios sobre os quatro evangelhos* em que adduz as interpretações dos Doutores da Igreja (1).

(1) O P. Sá pela sua virtude, engenho e sciencia recebeu dos contemporaneos elogio não ordinario. O P. André de Oviedo, depois patriarcha de Ethiopia, sendo reitor do Collegio de Gandia, onde Sá era lente, escreve em 1547: « Manuel de Sá... tiene buena presencia y el rostro alegre, grave y de authoridad. Según su edad es pequeño, pero va creciendo. Su edad será 18 años... ingenio maravilloso, distincto y claro. En doctrina ha oydo Artes... graduóse de Baciller en Artes en Coymbra... » Mon. Hist., *Epist. M.*, I, 433. Em 1611 o P. Balthazar Piñás recordando os seus tempos de estudante em Gandia assim testemunhava dos merecimentos de Sá: « También conocí en Gandia al P. Manuel de Sá, de nación portugués. Tenia este Padre un rostro muy agradable, pero más lo era el de su alma; porque siempre fué varón de mucha oración... Predicaba maravillosamente, con mucho aprovechamiento de los oyentes, porque predicaba muy veras y apostólicamente. También predicó muchos años en Milán. Fué muy versado en la Sagrada Escritura y á petición del P. Francisco de Borja compuso una glosa sobre toda la Escritura, que, aunque va muy compendiosa, declara maravillosamente el sentido literal ». *Op. cit.*, v, 820. Entrou na Companhia em Coimbra no anno de

Contemporaneamente se assignalou também o P. BRÁS VIEGAS pela muita erudição nas sagradas letras, em que era versadissimo como os mais insignes da sua epoca. Dois annos depois da sua morte publicou-lhe o P. Fernão Rebello os *Commentarios Exegeticos ao Apocalypse* e no prologo com que os prefaciou, chama-o homem admiravel não só pela virtude mas por todas as boas prendas que constituem um perfeito doutor christão; notavel pela perspicacia do entendimento, agudeza de engenho, erudição nas linguas e pericia das Escripturas (1). De facto são os *Commentarios* obra de muita subtilidade, perspicuidade e erudição, louvada dos entendidos e particularmente do Doutor Eximio Francisco Suarez. Desde 1601, anno em que pela primeira vez se estampou, até 1617 saiu em onze edições.

Pelo mesmo tempo illustrava as cadeiras e os pulpitos o P. SEBASTIÃO BARRADAS, que falleceu em 1615, um dos mais acreditados lentes de Escriptura na universidade de Evora. "Foi um homem assombroso e um dos maiores com que Deus honrou a... Companhia",

1545 e falleceu em Italia na cidade de Arona em 1596. Cf. Franco: *Imagem da V...* Coimbra, II, pag. 338; *Annus Gl.*, pag. 766; *Sommervogel*, VII, 349.

(1) «Erat vir plane admirabilis neque religione tantum sed omnibus christiani doctoris numeris absolutissimus. Judicio quidem peracri, ingenio acuto, linguarum peritia insignis et in Divinis Literis ut qui maxime versatus». *Commentarii Exegetici in Apocalypsim*, auctore Blasio Viegas (Evora 1601). O P. Viegas foi mandado estudar no Collegio Romano em 1575 e falleceu em 1599 apenas com 46 annos de idade. Deixou manuscriptos tres volumes de *Commentarios* aos Prophetas menores, a Ezechiel, e á Epistola ad Hebraeos. Cf. Franco: *Imagem da V...* Evora, pag. 857; *Annus Gl.*, pag. 486; *Fonseca, Evora Gloriosa*, pag. 428.

deixou escripto A. Franco; e o grande genio de Suarez Granatense comprazia-se em tratá-lo amiudada e familiarmente, attrahido pela rara virtude e muita sciencia do insigne professor de Escriptura. Não admira que tenham fama universal os seus quatro tomos dos *Commentarios sobre a concordia e historia evangelica dos quatro Evangelistas*. Encanta effectivamente a leitura daquellas paginas donde jorra a erudição sagrada, a piedade e solidês da interpretação. Foram muitas vezes impressos e são thesoiro de materia abundante para a oratoria christã. Compôs ainda o *Itinerario dos Filhos de Israel*, do qual pôde affirmar o auctorizado Calmet, que era um elegante e luminoso *Commentario* a quase todo o Exodo, e, na opinião d'elle, a mais perfeita das obras exegeticas de Barradas (1).

Não desmerece de ser classificado com estas obras notaveis o *Commentario aos sete primeiros capitulos do Livro dos Juizes* do P. JOÃO FREIRE. O editor espanhol que o publicou em segunda impressão, annos depois do fallecimento do auctor, chama-lhe "obra excellente para todos os professores de Escriptura". De feito declara o sentido literal e mystico numa exposição singela mas clara e elegante (2).

(1) Cf. Franco: *Imagem da V...* Lisboa, pag. 255, 976; *Annus Gl.* pag. 207; *Synopsis Ann.*, 1615; Hurter, *Nomenclator* (Oeniponte, 1893) I, pag. 187; De Scorraile, *François Suarez* (Paris, 1912) pag. 218, 371.

(2) Este *Commentario* diz na dedicatória o mesmo editor espanhol que «fora publicado em Portugal pouco antes da revolução de 1640 e que um exemplar unico salvo daquelle calamitoso incendio de rebelião, chegara a Madrid e tão cheio de erros, que bem se via ter sido obra posthuma de seu auctor». O P. Freire, de compleição enfermiga, nascera em Lisboa em 1582, ensinou rhetorica e Escriptura em

Com maior apparato de sciencia e volumes se apresentaram pelos mesmos annos as obras do bracharense P. COSME DE MAGALHÃES. São seis bellos tomos em que expõe com vastissima erudição, clareza, força de estilo e copia de phrase o sentido literal de varios livros do Antigo Testamento e de tres Epistolas de S. Paulo. O auctor, como orador que era, subministra na sua exposição boa materia para a concionatoria, e como mestre nas linguas classicas aproveita os conhecimentos linguisticos para a interpretação dos textos (1).

Dois annos depois do P. Magalhães finava-se em Leão de França o P. FRANCISCO DE MENDOÇA, a quem deram nome entre os interpretes da Escripura os tres tomos em folio dos *Commentarios sobre os livros dos Reis*. "É obra, escreve A. Franco, sobre todos os elogios admiravel e das mais illustres que teem sahido a luz sobre as santas Escripturas" (2).

Ainda nos primeiros decennios do seculo XVII saíam da penna do P. BENTO FERNANDES outros tres tomos volumosos de *Commentarios sobre o Genesis*. Nelles o devoto e sabio auctor analysa e expõe o sen-

Coimbra, onde morreu em 1620. Escreveu a vida do P. Suarez Granatense, que anda impressa ao principio de algumas obras do Doutor Eximio. Cf. Franco, *Imagem da V... Coimbra*, II, pag. 619; *Sommervogel*, III, 960.

(1) Ensinou, como professor elegante e erudito, rhetorica, theologia moral e Escripura sagrada. Nas exequias celebradas pelo collegio de Coimbra ao Cardeal Rei em 1580 discursou em latim o P. Cosme de Magalhães e em portuguez o P. Ignacio Martins. Falleceu em 1624. Cf. Franco: *Synopsis Ann.* 1580, 1624; *Annus Gl.* pag. 582.

(2) Franco: *Imagem da V... Coimbra*, II, pag. 617; *Imagem da V... Evora*, pag. 867.

tido literal, discute com erudição as varias opiniões e accrescenta abundantes, piedosas e solidissimas observações moraes (1).

Outro P. FERNANDES de nome ANTONIO dava ao prelo pela mesma occasião um interessante volume em folio intitulado *Commentario ás visões do Velho Testa-*

(1) Tres homens illustres deu á Companhia de Jesus a villa de Borba, do Arcebispado de Evora, todos tres do nome de Bento e todos tres parentes. O mais antigo é o commentador do Genesis, fallecido em 1630; o segundo o seu irmão mais novo Bento Fernandes, fervoroso martyr do Japão, onde expirou no tormento horrivel das covas em 1633; e o terceiro o P. Bento Pereira, mais conhecido pela sua Prosodia. Um poeta latino celebrou em disticos os tres filhos de Borba:

Inelyta tres celebres Benedictos Borba tulisti,
Sanguine conjunctos Religione pares.
Interpres Genesis senior Benedictus ubique
Laudibus immensis docta per ora volat,
Pro Christo nuper Japonia saeva secundum
Crudeli extinctum misit in astra nece.
Tertius est auctor Pereria Palladis armis
Indutae horrendis, pacificaque toga.
Hic mores scripsit populorum et carmina Horati
Fecit Apollinea lucidiora facie.
Illius indoctos divina Prosodia vates
Edocuit certis pangere metra modis.
Fertilitate soli dudum inelyta Borba fuisti:
At nunc es celebris fertilitate virum.

Muitos annos mais tarde ainda Borba criou para a Companhia de Jesus outro Bento, de sobrenome Macedo, que foi professor de rhetorica, philosophia, theologia e Escripura na Universidade de Evora e deu á estampa a obra de Logica intitulada *Pharus Dialectica*. Falleceu em 1749. Cf. Fenseca, *Evora Gloriosa*, pag. 427; *Sommervogel*, V, 144.

mento, no qual interpreta quarenta e uma visões, expondo primeiro o sentido literal e logo, quando a materia o pede, inserindo interpretações allegoricas e tropologicas (1).

Ainda pelos meados do seculo XVII viram a publicidade commentarios que bem mostravam não ter decrescido o fervor de producções escripturísticas. Só nomeio o que fez ao livro de Judith o P. LUCAS VELLOSO, o qual escrevendo a Roma em horas angustiadas, para se consolar observou lhanamente que o primeiro volume do commentario era lido com apreço e louvor e que brevemente gemeria sob o prelo o segundo (2).

Já no declinar do seculo XVII estampava ainda o P. LUÍS ALVARES um grosso volume intitulado *José, Filho de Rachel*, com o intento de apresentar o santo Patriarcha para modelo de todas as classes de pessoas

(1) Estas lições do P. Fernandes eram ouvidas na Universidade de Evora com tamanho applauso que os ouvintes cresciam, a fama se espalhou ao longe e lhe pediram instantemente as dêsse á estampa. Mas o auctor navegou para a India e só quando voltou a Lisboa, as pôde imprimir depois de quinze annos de diligencia em aperfeçoar a obra. Era orador de merecimento não vulgar e fôra mestre de rhetorica e professor de philosophia e Escriptura. Falleceu em 1628. Cf. Franco, *Synopsis Ann.*, 1628.

(2) A morte do P. Velloso, succedida em 1653 quatro annos apenas depois de editado o primeiro volume, não deu tempo a que o segundo se estampasse. A carta que para Roma escreveram ao P. Geral a 20 de Maio de 1649, remata nestes termos: «Ego mihi non sero in hac re, cum mea omnia mecum portem homo plusquam sexagenarius et meis addictus commentariis. Alter enim in Juditham totum a me datus legitur, probatur, laudatur; alter brevi typus videbit: nihil mihi deest ut laetus in nidulo meo moriar. Interim... postulo... veniam quod manu aliena scripserim. Sed danda oculis venia est». Arch. di Stato, Roma, Ges. Collegi, maço 192.

na sua sua vida tão variada de scenas instructivas. É uma interpretação dos capitulos do Genesis que narram a historia de José do Egypto. Desenvolve o sentido literal do texto e logo tira grande copia de conclusões moraes. A obra lê-se com agrado e prima pela ordem, clareza e eloquencia com que expõe a sã doutrina toda accommodada á oratoria sacra. Estes são os principaes Jesuitas portuguezes que escreveram de Escriptura naquella epoca, denominada pelo erudito Cornely seculo aureo da exegese moderna (1).

§ 7

Na theologia especulativa e na moral

No grande reflorescimento das sciencias theologicas, iniciado no seculo XVI, teve a Companhia de Jesus quinão principal ao lado de outras Ordens religiosas que cultivavam os estudos sagrados, e Portugal e Espanha podem justamente ufanar-se de terem dado os maiores theologos áquella epoca. Limitemo-nos porém, como é nosso intento, aos Jesuitas que em Portugal receberam formação ou nas escolas de Portugal ensinaram, e começemos pelo que entre todos brilha como sol o P. FRANCISCO SUAREZ, *Doutor Eximio*, considerado o mais illustre theologo da Companhia de Jesus e, segundo varios criticos, o primeiro de toda a Igreja nos tempos modernos.

Durante vinte annos honrou este genio da theologia

(1) *Cursus Scripturae Sacrae, Introductio Gen.* (Parisiis, 1894) pag. 695.

a Universidade de Coimbra e Portugal com a fecundidade e universalidade de seu talento, e com a penetração, clareza e vasta compreensão de sua intelligencia. Não ha por que mencionar particularmente os numerosos volumes de sua grande obra theologica e philosophica; a posteridade sábia os conhece e lhes recorda os titulos com reconhecimento e admiração. "Príncipe da sciencia theologica, escreveu ha pouco um admirador do sabio lente de Coimbra, teem os escriptores denominado o nosso Mestre commum, Dr. Francisco Suárez, honra e gloria da peninsula hispanica, astro de primeira grandeza, que, brilhando ha tres seculos sobre o horizonte da sciencia, ainda hoje continua a esclarecer o mundo com os raios fulgentissimos de seu talento e da sua erudição" (1).

Em Lisboa se finou aos 25 de Setembro de 1617 depois de ter ensinado philosophia e theologia, á parte breves interrupções, durante quarenta e sete annos. Tinha apenas expirado o grande theologo, quando lhe chegou de Paulo V um Breve de congratulação pelo valor e piedade com que em Portugal defendia a immuniidade ecclesiastica, e de exhortação a que não desistisse da nobre defesa, já que tanto sobresaia na Igreja de Deus (2).

(1) A. de Vasconcellos, *Francisco Suárez* (Coimbra, 1897) no Prologo.

(2) "... operam tuam, prout debemus, laudamus teque in Domino hortamur, ut Dei honori et Ecclesiae suae, in qua tantum divina gratia emines, libertati inservire pergas..." Datum Romae... die xxv Augusti MDCXVII. Arch. Vat., S. D. N. Pauli Papae v Brevia, anno Pontificatus XIII, pag. 22. — O Colleiitor de Portugal avisou para Roma que o Breve não encontrara em vida o P. Suarez, e o Cardeal

Não é porém Suarez o unico theologo eminente que avulta na bibliotheca dos Jesuitas de Portugal. Houve-os, ainda entre os contemporaneos do Doutor Eximio, que tiveram nas escolas auctoridade de mestres e fama universal (1).

O primeiro nome que leio, é o do famosissimo P. LUÍS DE MOLINA. Era hespanhol de nação, mas em Portugal estudou, em Portugal se formou e tornou celebre. Offereceu ao exame e admiração dos doutos a sua *Concordia do Livre Arbitrio com os dons da graça* e os *Commentarios sobre S. Thomás*, obras que levantaram as mais celebres controversias que se debateram nas escolas catholicas. Apesar porém dos maiores esfor-

Borghese respondeu com a seguinte carta que lemos no archivo do Vaticano: «Se quanto piu gli huomini sono migliori, piu dovessero vivere, haverrebbe il Padre Soarez goduto piu lunghi anni di vita. La perdita é stata grave, et é molto dispiaciuta a S. S.^a, ma egli é andato a ricevere la mercede delle sue buone opere, massime havendo finito il suo corso con azione si pia et gloriosa di haver difeza la giurisdizione et immunità eccl.^a sino all' estremo. Alla S. S.^a é piaciuto che il Breve diretto al P. Soarez, non essendo giunto in tempo, V. S. lo abbia dato al P. Preposito della Comp.^a costi et che ne siano restati consolati tutti cotesti buoni Padri. Di Roma li 20 di Novembre 1617». Arch. Vat., Nunz. di Port. 152, f. 313. Cf. De Scorraille, *ob. cit.*, II, pag. 349, 426, 509, 510; Astrain, *Hist. de la Compagnie de Jesus*, T. IV, pag. 59-65.

(1) Massei no prologo da *Vita del Venerabile... P. Francisco Suarez* (Roma, 1687), desculpando os Jesuitas portugueses de não terem conservado com mais desvelo a memoria dos exemplos virtuosos do Doutor Eximio para os transmittir aos vindouros, escreve: «Reconheço entretanto que estes Padres teem desculpa, pois os grandes homens que produziu a Provincia portuguesa, foram tão numerosos, que talvez lhes pareciam menos notaveis pela sua mesma abundancia». Cf. De Scorraille, *ob. cit.*, II, pag. 272.

ços que empregaram os adversarios, não conseguiram nunca o intento de acarretarem sobre as doutrinas do Lente da Universidade Eborense a condennação da Igreja (1).

Com a memoria destes luminares da theologia anda ligada a recordação do P. CRISTOVAO GIL que em 1604 chegou de Roma, onde desempenhava o cargo de revisor geral, para ser substituto, na Universidade de Coimbra, do P. Francisco Suarez, que lhe admirava o agudissimo engenho; mas, passados somente quatro annos de magisterio brilhante, deu fim a sua carreira, tendo antes ensinado largos annos humanidades, rhetorica e philosophia no Collegio de Coimbra e theologia na Universidade de Evora. A. Franco observa que "em Christovão

(1) O P. Molina nascera em Cuenca em 1536, entrou na Companhia de Jesus em 1553, estudou em Coimbra no Collegio das Artes, onde ensinou philosophia desde 1563 a 1567 e em 1568 encetou em Evora o magisterio de theologia, que continuou durante quinze annos até que se entregou totalmente á composiçã e publicação de suas obras. Os ultimos annos de sua vida passou-os em Espanha, onde falleceu no anno de 1600. Cf. Mss. Soc. Jesu., *Lus.* 43, Catalogos de 1553 em diante; *Lus.* 44, f. 2, cat. de 1587; *Lus.* 62, f. 186; Franco, *Imagem da V... Coimbra*, I, pag. 447; Astrain *obr. cit.*, IV, pag. 65-67, 381-382. — Quando se tratou de prover na Universidade de Coimbra a cadeira de theologia, que veio depois a occupar o P. Suarez Granatense, foi tambem o P. Molina proposto para aquelle magisterio, mas para não exacerbar os Dominicanos com os quaes os Jesuitas portuguezes tinham até alli vivido em boa paz, houve-se por mais prudente que o auctor da Concordia não ensinasse na Universidade de Coimbra. O P. Franco escreve — *Imagem da V... Coimbra*, I, pag. 452, e *Annus Glor.*, pag. 591 — que a Universidade pedira a Philippe II ou Molina ou Suarez, mas segundo De Scorraille, *obr. cit.*, I, pag. 339, Molina foi apresentado só depois da escusa do Doutor Eximio.

se extinguiu um grande luminar da Companhia de Jesus" (1). Nos dois livros de *Commentationum theologicarum* nos legou monumento de sua grande intelligencia. Propõe e resolve as questões com agudeza, clareza e serenidade, não á maneira de commentador de alheias doutrinas, mas, segundo elle promette no prologo, como quem apresenta resultados de proprias meditações (2).

Mais vastos conhecimentos, ainda que os não perpetuou em obras impressas, possuia pelo mesmo tempo o P. DIOGO DE AREDA que ensinou philosophia e theologia em S. Antão e Coimbra com fama de grande letrado. Era realmente pasmosa a sua erudição na theologia casuistica, nas leis canonicas e civis, na Escripura e na historia, de boa aptidão para o pulpito e, por esta vastidão de saber, muito consultado dos tribunaes ecclesiasticos e seculares. Morreu em 1641 (3).

(1) «Grande lumen Societatis in Christoforo extinctum.» *Annus Gl.* pag. 9.

(2) Cf. Franco, *Imagem da V... Coimbra*, I, pag. 467; De Scorraille, *ob. cit.* II, pag. 48, 128.

(3) Era natural de Arraiolos e entrou na Companhia de Jesus em 1584. Deu á estampa alguns sermões avulsos. Franco *Imagem da V... Evora*, pag. 858; *Synopsis Ann.*, 1641. — Auctor contemporaneo teceu-lhe o elogio seguinte: «Ille est illud scientiarum fulgentissimum lumen, sed nunc acerbo totius Lusitaniae dolore extinctum... Theologiae magisterio functus convenit Olysiptem et in domo Professa duxit vitam plane literariam. Regum tribunalia illum adibant tanquam sapientiae oraculum et ab eo utriusque juris responsa petebant. Illum item consulebant Praesides totius regni, illum proceres, illum omnis status homines: illum in rebus arduis religiosi Ordines arbitrum eligebant...» Mss. Soc. Jesu., *Lus.* 58, f. 327. Houve ainda outro Jesuita do mesmo nome e appellido, sobrinho do precedente, tambem orador de merecimento, que falleceu em 1671, tendo publicado alguns sermões em folheto.

No anno antecedente fallecera em Roma na idade de 91 annos o P. MANUEL DA VEIGA, celebre professor e escriptor de Controversia que ensinou na Universidade de Vilna na Polonia e em Praga na Bohemia. Ainda que não professou as sciencias em Portugal; não é porém descabida esta rapida menção do illustre portuguez (1).

A seguir, mas á devida distancia das obras daquelles primeiros auctores, podemos justamente citar os dois apreciaveis tomos dos *Syntagmas theologicos*, elaborados pelo P. AGOSTINHO LOURENÇO durante os 14 annos que demorou em Londres (2); a *Theologia Escholastica* do P. ANTONIO CORDEIRO que em volumoso tomo discute com subtileza e vivacidade as principaes questões de S. Thomás; o *Candidato Eborensis*, no qual em dois volumes o P. FRANCISCO DE SANDE prepara o estudante universitario para o doutorado em theologia (3); e finalmente o *Curso Theologico* em dois tomos do

(1) As cartas annuas de 1610 dão-lhe este compendioso elogio: «P. Manuel Vega, conimbricensis. vir emeritae probitatis, annorum 91, qui quam intrepide vel medios inter hereticos, nullo deteritus capitis periculo, professus fuerat doctrinae constantiam et morum virtutem, ad ultimum usque spiritum retinuit quem eflavit 27.º Januarii die...» Mss. Soc. Jesu, Rom. 132, f. 1., *Litt. ann. Coll. Romani* 1640. Cf. Deusdado, *Educadores*, pag. 314; Alois Kroess S. J., *Geschichte der Böhmschen Provinz* (Wien, 1910) pag. 480, 565, 717.

(2) O P. A. Lourenço ensinou philosophia em Lisboa, partiu para Londres a desempenhar o cargo de pregador da Rainha D. Catharina, filha de D. João IV, mas voltou a Portugal, onde falleceu no anno de 1695 sendo reitor do Collegio de Santarem. Franco, *Imagem da V... Evora*, pag. 733 e 851.

(3) O P. Sande ensinou humanidades e rhetorica, quatro annos philosophia e 21 theologia em Evora, onde morreu em 1726 sendo

P. JOSÉ DE ARAUJO, obra apreciada e ainda hoje citada pelos doutos (1).

Não devemos porém deixar sem justa referencia um livro de theologia polemica, no seu tempo muito celebrado e depois tido como classico no assumpto. É a *Defesa do Culto do SS. Coração de Jesus* contra os ataques dos Jansenistas, publicada em 1781 pelo P. MANUEL MARQUES, Jesuita exilado em Italia. O estilo brota-lhe claro, ardente, com estos de indignação contra os adversarios, a quem de quando em quando arremessa phrases de aspereza. Sente-se alli um coração magoado e ferido por lhe insultarem o objecto preciosissimo do seu amor (2).

cancellario da Universidade. Fonseca, *Evora Gloriosa*, pag. 431; Sommervogel, vii, 546.

(1) O P. Araujo tornou-se mais conhecido pela polemica sustentada com Luis Antonio Verney sobre o *Verdadeiro Methodo de estudar* e falleceu no mais tempestuoso da tormenta que destruiu em Portugal a Companhia de Jesus no anno de 1759.

(2) O P. Marques nasceu em Coimbra em 1711, fez-se Jesuita em 1725, ensinou letras humanas e philosophia e tinha completado pelo menos o primeiro tomo do curso de philosophia que para as escolas de Portugal lhe encarregaram os Superiores, quando o decreto pombalino o arremessou ás praias de Italia. Em 1773 já morava no palacio da R. Camara Apostolica de Urbania, onde falleceu a 8 de Novembro de 1796, com 85 annos de idade. No prologo do mencionado livro *Defensio Cultus SS. Cordis Jesu* escreve que apesar de alquebrado pelos annos e doencas se empenhava na defesa do culto do Divino Coração e termina pedindo aos adversarios desta devoção que: *supremum hunc regem cordium quem in cordibus suis regnare noluunt, in nostris regnare patiantur*. O P. Manuel de Azevedo celebrou o apparecimento deste livro com epigrammas latinos que estampou na sua *Arte Poetica*, T. II, pag. 357. Cf. *Livro dos obitos da cathedral de Urbania, e Nota dei Sacerdoti... della fu Compagnia*

*
* *
*

Volvamos porêem os olhos para a secção de *Theologia Moral*, onde se nos deparam nomes benemeritos e obras de raro valor.

Já no fim do seculo XVI começaram de apparecer os seis tomos do P. LUÍS DE MOLINA *De justitia et jure*, que são consultados pelos doutos como obra classica nesta sciencia. Nelles particularmente realça o engenho de Molina que, tendo gastado os mais dos annos em estudos de theologia especulativa, pôde abranger e tratar com tanta erudição e certeza as questões intrincadas do Direito.

Tambem no expirar do mesmo seculo saía do prelo uma obra pequena de volume, mas grande pela copia e peso de doutrina, como se expressa o editor de 1624. São os *Aphorismos dos Confessores*, do P. MANUEL DE SÁ. A disposição do livro é a de um dictionario por ordem alphabetica, onde vae apresentando brevissimamente as conclusões moraes, auctorizadas com os nomes de muitos escriptores moralistas. Demorou quarenta annos em o compor (1).

Entrado o seculo XVII começou o P. FERNÃO REBELLO a estampar por ordem expressa do Geral Aqua-

di Jesu... dimoranti nel Palazzo della R. C.^a Apostolica di Urbania. Mss. Soc. Jesu, *Ius.* 1 — III — 7; Sommervogel, v, 597.

(1) A edição recommendada dos Aphorismos é a que foi corrigida em Roma por ordem do Mestre do Sacro Palacio e publicada em 1608. As anteriores saíram a lume sem revisão do auctor. Cf. Possevino, *Bibliotheca Selecta*, L. III, C. XXII, (Venetiis, 1603) pag. 15; Hurter, *Nomenclator*, I, 77; Sommervogel, VII, 349.

viva a sua obra sobre as *Obrigações da Justiça, Religião e Caridade*; mas só viu a luz a primeira parte, que as outras duas por lhes faltar o auctor ficaram escriptas de mão. Trata as questões de moral e direito em estilo grave, com erudição e clareza (1).

Annos depois foram saindo successivamente os varios tomos em folio do afamado theologo ESTEVÃO FAGUNDES. Publicou dois volumes sobre o *Decalogo*, um sobre o *Quinquialogo* e outro da *Justiça e Contratos*. Ao ler esta obra admiramos os multiplices conhecimentos do auctor, a ordem, miudeza e serenidade com que vai submettendo á discussão a variedade das opiniões. Não é exaggerado o louvor que lhe dá o P. Franco ao escrever que as obras do P. Fagundes "são das que naquellas materias e faculdades teem e merecem o nome de grandes" (2).

(1) O P. Fernão Rebello era dotado de raro engenho, ensinou com lustre philosophia e theologia na Universidade de Evora, onde recebeu o gran de doutor, e falleceu em 1608. Na dedicatória da obra ao P. Aquaviva tomando occasião do que em viagem por países estrangeiros ouvira contra o P. Luis Gonçalves da Camara, refuta, como testemunha de vista, as acensações que lhe lançavam, de ter impedido o casamento de D. Sebastião e impellido para a Africa o desafortunado rei. Franco, *Imagem da V... Evora*, pag. 861, *Annus G.*, pag. 692.

(2) O P. Fagundes nasceu em Vianna do Minho e falleceu em Lisboa em 1645. A obra sobre o *Quinquialogo* foi condemnada pela Inquisição espanhola, mas o auctor escreveu uma apologia que fez levantar a condemnação. O P. Manuel Fernandes na sua *Alma Instruida*, vol. 2.^o, prologo, escreve para edificação da virtude: «Conheci aqui em S. Roque ao P. Estevão Fagundes que compôs o seu Quinquialogo escrevendo por sua mão, sendo hum homem velho e manco, ir á livraria buscar os livros de que se servia». E o P. Franco, *Ann. Gl.*, pag. 23, accrescenta que o fazia por espirito de pobreza, não os querendo ter comsigo senão quando lhe eram necessarios. Franco,

No anno de 1641 em que viera a lume a derradeira obra do P. Fagundes, apparecia o primeiro tomo dos tres, bem volumosos, do *Governo da Republica Christã*, composto pelo P. BAPTISTA FRAGOSO. É obra de grande folego, de vasta erudição, pela immensidade da materia que o auctor versa num estilo attrahente com muita ordem e segurança. No primeiro tomo trata do governo civil, no segundo do ecclesiastico e no terceiro do economico entre paes, filhos e domesticos (1).

Ainda no decorrer do seculo XVII sobresairam moralistas e viram a luz obras de moral e direito, cujo merecimento pede que não as omittamos.

Em 1638 cerrou sua larga vida de 98 annos o P. FRANCISCO DE GOUVEIA que leu moral com applauso dos doutos por ser o primeiro que a ensinou baseando-se em principios theologicos. Com o livro que escreveu e intitulou *Anti-Navarro*, fez mudar varias opiniões ao celebre doutor Navarro lente de Coimbra (2).

No anno seguinte finava-se em Evora, onde vivera 59 annos, o P. GASPAR DE MIRANDA, que por espaço de 20 annos ensinou moral "com tanto credito e acerto que o V. P. Francisco Soares Granatense mandou trasladar as suas postillas para se aproveitar de doutrina tão solida e bem fundada" (3).

Imagem da V... Evora pag. 860; Sommervogel, III, col. 527; *Portugal, Dicc. Hist. s. v.* Fagundes.

(1) O P. Fragoso, algarvio, falleceu em 1639 com 80 annos de idade; ensinára com fama theologia moral em Lisboa, Evora e Braga. Franco, *Imagem da V... Evora*, pag. 856.

(2) Telles, *Chronica*, II, 484; Franco, *Annus Gl.*, pag. 688; Fonseca, *Evora Gl.*, pag. 430.

(3) Fonseca, *ob. cit.*, pag. 366; George Cardoso, *Agi ologio Lusitano*, III, (Lisboa, 1666) pag. 319 e segg., 326 e 327.

Por aquellês mesmos annos distinguia-se nas cadeiras de philosophia e theologia o P. FRANCISCO PINHEIRO que falleceu em 1661, tão estimado pelos lentes da Universidade de Coimbra que o consultavam nas questões mais intrincadas. Justificam aquella estimação os tres tomos que deu á estampa, um sobre o *Censo e Emphyteuse* e dois sobre os testamentos, em que percorre minuciosamente e com erudição todas as questões testamentarias (1).

Não deixemos porêr no esquecimento o tratado *Das Obrigações dos Clerigos... do Parocho perfeito e do Clerigo Beneficiado* pelo P. MANUEL CORDEIRO, nem o *Espelho dos Parochos* do P. SEBASTIÃO DE ABREU, obra que saiu em muitas edições por ser um rico armazem de sã e bem explicada doutrina para a instituição perfeita dos parochos (2).

O seculo XVIII viu tambem duas obras muito apreciadas nas *Resoluções Theojurísticas* em dois tomos do P. ANTONIO CORDEIRO e nos dois volumes sobre a *Restituição* compostos pelo P. MANUEL PEREIRA, publi-

(1) Franco, *Synopsis Ann.*, 1661, *Annus Gl.*, pag. 431.

(2) O P. M. Cordeiro foi professor de letras e de moral, missionario da Africa e por fim sete annos Penitenciario em Roma. Falleceu em Lisboa em 1649. Franco, *Imagem da V... Coimbra*, II, Catalogo dos Escriptores. — O P. Sebastião de Abreu planeou a sua obra em Portugal, mas em Roma, onde vivia mais desafogado de trabalho, a compôs. Concluiu ainda e deixou promptos para a imprensa sete ou oito volumes de theologia. Foi por oito annos revisor em Roma, ensinou philosophia e theologia por espaço de quinze, e durante quatorze exerceu o cargo de cancellario da Universidade de Evora. Falleceu em 1674. Cf. *Speculum Parochorum*, no prologo; Franco, *Imagem da V... Evora*, pag. 880.

cados em edição posthuma pelo P. Gregorio Barreto e acolhidos com boa acceitação (1).

§ 8

Na Philosophia

A philosophia foi a sciencia que primeiro ensinaram os Jesuitas de Portugal em escolas publicas e com tão boa estreia e felicidade, que logo do principio tiveram lentes, cujos nomes immortalizou a historia, e deram á estampa obras realmente valiosas e superiores em merecimento ás que publicaram nos seculos seguintes. A que sobre todas define e caracteriza as ideias philosophicas dos Jesuitas e maior nomeada lhes deu como philosophos, é a que Menéndez y Pelayo chamou "célebre *Curso de Artes*" (2). Intitula-se *Commentarios do Collegio de Coimbra*, conhecidos outrosim pelo nome de *Conimbricenses* e *Curso Conimbricense*, e tem por auctores a varios lentes do Collegio das Artes, em especial o P. MANUEL DE GOES, que publicou desde 1592 a principal e maior parte dos volumes. Foi rapida a diffusão da obra por toda a Europa e grande a auctoridade que se grangeou nas Universidades e não perdeu até os tempos modernos. "Os Coimbrões, segundo ajuizou Barthélemy Saint-Hilaire, tem em philosophia um logar assaz consideravel; sustentam a auctoridade de Aristoteles com trabalhos muito estimaveis, se não devo dizer muito novos, numa epoca em que esta auctoridade é ameaçada de todas as partes. Instituem os mais laboriosos estudos sobre esta grande doutrina numa epoca em que ella está desacreditada e procuram conservar em todo o seu vigor habitos que não estão no espirito daquelle tempo... Os Coimbrões por sua parte removeram quanto puderam a escolastica fundamentada sobre Aristoteles..." (1).

(1) O P. M. Pereira ensinou theologia em Evora, onde terminou a vida em 1683 sendo reitor da Universidade. Fonseca, *Evora Gloriosa*, pag. 436.

(2) *La Ciencia Española*, III (Madrid, 1889) pag. 193.

Já muitos annos antes da publicação dos *Conimbricenses*, tinham tratado os Jesuitas de imprimir um curso de Artes, que facilitasse aos professores o ensino, mantivesse a uniformidade na doutrina e poupasse aos estudantes o muito trabalho de escrever nas aulas. Foi em 1562 encommendada a empresa ao P. Pedro da Fonseca e deram-se-lhe como auxiliares os Padres Cypriano Soares, Pero Gomes e Marcos Jorge. A execução da obra a que logo se deu principio, foram-na differindo pelos annos adeante as muitas occupaões do auctor, de modo que só em 1577 saiu dos prelos o primeiro tomo, o segundo mais de dez annos depois em 1589 e os outros dois alguns annos mais tarde. Por esta demora e porque se via que a obra de Fonseca era mais accommodada para consulta de doutos do que para curso de aulas, cuidaram os Superiores da Companhia em que se imprimisse outro curso e encarregaram-no ao P. Manuel de Goes que já em 1587 trabalhava nelle com o auxilio de amanuenses. A morte que lhe sobreveiu na idade de 55 annos, não lhe deixou publicar os ultimos volumes, trabalho que tomou á sua

(1) Cf. Lopes Praça, *Hist. da Philosophia*, cit. de Camillo, *Curso de Litt. Port.*, pag. 17.

conta o P. COSME DE MAGALHÃES. Este accrescentou, ao *Commentario De Anima*, obra ainda da penna de Goes, o tratado dos *Problemas sobre os cinco sentidos* que elle proprio redigira, e o tratado *De Anima separata* do P. BALTHASAR ALVARES. O P. SEBASTIÃO DE COUTO compôs os *Commentarios á Logica de Aristoteles* que viram a luz em 1606. Antes que o P. Goes pusesse mãos á obra, já no Collegio das Artes corriam uns commentarios de Aristoteles manuscriptos, feitos pelos lentes para as prelecções escolares. É natural que o P. Goes e seus collaboradores se valessem delles para a redacção do Curso Conimbricense, pois em 1575 lembrava para Roma o Provincial Manuel Rodrigues a conveniencia de se darem á estampa (1).

Renome talvez superior ao dos auctores do Curso Conimbricense mereceu o P. PEDRO DA FONSECA, homem de engenho raro para as sciencias philosophicas

(1) Os escriptores, desde A. Franco até aos de hoje, põem a morte do P. Goes em 1593, dando consequentemente ao P. Cosme de Magalhães parte mais consideravel do que realmente teve, na edição do Curso. Goes só falleceu a 13 de Fevereiro de 1597 tendo-se incorporado na Companhia em 1560. Além de philosophia ensinou tambem oito annos letras humanas e alcançou tal perfeição e primor na lingua latina, que Maffeo ouvindo-lhe um discurso disse não saber por que o tinham chamado para escrever a historia das Indias havendo em Portugal tão acabado latinista. Cf. Mss. Soc. Jesu: *Hist. Soc.* 42, 13 Fev. 1597; *Lus.* 44, f. 3, 9, 47, 66; *Lus.* 65, f. 119; *Lus.* 67, carta de M. Rodrigues de 29 de Março de 1575. — Mon. Hist. S. J.: *Epist. Nadal.* 1, pag. 599 segg.; *Mon. Paedag.* pag. 672, 673; *Obituarios da Igreja e casa professa de São Roque* (Lisboa, 1916) pag. 94 n.º 627; Franco: *Imagem da V... Coimbra*, II, pag. 614; *Imagem da V... Evora*, pag. 873; Fonseca, *Evora Gl.*, pag. 435; Sommervogel, II, 1273; *Enciclopedia... Europeo-Americana*, T. XIV (Ed. Barcelona, Espasa) pag. 1279.

a tal ponto que o appellidavam o Aristoteles português. Foi o primeiro que introduziu nas escolas a *Sciencia Media*, que tão celebre se tornou pelo livro da *Concordia* de Molina e pelas famosas disputas *de auxiliis*. Entre as gravissimas obrigações que o divertiam dos estudos, encontrou ainda tempo para compor a sua *Dialectica* e os quatro volumes de *Commentarios á Metaphysica de Aristoteles* em que analysa e commenta o texto grego do philosopho estagyrita. São obras de um profundo pensador. Sobre a *Dialectica* escreve o auctor no prologo á edição de 1574, que apesar de ter a approvação dos homens doutos e das muitas universidades que por largo tempo a usaram utilmente, contudo se resolveu a submittê-la de novo á lima para a corrigir e aperfeiçoar. Lopes Praça tambem lhe achou merecimento não vulgar. "Póde este livro, diz elle, ser considerado como um tractado minucioso, claro, bem deduzido e metodico das principaes doutrinas que relativamente á Dialéctica se ventilavam nas escolas daquelle tempo. Tractado despido de toda a confusão, desordem e obscuridade que tanto abundam noutros livros daquelle idade" (1). Dos *Commentarios* escreve neste sentido Barthélemy Saint-Hilaire: "Os *Commentarios* de Fonseca sobre a *Metaphysica* de Aristoteles são cheios de sagacidade e ao mesmo tempo de solidez e poderão ser sempre consultados com fructo" (2). Menéndez y Pelayo deu-lhes a qualificação de "riquissimos" (3).

(1) *Historia da Philosophia em Portugal*, pag. 13, citação de Cantú, *Hist. Univ.* T. XII, (Lisboa, 1878) pag. 498.

(2) *Dicc. das Sciencias Phil.* de Franck, artigo de Barth. Saint-Hilaire, cit. de Th. Braga, *Hist. da Univ.*, II, pag. 419.

(3) *Ob. cit.*, III, pag. 193. — O P. Fonseca era natural da Cor-

Em seguida, no andar do século XVII e principios do século XVIII foram saindo á luz obras de philosophia, que, se não egualam talvez o valor das primeiras, abonam incontestavelmente o talento de seus auctores. São os quatro cursos completos, publicados successivamente por B. TELLES, F. SOARES, lusitano, AGOSTINHO LOURENÇO e A. CORDEIRO.

TELLES desenvolve as questões com a muita clareza, segurança e ordem proprias de uma intelligencia não vulgar e bem formada (1).

Nos seus quatro tomos legou-nos o P. SOARES prova de agudissimo engenho, ainda que ás vezes desperdiçado em questões de pouco relevo (2).

tiçada, entrou na Companhia em 1548 e falleceu em Lisboa em 1599. Em Portugal gozava de grande prestigio, como provam os negocios importantes que manejou, e se deprehende da carta que Mons. Fabio, Patriarcha de Jerusalem, Collecitor, escreven de Lisboa para o Cardial Aldobrandini a 23 de Julho de 1594: «Tornó il Padre Pietro Fonseca Gesuita, chi era vennuto a Roma alla Congregazione et mi diede la lettera di V. S. Ill.^{ma} nella quale mi commandó ch'io lo serva nelle ocazioni, come faró molto prontamente, essendo Padre di grande merito et stimato in questo regno et veramente degno della sua protettione...» Arch. Vat., Nunz. di Portogallo, 9, f. 279. Cf. Franco: *Annus Gl.*, pag. 767, *Synopsis Ann.*, 1599; Telles, *Chronica*, II, pag. 591, 592; R. da Silva, *Hist. de Portugal*, v, pag. 253 segg.

(1) O Poeta já citado Lourenço Aguilár na mesma poesia louva a ordem, que chama admiravel, do curso philosophico do P. Telles com o distico seguinte:

Adde liber miro quod conditur ordine: pulchra
Quaeque aptas servant in statione vices.

(2) Na parte do curso que trata as questões das sciencias experimentaes, cita Soares com frequencia os melhores mathematicos e astrónomos daquelle tempo, como Clavio, Borri, Kepler, Coper-

Da obra em tres volumes que o P. LOURENÇO imprimiu em Londres, escreveu Franco na sua Imagem da Virtude do noviciado de Evora, que fôra acolhida com muita estimação.

O P. CORDEIRO compendiou num grosso volume em folio todas as questões da philosophia com metodo claro e bem ordenado e com luxo de muita erudição.

O século XVIII ainda nos deu obras philosophicas de algum valor no volume *De Generatione et Corruptione* escripto pelo P. FRANCISCO RIBEIRO e editado em 1723 pelo P. Antonio Franco (1), e nos quatro tomos compostos e publicados desde 1736 a 1747 pelo P. SILVESTRE ARANHA (2).

Remate a serie dos philosophos o P. IGNACIO MON-

nico e Kircher. Era natural de Torres Vedras, ensinou rhetorica, philosophia e theologia com grande opinião entre os mestres e veio a fallecer de desastre numa explosão de polvora em Jurumenha no anno de 1659. Cf. Franco, *Annus Gl.*, pag. 33.

(1) O P. Francisco Ribeiro, fallecido nos primeiros annos do século XVIII, ensinou com brilho rhetorica, philosophia, theologia e Escriptura. O pseudo-Barbadinho no *Verdadeiro Methodo de Estudar*, II, (Valença, 1747) pag. 25 e segg., ataca nomeadamente, e não sem razão, o P. Francisco Ribeiro por ainda explicar por processos antiquados e razões a priori os problemas experimentaes da physica.

(2) O P. Aranha declara no prologo das *Disputationes Metaphysicae*, que se resolveu a escrever para se oppor á deserção que augmentava, do Peripato para o Atomismo, e tomar a defesa de Aristoteles: «Accedit quod cartesianae ideae novitatem cum videam in dies gliscere et a Peripatu ad Atomismum alicubi jam in Lusitania descitum esse, non potui obviam non ire erubescendae ab Aristotele defectioni ejusque patrocinium suscipere». Nascêra em Lisboa em 1689, foi desterrado para a Italia em 1759 e falleceu em Roma no anno de 1768. Cf. *App. Catal. Prov. Lus.* 1902, n.º 58; *Portugal, Dicc. Hist.*, I, 640.

TEIRO philosopho, mathematico e physico de rara valia, que acompanhava, como attestam suas obras, todos os progressos nas sciencias. A sua obra philosophica, repartida em numerosos volumes desde a logica até á ética, recommenda-o ao justo louvor da posteridade, e dá-lhe um logar de honra entre os pensadores do seculo XVIII. Particularmente as questões de theodicea e psychologia expõe-nas com elevação e clareza, e as leis da ética desenvolve-as com dignidade, em discursos despidos da forma escolastica, num latim facil e elegante e estilo attrahente (1).

(1) O P. Monteiro nasceu em 1724, aggregou-se á Companhia em 1739, foi em 1759 deportado para a Italia, onde falleceu em 1812 com opinião de homem douto. A Universidade de Ferrara celebrou-lhe exequias honrosissimas como a seu emerito professor. Cf. *Gloria Posthuma Societatis Jesu* (Romae, 1814), onde a pag. 36 se lê: «Ignatius Monteiro si quis alius doctissimus obiit Ferrariæ 1812. Academia Philosophica Ferrariensis suo celeberrimo per tot annos magistro honestissime parentavit». — Entre os descommodos de um desterro injusto não alimentava para com a Patria rancores despeitados mas saudades bem sentidas e recordava com ternissima lembrança a juventude estudiosa, em cuja instrução trabalhara nos collegios de Portugal. A dedicatória em que offerece á mocidade portuguesa a sua *Philosophia Eclectica-racional* é repassada de sentimento e commoção: «Nullus, credo, vestrum jam est, qui ea tempestate et locorum distantia, qua vivimus, et post illas humanarum rerum vicissitudines, quarum vos testes fuistis, mea hæc vobis e longinquis adeo regionibus dirigenda, vestrique gratia in lucem publicam emittenda esse speraret. At laborem hunc meum, ut ipsi scitis, dum inter vos in Lusitania, communi olim nobis patria, viverem ut vobis unice inservirem, mente concepi, perficere sum aggressus, ad umbilicum perduxi, vobisque tandem non ambiguis verbis annuntiavi. Est adhuc in me primus ille meus erga vos amor nihilque de pristino illo affectu et vestrum omnium existimatione remisi hætenus. Ne igitur quaeso miremini, si meae ego in vos benevolentiae morem gerens, ut

§ 9

Na Mathematica e Sciencias Naturaes

Restam-nos as sciencias naturaes e as sciencias exactas para terminarmos esta como revista da bibliotheca dos Jesuitas portugueses. Ora precisamente neste campo das sciencias, tão admiravelmente adiantadas nos tempos modernos, é onde veem recair as mais severas accusações dos adversarios, que taxam os Jesuitas de atrasados e até de oppostos por acinte ao movimento scientifico; mas a censura manifesta-se, quando menos, exaggerada a ponto de menoscabar merecimento innegavel. O leitor imparcial vac julgá-lo pelos nomes que citamos, e factos que lhe havemos de mostrar. Estes, que não declamações ôcas, lhes aquilatem o verdadeiro valor. Não apontaremos genios? Apontamos homens de talento e estudiosos que longe de empêcerem, promoveram esta classe de estudos num meio que, se lhes fosse menos desfavoravel, teria germinado entre portugueses nomes illustres, como os que produziram em nações estranhas as escolas tambem de Jesuitas norteados pelos mesmos methodos e principios. Em todo o caso pedir aos professores a criação de genios é exigencia bem pouco racional; os Pedros Nunes são estrellas que raramente apparecem.

interpositam utcumque fidem liberarem, compositam inter vos philosophiam vobis dedicem et e remotis adeo locis remittam...

Dabam Ferrariæ Februarii mensis die 28 an. 1761.

Monteiro Soc. Jesu.

*
* *
*

O theatro principal onde se desenvolveu a actividade dos Jesuitas neste ramo de sciencias foi a celebre *Aula da Esphera*, erecta no Collegio de S. Antão de Lisboa e auctorizada desde o seculo XVI por mestres excellentes.

Não faltaram estes porêm nos Collegios de Evora, Coimbra e Elvas, onde por muitos annos floresceram tambem escolas de mathematica (1).

(1) Logo em 1555 se explicou a Esphera no Collegio de S. Antão. Não durou porêm a aula por muito tempo, pois não encontro menção della nos catalogos dos annos seguintes. Em 1573 tomaram os Jesuitas obrigação de contracto com o fundador do collegio de ler cada dia uma lição de mathematica, mas por falta de local só em 1590 ou 1591 se pôde effectuar o que no contracto ficara assente. Cf. Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 65, f. 269, 272; *Lus.* 41, f. 26, catal. de Maio de 1590; *Litterae Societatis Jesu*... 1590 et 1591, (Romae, 1594) pag. 780, onde se lê: «Addita schola Mathematices magna omnium admurmuratione et discentium fructu; est enim illa disciplina tum in primis nobilis, tum utilis ad multa...» — Em 1610 o visitador João Alvares no Ms citado (Tit. 11, C. 2, n.º 36) deixou a seguinte recommendação para o professor de mathematica daquelle collegio: «Tem obrigação, segundo o contracto com El-Rey D. Sebastião com este collegio, de ler particularmente a Esphera e segundo isto deve tomar tempo mais a proposito para a ler, no qual os estudantes de philosophia a possam tambem ouvir». — O P. Manuel de Campos, insigne professor de mathematica, assim escreveu na *Prolusão* á sua obra *Trigonometria plana e esferica* no anno de 1736: «Tendo dado á luz o anno passado o *Tratado dos elementos* como primeiro preludio á mathematica, neste anno em que a Real aula da Esfera debaixo da protecção d'El-Rey N. Senhor D. João v... muda de sitio para mayor commodidade dos ouvintes e da nobreza da Corte, me pareceo não só conveniente mas necessario dar logo á luz este *Tratado de Trigonometria* como Chave

O primeiro Jesuita que em Portugal ensinou mathematica em aulas publicas, foi o P. FRANCISCO RODRIGUES, natural de Odemira, que no Collegio de S. Antão começou tambem a dar lições de casos, poucos meses depois de fundado em 1553. Explicou não sem grande applauso dos numerosos ouvintes a *Esphera* do celebre João de Sacro Bosco. No anno de 1556 navegou para a India, onde escreveu o *Juizo sobre o Eclipse da Lua que se viu em Goa a 28 de outubro de 1566, o qual durou tres horas e meya* (1).

No mesmo anno em que o P. Francisco Rodrigues admirava os lisbonenses com as suas prelecções de mathematica, chegava a Coimbra vindo de Roma um jovem allemão de 17 annos de idade, que tão celebre se havia de tornar como um dos maiores mathematicos daquelle epoca. Era CHRISTOVÃO CLAVIO. Em Coimbra no Collegio das Artes estudou letras, philosophia e mathematica para a qual deu mostras de singular talento. No anno de 1560 observou naquella mesma cidade o eclipse total do sol, que elle proprio descreve no seu *Commentario á Esphera de João de Sacro Bosco* (2).

mestra e luz da mesma Aula». Junto á aula da Esphera levantou-se tambem um Observatorio que o terremoto de 1755 destruiu. Acerca da mesma Aula escreveu o Sr. Rodolpho Guimarães: «... On institua au Collège des Jésuites de Santo Antão, à Lisbonne, une chaise d'Astronomie, qui fut d'une grande utilité». *Les Mathématiques en Portugal* (Coimbra, 1909) pag. 26.

(1) Cf. Mon. Hist. S. J., *Litt. Quad.* III, pag. 610; Telles, *Chronica* II, pag. 20; Franco, *Imagem da V... Coimbra*, I, 624; Sousa, *Oriente Cong.* P. II, C. I, D. I, § 57, onde escreve do P. Francisco Rodrigues que «era prégador de fama, excellente theologo e mathematico».

(2) «Et ut quod ipsi quoque aliquando observavimus hac in

*

Em 1561 já estava de novo em Roma, onde logo no anno seguinte começou a ensinar sciencias mathematicas no Collegio Romano com a acceitação que foi crescendo no andar dos annos até lhe merecer o appellido de Euclides do seu tempo (1).

Discipulo de Clavio, cujas lições ouviu em Roma, e notavel mathematico foi o P. JOÃO DELGADO a quem tornou mais conhecido a fama do seu mais abalizado discipulo D. Manuel de Menezes, chronista e cosmographo-mór do reino e justamente celebrado pelos seus conhecimentos de mathematica e arte de navegar. Ensi-

parte, in medium proferamus, recitabo duas insignes eclipses solis, quae meo tempore contigerunt non ita pridem, quarum unam anno 1560 Conimbricae in Lusitania circa meridiem observavi...». *Christophori Clavii... Operum Mathematicorum tomus tertius complectens Commentarium in Spheram Joannis de Sacro Bosco* (Moguntiae, 1611) C. iv, pag. 295. — A Esphera de Sacro Bosco explicava-se em Coimbra no Collegio das Artes, quando nelle estudava Christovão Clavio. Cf. *Mon. Hist. Epist. Nadal*, I, pag. 601.

(1) Clavio entrou na Companhia em Roma no anno de 1555, no mês de Fevereiro segundo alguns catalogos, segundo outros em Abril. No mês de Outubro desse mesmo anno partiu para Portugal com o P. Luís Gonçalves da Camara e viveu pouco mais de cinco annos no Collegio de Coimbra, onde algum tempo depois de chegar contrahiou doença grave que o pôs ás portas da morte. O primeiro catalogo que o menciona é o de 1556, onde se lê: «Christovão Clavio recebido em Abril de 1555, de idade de 18 annos; ouve na primeira classe, tem mui boa abelidade, começa grego e rethorica». *Mss. Soc. Jesu, Lus.* 43, f. 20 e 77; *Lus.* 51, f. 1; *Rom.* 78, f. 53, 54; *Mon. Hist., Epist. Nadal*, II, pag. 459; *Mon. Ignatiana*, Ser. IV, I, pag. 157, 235; Ersch und Gruber, *Allgemeine Encyclopädie der Wissenschaften und Künste* (Leipzig, 1828) s. v. Clavius: «... nachdem er [Clavius] in den Orden getreten war, wurde er nach Coimbra geschickt, wo er sich vornehmlich auf Mathematik legte, die er darauf mit so vielem Ruhme lehrte...»

nou muitos annos Delgado na Aula da Esphera de S. Antão, que elle illustrou, como primeiro lente, depois de fundada. Deixou em manuscripto uma obra sobre a *Astrologia pratica ou judiciaria* e falleceu em 1612 (1).

Seguiu-se o P. FRANCISCO DA COSTA, por algum tempo substituto de João Delgado na cadeira de mathematica e depois professor effectivo. Deste escreve o snr. Rodolpho Guimarães que “tivera fama de um dos melhores professores do seu tempo” (2).

Pelos mesmos annos especializou-se em mathematica o P. ANTONIO CASTELLO BRANCO, ensinando-a no Collegio de S. Antão. Falleceu em 1643 com 87 annos de idade, tendo composto dois manuscriptos em folio *De Cosmothecia Lib. 2*, e *De Astronomia Lib. 3*, (3).

No Oriente illustraram-se tambem na primeira metade do seculo XVII, como missionarios e mathematicos, dois Jesuitas do mesmo nome MANUEL DIAS. Do primeiro, fallecido em 1629 na empresa da exploração do Thibet, escreve o P. Franco que além das outras sciencias em que fôra mestre, o foi tambem nas mathematicas. Observou em Cochim o cometa de 1718 e fez um

(1) Cf. *Mss. Soc. Jesu, Lus.* 44, f. 38, 45, 68, 131; *Annuae Litterae Societatis Jesu*, an. 1612 (Lugduní 1622) pag. 736; Franco, *Synopsis*, Ann. 1612; R. Guimarães, *ob. cit.* pag. 29.

(2) *Les Mathématiques en Portugal*, pag. 27 e 28. — No catalogo de 1603 já não encontrei mencionado o P. Francisco da Costa. É provavel que tivesse fallecido, pois era muito fraco e deitara até sangue pela boeca. Em 1597 tinha 30 annos de idade e entrara na Companhia 14 annos antes. Cf. *Mss. Soc. J., Lus.* 44, f. 134.

(3) Franco: *Imagem da V... Lisboa*, pag. 306; *Synopsis Ann.*, 1643, Th. Braga, *Hist. da Universidade de Coimbra*, II, pag. 824; *Sommervogel*, II, 843.

tratado sobre os cometas (1). O segundo que morreu na China em 1659, compôs em lingua chinesa um tratado sobre a Esphera — *T'ien wen lio* — e consignou em um bom numero de opusculos chineses as suas observações astronomicas (2).

Não deixemos porém no silencio alguns Jesuitas estrangeiros, que apesar de não terem recebido todos a sua formação em Portugal, contudo em Portugal ensinaram e promoveram os estudos de que nos occupamos.

Occorre em primeiro logar o P. CHRISTOVÃO BORRI, que entrou na Companhia em 1601 e em 1611 passou ao Oriente. Ainda que o Geral da Companhia o destinara para a China, contudo, offerecendo-se occasião de ir á Cochinchina soccorrer os Jesuitas que lá soffriam perseguição, com animo generoso partiu para aquelle reino. Ai viveu cinco annos e foi extraordinario o credito que se grangeou, como mathematico, perante o rei e sabios da nação. Contra as previsões dos astrónomos cochinchineses predizia os eclipses com exactidão que os confundia e assombrava, como succedeu com o eclipse lunar de 9 de Dezembro de 1620 e o solar de 22 de Maio de 1622. Neste ultimo anno voltou á Europa, en-

(1) Franco, *Imagem da V... Evora*, pag. 873; Sommervogel, III, 44.

(2) Sobre o tratado da Esphera escreve Wiglie, citado por H. Cordier, *L'Imprimerie Sino-Européenne*, pag. 22: «It is a concise description of Ptolomaic Astronomy written in 16, 14. It is in forme of dialogue and illustrated by numerous diagrams. At the end the auctor notices the recent discovery of the telescope with Galileo's observation on Saturn...». O exemplar que vimos, é um volume, em oitavo brochado.

sinou mathematica nas aulas de Coimbra e Lisboa, onde publicou em 1629 a obra de astronomia *Doctrina de tribus coelis* e o *Tratado da arte de navegar* (1).

Ao lado deste italiano nomeio quatro ingleses. O P. IGNACIO STAFFORD, nascido em Staffordshire em 1599 e entrado na Companhia em Espanha no anno de 1618, ensinou mathematica nove annos no Collegio de S. Antão e publicou na lingua espanhola em Lisboa com data de 1634 os seus *Elementos matematicos*, deixando outras obras manuscriptas, cujo aperfeiçoamento a morte interceptou (1).

(1) O P. Borri em 1631 alcançou—justis de causis, diz a carta dimissoria—licença de passar a outra Religião e entrou na Cisterciense, onde tambem não perseverou. Pouco depois de ser despedido morreu de um accidente, quando tratava da readmissão na mesma ordem de Cister. Cf. *Mss. Soc. Jesu, Hist. Soc.* 54, ann. 1631; *Relazione della nuova missione delli PP. della Compagnia di Giesu al Regno della Cocincina scritta dal Padre Christoforo Borri...* (Roma, 1631) pag. 118, 183, 188, 219, 221.—Pietro della Valle que viu na India o P. Borri em 1623, conta nas suas *Viagens* (ed. franceza, t. IV, pag. 142) que tomara o nome de Brono, porque o que tinha, não soava bem a ouvidos portuguezes. Em Portugal tambem o chamaram Bruno. Depararam-se-me todas estas variantes do seu nome: Borri, Borro, Boro, Burrus, Burro, Bruno, Brono. Cf. Sommervogel, I, 1821; R. Guimarães, *obr. cit.*, pag. 27.

(1) Na Bibliotheca Nacional de Lisboa, Collecção Pombalina, n.º 240, guarda-se um codice intitulado *Varias obras mathematicas compuestas por el P. Ignacio Stafford mestre de mathematica en el collegio de S. Anton de la Compañia de Jesús y no acabadas por cauza de la muerte del dicho padre, Lisboa anno 1638*. «E' um folio de 642 paginas, nitidamente escriptas e adornadas com figuras e desenhos». Edgar Prestage, *D. Francisco Manuel de Mello*, (Coimbra, 1914) pag. 34 e 35. — O P. Stafford, depois de ensinar em Lisboa, foi para o Brasil em companhia do Vice-Rei, marquês de Montalvão, com quem voltou ao reino em 1641, mas falleceu logo no

A Stafford succedeu na cadeira de mathematica em S. Antão o P. SIMÃO FALLONIO, irlandês, que por muitos annos ensinou aquella sciencia com tanto credito, que depois da revolução de 1640 o escolheu D. João IV para dirigir, como engenheiro, as obras das fortificações, na qual occupação veio a fallecer em 1642 só com 37 annos de idade (1).

Os Padres THOMÁS BERTON e JOÃO RISTON, (2) ensinaram mathematica em Lisboa e Coimbra depois de 1640, compondo o segundo, tambem professor de hebreu e grego, um *Curso de mathematica* que não saiu a lume (3).

O P. THOMÁS AUDUENO (Odoeno) foi o primeiro professor de mathematica na cadeira instituida no Collegio de Elvas em 1651 pelo principe D. Theodosio, e tinha por ouvintes quantos officiaes militares havia na

anno seguinte. Cf. Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 44, f. 486, 533, 571; Franco, *Synopsis Ann.*, 1641, 1642; R. Guimarães, *ob. cit.*, pag. 28.

(1) Cf. Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 44, f. 492, 534, 573; Franco, *Synopsis Ann.*, 1642.

(2) Encontrei este nome escripto das maneiras seguintes: Riston, Reston, Raston, Risthon.

(3) Este Curso encontra-se no codice n.º 54 da Collecção Pombalina da Bib. Nac. de Lisboa, com o titulo *Curso de Mathematica pelo P. João Riston Ingres, Lente de Mathematica no Real Collegio de S. Antão de Lisboa, anno de 1652*. É um codice pequeno de 329 folhas, escripto, segundo parece, por um alumno do curso, João Saraiva de Victoria, que apontava as lições do professor. Cf. E. Prestage, *ob. cit.*, pag. 35 e 36. Riston, de Lancastre, tinha, em 1649, 34 annos de idade e 12 de Companhia. — Berton era mestre em Artes, completara, em 1649, 37 annos de idade e 17 de religião. O catalogo desse mesmo anno escreve-lhe o nome com a forma de Barthono e Barthonno. Cf. Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 45, f. 11 e 18; Arch. di Stato, Roma, *Mss. Gesuit.*, *Collegi*, Maço 152.

praça daquella cidade, sobresaindo entre elles o general de cavallaria André de Albuquerque (1).

Depois de Audueno encontro noticia que ensinou mathematica no mesmo Collegio de Elvas o irlandês P. HUGO COLANO (2).

Tambem dois mathematicos dos Países-Baixos vieram dar a Portugal o beneficio da sua sciencia. O mais famoso é o P. JOÃO PASCHASIO CIERMANS, conhecido entre nós pelo sobrenome de COSMANDER (3). Depois de ensinar mathematica em Lovaina e Anvers, dirigiu-se em 1641 a Portugal com o intento de fazer viagem para a China, mas os successos que então agitavam o reino retiveram-no na Europa e os seus conhecimentos de mathematica o envolveram no turbilhão da guerra com

(1) Enumero o P. Audueno entre os professores ingleses de nação, seguindo um catalogo manuscripto, contemporaneo, de 1651 (Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 49, f. 59), onde se lê: «P. Thomas Audueno, anglus, annorum 38, vires mediocres; habet Societatis annos 18...». A. Franco, *Synopsis Ann.*, 1651, e o Sr. R. Guimarães, *ob. cit.*, pag. 30, dão-lhe naturalidade belga. O catalogo de 1649 escreve-lhe o nome sob a forma de Odoeno. Franco, *ob. cit.*, l. c., emprega a forma *Audoenus*, que é o nome latino correspondente ao inglês *Owen* e ao francês *Ouen* (Cf. St. Ouen). Em Portugal, a julgar pelos catalogos, usou-se a forma latina aportuguesada. O Sr. R. Guimarães, l. c., escreve *Anduens* (?). Não pude averiguar o anno em que morreu. Os catalogos das provincias portuguesa e transtagana de 1654 já o não mencionam.

(2) Estudou em Portugal e em 1655 tinha 26 annos de idade e 7 de Companhia. Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 45, f. 61, 130.

(3) *Cosmander* é nome composto de duas palavras gregas κόσμος e ἀνὴρ, ἀνδρός, e reproduz exactamente o modo de composição e a significação do hollandês *Ciermans*. O sobrenome de Paschasio tomou-o elle por ter nascido no dia de Paschoa de 1602, a 7 de Abril.

Espanha. Era "insigne mathematico, escreve D. Luis de Menezes, e... com o exercicio das fortificações de Portugal se fez consummado engenheiro, grangeando-lhe a maior estima outras partes que lograva" (1). Chegou a ter no exercito a graduação de coronel e o cargo de engenheiro-mór e alcançou tambem a honra de ser professor de mathematica do principe D. Theodosio (2).

Em companhia do P. Ciermans veio para Portugal, tambem com destino ás missões da China, o P. HENRIQUE UVENS, vulgarmente chamado entre nós Buseu, do nome Buys de sua mãe. Ensinou mathematica na aula da Esphera de S. Antão e depois navegou para a Índia, onde falleceu na cidade de Agra (3).

Pouco depois em 1655 regia a cadeira de mathematica no mesmo Collegio o P. JOÃO DA COSTA, de Lisboa, mestre em Artes e entrado em Religião havia 25 annos (4).

Nos annos seguintes alcançou logar de honra entre

(1) *Portugal Restaurado*, I, (Lisboa, 1751) pag. 425.

(2) Cosmader em 1647 caiu prisioneiro dos espanhoes, que empregaram todos os meios de seducção para o attrahir ao serviço de Philippe IV. Depois de longa reluctancia deixou-se finalmente vencer, para o que não devia deixar de contribuir o ser elle subdito espanhol, como nascido em Flandres na cidade de Bois-le-Duc ('s Hertogenbosch). No anno seguinte commandava em pessoa o assalto a Olivença, mas uma bala portuguesa o feriu de morte e precipitou do cavallo. Antes de vir a Portugal sustentara uma controversia com Descartes, cujas theorias combateu scientifica e philosophicamente. Entrara na Companhia em Malines no anno de 1619 e falleceu com 46 annos de idade. Cf. Mss. Soc. Jesu, *Fl. Belg.* 15, f. 87, 120; D. Luis de Menezes, *ob. cit.*, II, pag. 68, 223, 227, 266, 421.

(3) Cf. Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 44, f. 633.

(4) Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 45, f. 112.

os cultores de sciencias mathematicas o P. BARTHOLOMEU DUARTE, natural do Algarve. Ensinou-as com distincção e serviu-se dellas na fabrica do Collegio que construiu em Villa Nova de Portimão, como bom architecto que era, "com todos os primores da arte" segundo a expressão de A. Franco, e onde trabalhou pelo espaço de 40 annos finando-se em 1701 (3).

No Brasil, quatro annos depois, falleceu o afamado mathematico e astrónomo VALENTIM ESTANCEL ou *Stansel*, natural de Olmutz, que, depois de ter ensinado mathematica em Praga e na sua terra natal, pediu as missões da Índia, e tomou o caminho de Portugal, onde, enquanto esperava monção, ensinou a mesma sciencia em Elvas e no Collegio de S. Antão de Lisboa. Mas por difficuldades que sobrevieram, proseguiu a viagem não para a Índia mas para o Brasil no anno de 1663, e

(3) Cf. Franco: *Synopsis Ann.*, 1701; *Imagem da V... Evora*, pag. 824, R. Guimarães, *ob. cit.*, pag. 33, onde se lê: «Parmi les professeurs le père Bartholomeu Duarte occupa une place distinguée». — Um anno antes, em 1700, fallecera o P. Antonio Pimenta, natural de Torres Novas, de quem escreve o Sr. R. Guimarães, l. c., que ensinou mathematica em Coimbra com tal reputação, que era tido em Portugal pelo mais sabio mathematico do seu tempo. Como porém este padre pouco viveu na Companhia, onde entrara em 1635, não o numero entre os mathematicos jesuitas. Barbosa Machado escreve que «ao tempo que estudava logica com os Padres Jesuitas, abraçou o seu instituto quando contava 15 annos de idade a 31 de Outubro de 1635, onde, tendo acabado o curso philosophico e principiado o curso theologico, obrigado de causas urgentes sahio da Companhia». *Bibl. Lus.*, I, pag. 352. O tempo exacto que passou na Companhia, não o pude averiguar, pois em catalogo nenhum encontrei o seu nome. Crétineau-Joly colloca-o entre os astrónomos celebres da Companhia na sua *Histoire de la Compagnie de Jésus*, Bruxellas, 1845, T. IV, pag. 345.

alli continuou suas observações astronomicas, cujos resultados enviava para a Europa. Além de outras obras deu a lume em 1658 o *Orbe Affonsino* ou *Horoscopto Universal*, dedicado a D. Affonso VI e o *Tiphys lusitano* ou *Regimento nautico novo*, offerecido a D. Pedro II (1).

Pelos mesmos annos se distinguia em Portugal outro allemão P. JOAO DOS REIS (König) que a pedido de D. Pedro II viera ensinar mathematicas na Universidade de Coimbra. Percorreu todo o reino de Portugal com o encargo de delinear as cidades, villas e castellos para serem gravados em bronze. O P. Antonio Carvalho honra o seu contemporaneo com este elogio: "O P. João dos Reys da Companhia de Jesus, allemão, bom mathematico e insigne na Perspectiva e Pintura, delineou a Topografia de Portugal com todo o acerto e desejavamos poder unir estas plantas com as nossas descripções...". Falleceu no Collegio de S. Antão em Lisboa a 13 de Novembro de 1691 (2).

Emquanto o P. Reis se desempenhava do delineamento referido, substituiu-o na cadeira de mathematica o P. MANUEL DO AMARAL que depois navegou para o Gran-Pará, onde falleceu em 1698 (3).

(1) Sommervogel, T. VII, col. 1842; R. Guimarães, *ob. cit.*, pag. 34; Franco, *Syn. Ann.*, catalogus virorum Societatis Jesu qui... de Lusitania navigarunt ad Brasiliam. — Sommervogel e o Sr. R. Guimarães, *ob. cit.*, teem que ensinara Mathematicas em Evora, mas nem um nem outro diz que fôra professor em Elvas.

(2) P. Antonio Carvalho, *Corografia de Portugal*, (Lisboa, 1706) no prologo; Franco, *Synopsis Ann.*, 1691; Th. Braga, *Hist. da Univ. de Coimbra*, II, pag. 824.

(3) Cf. Betendorf, *Chronica*, pag. 670.

Longe tambem de Portugal findou sua carreira laboriosa o português P. THOMÁS PEREIRA que partiu para o Oriente em 1666, chegou á China em 1673 e morreu em Pequim em 1708. Era musico e mathematico eminente, e por estas qualidades tão acceito ao Imperador, que alcançou fosse lavrado decreto permittindo abraçar o Christianismo a todo o subdito do celeste Imperio. O mesmo Imperador o nomeou Presidente interino do Tribunal de Mathematicas em Pequim juntamente com o P. Antonio Thomás, belga de nação. Resolvera primeiro o Monarcha chinês, pelo elevado conceito em que tinha a sciencia do P. Pereira, fazê-lo Presidente proprietario, mas o generoso Padre, rendendo-lhe as graças, lhe supplicou escolhesse de preferencia o P. Philippe Grimaldi por ser muito mais digno daquella distincção. Ficou o Imperador assombrado com a nobre acção do santo missionario, e acceitou-lhe a proposta, mas quis fosse elle Presidente, na ausencia do P. Grimaldi, dando-lhe por adjunto no cargo ao P. Antonio Thomás, como tambem lhe pedira o mesmo P. Pereira.

O P. José Soares, companheiro de ambos, assim narra o successo desta eleição: "Muerto el Padre Verbiest, se trató luego de proveer el lugar de la Presidencia de la Mathematica, que ocupava; y aunque los del Tribunal de los Ritos, á quien este negocio pertenecia, propusieron para este cargo á un Mandarin China, sin embargo el Emperador absolutamente se lo queria dar al Padre Thomás Pereyra: el qual despues de darle á su Magestad las gracias por este beneficio, se escusó eficazmente, diciendo, que supuesto, que queria hazer esta merced á alguno de los Nuestros, la hiziesse al Padre Phelipe Grimaldi, que (aunque estava ausente) era mucho mas digno. Admiróse el Emperador de esta escusa,

quedando no menos espantado de ella, que edificado de la propuesta, y finalmente ordenó que fuesse el Padre Grimaldi el Presidente propietario de la Mathematica: y que mientras venia, lo fuesse el Padre Thomás Pereyra, el qual no pudiendo escusarse yá mas: y viendo la necesidad, que tenia, de quien le ayudasse, le hizo nueva suplica al Emperador, para que le dicesse por adjunto en la nueva Presidencia al Padre Antonio Thomás, insigne en las ciencias Mathematicas. Y en esta conformidad, à los quatro de la primera Luna de el año veinte y siete de su Imperio (que era el de mil seiscientos y ochenta y ocho) salió la orden Imperial, de que en la ausencia de el Padre Grimaldi, ocupasse el Padre Thomás Pereyra, con el Padre Antonio Thomás, la Presidencia de el Tribunal de la Mathematica" (1).

Auxiliar do P. Pereira nos trabalhos de missionario foi tambem o P. SIMÃO RODRIGUES, distincto professor de mathematica na cõrte do celeste imperio, onde rejeitou as honras de mandarim, que lhe offerencia o imperador (2).

E com estes grandes mathematicos entramos no seculo XVIII, que foi seculo de reflorescimento neste ramo

(1) *Libertad de la Ley de Dios en... China*, trad. do português, (Valencia, 1696), pag. 44. Cf. Franco, *Annus Gl.*, pag. 709; R. Guimarães, *ob. cit.*, appendice II, (Coimbra, 1911), pag. 9; H. Bosmans, *Extrait de la Revue des Quest. Scient.* Avril, 1910, pag. 8; Sommervogel, VI, 514. O P. Antonio Thomás, enquanto esteve em Portugal esperando monção para a China, compôs os dois tomos da *Synopsis Mathematica* impressos em 1685. Cf. *Collecção dos Doc. da Academia R. de Historia*, VIII, (1728).

(2) Cf. Conde de Arnoso, *Jornadas pelo Mundo* (Porto, 1916), pag. 230.

das sciencias. Novo impulso para o reanimar veio do Geral Tamburini que tomou a peito promover entre os Jesuitas de Portugal os estudos mathematicos. O Provincial Manuel Dias em carta de 24 de Setembro de 1706 promettia satisfazer aos desejos do seu Geral e dar prompta execução ás ordens que para este fim recebia de Roma. Pouco depois, insistindo na mesma tenção, escrevia Tamburini ao Jesuita João de Albuquerque no primeiro de outubro do mesmo anno: "Foi-nos summamente agradável o zelo que V. tem da Mathematica, pois com elle se entregará deveras a cultivar esta sciencia, no que, esteja certo, nos dará gosto particular. As prerogativas, uma vez concedidas aos *Deputados* (1), é nossa vontade que se mantenham em seu vigor para que mais e mais se animem os que a estudam..." (2). E sete annos depois expressava ainda os mesmos sentimentos em carta para o P. Lourenço Rodrigues a sete de Agosto de 1714, onde se lê: "A solicitude com que V. R. me escreve a 26 de março sobre o estudo da mathematica e theses que se não defenderam a seu tempo, quadra perfeitamente com os desejos que temos de o promover, como para o futuro promoveremos, se Deus nos auxiliar..." (3).

(1) Chamavam-se com este nome os estudantes jesuitas especialmente escolhidos para se especializarem na mathematica.

(2) "Perquam gratum habuimus zelum, quo teneris ad Mathematicam, exinde namque fiet ut te velis totum dedere studio hujusmodi scientiae, in quo certus sis nobis morem gerere singularem. Quod attinet ad privilegia semel concessa Deputatis, ea volumus recte observari, ut magis animentur studiosi mathematici..." Mss. Soc. Jesu, Lus. 35, I, f. 89.

(3) "Solicitude qua R. V. 26. Martii ad nos scripsit de stu-

O justo zelo dos superiores era natural que tivesse bons resultados. Desde o principio deste seculo os catalogos da Provincia trazem todos os annos um bom numero de *deputados*—*deputati mathematicae*—que se davam com especialidade ao estudo da mathematica, e começou a haver maior copia de bons professores. Foram dos primeiros que se distinguiram, os dois mencionados acima JOÃO DE ALBUQUERQUE e LOURENÇO RODRIGUES, que ensinaram por varios annos mathematica e letras humanas (1).

Mas a todos estes se avantajava por aquelles annos o P. IGNACIO VIEIRA que ensinou as mathematicas durante 12 annos, foi confessor do infante D. Pedro, reitor do Seminario de S. Patricio e do collegio de S. Antão, onde falleceu em 1739. Era homem de raro merecimento, como provam o seu *Tratado de Astromonia*, de 1709, o *Tratado de Dioptrica*, *Tratado de Catoptrica* e *Tratado de Pyrotechnica*, saídos de sua penna entre os annos de 1717 e 1719 (2).

dio mathematico, ac de thesibus suo tempore non habitis, optime nostris respondet optatis illud promovendi, et, Deo volente, curabimus promovere . . . ». Mss. Soc. Jesu, Lus. 35, II, f. 213.

(1) Lourenço Rodrigues nasceu em 1684 e entrou na Companhia em 1699. No anno de 1720 era missionario em Santarem. Cf. Mss. Soc. Lus. 47, f. 257.—Albuquerque nasceu em 1682 ou 83, fez-se Jesuita em 1699 e emittiu a profissão solenne a 15 de Agosto de 1716. Em 1720 prégava na cidade de Elvas. Cf. Mss. Soc. Jesu, Lus. 47, f. 145, 258.

(2) Cf. R. Guimarães, *ob. cit.*, pag. 34, onde faz a Ignacio Vieira o seguinte elogio: «Ignacio Vieira, jésuite, homme de grande valeur, comme le témoigne son traité d'Astronomie, composé en 1709». Este tratado divide-se em tres partes que se referem respectivamente á Astronomia espherica, practica e theorica.

Não deve porém ficar no olvido o P. LUÍS GONZAGA que ensinou mathematica em Evora e Lisboa, onde teve por discipulos D. João V, quando principe, e os infantes. Deixou manuscripta a *Esphera Astronomica dictada ao collegio de S. Antão . . . 15 de Setembro de 1700* (1).

Ha porém três italianos, fallecidos no seculo XVIII, que, segundo escreveu Antonio Ribeiro dos Santos nas suas *Memorias Historicas sobre alguns mathematicos portuguezes e estrangeiros domiciliados em Portugal*, “espalharam luzes e concorreram a excitar o estudo dos nossos” (2). São os Padres FRANCISCO MUSARRA, DOMINGOS CAPASSI e JOÃO BAPTISTA CARBONE.

MUSARRA ensinou na Universidade de Evora, mas em 1702 já era professor em Messina e falleceu em 1718.

DOMINGOS CAPASSI desde 1724 fez em Lisboa observações astronomicas e em 1729 partiu para o Brasil “com ordem de S. Majestade para tirar as cartas geographicas daquelle grande estado” (3). Levava em sua

(1) O *Catalogus Scriptorum . . . ab anno 1675 ad . . . 1725*, (Mss. Soc. Jesu, Lus. 105) tem do P. Gonzaga o seguinte elogio: “... Post traditas politiores litteras in Academia Eborensi, mathematicas disciplinas profitebatur Ulyssipone, cum ab Augustissimo Rege Petro 2.º fuit accitus, ut ejusdem praeceptis institueret Serenissimum principem Joannem . . . et ejusdem Serenissimi Germanos fratres; quod quidem munus diligentissime exercuit aliquot annos: modo regit collegium Ulyssiponense D. Antonii Serenissimo Regi Joan. V, discipulo quondam suo, longe acceptissimus . . . ». Nasceu em 1666, entrou para a Companhia em 1683 e falleceu em 1747. *Sommer-vogel*, III, 1581, IX, 420.

(2) Citado por J. S. Ribeiro, *Hist. dos Estabelecimentos . . .*, pag. 183.

(3) Cf. *Collecção dos Doc. da Acad. R. de Hist.*, IX, 1731.

companhia, para o auxiliar, o P. DIOGO SOARES, também, Jesuíta e professor de mathematica em S. Antão. Capassi morreu em 1736 e Soares que deixou em manuscrito a *Historia natural do Estado do Brasil*, acabou seus dias em 1748.

O mais celebre de todos tres em Portugal foi o P. CARBONE, que aportou a Lisboa com o P. CAPASSI em 1722, chamado por D. João V, escrevia em 1751 Costa Barbosa "para ser Mathematico Regio e Missionario Apostolico especialmente da Provincia do Maranhão" com o encargo de delinear o mappa de seus dominios (1). Foi porém retido na cõrte pelo rei, que lhe mandou preparar a expensas suas soberbos aposentos no Collegio de S. Antão. Tinha, segundo o catalogo de 1726 o titulo de Mathematico Regio, como também o P. Capassi, e fez observações astronomicas no observatorio do Paço e no do Collegio, onde falleceu a 5 de Abril de 1750 (2).

(1) Fernando Antonio da Costa Barbosa, *Elogio Funebre do P. João B. Carbone*, (Lisboa, 1751) pag. 6.

(2) Carbone nasceu em 1694, entrou na Companhia em 1709 e foi professor de letras humanas. Em Portugal ensinou latim e italiano a D. José I, quando príncipe, e mathematica á infanta D. Maria Barbara, depois rainha de Espanha. Cf. Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 47, f. 325, *Lus.* 48, f. 58, *Lus.* 49, f. 408. — É tempo de desfazer uma lenda espalhada sobre estes tres mathematicos italianos e repetida até nossos dias por quantos teem versado este assumpto. Alguns auctores, como Antonio R. dos Santos (*ob. cit.*, l. c.) limita-se a dizer que D. João V chamou os tres insignes mathematicos para virem melhorar os estudos de Portugal; outros accrescentam mais, v. g. o Snr. R. Guimarães (*ob. cit.*, pag. 34), que os Jesuitas apostados a entrar em Portugal o movimento Cartesiano, persuadiram ao rei que

Ao lado porém destes estrangeiros não faltavam portugueses que cultivassem com brio o estudo das mathematicas. Tinha por esse tempo fama bem merecida o P. MANUEL DE CAMPOS que as ensinou com lustre na aula da Esphera do Collegio de S. Antão e em Madrid. Latino Coelho, tão reservado em dar encomios a Jesuitas, não lhe regateou o appellido de sabio.

De igual valia, se não maior, foi o P. IGNACIO MONTEIRO que já mencionei entre os philosophos illustres. Destes dois mathematicos escreve o snr. R. Guimarães: "Ce sont distingués dans cette époque... Manuel de Campos et Ignacio Monteiro, jésuites très érudits, qui laissèrent de très bons livres sur les éléments de la Mathématique, les meilleurs qui soient sortis de la Compagnie de Jésus" (1). Os *Elementos de Mathema-*

para esse fim fizesse vir de Italia os tres Jesuitas Musarra, Capassi e Carbone. A historia encarrega-se de mostrar a inconsistencia de taes affirmações. O P. Musarra só esteve em Portugal alguns annos, antes de D. João V subir ao trono; em 1702 já era professor em Messina depois de ter ensinado em Portugal; mais tarde passou a ensinar em Roma e em 1711 era de novo professor na Sicilia em Palermo. (Cf. *Sommervogel*, v, 1642). Os Padres Carbone e Capassi foram chamados para mathematicos e missionarios no ultramar. Chegados a Portugal, mudou o rei de resolução, conservando a seu lado o P. Carbone e enviando algum tempo depois para o Maranhão o P. Capassi. «Deste modo, diz o citado Costa Barbosa, lhe divertiu [o rei a Carbone] ou mudou os passos da sua primeira vocação». (*Ob. cit.*, pag. 7). Destes factos concluimos que nem D. João V chamou os tres Jesuitas, nem vinham destinados a oppor-se no reino ás doutrinas de Descartes. Musarra não viu a D. João V no throno; Capassi navegou para o Brasil; Carbone o de que menos tratou em Portugal, foi de mathematica e de cartesianismo.

(1) *Ob. cit.*, pag. 34, 35; Cf. Latino Coelho, *Hist. Polit. e Militar*, T. I, pag. 303.

tica do P. Monteiro são expostos em dois volumes, e o P. Campos publicou primeiro os *Elementos de Geometria* e logo a *Trigonometria Plana e Espherica*. Sobre a ultima obra deu Luís Francisco Pimentel, Cosmographo-Mór do reino, o seguinte parecer: "Entre os que nellas [sciencias] tem mostrado grandes progressos, e tem adquirido bem merecidos louvores, he o Padre Manoel de Campos, author deste Tratado de Trigonometria... o qual, depois de ter dado á estampa outra excellente obra dos Elementos de Euclides, expostos na lingua portugueza, continua em querer publicar esta igualmente proveitosa... Na presente obra acharão em que se instruir igualmente os principiantes que os projectos, huns em perceptíveis e claros rudimentos, outros em scientificas proposições e no douto e engenhoso methodo de as tractar..." (1).

Com a mathematica unia o P. IGNACIO MONTEIRO as sciencias physicas, em que foi eminente. A obra que publicou sobre este assumpto, plancada e começada a compor em Portugal, e concluida no desterro de Italia, honra devêras o nome do auctor. São oito volumes, em que num latim fluente vac desenvolvendo com muita erudição, miudeza e tino scientifico, sem a simpleza de antigas explicações, todos os tratados das sciencias naturaes. Nesta obra "se manifesta, escreve a penna insuspeita de Garção Stockler, que o P. Ignacio Monteiro tinha não sómente uma instrucção mui vasta, mas que não desconhecia nada do que até o seu tempo se havia escripto de melhor sobre todas estas importantes mate-

(1) Campos, *Trigonometria*... (Lisboa, 1737) no principio.

rias, as quaes tractou, se não profundamente, ao menos com bastante clareza, descripção e ordem" (1).

Como a Ignacio Monteiro, couberam tambem as agruras do desterro ao P. EUSEBIO DA VEIGA, a quem a distancia e ingratidão da patria não esfriaram o desejo de a illustrar em terras estranhas, onde se finou na idade avançada de 81 annos em 1798. Fôra no Collegio de S. Antão professor de mathematica e philosophia; em Italia depois de 1773 nomearam-no Reitor do Hospicio de S. Antonio dos portuguezes em Roma, e o Duque de Sermoneta e S. Marcos confiou-lhe a direcção do observatorio que fundara. As obras que estampou, e observações que fez, mostram que era homem de talento mais que vulgar. A elle é devedor Portugal, observa o Sr. R. Guimarães, das primeiras *Ephemerides* regulares e methodicas, coordenadas de modo que não cederam em exactidão ás que na Europa eram tidas por mais perfectas, isto é, ás apresentadas pela Academia das Sciencias de Paris e ás de Bolonha (2). E' muito estimada a sua *Trigonometria Espherica*, exposta com methodo novo e mais facil, e particularmente o *Planetario Lusitano* para uso da nautica e astronomia em Portugal e suas conquistas (3).

(1) *Ensaio Historico sobre a origem e progressos das Mathematicas em Portugal* (Paris, 1819), pag. 161. — No volume que estada a geographia physica tem paginas curiosas sobre os descobrimentos dos portuguezes e uma exposição interessantissima dos phenomenos observados pelo auctor no terremoto de 1755. Os terremotos explica-os pela theoria dos phenomenos electricos. Toda a obra se intitula: *Philosophia Libera seu Eclectica Rationalis et Mechanica sensuum ad studiosae juventutis institutionem accommodata*.

(2) R. Guimarães, *ob. cit.*, pag. 35; *Gloria Posthuma Soc. Jesu* (Romae, 1814), pag. 23; *Sommervogel*, VIII, 531.

(3) João Chevalier, oratoriano, ao dar o parecer desta obra,

Com o P. Veiga podemos unir, como desterrados depois, e antes companheiros nas lides scientificas, os Padres DINÍS FRANCO, professor de mathematica na Universidade de Evora, BERNARDO D'OLIVEIRA, professor da mesma faculdade em Coimbra, e JOSÉ TEIXEIRA, socio do P. Veiga no observatorio de S. Antão (1).

Alcançou mais fama entre nós e em Italia o P. ESTEVÃO CABRAL, que, na phrase de Latino Coelho, prestou "eminentes serviços á illustração de Portugal" (2). Foi desterrado em 1759 e no estrangeiro deu felicissimamente largas á sua inclinação para as sciencias. "Paciente em investigar, diz Rodrigues Gusmão, prompto em comprehender, feliz em reter, lograra ainda o nosso desterrado as vantagens de rara clareza de ideias, grande concisão, facil e natural maneira de exprimir-se. Fôra pela posse destes dotes obrigado a exercer o magisterio no famoso Collegio Romano, continuando-o a

escreve que é «toda ordenada para augmento das sciencias... e gloria da Nação portugueza» e que o auctor acerescentou nesta edição de 1758 «muitos, novos e utilissimos problemas que... facilitam muito o conhecimento da astronomia e nautica». O mesmo critico pôde, sem os encarecimentos exaggerados dos censores daquella epoca, chamar ao P. Veiga «doutissimo e eruditissimo». Cf. *Planetario Lusitano*, (Lisboa, 1758) no principio. No prologo desta obra diz o P. Veiga, que no terremoto de 1755 padecceu ruina o collegio de S. Antão e com elle a *Espectula* ou observatorio.

(1) Cf. Veiga, *Planetario Lusitano* (Lisboa, 1758); Sommervogel, VIII, 531—O P. Dinís Franco ainda vivia na cidade de Urbânia no mês de Agosto de 1773, depois voltou a Portugal. Bernardo d'Oliveira falleceu em Bagnacavallo no anno de 1796, e José Teixeira em Pesaro no anno de 1799.

(2) *Hist. Politica e Militar*, T. I, pag. 304.

instancias do sabio Pontifice Clemente 14, ainda depois da extincção da Sociedade" (1).

Em Roma dispôs em melhor ordem o Museu Kircheriano; inventou uma machina para determinar a quantidade e rapidez das aguas correntes e um syphão para tirar agua e elevá-la a grandes alturas. Seus conhecimentos de hydrostatica o fizeram chamar a Lisboa e eleger membro da Academia Real das Sciencias. "Foi sem duvida o encanamento do Mondego, diz o citado biographo, a obra mais importante que em Portugal dirigiu o Sr. P. Estevam" (2). Apregoam-lhe o talento as obras que publicou em Italia e as memorias e opusculos que lhe imprimiu em Lisboa a Academia Real das Sciencias. Cito particularmente os *Elementa Geometriae Planæ ac solidæ* e o livro que deu occasião a que fosse convidado para Portugal por D. Maria I, e que elle intitidou: *Ricerche istoriche, fisiche ed idrostatiche sopra la caduta del Velino nella Nera colla dichiarazione di un nuovo metodo per determinar la velocità e la quantità delle Acque correnti ed altro nuovo metodo di elevare le acque nei sifoni a grande altezza...* Roma, 1786 (3).

Companheiro do P. Estevão na mencionada Aca-

(1) *Memoria da Vida e escriptos de Estevão Dias Cabral*, (Coimbra, 1855) pag. 10 e segg.

(2) *Ob. cit.*, pag. 14 segg.

(3) O P. Cabral nasceu em Tinalhas em 1734, aos 14 annos estudava no Collegio das Artes em Coimbra e em 1750 entrava na Companhia de Jesus. Tendo sido desterrado em 1759, voltou a Portugal em 1788 e falleceu de morte repentina em S. Vicente da Beira no anno de 1811. Cf. *Mss. Soc. Jesu, Lus.* 49, f. 152. Rodrigues Gusmão, *ob. cit.*, l. c.

demia de Lisboa, foi o P. JOÃO LOUREIRO, botânico benemerito da sciencia: Durante 36 annos trabalhou como missionario na Cochinchina, em cuja côrte teve a honra de ser pelo rei nomeado Presidente das Physicas e Mathematicas. Voltando a Portugal fez viagem pela China e por Moçambique proseguindo em toda a parte os estudos botânicos. Na Europa foi muito estimado pelos doutos e escolhido para membro da Sociedade Real de Londres e da Academia Real das Sciencias de Lisboa, cujas sessões illustrou com suas memorias scientificas. A obra que lhe deu nome duradouro foi a *Flora Cochinchinensis* que elle offereceu aos socios da Academia R. das Sciencias e esta aggregração mandou publicar. É obra preciosa em dois volumes nos quaes Loureiro condensou as suas laboriosas e demoradas investigações nos paizes de além-mar (1).

Outros trabalhos publicou ainda o esclarecido bo-

(1) Este douto trabalho é fructo da sciencia mas particularmente do zelo religioso do P. Loureiro. As leis do reino da Cochinchina não consentiam que nenhum europeu se demorasse por aquellas terras. Que faria o ardente missionario? Lançou mão de armas pacificas para quebrar a dureza dos decretos reaes. A prudencia, a constancia e a caridade, como elle proprio declara, lhas subministraram efficacissimas. A prudencia ensinou-o a contemporizar abafando os impetus do zelo e a dar mostra de suas sciencias physicas e mathematicas, as que mais prendem aquellas nações orientaes; a constancia paciente alentou-o a soffrer os muitos descommodos que martyrizam quem vive como desterrado em paizes estrangeiros; e a caridade habilitou-o para medico desinteressado que distribuia gratuitamente a fieis e pagãos remedios corporaes. Com estes insinuava prudentemente os da alma. Mas escasseavam-lhe medicinas; para as ter deu-se aturadamente ao estudo das plantas daquellas regiões. Deste empenho saiu a sua obra botanica. Cf. *Flora Cochinchinensis* (Berolini, 1793) no prologo: *Candido ac rei herbariae studioso lectori*.

tanico nas Memorias da Academia das Sciencias e muitos se ficaram a enriquecer os archivos da mesma Academia, como disse Bernardino Antonio Gomes no *Elogio* que em 1865 fez do P. Loureiro. "...As provas do vasto conhecimento que alcançou da lingua annamita ou do cochinchinês, não abundam menos. Possue-as a Academia nos seus archivos. Alem de muitos papeis avulsos escriptos naquelle idioma e encontrados entre os de Loureiro, ha livros inteiros desta composição: doze volumes no formato de oitavo-grande, escriptos em papel e caracteres chinezes que supomos conterem os annaes e historia annamita; dois volumes com desenhos feitos á penna, representando mineraes, plantas, e animaes e que, se não teem a maior perfeição para desejar nestes objectos, dão ideia delles, trabalho que mostra ser fructo dos primeiros estudos feitos por Loureiro sobre a historia natural do paiz, onde por mais tempo residu na Asia. Ha ainda dois volumosos maços contendo 15 folhetos em optimo e bem conservado papel chinez com trezentas e noventa e sete estampas coloridas, descriptivas de plantas e tendo os nomes triviaes e latinos das especies. É a flora iconographica da Cochinchina, escrita na lingua do paiz e que suppõe um estudo neste ramo da sua historia natural a que de modo já mais adeantado havia chegado o padre Loureiro; estudo que elle foi ainda aperfeiçoando depois, e que afinal dominou toda a sua attenção" (1).

(1) Cf. *Memorias da Academia R. das Sciencias, Nova Serie*, T. IV, P. I, pag. 7. — O P. Loureiro navegou para o oriente em 1735; em 1779 deixou a Cochinchina e falleceu pobre em Lisboa no anno de 1791. Cf. *Flora Cochinchinensis*... Joannis de Loureiro (Berolini,

E' ocasião de recordar mais um naturalista, P. FRANCISCO FARIA E ARAGÃO, que ao tempo da expulsão dos Jesuitas para Italia era professor de theologia no pequeno Collegio da Lapa na diocese de Lamego. Não sei por que motivo partiu para a Allemanha, onde foi mestre dos principes de uma casa reinante, mas em 1783 voltou a Portugal, trazendo para seu estudo um gabinete de physica. Deu-se tambem a formar um jardim, na maior parte de plantas exóticas, e mandou construir uma casa de madeira envidraçada para nella recolher enxames de abelhas e lhes estudar através dos vidros os costumes. Publicou um *Tratado historico e physico das abelhas*, um *Breve Compendio ou tratado sobre a electricidade* e a *Horographia ou Gnomonica Portugueza... theoria e practica de fazer relogios solares* (1).

Não terminemos esta serie de mathematicos e naturalistas sem mencionar alguns que tambem no seculo XVIII illustraram o nome português no imperio da China. Em 1750 entrava nesta missão para nella trabalhar até o anno de 1696, em que falleceu, o P. ANDRÉ RODRIGUES, que desempenhou na côrte de Pequim o cargo de terceiro Presidente do Tribunal das Mathematicas (2).

Pouco depois, em 1805, fallecia seu grande amigo e companheiro de trabalhos o P. JOSÉ BERNARDO DE AL-

1793), prologo; Bernardino Gomes, *Elogio*, ob. cit.; *Broteria*, Vol. v, 1906, pag. 98 segg.

(1) Falleceu em Lisboa em 1806. Cf. Innocencio da Silva, *Dicc. Bibl.*, ix, 287; Portugal, *Dicc. Hist.*, i, 632.

(2) Cf. Murr, *Journal zur Kunstgeschichte*, vii, 264; Sommervogel, vi, 1964.

MEIDA que aportara á China em 1759. Foi astrónomo da côrte e assessor do Tribunal astronomico. Os Padres Almeida e Luís Poirot, francêses, foram os ultimos Jesuitas que na côrte de Pequim gozaram esta distincção (1).

Com estes alcançaram merecido renome de mathematicos e astrónomos os Padres JOSÉ DE ESPINHA, ANDRÉ PEREIRA e FELIX DA ROCHA, aos quaes o Imperador chinês confiou successivamente o cargo de Presidentes do Tribunal das Mathematicas. Dos dois ultimos escreverei mais pormenores no paragrapho seguinte (2).

Em Portugal ainda outros Jesuitas se especializaram nestes estudos durante o seculo XVIII. Quase só me limito a apontar-lhes os nomes, pois não encontro noticias mais particularizadas. P. JOÃO MENDES que entrara na Companhia em 1694; P. ANTONIO SIMÕES, fallecido em 1723, durante 6 annos director do observatorio de S. Antão e louvado como philosopho e mathematico na Academia Real de Historia pelo Dr. Philippe Maciel que lhe teceu o elogio funebre; P. IGNACIO MARTINS, tambem professor de grego e hebreu em Coimbra, onde falleceu em 1738, e os cinco Padres fallecidos no desterro de Italia: FRANCISCO GILÃO (m. 1761), THOMÉ DE CAMPOS (m. 1766), FRANCISCO RIBEIRO (m. 1766),

(1) O snr. R. Guimarães, ob. cit., appendice II, pag. 9, escreve do P. Almeida: «Ce fut un remarquable mathématicien très estimé à Pequim». Cf. Conde de Arnoso, *Jornadas pelo Mundo*, pag. 241.

(2) Cf. Guilhermy, *Ménologe de Portugal*, II, pag. 494; Schmitt, *Synopsis Historiae S. J.* (Ratisbonae, 1914) col. 369. O P. Espinha, natural de Lamego, fez-se Jesuita em 1739, entrou na China em 1751 e falleceu em Pequim no anno de 1788. Cf. Mss. Soc. Jesu, *Jap. Sin.* 134, f. 439, 446; Maynard, *Des Études et de l'Enseignement des Jésuites à l'époque de leur suppression* (Paris, 1853) pag. 189-190.

ANTONIO MONTEIRO (m. 1773), e SEBASTIÃO DE ABREU (m. 1792) (1).

Em remate mencionarei o traçado de alguns mappas que demonstram nos seus auctores conhecimentos especiaes de mathematica. O P. DIOGO SOARES desenhou no Brasil a *Carta Geographica do Rio da Prata*. O P. MANUEL DE CAMPOS debuxou a Carta Universal de Portugal e suas conquistas, especialmente espirituaes, que em Roma lhe pediram. Deu-lhe o tamanho de uma folha de papel imperial e estendeu-a por 180 graus a começar da linha de divisão de Alexandre VI até o Japão. Os Padres FELIX DA ROCHA e JOSÉ DE ESPINHA levantaram os mappas dos paizes dos Turgotes e Eleuthes até quase ao mar Caspio. O P. FRANCISCO CARDOSO traçou, com outros missionarios da Companhia, varios mappas das regiões da China, os quaes foram incluídos no grande Atlas publicado em Pequim no anno de 1718 (2).

§ 10

Nas Academias Scientificas

A distincção no merito literario ou scientifico abre naturalmente a porta para os gremios de homens doutos; e o leitor chegado ao termo deste capitulo, em que

(1) Cf. Mss. Soc. Jesu, *Ius.* 47, f. 122; *Ius.* 49, f. 23, 24, 51; Appendice ao *Catal. Prov. Lus.* 1902, n.^{os} 3, 109, 239, 360, 474.

(2) O P. Cardoso entrou na China em 1710 e falleceu em Pequim no anno de 1723. Viveu trinta annos na Companhia. Cf. *Sommervogel*, II, 742; Conde de Arnoso, *Jornadas pelo Mundo* (Porto 1916) pag. 230, 243.

deante de seus olhos passaram tantos nomes de Jesuitas distinctos nos variados ramos das letras e sciencias, desejará saber se houve algum membro da Companhia de Jesus que tenha logrado aquella honra. Dêmos satisfação a esta curiosidade. Mas para não nos mettermos no labyrintho das Academias que pullularam no seculo XVII, muitas dellas inglorias, limitemo-nos á Academia Real de Historia, fundada a oito de Dezembro de 1720, e á Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Desta foram socios que muito a honraram, segundo já notei, os Padres ESTEVÃO CABRAL e JOÃO LOUREIRO. Não é para extranhar que seja tão diminuto o numero de socios Jesuitas, porquanto, ao tempo da fundação da Academia em 1779, tinha já sido expulsa do reino e supprimida a Companhia de Jesus e apenas sobreviviam algumas reliquias da grande catastrophe em que ella sossobrara em Portugal.

Na Academia Real de Historia entraram logo do principio dez Jesuitas, seis como socios effectivos, cujo numero se fixara em cincoenta, e quatro como supranumerarios. Foram effectivos os Padres ANDRÉ DE BARROS, ANTONIO SIMÕES, BARTHOLOMEU DE VASCONCELLOS, JERONYMO DE CASTILHO, MANUEL DE CAMPOS e PEDRO DE ALMEIDA, e supranumerarios os Padres ANGELO DOS REIS, FRANCISCO MARIA DEL ROSSO, LUÍS DE CARVALHO e MANUEL DE SÁ.

O P. ANDRÉ DE BARROS além de varios estudos que leu nas sessões da Academia, como a vida de um dos bispos do Algarve, publicou as *Vozes Saudosas da Eloquencia... do P. Antonio Vieira*, e a *Vida* do mesmo orador portugêes.

O P. ANTONIO SIMÕES recitou na sessão de um de Abril de 1721 um extracto da sua historia da diocese de

Evora, mas a morte cortou-lhe logo em 1723 a continuação dos labores academicos.

O P. BARTHOLOMEU DE VASCONCELLOS foi professor de literatura e sciencias nos collegios de Evora e Coimbra, e de theologia no seminario de S. Patricio em Lisboa. Entre outros trabalhos que apresentou á Academia, leu a vida de um dos bispos de Miranda escripta em latim. Terminou seus dias em 1751.

O P. JERONYMO DE CASTILHO falleceu em 1730 sem ter escripto, ao que me consta, a historia do bispado do Porto que a Academia lhe encarregara. Ensinou rhetorica, philosophia e theologia.

O P. MANUEL DE CAMPOS desde 1720 que saíra de Portugal para Roma e Madrid, donde a seu tempo enviava para a Academia a relação de seus estudos. Uma vez deu-lhe noticia da Carta de Portugal e suas conquistas, que mencionei no paragrapho anterior, e propôs o plano de uma obra em quatro livros, intitulada *Carta Geographica da antiga Lusitania*; mas em seguida entregou-se á composição de suas obras mathematicas. Ainda vivia em 1755 e fôra confessor do infante D. Antonio (1).

O P. PEDRO DE ALMEIDA, theologo e latinista exímio, ensinou literatura e moral e falleceu a 8 de Dezembro de 1731. Escusou-se modestamente de todos os exercicios academicos, segundo disse o marquês de Valença no elogio funebre que lhe fez na sessão da Academia realizada a tres de Janeiro de 1732.

O P. ANGELO DOS REIS, brasileiro, entrou na Academia em 1722 e morreu logo no anno seguinte.

(1) Cf. Appendice ao *Catal. Prov. Lus.*, 1909, pag. II, II, LXXII.

O P. FRANCISCO DEL ROSSO era italiano e missionario da India. Em 1728 foi eleito academico, mas pouco tempo depois levantou ferro do Oriente para a Europa e foi morrer na cidade de Roma em 1734. Em Goa fôra mestre de rhetorica e acreditou-se de bom latinista, como provam tambem as cartas que da India escreveu ao secretario da Academia e a traducção que publicou da Vida de D. João de Castro, composta por Jacintho Freire de Andrade.

O P. MANUEL DE SÁ, Patriarcha eleito de Ethiopia, trasmontano, trabalhou no Oriente como missionario durante 48 annos. Foi um dos grandes homens que teve a India naquelles tempos; pela sua vasta erudição em theologia, direito canonico e civil, era consultado como oraculo. Da India remetteu á Academia varias relações, como a *Relação da Expedição do Vice-rei Francisco José Sampayo contra o Angariâ*, e a *Historia do cerco de Mombaça em 1723*; e em Lisboa entregou mais o ms. *Ultima Asia, Imperio da China, repartido em duas noticias e doze excellencias*. Falleceu no Collegio de S. Antão em 1728, poucos meses depois de entrar pela barra de Lisboa. D. Manuel Caetano de Sousa, theatino, recitou-lhe o elogio funebre na Academia, e o P. Francisco del Rosso, escrevendo da India ao Marquês de Alegrete, exprime numa phrase da carta a rara estima de que Manuel de Sá gozava no Oriente: "Eum vero [Patrem M. de Sá] (quam praeclarum hominem, Deus bone!) cum inopina mors maximo litterariae reipublicae incommodo ante sustulisset quam indica navis Olyssiponem appelleret..." (1)

(1) Cuidava o P. del Rosso que Manuel de Sá tinha morrido durante a viagem para Portugal. Sobre os socios da Academia Real

Não podemos citar obras de maior fôlego compostas e estampadas pelos Academicos Jesuitas? Mas, apesar de ter fallecido a maior parte delles pouco tempo depois da admissão na Academia, e outros, como o P. Campos, terem tomado occupaões que os divertiam para trabalhos de outro genero, contudo iam fazendo suas investigações e promovendo, segundo suas posses, os estudos da historia, como se infere das obras e memorias que recordámos (1).

Não só porém nos catalogos das Academias de Portugal se lêem nomes illustres de Jesuitas Portuguezes; também nos annaes da famosa Academia de sciencias de S. Petersburgo os vamos encontrar como correspondentes. De feito, pouco depois da fundação desta

de Historia e noticias respectivas veja-se a *Collecção dos Documentos... da Academia R. de Historia...* (Lisboa, 1721-1376), Sommervogel, *Bibliothèque...* nos nomes mencionados. Do P. Luis de Carvalho não encontrei noticias particularizadas.

(1) É superfluo tocar na accusação que aos Jesuitas lançaram de terem estorvado propositadamente o progresso da Academia. É logar commun batido e rebatido por demais. Cito apenas o que escreveu Rebello da Silva: «Imputou-se-lhe [à Companhia de Jesus] a inercia que tinha paralyzado a Academia, porque naquelle tempo era moda imputar-se-lhe tudo quanto fosse desgraça ou atrazo, até a chuva, as inundações e os terremotos». E mais abaixo: «O grande crime assacado aos sete academicos Jesuitas, nomeados logo depois da fundação, foi o de nunca darem á estampa nenhuma obra, attribuindo-se-lhes o pensamento reservado de moderarem com as suas reservas mentaes e artificiaes o vigoroso impulso promettido á nova sociedade. Isto equivale a repetir sem motivo a mesma recriminação, que o Marquez de Pombal mandára apregoar nas paginas da *Dedução Chronologica*, no libello famoso das suas iras contra a Companhia». *Arcadia Portugueza*, vol. III, pag. 68, 70.

Corporação scientifica (1), os socios travaram relações com os Jesuitas francezes e portuguezes de Pequim para se aproveitarem dos conhecimentos e trabalhos daquelles missionarios sobre literatura chinesa e astronomia; e estas esperanças não só lhes não foram illudidas, mas antes plenamente realizadas com satisfação tão cabal da Academia, que o presidente Korffal se julgou obrigado a escrever e testemunhar ao P. Geral da Companhia de Jesus, Francisco Retz, o agradecimento dos socios pelo entusiasmo e competencia, com que os Padres de Pequim corresponderam ao convite de S. Petersburgo (2).

(1) A Academia foi fundada por Pedro o Grande em 1725, e em 1727 já tinha encetado correspondencia com os Jesuitas de Pequim:

(2) Carta de Korffal ao P. Geral Retz, datada de Fevereiro de 1738: «Romam. Admodum Reverendo Patri P. Francisco Retz S. J. Praeposito Generali. Cum ante annos tres et quod excurrit, curam mihi regendae Academiae Petropolitanae Anna Augusta deferret, ego vero Academicos quosdam instituendi cum Patribus S. J. qui Pekini degunt, commercii, quod partim ad Sinicam litteraturam partim ad astrorum scientiam pertineret, cupidus animadvertissem, tantum abest ut generosum hunc ardorem restinguendum crederem, ut potius omni opera atque consilio adjuvarem; quae res et si mirabili favore atque humanitate Patrum Pekinensium tam feliciter cessit ut tum alias tum nuperrime praesertim desiderii nostris cumulatisime ab illis satisfactum sit, tamen serius, id est pridie demum, intellexi, cui hoc beneficium imprimis deberemus; quam ob rem non solum sine mora gratum Tibi animum adversus tuam in Academicos nostros benevolentiam testor, sed Augustam ipsam quam primum potero, de tua erga nos propensa voluntate faciam certiorum. Isti vero quando immortales Tibi gratias habent, nihil mecum magis exoptant quam ut aliquam de Te vel amicis Tuis bene merendi occasionem nanciscantur. Vale». — Uma das personagens que de S. Petersburgo mantiveram activa correspondencia com os Jesuitas de Pequim, foi o nosso afamado medico Antonio Nunes Ribeiro Sanches que por esse

Os Padres da missão portuguesa, cujos nomes se nos deparam na correspondência com a Academia, são ANDRÉ PEREIRA, DOMINGOS PINHEIRO, FELIX DA ROCHA e FLORIANO BAHR.

O P. ANDRÉ PEREIRA, natural do Porto (1), entrou na Companhia no anno de 1707, arribou á China em 1716 e falleceu em Pequim em 1743. A fama de homem sabio ganhou-lhe a estima e affeição de muitos mandarins e membros da familia imperial, e os seus funeraes, mandados celebrar por ordem do Imperador, foram um triumpho para a fé christã. Toda a cidade acudiu a contemplar o cortejo majestoso. Distinguiu-se na sciencia astronomica. Em 1736 respondeu á Academia em nome dos portuguezes a agradecer-lhe a carta que a mesma Academia lhes escrevêra, as obras com que os presenteara, e o convite que todo aquelle gremio scientifico de *commum accordo*—*unanimi statuto*—lhes fazia para continuarem a correspondência. Era então Reitor do Collegio (2).

tempo vivia na cõrte do Czar e era socio correspondente da Academia de S. Petersburgo. Cf. Feller, *Biographie Universelle*, (Paris, 1847), s. v. Sanches.

(1) Sommervogel, vi, 492, nota que, segundo carta do P. Gaubil, missionario francês em Pequim, o P. Pereira «serait anglais, son veritable nom serait Jackson et il aurait été élevé à Porto». Mas os catalogos contemporaneos dão-lhe nacionalidade portuguesa e naturalidade do Porto. Cf. Mss. Soc. Jesu, *Jap. Sin.* 134, f. 435.

(2) O titulo da carta era como segue: «Imperiali Scientiarum Academiae Petropolitanae, Excellentissimo atque Illustrissimo D.^{no} D.^{no} Praesidi nec non Clar.^{mis} atque Erudit.^{mis} D. D.^{nis} Sodalibus universis Collegium Australe Patrum S. J. Pekini», e a assignatura a seguinte: «Andreas Pereyra Rector Collegii». Os portuguezes tinham em Pequim um Collegio, chamado Austral, e a Resi-

Em 1737 remetteu á Academia 82 volumes de Astronomia além de mappas das estrellas; e em 1742 mandou as observações que fez sobre o cometa que alli fôra visivel pelo espaço de um mês, e mais um mappa, impresso e gravado por um irmão da Companhia, e em que se marcava o curso do cometa.

O P. DOMINGOS PINHEIRO tinha sido em Evora professor de rhetorica do Infante D. José, irmão de D. João V e futuro arcebispo de Braga, e lente de mathematica. Em 1725 navegou para a China indo morrer a Pequim no anno de 1748. Em 1737 enviou á Academia 64 volumes de obras chinas, entre ellas um dictionario.

O P. FELIX DA ROCHA entrou na China em 1738 e falleceu no anno de 1781. Em 1753 escreveu á Academia com todos os Jesuitas portuguezes e enviou 64 volumes dos seus trabalhos scientificos.

O P. FLORIANO BAHR, allemão, sendo reitor do Collegio portuguez em Pequim, enviou tambem em 1755 e 1757 para S. Petersburgo numerosos volumes sobre historia e chorographia das Provincias da China e sobre Astronomia. Falleceu em 1771 tendo collaborado com os outros missionarios no grande dictionario chinês-latino-francês-português-allemão, que ficou em manuscripto (1).

dencia de S. José com dois observatorios um em cada casa, e os francezes Residencia e Observatorio. Cf. Maynard, *Des Études et de l'enseignement des Jésuites à l'époque de leur suppression* (Paris, 1853), pag. 259.

(1) Cf. Arch. da Academia das Sciencias, Russia, n.º 1, 20, 21; Mss. Soc. Jesu., *Jap. Sin.* 134, Catal. de 1741, 1754; Sommervogel, *Bibliothèque*, nos nomes apontados. Boa parte destas noticias sobre os missionarios de Pequim foram-me obsequiosamente communicadas com os documentos manuscriptos pelo R. P. Gaillard que os

*
* *
*

Mas é tempo de concluirmos esta longa revista. Fieis ao nosso plano apontámos factos de literatura e de sciencia; passaram deante de nossos olhos nomes de homens que sobresaíram com mais ou menos brilho, e obras em grande numero, todas de algum merecimento, muitas de valor mais que ordinario e não poucas recebidas como classicas nos differentes ramos do saber. São fructos da educação intellectual, havida segundo o systema da Companhia de Jesus. Sobre elles forme o leitor o seu juizo imparcial. Eu tenho para mim que elles peroraram em favor dos Jesuitas com a eloquencia irresistivel dos factos, e termino com uma pergunta singela: Serão estes os homens decididos a entrar o progresso das sciencias em Portugal, como escrevem tantas pennas cujo movel deviam ser unicamente os impulsos da verdade?

Mas vejamos mais de proposito se os Jesuitas de além-mar por sua parte empêceram ou facilitaram o adeantamento das sciencias e das letras.

examinou pessoalmente em S. Petersburgo. Agradeço ao paciente investigador a generosa fineza.

CAPITULO III

Além-Mar: Sciencias e Letras

Quando o missionario, ao som da peça de leva que troava na bahia formosa do Tejo, saudava Lisboa com o adeus ultimo da despedida, não lhe consolavam a saudade esperanças terrenas que lhe sorrissem de além do mar. Só uma ideia de sublime sacrificio o abalançava á empresa laboriosa a que se mettia. A propagação do reino de Deus naquellas regiões afastadas e a conversão de tantos milhares de irmãos infelizes que elle podia tornar ditosos, era o seu unico anhelos e recompensa de sua dedicação.

Pelos esforços empregados para realizar este ideal que devia absorver a sua actividade, é que havemos de avaliar a obra grandiosa do missionario catholico. Tudo o mais é secundario para o seu desejo. A propria sciencia não lhe levava os olhos por si mesma. O missionario não é, como tal, membro nem enviado de uma sociedade scientifica; a sua missão paira numa região mais sublime. Estimava e promovia as sciencias, mas, precisamente como apostolo, não via nellas mais merecimento que o de um meio capaz de o ajudar na realização da sua empresa. "Para estes homens, escreveu George

Staunton, conservavam sempre a sciencia e a literatura o character de subordinação; a seus olhos ficavam ellas em muita distancia defronte da causa santa em que todos andavam unidos, pela qual combatiam e á qual tudo encaminhavam" (1). Não obstante a verdade desta afirmação, devemos admittir que foi pasmosa a actividade scientifica dos missionarios, e particularmente dos Jesuitas portuguezes, de que nos occupamos agora. Delles podiamos dizer o que de si cantou o nosso Camões, que traziam

"Numa mão sempre a espada e noutra a penna" (2).

Com a espada da fé dilatavam pacificamente o reino de Deus e com a penna adeantavam o progresso das sciencias.

Os missionarios que mais abundantes fructos recolheram, escrevia M. Müller, foram precisamente aquelles de cujo nome conservaram agradecida lembrança não só os indigenas, entre os quaes trabalharam, mas tambem os sabios da Europa. É assim, diz o mesmo douto philologo de Oxford, que a obra dos missionarios Jesuitas na India e na China ha de sobreviver não menos nos annaes das nossas Academias do que nas historias das missões (3).

Até Pinheiro Chagas, cuja antipathia para com os Jesuitas lhe falseia a cada passo o criterio historico, se

(1) *Quarterly Review*, May 1810, pag. 285, cit. por J. Dahlman *Die Sprachkunde und die Missionen* (Freiburg, 1891) pag. 25.

(2) *Lusiadas*, C. VII, Est. 79.

(3) M. Müller, *Essays* ... Vol. I, (Leipzig, 1869), pag. 264 e segg.

deixou extasiar perante a grandeza da obra scientifica e civilizadora da Companhia de Jesus. "Pasma realmente o leitor moderno da extraordinaria audacia, da ardente actividade desses missionarios Jesuitas que por toda a parte devassam o Oriente, estudam, investigam e pregam, fundam igrejas, conventos, collegios, seminarios, aprendem as linguas e os dialectos desses remotos paizes e são os primeiros que os ensinam á Europa" (1). De feito, as narrações e cartas annuas daquelles missionarios de além-mar eram esperadas e recebidas no velho continente como agora o são as Gazetas de noticias e as Revistas scientificas. A historia, a geographia, a ethnologia e o estudo das linguas comparadas devem ao trabalho persistente e á penna erudita desses apostolos thesoiros admiraveis de sciencia.

§ 1

Explorações e noticias

Sobre a India, por onde os Jesuitas portuguezes encetaram a sua obra, sobre o reino do Mogol, do Tibet, de Siam, de Annam e da Cochinchina deram-nos aquelles sabios evangelizadores conhecimentos variados e riquissimos no tocante á historia dessas nações, á geographia das terras e aos costumes pinturescos de seus habitantes.

Nem faltaram exploradores aventureiros, que se arrojaram a viagens arriscadissimas com o fim desinteressado de descobrirem novos reinos e convertê-los á fé

(1) *Historia de Portugal*, vol. IV, (Lisboa, 1900) pag. 122.

christã. Um dos mais nobremente atrevidos foi BENTO DE GOES, açoreano, da ilha de S. Miguel, o famoso explorador da Asia central. Escolhido pelo Visitador P. Nicolau Pimenta, por saber a lingua persa, disfarça-se em mercador armenio (1), junta-se a uma caravana de moiros, põe-se a caminho partindo de Agra, cidade do Mogol, a 29 de outubro de 1602, e através de perigos e trabalhos indescritíveis penetra no Celeste Imperio, onde tirou a conclusão acertada de que o celebre Gram-Cataio de Marco Polo não era finalmente senão a China. Da cidade de Succo, onde chegara, deu parte de sua vinda ao P. Matheus Ricci e lhe rogava mandasse alguém que o libertasse das perfidias dos mouros. Apressou-se o grande missionario a socorrê-lo, enviando-lhe um jovem chinês, que infelizmente encontrou o benemerito explorador já quase nos transe da agonia. Ao receber a carta de Ricci beijou-a commovido, entoou o *Nunc dimittis servum tuum, Domine*, dando graças a Deus por ter tocado o termo de sua viagem e a meta de seus desejos. Expirou a 10 de Abril de 1607, no quinto anno de sua peregrinação (2).

(1) O P. Sebastião Gonçalves na carta annua de 1609 assim descreve o disfarce de Goes: « Armeni habitu cum arcu et pharetra promissis capillis et barba... mentito nomine Abedula vocabatur, quod sonat *servus Dei* ». Mss. Soc. Jesu, Goa, 33, f. 296.

(2) Pormenorizada relação desta viagem fê-la o P. Matheus Ricci nos seus *Commentarios*, aproveitando-se dos papeis de Bento de Goes e das noticias de um christão armenio de nome Isaac, que o acompanhara. Que o Cataio se identificava com a China e que ambas as terras não eram mais que uma e a mesma com diferentes nomes, já o P. Ricci desde 1595 o suspeitara e depois estabelecera com segurança. Os Persas de facto davam á China o nome de Cataio. Cf. P. Pietro Tachi Venturi S. J., *Opere storiche del P. Matteo Ricci*,

É não menos conhecido no mundo scientifico o P. ANTONIO DE ANDRADE, o descobridor do reino do

vol. I, *I Commentarij della Cina*, pag. 526 segg., vol. II, *Lettere*, pag. 330, 337, 346-353, 355-357.

Bento de Goes passou de Portugal á India, seguiu a carreira das armas e levou quando soldado uma vida menos ajustada com as normas da lei christã; mas arrependido e emendado entrou na Companhia de Jesus; trabalhou na missão do Mogol ou Mogor, onde pelas muitas prendas que o adornavam, ganhou a estima de todos e particularmente a amizade do Rei Akbar. Era robusto de corpo, dotado de vivo engenho e de animo alentado. Entrou na Companhia nos primeiros meses de 1588 com 26 annos de idade. O catalogo contemporaneo manuscripto de 1584 tem que entrara no mês de fevereiro deste anno; mas os catalogos de 1588 e dos annos seguintes assignam-lhe, como anno de entrada, o de 1588. Concordaremos as duas noticias, se acceitamos que foi por duas vezes admittido na Ordem, não tendo perseverado a primeira vez por motivos que nos são desconhecidos. Consoante se lê no Assento do Baptismo, publicado no *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, vol. 27, pag. 257, Goes foi baptizado com o nome de Luis a 9 de Agosto de 1562. Cf. Mss. Soc. J., Goa, 24, I, f. 138, 175, 228; *De Christiana expeditione apud Sinas... auctore P. Nicolao Trigautio* (Lugduni, 1616), pag. 529-551; Sousa, *Oriente Conq.*, P. II, C. II, D. II, § 5. — Entre outros escreveram tambem sobre Goes e sua empresa Fernão Guerreiro S. J., *Relaçam Annual...* anno de 1603, fol. 62-64, e nos annos de 1606 e 1607, pag. 162; P. A. Semedo, *Imperio de la China* (Lisboa, 1731) pag. 178; F. Riehthofen, *China*, I, pag. 667 segg.; P. Jos. Brucker S. J., *Benoit Goes, missionnaire voyageur dans l'Asie centrale* (Lyon, 1878); Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal* (Lisboa, 1900) T. IV, pag. 103, onde erradamente supõe que B. de Goes era sacerdote; Deusdado, *Educadores Portuguezes*, pag. 188. Na occasião do terceiro centenario da morte do illustre explorador publicou a Sociedade de Geographia de Lisboa o folheto: « No centenario de Bento de Goes, 1607-1907 »; a *Revista Portuguesa colonial e maritima* artigos commemorativos, n.ºs de 20 de Abril e 20 de Maio de 1907; e o P. Manuel Ernesto Ferreira o « *Élogio historico de Bento de Goes proferido no dia 11 de Abril de 1907, tricentenario de sua morte...* ».

Tibet. Os Jesuitas da Índia e particularmente os do Mogol não estavam pela decisão de Goes e Ricci: de que não se diferenciavam o Cataio e a China senão pelos nomes. Tentaram por isso novo descobrimento em 1624 e metteu-se á empresa o P. Antonio de Andrade, que, depois de uma viagem trabalhosa por desertos e montanhas cobertas de neve, chegou á côrte do reino tibetano, que suppôs ser o do Gram-Cataio e assim o divulgou á Europa na sua Relação, traduzida logo em varias linguas (1). Depois do P. Andrade ainda outros Jesuitas se aventuraram á perigosa viagem do Tibet. Em 1628 o P. MANUEL DIAS com os Padres ESTEVAO CACELLA e JOÃO CABRAL tentaram novo caminho por via de Bengala, cuidando ser mais expediente que pelas serras de Siranagar, por onde havia entrado para a Tartaria o P. Antonio de Andrade; mas o P. Dias falleceu á força de trabalhos, antes do termo da viagem, no reino de Morange a 3 de Novembro de 1629, e o P. Cacella não muito depois em Uzangue a 6 de Março de 1630. O P. Cabral continuou a viagem, e em 1631 chegou ao

(1) O P. Andrade foi bem acolhido pelo Rei, que o deixou regressar á Índia com promessa de voltar a seu reino. Voltou com effeito; mas vendo o largo e esperançoso campo que se abria para o trabalho dos missionarios, fez segunda viagem até Goa a pedir companheiros que o ajudassem a cultivá-lo. Sendo porém nesse tempo nomeado Provincial, elle mesmo enviou ao Tibet Jesuitas que continuassem a obra por elle começada, mas poucos annos depois em 1634, morreu de veneno que lhe propinou mão vingativa em odio da justiça que o bom Padre defendia. Cf. *Imagem da V... Lisboa*, pag. 375 segg., onde Franco insere as duas cartas que o P. Andrade escreveu sobre a primeira e segunda viagem que fez ao Tibet. Da primeira viagem escreve tambem o P. M. da Veiga na sua *Relação Geral do estado da christandade de Ethiopia*, L. 3, fol. 103-124.

Tibet; mas depois de doenças mortaes teve que desamparar aquellas asperas regiões e voltou a trabalhar na Índia (1).

*

*

Para a China a cujas portas acabou a vida o grande Xavier com o pesar de não ter podido metter dentro a luz da fé e da civilização, também os Jesuitas dirigiram os enthusiasmos de seu ardor scientifico. "Em região nenhuma, escreve o Barão de Richthofen na sua obra classica sobre a China, se desempenharam os mis-

(1) Cf. Mss. Soc. J., Goa. 73, carta do P. Francisco de Azevedo de 1631.

Do P. Manuel Dias já escrevi no Cap. II do L. II, § 9.

O P. Estevão Cacella era natural de Avis e foi zeloso missionario da Índia. Escreveu e mandou ao P. Laercio, Provincial da Provincia de Cochim, uma Relação da primeira viagem que fizera ao Tibet com o P. Cabral partindo de Ugolim a 2 de Agosto de 1626. Datou-a do reino de Cambirasi e côrte do Rei a 4 de Outubro de 1627. O P. Jorge Cabral chegou á Índia em 1624; em 1626 foi enviado ao Tibet; voltou á Índia para emprender novamente a mesma viagem; missionou pela Índia, no Tibet, Japão, e Tonquim, e falleceu em Goa em 1669. Escreveu a *Relação da Viagem* que fez com o P. Dias. Esta relação ouviu-a ler em Coimbra o P. Fernão Queiroz que dá a noticia na Vida do Ir. Pedro de Basto, L. II, c. 22, pag. 222, onde accrescenta que o P. Cabral escapando do Tibet, «se veyo metter nos novos riscos do celebrado cerco de Ugulim para ser testemunha daquella lamentavel tragedia, como depois o foy da ruina de Malaca, homem mais celebre sempre pelas desgraças que pelas fortunas». Cf. F. Queirós, *Vida do Ir. Pedro de Basto*, l. c., Franco, *Imagem da V... Evora*, pag. 495; App. cat., Miss. Mad. an. 1912, pag. 32; App. cat. Miss. Mad. an. 1913, pag. 37.

sionarios mais amplamente destes encargos que ultrapassam a esphera peculiar da sua vocação; em nenhuma alargaram mais os horizontes, nem ganharam mais conquistas para a sciencia do que na China. Á frente de todas encontramos os Jesuitas do seculo XVII e XVIII, sem cuja actividade, tão vasta e profunda, a China, se exceptuarmos a costa, ainda hoje seria para nós uma *terra incognita*" (1).

Um dos que maior e mais bem merecido renome ganharam entre os homens de sciencia foi o P. MATHEUS RICCI, italiano Maceratense, a quem no quarto congresso dos Orientalistas celebrado em Florença saudaram com o appellido de primeiro Sinologo (2). Os *Commentarios* e *Cartas* que escreveu, são um monumento glorioso do seu talento e do seu genio investigador. A historia, a geographia e as sciencias naturaes tiraram destes seus escriptos conhecimentos novos e preciosissimos particularmente no seu tempo em que do celeste imperio apenas corriam no Occidente noticias vagas e envolvidas em muita sombra (3).

(1) Ferdinand von Richthofen, *China*, (Berlin, 1877), T. 1, pag. 653: «In keinem Lande nun haben die christlichen Missionäre diese über ihren Beruf hinausgehenden Ausgaben in grösserem Masse erfüllt, in keinem sich ein weiteres Gesichtsfeld geschaffen und der Wissenschaft grösseren Gewinn gebracht als in China. Vor allem sind es die Jesuiten des 17. und 18. Jahrhunderts, ohne deren umfassende und gründliche Thätigkeit China heute noch, mit Ausnahme der Küste, eine *terra incognita* sein würde».

(2) Cf. *Atti del IV Congresso internazionale degli Orientalisti*, II, pag. 273.

(3) Os *Commentarios* que Ricci deixara manuscriptos foram aproveitados e traduzidos do italiano a latim pelo P. Nicolau Tri-

Como Ricci tambem os seus companheiros ou successores se illustraram pela propria actividade literaria.

gault e publicados em Lyão de França no anno de 1616 com o titulo *De christiana expeditione apud Sinas suscepta ab Societate Jesu*; mas hoje temos uma edição magnifica em dois volumes das obras historicas de Ricci, prefaciadas com excellente prologo e enriquecidas de muito eruditas notas pelo R. P. Pietro Tacchi-Venturi S. J.. A obra que saiu a lume em Macerata para commemorar o terceiro centenario da morte de Ricci, leva o titulo *Opere storiche del P. Matteo Ricci S. J.*, contendo o primeiro volume os *Commentarios* e o segundo as *cartas*.—O P. Ricci entrou na Companhia em Roma no anno de 1571; de 1577 a 1578 estudava no Collegio de Coimbra á espera de monção para a India, e pouco antes de dar á vela para o Oriente foi á presenca de D. Sebastião, a quem o apresentou com outros missionarios italianos o P. Martinho da Silva procurador da India, observando-lhe que quantos trouxera de Italia, todos se distinguiam pelo lustre do sangue e nobreza. Eram elles, alem de Ricci, o P. Rodolpho Aquaviva, depois mais illustre pelo martyrio, e os PP. Nicolau Spinola, Francisco Pasi, Miguel Ruggeri, cujos nomes se tornaram famosos nos annos das missões. D. Sebastião disse então ao Procurador, que era muito o agradecimento que devia ao P. Geral da Companhia de Jesus pelo auxilio tão prestimoso que lhe enviava para as Indias. Os companheiros de Ricci, que não eram sacerdotes, receberam as ordens sacras na igreja de S. Roque em Lisboa a 12 de março, poucos dias antes da partida. Concorreu á solennidade grande multidão de povo e prégou o P. Martinho da Silva. Este escrevendo ao Geral da Companhia a 18 do mesmo mês, e dando a razão por que não fôra tambem ordenado Ricci, assim se expressa com elogio do novo missionario: «...não ordenei Matheo Richo asi porque era ainda moço, como porque não tinha ouvido nenhuma theologia; e como fosse p.º creio que a não poderia ouvir bem, e porq. parece q. a de avir a ser bom theologo, não o quis impedir, max.º q. não perde por isso tempo e a toda a hora q. o quisermos fazer, se poderá ordenar, q. elle da sua parte parece q. cada vez o vai merecendo mais...». Mss. Soc. J., Lus. 68, f. 31.—O que nesta carta assevera o P. Silva acerca da theologia que faltava a Ricci, não concorda com o que o

* Muitos dos missionarios, que o seguiram, disse Legge em 1879 no Congresso dos Orientalistas de Florença, trilharam nobremente suas pisadas e a elles deve a Europa quase todas as noticias que da China alcançou até ao segundo decennio do seculo XIX, ácerca da lingua, Literatura, Geographia, Arte, Historia e Governo" (1). Entre estes alentados imitadores se distingue o português P. ALVARO SEMEDO, natural de Niza, que pôs o pé na China tres annos depois da morte de Ricci. Desde esse tempo até o anno de 1658 em que falleceu, nunca se desmentiu nem arrefeceu o zelo do incansavel investigador. Deu á publicidade uma obra intitulada *Imperio da China*, fructo não de livros alheios, mas de pesquisas proprias, feitas no espaço de 22 annos em que percorreu grande parte daquelle Imperio. Nella dá grande copia

proprio Ricci de si escreve em carta de 12 de Nov. de 1592; onde lembra que estudára theologia em Coimbra de 1577 a 1578. Saiu a barra do Tejo a 24 de Março de 1578 e chegou no Setembro desse mesmo anno a Goa, onde ensinou rhetorica. Em 1580 foi ensiná-la em Cochim; depois de quatro ou cinco meses recebeu as ordens sacras e celebrou a primeira Missa a 26 de Julho, e de 1581 a 1582 concluiu em Goa a sua theologia. Na quaresma deste ultimo anno foi destinado para a China, onde, depois de zeloso trabalho de quase trinta annos, morreu em 1610. Cf. *Opere storiche del P. Matteo Ricci*, vol. I, pag. 619 e segg., vol. II, pag. 13, 17, 90; Trigault, *De christiana expeditione...* no Prologo e pag. 597; V. Cordeiro, *P. Matheus Ricci S. J. relação escripta pelo seu companheiro P. Sabatino de Ursis S. J.*; Semedo, *Imperio de la China*, pag. 181; Franco, *Synopsis Ann.*, 1578; Couplet, *Catalogus Patrum Societatis Jesu, qui post obitum S. Francisci Xaverii primo saeculo, sive ab anno 1581. usque ad 1581. in imperio Sinarum Jesu christi fidem propagarunt...*, 1686, pag. 5, n.º III. A Revista *The Woodstock Letters* reeditou este Catalogo no Tomo correspondente ao an. 1901.

(1) *Present state of Chinese Studies*, Atti, II, pag. 225.

de conhecimentos seguros e preciosissimos sobre a historia, geographia, habitantes e costumes da China (1).

Noticias igualmente valiosas sobre o mesmo imperio colheu-as tambem com laboriosa investigação o P. ANTONIO GOUVEIA e expô-las em boa linguagem na sua obra *Asia Extrema*, que infelizmente jaz ainda hoje em manuscripto no pó das bibliothecas. O titulo completo, como o lemos no exemplar que examinámos, é o seguinte: *ASIA EXTREMA, Entra nella a Fe, promulgasse a ley de Deos pellos Padres da Companhia de Jesu. Primeira Parte, Livros seis, Dirigida a Magestade de sereniss. Rey D. João IV nosso Senhor. Autor o P. Antonio de Gouveia da Companhia de Jesu na China dentro, Anno 1644.* A segunda parte leva o mesmo titulo e divide-se igualmente em seis livros. Formam

(1) O P. Semedo nasceu em 1585 e entrou na Companhia em 1602. Manuel de Faria e Sousa, que em Madrid conheceu o P. Semedo, reviu-lhe a obra, modificou-a na ordem e estilo e publicou-a em lingua espanhola com o titulo *Imperio de la China y cultura Evangelica en él, por los Religiosos de la Compañia de Jesus* (Madrid, 1642). No Prologo, que lhe ajuntou, escreveu do P. Semedo o seguinte elogio: «Es sugeto verdaderamente apostolico, lleno de Espiritu para aquellas santas ocupaciones: aqui le vi con el cuerpo, que el alma allá la tenia en ellas: De rostro venerable; casi todo cano; y de sinceridad singular: y finalmente en todo benemerito de ser Hijo de la S. Compañia de Jesus». A mesma obra foi reeditada em Lisboa no anno de 1731 e traduzida em annos diversos nas linguas francesa, inglesa e italiana. Do P. Semedo tambem escreve com entusiasmo patriotico Pinheiro Chagas na *Historia de Portugal*, IV, pag. 123 (Lisboa, 1900), onde até lhe circunda a fronte com a auréola do martyrio, que o bom missionario talvez desejasse, mas nunca obteve, apesar dos soffrimentos que levou com paciencia heroica. Morreu na cidade de Macau ou, segundo o catalogo de Couplet, na Metropole da provincia de *Quamtun*, mas o seu cadaver foi levado para Macau, onde jaz sepultado. *Catalogus*, pag. 17, n.º xxv.

ambas as partes um grosso volume in-folio escripto com letra clara e bem traçada. A razão por que o auctor escreveu em português, deu-lha o amor da sua lingua e patria. "He força que os aja [censores], diz no prologo, porque a lingoa materna (em que muito de proposito e sobre cuidado escrevo esta historia pera mostrar que a não desmerece a lingoa portugueza, nem a outras muito mais sublimes e grandiosas, como falsamente dizem os ou muito cubiçosos de mayor interesse ou muito feios no amor da patria) dá licença e abre caminho para cada hum sentenciar...". Para demonstrar a verdade e sciencia, com que redige a sua historia, por estes termos se declara tambem no prologo: "... Estamos oje, benigno leitor, os que cultivamos esta grande Missam e christandade da China (toda a comta da Companhia de Jesu por mais de sessenta annos) tam practicos e correntes nos costumes, leys, livros, sciencias e antiguidades deste imperio, que não só os missionarios mais proveclos e antigos, já como naturais, mas os modernos de quatro, seis até dez annos, se atrevem a compor na lingoa e letras sinicas muytos e muy eruditos livros, tocantes não só á cultivacão dos christãos, mas tambem de sciencias europeas pera espanto dos chinas, com que fica muyto facil escrever sem receo não só o que toca a christandade se não ainda a politica deste imperio por mais de quatro mil annos. No que ha grande vantagem aos que só escrevem de ouvido, estando tão remontados dos Reynos e terras de que fallam quanto vay da China a Europa". Daqui podemos conjecturar o interesse da obra. No primeiro livro da primeira parte vai descrevendo em capitulos successivos a parte physica, a historia, os costumes, ritos e artes da China e prova tambem que o Gram-Cataio não é região differente da China,

citando os testemunhos de Ricci e Goes contra o P. Andrade que identificára o Tibet com o Gram-Cataio; depois narra os successos varios da propagação da Fé (1).

*
* *

Do Japão, uma das missões mais gloriosas da Companhia, enquanto a furia da perseguição deixava algum alento aos heroicos missionarios, tambem os Jesuitas remetiam cada anno para os sabios da Europa narrações palpitantes de interesse e novidade. Durante dois seculos foram as narrativas dos missionarios as melhores e mais authenticas fontes de informação ácerca daquellas afastadas ilhas. É crêdor de muito particular menção o Jesuita português LUIS FROES, que na segunda metade do seculo XVI com suas cartas e descripções lançou torrentes de luz sobre o fabuloso *País do Levante*. Segundo se lê nos *Materiaes* para a Anthropologia da Asia Oriental de Anuschin, foi Luis Froes o primeiro europeu, que tornou conhecida a raça dos Ainos, para os quaes se voltou particularmente nos ultimos annos a attenção dos Ethnologos.

"Deste reino do Japão pera a parte do Norte, escre-

(1) Mss. Soc. J., *Jap. Sin.* 129. Sommervogel, III, 1638, cita outro ms. de Gouveia com o titulo: *Historia da China dividida em seis idades tirada dos livros chinas e portuguezes com o continuo estudo e observaçoens de vinte annos em a metropole de Fo a 20 de Janeiro de 1654*. Com um appendice da Monarchia Tartarica. Conserva-se no Escorial — O P. Gouveia entrou na companhia em 1611; desde 1636 trabalhou na China e terminou sua longa vida de 85 annos em 1677. Cf. Couplet, *Catalogus*... pag. 27, n.º 44.

via Luis Froes em 1565, quasi debaixo delle, ha hum reino grandissimo de salvagens, os quaes andam vestidos de peles de animaes. São cabeludos em todo o corpo e de grandissimas barbas e bigodes; quando querem beber alevantão os bigodes com hum pao. São mui inclinados ao vinho, são animosos no pelejar e os Japões os temem. Se pelejando os ferem, não tem outra mezinha mais que lavarem-se em agoa salguada; trazem huns espelhos no peito. Cingem as espadas na cabeça, de maneira que lhes fica a empunhadura no ombro; não tem lei, nem adoração alguma, sómente o ceo. O reino he grandissimo, está do Meaco trezentas legoas; muitos vêm a huma terra do Japão que se chama Haquita, que he húa cidade grande no reino de Geua a fazer mercadoria e alguns Japões vão á sua terra, ainda que poucos, polos matarem lá..." (1).

(1) *Cartas... do Japão...* (Evora 1598) f. 174. Carta do P. Froes, de Meaco, 20 de Fevereiro de 1565. Cf. Dahlman, *ob. cit.* pag. 60.—O P. Froes além de muitas cartas que escreveu á Europa, compôs tambem com esmerado empenho uma *Historia do Japão*, na qual trabalhou por cinco ou seis annos, empregando muitas vezes dez horas por dia na sua composição. Na primeira parte trata do clima, qualidades, costumes, ritos e origem do Japão; na segunda descreve a entrada e propagação da fé até o anno de 1578, e na terceira os progressos da Religião christã até 1593. Esta obra, de que ha exemplar na Bibliotheca da Ajuda, vol. 49-iv-54, recommenda-se, como nota Sommervogel, pelo estilo e pela curiosidade e exactidão das noticias. O mesmo P. Froes nos deu a divisão da obra em carta escripta de Macau no anno de 1593 aos Jesuitas de Coimbra e Evora. Entrara na Companhia em 1547; em 1548 navegou para a India e chegava em 1563 ao Japão, onde terminou sua vida trabalhosa em 1597. Era muito eloquente na lingua Japonêsa. Franco, *Imagem da V... Lisboa*, pag. 201-254, e 975; Sommervogel, III, 1029; *O Instituto, Revista scientifica e literaria*, vol. 52, (Coimbra, 1905) pag. 126.

*
* *
*

Tambem na Africa deram os Jesuitas largas ao seu espirito investigador. São famosas entre os geographos as explorações levadas a cabo pelos Padres PEDRO PAES e JERONYMO LOBO para encontrarem as fontes do Nilo, e bem conhecidas as relações que sobre o assumpto escreveram, logo traduzidas em varias linguas da Europa. A do P. Paes inseriu-a Kircher no seu *Mundus subterraneus* (1). O P. Lobo depois de uma odysseia de nave-

(1) Athanasii Kircheri e Soc. Jesu, *Mundus subterraneus* T. 1, (Amstelodami 1678) pag. 72-74. O ms., em lingua portuguesa, do P. Paes communicou-o a Kircher o P. Francisco Carvalho, procurador da India e Ethiopia, que foi a Roma precisamente quando o auctor do *Mundus subterraneus* averiguava a questão das fontes do Nilo: «eo tempore, escreve Kircher, quo intricatissimum hoc negotium summe perplexum me teneret». *Ob. cit.* Aquelles missionarios não souberam distinguir o Nilo Azul e o Nilo Branco; mas com suas investigações contribuíram muito para o conhecimento geographico da região. A este proposito escreve o erudito J. Brucker: «Les premières observations astronomiques de quelque valeur, qui aient été faites dans l'intérieur de l'Afrique tropicale, sont dues aux Jésuites portugais, qui évangélizèrent l'Éthiopie depuis 1557 jusqu'en 1635. Si ces Missionnaires confondant Nil bleu et Nil blanc, contribuèrent à accréditer l'idée que le fleuve d'Égypte avait ses sources principales en Abyssinie, cette erreur est, croyons-nous, compensée par les rectifications qu'ils ont apportées à la carte de cette contrée. Quand leur travail, assez longtemps ignoré on méconnu, eut enfin été ratifié par la critique respectueuse d'Anville, il forma la première base scientifique de la carte de l'Afrique centrale»... Études, 1878, vol. 1, pag. 802. No mesmo vol. pag. 406 recorda tambem J. Brucker que «Les PP. Alphonse Mendes, Manoel d'Almeida, Jeronymo Lobo et d'autres avaient... dressé, l'astrolabe en main, une carte très exacte de ce pays».

*

gações e trabalhos compôs o *Itinerario* de suas viagens, apreciadissimo thesoiro de noticias sobre as terras e mares que andou. Traducções feitas em muitas linguas lhe deram larga voga nas outras nações. O aventureiro viajante zarpou do Tejo para a India em 1621 e por entre os erros de longas navegações vamos encontrá-lo em Goa, em Moçambique, na Abyssinia, em Angola, no Brasil, em Carthagená, em Lisboa, em Roma; depois outra vez em Goa, novamente na Ethiopia, e em 1636 em Lisboa, donde embarca terceira vez para a India para voltar á Europa em 1658. Ainda lhe sobejava o animo para novas empresas, mas a prudencia dos superiores lhe teve mão e veiu a fallecer na Casa de S. Roque de Lisboa no anno de 1678. Tantas navegações, cortadas de naufragios desastrosos, prestaram-lhe materia para curiosissima descripção historica (1).

Na parte oriental da Africa não se desmentiu o talento investigador dos missionarios. Em 1569 embarcaram os Padres FRANCISCO MONCLARO e ESTEVÃO LOPES com dois irmãos leigos na armada de Francisco Barreto, que partia para a conquista das minas de Manica. O P. Monclaro, que deu excellentes informações sobre a expedição na sua *Relação da Viagem*, publicada

(1) O P. J. Lobo, natural de Lisboa, entrou na Companhia em 1609 na idade de 14 annos e meio. O *Itinerario*, que escreveu estando em Madrid, conservava-se na casa de S. Roque ao tempo de A. Franco, que o resumiu na Imagem da V. de Coimbra, I, pag. 803-853. Na pag. 851 cita estas palavras textuaes: «O que contei foi por grosso, que o particular dos trabalhos e variedade delles he tam impossivel contarem-se, quam trabalhosa cousa experimentarem-se». Cf. Telles, *Historia da Ethiopia*, L. VI, c. XVII e XVIII, pag. 580-585, onde escreve das viagens do P. Lobo.

no Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, entrára na empresa com animo alentado, como elle proprio o manifesta na carta autographa dirigida ao Geral S. Francisco de Borja: "Folgára, escreve elle, de poder declarar a V. Paternidade a consolação que levo nesta missão nova de Monomotapa. Basta que minha alma ficou como a pedra quando sem impedimento vai pera o centro. N. S. queira por quem he servir-se de mī. Os companheiro somos quatro: o p.^e Estevão Lopez e dous irmãos G.^o Dinis e Domingos Gonçalves. Vai cometido este negocio a hum capitão, que se chama Fr.^{co} Barreto, que ja foi governador da India, p.^a a que (sic) a Comp.^a está em m.^{ta} obrigação, como o P.^e Mirão dirá a V. P.; leva-nos na alma. He negocio que El Rei tomou muyto a sua conta e de que se espera m.^{to}. Vai provido da melhor e mais escolhida gente que te gora sayo do reino..." (1).

Na exploração, feita em 1613 á Ilha de S. Lourenço ou Madagascar, tambem os Jesuitas tiveram não pequena parte. Acompanharam a Paulo Rodrigues da Costa, capitão da nau em que navegavam, os Padres LUIS MARIANO e PEDRO FREIRE. MARIANO com o espirito observador que o distinguia, recolheu noticias

(1) Mss. Soc. J., *Lus.* 63, f. 37. Carta datada de Almeirim a 22 de Março de 1569. F. Monclaro era natural de Viseu, entrou na Companhia em 1555, foi cinco annos mestre de ler e escrever em Portugal, trabalhou seis annos na confraria; na India desempenhou cargos de importancia e falleceu em Goa em 1595. Mss. Soc. J.: *Lus.*, 43, f. 12., *Goa*, 24, I, f. 223, catal. de 1594; Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental*, T. I, (Lisboa, 1891) pag. 100 e segg.; Fr. Manuel dos Santos, *Historia Sebastica*, (Lisboa, 1735) pag. 139 e segg.; Sousa, *Orient. Cong.*, P. II, C. V, D. I, n.^o 5 e segg.

curiosas acerca da Ilha e seus habitantes e reuniu-as na sua *Relação da jornada e descobrimento da Ilha de S. Lourenço que o Vice Rey da India D. Jeronymo de Azevedo mandou fazer por Paulo Rodrigues da Costa capitão e descobridor* (1). Narrou também a expedição ao Geral Aquaviva numa relação de vinte e duas paginas in-folio o P. Francisco Vieira, a quem os exploradores communicaram de palavra e por escripto os resultados da viagem. Luis Mariano foi em seguida mandado para a Missão da Confraria, onde passou vinte e um annos missionando e explorando aquellas terras desconhecidas (2).

*
* *

O Novo Mundo era natural que offerecesse aos Jesuitas occasião de instructivas explorações e estudos. "O que se veio a saber, acerca dos indios, em tempos passados; escreve o Sr. Lucio d'Azevedo, quanto até nós chegou de sua historia, de seus usos, de sua linguagem; o processo da occupação portugueza, no Brazil, e das primeiras evoluções do organismo social, até constituir

(1) Esta Relação foi publicada no Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa no anno de 1887, n.º 5, pag. 313-56.

(2) Cf. Mss. Soc. J., Goa. 33, f. 419 segg., onde se lê a relação de Francisco Vieira datada de Goa a 19 de Novembro de 1614. O P. Luis Mariano era filho de Italia, nascido em Brescia, e falleceu em Moçambique em 1634 com uns 52 annos de idade. Cf. Mss. Soc. J., Goa. 25, catal. de 1633; Sommervogel, v, app., pag. III. Sobre as noticias que deu o P. Mariano acerca do lago Nyassa, de que Livingston julgava ter sido descobridor em 1859, veja-se Sousa, *Oriente Conq.*, T. I, C. v, D. II, n.º 31.

os fundamentos de possante nacionalidade; tudo se tem de buscar nos annaes das ordens religiosas, particularmente da Companhia de Jesus." (1) Além do P. Simão de Vasconcellos na sua *Chronica do Brasil* e dos Padres Philippe Betendorf e José de Moraes na *Chronica e Historia da Vice-Provincia do Maranhão*, aos quaes me referi anteriormente, outros missionarios lançaram ao papel descripções recheias de utilissimos conhecimentos geographicos e ethnologicos. Chronicas de menor volume sobre as missões do Maranhão escreveram-nas os Padres DOMINGOS DE ARAUJO, JACINTHO DA COSTA e BENTO DA FONSECA (2). Mas o que saiu com obra mais avultada, que Varnhagen qualifica de gigantesca, foi o P. JOAO DANIEL, que durante dezoito annos trabalhou no Maranhão e depois veio receber a recompensa nas prisões de S. Julião da Barra. A obra intitula-se *Thesouro descoberto no Maximo Rio Amazonas*, e nas seis partes em que se distribue, comprehende noticias preciosas e abundantissimas sobre a geographia e historia do Amazonas, sobre os Indios, suas raças e costumes, sobre as minas e suas riquezas, sobre a agricultura, commercio, navegação e outras infinitas curiosidades (3).

(1) *Os Jesuitas no Grão-Pará* (Lisboa 1901) pag. 215.

(2) Estas chronicas aproveitou-as e publicou-as, em todo ou em parte, A. J. de Mello Moraes nas obras intituladas: *Historia dos Jesuitas e suas Missões na America do Sul* (Rio de Janeiro 1872), 2 vol., e *Corographia... do imperio do Brazil* (Rio de Janeiro 1859-1863) 5 vol.

(3) O P. Daniel nasceu na diocese de Vizeu em 1722, e incorporou-se na Companhia em 1739. Em 1757 foi desterrado do Brasil e navegou para Portugal em a nau N. Senhora da Atalaya com os

Descrições e narrações de menos tomo escreveram também sobre o Brasil o P. FERNÃO CARDIM na sua *Narrativa epistolar*, que já deixei mencionada, e o P. ANTONIO VIEIRA na primorosa *Relação da Missão da Serra de Ibiapaba*, tirada a lume por Mendes de Almeida em 1874 nas Memórias para a História do Maranhão (1).

Monographias ainda menores, não porém falhas de interesse geographico, fizeram-nas, entre outros, o P. JOÃO FERREIRA em *carta para Condamine* a demonstrar a comunicação, até então duvidosa, entre o Amazonas e o Orenoco pelo Rio Negro; o P. MANOEL DA MOTTA na *Breve relação da entrada que fez pelos Rios Tocantins e Taquanhões em 1721 e 1722*; o P. MANUEL FERREIRA na *Breve noticia do Rio Topajoz, cujas cabeceiras, ultimò se descobrirão no anno de 1742*; o P. JOÃO TAVARES com a *Breve descrição das grandes recreações do Rio Moni do Maranhão*, e o P. BENTO

Padres Lourenço Kaulen, Anselmo Eckart e outros religiosos; e em seguida metteram-no com seus companheiros na fortaleza de Almeida e depois na masmorra de S. Julião, onde escreveu o *Thesoiro Descoberto*. Morreu na mesma prisão a 19 de Janeiro de 1776 com 56 annos de idade. Cf. Christovam Murr, *Journal*, anno 1780, Catalogo dos Jesuitas presos em S. Julião; Carayon, *Doc. Inéd.* T. ix, pag. 239. A 5.^a parte da obra foi em 1820 impressa pelo Bispo de Elvas D. José Joaquim de Azevedo Coutinho, e a 2.^a começou a publicá-la a *Revista Trimensal do Instituto Brasileiro* no anno de 1840, 2.^a ed., Rio de Janeiro, T. II, pag. 321 segg., pag. 447 segg. A 6.^a parte vem no T. 41, 1.^a parte, da mesma *Revista Trimensal*. Cf. Innocencio da Silva, *Dicc. Bibl.*, III, 359; Sommervogel, II, 1815, 13, 173; *Portugal. Dicc. Hist.*, s. v. Daniel.

(1) Candido Mendes de Almeida, *Memorias para a Historia do extinto estado do Maranhão* (Rio de Janeiro, 1874), T. II, pag. 455-501. — A Narrativa do P. Cardim, publicada por Varnhagen em

DA FONSECA na *Noticia dos Rios da Madeira e Topajoz* (1).

Destes apontamentos ainda que breves, se tira a limpo que os missionarios por entre os labores da evangelização, não desdenhavam de promover também elles os progressos da sciencia. Sobretudo porém se tornaram altamente benemeritos da sciencia das linguas comparadas, que prodigiosamente avançou desde o seculo XIX, e áquelles obreiros da civilização christã deve o seu principio e os primeiros materiaes.

1847, foi reeditada na Revista Trimensal do Instituto Brasileiro, T. 65, Parte I, an. 1902, pag. 5-70, onde o editor em breves palavras elogia o auctor e a obra: «...O leitor se comprazerá de certo com as narrações animadas de Fernão Cardim... As informações que Fernão Cardim dá todas como testemunha de vista ao descrever com tanta arte os encantos virgens de que seus olhos se regalavam... Parece-nos que Cardim era homem feito para viajar: devia ser um missionario». l. c. prologo.

(1) O P. João Ferreira hospedou em 1743 na Casa de Campo do Collegio do Pará, do qual era Reitor, ao celebre Carlos de Condamine na sua viagem pela America, e falleceu em 1778 na Guiana franceza, onde começou a reunir os destroços das missões portuguezas entre os Indios. Cf. Sommervogel, III, 963; J. Moraes, *Hist. da Prov. do Maranhão*, pag. 481.

O P. João Tavares morreu em 1744 no Maranhão, onde missionara por 12 annos; fôra admittido na Companhia em 1697 e ensinou grammatica, philosophia e theologia. Sommervogel, VII, 1897. No *Panorama*, vol. 4.^o, pag. 226 e 234, cita Cunha Rivara trechos da *Relação* do P. Tavares em artigo intitulado *Maranhão*.

O P. Bento da Fonseca foi uma das primeiras victimas de Pombal no Maranhão. Estava encarregado de escrever a historia daquella Provincia, quando se viu obrigado a embarcar para Portugal, onde teve ainda o cargo de Procurador da missão até que foi sepultado nas masmorras pombalinas. Saiu dellas com vida em 1777 e ainda com animo para defender a innocencia de seus ir-

§ 2

Estudos linguisticos

O Jesuita espanhol LORENZO HERVÁS Y PANDURO (1735-1809), que trabalhou nas missões da America do Sul até á expulsão de 1767, foi o primeiro que concebeu sobre estudos linguisticos um trabalho importante, incluído na sua obra grandiosa, a que deu o titulo magnifico de *Ideia do Universo*. Contém ella como partes principaes, o *Catalogo das linguas conhecidas, a origem, formação, mecanismo e harmonia dos idiomas*, e o *Vocabulario polyglotta*. Teve porém um ensejo extraordinariamente favoravel para a compôr, com a reunião em Italia, onde elle vivia, de tantos missionarios Jesuitas, portugueses e espanhoes, que a perseguição para alli ajuntou, instruídos nos idiomas de quase todos os paises (1). Mas o fructo, que elle então começou a recolher, foi semeado á custa de longas e generosas fadigas daquelles antigos missionarios, que de chofre se

mãos em Religião. O P. Fonseca não estudou somente os Rios da Madeira e Topajoz; a mais se estendeu seu espirito investigador, como affirma o P. J. de Moraes na sua *Historia da Provincia do Maranhão*, pag. 548: «...visto deixarmos já aberta a estrada, por onde caminharão ligeiros os nossos fervorosos operarios ao descobrimento e conquista espirital do famoso rio das Amazonas, confessando ingenuamente devermos as noticias de todos estes rios ao grande cuidado e indagação do nosso sempre louvavel Padre Bento da Fonseca, Procurador Geral em Côte da Vice-Provincia do Maranhão». Cf. Moraes, *ob. cit.*, pag. 7. Da Relação do P. Motta serviu-se o P. José de Moraes na Historia citada, pag. 472 segg.; vide item, pag. 499.

(1) Cf. Dahlman, *ob. cit.*, pag. 119; Giacomio Gregorio, *Ma-*

encontraram, em terras desconhecidas, com linguas quase intelligíveis, sem livros, sem Artes, sem vocabularios, que elles com paciencia, somente haurida das fontes de seu zelo, houveram de construir vagarosamente. Bem sentiu e ponderou esta difficuldade o P. Antonio Vieira para as muitas linguas do Rio Amazonas, cuja multidão, escuridade e dissonancia punham á prova a constancia dos missionarios (1). Mas porque não esmoreceram deante dos obstaculos, abriram á sciencia das linguas, para usar a expressão de M. Müller, *mina rica e inexgotavel* donde tantos eruditos têm cavado thesoiros de conhecimentos linguisticos. Sem o Christianismo não existiria a sciencia das linguas, diz ainda o mesmo philologo. «Os pioneiros desta nova sciencia são precisamente aquelles apostolos, a quem foi intimada a ordem de

nual da sciencia da linguagem, trad. de Candido de Figueiredo (Lisboa, 1903), pag. 60. A maior parte de seus estudos linguisticos reuniu-os Hervás na obra em seis volumes publicada em Madrid de 1800 a 1805 com o titulo: *Catálogo de las lenguas de las Naciones conocidas y numeracion, division y classes de estas segun la diversidad de sus idiomas y dialectos*.

(1) Cf. Sermão do Espirito Santo pregado em S. Luis do Maranhão. «... Por vezes me aconteceu estar com o ouvido applicado á boeca do barbaro e ainda do interprete, sem poder distinguir as syllabas, nem perceber as vogaes, ou consoantes, de que se formavam, equivocando-se a mesma letra com duas e tres semelhantes, ou compondo-se (o que é mais certo) com mistura de todas ellas: umas tão delgadas e subteis, outras duras e escabrosas, outras tão interiores e escuras, e mais affogadas na garganta que pronunciadas na lingua: outras tão curtas e subidas, outras tão estendidas e multiplicadas, que não percebem os ouvidos mais que a confusão, sendo certo em todo rigor, que as taes linguas não se ouvem, pois se não ouve dellas mais que o sonido, e não palavras dearticuladas e humanas, como diz o propheta: Quorum non possis audire sermones». *Obras Completas*,

irem por toda a terra ensinar todas as gentes" (1). "É com effeito muito para notar, escreve Dahlman, que todos aquelles, que em nossos dias se occupam com a historia da sciencia das linguas, são as mais das vezes forçados a referirem-se no primeiro logar ás obras dos missionarios catholicos" (2).

INDIA

Desçamos porêem ao particular e apontemos algumas das obras com que os Jesuitas portugueses enriqueceram a literatura linguistica. Na India começaram seus trabalhos de estudo aquelles missionarios. Um dos primeiros empenhos dos Jesuitas ao entrarem nas missões era apprender a lingua das novas terras que pisavam. Deu-lhes o exemplo XAVIER, o primeiro apostolo Jesuita, que da barra do Tejo levantou ferro para o Oriente. Apenas chegou á Costa da Pescaria deu-se a estudar a lingua *Tamul* e com o auxilio de alguns indigenas verteu do latim para esta lingua com summo trabalho

Sermões, T. v (Porto, 1907), pag. 377. E na pag. 378: «Mas haver de arrostar com uma lingua bruta, e de brutos, sem livro, sem mestre, sem guia, e no meio daquella escuridade e dissonancia haver de cavar os primeiros alicerces, e descobrir os primeiros rudimentos della; distinguir o nome, o verbo, o adverbio, a preposição, o numero, o caso, o tempo, modo e modos nunca vistos nem imaginados, como de homens em fim tão differentes dos outros nas linguas, como nos costumes; não ha duvida que é empreza muito ardua a qualquer entendimento, e muito mais ardua á vontade que não estiver muito sacrificada e muito unida com Deus».

(1) M. Müller, *Lectures*... vol. 1, pag. 140, 143.

(2) Dahlman, *l. c.* pag. 3: «Es ist interessant zu sehen, wie

um *catecismo da doutrina christã*, por onde começaram a evangelizar os Paravás (1).

Para facilitar o estudo se formaram no decorrer dos annos varias escolas de linguas para os missionarios. Em *Punicale* estabeleceu-se uma de lingua *Tamul* em 1567, nomeando-se para mestre o P. HENRIQUE HENRIQUES e por substituto um brahmane convertido, e em 1575 o Visitador Valignano ordenou que seis ao menos estivessem continuamente applicados ao estudo da lingua para haver sempre gente de refresco, que succedesse aos velhos e aos que morressem (2).

Nas terras de *Salsette* se instituiu tambem uma escola de lingua *Concani* que ainda no tempo do P. Francisco de Sousa ora se continuava, ora se interrompia, segundo a necessidade dos Missionarios. O P. Visitador lhe deu notavel impulso com tão prospero successo, que os primeiros oito estudantes dentro de seis meses a souberam falar e escrever perfeitamente com grande contentamento dos naturaes, que se edificaram pelos verem tomar tanto trabalho por seu respeito (3).

No seminario de *Ambalacata*, que veio a ser mais tarde o centro das missões do Sul, havia escolas de

alle jene Männer, die sich mit der Geschichte der Sprachwissenschaft in letzterer Zeit beschäftigten, sich in den allermeisten Fällen veranlasst sahen, an erster Stelle auf die Arbeiten katholischer Missionäre hinzuweisen.»

(1) Sousa, *Or. Conq.*, P. 1, C. 11, D. 1, § 6.

(2) *Or. Conq.*, P. 11, C. 11, D. 11, § 2; P. 11, C. 11, D. 1, § 5.

(3) *Or. Conq.*, P. 11, C. 1, D. 11, § 9; C. 1, D. 1, § 67. — Noto para intelligencia dos auctores e do que havemos de dizer, que os Portugueses desde o principio começaram a trocar os nomes destas linguas chamando Canarim ao *Concani* e tambem designando com o

Sanscrito, Tamul, Malayálam e Syriaco (1), e no seminário de *Vaipicota*, fundado na serra do Malabar para os christãos de S. Thomé, diz o P. F. de Sousa, que havia "dous Padres, um para mestre da lingua latina, outro para ensinar a *Suriana*, ou *Chaldea*, que os nossos missionarios aprenderam muito de proposito, devorando grandes molestias e difficuldades. De sorte que os missionarios da serra aprendiam duas linguas a Malabar,

nome generico de Malabares as linguas do sul da India, de modo que nos é, ás vezes, difficultoso saber a qual das linguas se refere o escriptor. Desta maneira o P. Francisco de Sousa no seu *Oriente Conquistado*, P. II, C. I, D. I, § 8, escreve que aos naturaes das terras de Salsette, que falavam o Canarim, lhes davam o nome de Canarins. Nem o P. Cecilio Rodeles evitou a confusão no seu opusculo *Imprentas de los Antiguos Jesuitas* (Madrid, 1912) pag. 10-14; até attribue á lingua canarina as difficuldades especiaes que o P. Sousa, *ob. cit.*, P. II, C. I, D. II, § 9, aponta como proprias do Concani. Nós seguimos, quanto possivel, a terminologia rigorosa, distinguindo o Concani do Canarim ou Canará, e differencando as varias linguas Malabaricas ou Tamulicas.

(1) Ambalacata era uma cidade situada ao sopé das montanhas de Angamala; agora não passa de pequena aldeia. No seminário se reuniam os Padres recém-vindos da Europa a fim de estudar cada um a lingua da missão a que se destinava, e de se preparar para os trabalhos apostolicos. Aqui foi professor de Syriaco o grande missionario João RIBEIRO S. J., depois Arcebispo de Cranganor. Era natural de Lisboa; entrou na Companhia em Goa em 1673 e falleceu em 1716. Cf. *Append. Catal. Miss. Maduré*, an. 1912, pag. 46; Bertrand, *La Mission du Maduré*, T. III, pag. 420; *Atti del IV congresso degli Orientalisti*, pag. 189. Num Memorial apresentado a Clemente XI pelo P. Antonio Rego, Assistente de Portugal em Roma, ácerca da provisão do Arcebispado de Cranganor na pessoa do P. João Ribeiro, lemos o seguinte: "...Illa sua Maestá fatta questa nominazione per li ottimi talenti e qualità riguardevoli di cui é adornato il detto Padre Ribeyro... religioso di lettere e virtù, missionario di molti anni

que é a vulgar, e a Suriana que é Ecclesiastica..." (1). Com tal afincio promoviam os Jesuitas o estudo das linguas (2). Comecemos pelo *Tamul*.

*
* *

Se houvessemos agora de mencionar todos os Jesuitas portugueses que nesta lingua se especializaram ou publicaram obras, teriamos que ser demasiado extensos; por isso contentemo-nos com indicar o que baste para se poder conjecturar quanto se dedicavam aquelles bons missionarios. Um dos mais incansaveis obreiros da Costa da Pescaria e que primeiro se avantajou pelo estudo das linguas dessa região, foi o P. HENRIQUE HENRIQUES, que durante uns 53 annos deu entre aquelles povos exemplos admiraveis de dedicação até o anno de 1600 em que morreu. Tomou grande trabalho em aprender a lingua Tamul, porque carecia de livros que o ajudassem;

in quelle missioni della terra di Malabar e Cranganor, *dotissimo nella lingua Siriaca* de Cristiani di Santo Thome, ben accetto et stimato da detti Cristiani....» Arch. Vat., Nunz. di Portogallo, 57.

(1) *Or. Cong.* P. II, C. I, D. II, § 93. Concorde esta noticia com o que se lê num catalogo de 1594: "...alut id [Seminarium] socios quatuor, pueros quadraginta, quos unus e nostris moderatur, docent duo, chaldaice unus, latine alter, mores instituunt omnes..." Mss. Soc. J., Goa. 24, I, f. 215.

(2) No Primeiro de Janeiro de 1584 prégou na igreja do Collegio de S. Paulo de Goa o Arcebispo Primás Dom Frei Vicente da Fonseca, Dominicano. Por occasião dessa solennidade foi ao refeitório dos Jesuitas, que no tempo da mesa o saudaram em dezaseis linguas diversas. *Oriente Cong.*, P. II, C. I, D. II, § 91.

mas chegou a possuí-la com tal perfeição, que os natu-
raes da terra pasmavam e S. Francisco Xavier lhe orde-
nou compusesse uma grammatica para auxilio dos mis-
sionarios. Com effeito escreveu e imprimiu a *Arte* da
lingua tamulica e *Vocabulario*, um *Catecismo* maior e
outro menor, *Vidas* de J. Christo, de Maria SS. e ou-
tros Santos e varias obras apologeticas de Religião e
livros de piedade (1).

Companheiros do P. Henrique nos primeiros annos
da evangelização daquella costa foram o Padre FRAN-
CISCO HENRIQUES que cultivava os christãos de Tra-
vancor, e a quem S. Francisco Xavier deu ordem de
compor uma "*Arte* da lingua da terra, o que elle fez
aprendendo com muita perfeição a ler e escrever os
propios caracteres do país" (2), e o P. PEDRO DO
VALLE que trabalhou na cultura dos Paravás, "cuja
lingua sabia perfeitamente" (3). Ainda em vida do P.
Henrique saíram da imprensa de *Punicale* no anno de
1578 um *Flos Sanctorum*, um *catecismo*, um *devocio-
nario* e mais outros livros, não já em typos romanos,

(1) Cf. Franco, *Imagem da V... Coimbra*, I, pag. 525 segg.;
II, pag. 618. — Dahlman, *l. c.* pag. 10.

(2) Sousa, *O. Cong.*, P. I, C. II, D. I, § 47.

(3) Sousa, *ob. cit.*, I, c., § 70. — O P. Francisco Henriques
entrou na Companhia em 1546, no mesmo anno navegou para a In-
dia e morreu em 1556. — O P. Pedro do Valle encorporou-se na Com-
panhia em 1547, passou á India em 1548 e falleceu em *Punicale* no
anno de 1552. Ao dar a noticia de sua morte escreveu o P. H. Hen-
riques, que o P. Valle se tornara «muito instruido na lingua Mala-
var, assim em fallar, como em ler e escrever». Franco, *Imagem da
V... Coimbra*, I, pag. 536; II, pag. 458. *Or. Cong.*, P. I, C. II,
D. II, § 13.

mas tamulicos, abertos e fundidos por industria habi-
lidade do P. JOÃO FARIA, o famoso architecto que fa-
bricou na igreja velha de S. Paulo de Goa os arcos
agigantados que a tornaram conhecida pelo nome de
igreja de S. Paulo dos Arcos (1).

No seculo XVII cresce o fervor dos missionarios no
estudo das linguas. O P. GASPAR DE AGUILAR, entrado
na Companhia em 1610, escreveu uma grande *Arte da
lingua Tamulica*, da qual se fez depois um *Compendio*,
conforme a noticia dada na *Bibliotheca offenbachiana*,
Hallae, 1720, col. 697 (2).

Contemporaneo de Aguilar foi o santo e talentoso
missionario P. MANUEL MARTINS, que por espaço de 31
annos trabalhou no Maduré, accommodado escrupulosa-
mente á vida asperrima de Brahmane saniaz. Sabia com

(1) Nasceu em 1539 em Portugal; na India foi recebido na
Companhia em 1563, ordenado de sacerdote em 1575 e falleceu em
Goa no anno de 1584. Sommervogel traz a sua morte em 1581; o P.
F. de Sousa em 1582; mas o P. Besse no Appendice ao Cat. da
Missão Maduré, an. 1912, assigna-lhe o anno de 1584, conforme os
catalogos da Provincia do Malabar. F. de Sousa escreve por occa-
são de sua morte o seguinte: «baste-lhe por elogio o titulo que lhe
davam os seculares, de verdadeiro filho da Companhia pelo muito que
trabalhava por ella com singular amor e desvello». *O. Cong.*, P. II,
C. I, D. II, § 69; C. II, D. II, § 3; Mss. Soc. J. Goa 24, I, f. 103;
Fr. Paulino de S. Bartholomeu, *India Orientalis Christiana* (Romae,
1794), pag. 181 segg.; Gerson da Cunha, *Atti del IV Congresso degli
Orientalisti*, T. II, (Firenze, 1878), pag. 188; Dahlman *ob. cit.*,
pag. 11.

(2) O P. Aguilar, depois de ter exercitado o cargo de profes-
sor e missionario em varias partes da India, foi despedido da Com-
panhia por ordem do P. Geral, segundo o Catalogo da Provincia do
Malabar para o anno de 1648. Cf. *App. Cat. Miss. Maduré*, an.
1913, pag. 14.

primor o Tamul, o Sanscrito e o Badagá ou Telinga, e deixou escriptas muitas obras em Tamul, que o P. Bertrand qualifica de excellentes (1). Taes são um livro de *Meditações*, *Dialogo* entre um christão e um gentio, *Tratado sobre o Mysterio da SS. Trindade*, *Ramallete de flores espirituaes*, *Collar de Margaritas espirituas*, *Vidas dos Santos*, *Do Despreso do mundo*, *Espelho de exemplos*. Verteu além disso a *Cartilha* de Bellarmino e a do P. Mestre Ignacio e outras obras que ficaram incompletas (2).

Dez annos depois em 1666 expirava tambem no Maduré o P. ANTÃO DE PROENÇA, que compôs um magnifico *Vocabulario Tamulico-Português* saído em 1679 da typographia de Ambalacata com a revisão dos Padres ANTONIO PEREIRA, VALERIANO CATTANEO e JOÃO DA MAIA (3). O auctorizado Fr. Paulino de S.

(1) *La Mission du Maduré*, T. III, (Paris, 1850), pag. 109.

(2) Alistou-se na Companhia em 1615, partiu para a India em 1624 e falleceu em Trichinopoly em 1656. As cartas annuas tecem-lhe no anno de sua morte um notavel elogio. O celebre P. Roberto dé Nobili em carta de 1627 affirma ser o P. Martins missionario de talento raro e versado na lingua tamul. Bertrand, *ob. cit.*, III, pag. 261. Cf. Franco, *Imagem da V... Evora*, pag. 518, 874; Sommervogel, V, 652; *Catal. Sociorum veteris Madurensis Missionis* (Trichinopoly, 1913) pag. 4.

(3) O P. Antonio Pereira nasceu em Villa Franca em 1607, fez-se Jesuita em 1622, e viajou para a India em 1634; era Provincial do Malabar em 1673, e muito instruido na lingua Tamul. — O P. João da Maia, natural da Atalaya, diocese de Lisboa, foi para a India em 1635; em 1676 era Provincial do Malabar e como tal deu a approvação ao livro do P. Antão de Proença. — O P. Cattaneo, italiano, natural de Mantua, entrou na Companhia em 1613, chegou á India em 1657 e falleceu na Costa da Pescaria no anno de 1684. Cf. *App. Cat. Miss. Madur.*, an. 1912, pag. 28.

Bartholomeu escreve desta obra o seguinte louvor: "Vocabularium R. P. Antonii Proença, elegantia vocum, nitore et correctione linguae praestat, sed characteres utpote in lignum incisi, luridi sunt et indistincti" (1).

Como appendice ao Diccionario de Proença se ajuntou a *Arte Tamulico-Portuguesa* do P. BALTHAZAR DA COSTA, um dos mais insignes missionarios do Maduré (2).

(1) *Examen historico-criticum codicum indicorum Cong. de Prop. Fide...* a P. Paulino a S. Bartholomeo... (Romae, 1792) pag. 55, cit. por Sommervogel, VI, 1241. Cf. Fr. Paulino de S. Bartholomeu, *India Orient. Christ.* pag. 182. Os typos desta imprensa tinham sido abertos em madeira por Ignacio Aichamoni, indigena malabar. O P. Proença, beirão, da diocese da Guarda, deu seu nome á Companhia em 1643; sendo irmão do Recolhimento pediu as missões da India, para onde navegou em 1647; estudou a Theologia em Cochim, e em 1653 entrou no Maduré. Seu corpo foi encontrado incorrupto depois de algum tempo de sepultura. Cf. Franco: *Imagem... Evora*, pag. 663, segg.; *Ann. Gloriosus*, pag. 738; *Catal. Sociorum vet. Madur. Missionis* (Trichinopoly, 1913) pag. 6. — Houve mais dois missionarios da India, ambos igualmente beirões, do bispado da Guarda, por nome Antonio de Proença: o primeiro partiu para o Oriente em 1603, depois de se ter sacrificado pelo proximo numa grande peste que assolou Coimbra em 1599, tendo entrado na Companhia em 1574 com 18 annos de idade. Cf. Franco, *Imagem... Coimbra*, II, pag. 506 segg. O segundo entrou na Companhia em 1674, deu á vela para a India em 1681, trabalhou no Maduré e foi acabar em Bengala pelos annos de 1694. Cf. *Cat. Sociorum vet. Mad. Missionis* (Trichinopoly, 1913) pag. 14.

(2) Hervás na sua *Idea dell' Universo*, T. XVIII, pag. 93, escreve em nota: «Monsign. Antonio Diaz mi ha favorito colla grammatica Ms. Tamulico-Portoghese del Gesuita Baldassare de Acosta.» Sommervogel, II, 1504; VI, 1241. O Catalogo da Provincia do Malabar do anno de 1648 e 1659 tem que o P. Balthazar sabia muito bem a lingua

Ainda no mesmo seculo se distinguio o P. ANDRÉ FREIRE, tão bom conhecedor do Tamul, que no anno de 1673 estava em Ambalacata occupado com a impressão das obras Tamulicas do P. ROBERTO DÉ NOBILI; mas em seguida succedeu-lhe no encargo de publicar as obras do grande missionario italiano o P. RODRIGO DE ABREU, fallecido no Maduré pelos annos de 1691 ou 1692 (1).

No seculo XVIII occorrem-me dois nomes que merecem especial lembrança, e são os dos Padres ANTONIO PIMENTEL, depois Arcebispo de Cranganor, e MANUEL FERRAZ. Pimentel compôs um Dictionario Tamul com

Tamulica: *optime callet linguam Tamulicam*. Entrara elle na Companhia em 1627; partiu para as missões da India em 1635, em 1640 entrava no Maduré, e no anno de 1670 foi procurador a Roma. Na volta para a India guiava uma boa leva de Missionarios, entre os quaes o B. João de Brito, mas falleceu no mar em 1673. Franco, *Imagem... Lisboa*, pag. 637 segg.; *Cat. Sociorum vet. Mad. Missionis* (1913) pag. 5.

(1) O P. André Freire, natural da Gollegã, entrou na Companhia em 1643; em 1652 já estava na India, onde trabalhou, como missionario animoso, sobretudo na região do Maduré até o anno de 1692 em que falleceu. Fôra eleito Arcebispo de Cranganor, mas as letras apostolicas chegaram á India depois de sua morte. Conhecia bem a lingua Tamul, o Telinga e o Canará. Cf. *App. cat. Miss. Madur.* (1912) pag. 36; *Catal. soc. vet. Mad. Miss.* (1913) pag. 7; Franco, *Imagem... Evora*, pag. 679, 705, 711, 725. — O P. Roberto dé Nobili entrara na Companhia em Roma no anno de 1596; em 1604 saiu da barra de Lisboa com o rumo para a India, onde até o anno de 1656, em que morreu na idade de 80 annos, trabalhou como um dos mais insignes missionarios. Soube com perfeição o Tamul, Telinga e Sanscrito em que escreveu muitas obras. O Catalogo de 1652 tem delle o seguinte: «Optime cum admiratione naturalium linguam Tamulicam, Grandanicam et Badagam callet, in quibus multos et optimos composuit libros.» Cf. *Cat. soc. vet. Mad. Missionis* (1913) pag. 3.

as significações portuguezas, intitulado *Vocabulario da lingua Malabar*. Nelle teve boa parte o Jesuita allemão HANXLEDEN (1). O P. Manuel Ferraz, que sobreviveu á extincção da Companhia de Jesus, pois falleceu em 1789, é tambem auctor de uma *Grammatica e Vocabulario Tamulico* (2). Além destes, muitos outros se tornaram eminentes no estudo da lingua Tamul e nella publicaram obras; mas são, creio eu, de sobra esses nomes para o intento que levamos neste trabalho (3).

(1) O P. Pimentel foi sagrado em Goa a 1 de Março de 1722 e falleceu em 1752. Fr. Paulino de S. Bartholomeu tem delle o seguinte elogio na sua *India Or. christiana*, pag. 67: «Vir doctus et Malabarensibus gratus, qui eum nomine *Budhimetram* seu sapientis et eruditi Praesulis compellabant.» João Ernesto Haxleden entrou na Companhia em 1699, foi para o Malabar e terminou seus dias em 1732. Deixou tambem composta uma *Grammatica Malabarico-lusitana*. Cf. Fr. Paulino de S. Bartholomeu: *Examen historico-Criticum*, pag. 51 segg., e *India Or. christiana*, pag. 191; Dahlman, *ob. cit.*, pag. 18. Sommervogel, iv, 80.

(2) Entrou na Companhia em Coimbra no anno de 1732, em 1737 já estudava no Seminario de Ambalacata. Fr. Paulino de S. Bartholomeu no seu Exame historico-critico dá-lhe o nome de *Feraz*, erro que repete Dahlman, l. c., pag. 11. Cf. *Catalog. Sociorum vet. Madur. Missionis* (1913) pag. 30.

(3) Para que nem todos os nomes fiquem no esquecimento, aponto os de alguns missionarios que os Catalogos das Missões especialmente recordam, como sabedores do Tamul. P. Gaspar de Abreu († 1614), P. Fernão Gomes († 1616), P. Gonçalo Fernandes († 1621), P. Matheus Fernandes († 1628), P. Gonçalo Paes, fallecido depois de 1639, P. Manuel Campello que já falta no Cat. de 1644, P. Antonio Sraiva, que vivia em Goa no anno de 1655, P. Raphael Arnau, que trabalhava no Pegú depois de 1648, P. Manuel Alvares e P. Sebastião da Maia, fallecidos ambos em 1664, P. Diogo de Mello, cujo nome se perde depois de 1648, P. Diogo Cardoso, ainda em vida no anno de 1659, P. João Carvalho, que morreu depois de 1655, P.

*
*
*

Na lingua *Concani* também se assignalaram os Jesuitas logo desde o seculo XVI e publicaram obras de grande valor literario. Entre os que primeiro sobresairam, conta-se o P. THOMÁS ESTEVÃO, inglês de nação, que trabalhou quarenta e um annos em as terras de Salcette. Uma das suas obras mais celebres é um poema intitulado *Purâna*, em 11:018 estrophes, sobre a historia sagrada desde a Creação até á Ascensão de Jesus Christo. A belleza da linguagem e da poesia ganhou-lhe tanto applauso, que se começou a ler nas igrejas, e ainda ha poucos annos se escutava nas solennidades da Quaresma e Semana Santa com attenção e gosto dos indigenas (1). Traduziu em Concani a *Cartilha da Doutrina Christã*

Simão Correia, que já se não encontra nos catalogos de 1673, P. *Vasco Domingues*, († 1644) P. *Domingos Frões*, morto depois de 1670, P. *André Lages* e *Damaso Ribeiro* que faltam nos catalogos depois de 1659, P. *Domingos Madeira* († 1751), a quem pela pericia na lingua Tamulica se concedeu a profissão solenne, P. *Salvador da Costa*, que em 1752 ainda trabalhava em Travancor, P. *Antonio Tavares* († 1720), que além do Tamul sabia o Malayalam e estudara o Sanscrito e Telinga. Cf. *Append. Cat. Miss. Mad.*, 1912, 1913; *Catal. sociorum vet. Mad. Missionis* (1913); *Excerpta e catal. Prov. Malab.*, 1610-1752, (Trichinopoly, 1910); Rivière, *Corrections et... Supplément* (Toulouse, 1912) col. 129, 195.

(1) Ainda em 1873 se cantava o *Purâna*, como a Gerson da Cunha escreveu o diligente historiador de Goa M. V. d'Abreu; Cf. *Atti del IV congresso degli orientalisti*, T. II, pag. 196; e o P. Caetano de Sousa nas suas *Instituições Portuguezas*, publicadas em 1890, escreve a pág. 144: «Os seus [do P. Estevão] celebres *Purânas* que são ainda hoje cantados em Goa pelo povo ao som de Gumbatte». Esta obra teve tres edições em 1616, 1649, 1654, e nas duas ultimas é que recebeu este titulo de *Purâna*, intitulando-se antes *Discurso sobre a vinda de Jesus Christo...* Cf. *Sommervogel*, II, 468.

do P. M. Ignacio Martins, a qual se adoptou para ensinar aos meninos os mysterios da fé, e compôs uma *Grammatica* da mesma lingua, publicada depois de seu fallecimento (1).

Ao lado do P. Thomás Estevão notabilizou-se também no conhecimento do Concani, o P. ESTEVAO DA CRUZ (de la Croix), francês de nação, mas educado em Portugal desde menino. Viera de França em companhia do Arcebispo de Evora D. Theotonio de Bragança, em cujo paço viveu por algum tempo; mas sentindo vocação religiosa entrou na Companhia de Jesus. Em 1602 navegou para a India, e trabalhou durante quase vinte e cinco annos em Salcete, em cuja lingua prégava e escrevia com elegancia que admiravam os proprios naturais da terra. Compôs em verso e publicou em 1634 dois tomos de *Purâna*, em que explica os mysterios da fé e refuta com muita sciencia e erudição as superstições gentlicas (2). Sotwel accrescenta, que era celebre o seu

(1) Sobre esta *Cartilha* escreve F. de Sousa, *Or. Conq.*, P. I, C. I, D. I, § 23: «Agora usamos da *Cartilha* do P. Marcos Jorge, vertida em lingua da terra pelo Padre Thomás Estevão, natural de Londres, cuja versão corre em todas as igrejas do mesmo idioma». O P. Estevão, em Inglês *Stephens*, nasceu na diocese de Salisbury no anno de 1549, entrou para Jesuita em 1578, no anno seguinte deu á vela para a India e falleceu em 1619. Os auctores portuguezes chamam-no *T. Estevão*, outros o appellidam *Bustor*, *Busten*, *Bubsten*, do nome *Bushton* de sua terra natal. Os catalogos de 1605 e 1608 chamam *Bushton* e *Busstem* o lugar de seu Nascimento. — Cf. *Dahlman*, *ob. cit.*, pag. 15.

(2) «...Edidit idioma concanico duos libros *Puranae*, in quibus, de more gentis, metro mysteria nostrae fidei explicantur et ethnicorum superstitiones docte et erudite confutantur.» *Mss. Soc. J., Lus.* 58 f. 299: manuscripto original, enviado de Goa ao secretario da Companhia em Roma, com data de 10 de Janeiro de 1672.

Poema da Paixão de Christo, que os indigenas cantavam nas sextas feiras da Quaresma na igreja de Salcete (1).

Companheiro destes dois grandes missionarios nos trabalhos de apostolo e no estudo da lingua foi o P. DIOGO RIBEIRO, que accrescentou a *Arte Concanica* de Thomás Estevão, depois estampada na imprensa de *Rachol* em 1640 (2). Além desta Grammatica saiu tambem da penna do P. Ribeiro para a publicidade em 1632 uma obra de instrucção religiosa com o titulo *Declaração da Doutrina christan collegida do Cardeal Bellarmino... composta em lingoa bramana vulgar*; mas a sua obra principal é um volumoso Dicionario Concani-Português intitulado *Vocabulario da lingua Canarina, feito pelos Padres da Companhia de Jesus, que residem na Christandade de Salcete e novamente accrescentado com varios modos de fallar pelo P. Diogo Ribeiro*.

De Goa escreveram a Roma em 1672 que "o P. Ribeiro sabia com perfeição a lingua de Salcete, e por ordem superior ou corrigira ou augmentara muitos livros compostos por outros auctores em lingua Concani" (3).

(1) O P. Estevão da Cruz falleceu em Goa em 1643 com 68 annos de idade e 44 de vida religiosa. Cf. Ms. citado, l. c.; Sommervogel, II, 1687; Innocencio da Silva, *Dicc. Bibl.* II, pag. 329.

(2) J. H. da Cunha Rivara publicou em Nova Goa no anno de 1857 a 2.^a edição desta *Arte* que intitulou: *Grammatica da lingua Concani, composta pelo P. Thomáz Estevão e accrescentada por outros Padres da Companhia de Jesus...* O titulo da primeira edição era este: *Jesus Maria, Arte da lingua Canarim composta pelo P. Thomáz Estevão da Companhia de Jesus e accrescentada pelo P. Diogo Ribeiro da mesma Companhia...*

(3) «Idioma illius gentis perfectissime calluit. Plures libros

Tambem ao P. ANTONIO SALDANHA nos 40 annos que trabalhou em Salcete, não faltou largo ensejo para se instruir na lingua da terra e dar mostra do muito conhecimento linguistico, na eloquencia com que prégava aos indigenas e numa serie de obras asceticas estampadas em *Rachol* pelos annos de 1655. Entre estas apontam-se especialmente o *Tratado dos milagres... pelos merecimentos do glorioso Santo Antonio; Rosas e boninas deleitosas do ameno rosal de Maria, e Fructo da Arvore da Vida*. Ficou-lhe entre outros manuscriptos um copiosissimo *Vocabulario da lingua Concani*, já prompto para a imprensa (1).

Nove annos depois de Saldanha, fallecia o P. JOAO PEDROSA, tão profundo conhecedor do Concani, que neste idioma prégava com eloquencia extremada. Tra-

Concanica lingua ab aliis antea compositos, partim emendavit ex mandato superiorum, partim auxit.» Mss. Soc. J., *Lus.* 58, manuscripto citado, f. 299 segg. O P. Ribeiro, que entrara na Companhia em Goa no anno de 1581, terminou em 1635 a sua longa vida de 50 annos de Missionario, passados em Salcete. Sommervogel, VI, 1759; Dahlman, *ob. cit.*, pag. 15, 16.

(1) São extraordinarios os louvores que os documentos contemporaneos dão á pericia linguistica do P. Saldanha. O catalogo manuscripto de 1641 diz que «está na christandade de Salcete em que na lingua fala, confessa e prega com eminencia, graça e eloquencia». Segundo o catalogo de 1662 «concionatur idiomate canarino peritiam, lepore ac eloquentia perquam maxima». Depois de sua morte teceu-se-lhe este elogio: «Enixe animam intendit concanicae linguae addiscendae, in qua summopere profecit et eloquentissime loquebatur»... Mss. Soc. Jesu: *Goa.* 25, catalogo de 1641 e 1662; *Lus.* 58, pag. 299, ms. de 1672. O P. Saldanha nasceu em Mazagão na Africa em 1598, navegou para a India com intentos de aventuras militares, mas, trocando resoluções, alistou-se na Companhia de Jesus em Goa no anno de 1615 e findou sua carreira a 2 de Dezembro de 1663.

duziu na mesma lingua e deu a lume no anno de 1660 os *Soliloquios Divinos* do P. Bernardino Villegas S. J. (1).

Pelo mesmo tempo vivia o P. MIGUEL DE ALMEIDA, desvelado escriptor da lingua Concaní, beirão, natural de Gouveia, mas entrado na Companhia em Goa no anno de 1624 e fallecido em 1681 com 73 annos de idade. Entre os trabalhos da sua penna avulta a grande obra de *Sermões*, publicados em Goa no anno de 1658 com o appendice de uma *Doutrina Christã* e collecção de contos religiosos. Deixou varios tomos em manuscrito, já dispostos para a estampa, dos quais menciono o "*Vocabularium Benedicti Pereyra* conversum in linguam concanicam et divisum in duas partes; altera explicat vocabula lusitana in linguam concanicam, altera explicat vocabula concanica in linguam lusitanicam" (2). Bastem porém esses auctores que se tornaram mais conhecidos pelas obras que escreveram em Concaní.

(1) O P. Pedrosa, de quem se lê no citado catalogo de 1662: *concionatur idiomate canarino eloquentissime*, era natural de Coimbra, onde entrou na Companhia em 1631. Fez viagem para a India em 1641, trabalhou em Salcete uns vinte e dois annos, e falleceu em 1672. Mss. Soc. Jesu, Goa. 25, catal. de 1662 e 1667; Franco, *Synopsis Ann.*, 1641, diz que nascêra em Leiria.

(2) Mss. Soc. J., Lus. 58, f. 299 seg., manuscrito citado supra. Cf. Gerson da Cunha, *Atti del Congresso...* pag. 194 segg.; Dahlman, *ob. cit.* pag. 17. Entre os Mss. Soc. Jesu deparou-se-me um diecionario de Concaní, sem nome de auctor, em oitavo, de 207 folhas numeradas, e encadernado em capa flexivel de carneira. Todo elle está escripto com letra muito clara e arredondada. Falta-lhe o frontispicio, mas na primeira pagina do vocabulario lê-se este titulo: *Vocabulario Canarim com alfabeto português*. Pertencêra á bibliotheca do Collegio de Rachol, como se deprehe de estas palavras escriptas por outra mão numa das folhas em branco: *Livraria do Collegio de Rachol*.

*
* *
*

Escretores de Canarês, *Canará* ou *Canari* nomeio sómente os Padres DIOGO RIBEIRO, já mencionado; MANUEL RODRIGUES, e CARLOS PRZIKRIL. O P. RIBEIRO traduziu neste idioma as *Vidas dos Santos* do P. Ribadeneira (1). Sobre o P. MANUEL RODRIGUES escreveu D. Gaspar Affonso, Bispo de Meliapor, que era sujeito em tudo cabal e se occupava em compôr e traduzir livros na lingua Canará para bem da Missão de Mayssur, que elle cultivava (2). O P. PRZIKRIL, como escreve Dahlman, compôs nos carcereiros de S. Julião, onde foi lançado depois de mais de 10 annos de trabalhos na India, uma *Grammatica* e *Vocabulario* da lingua Canari, cujos materiaes recolhe na região do Canará, sendo missionario (3).

(1) Assim afirma Dahlman, *ob. cit.* pag. 16, mas o manuscrito de 1672, citado na nota antecedente (Lus. 58, f. 299), tem que a traducção era feita em Concaní: "*Edidit typis Collegii Goani tomum Vitae Sanctorum Patris Ribadaneyra in idioma concanicum a se conversum.*"

(2) O P. Rodrigues fôra admittido na Companhia em 1658 com 18 annos de idade; em 1667 deu á vela para a India, onde trabalhou por vinte annos e em 1689 passou a evangelizar a China e alli acabou seus dias. Cf. Franco: *Imagem...* Evora, pag. 729 segg.; *Annus Gl.* pag. 174.

(3) Nascêra em Praga ao anno de 1718; em 1734 acolheu-se á Companhia de Jesus, embarcou para a India em 1748; pelos decretos pombalinos foi desterrado e conduzido para as masmorras de S. Julião da Barra, donde o livrou o empenho da Imperatriz Maria Theresa em 1767. Voltou á Patria e findou seus dias no seminario de Koniggratz em 1785. Cf. Carayon, *Docum. Inéd.*, pag. 239 segg., *Catalogo de Christ. Murr.*; Sommervogel, vi, 1265.

Como polyglotta se distinguia D. FRANCISCO GARCIA, arcebispo de Cranganor, pelo conhecimento da maior parte das linguas mencionadas. "Foy o Arcebispo, escreve Antonio Franco, homem doutissimo assim nas Theologias moral e especulativa, como no Direyto Canonico. Das linguas, além da portugueza e latina, soube as linguas Grega, Hebraea, Caldaica, Siriaca, Tamul, Canarina e Industana, que por todas são nove" ... (1).

*
* *

Não se contentaram porém os Jesuitas de conhecer as linguas faladas; quizeram tambem penetrar na literatura dos Brahmanes e deram-se ao estudo do *Sanscrito*. Ainda que já durante o seculo 16 era este idioma conhecido dos missionarios, contudo quem o possuuiu, como mestre, foi o P. ROBERTO DÉ NOBILI. Mas ao lado delle vivia o português P. ANTÃO PROENÇA, que tambem se extremava no conhecimento da lingua sagrada dos Indios e deu sobre as aptidões linguisticas de Nobili o seguinte juizo: "... compôs obras admiraveis pela profundez do pensamento e perfeição do estilo, que no parecer dos Indios mais illustrados, chega ao primor dos classicos. Mas o que lhe realça o merito é o raro conhecimento que tem do Sanscrito; esse lhe subministra a suas obras uma riqueza e exactidão de expressões que pasma os Indios" (2).

Já mencionei neste capitulo os Padres Manuel

(1) *Imagem da V... Evora*, pag. 435. Nasceu em Alter do Chão em 1580 e falleceu em 1659.

(2) Bertrand, *La Mission do Maduré*, III, pag. 116.

Martins e Antonio Tavares, como bons conhecedores do Sanscrito. Mais tarde deixou tambem seu nome gravado nas memorias da literatura indiana o P. ANTONIO PIMENTEL, arcebispo de Cranganor, pelo *Diccionario de Sanscrito*, composto de parceria com o Jesuita Hanxleden. Pelo tempo em que vivia Pimentel, noticiava para a Europa o Jesuita francês Calmette, que então a Companhia de Jesus tinha missionarios não só muito versados na lingua sanscrita, mas ainda capazes de ler passagens dos Vedas, e que se occupavam em formar uma bibliotheca oriental que logo começou a prestar-lhes bom auxilio para a propagação da fé (1).

(1) M. Müller, *Lectures on the science of lang.*, I, pag. 176. — Se os Jesuitas já no seculo XVI começaram devéras o estudo do Sanscrito, e a que ponto o levaram, é coisa que não tenho de todo averiguada. O orientalista Dr. Burnell escreveu que tinha reunidos boa somma de materiaes para mostrar, que esses missionarios muito antes de terminar o seculo XVI conheciam com exactidão os Vedas. Cf. Dahlman, *ob. cit.*, pag. 8. Pinheiro Chagas na sua *Historia de Portugal*, T. IV, pag. 124, quer até, para exaltar o nome português, provar que o P. Francisco Rodrigues, entrado na India em 1556, traduzira o Bhagavat-Ghita. Mas creio que o historiador se deixou illudir pelo amor patrio. O P. Francisco de Sousa, *Or. Cong.*, P. I, C. I, D. II, § 42, 43, e P. II, C. I, D. I, § 58, ao commemorar as famosas disputas que o erudito missionario sustentava com galhardia contra os mestres das seitas indianas, diz expressamente que o P. Rodrigues fizera traduzir na lingua portuguesa os livros de Gitâ-Veaco para os convencer com a sua mesma doutrina; e o P. Antonio Franco, *Imagem da V... Coimbra*, I, pag. 623, ao mesmo proposito conta que um Brahmane convertido ao Christianismo «foi vertendo estes livros em Português e os nossos Padres lhe hião pondo na margem as impugnções: deste modo se fez o P. Francisco Rodrigues muito douto nestas seitas.» Pinheiro Chagas conjectura que por ignorancia da literatura indiana se adulteraram os nomes, chamando-se Gitâ-Veaco ao

*
* *
*

Desçamos mais ao sul e entremos na Ilha de Ceilão, cuja lingua tambem cultivaram com proficiencia os Jesuitas. Um dos que mais se distinguiram, foi o P. MANUEL DA COSTA, natural de Colombo, de quem escrevem as Cartas annuas de 1626 que era prégador não vulgar, tão perito na lingua que foi auctor de uma excellente *Arte Singalês* e traduziu neste idioma livros muito proprios a robustecer a fé dos catholicos e a converter os gentios (1).

Assignalaram-se tambem pelo conhecimento da lingua de Ceilão o P. ANTONIO SOEIRO que sempre acompanhou ao combate as tropas portuguezas, vindo a morrer junto de Candia trespassado de lanças ao lado do Capitão Diogo de Mello na batalha de Gatembe em 1638, o P. ANTONIO PEDROSA igualmente morto pelos

poema Bhagavat-Ghita, mas o auctorizado P. Sousa escreve precisamente, l. c., que Gitâ-Veaco era, no dizer dos Brahmanes, um Theologo e Propheta auctor de 18 volumes respeitados entre os gentios por escripturas canonicas e que foram estes os traduzidos pelo Brahmane e annotados pelos PP. Gonçalo da Silveira e Francisco Rodrigues. Segundo pois estes passos de Sousa e Franco, o P. F. Rodrigues conheceu os livros em traducção e não em lingua original.

(1) « Vir plane admirabilis neque religione tantum sed omnibus absolutissimus, egregius concionator, linguae peritia adeo insignis ut *Artem Chingalensis linguae* egregie composuerit, aliaque multa transtulerit in hanc, quae catholicis ut in fide perseverarent et ethnicis ut errores suos execerarentur, valde conducebant ». *Litt. ann.* 1626. Falleceu a 15 de Julho no anno de 1626, com 36 annos de idade e 18 de Religião. Cf. *Append. cat. Miss. Madur.* (Trichinopoly, 1913) pag. 19.

indigenas em 1643 por ocasião da guerra que ardia entre elles e os Portuguezes, e o P. RAPHAEL ARNAU já mencionado neste capitulo (1).

Tambem encontro memoria de que o P. DOMINGOS DE SOUSA, Jesuita desde 1586 e fallecido pelos annos de 1608, vertera em *Bengalí* um *Catecismo e Tratado da Doutrina Christã* do Jesuita espanhol P. Francisco Fernandez (2).

*
* *
*

Caminhando mais para o oriente chegamos aos reinos de *Siam*, da *Cochinchina* e *Annam*, onde, fieis ao seu costume, procuraram os Jesuitas tornar-se mestres nas respectivas linguas. O primeiro que se abalizou foi o P. FRANCISCO PINA "que fez estudo da lingua *Cochinchina*, testemunha o P. Antonio Cardim, com tanta applicação, que a falava com toda a propriedade e graça e depois foi mestre dos Padres que bem a souberam e de todos os que foram a *Cochinchina*" (3).

Entre os discipulos de Pina conta-se o grande missionario francês ALEXANDRE DE RHODES, da Companhia de Jesus, que estampou em 1651 um *Diccionario Annamitico-Lusitano* (4). Mas para a composição delle utili-

(1) Cf. *App. cat. Miss. Madur.* (1913) pag. 15, 29, 32.

(2) Sommervogel, III, 650; VIII, 1405.

(3) *Batalhas da Companhia de Jesus* (Lisboa, 1894) pag. 178.

(4) No Prologo deste Diccionario escreve o auctor o seguinte elogio do P. Pina: «...primus e nostris linguam illam apprime calluit et primus sine interprete concionari eo idiomate coepit.» Cf. Sommervogel, VI, 1718. E no livro *Voyages et Missions du Père Alexandre de Rhodes de la Compagnie de Jésus...* Paris, 1854, pag. 86, 87, diz que ao entrar na *Cochinchina* encontrou «le P. Pina, qui

zou-se de *dois Vocabularios* feitos pelos Padres GASPAR DO AMARAL e ANTONIO BARBOSA, que uniram seus esforços para a confecção da obra, começando aquelle pelas palavras annamíticas, este pelas portuguesas. O P. Barbosa escreveu ainda na mesma lingua um tratado catequético para instrução dos christãos e gentios, o P. Amaral as *Vidas* dos Santos Apostolos, e outros missionarios diversas obras para edificação daquella trabalhossissima christandade.

O P. GASPAR LUIS, de quem affirma o P. Antonio Cardim que sabia excellentemente o *annamita*, compôs neste idioma um rico *Vocabulario* que se perdeu em um naufragio.

Sobreviveu muitos annos a todos estes missionarios o ardente apostolo P. MANUEL FERREIRA; que, entre as fadigas da evangelização e das perseguições, achou lazer para se dar á composição dum *Diccionario Lusitano-annamítico* (1).

s'était rendu savant en la langue du pays, entièrement différente de la chinoise...». Ibid. pag. 89: «Depuis que je suis de retour en Europe, j'ai fait imprimer à Rome, par la faveur de Messieurs de la Congrégation de la Propagation de la foi, un dictionnaire cochinchinois, latin et portugais, une grammaire et un catechisme...» O P. Pina era natural da Guarda, onde nasceu em 1588; entrou na Companhia em 1605 e falleceu no mar em 1625 nos horrores de uma tempestade.

(1) O P. Ferreira deu seu nome á Companhia em 1647; levantou ferro para o Oriente em 1658; trabalhou no reino de Annam, foi obrigado a vir á Europa, mas em 1694 voltou para a sua missão. Falleceu em 1699. Franco: *Imagem...* Lisboa, pag. 583; *Synopsis Ann.*, 1658; Sommervogel, III, 691. Na lingua annamita usam-se, para a escripta, idiographos chinezes em grande quantidade: «mas a classe mais illustrada, escreve o sabio orientalista Mons. Dalgado, prefere

O P. ANTONIO CARDIM, testemunha em boa parte e narrador das fadigas apostolicas e literarias dos missionarios do reino annamítico, trabalhou tambem no reino de Siam desde 1626 a 1629, onde apprendeu o Siamês e escreveu nessa lingua um *Catecismo* e um tratado *De credibilitate fidei* (1).

integralmente os caracteres chinezes. Á vista da dificuldade que offerece o conhecimento desses caracteres, os missionarios católicos inventaram um esmerado sistema de transcrição em alfabeto romano, denominado *quôc ngu*, para representar fielmente todos os sons e tonalidades do idioma. Este sistema é geralmente seguido pelos filólogos e, segundo Lajonquière, pelos próprios indigenas da Cochinchina».

Influência do Vocabulário Português em Linguas Asiáticas (Coimbra, 1913) pag. LVI-LVII.

(1) Cf. Cardim, *Batalhas...* pag. 76, 78, 91, 96, 260, 261, 286, 288. Cf. Rivière, *Corrections... supplément* (1912) pag. 134. — O P. Antonio Barbosa entrara na Companhia em 1624 e no anno de 1636 começou a missionar em Annam, donde, cansado pelos excessivos trabalhos, saiu em 1642 para se restabelecer, mas foi morrer no Collegio de Rachol. Cardim, *Batalhas...* pag. 95. — O P. Gaspar do Amaral alistou-se na Companhia em 1608, leu humanidades, em 1623 embarcou para a India, em 1629 passou ao reino de Annam, donde teve que voltar no anno seguinte. Em 1631 tornou a navegar para aquelle reino que outra vez deixou para se ir curar a Macau. Tentou ainda terceira volta, mas a 25 de Fevereiro de 1646 o navio deu á costa junto á Ilha Hainam, afogando-se com mais cinco missionarios da Companhia de Jesus. Cardim, *Batalhas...* pag. 99; *Imagem...* Coimbra, II, pag. 521. — O P. Gaspar Luis fez-se Jesuita em 1602, em 1618 partiu para a India, trabalhou muitos annos na Cochinchina e Annam, e falleceu no Collegio de Rachol. Ensinava em Portugal com grande nome de excellente rhetorico e insigne poeta. Cardim, *Batalhas...* pag. 97, 98.

CHINA

Entremos porêr já na China, em cujas terras vastissimas ardor mais vivo accendeu a actividade literaria dos Jesuitas. "Os missionarios catholicos, escreve o insuspeito Neuman, merecem o louvor de ter dado a conhecer as obras primas da antiguidade classica chinesa, e o mais importante da geographia e historia daquelle país, parte em traducções, parte em obras originaes. Não se deve porêr calcular a acção literaria dos missionarios Jesuitas pelos livros que sob o seu nome viram a publicidade. Muitas de suas melhores obras appareceram com nome alheio e outras ainda jazem sepultadas no pó das bibliothecas" (1). "De feito, exclama o mesmo escriptor, que obras extraordinarias e admiraveis não compuseram os missionarios logo nos primeiros decennios de sua residencia na China!" (2). Apontemos algumas.

Um dos primeiros Jesuitas portuguezes que entraram no Imperio da China, seguindo as pègadas de Ricci, foi o P. DUARTE DE SANDE, natural de Guimarães, que o mesmo Ricci descreve como homem de muito saber, letras e virtude (3). Além do *Dialogo* sobre a embaixada

(1) Neuman, *Lehrsaal Mittelreiches*. (München, 1836), pag. 11, citado por Dahlman, pag. 24.

(2) *Zeitschrift der deutschen morgenländischen Gesellschaft*, I, pag. 115.

(3) «...Il Padre Duarte di Sande, huomo vecchio nella Compagnia, di molto sapere, lettere e virtù». Carta de 20 de Out. de 1585 ao P. Geral Aquaviva:—*Opere Storiche del P. M. Ricci*... II, pag. 58.

a Roma dos tres enviados Japoneses, feito em latim com os apontamentos de viagem dos mesmos embaixadores, compôs tambem um *Catecismo* chinês, que não chegou a estampar-se (1).

Dez annos mais tarde entrava no vasto imperio o P. JOAO SOEIRO, e doze o P. JOAO DA ROCHA, os quaes ambos enriqueceram a literatura chinesa com varias obras religiosas que publicaram.

Seguiu-se-lhes o P. GASPAR FERREIRA que, além de diversos livros asceticos dados á estampa com o fim de instruir os fieis, deixou manuscrito um *Diccionario chinês-português* (2).

Dois *Vocabularios* copiosissimos um *chinês-português* e outro *português-chinês* compô-los o grande missionario ALVARO SEMEDO; mas nenhum delles, pela morte do auctor, logrou a boa sorte de vir á luz (3).

Tres annos primeiro que Alvaro Semedo entrou na China, em 1610, o P. MANUEL DIAS JUNIOR, que

(1) O *Dialogo* sobre a embaixada foi traduzido em português, ao menos em parte, por A. J. de Figueiredo e publicado em 1862 no volume VI do *Archivo Pittoresco*. Cf. *Diccionario Popular* de M. Pinheiro Chagas, vol. XI, pag. 121; *Portugal, Dicc. Hist.*, VI, pag. 552.—O P. Sande entrou na Companhia em 1562, professou rhetorica e foi grande prégador; em 1578 passou á India; de Macau, onde já vivia, penetrou na China em 1585 e falleceu no anno de 1600. Cf. Franco, *Imagem da V... Lisboa*, pag. 966; Sommervogel, VII, 546; Cordier, *L'Imprimerie Sino-Européenne en Chine*, pag. 46.

(2) O P. João Soeiro falleceu em 1607, o P. João da Rocha em 1623 e o P. Gaspar Ferreira em 1649. Cf. Couplet, *Catalogus Patrum*... n.ºs VII, X, XIV, pag. 7, 8, 10.

(3) Dos *Vocabularios* de Semedo escreve o P. Couplet no *Catalogus Patrum Soc. J.*... n.º XXV, pag. 18: «Duo Vocabularia amplissima reliquit pro praelo».

escreveu, além do tratado sobre a esphera e varios opusculos de observações astronomicas, mencionados no capitulo anterior, um bom numero de obras, principalmente asceticas, entre as quaes teem primazia os quatorze tomos de sermões para todos os domingos e festas do anno (1).

Além do P. Dias outros Jesuitas portuguezes deram á estampa em lingua sinica obras scientificas. O P. FRANCISCO FURTADO imprimiu seis volumes sobre o *Mundo* e o *Céu*, em que demonstra a existencia de Deus, e dez sobre *Logica* e *Metaphysica*. São estes a traducção de parte do *Curso Conimbricense*.

O P. IGNACIO DA COSTA deu a conhecer as obras de Confucio no livro intitulado: *Sapientia sinica expone*nte P. Ignatio da Costa Lusitano Soc. Jesu, a P. Prospero Intorcetta siculo ejusdem Soc. Orbi proposita.

(1) O exemplar que vimos desta obra de sermões, consta de sete volumes em oitavo, bem conservados, em que estão brochados dois a dois os quatorze tomos, com mais um tomo de indice. Toda ella é composta em lingua chinesa e só tem escriptas á mão na capa de cada volume, como titulo, as palavras latinas: *Explicatio Evangeliorum totius anni*, e a designação das Domingas, cujos sermões contém o volume. O P. M. Dias era natural de Castello Branco e entrou na Companhia em 1592; passou á India em 1601 e em 1610 começou a trabalhar na China, onde continuou suas fadigas pelo espaço de 48 annos e falleceu em 1659 com fama de santidade. Cf. Couplet, *Catalogus Patrum...* n.º xx, pag. 13; Franco, *Imagem...* Coimbra, II, pag. 623. — Vinte annos antes expirava em Macau outro P. Manuel Dias, tambem missionario da China; nasceu em Alpalhão, foi recebido na Companhia em 1576, em 1585 navegou para a India e em 1601 entrava na China. Cf. Couplet, *ob. cit.*, n.º XII, pag. 10; *Imagem...* Evora, pag. 872; *Opere Storiche del P. M. Ricci*, II, pag. LVII, onde o P. Tacchi Venturi chama o P. Dias «insigne collaboratore e continuatore dell'impresa del Ricci».

Desta publicação escreveu o sabio orientalista Rémusat: «Foi o primeiro trabalho que sobre estes livros chegou a meu conhecimento; é a traducção latina do Ta hio, a qual em 1662 appareceu ao lado do texto chinês» (1). Imprimiu além desta obras importantes de theologia na lingua chinesa, como os dois volumes da *SS. Trindade* e outros dois sobre a *Incarnação e Paixão de Christo* (2).

O P. GABRIEL DE MAGALHÃES entregou á publicidade igualmente em chinês dois volumes de theologia sobre a *Resurreição* e um *Compendio de Theologia*. Escreveu mais em portuguez uma obra das *Doze Excelencias da China*, que o P. Philippe Couplet trouxe em manuscripto na sua viagem á Europa e mostrou ao Cardinal d'Estrées, o qual a mandou traduzir e publicar em lingua francesa com o titulo: *Nouvelle Relation de la Chine* (3).

(1) Dahlman, *ob. cit.*, pag. 32. Cf. De Backer, *Bibliothèque des Écrivains de la Compagnie de Jésus*, s. v. Couplet.

(2) O P. Francisco Furtado, açoreano da Ilha do Faial, trabalhou 32 annos na China, onde falleceu em 1653. Cf. Franco, *Imagem...* Coimbra, II, pag. 816.

O P. Ignacio da Costa, natural da mesma Ilha, chegou á China em 1634 e morreu no anno de 1666. Cf. Couplet, *Catalogus Patrum...* n.º XLII, pag. 26.

(3) O P. Gabriel de Magalhães, natural de Pedrogão, viveu no Imperio Chinês 39 annos, e falleceu em 6 de Maio 1677 com 69 annos de idade. Pelo seu talento para a mechanica soube ganhar a affeição da côrte. O Imperador compôs-lhe o epitaphio, e aos esplendidos funeraes que á sua custa mandou fazer, enviou tres nobres da sua côrte que o acompanhassem á sepultura. O P. Thomás Pereira, que exarou, como testemunha de vista, uma relação da morte e funeraes do P. Magalhães, assim o descreve o que toca ao epitaphio: «Logo pella manham seguinte se avisou ao Emperador, que, ouvindo esta nova, mostrou assaz sentimento, e respondeu, que logo manda-

O famoso mathematico e musico P. TOMÁS PEREIRA, que já lembrei no capitulo II, descreveu em chinês a *Vida do P. Fernando Verbiest* e compôs na mesma lingua um *Methodo de Musica practica e especulativa*, que o Imperador fez traduzir em Tartaro. Sobre esta obra musical, e valia que o seu auctor gozava na Côrte de Pequim, temos o testemunho auctorizado do Jesuita P. José Soares, companheiro do P. Pereira e tambem muito

ria gente sua a nossa casa, a faser honra *more patrio* ao Padre... Logo pegou o Rey do pincel (que assim se escrevem os caracteres sinicos) fassendo coim sua propria mão hum epitaphio ao P.^o Gabriel de Magalhães; em que se vê o sentimento, que teve de sua morte, a grande benevolencia com que o amava... Dis pois assim o Epitaphio, vertido fielmente do China conforme o sentido, que soa em nosso vulgar: «Ainda agora ouvi, que o *Gân vên su* (nome do Padre em China) morrera de doença. Considerando eu como elle antiguamente, occupando-se no serviço de meu Pay *Cham* (titolo, que se deu ao Emperador ao depois de morto, e com este se nomeya) primeiro Emperador de nossa faimilia, em cousas artificiosas, e de engenho, acertou com a vontade Reyal, esgotando suas forças no conserto, e cuidado das mesmas cousas: além de que o ser homem vindo d'alem do mar ha muitos annos, homem solido, e verdadeiro, cousa que ha muito tempo a todos foi manifesta e ainda que era doente, esperava Eu que com remedios medicinaes convalesceria: porem não o cuidando eu se foi pera sempre. Eu tendo o coração lastimado, e sentido de proposito lhe faço mercê de 200 tayeis em prata e 10 peças grandes de Damasco, para que se veja que me não esqueço dos serviços de meus vassallos que vem de longe. *Eu Emperador*. Este epitaphio toda a cidade o contemplou á frente do prestito funebre num formoso estandarte de setim amarello. «Foi o acompanhamento, escreve o P. Pereira, tal, qual se não viu nesta cidade na grandesa, gravidade, composição e modestia christam». Copiei esta noticia da carta autographa do P. Th. Pereira, escripta de Pequim a 27 de Maio de 1678. Cf. Couplet, *Catalogus Patrum*... n.º LII, pag. 32; Sommervogel, v, 307; P.^o Chagas, *Historia de Portugal*, iv, pag. 123; Deusdado, *Educadores*... pag. 194; Richthofen, *China*, I, pag. 678.

acceito ao monarcha chinês. «Mandou o Emperador buscar a Macau o P. Thomás Pereira, que em todo o decurso deste tempo fez tantas e tão artificiosas curiosidades nesta côrte, que não sómente causaram assombro aos chinas e tartaros, mas tambem aos europeus que as viram. E o Emperador ficou tão pago e satisfeito que se dignou tê-lo por mestre na musica e solfa europeia, como tivera ao P. Verbiest na mathematica e philosophia. Para melhor comprehender o fundamento e perfeição do contraponto ordenou ao P. Pereira lhe compusesse sobre o assumpto uma obra em lingua e letras chinas. Fê-la o P. em quatro tomos, onde reunia tudo quanto em materia de Musica se podia desejar, e o Imperador ultimamente os mandou traduzir em lingua tartara" (1).

Não menciono aqui outros Padres Portugueses que na China se tornaram conhecidos, como mathematicos, nem as obras que escreveram, porque já delles fiz lembrança no capitulo antecedente. Os demais Jesuitas de origem portuguesa, que na China illustraram seu nome com livros dados á estampa, exercitaram particularmente a penna em obras de theologia dogmatica e ascetica no intuito directo de propagar e confirmar a fé christã. Para não ser ininucioso por demais, não me refiro a cada um por seu nome; não quero porém omittir, por serem dignos de especial menção, os dos Padres JOÃO DA ROCHA, bracharense, fallecido em 1623 na China onde entrara em 1598; RODRIGO DE FIGUEIREDO, de Coruche, que depois de 20 annos de missão, preferiu

(1) P. José Soares, *La libertad de la ley de Dios en el imperio de la China... traducida de la lengua Portuguesa á la Castellana por Don Juan de Espinola* (Valencia, 1696) pag. 35, 36. Sommervogel, vi, 514; Pinheiro Chagas, *Hist. de Port.*, iv, pag. 123.

morrer em 1642 como bom pastor entre suas ovelhas na ruína da cidade, a salvar-se fugindo, como o convidavam pessoas da nobreza; JOÃO MONTEIRO, de Mesão-frio, que morreu na Índia no anno de 1652, tendo alcançado pelo estudo rara facilidade em manejar a lingua sinica; o P. ANTONIO DE GOUVEIA da diocese de Viseu, já mencionado, e o P. ANTONIO DA SILVA, bispo de Nanquim desde 1707 (1).

Com os Jesuitas portugueses trabalhavam unidos pelo mesmo ideal religioso e scientifico, e muita vez na composição da mesma obra, os Jesuitas das outras nações. Não faz ao meu proposito inscrever nesta resenha os seus nomes, bem conhecidos pelos sabios europeus. Não deixarei porém de apontar ao menos os nomes dos Padres ADAM SCHALL (1612-1669) (2), FERNANDO VERBIESTE (1659-1688) e PHILIPPE GRIMALDI (1671-1712), sinologos e astrónomos insignes e presidentes do tribunal das mathematicas; PHILIPPE COUPLET (1656-1693), FRANCISCO NOEL (1687-1729) e J. BAPTISTA REGIS (1701-1738), mestres eminentes na sciencia e literatura sinica; JOSÉ HENRIQUE DE PRÉMARE (1698-1736) e DOMINGOS PASSEIN (1698-1741), profundos conhecedores da lingua chinesa; ANTONIO GAUBIL (1723-1769) geographo, historiador e astrónomo de rara valia e socio correspondente da imperial Academia de S. Petersburgo, e JOSÉ M. AMIOT (1740-1793) sinologo de vasta erudição e auctor da *Vida de Confucio*, que lhe deu grande

(1) Cf. Couplet, *Catalogus Patrum* ... n.ºs x, xxx, xlv, pag. 8, 21, 27; Cordier, *L'Imprimerie Sino-Européenne*, l. e.; Franco, *Imagem da V...* Evora, pag. 878.

(2) O primeiro numero indica o anno da entrada na China e o segundo o da morte.

nomeada (2). Estes e muitos outros missionarios, cujo merecimento é testemunho de elevada formação intellectual, foram os cooperadores dos Jesuitas portugueses na grande obra scientifica e literaria que realizavam no Imperio Chinês.

JAPÃO

Terminemos pelas ilhas no Japão esta viagem literaria através da Asia. A perseguição desencadeada sobre a christandade nascente pela furia dos monarchas japoneses deu pouco tempo aos zelosos missionarios para publicarem as obras de suas pennas, mas dêsse pouco tempo, nota a *Saturday Review*, soube a industriosa actividade dos Jesuitas tirar o melhor partido (1); e foram precisamente os missionarios portugueses, accrescenta o erudito philologo A. F. Pott, que nos communicaram as primeiras noções scientificas sobre a lingua japonesa e primeiro que todos publicaram já desde o fim do seculo XVI e principio do XVII grammatica e vocabularios deste idioma (3).

O P. JOÃO RODRIGUES, natural de Alcochete, é o

(1) Cf. Couplet, *Catal. Patrum*... pag. 19 segg., Dahlman, *ob. cit.*, pag. 30 segg.; Sommervogel, *Bibliothèque*, nos nomes citados.

(2) *Saturday Review* 29 Dec. 1888, citado por Dahlman, pag. 61.

(3) «... Nun also, wem verdanken wir doch die erste wissenschaftliche Kunde von japanischer Sprache? Den Holländern? O nein! Portugiesischen Missionaren..., welche bereit zum Schlusse des 16 und im Anfange des 17 Jahrhunderts ihre Grammatiken und Wörterbücher der japanischen Sprache veröffentlichten»...

Zeitschrift der deutschen morgenländischen Gesellschaft, xii, (Leipzig, 1858) pag. 443.

auctor benemerito da primeira e mais importante grammatica japonesa que viu a luz da imprensa (1). Apenas entrou no Japão em 1583 applicou-se com singular empenho a apprender a lingua e á sua energica actividade de vemos em boa parte a serie de obras excellentes que saíram da imprensa japonesa desde 1590 a 1610. Compôs primeiro uma grammatica extensa com o titulo: *Arte da lingua de Japam*, impressa em 1604 no Collegio da Companhia de Jesus em Nangazaqui. Mas esta *Arte*, na opinião de Rémusat, além de demasiadamente

(1) Algumas passagens de historiadores antigos e particularmente da *Apo'logia*, escripta no Japão em 1598 pelo visitador Alexandre Valignano, deram aso a se cuidar que já em 1593 tinham os Jesuitas imprimido no Japão uma grammatica da lingua japonesa. Os textos porém não são apodicticos, como o observa tambem o sr. Jordão de Freitas num estudo eruditissimo, intitulado *Subsidios para a Bibliographia Portugueza, relativa ao estudo da lingua do Japão*, e publicado em artigos no «O Instituto», vol. de 1904 e 1905. Acresce que o Dominicano espanhol Diogo Collado, no prologo da sua grammatica da lingua japonesa, só menciona como grammatica divulgada anteriormente á sua a *Arte* do P. Rodrigues. Collado aproveitou-se da *Arte* do Jesuita portuguez, como declara no mesmo prologo, tomando della o muito que lhe servia para o seu trabalho e deixando o que os doutos desaprovavam. «... Visum est mihi, diz elle, aliquale Deo et ministris fidei propagationis... obsequium praestitutum, si extractis ab arte praedicta necessariis (sunt enim multa) et relictis, quae peritis in praedicta lingua talia non probantur, additis etiam iis quae experientia et usu... sum adeptus, in compendium redigerem». Affirma porém o erudito Rémusat (*Journal des Savants*, 1825, pag. 606), que o vocabulário e grammatica de Collado são «les plus incomplets et les plus fautifs de tous». Toda a grammatica é escripta em latim, nem se usam nella caracteres japoneses nenhuns. O exemplar que vimos, foi impresso em Roma, no anno de 1632, nove ou dez annos depois que o auctor saíra do Japão, o que explica a imperfeição da obra.

prolixa e falta de clareza em certos pontos, nem sempre era exacta na orthographia e na expressão dos sons japoneses. O proprio auctor ha de ter observado estes defeitos, pois em 1620 dava á estampa a *Arte breve da lingua de Japam tirada da arte grande da mesma lingua*, arte que se avanta á primeira pela ordem, brevidade e precisão (1).

Antes do P. João Rodrigues já outros Jesuitas tinham composto grammaticas japonesas para auxilio dos novos missionarios. Foram elles os dois Coadjuutores JOÃO FERNANDES e DUARTE DA SILVA. Fernandes, o zelozissimo companheiro de Santo Xavier “soube com tanta eminencia, escreve F. de Sousa, a lingua e caracteres japonezes, que traduziu alguns livros e compoz uma *Grammatica* e dous *Vocabularios* e foi sempre o mestre dos nossos missionarios emquanto viveu.” (2) E tal era sua mestria que o P. Luis de Almeida, seu companheiro de missão, pôde affirmar que “entre os Irmãos que vieram a Jappani, da lingua nenhum chegou ao lr. João Fernandes, nem me parece o averá, por muitos

(1) Landresse em nome da Sociedade Asiatica de Paris reeditou em 1825 esta Grammatica intitulado-a *Eléments de la Grammaire Japonaise*, par le P. Rodriguez, segundo o manuscrito da Bibliotheca Real, confrontado com a Grammatica impressa em Nangazaqui no anno de 1604. Ambas as Grammaticas, publicadas pelo auctor, são preciosidades bibliographicas muito raras. Cf. Dahlman, *ob. cit.*, pag. 58; Innocencio da Silva, *Dicc. Bibl.*, Supplemento, x, pag. 341; Sommervogel, vi, 1970; Satow, *The Jesuit Mission Press in Japan*, pag. 46-47. O P. João Rodrigues entrou na Companhia em 1576 com 18 annos de idade. Deu á vela para o Oriente em 1583, no Japão soube ganhar a estima de Taicosama, e falleceu em 1633. Franco, *Imagem... Coimbra*, II, pag. 620; Sommervogel, vi, 1970.

(2) *Or. Conq.*, P. II, C. IV, D. I, § 33.

que venham" (1). O P. Luis Froes escreveu em carta para a Europa a seguinte noticia acerca da grammatica e vocabularios de João Fernandes: "Por em Jappam nam aver Arte conforme a ordem que tem a latina, porque se padecia detrimento no aprender da lingua, determinou o irmão João Fernandes... de a fazer com as suas conjugações, preteritos, syntaxe e mais regras necessarias com dous vocabularios por ordem do alfabeto; hum que começa em portuguez e outro na mesma lingua..." (2). DUARTE DA SILVA, escreve tambem Luis de Almeida, "nunca o vimos huma ora estar ocioso, donde veyo a comprehendere as letras de Japão, e as da China, que são muy difficultosas. Elle compoz a *Arte de Japão* e fez *Vocabularios* da lingua muy copiosos." (3) Não saíram dos manuscriptos as obras de Fernandes e Silva.

Mas anteriormente á impressão da Grammatica do P. Rodrigues já dos prelos de *Amacusa*, installados no Collegio da Companhia de Jesus, saía no anno de 1595 um precioso e abundante Dicionario trilingue latino-português-japonês com o titulo: *Dictionarium latino-lusitanicum ac japonicum*.

(1) Cf. Franco, *Imagem... Coimbra*, II, pag. 327.

(2) Franco, *ob. cit.*, pag. 323.

(3) *Or. Cong.*, P. II, C. IV, D. I, § 2. O Irmão Silva entrara na Companhia em 1550, navegou a Japão em 1552 e falleceu em Bungo no anno de 1564. Cf. Franco, *Imagem... Coimbra*, I, pag. 670, Sommervogel, VII, 1729. — O Ir. João Fernandes, natural de Cordova, morava em Lisboa, onde era mercador rico quando entrou na Companhia em 1547; em 1548 navegou para a India, e logo em 1549 tomou com S. F. Xavier a derrota para o Japão, onde morreu em 1567. Cf. Jordão de Freitas, *O Instituto*, vol. de 1904, *art. cit.*, pag. 673 segg.; vol. de 1905, pag. 115 segg.

Oito annos depois, em 1603, apparecia segundo Vocabulario português com o intento de completar e corrigir as falhas do primeiro. Intitulava-se: *Vocabulario da lingua de Japam com a declaração em Portugues, feito por alguns Padres e irmãos da Companhia de Jesus*, e fôra impresso em Nangazaqui no Collegio dos Jesuitas (1).

Em 1598 já se tinha dado á estampa um dictionario japonês com o titulo: RACVYOXV — *In Collegio japonico Societatis Jesu*. Sobre uma folha em branco do exemplar que vimos, lançou a mão porventura de algum missionario, que o mandou para a Europa, a seguinte nota elucidativa: "Vocabulario de algunos caracteres de Japon mas necesarios para los libros ordinarios hecho a nuestro modo, y cõ su explicacion cõ letra habecedaria, que está junto a cada figura y muestra lo que significa a los q. las ignoram, cosa que hasta agora no havia en Japon, puesto q. tienen el abecedario q. consta de 48 letras, pero ni del, ni de las figuras tenian emprenta: por lo qual labrando las dichas figuras y caracteres cõ el dicho alphabeto se ha hecho este livro en la nuestra emprenta del collegio de Japon y cõ las

(1) Em 1870 imprimiu em Roma a Typographia da Propaganda um *Lexicon latino-japonicum*, tirado do dicionario trilingue impresso em 1595; e o *Vocabulario português* reproduziram-no em Manila os Padres Dominicanos no anno de 1630 com a correspondencia das palavras *castelhanas*. Ainda em 1862-1868 publicou Leon Pagès um dicionario intitulado *Dictionnaire japonais-français*, que, segundo o editor afirma no frontispicio, não é mais que a traducção do *Diccionario japonês-português* estampado pelos Jesuitas em 1603. Cf. Sommervogel, IX, 1024, 1153; VI, 1970, Satow, *ob. cit.*, pag. 45; Dahlman, *ob. cit.*, pag. 59.

mismas figuras y alphabeto se imprimen otros livros q. son muy utiles para esta christandad." (1).

Foram porém mais numerosas as obras asceticas, estampadas pelos missionarios do Japão. A primeira que saiu das imprensas da missão, foi, segundo nota Satow, um livro de vidas de *Santos* a começar pela de S. Pedro como o indica no frontispicio uma gravura que representa o Principe dos Apostolos rodeado por um côro de Santos. Este livro, impresso no collegio da Companhia em Katsura no anno de 1591, escreve o P. Froes que produziu fructos extraordinarios naquellas novas plantas do Christianismo (2).

O P. PEDRO GOMES, Provincial dos Jesuitas, deu a lume no anno de 1598 em lingua japonesa, além de outros escriptos tendentes a fortalecer os neophitos para os heroismos que impunha a sangrenta perseguição, um livro sobre a *Excellencia do Martyrio* (3).

O P. MANUEL BARRETO que trabalhou no Japão mais de 20 annos como missionario, publicou em 1610 uma obra intitulada *Flosculi de Virtutibus et vitiis*, que é um florilegio de sentenças da Escripura e dos Santos Padres sobre a virtude e sobre o vicio, e redigiu tambem

(1) Cf. Mss. Soc. J., *Jap. Sin.* 201 (impressi); Satow, *ob. cit.*, pag. 35.

(2) Cf. Satow, *ob. cit.*, pag. 1. Este «Flos Sanctorum» já trazia impresso, como appendice, um vocabulario de palavras japonesas, mais difficeis, com a interpretação portuguesa.

(3) O P. Gomes, espanhol de nação, era noviço em Coimbra no anno de 1555. Depois de ensinar philosophia e theologia e ter desenvolvido um zelo maravilhoso em missões nas Ilhas Terceiras, alcançou ir para o Japão em 1579, onde no anno de 1600 expirou com opinião de santo. Cf. Mss. Soc. J., *Lus.* 43, f. 237; Franco, *Imagem...* Coimbra, II, pag. 523 segg. e pag. 626.

um *Vocabulario português-japonês* que não chegou a imprimir-se (1).

Para instrucção dos clérigos compôs em latim o Bispo Jesuita D. LUIS DE CERQUEIRA um *Manual de Casos de Consciencia*, que, vertido em japonês, foi dado á estampa, e um *Manuale ad Sacramenta Ecclesiae ministranda*, com appendice de passagens traduzidas na mesma lingua e publicado em 1605 (2).

Foram tambem traduzidas na lingua do Japão as duas obras de Fr. Luis de Granada, *Introdução ao Symbolo da Fé* e a *Guia de Peccadores*, o *Contemptus Mundi* e, além disso, muitas fabulas de Esopo com alguns trechos colhidos dos quatro livros classicos chineses, especialmente das obras de Confucio. É curiosa a observação, que se escreveu como preambulo neste ultimo volume, impresso em 1592: "Sendo os auctores pagãos, pudera cuidar-se que não é para divulgada a materia, que neste livro se trata. Mas como justificação baste o reparo de que não é coisa nova na Igreja a publicação de semelhantes livros, contanto que sirvam para estudo e concorram em geral para o bem commum (3).

(1) Tendo 15 annos de idade entrou na Companhia em 1579; concluida a carreira de estudos passou ao Japão e falleceu em Nangazaki em 1620 ou 1621. Cf. Jordão de Freitas, *O Instituto* de 1905, pag. 499.

(2) D. Luis de Cerqueira era Jesuita desde 1566; professou theologia na Universidade de Evora; no anno de 1594 foi sagrado bispo do Japão em Evora pelo Arcebispo D. Theotónio de Bragança, que celebrou a expensas suas e com apparatusa solennidade as festas da sagração. No mesmo anno partiu D. Luis para o Japão, onde morreu em 1614. Franco: *Synopsis An.*, 1594; *Imagem...* Evora, pag. 461 segg., 870.

(3) Satow, *The Jesuit Mission Press*, pag. 15.

Por brevidade aponto resumidamente os nomes de alguns missionarios que se distinguiram pelo conhecimento da lingua japonesa. Do P. GASPAR VILLELA escreveu Luis Froes em carta de 20 de Fev. de 1565: "Falla a lingoa desta costa (Meaco), que he a principal e mais polida de todo o Japão, mui correntemente... Tem trasladado alguns livros devotos e de boa doutrina na mesma lingoa. Agora vai fazendo o *Frolsanctorum* pera consolação dos christãos: o qual está já meo feito" (1).

O P. LUIS D'ALMEIDA, escreve o P. F. de Sousa, "sabia bellamente a lingua japoneza e tinha graça particular para tratar com os Principes e Senhores..." (2)

O P. BALTHASAR GAGO que escreveu em japonês um *Tratado sobre a differença* entre a lei de Christo e a lei de Japão, trabalhou naquelle reino desde 1552 a 1560 em que voltou para a India, onde morreu em 1583. (3).

Ácerca do P. FRANCISCO RODRIGUES que partiu para

(1) *Cartas do Japão* (Evora, 1590), I, f. 177. O P. Villela, natural de Avis, depois de 15 annos de apostolado no Japão foi morrer em Goa no anno de 1572. Navegára de Portugal á India em 1551. Cf. Franco: *Imagem da V... Lisboa*, pag. 174 segg.; *Annus Gl.*, pag. 235. Sousa, *Or. Cong.*, P. II, C. IV, D. I, § 67.

(2) *Or. Cong.*, P. II, C. IV, D. II, § 91. — Luis d'Almeida fôra mercador rico, entrou na Companhia em Japão no anno de 1555 e depois de 28 annos de trabalhos falleceu em 1583. Era dotado de grande engenho, cirurgiãõ excellente e serviu-se maravilhosamente deste seu prestimo para fazer bem aos corpos e ás almas dos Japões. Cf. *Or. Cong.* I. c., item P. I, C. IV, D. II, § 14.

(3) Cf. Franco, *Imagem da V... Coimbra*, I, pag. 669; Somervogel, III, 1101.

a India em 1584, tem um catalogo do Japão de 1593 que "sabia muito bem a lingua japonesa e prégava nella" (1).

Seja o ultimo nome o do glorioso martyr B. DIOGO DE CARVALHO, de quem escreveu o P. Antonio Cardim, que "sabia muito bem a lingua do Japão" (2).

Sobejam estas poucas noticias para tirarmos com a *Saturday Review* a conclusão de que tambem naquelles afastadissimos reinos do Oriente os Jesuitas "se applicaram ao estudo das linguas com ardor incansavel." (3)

BRASIL

Passemos agora ao Continente Americano, onde a barbarie dos indigenas difficultava enormemente a aprendizagem das linguas. Contudo a diligencia e habilitade dos missionarios crearam em pouco tempo uma literatura de obras asceticas, de grammaticas e dictionarios que hoje são para a linguistica de um preço inestimavel (4). "Foram os missionarios, disse o Presidente do Congresso Internacional Americano de Copenhagen,

(1) Era da diocese de Evora; em 1593 tinha 33 annos de idade e 15 de Religião. Falleceu em naufragio no porto de Lisboa em 1606. Tacchi Venturi, *Opere storiche del P. Matteo Ricci*, II, pag. 481; Franco, *Synopsis Ann.* 1584.

(2) *Batalhas...*, pag. 177. O B. Carvalho entrou na Companhia em 1594 com 16 annos de idade; navegou para o Japão em 1609; em 1614 foi desterrado e passou a evangelizar a Cochinchina; voltou ao Japão, onde em 1624 morreu pela fé num banho de agua enregelada. Cardim, *Batalhas*, I. c.; Franco, *Imagem da V... Coimbra*, I, pag. 122, segg.

(3) *Saturday Review* 29 Dec. 1888, cit. por Dahlman, pag. 61.

(4) Dahlmann, *ob. cit.*, pag. 63.

que nos deixaram ricos monumentos daquelles povos, que elles procuravam converter ao christianismo (1). "A historia destes missionarios jesuitas, escreveu Pinheiro Chagas, está tão intimamente ligada á historia da colonisação e conquista do Brasil que não é possível separá-las... Tiveram que fazer um estudo profundissimo do caracter, dos costumes, das tradições, da historia dessas tribus, que vagueavam pelas maravilhosas florestas do Novo Mundo. A sua lingua rude aprenderam-na com tanto affinco e amor, como estudariam na Europa o suave e harmonioso idioma do Lacio... Levados pelo ardor da propaganda, iniciaram no seculo XVI, em plena Renascença, em pleno entusiasmo exclusivo dos primores da antiguidade, o estudo destas linguas plebeas e desprezadas, que depois os ethnographos contemporaneos deviam estudar e profundar, atraídos pelo amor desinteressado da sciencia" (2).

Temos porém que lastimar a falta de muitos e preciosos trabalhos linguisticos, occasionada pelo desleixo, digamos antes pela barbarie e fanatismo dos que arruinaram as florentes missões da America no declinar do seculo XVIII. Os fructos de dois seculos de fadigas e diligente investigação desperdiçou-os ou destruiu-os um odio cego e malavisado. Desta maneira, conforme o testemunho de Couto de Magalhães, apenas se encontra no Brasil um ou dois exemplares da famosa grammatica Tupi. E contudo esse livro, que tinha como auctor Anchieta, o glorioso apostolo do Brasil, fôra espalhado aos

(1) *Congr. Intern. des Améric. Compte-Rendu*, (Copenhague 1883), pag. 21. Cf. Dahlmann, pag. 63.

(2) *O Panorama*, vol. 17, pag. 14.

centenares pelas terras daquella vasta Missão. Outros manuscriptos tiveram a fortuna de vir a mãos de homens entendidos, mas foram publicados em nome de outrem, com prejuizo para a justa honra dos verdadeiros auctores. O *Diccionario Portuguez-Brasileiro*, que em 1795 se estampou em Lisboa, baseia-se no *Diccionario manuscripto da lingua geral do Brazil*, que segundo toda a probabilidade saiu da penna do famoso Jesuita João Daniel. Betendorf publicou tambem na cidade de Lisboa um *Compendio da Doutrina Christã* em lingua brasilica e portuguesa, que, segundo affirma o editor, se fundava num *Compendium Doctrinae Christianae*, que já existia manuscripto (1).

Deram-se pois os missionarios com ardoroso empenho a estudar as linguas daquellas regiões, e, no dizer de v. Martius, "cabe aos Jesuitas o merecimento de ter composto um *Vocabulario geral da lingua Tupi*, principalmente nas missões do antigo Estado do Gram Pará" (2).

O P. JOSÉ DE ANCHIETA foi o primeiro que escreveu grammatica de lingua do Brasil, "que brevemente perfeiçoou com tal excellencia, escreve Simão de Vasconcellos, que pôde reduzir aquelle idioma barbaro a modo e regras grammaticaes, compondo *Arte* dellas, tão perfeita, que, approvada dos mais famosos lingoas, foi dada á impressão e tem servido de guia e mestra daquella faculdade aos que depois vierão, com proveito e facilidade; e della ha lição particular em alguns collegios da Provincia. Além da *Arte* fez *Vocabulario* da mesma

(1) Dahlmann, *ob. cit.*, pag. 64, 65.

(2) V. Martius, *Wörterammlung brasilianischer sprachen...*, Einleitung, pag. 1, segg. Cf. Dahlmann... pag. 81.

lingoa: traduzio a doutrina christãa e mysterios da fé, dispostos a modo de dialogo... Era destro em quatro lingoas, portuguesa, castelhana, latina e brasilica: em todas ellas traduzio em romances pios, com muita graça e delicadeza, as cantigas profanas que andavam em uso..." (1) A grammatica só foi impressa em 1595, dois annos antes da morte do auctor, com o titulo *Arte de Grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil*; mas no espaço de 40 annos, desde que o auctor lhe pôs a primeira mão, foi-se aperfeiçoando pelas correcções e notas dos missionários que melhor conheciam a lingua. Jul. Platzmann no seu Catalogo de grammaticas americanas pôde affirmar que a Arte do P. Anchieta "é o mais precioso e importante monumento que possuímos daquella lingua" (2).

(1) *Chronica*... L. I, n.º 156, 157. Esta lingua, chamada Tupi, admiravam-na os missionarios pela sua delicadeza, copia, suavidade e elegancia, chamando-a *grego* pelo conjuncto destas qualidades. O P. Ruy Teixeira, em carta de 11 de Setembro de 1561 para os Padres da Bahia, contava que o P. Luis da Grã ordenara em casa «que houvesse cada dia uma hora de lição da lingua brazileira, que chamamos *grego*; elle é o mestre della». Cf. *Revista do Instituto historico do Brazil*, T. XVII (1895) pag. 99, 239. O P. Vasconcellos na *Chronica*, L. I, *das noticias do Brazil*, n.º 110, escreve ao mesmo proposito: «... Julgão muitos que tem a perfeição da lingua grega: e na verdade tem-me admirado especialmente na delicadeza, copia e facilidade». Era tal o empenho com que os Missionarios a estudavam, que, segundo conta do seu tempo o historiador José de Moraes, «nenhum Jesuita da America professava solemnemente sem primeiro se examinar nella e ser approvado com juramento». *Historia da Companhia de Jesus na Prov. do Maranhão* (Rio de J. 1860), pag. 134.

(2) Verzeichniss einer Auswahl amerikanischer Grammatiken, Wörterbücher... gesammelt von Jul. Platzmann, (Leipzig, 1876), citado por Dahlmann... pag. 82.

O *Vocabulario* e outras obras de Anchieta, observa o mesmo erudito philologo, "distinguem-se tanto pela muita erudição como pelo exacto conhecimento da lingua dos Indigenas" (1).

A segunda *Grammatica da lingua Tupi* devemo-la ao trabalho do zeloso missionario LUIS FIGUEIRA, que procurou aperfeiçoar a de Anchieta dando-lhe mais brevidade, mais precisão e melhor ordem. Mereceu umas sete edições desde a primeira de 1621, foi reeditada na Bahia em 1851 e Platzmann tambem a reimprimiu em facsimile no anno de 1878 (2).

Da lingua dos *Maramomis* escreveu *Grammatica, Dictionario e Catecismo* o P. MANUEL VIEGAS; mas nenhuma destas obras foi dada á estampa. Na composição da grammatica prestou-lhe auxilio o P. Anchieta (3).

(1) Verzeichniss... l. c. — Platzmann deu tres edições da Grammatica de Anchieta; e em 1874 e 1876 publicou da primeira edição de 1595 um facsimile, verdadeira obra prima de estampa. Sommervogel, I, 310; Rivière, *Supplément*, 1913, col. 63; Dahlmann, *ob. cit.*, pag. 83.

(2) O P. Figueira foi recebido na Companhia em 1592 com 17 annos de idade; em 1602 deu á vela para o Brasil; voltou a Portugal a buscar obreiros espirituaes para o Maranhão, «e chegando á barra do Grão-Pará, escreve o P. Antonio Vieira, no anno de 1643 com onze de quinze Religiosos que trazia comsigo, foi cahir nas mãos dos Tapuyas Aroans da bôca do rio das Amazonas, onde elle e os mais forão primeiro mortos com grande crueldade e depois assados e comidos daquelles barbaros». Cf. *Relação da Missão da Serra de Itapaba nas Memorias para a Historia... do Maranhão por C. de Almeida*, T. II, pag. 458; Moraes, *Historia da Companhia de Jesus na extincta Provincia do Maranhão*, pag. 216 segg.; Franco, *Imagem... Evora*, pag. 871.

(3) O P. Viegas nasceu em Marvão, diocese de Portalegre, entrou na Companhia no Brasil em 1556 e falleceu em 1608. Cf. Ni-

Citam-se ainda os Padres PERO DE CASTILHO, ANTONIO PEREIRA e IGNACIO LEÃO, como auctores de *Vocabularios* da lingua brasilica (1). Já no desterro de Italia o P. FRANCISCO GOMES subministrou noticias sobre as linguas do Brasil ao P. Lourenço Hervás, que se utilizou dellas para a sua grande obra *Idea dell'Universo* (2).

Obras religiosas, principalmente de *catecismo*, não se descuidaram os Jesuitas de as compor para instrucção especial dos indigenas. Além das mencionadas é para notar uma que foi traduzida em muitas linguas da America e se intitula *Catecismo na lingua brasilica composto por Padres doutos e bons lingoas da Com-*

colau Antonio, *Bibl. Hisp. Nova*, 1, pag. 359; Sommervogel, viii, 527; Rivière, *Supplément...* 1912, col. 64.

(1) Ignacio Leão, brasileiro, entrou na Companhia em 1725 com 16 annos de idade e foi desterrado para Italia na perseguição pombalina. Cf. Mss. Soc. J., Bras. 6, catal. de 1757. Engana-se Sommervogel ao affirmar que nos Archivos da Companhia não se depara nome de Jesuita chamado Ignacio Leão, que vivesse naquelle tempo e propõe o nome de José Leão, Jesuita que foi também deportado para Italia. Sommervogel, ii, 1617. Qual seja de facto o auctor do vocabulario, não o pude averiguar. — O P. Castilho, natural de Espirito Santo, entrou na Companhia em 1587 e vivia ainda pelos annos de 1621. O P. Antonio Pereira, nascido no Maranhão, começou o seu noviciado em Portugal em 1674, sendo ainda noviço voltou para sua patria, onde se distinguio pelo conhecimento da lingua do país, e foi morto pelos tapuyas em 1688. Cf. Betendorf, *Chronica... do Maranhão*, pag. 430; Sommervogel, vi, 493.

(2) Cf. Hervás, *Catalogo de las Lenguas...* vol. 1, (Madrid, 1800) pag. 150. O P. Gomes nasceu em Evora em 1733, entrou na Companhia em 1750, do Brasil foi deportado para Italia e morreu em Castel Gandolfo em 1771. Cf. Sommervogel, iii, 1553; *Append. Cat. Prov. Lusit.* 1903, pag. vi.

panhia de Jesus... novamente concertado, ordenado e accrescentado pelo Padre Antonio de Araujo, theologo e lingoa da mesma Companhia. Apareceu a primeira vez em Lisboa no anno de 1618, e depois emendado pelo P. Bartholomeu de Leão S. J., se publicou em segunda impressão na mesma cidade em 1686. Traz ao principio uma serie de *cantigas religiosas*, compostas em lingua brasilica pelo P. CHRISTOVÃO VALENTE (1). O P. MANUEL NUNES, eruditissimo na lingua dos Indios e primeiro missionario dos Ingaybas, compôs na lingua destes um *Catecismo*, por onde os missionarios ensinavam a doutrina (2).

O nome de ANTONIO VIEIRA exige que também commemoremos o *Catecismo* em seis linguas, que saiu da penna do grande orador. "Compuz no mesmo tempo com excessiva diligencia e trabalho, escreve elle, seis catecismos, que continham em summa todos os mysterios da fé e a doutrina christã em seis lingoas differentes; um na lingoa geral da costa do mar, outro nas dos nhengaybas, outro na dos bocas, outra na dos juraminos e dois na dos tapuyas" ... (3).

(1) O P. Araujo, natural da Ilha de S. Miguel, alistou-se na Companhia na cidade da Bahia e falleceu em 1632. — O P. Christovão Valente nasceu em Monte-Mór, entrou na Companhia no Brasil e no anno de 1621, apesar de cego, ainda ensinava grammatica no Collegio da Bahia, onde morreu em 1627. Cf. Sommervogel, i, 507, viii, 387. — Platzmann publicou em 1893 uma edição fac-simile deste catecismo.

(2) O P. M. Nunes foi lente de prima de theologia em Portugal e no Brasil, era muito instruido até em Direito, «sobre o qual, escreve Betendorf—*Chronica*, pag. 311—, o consultavam como um orago». Falleceu em 1676, caindo ao mar de uma canoa em que navegava do Pará para o Maranhão. Cf. Betendorf, *Chronica*, pag. 309-311.

(3) *De feza do livro intitulado quinto imperio*, nas *Obras in-*

ETHIOPIA

Resta-nos a Africa para terminarmos esta já riquíssima exposição dos trabalhos linguísticos dos missionários portugueses. Foi a Ethiopia a parte do continente Africano, onde os Jesuitas mais se notabilizaram pelas obras da penna. Um dos mais famosos missionários daquellas regiões foi o Patriarcha D. ANDRÉ DE OVIEDO, que em 1556 saiu da barra de Lisboa para o Oriente e depois entrou na Ethiopia, onde, como escreve Sotwel, traduziu em lingua ethiopica muitas obras para confirmar na fé os catholicos e reduzir os schismaticos (1).

Com o Patriarcha embarcou o P. ANDRÉ GUALDAMES, primeiro martyr da Companhia de Jesus na Abyssinia,

ditas, vol. 1, ed. de 1856, pag. 49; Mello Moraes, *Geographia Historica*... II, pag. 272.

(1) D. André de Oviedo, espanhol, natural de Illescas, foi sagrado bispo de Hierapolis em Lisboa no anno de 1555; em 1562 succedeu no Patriarchado de Ethiopia a D. João Nunes Barreto e, depois de incriveis privações e trabalhos soffridos na sua diocese, falleceu provavelmente em 1579, e com certeza antes de 1580. Cf. Tacchi Venturi, *Opere storiche del...* Ricci, II, pag. 7; Sommervogel, VI, 41; Franco: *Synopsis Ann.*, 1555, 1556; *Imagem...* Coimbra, I, pag. 254, 259.

Na Ethiopia havia duas linguas principaes ao tempo em que lá entraram os Jesuitas: a *Ethiopica*, denominada *Geez*, que desde o seculo XIV deixou de ser falada vulgarmente, mas ficou sendo lingua escripta e sagrada; e a *Amharica*, oriunda do sul da Abyssinia, que supplantou o *Geez* e se tornou lingua commum e da corte. Na variedade de linguas ou dialectos que se usavam na terra, servia aos missionarios particularmente a lingua Amharica para a propaganda religiosa. Os auctores chamam-na tambem Amahrá, Amarinhá, Amarina, Amarana ou Amaranica. A lingua *Geez* dizem-na Gaz e Gaze alguns escriptores.

sinia, que tambem verteu na lingua ethiopica muitos *tratados* para instrucção daquellas gentes (1).

Mais conhecido é o Missionario PEDRO PAEZ, que além de um *Catecismo* de doutrina christã, em ethiopico, escreveu em Amharico um *tratado* contra os erros dos Abexins.

Mas sobre todos estes se especializou no estudo das linguas que estavam em voga naquelles paises, o P. LUIS DE AZEVEDO. "Tambem se deu muyto a aprender a lingoa da terra, escreve Balthazar Telles, e teve perfeitto conhecimento da vulgar, a que chamam Amarinhá, e juntamente da lingoa dos livros de Ethiopia, a que chamam Gáz, e nesta tresladou muytos livros e compoz varios tratados devotos e eruditos..." (2).

Na lingua da corte traduziu com o P. Cardeira o *Novo Testamento* e um *Catecismo*, e compôs uma *Arte* da mesma lingua, e o *Prado espiritual* de pregações. Na lingua *Chaldea* traduziu, além de outras obras, os *Commentarios de Toledo*, sobre a Epistola aos Romanos, e os de *Ribera* sobre a Epistola aos Hebreos. Cordara na sua Historia escreve que vertêra em lingua ethiopica o *Bran Haymanot* ou *Lux Fidei* do Patriarcha Affonso Mendes; e o P. Franco tem que traduzira o *Commentario sobre o Apocalypse* de Brás Viegas (3).

(1) O P. Gualdames era andaluz, mas fez-se Jesuita em Coimbra no anno de 1555; foi martyrizado pelos Turcos em 1562. Franco, *Imagem...* Coimbra, I, pag. 199; II, pag. 611.

(2) *Historia Geral de Ethiopia*, pag. 529; Beccari, *Rerum Aethiop. Scriptores*, T. VII, pag. 228-229.

(3) Cordara, *Hist. S. J.*, T. II, pag. 128; Franco, *Imagem...* Coimbra, I, pag. 360. Mas esta traducção do *Apocalypse* é por alguns attribuida ao Patriarcha Affonso Mendes; Sommervogel, V,

Não menos se extremou pelo conhecimento das linguas de Ethiopia o P. LUÍS CARDEIRA, que morreu gloriosamente, como martyr da fê, no anno de 1640. "Teve o P. Cardeira, escreve A. Franco seguindo a Telles, singular facilidade em aprender varias linguas. Na India tinha aprendido com todo o primor a lingua que chamam do Norte. Na Ethiopia soube com suas perfeçoens a lingua propria da Côrte e tambem a lingua dos seus livros, que tem diversidade entre si: e nesta materia se fez tam destro que com admiração dos natu-raes da terra compoz *Arte* e lhe reduziu a sua lingua a preceytos" (1). Além da versão do Novo Testamento já mencionada, redigiu o *Calendario das Festas* conforme o computo ethiopico, e escreveu na lingua da Côrte uma *Instrução sobre o jejum* (2).

Nomeemos por ultimo o P. ANTONIO FERNANDES, natural de Lisboa. Foi um dos escriptores mais fecundados nas linguas de Ethiopia. Além de outras obras compôs em Geez o *Magreph Assetat* ou *Flagello das*

886. O P. Luis de Azevedo entrou em Religião no anno de 1588, navegou para a India em 1592, e passou a Ethiopia em 1604, onde viveu 29 annos. Franco: *Imagem...* Coimbra, I, pag. 359; II, pag. 621; *Synopsis Ann., Catalogus...*

(1) *Imagem...* Evora, pag. 269; Telles, *Hist. Geral de Ethiopia*, pag. 636; Beccari, *Rerum Aeth. Scriptores*, T. VII, pag. 437.

(2) O P. Gaspar Paes nas Annuas de 1624 e 1625 escreve que o P. Cardeira compuséra a primeira grammatica Amharica pelo modo da grammatica latina. Sommervogel, III, 537. Era o P. Cardeira natural do termo de Beja e entrou na Companhia a 25 de Dezembro de 1600 com 15 annos de idade; em 1611 embarcou para a India, depois para Ethiopia em 1623. Franco, *Imagem...* Evora, pag. 268-275, 869.

mentiras contra os erros do livro *Magash Haymanot*, escripto pelo scismatico Raz Athenatéos, e o fez imprimir na cidade de Goa em 1642 com typos ethiopicos, mandados por Urbano VIII ao Patriarcha Affonso Mendes. Na mesma lingua escreveu tambem a Vida de Nossa Senhora, que depois o Patriarcha trasladou ao português e estampou no Collegio de S. Paulp de Goa no anno de 1652 (1).

Mas a perseguição e o desterro dos missionarios interceptou-lhes infelizmente o exercicio do zelo religioso e dos estudos linguisticos tão brilhantemente encetados.

ANGOLA

Na parte occidental da Africa tambem observaram fielmente o seu teor de procedimento, abatendo-se á condição daquelles barbaros e estudando-lhes a lingua para os chamarem á verdadeira Religião. O P. PEDRO DIAS compôs uma *Arte da lingua de Angola* que veio á publicidade em Lisboa no anno de 1697.

Muitos annos atrás tinha escripto um breve *Catecismo* no mesmo idioma o P. FRANCISCO PACCONIO, e

(1) Cf. Beccari, *Rerum Aeth. Scriptores*, T. VII, pag. 475, 476; Rodeles, *Imprentas*, pag. 8. O P. Fernandes entrou na Companhia no anno de 1586; em 1602 desferrou do Tejo com a florentissima esquadra de 58 missionarios, que demandavam a India; logo em 1604 partiu para a Ethiopia, donde, depois de 30 annos de trabalho, foi desterrado com os outros Padres, e morreu em Goa no anno de 1642. Cf. Telles, *Hist. Geral de Ethiopia*, pag. 690-693; Franco, *Imagem...* Evora, pag. 600 segg. e 853. Pelos mesmos annos missionava na Ethiopia outro Padre Antonio Fernandes, mais novo, que foi desterrado com o primeiro e falleceu sendo Vice-Reitor do Collegio de Diu; entrára na Companhia em 1614. Franco, *Imagem...* Evora, pag. 616.

"era um regozijo para aquelles negros, diz A. Franco, ouvirem o missionario fallar-lhes na lingua de sua nação" (1).

Saiu tambem das typographias de Lisboa em 1642 a obra catequetica *Gentio de Angola sufficientemente instruido nos Mysterios de Nossa Santa Fee*, obra post-huma composta pello P. Francisco Pacconio da Companhia de Jesus, reduzida a methodo mais breve... pello P. Antonio de Couto da mesma Companhia. Esta obra appareceu depois na cidade de Roma em nova edição, trasladada para latim pelo Capuchinho Antonio di Monte Brandone, e disposta em tres columnas, a primeira em latim, a segunda na lingua de Angola e a terceira em português (2).

Em lingua congoêsa publicou o P. Matheus Cardoso em 1624 a *Doutrina Christã* do P. Ignacio Martins. Pelo titulo do livro parece deduzir-se que foi traduzido em congoês *por ordem* do P. Cardoso; contudo Franco e um Catalogo manuscripto trazem expressamente que o P. Cardoso o traduzira (3).

(1) Franco, *Synopsis Ann.*, 1631.

(2) Cf. Sommervogel, II, 1587; III, 41. — O P. Pacconio, italiano, navegou em 1617 para Angola, onde trabalhou largos annos; voltou a Lisboa e aí falleceu em 1641; neste mesmo anno entrou na Companhia de Jesus o P. Pedro Dias na cidade da Bahia, onde tambem falleceu em 1700. O P. Antonio de Couto nasceu em S. Salvador de Angola; missionou no Congo e terminou sua vida em Loanda no anno de 1666.

(3) Franco, *Synopsis Ann.*, 1623, 1625; Mss. Soc. J., Ius. 105, *Catal. Scriptorum*, 1675-1725: «Dum moras fecit Ullysipone, antequam rediret Angolam, vertit e lusitano in idioma congense Libellum catechisticum.» O P. Cardoso entrou na Companhia no anno de 1598; ensinou letras humanas; partiu depois para o Congo, onde fal-

*
* * *

Mas é tempo de concluirmos este capitulo que se pudêra, pela vastidão da materia, alargar a volumes. Assim trabalhavam, assim se dedicavam, assim morriam pela defesa e propagação da fé e pelos progressos das letras e sciencias esses pobres missionarios tanta vez apodados de escravizadores do pensamento humano! Mas os factos contradizem solennemente a affirmacão dos adversarios, que aliás se sentem forçados a elogiar de vez em quando a grande obra de civilização missionaria, reservando o mais acceso de sua indignação para os Jesuitas que trabalham na patria. E não reparam esses homens na injusta contradicção em que os vemos incorrer. Os Jesuitas que tão nobre e desinteressadamente se afadigavam pela fé e pela sciencia nas regiões de Além-mar, eram os mesmos que enviava Portugal com a formação intellectual que alli receberam nas casas da Companhia e muitos depois de se terem assinalado nas cadeiras, nos pulpitos e na imprensa. Se além-mar difundiam as luzes da sciencia, como é que na patria só espalhavam ignorancia?...

leceu em 1625. Franco, *Synopsis Ann.*, 1625; Sommervogel, II, 743; Rivière, *Supplément*, 1913.

CAPITULO IV

Na educação da juventude

Duas ordens de collegios instituiu a Companhia de Jesus, segundo a qualidade das pessoas que nelles haviam de receber a formação. Uns eram destinados a formar os membros dessa Corporação religiosa e outros abertos a toda a classe de jovens que desejassem instruir-se nas letras e sciencias. Uns e outros porém se regulavam pelas regras exaradas no *Ratio Studiorum*, o espirito que animava o ensino, era, em ambos os casos, o mesmo, e identicos os cursos pelos quaes os alumnos percorriam o estadio das letras até o termo da carreira escolastica. Antes não raras vezes os estudantes Jesuitas cursavam as mesmas aulas, sentavam-se ao lado dos alumnos externos, estudavam as mesmas lições, como succedia no Collegio das Artes de Coimbra e na Universidade de Evora. O *Ratio Studiorum* o suppõe, quando ordena exercicios literarios especiaes para os membros da Companhia, a fim de alargarem mais os conhecimentos alcançados nas aulas publicas. Ora os três capitulos anteriores são, cuidamos nós, argumento irrefutavel de que o systema de formação da Companhia de Jesus não só não era infecundo, muito menos esterilizador, mas fertil e rico de seiva para desenvolver

o engenho da juventude e fazê-lo germinar em fructos opimos de sciencia.

Só esta consideração já nos força a admittir que os methodos empregados nos collegios da Companhia de Jesus haviam necessariamente de produzir optimos resultados, tanto na educação moral como na literaria. O systema escolar vimos que era profundamente racional, solido e tão harmonico no complexo de suas leis que tendia a aperfeiçoar todas as faculdades do estudante, segundo as suas exigencias psychologicas. Além disso é manifesto o empenho com que de ordinario os Jesuitas se esforçam por seguir na practica as normas de seu Instituto e nomeadamente as do *Ratio Studiorum*, tantas vezes e com tanto encarecimento inculcado pelas Congregações Geraes e pelos Superiores da Companhia, quando suspeitam algum desleixo na execução (1). Mas

(1) É bem notoria a insistencia e tesidão com que os Visitadores e Provinciaes urgem nas suas visitas a exacta observancia das regras da Companhia; e ficou celebre na historia a energica mas legitima resistencia que oppôs o Geral Aquaviva a distinctissimas personagens, para que se mantivesse intacto o Instituto da Companhia de Jesus. Cf. Astrain, *Hist. de la Comp. de Jesús*... T. III. Interessante neste sentido se nos mostra a carta que o Cardial Secretario escreveu de Roma em 1678 ao Nuncio de Portugal, Mons. Durazzo. Pedira este ao Cardial obtivesse do Papa dispensa no Instituto da Companhia de Jesus para que o P. Manuel Fernandes pudesse ser membro da Junta dos Tres Estados, como era vontade de D. Pedro II. Moveram-se altos empenhos para se conseguir que o P. Geral annuisse ao que se pretendia; mas, apesar delles, o Cardial não augurava feliz despacho a que, dizia elle, obstava a tenacidade com que os Jesuitas defendiam seu Instituto: «Ella sa quanto siano acerrimi defensori del loro istituto i Jesuiti». Arch. Vat., *Nunz. di Port.* 158, f. 70. De feito, o P. Geral foi inabalavel. — Particularmente quanto ao *Ratio Studiorum* encommendou com rejeitada insistencia a sua

na perfeita realização deste desejo tambem era incessante o trabalho dos superiores para fornecerem aos Collegios pessoal docente capaz de desempenhar a missão nobilissima que lhe confiava a Providencia. "Procure-se cuidadosamente, escrevia o Geral Vitelleschi em 1631, que os professores sejam habéis e instruidos... que tomem a serio a sua occupação e se empenhem com todas as suas forças no aproveitamento dos discipulos tanto no literario como no moral"... e accrescenta que, se alguns não corresponderem ao que delles exige a importancia do seu cargo, sejam removidos das cadeiras. "Mas, continua elle, para se evitar este inconveniente, trate-se com grande afincio de formar, como é justo, professores excellentes que possam recolher fructo de tão santo ministerio, em que por motivo nenhum se deve occupar pessoa... de cuja idoneidade não haja certeza segura" (1).

Havemos porém de confessar, com a historia na mão, que não eram baldados os esforços dos superiores,

observancia na Provincia de Portugal o Visitador P. João de Brisa-cier em 1633. Notara elle descuido na execução deste programma de ensino, e ignorancia de suas regras; e entre outras determinações prescreveu a seguinte: «Servetur, quantum fieri potest, in singulis collegiis ratio studiorum communis toti Societati; sed quia hic circa eam multiplex et omnimoda reperitur ignorantia, bis singulis annis scilicet sub renovationem studiorum et festum Paschae, legantur publice in consessu praefecti et magistrorum regulae generales... singuli autem singulares suae classis regulas singulis mensibus legent juxta regulam, nec tantum legent, sed etiam servabunt». Arch. di Stato, Roma, *Ges. collegi*, maço 152, *Ordinationes Rev. di Patris Joannis de Brisacier Visitatoris Lusitaniae pro utraque provincia*. C. III, n.º 1.

(1) *Epistolae selectae Praep. Gener.* (Romae, 1911) pag. 215. R. P. N. Mutii Vitelleschi epistola ad Provinciales 8 octobris 1631.

mas coroados de exito consolador. "A Companhia de Jesus pôs em seus Collegios um corpo docente formado, no seu conjuncto, de um pessoal de eleição, primorosamente adextrado. Os Jesuitas alcançam bem a importância da preparação pedagogica do mestre, e a parte que as virtudes moraes desempenham na educação, como factores de primeira ordem. S. Ignacio quer que seus filhos ponham em acção a todo o momento e em todas as circunstancias, todo o seu prestimo de sacerdotes, religiosos e educadores. A abnegação e a dedicação professional destes nossos mestres merecem-nos os maiores elogios: piedade sincera, amor á tarefa de cada dia, pureza de costumes, vida frugal, esquecimento de si proprio, habito de vida interior, conhecimento profundo do coração da creança, taes foram as suas qualidades dominantes" (1).

Sendo pois os educadores competentes e guiados por um bom systema de educação, que milagre que os resultados viessem animar o seu empenho? Assim havia de succeder. "Os Jesuitas, diz ainda o mencionado escriptor, corresponderam ao ideal, que seu Instituto

(1) Schimberg, *L'Éducation...* pag. 479: «La Compagnie de Jésus plaça dans ses collèges un corps professoral qui fut, dans l'ensemble, un personnel d'élite, remarquablement entraîné. Les Jésuites comprennent toute l'importance de la préparation pédagogique du Maître et le rôle de premier ordre que jouent ses vertus personnelles. Et saint Ignace entend que ses fils donnent toute leur valeur de prêtres, de religieux et d'éducateurs, partout et à tout moment. L'abnégation, le dévouement professionnel de nos régents méritent tous nos éloges: piété sincère, amour de la tâche quotidienne, pureté des mœurs, frugalité de vie, oubli de soi, habitude de la vie intérieure, connaissance approfondie du cœur de l'enfant, telles furent leurs qualités dominantes».

lhes apontava". E foi a evidencia dos factos que obrigou a homens insuspeitos e até adversarios a reconhecer que eram extraordinarios os fructos recolhidos pela industriosa actividade dos Jesuitas. "Associação como esta, escreve o protestante Ranke, de sciencia adequada, de zelo incansavel, de estudo, de força persuasiva, de esplendor e mortificação, de tão vasta dilatação pela terra e de tamanha unidade nas linhas directivas, nem antes nem depois existiu jamais no mundo. Eram os Jesuitas laboriosos e mysticos, prudentes e ardorosos, de trato fino e convidativo, sem interesse pessoal e promptos a se ajudarem mutuamente: não é maravilha que lhes succedesse bem nas suas empresas" (1).

De semelhante raciocinio tiraram conclusão identica mais dois protestantes de nossos dias. Paulsen na sua Historia da Instrucção pergunta: "Onde jazia o segredo da força destes homens?" E responde: "Segundo um velho dictado, o mais forte é o que se vence a si proprio. Eu tenho para mim que nunca houve corporação de homens, que fosse communmente mais longe que os Jesuitas em domar os impulsos da natureza e refrear as inclinações e appetites. Em todo o tempo teve a Ordem uma grande somma de forças operosas, seguras e effectivas. Firmeza e superioridade caracterizavam cada um dos

(1) «Die römischen Päpste II, (Leipzig, 1900) pag. 23: «Eine solche Vereinigung von hinreichender Wissenschaft und unermüdlichem Eifer, von Studien, Überredung, Pomp und Kasteiung, von Ausbreitung über die Welt und Einheit der leitenden Gesichtspunkte ist auch weder früher noch später in der Welt gewesen. Sie waren fleissig und phantastisch, weltklug und voll Enthusiasmus; anständige Leute, denen man sich gern näherte; ohne persönliches Interesse: einer beförderte den andern. Kein Wunder, wenn es ihnen gelang...»

seus movimentos... Possuíam formação de homens do mundo e saber de especialistas. Desta maneira estavam aparelhados para vencer o mundo com suas próprias armas" (1).

O insuspeitíssimo Boehmer também pergunta: "Como explicar o incrível resultado que obteve a Companhia de Jesus como associação de ensino?" E responde igualmente: "A grande razão do êxito feliz era a persuasão de que não havia professores nem mais habéis, nem mais experimentados que os Jesuítas. E era bem fundada esta persuasão? Leamos as regras pedagógicas de Ignacio, o grande systema escolar de Aquaviva, os testemunhos dos contemporâneos e somos forçados a responder afirmativamente para o século XVI e primeira metade do século XVII" (2).

(1) Paulsen, *Geschichte des gelehrten Unterrichts*, I, pag. 408 segg. (1896) «Worin lag das Geheimnis der Kraft dieser Menschen?... nach einem alten Wort derjenige der Stärkste ist, welcher sich selber überwindet... Ich glaube nun, dass es nie eine Gesellschaft von Menschen gegeben hat, die in der Bändigung der natürlichen Triebe, in der Zurückdrängung der individuellen Neigungen und Begierden durchgängig es weiter gebracht hat als die Jesuiten. Jederzeit besass der Orden eine grosse Menge durchaus zuverlässiger, sicher wirkender Kräfte... Sicherheit und Überlegenheit charakterisieren jede seiner Bewegungen... Sie besaßen zugleich weltmännische Bildung und fachmännische Gelehrsamkeit. So waren sie ausgerüstet, die Welt durch die Welt zu überwinden.»

(2) Boehmer, *Les Jésuites* (Paris 1910) pag. 227-228: «Comment s'explique l'incroyable succès de l'Ordre comme corps enseignant? ... la grande raison de leur succès était la conviction qu'il n'existait pas de maîtres plus habiles, plus expérimentés que les Jésuites. Cette conviction était-elle fondée? Lisons les règlements pédagogiques d'Ignace, la grande ordonnance scolaire d'Aquaviva, les témoignages des contemporains sur les écoles des Jésuites, et

Em Portugal logo dos primeiros annos foi extraordinária a fama que os Jesuítas alcançaram tanto na educação moral como na literaria. Á sua actividade pedagogica deram principio Simão Rodrigues e Xavier, a pedido de D. João III, pelo cuidado e destreza com que educavam os meninos fidalgos da corte, em numero de cem pouco mais ou menos, influindo-lhes tão finos sentimentos de piedade, que pela frequencia dos sacramentos e graça dos bons costumes espalharam em torno o aroma suavissimo da virtude. A estes meninos começou annos depois a ensinar letras o P. Mauricio Serpe, que também contou D. Sebastião no numero de discipulos tão illustres, e dizem as memorias daquelle tempo que o rei, quando saía victorioso nos torneios escolares, mal podia conter no peito os enthusiasmos do coraçãozinho brioso (1).

Mas as escolas publicas, onde se estrearam os Jesuítas, foram, como dissemos, as do Collegio de S. Antão, e com tão feliz estrella, que logo se grangearam credito de mestres insignes e habéis educadores. Documentos contemporâneos o attestam. Nas exhibições lite-

nous sommes forcés de répondre par l'affirmative pour le xvi^e siècle et la première moitié de xvii^e». A limitação que põe Boehmer ao tempo de florescimento das escolas da Companhia, explica-se pelos sentimentos protestantes do auctor, que na pag. 233 escreve que a escola dos Jesuítas depois de algumas gerações petrificou e envelheceu, porque elles não criam na liberdade, «Ils ne croyaient pas à la liberté». Na liberdade verdadeira de investigar e progredir dentro do campo vastissimo da verdade, sempre elles acreditaram; na falsa liberdade de tudo pensar, ou seja verdade ou erro, nem es Jesuítas nem sabio nenhum deve jamais acreditar.

(1) Cf. Franco: *Synopsis Ann.*, 1540, 1563, *Imagem da V...* Evora, pag. 78.

rias apresentavam-se, já nos primeiros annos, os estudantes com tanto garbo e taes mostras de aproveitamento, que faziam admiração ás personagens doutissimas, que assistiam, e alvoroçavam a cidade com a fama, que se espalhava. Banhavam-se de alegria os lisbonenses com os progressos de seus filhos (1). Mas a mudança dos costumes acompanhava a melhora nas letras. "Os estudos, escreve testemunha de vista, florescem cada dia mais com tanto augmento, que todos se admiram, consolam, edificam e louvam a Deus. Os alumnos progredem na virtude e nas letras com adeantamento notavel. Seria demasiado longo mostrá-lo com pormenores... Nas ruas portam-se com tamanho sossego e tal composição, que pasmam os que os vêem e recebem edificação incrível, particularmente os que mais desejam a inteireza de costumes na cidade. E com razão, pois antes eram estes jovens de tal modo turbulentos, que já em Portugal passára a proverbio a expressão: *Filho de Lisboa*" (2).

"Os paes, testemunha outro contemporaneo, olham com admiração para o proveito dos filhos na virtude e

(1) Cf. Mon. Hist. Soc. J., *Litt. Quad.*, II, pag. 673, III, pag. 404; IV, pag. 269, 456.

(2) «*Studia magis quotidie florescunt, quorum administratio admirabilem consolationem aedificationemque omnibus affert, unde ingentes Dei laudes nascuntur. Juvenes maximos progressus in virtutibus et literis faciunt, adeo ut singula persequi longum esset... In vicis usque eo quiete et modeste se gerunt, ut magnam admirabilitatem faciant incredibilemque aedificationem omnibus ingenerent, maxime iis qui hujus civitatis integritatem ac sanctimoniam ardentius desiderant sitiuntque. Antea namque adeo turbulenti erant, ut jam proverbii locum obtineret in Lusitania filius olissiponensis.*» Mon. Hist. Soc. J. *Litt. Quad.*, II, pag. 673, 674. Carta de Lisboa, 8 de Maio de 1554.

como que assombrados; contam-no a outros como prodigio, desfazem-se em agradecimento para comnosco, protestando que nos estão summamente obrigados e já-mais poderão corresponder a tamanhos beneficios..." (1)

Nem foram passageiros estes resultados. "Tinham fama em todo o Portugal, escreve o Snr. Visconde de Castilho, as aulas dos Jesuitas em Santo Antão; e tel-a-hão sempre os methodos empregados pelos sabios Padres da Companhia de Jesus, que parece nasceram talhados para o ensino. Ninguém como elles tem o condão suave da doutrinação; ninguém se dedica tanto de coração á mais improba (quanto a mim) das Obras de Misericórdia; ninguém espalha a luz com tanto valor e efficacia; ninguém acompanha com tanta pontualidade os progressos intellectuaes; e ninguém corrige com tanto denodo os desmandos d'esses progressos. Toda a gente de boa fé o ha-de confessar. Conhece-se pela nitidez e pela profundeza o ensino dos Jesuitas. E ha quem lhes chame obscurantes! a elles, que, sabendo tudo, tudo quanto sabem ensinam a quem os queira escutar!" (2)

Os prosperos successos do primeiro collegio e tambem do de Evora, inaugurado seis meses depois, valeram não pouco aos olhos de D. João III, para entregar aos Jesuitas o Collegio das Artes (3). Neste ultimo cam-

(1) «...horum in virtute profectu parentes admiratione pene obstupefacti, aliis ut prodigium narrant, nobisque ingentes gratias agunt, fatentes nobis magnopere se devinctos esse: nec unquam tantis in se meritis posse respondere...» *Litt. Quad.* IV, pag. 269. Lisboa 7 de Maio de 1556.

(2) *Lisboa Antiga*, T. VIII, pag. 23, 24.

(3) Cf. Mon. Hist. Soc. J., *Litt. Quad.* III, pag. 402, 403.

peou singularmente a habilidade dos novos professores, nem foram menos brilhantes os resultados. Prova-o, para os primeiros tempos, um documento ainda inedito e palpitante de interesse, no qual os Jesuitas pelos annos de 1562 expuseram a situação interna do Collegio das Artes para mostrarem a falta de verdade e de fundamento com que alguns nesse tempo o atacaram. Os factos apresentados eram publicos, houveram de fazer fé e patenteiam o grande empenho com que se formavam os professores, os fructos colhidos tanto nas letras como nos bons costumes, e tambem a generosidade com que esses educadores arrostavam grandes difficuldades para se desempenharem da confiança que nelles depositara a nação portugêsa. Diz assim o manuscripto na parte que nos faz ao proposito: (1) "... Neste Collegio leem continuamente dezoito mestre—S— quatro que leem os quatro

Sobre as razões que motivaram a determinação do Rei, escreve Pclanco. «Cum etiam videret successum scholarum Ulyssiponensium et Eborensium satis felicem et discipulos non solum in litteris sed et in moribus ac pietate egregie institui, cogitabat Societatem nostram perutilem operam regno illi navaturam esse, si omnium lectionum, quae in collegio praedicto praelegebantur, munus susciperent». *Chronicon*, v, pag. 589, anno 1555. Veja-se tambem Franco, *Synopsis Ann.*, 1555.

(1) O manuscripto que lemos no Arch. di Stato, Roma, *Gesuit. Collegi*, 42, *Coimbra*, não tem data; mas do conteúdo se colhe que foi escripto em 1562, pois diz expressamente que o Collegio de Jesus fructifica de vinte annos a esta parte, e esse collegio data sua fundação de 1542. O titulo do manuscripto na primeira pagina interior é este: «Rendas do Collegio das Artes e o em que se despende, e obrigações que com elle tem a Companhia de Jesus.» Na pagina de fóra lê-se em espanhol: «Estos son los apuntamientos que se dieron a la Reyna y al Cardenal.»

curros das artes. E dez que leem dez classes de Rethorica e latinidade. E hum grego. E outro Hebrayco. E dous que ensinão a ler e escrever. E todos leem cada dia nas classes cinco oras e mea, tirando o mestre do quarto curso, e os de grego e Hebrayco que tem menos tempo de lição.

"Ha mais um Prefecto de todas as escollas que antes do collegio ser da Comp.^a se chamava Principal, que continuamente se ocupa com ellas, ho qual he necessario ser douto em tudo o que no collegio se ensina.

"Ha tambem alguns pera substituyr quando os mestres adoecem ou se debilitão de maneira que não possão ler por que não falem as lições asi nas Artes como em tudo o mais. E outros para examinar os estudantes que acontece algumas vezes acudirem çinquenta ao exame, assi dos que se mudão de humas classes para outras, e dos que de novo vem ao estudo, como outros que se ão daprovar pera poder ouvir dereyto nas escollas mayores.

"Ha quatro Saçerdotes da Companhia que continuamente se ocupão em ouvir confissões de estudantes porque todos se confessão ao menos huma vez cada mes.

"Ha dous outros da Companhia que estão com os porcionistas e tem cuidado delles.

"Ha além dos ditos, no mesmo Collegio Reitor e outros Padres e irmãos que são necesarios para os officios e serviço do dito collegio por todos doze e quatro moços de serviço, e huma besta. Os mais que falecem pera comprimento de setenta pessoas que he o numero que se hordenou que ouvesse no dito Collegio, estudão e se crião pera delles se fazerem e tirarem os mestres e officiaes necesarios. E tense por experiencia que não somente os ditos setenta pera que se ordenou o dito

mantimento, mas nem çento bastão pera sustentar e perpetuar tão grande numero de mestres e obrigações como tem o collegio, porque os homens fazemse muy de vagar doutos, como he necessario para aquellas faculdades e exacção com que os da comp.^a as ensinão e convem serem ensinadas e de muytos saem poucos ydoneos para isso. E se este collegio não fosse ajudado do outro de Jesus e de outras partes donde a comp.^a faz vir muytos, em nenhuma maneyra se poderia compriir carga tão grande. E por experiençia se vio em tempo del Rey, que santa gloria aja, quão difficultosa cousa hera provello de mestres e officiaes e quanto mais se despendia nisso da fazenda de S. A. do que agora della e da Universidade se despende. E tambem se vee quão avantajado fruito agora polla bondade de nosso sñor nas letras e costumes se faz.

“Ha tambem neste Collegio dous guardas que hão vinte e quatro mil rs cadaño. E hum porteyro da porta das escollas, e hum varredor e tangedor do sino das escollas, e a estes ambos se da o neçessario e vestido e salario de dinheiro.

“Alem de todas estas obrigações e despesas se gasta muyto em livros pera os mestres e estudantes e em ornamentos pera a Igreja, bancos pera as classes, despesas de autos publicos, concertos das casas asi do collegio das Artes como do dos porçionistas e em outras cousas semelhantes, que importa muyto cadaño e tudo a custa do mesmo collegio.

“*Proveitos que se seguem deste collegio.* El Rey nosso sñor escusa o grande gasto que com elle tinha, antes que o tivesse a Companhia, asi pollos grandes salarios dos mestres que S. A. mandava dar, como pollas muytas merçes, que era necessario fazerlhes, tudo ácusta

de sua fazenda, além do que della se despendia nas obras e fabrica, e ordenados de muitos officiaes que avia.

“Tambem está livre das satisfações de seus serviços que lhe pedião e dos requerimentos que todollos años huns e outros tinham sobre isso com S. A.

“E mais se escusa do grande negocio e trabalho que avia em mandar buscar mestres a outras partes pera prover o dito Collegio, e nem a deligençia que nisso se punha, bastava pera deixar de aver muytas vezes faltas nas lições e maes exercícios das letras, o que agora não ha pollos muytos mestres de sobre salente e substitutos que a comp.^a tem continuos.

“Alem disto os da comp.^a servem muyto o Reyno no dito Collegio ensinando com muyto cuidado, deligencia e exacção as Artes e letras de humanidade, aos estudantes que ali acodem de todo o Reyno, que ao presente com ser principio das lições são mil afora duzentos e quorenta que no mesmo collegio aprendem a leer e escrever. Escolhendo e ensinando o bom dos livros, e evitando que não vejão o mão e nocivo, por q. na idade tenra que não tem disquerição e juizo pera se guardar, não bebão a peçonha que nelles ha. E asi se sabe manifestamente que depois que a companhia tem este collegio, saem delle todollos anos grandes artistas, e da mesma maneira nas classes de latim em breve tempo se fazem muy bons latinos e mui aproveitados em prosa e verso.

“Servem tambem os da comp.^a muyto neste collegio pollo cuidado que tem de aproveitar os estudantes na virtude e bons costumes criando-os em ouvir missa cada dia, e em se confessar ao menos cada mes e em ter a conta de suas conçienças que devem e fazendolhes

os mestres cada sexta feira doutrina nas suas classes, segundo a capacidade dos estudantes dellas, e vigiando e procurando remediar tanto e maes as faltas dos costumes que as da lição, com o qual cuidado se crião em grande conhecimento e temor de Deos desde meninos ate ser leterados, donde se espera grande bem e proveito do Reyno, porque estes hão de vir a ter muytos carregos de que pende o bom governo d'elle, mayormente porque se ensinão ali muytos fidalgos e filhos dos príncipaes do Reyno.

"Alem deste fruto que he comum a todollos estudantes daquelle collegio e dos outros da companhia que ha pollo Reyno, se faz ali outro particular proveito com os collegiães proçionistas, que os da comp.^a governão, dos quaes tambem muytos são filhos de pesoas príncipaes e estes alem do que esta dito que se faz com os outros, são criados em todo recolhimento, modestia, e genero de virtude cristã, que a idade e calidade delles requiere, e pera isso estão dous da companhia na sua propria habitação que muy meuda e particularmente se ocupão em ter cuidado do que toca a suas letras e bons costumes". Até aqui o citado manuscripto.

Em vista deste arrazoado torna-se mais crível o que A. Franco affirma em sua Synopse para o anno de 1562, quando escreveu que os discipulos do Collegio das Artes passavam á Universidade tão bem morigerados e instruidos em letras, que o Reitor avisava os seus professores Universitarios tivessem cuidado em conservar nos alumnos o que os mestres Jesuitas nelles tinham plantado. Razão tinha para favorecer os novos professores o Cardial D. Henrique, que desejava sinceramente a boa instrucção de seu povo; nem se esqueceu no testamento de recommendar á protecção de seu successor

a Companhia de Jesus, os seus collegios e Universidade, porque "nelles se faz a Deus muito serviço e se educam tantos sujeitos que podem ser uteis em toda a parte e ajudar a conversão da gentilidade nas conquistas de Portugal" (1).

Não era desnecessaria a recomendação do Cardial, porque logo nas côrtes de Thomar se ouviram vozes contrarias aos collegios da Companhia de Jesus. Porém uma voz a que davam incontestavel auctoridade a experiencia, os annos e a virtude de quem a proferia, facilmente convenceu a assembleia do zelo mal fundado e pouco discreto dos accusadores. Era a do Santo Arcebispo de Braga D. Frei Bartholomeu dos Martyres, que para justa defêsa dos accusados, mostrou que desde que fundara em Braga o Collegio dos Jesuitas, o clero da sua diocese era mais illustrado e a juventude mais instruida e mais bem educada (2).

Trinta annos depois, em 1611, nova tempestade começou de se armar contra as escolas dos Jesuitas. Uns zelosos do bem commum levaram á côrte de Madrid queixas de que pela multidão de collegios mingavam braços para as armas, para a agricultura, para a industria, para o commercio e sobejavam advogados e sacerdotes; pediam consequentemente se reduzissem os Estabelecimentos de ensino ás duas Universidades de Coimbra e Evora. Aquelles bons portugueses teimavam em querer ser ignorantes! Mas felizmente, não faltaram em Portugal homens de siso que repelliram com indignação as propostas de barbarie; os collegios da Com-

(1) Arch. Vaticano, *Nunz. di Port.* 7, f. 438.

(2) Franco, *Synopsis Ann.*, 1581.

panhia continuaram em augmento, e aquelles religiosos dirigidos sempre pelas mesmas leis não cessaram de espalhar em todo o reino as luzes da instrucção e de influir piedade e amor dos bons costumes no coração da mocidade, apesar dos ventos borrascosos que de quando em quando redemoinhavam em torno de suas habitações (1).

É altamente comprovativo do que affirmamos o testemunho passado em documento authenticico no anno de 1658 pelo clero, nobreza e povo de Ponta Delgada a favor do Collegio de Todos os Santos, que os Jesuitas dirigiam naquella cidade. Reza desta maneira o mencionado documento: "Certificamos a nobreza, povo e ecclesiastico desta cidade de Ponta Delgada, Ilha de S.

(1) Franco, *Synopsis Ann.*, 1611. — Os Jesuitas não deixaram nesta occasião de se valer de altas proteções contra os que os assaltavam, e Roma tambem se entpenhou na sua defêsa. De feito, o Cardinal Secretario escrevia para Lisboa em data de 5 de Janeiro de 1612 ao Collecitor Apostolico a dizer-lhe que S. Santidade interpunha sua auctoridade com o Rei e Ministros para que nada se innovasse contra os Jesuitas em Portugal e pudessem estes continuar na sua obra benefica. «... Affinche non si innovi cosa alguna contro di loro, ma possino avanzarsi nelle opere meritorie a confusione specialmente degli eretici, tanto loro avversari in ogni parte». Arch. Vat. *Nunz. di Port.*, 150, f. 284. Não é descabido observar que estas arremetidas aos collegios da Companhia, não desabonam de modo nenhum nem a instrucção nem a educação que nelles se dava. Antes são ellas um argumento indirecto de que era boa uma e outra, pois as razões allegadas contra as escolas eram, não de ordem pedagogica, mas economica. Algumas baseavam-se nas suppostas riquezas dos collegios, pois a lenda do Jesuita rico principiara muito cedo; mas o facto é que o estado financeiro dos Jesuitas em Portugal não só não era, geralmente, desafogado, mas atravessava com frequencia crises embaraçosas. O vulgo illudia-se com os grandes collegios, que levantavam, e não calculava as enormes despesas com que os mantinham.

Miguel, q. os P.^{es} da Comp.^a de Jesu, q. nella residem, são de muita utilidade 'ao bem espirital de todos nós e nossos filhos por meio dos continuos exercicios de sua profissão, com q. com grande industria e trabalho assistem ainda aos mais distantes da Ilha, fasendo por toda ella algumas missões com grande fruto nos moradores, vencendo para o conseguirem não poucas difficuldades por ser a terra muito inculta e fragosa. Mais certificamos q. no Collegio desta cidade, em q. os ditos P.^{es} vivem, ha tres lições uma de theologia moral e duas de rhetorica e latinidade, de q. recebem grande interesse os moradores de toda a Ilha, sem por isso terem estipendio nem renda ou fundação alguma p.^a dote do Collegio ou sustentação dos Mestres mais q. alguns tenues legados e donativos q. pessoas particulares por sua devoção lhes derão p.^a se accommodarem na terra, o q. mal lhes poderia bastar p.^a huma pobre e limitada sustentação, se os moradores desta cidade os não ajudarão com algumas esmolos. Item certificamos q. os ditos P.^{es} começarão ha pouco o edificio de huma igreja nova (de q. muito necessitão por ser muito indecente e estar para arruinar a de q. usão) com algumas esmollas que por toda a Ilha tirarão de pessoas devotas, á qual mal poderão dar fim por sua impossibilidade sem ajuda de mais grossas esmolos; pello q. visto serem os ditos P.^{es} tão benemeritos de todos os naturaes desta Ilha, sua pobreza tão notoria e a obra da igreja q. emprendem tão necessaria p.^a celebração dos officios divinos e frequencia dos fieis nos santos sacramentos, nos parecerá sempre muito justo o favor com q. se assistir a sua pobreza e julgamos será de maior serviço de Deus e consolação grande de toda esta Ilha a concessão do q. pedem. Assim o julgamos e affirmamos aos santos Evan-

gelhos e em nome de todos a assinamos de nossos sinaes razos os abaixo nomeados. Nesta cidade de Pontalagada, hoje 30 d'agosto de 1658" (1).

De todo o nosso raciocinio, dos documentos e autoridades, que allegámos, podemos concluir em geral que os Jesuitas colhiam fructo são e copioso de suas fadigas escolares. Mas que especie de educação davam elles aos estudantes que frequentavam suas escolas? O ideal sublime da sua vocação os guiava nesta espinhosa tarefa. Primeiro que tudo formavam homens de honradez intemerata e christãos verdadeiros. "O que a educação deve realizar, escreve Meschler, realizaram-no indubitavelmente os Jesuitas. O effeito primeiro e particular de uma boa educação é a formação de catholicos de fé arraigada, de homens honrados, nobres de sentimentos e prestaveis para todas as condições e circumstancias da vida. E homens assim formou-os a Companhia de Jesus a milhares de milhares" (2).

É facto que não pode ser desmentido, e causava não pouca maravilha aos que observavam a mudança que se operava nos alumnos dos Jesuitas. De irreque-

(1) Mss. Soc. J., *Lus.* 85, f. 229. A seguir á data lêem-se as assignaturas em numero de mais de cincoenta, e annexo ao documento está um papel com a supplica dos Religiosos da Companhia, que pedem ao Papa queira unir ao Collegio de Todos os Santos, para as obras da Igreja, um antigo legado de um certo Diogo Vaz.

(2) *Die Gesellschaft Jesu*, pag. 209: «Was die Erziehung leisten soll, das haben die Jesuiten unbestritten geleistet. Überzeugte Katholiken, brave, edle und brauchbare Männer in allen Ständen und Lebensverhältnissen heranzuziehen und zu bilden, ist das nächste und eigentliche Ergebnis einer guten Erziehung. Und das hat die Gesellschaft an Tausenden und Hunderttausenden und abermal Hunderttausenden zustande gebracht».

tos, discolos, mal comportados que dantes eram, a breve trecho se tornavam bem morigerados, submissos e commedidos em todo o seu porte. Ainda em 1740 o escriptor das cartas annuas observava para Roma que, se bem o numero de estudantes tivera baixa no Collegio das Artes, contudo os que frequentavam as escolas dos Jesuitas, sobrelevavam no primor da educação aos que recebiam ensino em aulas particulares ou na casa paterna (1). Era tão manifesta algumas vezes a transformação dos jovens que não faltou quem a attribuisse a umas artes occultas, practicadas nos Exercicios espirituaes de S. Ignacio. "O systema adoptado pelos collegios jesuitas na practica dos exercicios denominados de Santo Ignacio, escreve Rebello da Silva, influa no animo e no espirito de um modo prompto, transtornando quasi subitamente a indole e fazendo muitas vezes dos mais altivos e despegados os mais obedientes e humildes" (2). Engana-se o critico. Não eram artificios secretos os que empregavam os Jesuitas, nem transtorno dos espiritos a mudança operada. Só julga contrariamente quem desconhece os Exercicios espirituaes de S. Ignacio e as leis pedagogicas da Companhia de Jesus, tão moderadas e razoaveis. A seria meditação das verdades christãs é que arrancava muita vez resoluções heroicas, ou pelo menos levava os jovens á emenda dos costumes e a dar tão completa volta á maneira de vida, que nas acções se ostentavam muito outros e muito melhorados. Assim se mudaram

(1) «Scholasticorum numerus imminutus est; qui tamen ad nostrum gymnasium veniunt, supra eos sapiunt, qui privatis scholis aut paterna domo erudiuntur». Mss. Soc. Jesu, *Lus.* 54, f. 290, *Litt. Ann.* 1740.

(2) *Quadro Elementar...* T. XVI, pag. cxxxvii.

D. Gonçalo da Silveira, D. Ignacio de Azevedo e tantos outros, cuja determinação animosa foi principio fecundo de santidade sublime e de sacrificios heroicos em prol da humanidade soffredora. Raro modo é este de tornar os animos!

Não, a Companhia de Jesus com o seu systema de educação não desequilibra espiritos; pelo contrario guia-os pelo caminho recto da verdade para que não se extraviem para as sendas tortuosas do erro, dá-lhes firmeza e segurança no bom raciocinio mettendo-lhes por lastro os eternos principios da sã moral, para que não se deixem abalar pelos ventos da paixão exaltada que tem feito ruir tantas intelligencias, aliás enriquecidas de vastos conhecimentos. Mas esta prudencia cautelosa no evitar o erro é lançada aos Jesuitas á conta de obscurantismo e retrogradação intellectual e moral. "Ninguém conhece, escreveu Huber, a multidão enorme daquelles a quem a pedagogia jesuitica tolheu o desenvolvimento do espirito e atrophiou intellectual e moralmente" (1). Tambem eu não conheço, como o parcialissimo protestante o não conheceu, porque sei que ninguém saiu das escolas da Companhia com as faculdades tolhidas precisamente pelo systema de formação; e a historia regista um numero incalculavel de homens formados desde

(1) Huber, *Der Jesuitenorden*, pag. 335: «Niemand kennt die ungeheure Zahl derjenigen, die durch die jesuitische Pädagogik in ihrer geistigen Entwicklung zurückgehalten und intellektuell und moralisch verkrüppelt worden sind». Sobre a auctoridade que tem a obra de J. Huber, assim julga outro protestante o Dr. Victor Nauman no *Der Jesuitismus*, pag. 534: «A obra de Huber degenerou num feroz escripto sectario, que os campeões do dia saudaram com um bemvindo enthusiastico». «Seine schrift artet aus in eine wild Parteischrift, die den Kämpfern des Tages hoch willkommen war».

creanças nessas mesmas escolas, ou Jesuitas ou discipulos seus, que admiraram o mundo com a sua sciencia, com as suas letras e com os heroismos de sua virtude.

O que os Jesuitas procuram tolher e refrear são as tendencias para o erro; é a liberdade mal entendida, que se pretende conceder ao espirito dos jovens para tudo investigarem sem voltar os olhos para o clarão esplendoroso da fé que alenta a luz timida e fraca da razão humana. Porque tal é a base do systema educativo, brada-se que a Companhia de Jesus está em contradicção com o ideal do pensamento e consciencia moderna! Mas se por ideal moderno se intende a emancipação da auctoridade divina, que nos impõe preceitos e doutrinas que o homem ha de seguir e abraçar; então a Companhia de Jesus está em perfeita contradicção com esse modernismo que é a ruína da verdade nas intelligencias; mas nesta luta faz grande bem á humanidade que precisa da doutrina verdadeira para a sua bem-aventurança. Se porém aquellas palavras genericas de pensamento e consciencia moderna só querem significar a tendencia e o esforço para o justo progresso e para a investigação das grandes verdades no campo moral e scientifico, não se diga que a Companhia de Jesus se oppõe de modo algum a essas aspirações; antes as acompanha, as favorece e as promove, como o attestam os homens illustres que tem formado em todos os ramos do saber e em todos os tempos.

O Jesuita com seu methodo pedagogico dirigia harmonicamente as tendencias de seus alumnos para que não houvesse exuberancias monstruosas, guiava o entendimento para a verdade apontando-lhe os perigos de errar e amoldava-lhe o coração pela virtude acautelando-o contra seducções enganosas, para que o homem todo

com todas as suas faculdades se aperfeiçoasse, possuisse deste modo a felicidade na vida presente e se dispusesse para a da vida futura. E esta suavíssima harmonia de educação, qualificam-lha de atrophamento dos espiritos! Este guiar as intelligencias da juventude pelo caminho direito e levá-las com sciencia e amor, com prudente cautela para a posse da verdade e belleza eterna, chamam-no acoorrenar os vãos da alma e prender a humanidade num estado de obscurantismo medieval!

Fique pois assente que os Jesuitas formavam homens honrados, bons pensadores e bem equilibrados no uso de todas as faculdades, deixando os horizontes abertos para as legítimas aspirações e arranques do talento ou do genio onde elle despontasse. Para o obter bastava-lhes pôr em practica as leis tão sensatas do seu systema de educação.

Não se contentavam porém de fazer de seus alumnos uns christãos ordinarios; tambem lhes lançavam na alma semente de virtude mais alta e até de heroismos, e os fructos que produziram, são bem consoladores.

Para este aperfeiçoamento da juventude contribuiam admiravelmente as Congregações Marianas. Em 1631 recommendava-as o Geral Mucio Vitelleschi, como principal sustentaculo das escolas (1). Foram, como já observámos, o Collegio de S. Antão de Lisboa e o do Espirito Santo de Evora os primeiros que desde 1583 fundaram Congregações para a juventude estudiosa; mas logo se diffundiram com rapidez e enthusiasmo por todos os demais collegios e a mãos cheias se colhiam os fructos

(1) *Epist. select. Praep. Gen.* (Romae, 1911) pag. 217 «... praecipuo scholarum firmamento».

de benção, que germinavam naquelles corações tenros e bem dispostos. É significativa a insistencia com que os annalistas da Provincia de Portugal iam cada anno recordando complacentes o florescimento constante desses canteiros, onde a graça da idade juvenil realçava com as flores da virtude. Em 1625 lê-se nas cartas annuas que progrediam notavelmente em Coimbra as duas Congregações Marianas e que, se a dos homens dava naturalmente fructos talvez mais copiosos e sazoados, a dos estudantes parecia fructificar de um modo mais admiravel (1). No Collegio do Porto, pelos annos de 1635, a olhos vistos augmentava e florescia a Congregação pelo numero e virtude dos associados (2). Em 1655 ardia com chammas de fervor em Coimbra a Congregação Mariana que venerava como padroeiro especial a S. Ignacio. Reuniam-se os estudantes duas vezes por semana e tres durante o advento e quaresma e o fructo destas reuniões manifestava-o depois a fragancia dos bons costumes. Iguaes noticias se nos deparam nas memorias de outros collegios (3).

Nem os estos do fervor arrefeceram com o tempo. Em 1737 ainda referem as cartas annuas o particular enthusiasmo da Congregação da Annunciada erecta no Collegio de Evora para os estudantes academicos; e em 1747 se registra o florescimento da Congregação a que

(1) «... si, ut virorum, fructus sit fortasse amplior et maturior, adolescentium esse admirabilior... videtur». *Mss. Soc. J., Lus. 53. Litt. an. 1625, f. 164.*

(2) «Virginis sodalitas feliciori in dies incremento et numero et pietatis studio efflorescit». *Mss. Soc. J., Lus. 53, Litt. an. 1635, f. 255.*

(3) *Mss. Soc. J., Lus. 54, Litt. an. 1655, f. 32.*

no Collegio de Lisboa davam lustre jovens escolhidos entre os mais nobres (1).

Não se cuide porém que por meio das Congregações se fomentava no collegio uma piedade molle e efeminada e se ministrava pasto a uma devoção postiça que se contenta de rezas e biocos. É muito differente a ascetica de S. Ignacio que só estimava os homens de acção e de sacrificio. Os Jesuitas encaminhavam seus alumnos a uma piedade solida e activa, guiando-os com destreza até aos heroismos da virtude christã. Com este intuito os ensinavam a compadecerem-se das misérias da humanidade, a amarem o proximo e a exteriorizarem o amor por obras de sincera dedicação. No anno de 1588 frequentavam uns dois mil alumnos o Pateo de S. Antão. Pois muitos destes jovens visitavam com seus mestres os hospitaes, faziam as camas aos doentes, variam-lhes os quartos, repartiam-lhes fructos e doces e até de quando em quando levavam a delicadeza a os alliviarem com musica de vozes e instrumentos. (2) Em Braga os estudantes congregados de Nossa Senhora da Luz contam as cartas de 1623 e 1624, que nas vigílias das festas não faltavam nos hospitaes para consolar os doentes com boas palavras e com mimos de doces, terços e imagens. No Collegio de Evora já desde 1557 encareciam as cartas quadrimestres o espirito de generosa dedicação que florescia nos alumnos; e em 1562 são os meninos das classes inferiores, que vão ás cadeias e

(1) Mss. Soc. J., *Lus.* 54, *Litt. ann.* 1734-37, f. 270; *Litt. ann.* 1738-47, f. 323. « Floret juvenum e nobilioribus delectorum accessu parthenia sodalitas: hanc altera S.ⁱ P. Ignatii... acmulari contendi ».

(2) Cf. Franco, *Synopsis Ann.*, 1588.

hospitaes a servir os presos e doentes com tanta modestia e alegria, que edificavam a cidade. Nesse mesmo anno varios desses meninos vêem entrar para a aula dois alumnos pobres com os vestidos rotos; logo se combinam entre si e, dando cada um sua peça de roupa, os vestem de pés á cabeça (1). Além-mar despertavam os Jesuitas nos seus estudantes o mesmo sentimento de compaixão e desejo practico de fazer bem. Do Collegio de S. Paulo de Goa saiam turmas de estudantes a prestar serviços caritativos no hospital com tanto maior edificação e admiração da cidade, porque eram filhos da gente mais honrada da terra (2).

Mas não é preciso multiplicar citações; o teor de formação era o mesmo em todos os collegios e em todos se ministrava aos alumnos a pura doutrina da caridade. Com este cuidado se infundia nos animos da juventude, desde ha tres seculos, o espirito de acção social, tão desenvolvido em nossos tempos, e se anticipava nas Congregações Marianas a acção benefica das conferencias de S. Vicente de Paulo (3).

Mas outro signal, que tambem nos manifesta claramente a boa educação dos collegios da Companhia de Jesus, vemo-lo nas resoluções animosas, com que tantos jovens davam de mão ás coisas da terra. É sempre de animo nobre e alentado quebrar as fascinações, em que

(1) Cf. Mss. Soc. J., *Lus.* 51, f. 11. Evora 31 de Agosto de 1557; *Lus.* 61, f. 111, 116. Evora 31 de Dezembro de 1562.

(2) Mss. Soc. J., *Goa.* 33, f. 209, 686. Carta annua de 1607 e 1622.

(3) Cf. A. Drive, *Marie et la Compagnie de Jésus* (Tournai 1913) pag. 343 segg.

os homens se prendem, e partir a sacrificar-se a Deus, para bem do proximo, nas aras da Religião!

No anno de 1584 sessenta e sete estudantes saíram do Collegio de S. Antão de Lisboa e se repartiram por varias Ordens Religiosas; e em 1605 quarenta. Do Collegio das Artes de Coimbra, só no mês de Maio de 1591, vinte disseram adeus ao mundo para se vestirem o habito religioso, e durante o anno de 1593 nada menos que 124 tiveram animo para desprezar as vaidades que a tantos seduzem; demais na cidade de Evora no anno de 1601 oitenta academicos da Universidade foram povoar os diversos Institutos Religiosos. Os annos seguintes testemunharam iguaes exemplos. Não eram certamente lições de molleza as que recebiam estes jovens nos collegios da Companhia de Jesus (1).

Em conclusão os Jesuitas formavam bons christãos, bons filhos de familia, homens de vontade robusta e preparavam cidadãos prestimosos para o futuro; com paciente desvelo infiltravam no espirito de seus alumnos o amor da religião, que é a base da educação verdadeira, o amor do lar domestico e o amor da patria. O amor da religião ensinavam-no com todo o seu systema pedagogico, embebido inteiramente de principios religiosos, como vimos, e o amor da familia e da patria incutiam-no com a explicação minuciosa da lei de Deus que

(1) Cf. Franco, *Synopsis Ann.* 1584, 1591, 1593, 1601. Não se cuide que estes estudantes eram attrahidos para a Companhia por artes de suggestão empregadas pelos Jesuitas, como se tem propalado em escriptos nada conscienciosos; o facto de que a maior parte daquelles jovens buscavam outras Ordens Religiosas, desmente a accusação. Os Jesuitas lançavam nas almas a semente, que fructificava segundo as inclinações particulares do estudante, encaminhadas pelo sopro da graça divina.

preceitua a todo o homem estes dois affectos legitimos e nobres.

Educação tão solida doiravam-na ainda com um verniz de elegancia exterior e com uma distincção de maneiras, dignas da boa sociedade. "A fina educação do seculo XVI e XVII, escreveu Boehmer, parece terem-na comprehendido os Jesuitas e sabido, melhor que ninguem, inculcá-la á juventude de suas escolas." — "Comprehendemos agora, diz o mesmo escriptor, que não sómente os paes catholicos, mas até os protestantes gostosamente confiassem os seus filhos aos Jesuitas" (1).

(1) «Se qu'on appelait, au XVI^e et encore au XVII^e siècle, la «bonne éducation,» «l'honnêteté,» les Pères Jésuites semblaient l'avoir compris, avoir su l'inculquer mieux que personne à la jeunesse masculine.» — «On comprend d'après cela, que non seulement les parents catholiques, mais même des parents protestants fussent bien aises de confier leurs enfants aux Jésuites.» Boehmer, *Lcs Jésuites*, pag. 232.

Não obstante a evidencia destes factos, escriptores pouco escrupulosos na verdade de suas asserções quando se trata de condemnar Jesuitas, não receiam afirmar com o pedagogista francês Compayré que «os Jesuitas commettem a semrazão gravissima de malquistar a creança com a familia» e collocam o «ideal do perfeito estudante no esquecer-se dos paes.» *Storia della pedagogia* (Torino, 1910) pag. 114. Em o numero destes escriptos se mettem o Sr. Agostinho de Campos a repetir a mesma accusação: «Os Jesuitas tiveram sempre grande cuidado em destruir nos seus discipulos a originalidade trazida da familia, sequestrando-os della o mais que podem... A *Ratio Studiorum*, codigo pedagogico da Companhia, só uma vez faz referencia aos paes, determinando que se convidem ou procurem se for util, nos casos graves, fallar com elles acerca dos filhos.» *Educação e Ensino*, pag. 256. Se o Sr. Campos, antes de impugnar o systema dos Jesuitas, tivesse passado os olhos pelo *Ratio Studiorum*, não lançaria ao papel estas linhas; pois encontraria referencias aos paes dos alumnos, não uma só vez, mas varias vezes explicita-

Este era pois o empenho da Companhia de Jesus, nem se pode negar que a multidão de jovens que em suas escolas receberam boa formação demonstre a bondade do systema e a destreza dos educadores. Se contudo muitos ou não tomavam a educação do collegio ou depois renegavam na practica os ensinamentos recebidos, é essa a triste condição da liberdade humana, que póde ou não acceitar o bem que lhe offerecem, ou lançar para longe o que uma vez acceitou.

“Não neguemos a nossos mestres, escreve Schimberg, o genio em ponto de educação, se o genio é essencialmente creador ou pelo menos se é a realização de um systema harmonicamente constituido, cujos resultados grandiosos foram o premio de uma longa paciencia e de uma dedicação que, apesar de não ter o brilho da bravura militar, não é menos fecunda nem menos digna

mente como na Regra 12 do Reitor, na 9, 11, e 25 do Prefeito das aulas menores e na 46 do Professor das escolas inferiores; implicitamente muitas, quando com repetida insistencia manda encarecidamente aos prefeitos e professores que ensinem aos discipulos a practica de todas as virtudes christãs, entre as quaes avultam as que regulam as relações dos filhos para com seus paes. Por ventura nas lições de catecismo, que todas as semanas davam a seus alumnos, os mestres Jesuitas mutilavam o decalogo, supprimindo o quarto mandamento que manda honrar pae e mãe? Dizer-se agora que os Jesuitas procuram indispor os alumnos com os seus paes, tirar-lhes a originalidade que trazem de suas familias e apresentar-lhes como ideal o esquecimento dos que lhe deram o ser, é affirmação gratuita, contra a qual se insurge a verdade historica e o testemunho de escriptores sensatos. Repellem-na as leis do systema pedagogico da Companhia de Jesus com sua practica de quase quatro seculos, e protestam contra ella milhares e milhares de paes que entregaram seus filhos aos Jesuitas e delles os receberam mais bem morigerados e mais rendidos á auctoridade paterna.

de admiração” (1). Semelhante louvor tece á pedagogia do *Ratio Studiorum* o protestante Macaulay quando escreve que “os proprios inimigos eram forçados a confessar que não tinham os Jesuitas quem os egualasse na arte de dirigir e formar o espirito da mocidade (2).

Destas insuspeitissimas affirmações, dos factos que neste capitulo apontámos e do exame que anteriormente fizemos das leis pedagogicas, vimos forçosamente á conclusão de que tal methodo não podia de modo nenhum contribuir para a decadencia da sociedade portuguesa. Leis innegavelmente racionaes, postas em practica por homens cuja destreza até os adversarios reconhecem, não podem ser nefastas a nenhuma nação. Se, apesar disso, os reinos se despenham para a miseria, é de necessidade logica buscar noutra parte as causas da ruina.

Não se accommodam com a evidencia deste racio-cinio muitos escriptores portugueses que teimam em attribuir á educação Jesuitica a decadencia de Portugal. Mas os mesmos escriptores caem numa contradicção deploravel. Enumeram largamente as causas que de longe prepararam e trouxeram de facto o decaimento da nação, e mostram que desde os annos da sua maior prosperidade alimentava no seio os germens corruptores que lhe depauperaram e enfraqueceram miseravelmente

(1) *L'Éducation*, pag. 489. «... ne contestons pas à nos maitres le génie, en matière d'éducation, si le génie est essentiellement créateur, ou tout au moins la mise en oeuvre d'un système harmonique dont les résultats grandioses furent le prix d'une longue patience et d'un dévouement qui, pour n'avoir pas l'éclat de la bravoure militaire, n'est ni moins fécond ni moins digne d'admiration».

(2) *The History of England* (Leipzig, 1489), II, pag. 288. «Enmity itself was compelled to own that, in the art of managing and forming the tender mind, they had no equals».

o organismo (1); mas quando chegam a encarecer a influencia da Companhia de Jesus, como que esquecidos do que pintaram com tão negras cores, arremessam despidosos sobre a nascente corporação a grande responsabilidade na ruina da nação portuguesa, já minada interiormente quando os Jesuitas entraram em Portugal! As provas desta accusação busquei-as nas historias escriptas e só se me depararam supposições gratuitas e affirmações destituídas de fundamento (2).

(1) Cf. C. Michælis, *Poesias de Francisco de Sá de Miranda* (Halle 1885) pag. xxviii, xxx.

(2) Para prova do que affirmo bastaria ler os historiadores Pinheiro Chagas e Rebello da Silva. Ambos descrevem com lastima o abysmo a que Portugal se despenhava inevitavelmente antes da entrada dos Jesuitas, e ambos apresentam depois e exaggeram a influencia da Companhia de Jesus, como se ella fosse a causa da ruina da nação. Chagas, *Hist. de Port.* T. iv, (1900) pag. 542, escreve: «Havia uma semelhança immensa e atterradora entre a decadencia de Roma e a decadencia de Portugal. Os mesmos vicios deviam produzir os mesmos resultados.» Mas adeante na pag. 559, ao tratar dos Jesuitas, assevera que a «invasão do ensino pelo espirito Jesuitico isso é que foi o grande desastre e a catastrophe suprema...»

Rebello da Silva, *Quadro Elementar*, T. xvi, pag. ci, cv, a proposito das queixas formuladas nas côrtes de 1525 e 1535, nota que houve occasião de «observar de mais perto as ulceras incuraveis que roíam a sociedade no tempo de D. João III, derivando-se de bem longe alguma dellas...» ... «A gangrena já subia aos órgãos mais importantes da vida social. A cubiça allucinava a todos, a consciencia estava muda, a honra era uma palayra sem sentido e os vicios affrontando-se com o segredo e o silencio, campeavam abertamente á luz do dia...». O mesmo auctor porém perguntando, *ob. cit.* pag. lii, como usavam da sua influencia os Jesuitas, vindos a Portugal cinco annos depois de 1535, responde que «Trinta annos depois da morte de D. João III a decadencia era tão profunda, que Philippe II e seus conselheiros tentavam a conquista de Portugal com um exercito que

Poderiam os Jesuitas errar num, ou noutro caso, e haviam de errar como homens, mas a sua doutrina e a sua orientação geral era guiada pelos preceitos da religião de Christo; prégavam nos pulpitos a moral austera do Evangelho, ensinavam os homens a vencer-se a si mesmos, exhortavam-nos a sustentar a torrente da devassidão que se alastrava; nos collegios davam á juventude uma educação viril, genuinamente christã, e em todos estes pontos alcançaram triumphos maravilhosos, muita vez prodigios de conversões e de reforma de costumes. Ora nunca a boa moral, a boa educação, a prgação das verdades da fé, o empenho em cercear vicios e propagar virtudes acarretaram a ruina de uma nação. Apesar pois da influencia de que a Companhia de Jesus gozava entre os portuguezes, «seria injustiça, confessa o protestante Boehmer, tornar os Jesuitas responsaveis na ruina de Portugal. A decadencia principiara antes de elles se estabelecerem naquelle reino. Politica colonial em desproporção com as forças do paiz dizimava a população e foi a causa da ruina total. Ainda que os Padres o quisessem, a sua força não era poderosa a ter mão no desmoroamento» (1). São estas as conclusões auctorizadas pelo exame das leis e analyse dos factos.

não passaria dos muros de Elvas em outra epoca.» Não é maravilha! Quem se deixa arrastar de preconceitos, que facilmente vem a cair em contradicções palpaveis!

(1) *Les Jésuites*, pag. 86: «Et pourtant il serait injuste de tenir les Pères pour responsables de la ruine du Portugal. La décadence avait déjà commencé quand ils s'y sont établis. Une politique coloniale disproportionnée avec les forces du pays, et qui décimait véritablement la population, fut la cause véritable de cette ruine complète. Même si les Pères l'avaient voulu, ils étaient impuissants contre un tel mal.»

CAPITULO V

Discipulos

Em muitos estabelecimentos de educação é uso adornar as paredes das salas e corredores com os retratos dos alumnos que nelles se formaram e honram, ou pela sciencia ou pela virtude, os antigos educadores. É um alarde formoso e bem justificado. Os mestres regozijam-se pondo os olhos no fructo de suas canseiras e desvelos, e os novos discipulos com a vista dos que os precederam na mesma casa, estimulam-se á imitação.

Se os Jesuitas de Portugal, nos quase tres seculos de actividade pedagogica, se tivessem resolvido a conservar por esta maneira artistica a lembrança dos muitos jovens portuguezes a quem instruíram na virtude e letras, teriamos o gosto — quem o nega? — de contemplar hoje vistosas galerias de homens distinctos. Não haveria collegio nenhum tão modesto que não pudesse apontar com ufania para as imagens de muitos de seus alumnos.

Em todo o caso a historia alguns nomes nos conservou. Não deslumbram elles pelos fulgores do genio? Mas os genios são excepções e producto da natureza;

brilham nos fastos da historia de seculo em seculo, e as circumstancias não os criam, apenas lhe favorecem o apparecimento. Ora a decadencia de Portugal não era, havemos de confessá-lo, um meio muito propicio para o desenvolvimento dos genios no campo das letras. Lançar em rosto aos Jesuitas o não criarem genios, é absurdo; attribuir-lhes o empêcerem as legitimas expansões geniaes é contrariar a historia que o não prova, antes o desmente. O systema de educação que dirigia os Jesuitas de Portugal era o mesmo dos Jesuitas franceses; e das escolas da Companhia saíram em França um Descartes, um Corneille, um Molière, um Fénélon, um Bossuet, um Principe Condé. Porque não dêram as escolas dos portugueses homens desta envergadura?

Não são porém os genios a maior necessidade de uma nação, nem as escolas teem precisamente por objectivo a formação de genios. Homens solidamente educados e bem instruidos nas letras e sã doutrina são esses o nucleo da verdadeira e perduravel prosperidade nacional e os que pretende formar um estabelecimento educativo bem norteado. Jovens com estas prendas educou-os em grande numero a Companhia de Jesus. Entre elles muitos se distinguiram pela sciencia e pela virtude; muitos se altearam aos heroismos da dedicação. Um relance de olhos pelas paginas da historia nos descobrirá nomes brilhantes.

Não poucos dos que se enfileiraram na Companhia de Jesus, receberam desde a meninice a educação e instrucção nas escolas dos Jesuitas e se illustraram mais tarde por acções de merecimento não vulgar, e pela sciencia que os collocou ao lado dos grandes homens do seu tempo. Tambem estes devem ser contados entre

os alumnos dos Jesuitas. Nomeemos alguns apenas que sirvam de exemplo.

Assignalaram-se neste numero Prelados illustradissimos que se dedicaram ardentemente á propagação da fé, como *D. Luís Cerqueira*, bispo do Japão; *D. Francisco Garcia*, arcebispo de Cranganor, ambos estudantes da Universidade de Evora, e *D. Francisco Laynes*, bispo de Meliapor e antes missionario do Maduré, onde soffreu alentadamente trabalhos indescriveis, alumno do Collegio de S. Antão (1).

Distinguiram-se martyres da fé, quaes foram o *B. Miguel de Carvalho*, estudante do Collegio de Braga e morto no Japão em 1624; o *B. Francisco Pacheco* e *D. Apollinar de Almeida*, bispo de Nicea, ambos alumnos do Collegio de Lisboa, aquelle queimado por amor de Christo em Nangasaki, no Japão, no anno de 1626, (2) este pela mesma gloriosa causa enforcado na Ethiopia em 1640; o *P. Luis Cardeira*, estudante da Universidade de Evora, martyrizado tambem na Ethiopia no mesmo anno e com igual genero de morte, e o *B. João de Brito*, degolado pela fé de Christo no Maduré

(1) D. Francisco Laynes distinguia-se pela agudeza de intelligencia, pelo conhecimento das linguas barbaras e civilizadas, pela erudição nas Sagradas Letras e pela prudencia no manejar os negocios. Assim o escreveu ao Geral Aquaviva o seu companheiro de missão P. Barbier a 1 de Agosto de 1715: «... Vir animi sagacitate, linguarum politiorum aequae ac barbararum peritia, studio Sacrarum Litterarum, prudentia rebus in agendis primariis quibusque viris facile comparandus». Mss. Soc. J., *Malabarica*, 1715. Cf. Franco, *Imagem da V... Coimbra*, II, pag. 713 segg... Nasceu em Lisboa em 1656, entrou na Companhia em 1672, foi sagrado bispo em 1708 e falleceu no anno de 1715.

(2) Cf. Franco, *Imagem da V... Coimbra*, II, pag. 145.

em 1693, tendo sido educado e instruído pelos Jesuitas quando era pagem de D. Pedro II na corte de Lisboa.

Illustraram-se missionários de virtude heroica e zelo incansável, de que são boa mostra, além dos anteriores, os Padres *Duarte Vaz* e *Pedro Tavares*, discípulos da Universidade de Évora, que no reino de Angola padeceram imensos trabalhos, vindo a fallecer o primeiro 1636 e o segundo em 1670; o *P. Jeronymo Lobo*, estudante do Collegio das Artes, o *P. Antão de Proença*, que estudou em Évora, o *P. Manuel de Sá*, patriarcha eleito de Ethiopia, alumno do Collegio de Bragança, e o *P. Manuel Correia*, discípulo do Collegio de Santarém, santo e indefesso operário do Brasil, que se finou em Roma no anno de 1761.

Extremaram-se entre muitos pelos heroismos da santidade o *P. João Cardim*, alumno de S. Antão, fallecido em 1615, os Padres *Diogo Monteiro* e *João da Fonseca*, ambos estudantes da Universidade de Évora, e *Pedro de Mascarenhas*, da illustre familia dos Mascarenhas, alumno do Collegio dos Porcionistas de Coimbra, que na peste grande de Lisboa sacrificou a vida com generosidade sublime, como tantos outros filhos da Companhia de Jesus, que se immolaram no fogo das pestes que assolaram Portugal.

Homens que sobresaíram pela erudição nas sciencias divinas e humanas, egualmente em numero avultado, cursaram desde os primeiros annos as escolas da Companhia e depois militaram sob a sua bandeira. São para notados especialmente os Padres *Sebastião Barradas*, *Francisco de Mendoça* e *Jeronymo de Castilho*, todos tres alumnos do Collegio de S. Antão; *Jorge Cabral*, estudante do Collegio das Artes e fallecido em 1637, de quem diz A. Franco ter sido "um dos letrados

de nome que a Companhia teve em Portugal, e como tal... mui consultado (1); os Padres *Bento Fernandes*, *Gaspar de Miranda*, *Sebastião de Couto*, *Antonio de Vasconcellos*, *Bartholomeu Duarte* e *Francisco da Fonseca*, alumnos da Universidade de Évora; o grande *Antonio Vieira*, discípulo do Collegio da Bahia; *Antonio Cordeiro*, alumno do Collegio de Angra e do de Coimbra; o celebre mathematico *Thomás Pereira*, estudante do Collegio de Braga; *Manuel Marques* que estudou na escola annexa ao santuario de Nossa Senhora da Lapa e falleceu em Italia em 1806 (2); *Francisco Furtado*,

(1) Franco, *Imagem...* Coimbra, I, pag. 507.

(2) O P. Marques entrou na Companhia em 1756; pouco depois navegou para o Maranhão, e dalli, passados tres annos, foi expulso para a Italia, onde concluiu a carreira dos estudos. Em 1769 foi mandado para Selo a ensinar Philosophia e Theologia, no qual ministerio perseverou por mais de 30 annos com bem merecida acceitação daquelle municipio. Morreu em odor de santidade, e o seu corpo foi achado incorrupto 17 dias depois do fallecimento. O municipio de Selo, em reconhecimento dos muitos beneficios que o P. Marques fizera a toda a população, quer na educação da juventude quer no exercicio de todas as funções sacerdotaes, deu-lhe, bem como ao seu companheiro o P. Joaquim Ferreira, o fôro de cidadão daquelle municipalidade. Cito o despacho da Camara, summamente honroso para os dois Jesuitas portugueses:

«Libertà uguaglianza

Continue e ferride sono le istanze, che riceviamo da questa Popolazione, affinché da noi si prenda anche a di lei nome un pubblico contrasegno di stima e di amore verso la persona del sacerdote Emmanuel Marques, né potendo in altra maniera condiscendere alle suddette brame... siamo venuti alla determinazione di naturalizarlo.....poiche non v'ha a chi non sia nota la permanenza in questo luogo fatta dal nomato soggetto non meno che di anni trenta... con somma edificazione, dottrina ed esemplarità impiegata nelle pubbliche scuole, con

poeta de renome e alumno do Collegio de Gouveia, sua patria, *Estevão Cabral*, insigne em hydrostatica, e *João de Loureiro*, o famoso botanico, estudante aquelle do Collegio das Artes, este do Collegio de S. Antão de Lisboa (1).

inexplicabile vantaggio della nostra gioventù; né di ciò solo contento assiduo sempre si é dimostrato al sovvenimento della intiera popolazione ora con pubbliche e secrete elemosine, ora con ricevere le sacramentali accuse, ed assistere ai moribondi con il massimo dei zeli ed istancabile vigilanza ed ora nella sapientissima non meno che energica spiegazione del santo Vangelo per ben cinque Quaresime a pieni voti da questo Pubblico conferitigli. In vista dunque di simili riflessi ed altri che si ommettono, si é creduto un dovere positivo di rendere al medesimo sacerdote la presente pubblica dimostranza di animo, la quale crediamo anco dovere estendere nell'altra persona e sacerdote Gioacchino Ferreira come di lui compagno indissolubile... Data in Sellano nella segreteria della minicipalità questo di 3 Aprile 1798.» Na sepultura do P. Marques gravaram-lhe esta inscripção:

A. M. D. G.
Emmanuel Marques
Lusitanus Sacerdos
olim S. J.
vir sapiens
ab infantia probus
charus omnibus
hic jacet
obiit xv Martii
MDCCCVI

Cf. *Vita del gran servo di Dio D. Emmanuel Marques* por Joaquim Ferreira (Sinigaglia, 1807).

(1) O Dr. Bernardino Antonio Gomes no elogio que teceu ao P. Loureiro na sessão solenne da Academia R. das Sciencias de 30 de Abril de 1865, dá testemunho ao mesmo tempo do aproveitamento do discipulo e do primor com que os mestres ensinavam: «... O P. Loureiro é exemplo entre os muitos do esmero com que nos Collegios

Discipulos como estes hão de forçosamente abonar os mestres que os instruíram e educaram.

Mencionemos agora outros que das escolas da Companhia saíram para carreiras diversas. Não podemos deixar de ser brevissimos nesta parte; a querermos apon-tar os nomes só que fosse, de todos os alumnos que tiveram distincção, não bastaria um grosso volume. Escrevendo a proposito do P. Balthazar Telles, cuidou poder afirmar Camillo Castello Branco, que elle fôra mestre de tantos homens primaciaes do seu tempo (1), e em 1669 querendo Vieira no sermão de S. Ignacio dar prova dos muitos jovens que se formavam nas escolas da Companhia de Jesus, appellou para o testemunho de um arcebispo lisbonense por estas palavras: "O senhor Arcebispo ultimo de Lisboa tão grande portuguez como prelado e tão grande prelado como douto, dizia que todos os homens grandes que teve Portugal no seculo passado sahiram do pateo de S. Antão". Ha certamente exaggero no que a afirmação tem de exclusivo, porque tambem outros collegios produziram homens notaveis, mas nem por isso deixa de ser valioso o testemunho. Ainda porêem no seculo XVIII, quando já soam os primeiros echos da perseguição pombalina, encarece João Baptista de Castro o grande numero de distinctos alumnos formados em S. Antão, ao escrever que "o collegio se compõe de varios Cathedra-ticos da sua ordem,

dos Jesuitas se cultivava o estudo das Humanidades, especialmente o das linguas. Nos apontamentos ao correr da penna, que elle deixou e indifferentemente escrevia em portuguez ou em latim, se vê a perspicuidade e correcção com que o fazia nos dois idiomas». *Elogio Historico do P. João de Loureiro...* (Lisboa, 1868), pag. 5.

(1) *Curso de Litter. Port.*, II, pag. 91.

que ensinão publicamente as Artes e Faculdades, distribuidas por diversas classes e Aulas, onde a instrução dos estudantes se faz gratuita e dellas, em grande credito dos sabios mestres, tem sahido infinito numero de litteratos discipulos" (1). Ácerca da Universidade de Evora escreve Costa e Silva, nada suspeito de parcialidade com Jesuitas, que de suas aulas "haviam sahido tantos alumnos que lhe faziam honra" (2). Começamos a ementa pelos Prelados de nome que foram desde a primeira idade alumnos dos Jesuitas.

*
* *

Um dos mais celebres que logo no seculo XVI frequentaram as escolas da Companhia de Jesus, foi o bispo do Algarve *D. Fernão Martins de Mascarenhas*. Estudou na Universidade de Evora, como porcionista do

(1) *Mappa de Portugal*, vol. v, pag. 726; citação do Sr. Prestage, *D. Francisco Manuel de Mello*, pag. 29. Na edição do *Mappa de 1763* modificou o auctor a passagem citada, tirando-lhe quanto era de louvor para os Jesuitas. A epoca de terror, que dominava em Portugal, tolhia as expansões da verdade. Cf. *Mappa de Portugal*, T. III (Lisboa 1763) pag. 435. É para notar a vantagem que, no que diz respeito aos resultados na educação, assignalam as cartas annuas ao Collegio de S. Antão de Lisboa sobre os demais das Províncias. "...Proventus litterarii, qui in olyssiponensibus ita semper est felix, ita ferax, ut omnium ore reliquas provinciae scholas intervallo magno post se relinquat". *Mss. Soc. J., Lus. 53, Litt. ann. 1617, f. 129.* « Ut est naturale in Ulyssiponensium animis tenerum quiddam ac molle, ita facile magistros sequuntur, quocumque ducant ». *Ibid. Litt. ann. 1625, f. 158.*

(2) *Ensaio Biographico*, VI, pag. 47.

Collegio de S. Manços, seguindo o curso de letras, philosophia e theologia. Mais tarde foi nomeado reitor da Universidade de Coimbra, bispo do Algarve e inquisidor geral. Na sua diocese houve-se como prelado zeloso, compassivo de suas ovelhas e esmoler até o extremo de dar aos pobres numa ocasião uma peça de vestido interior que trazia, e noutra o mantelete por não ter á mão dinheiro para os remediar; nem faltou aos perigos da patria, como quando trocou os vestidos pontificaes pela armadura militar para repellar, á frente das tropas, o assalto que a esquadra inglêsa preparava contra a cidade de Lagos (1).

(1) O P. Antonio Fernandes na dedicatória que fez ao venerando Prelado, dos *Commentarios ás visões do Antigo Testamento*, encarece a sua grande liberalidade com os pobres e narra em seguida a maneira como foram dadas as esmolas a que alludi no texto. Depois do saque de Faro practicado pelos Ingleses «spoliatorum unus atque ut in re trepida fit, communi ac eo unico usus indumento, Loulaeum cum paucis sacerdotibus te receperas. Ecce tibi autem spoliatus quoque ex urbis clade civis adest, vix primis inausiis tectus supplex-que petiit miseriae suae subsidium; doluisti ex intimis praecordiis ovis tuae duram vicem. Et elige (dixisti) ex meis his vestibus (quando aliud non est supra) quam malis. Cumque ille thoracem interiorem praelegisset, ingressus cubiculum exuisti, clam dedisti in manus; ac si subnuculam, inquis, postulasses, libenter dedissem. Non potuit latere praesentes sacerdotes tam novum pietatis miraculum tacitique secum et stupebant et lacrimabantur. Confine est illud quod alias obstupuit universa civitas: cum enim in media platea eleemosinam peteret pauper, nec aliud ad manum suppeteret, manu tibi extractum ex humeris Pontificale palliolum ultro demisisti in manus pauperis».

O proprio bispo porém em carta para o Summo Pontifice, datada de 25 de Fevereiro de 1597, descreve como se transformou de Prelado em capitão. Encontrámos a carta nos Archivos do Vaticano e reproduzimos aqui um trecho, onde os amantes da lingua latina podem saborear a fina elegancia que o talentoso discipulo de outrora hauriu

No mesmo seculo frequentou as aulas de Coimbra e Evora outra distinctissima personagem *D. Alexandre de Bragança*, filho dos duques de Bragança, eleito arcebispo de Evora em 1602 e fallecido em 1608. Foi no dizer do auctor da *Evora Gloriosa*, "hum completo Principe e prelado ecclesiastico" (1).

nas escolas dos Jesuitas: « Ego interim qui meas copias cum praetoriis conjunxeram, jussu Regis et procerum sententiis, equitatus praesentis coactus, tantisper infulam cum galea mutavi, arma corripui, et qui antea Praesulem tantum egeram, ducem egi pariter et Praesulem. Sed quae meae partes erant, animos in primis peccatorum confessione detergendos, et sacro pabulo reficiendos curavi; deinde singulos sum hortatus ut alacres se et paratos ad eos labores capessendos praestarent, quibus et fidei dignitatem vindicari et tam nefario hostium consilio obviam iri necesse esse judicarent. Dux interim pyratius jam fere oppugnationi vicinus per nuntium significat gratissimum sibi fore spectaculum, si Praesulem more militari cum hoste congregientem videat, quem sciret quitandi peritiam et dignitatem a majoribus suis equitum magistris haereditario sibi jure vindicare. Cui ut animose pariter et prudenter est satisfactum, equitatum omnem, ut erat instructus, et ad praeliandum expeditus, ex urbe eduxi, Praetorio Regio cum suo peditatu intra moenia pro defensione urbis ducem statarium agente. Verum ubi in hostilis classis conspectum jam descensionem in litus meditantis, instructa equitatus armatura se dedit, relucetiumque armorum fulgor oculos perstrinxit, is terror animos occupavit, ut, mutato consilio, ab oppugnanda urbe destiterint, satiusque duxerunt fuga sibi consulere, quam nostrarum virium non sine periculo periculi lum facere. Ita metu liberata civitate, nihil potius aut religiosius habui, quam ut crudis adhuc et manantibus Phari vulneribus medi cinam compararem... ». Arch. Vat., *Nunz. di Portogallo*, 6, f. 284. Falleceu o douto e santo Bispo em 1628 e foi sepultado na igreja de S. Roque em Lisboa. Cf. Franco, *Synopsis Ann.* 1628; Fonseca, *Evora Gl.*, pag. 333; *Obituários da Igreja e Casa Professa de São Roque* (Lisboa, 1916), pag. 31.

(1) *Evora Gloriosa*, pag. 305.

Onze annos atrás fallecêra com morte de santo o bispo de Angra, *D. Manuel de Gouveia*, porcionista do Collegio de S. Manços de Evora e irmão do P. Ignacio Martins, o famoso mestre da Santa Doutrina. A fama de suas letras e virtudes é que o elevaram ao solio episcopal (1).

No Collegio das Artes de Coimbra ouvira as preleções de Pedro da Fonseca o bispo de Coimbra D. Affonso Castello Branco, prelado generoso e de grande espirito, de costumes irreprehensíveis, zeloso do esplendor da Religião, muito erudito nos estudos classicos e douto em philosophia. Falleceu em 1615 (2).

Cursou, tambem com mostras de engenho brilhante, as aulas da Universidade de Evora o arcebispo da mesma cidade *D. José de Mello*, fallecido em 1633. "Foy, escreve o P. Francisco da Fonseca, um dos mais insignes Pontifices que teve a nossa Igreja, zeloso do culto divino, amante da justiça e da pobreza... generoso nas esmolos e magnifico nas fabricas" (3).

Illustrou igualmente aquella Universidade *D. João da Gama*, filho do terceiro conde da Vidigueira. Em 1585 entrara na Companhia de Jesus que houve de deixar por força de doenças, sendo depois promovido á Sé de Miranda, que elle governou com zelo e acerto (4).

Por brevidade cito conjuntamente *D. Manuel de Noronha*, bispo de Viseu e Coimbra, reitor e reformador da Universidade, fallecido em 1671; *D. João dos*

(1) *Evora Gl.*, pag. 341.

(2) De Scorraile, *François Suarez*, T. II, pag. 132.

(3) *Evora Gl.*, pag. 306.

(4) *Evora Gl.*, pag. 342; *Portugal, Dicc. Hist.* III, pag. 669.

Prazeres, Franciscano, bispo de Angra, onde morreu em 1685; *D. Estevão Briosso*, bispo de Pernambuco e depois da Madeira, donde veio fallecer a Lisboa no anno de 1689; *D. Frei Valerio Raymundo*, dominicano, bispo de Elvas, morto em 1690; *D. Frei Domingos Barata*, trinitario, bispo de Portalegre, onde acabou no anno de 1713; *D. Sebastião Peçanha*, sagrado arcebispo de Goa em 1716, cuja mitra renunciou por debilidade de saude para tornar á patria; *D. João de Sousa Carvalho*, lente de Coimbra, bispo de Miranda, fallecido em 1737; *D. Miguel Sanches Goulão*, feito bispo de Meliapor no anno de 1717; *D. Antonio Paes Godinho*, promovido no mesmo anno á mitra de Nanquim, e *D. João do Casal*, bispo de Macau, todos alumnos da Universidade de Evora e prelados exemplares.

Mas é justo que distinga tres illustres discipulos da mesma Universidade, que são o *Infante D. José*, irmão de D. João V e arcebispo de Braga (1); *D. João da Motta e Silva*, elevado ás honras da purpura cardinalicia por Bento XIII no anno de 1727, e *D. Frei José Maria Fonseca e Evora*, que vestiu o habito franciscano no convento da Araceli em Roma, no anno de 1741 foi sagrado bispo do Porto e falleceu em 1752. A muita sciencia, erudição e raras prendas que o distinguiram, mereceram a este prelado benemerito um grande renome. Reis, Papas e sabios o honraram e galardoaram á competencia (2).

(1) Observam as cartas annuas de 1734-37, que desde que o Infante D. José recebeu na Universidade de Evora o grau de doutor, cresceu desmedidamente o numero dos candidatos ao doutorado. *Mss. Soc. J., Lus. 51, Litt. ann. f. 270.*

(2) Cf. *Portugal, Dicc. Hist.*, III, pag. 525; *Evora Gl.*, pag. 304-342.

Entre os alumnos do Collegio de S. Antão salientou-se o patriota de 1640 *D. Rodrigo da Cunha*, bispo de Portalegre e do Porto, arcebispo de Braga e Lisboa, muito versado em theologia, canones e historia ecclesiastica e secular de Portugal, e auctor de obras historicas de merecimento, como o *Catalogo dos Bispos do Porto*. Sobresaiu tambem *D. João de Mendonça*, filho dos condes de Val de Reis, sagrado bispo da Guarda em 1713, e afamado lente de canones da Universidade de Coimbra; *D. Thomás de Almeida*, o primeiro Patriarcha de Lisboa, honrado com a purpura cardinalicia em 1738, e o seu coadjutor *D. José Dantas Barbosa*, arcebispo de Lacedemonia, que no terremoto de Lisboa de 1755 deu exemplos de heroica dedicação (1).

O Collegio de S. Lourenço do Porto conta entre seus alumnos o erudito arcebispo de Goa *D. Ignacio de Santa Theresa*, fallecido em 1751.

É logo indubitavel que os alumnos dos Jesuitas illustraram pela sua erudição e virtude a classe episcopal. Nomeemos agora, acostando-nos geralmente á ordem chronologica, outros alumnos que em diversos ramos da actividade humana ganharam nome.

*

* *

Ao mencionar de passagem o infeliz D. Antonio, prior do Crato, que no incipiente Collegio de Evora cursou as aulas em companhia de estudantes Jesuitas, acodem-nos primeiro á lembrança o famoso antiquario

(1) *Portugal, Dicc. Hist.*, II, 1268; *Evora Gl.*, pag. 334.

Gaspar Estaço e seu irmão *Balthasar Estaço*, auctor do livro *Sonetos, canções vulgares e outras rimas*, impresso em 1604, ambos alumnos da Universidade Eborense.

Tenha logar immediatamente o celebre discipulo do P. João Delgado na escola de Mathematica do Collegio de S. Antão, *D. Manuel de Menezes*, cosmographo-mór e chronista-mór do reino, fallecido em 1628.

Com este illustre mathematico vem a pêlo citar o *Principe D. Theodosio*, astronomo notavel o conde de S. Vicente, *D. João Nuno da Cunha*, o conde de Penaguião, *D. João Rodrigues de Sá*, todos tres condiscipulos nas lições de Astronomia que receberam de Jesuitas (1); o segundo conde da Ericeira, *D. Fernando de Menezes*, discipulo em latim do P. Francisco de Macedo e em mathematica dos Padres Ignacio Stafford e Christovão Borri, muito versado em geometria, geographia e architectura militar; os três illustres Pimenteais alumnos do Collegio de S. Antão, *Luis Serrão Pimentel*, cosmographo e engenheiro-mór do reino, e seus dois filhos *Manuel Pimentel*, cosmographo-mór, e *Francisco Pimentel*, lente de engenharia (2), e *D. Manuel dos Reis Ta-*

(1) Do Principe D. Theodosio escreve o snr. R. Guimarães: «De ses étonnants progrès dans les sciences mathématiques ont témoigné ses deux condisciples le comte de S. Vicente (João Nuno da Cunha) dans la *Vida de D. Theodosio* qu'il écrivit, et le comte de Penaguião (D. João Rodrigues de Sá) dans l'*Elogio funebre*, qu'il a laissé.» *Les Mathématiques en Portugal*, pag. 30.

Entre outras obras escreveu D. Theodosio uma de astronomia com o titulo: «*Summa astronomica* in duas divisa tomos: primus de Astronomia, secundus de Astrologia.»

(2) «A reputação que Luiz Serrão Pimentel adquirira pelas suas produções scientificas, e distinctos serviços; e não menos a de seus dignos filhos Manoel Pimentel, e Francisco Pimentel, que com

vares, afamado escriptor de medicina e mathematica e estudante do mesmo collegio (1).

Pelo mesmo tempo avultavam na literatura portugesa o insigne escriptor e distincto polygrapho *D. Francisco Manuel de Mello*, um dos mais acreditados discipulos do Pateo de S. Antão; os tres estudantes do mesmo Collegio, *Frei Antonio Brandão*, chronista-mór do reino, auctor da terceira e quarta parte da *Monarchia Lusitana* e, no dizer de Herculano, illustre restaurador da historia patria; o licenciado *Jorge Cardoso*, que escreveu o *Agiologio Lusitano*, e *João Franco Barreto* o auctor da *Eneida Portuguesa*; *Manuel Severim de Faria*, historiador diligente, erudito e sisudo, e *Jacyntho Freire de Andrade*, escriptor da *Vida de D. João de Castro*, alumnos ambos da Universidade de Evora.

Tambem se formaram nesta mesma Universidade os tres literatos que muito se acreditaram na Espanha, *João Soares de Brito*, cathedratico de philosophia em Salamanca; *Antonio Ribeiro de Barros*, estimado em Madrid como poeta elegante, e *João Mattos Frago*, poeta fecundo e auctor de numerosas comedias, algumas das quaes receberam grande elogio dos letrados. Brilharam no seculo XVII.

Contemporaneamente davam mostra do seu muito talento o correctissimo prosador *Duarte Ribeiro de Macedo*, alumno da Universidade de Evora, e o *Dr. Antonio de Sousa de Macedo*, estudante do Collegio de S. Antão

seus trabalhos, applicação, e zelo, continuaram a sustentar o credito da escola da engenharia, serviram de estimulo ao seu successor...» Stockler, *Ensaio historico sobre a origem... das Mathematicas*, pag. 57.

(1) Cf. Edgar Prestage, *D. Francisco Manuel de Mello* pag. 32.

em Lisboa, eruditissimo nos idiomas latino e grego e na philosophia racional e moral. É este o auctor das obras *Flores de Espanha e Excellencias de Portugal, Eva e Ave e Harmonia politica* (1).

No expirar do mesmo seculo XVII morria ainda um distinctissimo alumno da Universidade de Evora o P. *Bartholomeu do Quental*, fundador da Congregação do Oratorio, bom escriptor e prægador eloquente (2); logo em 1710 o Oratoriano e primoroso classico P. *Manuel Bernardes*, cujo talento raro ganhou applausos no Pateo de S. Antão; e dez annos antes o celebre mathematico *Antonio Pimenta*, estudante do Collegio das Artes (3).

O seculo XVIII tambem nos aponta entre os discipulos dos Jesuitas nomes benemeritos das letras. Em 1713 fallecia o talento precoce e privilegiado *Luis do Couto Felix* que aos onze annos, e, segundo outros, aos nove, recebia o grau de Bacharel em Artes na Universidade de Evora, grande latinista, literato de muita erudição e guarda-mór da Torre do Tombo (4).

Na mesma Universidade estudou *Mathias Viegas da Silva*, profundo conhecedor do latim, que em 1733 publicou um *Commentario sobre os Tristes de Ovidio*, e *Manuel de Jesus de Oliveira Ferreira*, grecista notavel, fallecido em 1782; e em 1732 morria o alumno de S. Antão, *Antonio Rodrigues da Costa*, muito erudito

(1) Cf. *Panorama*, 1842, vol. 1, pag. 343.

(2) Cf. F. de Pina e de Mello, *Reposta Compulsoria à Carta Exhortatoria* (1755) pag. 11.

(3) Cf. Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, T. 1, pag. 352.

(4) Cf. Barbosa, *Bibl. Lus.*, T. III, pag. 88.

e versado na lingua latina e grega, e membro da Academia Real de Historia (1).

Não poucos socios deste gremio literario tinham cursado as aulas da Companhia de Jesus. Entre elles são para mencionar particularmente D. *Manuel Caetano de Sousa*, fundador e primeiro Director da Real Academia, auctor de numerosos escriptos historicos, e D. *José Barbosa*, eruditissimo escriptor, ambos alumnos do Collegio de S. Antão (2); D. *Jeronymo Contador de Argote*, Theatino, como os dois precedentes, e estudante do Collegio de S. Francisco Xavier de Lisboa, que publicou em varios tomos as Memorias dos Arcebispos de Braga, e o P. *Antonio dos Reis*, Oratoriano, celebre latinista e compilador da obra intitulada *Corpus illustrium poetarum Lusitanorum*.

Ainda na primeira metade do mesmo seculo davam lustre ás aulas de S. Antão de Lisboa o poeta arcade *Pedro Antonio Correia Garção*, benemerito na restauração da poesia e bom gosto literario; o erudito P. *João Baptista de Castro*, conhecido auctor do *Mappa de Portugal*; *José de Sousa*, cego desde o primeiro anno de idade, um dos homens mais eruditos do seu tempo e poeta, que estudou naquella Collegio com grande

(1) Cf. Blateau, *Supplemento ao Vocabulario Portuguez e Latino* (Lisboa, 1727), no Prologo.

(2) Cf. Innocencio, *Dicc. Bibl.* IV, 259; Ribeiro Guimarães, *Summario de Varia Historia*, III, (Lisboa 1873) pag. 153-161, onde, a paginas 160, se lê: « Este erudito escriptor occupa um lugar distinctissimo na galeria dos sabios portuguezes. As suas obras são particularmente estimadas pela puresa e propriedade da phrase.... O estylo do padre Barbosa é grave e conceituoso, além de correcto... Não tem nenhuma affectação, nem trocadilhos.... ».

applauso latim, philosophia, theologia e mathematica; *Pedro José da Fonseca*, philologo, um dos fundadores da Academia Real das Sciencias, director da Comissão que compôs o primeiro volume do *Diccionario da Academia*; e o seu condiscipulo *Francisco Coelho de Figueiredo*, irmão do auctor dramático Manuel de Figueiredo.

No Brasil também as escolas dos Jesuitas formaram alumnos que não desdoiram o bom nome dos mestres. Além do poeta satirico *Gregorio de Mattos*, estudante no Collegio da Bahia, fallecido ainda nos fins do seculo XVII, são notaveis no seculo XVIII *Sebastião da Rocha Pitta*, o pae da Historia do Brasil, que frequentou as escolas da mesma cidade; *Bartholomeu Lourenço de Gusmão*, o celebre Voador, alumno do Seminario de Belem, bom conhecedor do latim, grego e hebraico, canonista e distincto orador sagrado (1); *Alexandre de Gusmão*, o famoso secretario de D. João V, epistolographo modelar, irmão do Voador e alumno do Collegio de Santos, sua patria (2); e os poetas *Claudio Manuel da Costa*, *Ignacio José de Alvarenga Peixoto* e *Domingos Caldas Barbosa*, todos tres frequentadores das escolas do Rio de Janeiro (3).

(1) Bartholomeu Lourenço, depois de ser discipulo dos Jesuitas, entrou para a Companhia de Jesus, mas saiu della em 1701, sendo ainda noviço. Colhe-se a noticia de um catalogo que lemos entre os Mss. Soc. J., Bras. 6, onde se escrevêra o seguinte: *Catalogus Dimissorum e Societate in Provincia Brasilia ab anno 1681 usque ad annum 1707..... Bartholomaeus Laurentius Novit. Schol. ex oppido Sanctorum an 1701*. Cf. *Brotéria*, 1909, vol. VIII, pag. 228.

(2) Cf. *Revista Trimensal do Instituto... Brasileiro*, T. LXV, P. I, pag. 379.

(3) Cf. *Revista Trimensal do Instituto... Brasileiro*, T. XII (Rio de Janeiro 1872) pag. 258, 400, 529.

Pelos mesmos annos sobresaíam nas letras portuguezas varios discipulos dos Collegios da Companhia, homens de merito não ordinario, mas que se bandearam mais ou menos abertamente no partido adverso aos Jesuitas. Avultam neste numero o arcediogo de Evora *Luís Antonio Verney*, o celebrado auctor do *Verdadeiro Metodo de estudar*; *Jacob de Castro Sarmiento*, christão novo, depois renegado, medico de grande nome, ambos alumnos da Universidade de Evora; os dois Oratorianos *Francisco José Freire*, conhecido na Arcadia pelo nome de *Candido Lusitano*, que frequentou o Pateo de S. Antão, e *Antonio Pereira de Figueiredo*, o acerrimo oppugnador da Arte do P. Alvares, alumno dos Jesuitas em Villa Viçosa (1); o poeta brasileiro *José Basilio da Gama*, o auctor do *Uruguay*, estudante no Collegio do Rio de Janeiro; o sabio astrónomo *José Monteiro da Rocha*, ex-jesuita, como Basilio da Gama, e coadjuvador de Pombal na reforma da Universidade (2);

(1) Só encontrei esta noticia no *Portugal, Dice. Historico...*, em que se afirma ter o P. Figueiredo estudado com os Jesuitas em Villa-Viçosa, no Collegio Ducal, onde entrou a 1 de Abril de 1736 com 11 annos de idade. Devia ser no Seminario, fundado no anno antecedente por D. João V e entregue á direcção dos Padres da Companhia.

(2) Até agora os auctores, que teem escripto sobre Monteiro da Rocha, deixaram na incerteza alguns pontos de sua biographia. Uns inclinam-se a que estudára no Collegio da Bahia e alli professára na Companhia de Jesus; outros pretendem que se fizera Jesuita em Portugal e depois da expulsão daquella Ordem Religiosa fôra para o Brasil. Os catalogos manuscritos que examinámos, tiram a duvida completamente e dão como acertada a primeira versão. O *catalogus primus* da Provincia do Brasil, do anno 1757, tem que entrára na Companhia de Jesus a 15 de outubro de 1752; o *catalogus brevis* do mesmo anno trá-lo entre os estudantes philosophos no Collegio da

e os tres irmãos brasileiros, alumnos do Collegio do Rio, *João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho*, um dos membros da Junta de Providencia Literaria de 1770, *Clemente Pereira de Azevedo Coutinho e Mello*, doutor em leis civicas e canonicas, e *D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho*, membro da Junta de Providencia Literaria, Lente, Reitor e Reformador da Universidade e Bispo de Coimbra.

Ainda na segunda metade do seculo XVIII honravam as escolas da Companhia de Jesus: o laboriosissimo investigador e polygrapho illustre, *Antonio Ribeiro dos Santos* que no Rio de Janeiro ouviu as lições dos Jesuitas no Seminario de N. Senhora da Lapa; o celebre escultor e estatuário *Joaquim Machado de Castro*, estudante do Collegio das Artes de Coimbra, e o ministro e secretario de estado dos negocios da Marinha e Ultramar nos reinados de D. José e D. Maria I, *D. Martinho de Mello e Castro*, alumno distincto da Universidade de Evora (1).

Bahia, e o *catálogo secundus* tambem de 1757 louva-lhe o bom engenho e os progressos que fizera na latinidade e na philosophia, que então cursava: «...Ingenio bono, judicio et prudentia sufficienti; in latinitate bene profecit; in Philosophia, quam modo incepit, bene profecit; rerum experientiam nondum habet; valetudo bona; melancholicus.» Mss. Soc. J., Bras. 6. Cf. Innocencio da Silva, *Dicc. Bibl.*, v, 75; *Portugal, Dicc. Hist.*, vi, 327; Rodolpho Guimarães, *Les Mathématiques en Portugal*, pag. 39.

(1) Sobre todos estes nomes Cf. Fonseca, *Evora Gl.*; Costa e Silva, *Ensaio Biographico*; Innocencio da Silva, *Dicc. Bibliog.*; Latino Coelho, *Hist. Politica*, 1; D. Garcia Perez, *Catalogo razonado... de los autores portugueses que escribieron en Castellano* (Madrid, 1890); Theophilo Braga, *Arcadia Lusitana*; Deusdado, *Educadores Portugueses*; *Portugal, Dicc. Hist.*; Camillo Castello

Em remate cito um trecho do livro *Reposta Apologetica ao poema... o Uruguay*, a paginas 166 e 167, em que o auctor, para rebater a imputação de ignorantes, que Basilio da Gama lançava aos discipulos dos Jesuitas, pergunta: "Quererá... honrar com este fastoso titulo os Excellentissimos senhores José Francisco, D. Francisco de Noronha, os dous Senhores D. José e D. Luiz de Vasconcellos e ao senhor Nuno da Cunha? Estes escolares dos Jesuitas em Lisboa: em Coimbra aos Excellentissimos Senhores Ayres de Sá e Mello e ao Senhor D. José de Seabra? Em Evora aos excellentissimos senhores Martinho de Mello, D. Miguel de Portugal, Pedro Jacques de Magalhães, D. Nuno Alvares Pereira e Jaime da Silva Telles? Sem fazer aqui menção de infinitos outros de menor graduação, mas de igual ou talvez maior sabedoria, quaes erão quasi todos os alumnos do Real Collegio da Purificação. Nomearei alguns que me lembrão, e porque são mais modernos. Hum Faleiro, hum Monte, hum Branco, hum Torrão, ecclesiasticos todos de hũa profunda sciencia, ou fosse na Theologia moral ou na especulativa."

Das personagens enumeradas nesta breve resenha já pode ver o leitor, se os Jesuitas instruiam e educavam homens uteis á Religião, ás letras e á patria nas varias carreiras e profissões. Mas para lhe facilitar a conclusão e ter conta com a brevidade, ponho-lhe aqui deante dos olhos, como em quadro, mais esses nomes de que a historia faz menção com lavour (1).

Branco, *Curso de Litteratura*; Eduardo Perié, *Litteratura Brasileira*; Galanti, *Biographias de Brasileiros illustres*.

(1) Sobre todos os discipulos que em seguida enumero, veja-se o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio da Silva e o *Portugal*,

Religiosos

P. Affonso Peres Pacheco, Oratoriano, jurista, alumno da Universidade de Evora, († 1660).

Fr. Francisco da Silva, Carmelita, prægador, alumno de Evora, († 1663).

Fr. Francisco do Espirito Santo, Franciscano, Ord. T., prægador, estudante do Collegio de S. Paulo de Braga, († 1666).

Fr. Vicente de S. José, Agostinho, Erem., poeta, discipulo em S. Antão, († 1675).

Fr. João de Deus, Franciscano, prægador, estudante de Braga, († 1684).

Fr. Antonio da Madre de Deus, Paulista, prægador e escriptor, alumno de S. Antão, († 1696).

P. Francisco de Santa Maria, Conego Regrante de S. João Evangelista, chronista, auctor do *Anno Historico*, alumno de S. Antão, († 1713).

Fr. André Cerqueira, Carmelita, prægador e mathematico, estudante de Evora, († 1718.)

Fr. Antonio da Piedade, Carmelita, professor, alumno do Collegio da Bahia, († 1724).

Fr. Miguel de Santa Maria, Erem. de S. Agostinho, historiador, Membro da Academia Real de Historia, alumno de S. Antão, († 1728).

Fr. João de Deus, Franciscano, escriptor asceta, estudante de Evora, († 1730).

Fr. Antonio da Annunção, Dominicano, cathe-

Diccionario Historico; mas só examinando os livros de matricula dos Collegios da Companhia de Jesus se poderiam verificar muitos nomes e datas e completar a lista dos alumnos mais distinctos.

dratico de Theologia e prægador, discipulo dos Jesuitas em Lisboa, († 1737).

Fr. Joaquim de S. José, Franciscano, Ord. T., professor, alumno dos Jesuitas em Lisboa, († 1745).

Fr. José Lima, Carmelita, professor de Philosophia e prægador, estudante em S. Antão, († 1745).

Fr. Caetano de S. José, Carmelita, professor de Theologia e prægador, alumno de Santo Antão, († 1745).

D. João Evangelista, Con. Reg. de S. Agostinho, prægador e escriptor, alumno de S. Antão, († 1748).

D. Antonio de N.ª S.ª do Carmo, Con. Reg. de S. Agostinho, jurista, alumno de S. Antão, († 1749).

Fr. Luís Montês Matoso, Franciscano, Ord. T., escriptor, alumno de Santarem, († 1750).

Fr. Faustino de Santa Rosa, Franciscano, philosopho, discipulo de S. Antão, († 1750).

Fr. João da Apresentação Campelli, Franciscano, prægador, alumno do Seminario de Belem, († 1751).

Fr. Luis Botelho do Rosario, Carmelita, lente de Theologia e prægador, discipulo do Collegio de Pernambuco, (sec. XVIII).

Fr. Manuel Rodrigues, Franciscano, prægador, estudante do Seminario de Belem, (sec. XVIII).

Fr. Hermenegildo de Lisboa, Franciscano, prægador, alumno de Santarem, (sec. XVIII).

D. Antonio da Annunção, Con. Reg. de S. Agostinho, escriptor, alumno de Evora, (sec. XVIII).

D. João de N.ª S.ª da Annunção, Con. Reg. de S. Agostinho, escriptor asceta, alumno de Evora, (sec. XVIII).

Fr. Francisco de Oliveira, Dominicano, historiador, alumno do Collegio de Beja e da Universidade de Evora, (sec. XVIII).

Fr. Pedro de Belem, religioso de S. João de Deus, prègador, estudante de Evora, (sec. XVIII).

D. Ignacio da Annunção, Con. Reg. de S. Agostinho, rubricista, alumno do Collegio do Porto, (sec. XVIII).

Fr. Norberto de Santo Antonio, Eremita de S. Agostinho, lente de theologia e prègador, estudante em Lisboa, (sec. XVIII).

Presbyteros seculares

P. Francisco Fernandes Galvão, prègador, estudante de Evora, († 1610).

P. Manuel do Valle de Moura, escriptor, doutor pela Universidade de Evora, († 1650).

P. Manuel de Faria Severim, escriptor, fundador do Collegio dos Innocentes em Evora, discipulo da Universidade, († 1655).

P. Francisco de Castro, prègador, alumno de Evora, († 1665).

P. Jeronymo Coelho, prègador, alumno de Evora, († 1653).

P. José de Faria Manuel, prègador e poeta, estudante de Evora, († 1689).

P. André Nunes da Silva, poeta, estudante do Rio de Janeiro, († 1705).

P. José Vaz, prègador, missionario, discipulo no Collegio de Goa, († 1711).

P. Bartholomeu Lobo Moura, prègador e escriptor asceta, estudante de Evora, († 1719).

P. Antonio Velho Goes, prègador, alumno de Evora, († 1734).

P. João Calmon, prègador, alumno do Collegio da Bahia, († 1737).

P. Francisco Xavier Leitão, Socio da Academia R. de Historia, medico, alumno de S. Antão, († 1739):

P. Ignacio Moreira, prègador, estudante na Bahia, († 1740).

P. Jacome Gonçalves, Oratoriano, escriptor em Cingalês, Tamul e Português, († 1742).

P. Manuel Moreira de Sousa, Socio da Academia R. de Historia, escriptor, alumno de S. Antão, († 1745).

P. Miguel Luis Teixeira, doutor de Theologia pela Universidade de Coimbra, alumno do Collegio da Bahia, († 1747).

P. Antonio da Silva Sampaio, escriptor, estudante em S. Antão, († 1759).

P. Gonçalo Soares da França, socio supra num. da Academia R. de Historia, poeta, alumno da Bahia, (sec. XVIII).

P. José Thomás Borges, prègador e poeta, alumno da Universidade de Evora, (sec. XVIII).

P. Manuel Martins F. de Oliveira, prègador, estudante de Evora, (sec. XVIII).

P. José de Oliveira Serpa, prègador, estudante na Bahia, (sec. XVIII).

P. Antonio de Oliveira, prègador e escriptor, alumno da Bahia, (sec. XVIII).

P. Pedro Fernandes de Azevedo, prègador, estudante da Bahia, (sec. XVIII):

P. Lourenço Ribeiro, prègador, estudante na Bahia, (sec. XVIII).

P. Antonio da Fonseca, poeta, discipulo do Collegio de Pernambuco, (sec. XVIII).

P. Manoel Ferreira Leonardo, prègador e escriptor, discipulo em Lisboa, (sec. XVIII).

P. Mathias Viegas da Silva, latinista, escriptor, alumno da Universidade de Evora, (sec. XVIII).

Ordens militares

P. Gomes Dias, da Ordem de S. Thiago, professor e escriptor, alumno da Univ. de Evora, († 1596).

Luís Pereira Brandão, da Ordem de Christo, poeta, (sec. XVI).

D. Antonio de Mascarenhas, da Ord. de Malta, escriptor, um dos heroes de 1640, alumno do Collegio de S. Antão, († 1654).

P. Francisco Lopes Pestana, Ord. de Avis, professor de Theologia, alumno de Evora, († 1672).

André Leitão Faria, Ord. de Christo, poeta, pintor e gravador, alumno de S. Antão, († 1722).

P. Manuel Pereira da Silva Leal, Ord. de Christo, Socio da Academia de Historia, escriptor, alumno de S. Antão, († 1733).

P. Clemente Rodrigues, Ord. de Sant'Iago, parochio, prègador, estudante de Evora, († 1741).

Francisco Figueiredo da Gama Lobo, Ord. de Christo, tenente de cavallaria, escriptor, discipulo em Lisboa, (sec. XVIII).

José Gomes da Cruz, O. de Christo, Socio da Academia R. de Historia, escriptor, alumno de S. Antão, (sec. XVIII).

P. Luis Ant. Costa Rego de Barbosa, O. de Christo, escriptor asceta, alumno de Braga, (sec. XVIII).

P. Salvador Pereira de Mattos, O. de Sant'Iago, prègador, alumno de Evora, (sec. XVIII).

D. Jeronymo Botelho, O. de Sant'Iago, prègador, alumno da Universidade de Evora, (sec. XVIII).

Militares

D. Fernando de Castro, Capitão de Chaul, onde deu mostras de bravura, estudante da Universidade de Evora, († 1596).

D. Manuel de Menezes, o restaurador da Bahia em 1625, († 1628) (1).

D. Constantino de Sá Noronha, Capitão Geral da Costa de Comorim, Governador de Ceilão, onde morreu gloriosamente em 1630, alumno de S. Antão.

Francisco de Mello e Torres Sande, 1.º Marquês e 1.º Conde da Ponte, vencedor em Montijo, general de artilharia, mathematico, escriptor, estudante no Collegio de S. Antão, († 1667).

João d'Avila, capitão esforçado na Ilha Terceira depois de 1640, alumno em S. Antão († 1684).

Bernardo Vieira Ravasco, irmão do P. Antonio Vieira, capitão animoso e poeta, estudante no Collegio da Bahia, († 1697).

D. Fernando de Menezes, 2.º conde da Ericeira, heroe de muitas batalhas na guerra da independencia de Portugal, († 1699) (2).

Affonso Guerreiro de Brito, alferes de infantaria, promovido a capitão da praça de Baçaim, depois franciscano e socio supranumerario da Academia R. de Historia, alumno do Collegio de Evora, (sec. XVIII).

(1) Vid. supra pag. 436.

(2) Vid. supra pag. 436.

Juristas

Dr. Antonio Homem, Praeceptor infeiix, lente de Canones na Universidade de Coimbra, († 1624).

Antonio Barbosa Bacellar, Magistrado, poeta e escriptor, alumno de S. Antão, († 1663).

João Soares da Gama, Magistrado e poeta, alumno de Evora, († 1697).

João Gomes Goes, poeta, alumno em Evora, († 1721).

Francisco Xavier dos Santos da Fonseca, Advogado e escriptor, discipulo em Lisboa, (sec. XVIII).

Manuel Pacheco Sampaio Valladares, poeta, estudante no Collegio de S. Antão, († 1737).

P. José da Matta Freire, Magistrado e escriptor, alumno de S. Antão, († 1739).

José dos Santos Palma, Magistrado e Advogado, estudante de S. Antão, († 1739).

Manuel Dias Lima, Magistrado, Socio da Academia Real da Historia, alumno da Universidade de Evora, († 1745).

P. João Lopes Camello, Advogado, alumno de Santarem, (sec. XVIII).

Feliciano da Cunha França, Advogado e escriptor, discipulo em S. Antão, (sec. XVIII).

P. José Monteiro de Noronha, Advogado, prègador e escriptor, alumno do Collegio do Pará, († 1794).

Medicos

Aleixo de Abreu, auctor do *Tratado de las siete enfermedades*, alumno da Universidade de Evora, († 1630).

Pedro Lopes, poeta, estudante em Evora, († 1638).
Gaspar dos Reis Branco, escriptor, alumno de Evora, (sec. XVII).

Manuel da Silva Pereira, escriptor, alumno de Evora, (sec. XVIII).

João Curvo Semedo, escriptor, alumno em S. Antão, († 1719).

João de Deus da Silva, poeta, estudante em Evora, (sec. XVIII).

Manuel da Silva Leitão, O. de Christo, escriptor, estudante no Collegio das Artes, († 1757).

João Mendes Sacchetti Barbosa, Membro da Sociedade Real de Londres e da Academia Medica de Madrid, escriptor, alumno de Evora, († 1780).

Francisco da Fonseca Figueiroa, escriptor, estudante do Collegio do Porto (sec. XVIII).

*
* * *

D. Gregorio Thaumaturgo de Castello Branco, 3.º Conde de Villa Nova de Portimão, Guarda-mór de D. João IV, mathematico, discipulo do P. Christovão Borri, (sec. XVII).

Francisco dos Santos, celebre piloto, perito na arte de construir navios, alumno do Collegio de S. Antão, (sec. XVII).

Alvaro Ferreira de Vera, escriptor, genealogista, estudante em S. Antão, (sec. XVII).

*

Se attendermos agora ao avultado numero de estudantes que frequentavam os collegios dos Jesuitas, ha-

vemos de ter essas listas não só por incompletas, mas na realidade por muito deminutas. Em todo o caso apontam alguns dos multiplices fructos que no decorrer do tempo germinaram nas escolas da Companhia de Jesus.

CAPITULO VI

Nas Artes

As Artes, quando não ultrapassam as leis do decoro, ajudam maravilhosamente a formar o coração e a intelligencia; fazem-nos sensivel a belleza, que é o attractivo das faculdades estheticas, e com a belleza que nos enleva, despertam na alma sentimentos puros e elevados, levantam-nos para a eterna formosura, nobilitam, educam.

Os Jesuitas que na vastidão immensa de sua esphera de acção, não desdenham meio nenhum legitimo que os auxilie na consecução do seu ideal, haviam consequentemente de aproveitar tambem os recursos das bellas artes. Tinham ao seu dispôr a arte dramatica, a musica, a pintura, a architectura e a fecundissima arte da imprensa: de todas se utilizaram em tanto maior proporção, quanto mais lhes serviam para realizar seus intentos educadores. Toquemos, bem que brevemente, nalgumas dellas.

*
* *

A *arte dramatica* usaram-na os Jesuitas portugueses especialmente como meio pedagogico; já o vimos

no primeiro livro (1), e o P. Luís da Cruz, um dos primeiros e mais celebres dramaturgos da Companhia, expressamente o declara na prefácio do seu livro, ao escrever que era costume representar de quando em quando tragedias e comedias, já para promover o adeantamento dos estudos, já para dar brilho ás aulas ou até para recrear a Universidade; e que o assumpto devia ser de tal natureza que alimentasse a piedade e os bons costumes. Eram logo, mais que tudo, exercicios escolares as peças que subiam á scena nos collegios da Companhia de Jesus, e levavam a mira em educar os alumnos, apresentando-lhes concretizados nos heroes christãos os principios da sã moral. Daqui deduzimos que o assumpto da maior parte dellas havia de ser naturalmente religioso.

Nem se coarctava com esta limitação o engenho dos poetas que podiam escolher argumentos de toda a especie, affectuosos e terriveis, graciosos e sublimes, no thesoiro inexaurivel das Escripturas Sagradas e da Historia ecclesiastica. E neste ponto alcançou triumphos a inspiração dos dramaturgos que muita vez impressionaram até ao assombro as assembleias dos espectadores. A tragedia do *Rei Sedecias*, obra do P. Luís da Cruz representada em Coimbra no anno de 1570, conseguiu durante dois dias ter attentos, immoveis e presos pela admiração o Rei e a nobreza, a tal ponto que no segundo dia, já o côro dos captivos terminára os accents lugubres do canto final, já os actores deixavam o theatro, e o jovem D. Sebastião se ficava ainda no seu lugar de olhos fitos, como se contemplasse o espectaculo que

desapparecêra (1). Em Pernambuco no anno de 1575 conta-se que se representou com tal commoção dos assistentes o *auto do Rico avarento e Lazaro pobre*, que muitos homens abastados dêram de mão ás suas riquezas (2).

Correspondia porém a delicadeza do gosto litterario á belleza e sublimidade do assumpto? Se ouvirmos a maior parte dos que em Portugal teem escripto sobre as Tragicomedias dos Jesuitas, eram estas puras exhibições de insipidez e pedantismo litterario. Mas o motivo de tal sentença nasce, creio eu, de serem ellas obras de Jesuitas e compostas em lingua latina. Exaggeros em critica são contraproducentes. Mais leal e conforme o merecimento dessas producções litterarias é o parecer de Camillo Castello Branco: "Estas composições dramaticas eram applicadas a exercitar os alumnos dos Collegios na facil conversação latina. Aquelles doutissimos padres não attentavam contra as boas lettras, pelo menos voluntariamente, quando engenhavam as suas Tragedias em sonoros versos, á imitação do *Sedecias*, e os manebos alegremente os repetiam deante de D. Sebastião no Collegio das Artes com o seu Padre Luís da Cruz, author e mestre, muito contente do rei, de si e dos discipulos. Não pode gabar-se de engenho muito atilado quem diz que este genero de litteratura é a ultima degradação da arte" (3).

Em verdade nesses dramas e tragedias ha não rara-

(1) Franco, *Synopsis Ann.*, 1570; *Études Relig.*, an. 1878, V. 1, pag. 115.

(2) Ferdinand Wolf, *Le Brésil Litteraire*, pag. 6; Theophilo Braga, *Eschola de Gil Vicente* (Porto, 1908) pag. 336.

(3) *Curso de Litter. port.*, pag. 58.

(1) Cap. IV, pag. 79.

mente mingua de gosto fino e apurado no desenvolvimento da acção, e falta de sobriedade e verosimilhança nas ficções; muita vez se attentava a prender e admirar mais pelo apparatoso do scenario do que pela belleza artistica da composição; mas com estes defeitos desdobram-se nessas peças literarias trechos de naturalidade encantadora e rasgos sublimes de effeito surprehendente. O apparato scenico era realmente não poucas vezes assombroso e deslumbrante. A magnificencia com que se representou em 1619 no Collegio de S. Antão a Tragicomedia de *El-rei D. Manuel* em honra de Philippe II, excedeu a sumptuosissima pompa com que o resto da cidade de Lisboa acolheu a visita do rei espanhol. As personagens que entravam em scena passavam de trezentas e era tão sem medida a profusão de diamantes e pedras preciosas que constellavam os vestidos fastuosamente ricos de cada um dos actores, que, segundo nota Franco, fazia pensar que a India transportara todas as suas preciosidades ao Occidente, para que Lisboa festejasse pomposamente o seu monarcha (1). "A peça, adornada de côros, de musicas, de danças, escreve Sousa Viterbo, era um prodigio de scenographia, e mostra quanto a arte scenica estava entre nós desenvolvida" (2).

Na Tragicomedia com que a Universidade de Evora celebrou a Canonização de S. Ignacio e S. Francisco Xavier em 1622, mais de 240 figuras subiram á scena,

(1) Franco, *Synopsis Ann.*, 1619. Nesta representação e noutras de semelhante apparato os trajes e joias eram emprestados aos Jesuítas por pessoas nobres e ricas.

(2) *Artes e Artistas em Portugal* (Lisboa 1892) pag. 256; Cf. Sardinha Mimoso, *Relacion de la Real Tragicomedia...* (Lisboa 1620).

todas rica e artisticamente trajadas. Chegou a erguer-se no pateo da Universidade, onde se fazia a representação, um castello de 55 palmos de alto e 60 de largura pelos tres lados, para se dar um simulacro da tomada de Pamplona. Houve assalto e defesa, ruido de armas e fogo de arcabuzaria com tal estrondo, que poderia parecer não ataque simulado, mas batalha sanguinosa.

Em 1727 a mesma Universidade, para festejar a apothese de S. Luís Gonzaga e S. Estanislau, apresentou uma pomposa tragicomedia em cinco actos e alli desfilaram tropas, trovejaram tempestades, deram-se caçadas, correram-se danças, appareceram coros de anjos e até se levantou um tribunal magestoso em que julgou e deu sentença a Justiça Divina!

No *Manasses-restitutus* que o P. Luís da Cruz seu auctor estendeu por mais de cinco mil versos, tomam parte na acção para cima de quarenta personagens sem contar as legiões de anjos e demonios, os guardas do palacio, os cortesãos, os coros de hebreus e um exercito de assyrios. O céu, a terra, o inferno entram em movimento; e em figuras allegoricas se personificou a Justiça, o Crime, o Arrependimento e a Misericordia. Ruidosa ostentação na verdade! Mas o poeta prevendo o reparo toma a defesa do costume apparatoso e referindo-se aos assumptos pagãos, pergunta no prefacio da obra citada: "Quem ha hi que tome interesse por essas coisas sêdiças? Onde está agora Athenas? Onde o fôro do povo romano? Que é feito dos jogos Megalesios, dos circos e dos theatros antigos? Havemos de imitar eternamente os poetas de um tempo e de uma civilização que já não existe? Os portuguezes para quem escrevemos, esperam coisas grandiosas, nem querem ser convidados a representações futeis; cuidam realçar a

dignidade grave de seus dramas pelo apparatus da scena, pela magestade da acção, pela riqueza das decorações, pela duração do espectáculo" (1). Tal a desculpa com que o dramaturgo justifica o uso ou o abuso das scenas apparatusas. Tinha razão certamente para se esquivar a imitações anachronicas e seguir a propria inspiração e as exigencias da sociedade que o applaudia. Mas, se o genio poetico se contivesse nos justos limites da moderação, teria a critica menos que notar nas suas obras dramaticas e nas daquelles que lhe trilharam as pisadas. Estes excessos porém, se deslustram um pouco a obra, não lhe tiram o merecimento, e são injustos os que só teem phrases desdenhosas para essas composições literarias.

Mais avisado se mostra um critico francês que analysando o *Manasses-restitutus* do P. Cruz, desta maneira expressou o conceitò que formára da obra e do auctor: "Não é esta a obra prima do nosso poeta... e se é verdade que nem todos os passos della são admiraveis, pelo menos em todo o desenvolvimento do drama encontraremos arrojo na ideia, elevação de pensamento e originalidade na execução, que veem a ser como que os tres distinctivos do brilhante professor" (2). E com lhe notar francamente o abuso do maravilhoso e a inverosimilhança de varias scenas, não receia o mesmo critico formular o seguinte juizo sobre o primeiro acto da tragicomedia: "As bellezas de que trasborda pareceram-nos de uma ordem superior. Não ha rasgos no theatro antigo que cheguem ao entusiasmo divino que agita

(1) *Études Rel.*, an. 1878, V. I. pag. 117.

(2) *Études Rel.*, an. 1878, v. I, pag. 116, artigo de J. Mavel.

as ultimas scenas; só o Polyucto se eleva a essa altura" (1). Em conclusão da analyse escreve: "Os defeitos do nosso poeta foram os do seu tempo, as boas qualidades são muito suas. Se a riqueza se troca ás vezes em profusão, se ha abuso de allegoria, se as regras da unidade são trascuradas; que bellezas reaes não compensam estes senões ligeiros! Que potencia creadora! Que profundo estudo do coração humano! Que emprego sublime do maravilhoso! E, digamo-lo tambem, pois era este um dos fins do nosso poeta, que altas lições dadas aos povos, aos reis, lições eternamente practicas, mas infelizmente por demais esquecidas!" (2). Não são pois tão insipidas e de tão baixa valia as tragicomedias, como ás vezes se affirma levianamente.

Com os exemplos do seculo XVI proponhamos um do seculo XVIII. Seja elle a tragicomedia que em 1727, como atrás deixamos dito, se representou em Evora nas festas da canonização dos Santos Luis Gonzaga e Estanslao Kostka. O auctor P. Pedro Serra com arte engenhosa uniu na mesma acção os dois heroes sem por isso

(1) «Il nous a paru plein de beautés d'un ordre supérieur. Rien dans le théâtre ancien ne peut approcher de l'enthousiasme divin, qui règne dans les dernières scènes. Polyucte seul s'élève à cette hauteur». *Ob. cit.*, pag. 124.

(2) «Les défauts de notre poëte furent ceux de son temps, ses qualités sont bien à lui. Si sa richesse se change parfois en profusion, s'il abuse de l'allégorie, si les règles des unités sont négligées, que de vraies beautés en compensation de ces fautes légères! quelle puissance créatrice! quelle étude profonde du coeur humain! quel emploi sublime du merveilleux! Et, disons-le aussi, car c'était un des buts de notre poëte, — quelles hautes leçons données aux peuples et aux rois, leçons éternellement pratiques, mais, hélas! trop souvent oubliées!». *Ob. cit.*, pag. 183.

quebrar as leis da unidade classica. Luís Gonzaga realiza a empresa, mas a exemplo de Estanislau que o anima e aconselha, e desta maneira se obtem que seja realmente um só o heroe do drama. Expressamente o auctor o adverte no prologo:

Vivus agat alter, alter et agentem regat
Defunctus, interque superos vivens Deos.

A entrada na Companhia de Jesus é a acção que Luís Gonzaga leva a cabo através de grandes difficuldades e o poeta desenvolve em cinco actos. No primeiro resolve Luís Gonzaga acolher-se á Religião; no segundo lucha contra os obstaculos que lhe levanta o marquês D. Fernando seu pae; no terceiro vence as iras paternas, renuncia o marquesado e entra na Companhia de Jesus; no quarto morre Gonzaga e no quinto recebe o louvor e premio da acção heroica. O enredo é natural, claro e progressivo, como se pode ver por este resumo (1).

(1) O celebre Barbadinho na defesa em que se empenhou do seu *Verdadeiro Metodo* contra as objecções de Fr. Arsenio da Piedade, tambem censurou a Tragicomedia do P. Serra bem pouco atiladamente: «Compoem um auctor de credito em Portugal, escreve o censor, na canonizasam dos SS. Luiz Gonzaga e Stanislaue Kostka, uma Tragedia Latina e dá-lhe este titulo: *Aloisius et Stanislaus Actor et Imitator*. Manda-a a Roma para abysmar os Jesuitas italianos. Estes que sabem mais do que vós, logo no titulo acharam o essencial defeito da obra que em uma asam primaria representa duas e sem mais artificio refere toda a vida dos Beatos: e lepidamente lhe chamaram *liber de ortu et interitu*.» Cf. *Resposta ás reflexoens que o R. P. M. Fr. Arsenio da Piedade capucho fez ao Livro intitulado Verdadeiro metodo de estudos* (Valença, 1748) pag. 34. — O Barbadinho ou não leu a Tragicomedia ou mostrou má vontade, e ambas as coisas ficam muito mal num critico. O titulo da obra é simplesmente *Ludovicus et Stanislaus*, e os appostos *actor et imitator*, com que o auctor nas explicações previas declara quem é o heroe, pertencem não a *Stanislaus* mas a *Ludovicus*. Os dois nomes no titulo não arguem defeito essencial na obra, pois, como o auctor explica no prologo, só querem significar que o heroe Gonzaga executa a acção a exemplo de Kostka; nem se conta a vida toda dos Beatos, sendo verdade que só se representa com muito artificio a entrada de Luís em Religião. É portanto desenxabida a graça de que a Tragicomedia seja um livro *de ortu et interitu*; nem posso erer que os Jesuitas italianos que, segundo o Barbadinho, sabem mais que os portuguezes, julgassem tão levanamente a obra. Basta a brevissima analyse que damos no texto, para prova do que affirmamos.

O desenvolvimento da acção é magestoso e variado; mas o agrado que desperta em crescimento até o fim do terceiro acto, no qual Luís Gonzaga alcança a realização de seu proposito, descae nos ultimos dois por já ter desaparecido o antagonista. Por toda a tragedia ha scenas que primam pela naturalidade, entre as quaes se avantajam as que nos pintam, no segundo e terceiro acto, a irritação do amor paterno que se cuida offendido, e a lucha que se trava no coração do pae amoroso e indignado. Ora exclama enternecido para o filho

heu! nec te tui
Miseret, nec irati Patris, qui scilicet
Affligar ipsis, quas mihi poenas dabis;

ora mais adeante num desabafo da pena que o dilacera, se appellida

Miserum Patrem!
Vel me, vel istum perdere opus est Filium;
Optio duo datur inter haec tantum mala;

Utrum eligam, non eligo minus altero.
 Mi Nate, columen spesque patris, unica mei
 Mensura voti, et Italiae nostrae decus,
 Quem fugis, ut agnus cum prope adspexit lupum?
 Times flagello cinctum? inermem jam vides:
 Non sum tyrannus, imo descendo ad preces:
 Gonzaga per te genitor, et temet rogo,
 Dignos ne honores sanguine et meritis fuge.

No fim do terceiro acto é solenne e commovedora a scena da renuncia do marquesado, em que Luís Gonzaga diz ás grandezas mundanas o derradeiro

Vale, theatrum gloriae, solium aliis,
 Mihi theatrum fabulis tragicis frequens,
 Vale: ultimi actus ultimam scenam dedi (1).

Pede certamente a lealdade que censuremos na obra o excesso de maravilhoso, a languidez de alguns dialogos e a inverosimilhança de scenas, como a da morte de S. Luís que no quarto acto morre inesperadamente; mas, não obstante estas deficiências, o poeta deu mostra de inspiração poetica, de elevação de pensamento e primor na maneira de o apresentar; e assim não é para admirar que a tragicomedia fosse por quatro vezes levada á scena com applauso dos espectadores.

De feito, o entusiasmo com que geralmente eram presenciadas as tragicomedias por toda a classe de pessoas, não deixa de ser bom argumento em favor da

(1) Cf. *Relaçam das Festas na Canonização dos SS. Luís G. e Estanislau K.* (Evora, 1730), *Ludovicus et Stanislaus...* pag. 113, 127, 132.

obra e da execução. Dramas insulsos não ganham applausos.

Assim foi que desde que os Jesuitas abriram escolas em Portugal até o tempo da expulsão em 1759, não se interrompeu nunca a serie de representações nem esmoreceu jámais o entusiasmo dos actores, nem afrouxou a curiosidade nos assistentes. Não devemos porém julgar dessas obras literarias pelas ideias do seculo XIX e XX; o gosto literario modifica-se ao mesmo passo que se alteram os costumes na sociedade, e muitas scenas que então accendiam a platea, hoje seriam contempladas com frieza.

Para fazermos um conceito approximado da actividade dramatica dos collegios dos Jesuitas portugueses, dou a seguir uma resenha das representações de que pude haver noticia, indicando o assumpto que versam, o anno e a occasião em que foram executadas.

1556. Em S. Antão no dia da Sanctissima Trindade, *Comedia Acolastus*, com grande apparatus, concurso, applauso e musica excellente. (*Litt. Quad.* IV, 455).

1556. Em Evora na abertura das aulas *Dialogo*, jocoso, e satyrico. (Mss. Soc. J., *Lus.* 51, *Litt. Quad.* 31 Dec. 1556) (1).

1557. Em S. Antão, no primeiro do anno, *Ecloga*, auctor o mestre de Humanidades (Mss. Soc. J., *Lus.* 51, *Litt. Quad.* f. 21) (2).

(1) «Dialogus quidam actus est festivus simul et mordax... In illo enim hominum vitia maxime avarorum notabantur cum aliqua jucunditate et sale. Ex quo factum est ut risus fletum et fletus risum exciperet...» Mss. Soc. J., *Lus.* 51, *Litt. Quad.*, 31 Dec. 1556.

(2) Foi representada com grande concurso e applauso de nobres

1559. Em Coimbra, *Tragedia Saul Gelboaeus*, obra do P. Miguel Vanegas. (Mss. Soc. J., *Lus.* 51, *Litt. Quad.* f. 54. (1).

1559. Em Evora no mês de Novembro, *Tragedia de Saul*, auctor o mestre de rhetorica Simão Vieira, na inauguração da Universidade, assistindo o Bispo de Targa, D. Manuel dos Santos. (Mss. Soc. J., *Lus.* 51, f. 81; Telles *Chron.* II, pag. 345; Franco, *Synopsis*, 1559) (2).

e cortezãos. A fama do successo chegou aos ouvidos do Rei, que desejou assistir a nova exhibição da peça. Fez-se-lhe a vontade e representou-se novamente deante delle, da Rainha e Principe. As personagens da Ecloga eram quatro pastores, um anjo, S. José e Maria Santissima. Cf. Mss. Soc. J., *Lus.* 51, f. 21.

(1) A execução da Tragedia foi extraordinariamente applaudida por uma numerosissima assembleia de espectadores; e a obra não desmerecia os applausos no conceito do grande litterato P. Gaspar Gonçalves que assistiu á representação e, entre outros louvores, escreveu que «Tragedia vero ipsa et verbis amplissimis et gravissimis sententiis quasi quibusdam luminibus passim erat illustrata». Mss. Soc. J., *Lus.* 51 f. 54.

(2) Sobre o exito da Tragedia escreve penna de auctor que assistiu á representação: «Començose pues a representar la tragedia y venian los q. la representavam muy ricamente vestidos conforme cada uno a lo q. representava. Tenia cinco actos, al fin de quada qual salyan ocho voces muy buenas con sus triumphas en las cabeças y ricos vestidos q. cantavam los choros della; movieron tanto a devocion especialmente en el fin del quinto acto q. trayan el cuerpo de Saul, q. en algunos llegó hasta hechar lagrymas. Plugo a Dios N. S. q. se hizo con tanto concierto y orden y fueron algunas figuras tan raras q. no acabavan de darle loores; e algunos dezian q. nunca avian visto semejante cosa, y otros q. se hallaron en diversas Universidades y nunca avian visto otra meyante [sic]; otros davan otros y otros loores q. seria largo ponerlos en particular, loando mucho la tragedia y composicion della. Sit Deo laus et gloria. Y fi-

1560. Em Evora, no fim da Quaresma, *Tragedia de Saul*, assistindo o Cardial D. Henrique e S. Francisco de Borja (*Synopsis*, 1560, 4).

1561. Em Coimbra, *Dialogo* na distribuição de premios; personagens a Justiça, a Victoria: a Esperança e um pregoeiro. (Mss. Soc. J., *Lus.* 51, *Litt. Quad.*, 1 sept. 1561) (1).

1561. Em Evora, na distribuição de premios, *Ecloga*, composição dos estudantes de rhetorica (l. c., *Lus.* 51, f. 208).

1562. Em S. Antão, *Dialogo das Virtudes*, auctor Francisco Gomes, professor de rhetorica, na distribuição de premios (l. c., *Lus.* 51, f. 253).

1562. Em S. Antão, *Tragicomedia* de um personagem que, desprezada a virtude, se dava a todos os vícios, auctor o mestre de 3.^a classe João Arias; com assistencia do Rei, Cardial D. Henrique, D. Antonio, D. Duarte e o rei de Ceilão D. João, que estudava no Collegio. (l. c., *Lus.* 51, f. 243) (2).

1562. Em Coimbra, *Tragedia de Absalão*, obra do P. Miguel Vanegas. (Mss. Soc. J. *Lus.* 61, f. 80; Mon. Hist. Soc. Jesu, *Epist. Nadal* I, 663) (3).

nalmente digo a V. P. q. fue grande incitamiento para las letras...» Mss. Soc. J., *Lus.* 51., *Litt. an.* 1559, f. 81.

(1) Os premios eram distribuidos durante a representação do dialogo, que para esse fim fôra composto. Tomou-se este expediente para tirar o fastio da longa cerimonia.

(2) Realçou a representação a musica vinda do Paço; e agradaram sobremaneira os coros das Virtudes, que saíram cantando, ricamente vestidas ao modo romano, os pés descalços com alparcas de terciopelo cobertas de perolas. O concurso da nobreza foi extraordinario.

(3) O P. Vanegas ainda compôs mais uma Tragedia de Achab,

1562. Em Evora, *Comedia Juan de espera em Dios*, na distribuição de premios. (Mss. Soc. J., *Lus.* 61, f. 110) (1).

1563. Em Evora, no certame e premiação dos Humanistas, *Tragedia de Tobias*. (Synopsis, 1563, 6).

1564. Em Braga, depois da Paschoa, *Ecloga* representada pelos estudantes em honra de D. Frei Bartholomeu dos Martyres que voltava do Concilio de Trento (Synopsis, 1564, 16).

1565. Em Coimbra, na premiação, *Drama*, assistindo D. João Soares bispo de Coimbra, chegado ha pouco do Concilio Tridentino. (Synopsis, 1565, 9).

1565. Em Evora, no juramento do Reitor e lentes da Universidade, *Tragedia do Sacerdote Heli e seus filhos*, auctor P. Simão Vieira; assistiu D. João de Mello, Arcebispo de Evora. (Synopsis, 1565, 10).

1566. Em Evora, na premiação do certame litera-

que não sei quando foi dada á scena; mas nem sequer pude averiguar se precisamente neste anno de 1562 se representou a de Absalão ou antes a de Achab. O P. Vanegas foi um dos mais brilhantes professores de letras do Collegio das Artes e do de S. Antão. Era espanhol, entrou na Companhia em 1554, e em 1564 ensinava rhetorica no Collegio de Clermont de Paris. No anno de 1567 despiu a roupeta da Companhia. Cf. Mss. Soc. J., *Lus.* 43, catalogo de 1559; Mon. Hist. Soc. J., *Borja* iv, 501, 502, 526.

(1) «... Comedia... accomodada al tiempo y muy graciosa, porque toda ella tirava a los premios, uvo mucha y muy buena musica de coros y charamyas y corneta y harpa que tañia un musico de la Iglesia mayor; contentó tanto esto auto que no faltó quien dixo en su vida aver visto cosa deste genero, tambien representada y no lo dixo sin causa porque las figuras lo hizieron quanto se podia y lo que mas es, ver la brevidad con que se hizo, que en componer se y ensaiar se no passaram dez dias...» Mss. Soc. J., *Lus.* 61, f. 110. Evora 4 de set. de 1562.

rio, *Tragedia*, em presença de D. João de Mello, Arcebispo. (Synopsis, 1566, 8).

1568. Em Coimbra, no certame e premiação, *Tragedia do Filho Prodigio*; assistindo o Bispo D. João Soares. (Synopsis, 1568, 5).

1569. Em Braga, na premiação solenne, *Drama* sobre o estudante diligente e estudante remisso. (Mss. Soc. J., *Lus.* 64, f. 15. Braga, 1 Fev. 1570), (1).

1569. Em Evora, no mês de Outubro, *Tragedia de Lazaro e do Rico avarento*, em honra del-Rei D. Sebastião e do Cardial Infante. (Synopsis, 1569, 19) (2).

1570. Em Coimbra, nos meados de Outubro, *Tragedia do Rei Sedecias*, em dois dias; auctor P. Luís da Cruz, na visita de D. Sebastião e do Cardial D. Henrique. (Synopsis, 1570, 20).

1571. Em Bragança, no certame e premiação, *Ecloga*, representada pelos estudantes; assistia o Bispo de Miranda, D. António Pinheiro. (Synopsis, 1571, 17).

1573. Em Evora, no mês de Julho, no certame e

(1) «...acta est fabula quaedam, in qua adolescentes inducebantur, qui, cum a suis parentibus excolendi ingenii gratia Bracaram missi essent, variam vivendi rationem instituerunt... Placuit praeter coeteras ficta temporis figura, quae mihi vestitu ornata perditum adolescentem et alium ejus socium vehementer redarguebat. Sub hac persona multa sunt explicata ad mores adolescentium maxime pertinentia, et in toto progressu fabulae expressum est, varium vivendi modum variis convenire...» Mss. Soc. J., *Lus.* 64, f. 15. Braga, 1 de Fev. de 1570, carta de Eduardo Sande ao Geral Borja.

(2) «...Entre outras plausibilidades se representou no patio da Universidade huma tragedia sobre o Rico Avarento e o pobre Lazaro, vestida de tantas perspectivas e variedades, que não cabia em si o Cardeal de ver cousa tão cheya. El Rey D. Sebastião a via com tanto gosto, que quasi sempre esteve de pé, pela ver melhor...» Franco, *Imagem da V... Evora*, pag. 36.

premiação, *Tragedia de Dionysio tyranno*, em presença de D. Sebastião e do Cardial seu tio. (Franco, *Imagem da V... Evora*, pag. 57).

1575. Em S. Antão, *Tragicomedia de Job*, para alliviar os sentimentos dos males que soffria o reino. "Quedó la gente muy consolada y edificada." (Carta do P. Manuel Alvares, reitor, ao Geral, 31 de Julho de 1575).

1576. Evora, em Maio, *Tragedia de Nabuco*, que durou cinco horas; assistiu o Cardial Infante. (Synopsis, 1576, 14).

1579 S. Antão, *Tragicomedia do Propheta Jonas*. (Mss. Soc. J., Lus. 68, f. 117) (1).

1581. Evora, *Tragedia do Rei Balthazar*, para aliviar o povo nos luctos da peste e outras calamidades (Synopsis, 1581, 7).

1581. Lisboa, *Tragedia do Innocente Abel*, (Synopsis, 1581, 6).

1585., Coimbra, em Dezembro, *Tragedia de S. João Baptista*, auctor P. Antonio de Abreu, em honra dos embaixadores japoneses vindos de Roma. (Synopsis, 1584, 7).

1589. Bahia, *Drama de Assuero*, na festa das onze mil Virgens (*Litt. Ann.* 1589).

1590. Lisboa, no certame e premiação, *Dialogo entre as quatro partes do Mundo*, repetido em Palacio deante do Cardial Alberto. (Synopsis, 1590, 5).

1590. Goa, *Drama da Conversão de S. Paulo* (*Litt. ann.* 1590).

(1) A tragedia estava para sair á scena, mas, por causa do lucto do reino, não chegou a representar-se. Cf. Mss. Soc. J., Lus. 68, f. 170. Carta de 30 de Junho de 1579.

1590. Goa, *Tragedia de Justo e Pastor*, Martyres (*Litt. ann.* 1590).

1591. Braga, na premiação, *Drama de Sant'Iago* (*Litt. ann.* 1591).

1591. Rachol, *Drama, a Queda de Adão*, na noite de Natal (*Litt. ann.* 1591).

1591. Chaul, *Drama*, o primeiro que alli se levou á scena (*Litt. ann.* 1591).

1591. Coimbra, *Drama do Martyrio e visões de S. João Evangelista*, auctor o mestre de rhetorica, (*Litt. ann.* 1591).

1592. (?) Evora, *Ecloga, Polychronius* em cinco actos, sobre o *Nascimento de Christo*, auctor P. Luís da Cruz, em honra de D. Theodosio, Duque de Bragança e seus irmãos Eduardo e Alexandre (*Études Rel.* ann. 1878, v. I, pag. 115) (1).

1597. Goa, *Tragedia de S. Barlaão e Josaphat*, em honra do Vice-Rei (carta do P. André Boues de 22 de Agosto de 1599).

1604. Lisboa, no desafio escolar e premiação, *Tragedia de S. Antão Abbade*, auctor P. Diogo Seco, depois bispo de Nicea. Assistiu D. Affonso de Castello Branco, Vice-Rei. (*Imagem da V... Coimbra*, I, 347; Synopsis, 1604, 25).

1604. Coimbra, *Tragicomedia de S. Paulino Bispo de Nola*, auctor P. Affonso Mendes, depois patriarcha de Ethiopia. Sommervogel, V, 884 (2).

(1) As composições dramaticas publicadas pelo P. Cruz no volume *Tragicae, comicaeque actiones* e representadas no Collegio das Artes e noutros collegios são: *Tragicomedia Prodigus*; *Comedia Vita humana*; *Tragedia Sedecias*; *Tragicomedia Manasses restitutus*; *Tragicomedia Josephus*; *Ecloga Polychronius*.

(2) «Ainda hoje permanece nesta Universidade a memoria

1607. Goa, *Dialogo Desideria Sanctorum Patrum*, na festa da Expectação do Parto de N. Senhora. (Carta ann. de 1607) (1).

1611. Meliapor, *Drama* na lingua da terra, na solennidade da Beatificação de S. Ignacio (2).

daquella sua tão louvada, tão real e magnifica tragedia de Sam Paulino em versos latinos, que foy a mays pomposa e applaudida que nunca se deu neste Atheneu Conimbricense, na qual mayor admiracão causou no auditorio a suavidade da poesia, que a magnificencia das figuras... Deu-se esta obra em hum grande pateo d'este nosso Collegio no anno de mil seyscentos e quatro, tem por titulo: *Tragicomedia quae inscribitur Paulinus Nolue Episcopus*. Está hoje conservada no Archivo do Collegio de Coimbra, tomo quarto». Telles, *Historia de Ethiopia*, pag. 696.

(1) Representou-se no Collegio de S. Paulo, segundo conta o annalista contemporaneo da Provincia de Goa um «fermoso dialogo que intitularão *Desideria Sanctorum Patrum*, em q. entrarão as seis idades do mundo, das quaes foi cada huma vendo representadas as principaes figuras em que Deos prometteo o alto misterio da Encarnação ao mundo e com as taes promessas e esperanças hião consolando ao genero humano, a quem ultimamente consolou a 6.^a idade, mostrando-lhe o Anjo Gabriel acompanhado do Amor Divino e outros muitos anjos deixando já executado o tal misterio. Representavão passos de tanta devoção, quanto bem mostravão as muitas lagrimas q. os ouvintes derramavão, com tanto apparato e riqueza, tão bem concertados os chóros e tão suave canto que homens mui principaes disseram não terem visto nem esperarem ver já em vida cousa semelhante. Dedicarão este dialogo ao arcebispo Governador deste Estado que com toda a fidalguia e gente innumeravel se achou presente, estimando-o e agradecendo-o muito e louvando tudo por lhe parecer que tudo assy o merecia. Particularmente huma decida que da gloria fez o Amor divino e competencia que teve como Amor natural no sacrificio de Abraham; a Escada de Jacob e a vista que se deu da gloria quando o Anjo Gabriel foi mandado com a embaixada...» Mss. Soc. J., Goa. 33, f. 209.

(2) Cf. *Raguagli d'alcune missioni fatte dalli Padri della Compagnia di Giesu nell'Indie Orientali...* (Roma, 1615) pag. 148.

1615. Portalegre, *Ecloga*, representada pelos estudantes, em honra do novo Bispo D. Rodrigo da Cunha (Synopsis, 1615, 30).

1616. Coimbra, em Abril, na inauguração do Pateo das escolas, *Tragedia do Rei Balthazar*, auctor o P. João da Rocha, depois bispo de Hierapolis (Synopsis, 1616, 4).

1618. *Ecloga Pastor David*, auctor P. Domingos Teixeira. (Remedios, *Hist. da Litt. port.*, 1914, pag. 369).

1619. Braga, *Tragedia de Absalão*, em honra do novo Arcebispo D. Affonso Furtado de Mendonça (Synopsis, 1619, 7).

1619. Evora, *Drama*, em honra do Rei Philippe, no pateo da Universidade. (Synopsis, 1619, 13).

1619. Lisboa, *Tragicomedia de D. Manuel Conquistador da India*, representada em dois dias, obra do P. Antonio de Sousa. (Synopsis, 1619, 14).

1622. Evora, *Tragicomedia de S. Ignacio*, na Canonização dos Santos Ignacio e Xavier. (*Relaçam das Festas*, Lisboa, 1623).

1624. Gôa, *Tragedia de S. Francisco Xavier*, na sua canonização (Annua de 1624) (1).

1627. Congo, *Dialogo*, representado no Collegio

(1) «A tragedia q. aqui se representou durou quatro dias, dedicada a S. Francisco Xavier. Esteve presente o Conde Vice-rei com toda a fidalguia, cidade, desembargo, Relação, Vereação, Capitães. Todas as janellas apinhadas de gente, palanques por baixo dellas pelas ruas, não havendo lugar q. se não aproveitasse». A representação commoveu profundamente os espectadores. Mss. Soc. J., Goa. 33, f. 750. *Litt. ann.* 1624.

em honra de S. Ignacio, em sua festa; assistiu o Rei do Congo, (Synopsis, 1627, 16).

..... *Tragedia de S. João Baptista*, auctor P. Antonio de Abreu (Sommervogel, I, 22).

1629. *Dares e Entello*, auctor P. Pedro de Vasconcellos (Remedios, *Hist. da Lit. port.*, pag. 369).

1635. Evora, *Tragedia de S. Eustachio*, obra do P. André Fernandes, em honra de D. João, Duque de Bragança. (Synopsis, 1635, 11).

1639. Coimbra, *Drama*, em honra do novo bispo, D. João Mendes de Tavora (Synopsis, 1639, 2).

1644. Cranganor, *Autos* na lingua dos indigenas, representados pelas creanças em occasiões diversas (L. Besse *As short account of the mission... in the year 1644*).

1646. Coimbra, 8 de Dezembro, *Drama de Nossa Senhora da Conceição*. (Synopsis, 1646, 5).

1653. Candelur (Maduré), *Tragedia dos Santos Barlaão e Josaphat*, em lingua do país, representação dirigida pelo P. Manuel Alvares e presencada com assombro pelos indigenas. (Bertrand, *La Mission du Maduré*, III, pag. 10) (1).

1690. Lisboa, *Drama*, em honra da Rainha D. Maria Sophia, obra do P. Francisco Xenodosen, missionario allemão que estava para navegar para a India. (Synopsis, 1690, 2).

1693. Evora, *Tragedia do Beato Amadeu*, na recepção do novo Arcebispo D. Luis da Silva, Trinitario, parente do Beato Amadeu. (Synopsis, 1693, 8).

(1) Foi tal a impressão causada nos espectadores, que metade da povoação de Candelur se converteu e recebeu o baptismo. Cf. Besse, *La Mission du Maduré* (Trichinopoly, 1914) pag. 13, 90.

1699. Evora, *Drama historico de Agilulpho*, convertido por sua esposa Theodulinda, representado na vasta Capella Domestica do Collegio, em honra de D. Catharina, rainha de Inglaterra, cujo esposo se convertêra à fé catholica perto da morte. (Synopsis, 1699, 8).

1704. Evora, *Tragedia de D. Christovão da Gama*, martyr na Abyssinia, auctor o P. Luís Alvares, na recepção do novo Arcebispo D. Simão da Gama, parente do heroe. (Synopsis, 1704, 8).

1708. Lisboa, *Tragicomedia de S. Leopoldo Marquês de Austria*, obra do P. Manuel Ferreira, na chegada da Rainha D. Maria Anna de Austria. Foi representada tres vezes: para a familia real e nobres, para as senhoras illustres, e finalmente para o povo. (Synopsis, 1708, 2).

1713. Santarem, Janeiro, *Dialogo*, representado pelos estudantes em honra da Rainha de Portugal. (Synopsis, 1713, 2).

1717. Evora, *Tragicomedia do B. João Francisco Regis*, nas festas da Beatificação, auctor P. Antonio de Almeida. (Synopsis, 1716, 7).

1720. Lisboa, *Drama*, allegorico *Angola Triumphante* (*Portugal, Dicc. Hist.*, IV, 733).

1724. Lisboa, Julho, no certame literario e premiação, *Drama*, a que assistiu El-Rei. (Synopsis, 1724).

1724. Lisboa, na igreja do Collegio, *Drama festivo*, em honra do Infante D. Alexandre; assistiu tambem a Rainha. (Synopsis, 1724).

1727. Coimbra, *Comedia Concors discordia*, na canonização dos SS. Luís Gonzaga e Estanislau Kostka. (Sommervogel, II, 1272).

1727. Evora. *Tragicomedia Ludovicus et Stanislaus*, na canonização dos SS. Luís G. e Estanislau K.,

auctor P. Pedro Serra. Representou-se quatro vezes: primeira vez deante da Rainha e princesa das Asturias, segunda deante de D. João V, Rainha e Príncipes, terceira em presença da Rainha e Princesa do Brasil, quarta para a nobreza e povo. (*Relaçam das Festas*, Evora, 1730).

1727. Braga, *Drama de S. Luís Gonzaga*, na festa de sua canonização (1).

1729. Lisboa, *Drama Lusitaniae augmentum victoria coronatum*, na festa nupcial de D. José, Príncipe do Brasil e D. Maria Anna Victoria. (Sommervogel, IV, 1864).

1735. Lisboa, *Dialogo sobre S. José*, em verso português, representado pelos alumnos de S. Antão em presença de D. João V; auctor P. Manuel de Azevedo. (Azevedo, *Ars poetica*, I, pag. 219).

1738. Coimbra, *Tragedia de S. João Francisco de Regis*, na canonização do Santo. (Mss. Soc. J., *Lus.* 54, f. 291).

1740. S. Antão, *Drama Nepomucenus silens*, no mês de Maio (l. c., *Lus.* 54, f. 295).

Mas essa longa serie de dramas não recôrda um

(1) O drama consta de um prologo e três actos. No 1.º S. Luís recusa-se a seguir a carreira militar, mas enganado por Bellona dedica-se ao exercicio das armas. No 2.º acto a Virtude, o Amor de Deus e o Conselho convertem-no, apesar das seducções do Mundo, e entra na Companhia. No 3.º morre ferido por uma setta de amor divino e é canonizado. O drama não tem grande movimento nem apparato; nem tambem notavel interesse pelo excesso de figuras allegoricas. As personagens historicas são, além de S. Luís, o pai e a mãe do santo e dois aulicos. Cf. *Relação das Festas com que o Collegio de São Paulo... de Braga celebrou... a canonização dos... Santos Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka em Julho de 1727* (Lisboa, 1728) pag. 164 segg.

attentado contra o theatro nacional? Não se deve culpar a dramaturgia jesuitica na decadencia do theatro português? Os que teem por vezo lançar aos Jesuitas a culpa de todas as desgraças da patria, affirmam desassombradamente que a elles cabe mais esta responsabilidade. São porêem neste passo evidentemente injustos. As peças dramaticas representadas nos collegios da Companhia de Jesus eram a final exercicios escolares, com que se recreava proveitosamente a juventude estudiosa, nem tiveram nunca a pretensão de ir tomar a vez, nos theatros publicos, ás composições dos outros poetas e dramaturgos.

É sabido que o decaimento neste ramo da literatura começou primeirô com a guerra que fez á escola de Gil Vicente a escola italiana, e depois se ultimou pela invasão e predominio do theatro espanhol. "São poucos os portugueses notaveis em literatura dramatica naquelle tempo, escreve Camillo, visto que este ramo não podia deixar de retrahir-se desflorado, abafado pela fecundidade espantosa dos poetas espanhoes" (1).

Ao mesmo proposito fala Theophilo Braga do "perstigio (sic!) absorvente das comedias espanholas de *capa y espada*, perstigio a que não resistiram as literaturas francesa, italiana e inglesa" (2).

Alguma opposição, devemos confessá-lo, fizeram os Jesuitas ao theatro, mas sómente ao theatro licencioso, que em vez de educar, corrompia; tinham em vista purificá-lo, não destruí-lo, nem os factos que se allegam conseguem provar outra coisa. As engenhosas traças do P. Mestre Ignacio Martins encaminhavam-se

(1) *Curso de Litter. Port.*, pag. 56.

(2) *Eschola de Gil Vicente* (Porto, 1898) pag. 6.

apenas a estorvar comédias e danças lascivas (1), e o que lastimavam os Jesuitas era a corrupção, nunca o divertimento honesto (2). "No meio do seculo, escreve ainda Camillo Castello Branco, a degeneração do theatro deve-se a circumstancias de todo o ponto extranhas á influencia theocratica. O clero, cortando pelas liberdades da scena, não affrontava as tendencias civilizadas do theatro, amordaçava as licenciosidades do vocabulario... O indice dos livros prohibidos que o inquisidor Mascarenhas publicou em 1624, repelliu do templo escandalosas tramoias ahi exhibidas e nos tabladados das praças e das feiras; mas não atacou a honesta e graciosa liberdade de D. Francisco Manuel de Mello, de Rodrigo Ferreira e as inoffensivas ineptias de Manuel Coelho Rebello, auctor da *musa entretenida*" (3).

Assim era. E prova decisiva de que os Jesuitas não combatiam o theatro nacional e popular, legitimo e moralizador, é o uso que elles metteram no Brasil de representar dialogos e autos no estilo de Gil Vicente. Os que nessas remotas paragens compôs e levou á scena o Veneravel Anchieta, são considerados como obras de mestre e não indignos da escola vicentina. De

(1) Cf. Franco, *Imagem da V... Coimbra*, I, pag. 408; Telles, *Chronica*, II, pag. 220, 235.

(2) Cf. Luis da Cruz, *Tragicæ... actiones*, prologo. — Nos fins do seculo XVII ainda o P. Manuel dos Reis dizia no sermão das Lagrimas de S. Pedro: «se quem entrou a ver a tragedia da paixão de Christo, teve tão grande perigo, que posso eu cuidar dos que entrão a ver huma comedia das que se uzam nestes nossos tempos? Nam sahirám chorando, como Pedro; mas pode ser que sayam com mais causas para chorar do que Pedro». *Sermões do P. M. dos Reis*, T. I, pag. 580.

(3) *Curso de Litter. Port.*, pag. 56.

feito, apparecem-nos encantadoras de graça e lhaneza aquellas peçazinhas dramaticas, em que o inspirado canarino enlevava as imaginações virgens de seus neophytos. Prendiam pela belleza e instruíam com a doutrina, que ao alcance das rudes intelligencias expunham, unindo graciosamente o util com o deleitoso. Provámos suavissimo prazer ao lê-las, muitas dellas até hoje ineditas e escriptas pela mão do proprio auctor, que empregava com facilidade as linguas portuguesa, castelhana e brasilica ou as alternava a bel prazer na mesma composição (1). Citemos particularmente alguns destes autos com pequenos trechos de amostra.

Pequeno mas gracioso é o *Dialogo*, em lingua portuguesa e brasilica, recitado no recebimento, que fizeram os Indios de Guarapari ao Provincial Marçal Belliarte em 1587. São personagens o Anjo da Aldeia, dois Diabos, e um Indio, que abre o auto saudando o recémchegado:

Vinde pastor desejado
Visitar vosso curral,
Pois por ordem divinal
Para nós sois qua mandado
Do reyno de Portugal.

Vinde ver pai amoroso
Os filhos que tanto amais
Cuja salvação buscais
E com peito piadoso
A vida lhe procurais.

Vinde Vigario de Christo
Ao qual quem obedece
Ser coroadó merece
E com Deus estaa bem quisto
Que por senhor reconhece.

Com ouvir-vos o bem crece
Pois sois do Rey eternal
Logotente Provincial,
Cuja graça resplandece
Em vós nosso pay Marçal.

(1) Lemos estes autos num volume das obras poeticas de Anchieta, volume conservado entre os manuscriptos da Companhia de

O auto termina com uma dança de dez meninos, cantando quadras em lingua brasilica.

O auto de *S. Ursula*, todo em português, é verdadeira joia literaria. Formam-lhe o enredo, como personagens, S. Ursula, Anjo, Diabo, S. Mauricio, S. Vidal e a Villa do Espirito Santo, onde se representou. Delle escreve Mello Moraes no seu livro *Patria selvagem* que "é uma honra para as letras nacionaes... Este Dialogo ao passo que caracteriza a phisionomia do seculo XVI, apresenta-nos o instituidor da nossa poesia nacente".

No auto de *S. Mauricio*, escripto em português e castelhano, entram em acção Mauricio, Satanás, Lucifer, o Mundo e a Carne.

O auto de *Villa da Victoria*, composto em lingua portuguesa e castelhana, é um dos mais extensos e aprimorados. Representam-no a Villa da Victoria, personificada, o Governo, o Amor e Temor, Conselheiros do Governo, a Ingratidão, o Embaixador do Paraguay e Victor, companheiro de S. Mauricio. É pathetica a entrada do auto em que apparece a Villa da Victoria sentada numa cadeira e exprimindo nestes termos a dôr de ver o seu povo dado ao vicio:

No sabe al que dolerse enristicido
Mi coração lloroso y congoxado
Viendo del todo perderse en el peccado
Mi pueblo de muchos vicios va vencido (1)

Jesus e a que já me referi no capitulo segundo deste Livro. Cf. Mss. Soc. J., *Opp. NV. 24.*

(1) Não estão certos, quanto á medida, estes dois versos.
É possivel que tenha havido erro dalgum copista.

ENTRA O GOVERNO PASSEANDO:

Suspiros entranhaveis e gemidos
Que são sinaes mui sertos de tristeza,
Combatem gravemente meus ouvidos
E pedem minha ajuda com presteza

VICTORIA SÓ CONSIGO:

Llorad sin descansar mis tristes ojos
Mi pena, mi dolor, mi desventura,
Porque esta es la mas breve y cierta cura
Para dar refrigerio a mis enojos.

GOVERNO:

Onde suspirão? Quem chora?
Parece voz de donzella.
O que matrona tão bella,
O que modesta senhora!
Quero mir a ver com ella.

E FALANDO COM ELLA SE SENTA:

Senhora vossos gemidos
Me fizerão cá chegar,
Quiseravos consolar,
Que não sofrem meus sentidos
Deixarvos tanto penar.

Vosso honesto parecer
Vossa grave honestidade
Me dão mui claro a entender
Que deveis princeza ser
De mui alta dinidade.

Dizeime vosso appellido,
Que muito saber desejo,
Não vos torve meu despejo,
Porque tenho em mim entendido
Que em vos ha mais do que vejo.

VICTORIA:

.....
Pues q. los quereis saber,
Soy la Villa da Victoria,
Cuja dignidade y gloria
Pienso ya deve de ser
Venida a vuestra memoria.

Soy antiga en el Brasil;
Mis hijos y moradores
Siempre fueron vencedores
Con esfuerço varonil
De los Indios tragadores.

GOVERNO:

Não de balde ca en meu peito
Eu o ponto que vos vi
Gran credito concebi
Tendo vos hum tal respeito
Qual sinto dentro de mim.

VICTORIA:

Pues mi nombre aveis sabido
Que soi Villa de Victoria,
Por si se queda entendido
Que ser mi pueblo vencido
Es afrenta de mi gloria.

No os parece p.^o honrrado
Que es mui justa mi fatiga
Pues mis hijos hazen liga
Y pazes con el peccado
Y con la serpente antiga?

.....
Mis hijos sin fortaleza
Siempre se deixan vencer
Sin quererse defender
Y tienen por gentileza
Del Mundo captivos ser.

GOVERNO:

Bem sabeis vos que nas guerras
Muito mais val o sapiente,
Que grande corpo de gente,
E quem vence e ganha terras
He um capitão prudente.

Por eu daqui ser ausente
He vosso povo vencido;
Se for discreto e sabido
Tenhame sempre presente,
Tudo lhe será rendido.

VICTORIA:

Pues dadme vuestro favor,
Assi os guarde el p.^o eterno,
Y por templar mi dolor
Dizidme quen sois Señor.

GOVERNO:

Sou, Senhora, o boim governo.

VICTORIA:

Cierto en viendo vuestras canas
 Me puso a considerar
 Que podieis governar
 Las voluntades humanas
 Sin un solo punto errar.

GOVERNO:

Destas cans não façais conta
 Porque não basta ser velho;
 Bem posso tomar conselho
 Do mancebo sem affronta
 E tomalo por espelho.

Quem tem virtude e saber,
 Seja de qualquer idade,
 Este tal tem majestade
 Para poder bem reger
 Todo o mundo com verdade.

.....

VICTORIA:

Mas si da larga vejez
 Es dotada desses dones
 Por mui mas fuertes razones
 Pueden guiar sin doblez
 Los humanos corazones.
 Porque la experiencia larga
 Con la virtud y prudencia
 Siempre dan mejor sentencia,
 El justo queda sin cargo,
 El juez con reverencia.

O auto de *S. Lourenço*, escripto nas tres linguas portugueza, castelhana e brasilica, tem, como personagens historicas, S. Lourenço, S. Sebastião, Decio, Valeriano, Anio, e allegoricas o Amor de Deus, o Temor de Deus e outras. Na ultima scena estando já o martyr na tumba, entra Anio com o Amor e Temor de Deus e diz as seguintes quintilhas referindo-se a Lourenço:

Dous fogos trazia nalma
 Com que as brasas resfriou
 E no fogo em que se assou
 Com tão gloriosa palma
 Dos tyrannos triumphou.
 Hum fogo foi o temor
 Do bravo fogo infernal
 E como servo leal
 Por honrrar a seu senhor
 Fugiu da culpa mortal.
 Outro foi o amor fervente
 De Jesus que tanto amava,
 Que muito mais se abrasava
 Com este fervor ardente
 Que coo fogo em que se assava.
 Deixai-vos delles queimar
 Como o martyr S. Lourenço,
 E sereis hum vivo encenso
 Que sempre aveis de cheirar
 Na corte de Deus immenso.

O auto da *Visitação de S. Isabel*, em castelhano, foi o derradeiro que saiu da pena de Anchieta, já entre

os descommodos da ultimo doença (1). As personagens são S. Isabel, Maria Santissima, Um Anjo, Um Romeiro, e quatro Companheiros deste. Nesta composição deu o poeta largas á veia de suas mais lidimas inspirações, que era a devoção á Virgem Mãe, saudade e amor de seu coração, como elle lhe cantou solitario nas terras dos Tamoios e escreveu nas areias da praia:

Tu mihi cum chara sir unica Prole voluptas,
Tu desiderium cordis amorque me:

Todo o auto é effectivamente um hymno de louvores áquella que fôra o objecto de seus maviosos cantos desde os annos floridos da juventude.

Entra na primeira scena o *Romeiro* a visitar a S. Isabel e, depois de reciprocas saudações, pergunta-lhe com o mote, que o poeta vai glosando!

Quien te visitó Isabel,
Que Dios en su vientre tiene?
Hazle fiesta muj solenne
Pues que viene Dios en el.

ISABEL:

Visitó me la muger
En sus ojos muj chiquita,
Mas la bondad infinita
En ella pudo caber.

(1) Assim se lê numa nota accrescentada depois da ultima estrophe do auto, que é, todo elle, autographo de Anchieta.

ROMEIRO:

Muger de tan grande ser
Que Dios en su vientre tiene,
Hazle fiesta muj solenne
Pues que viene Dios en el.

ISABEL:

Es la colmea suave,
Donde se crió el panal
Lleno de miel divinal
Quando le dixeron Ave.

ROMEIRO:

Botica que tal Xarave
Dentro de su vientre tiene
Hazle fiesta muj solenne,
Pues que viene Dios en el.

ISABEL:

Es la abeja que formó
En su vientre aquella miel
Con nos otros Dios Manuel
Quando dixo Esclava so.

ROMEIRO:

Siendo tal te visitó
La que Dios en si contien?
Hazle fiesta muj solenne
Pues que viene Dios en el.

ISABEL :

Es el cerrado vergel
En que el fructo está plantado,
Que dá vida dun bocado
Al que se mantiene del.

ROMEIRO :

Pues tan divino Donzel
Dentro de su vientre tiene
Hazle fiesta muj solenne
Pues que viene Dios en el.

Em seguida desenvolve o poeta com singeleza e graça o mysterio da visitação, descae nos louvores da Mãe de Deus, e, commemorando a virtude de que ella mais se preza, diz per bocca de ISABEL :

Eso es cierto
Porque en todo su concierto
Como la linda donzella
La pieça mas rica y bella
Trae siempre al descubierto
Mirando se siempre en ella,
Assi la Virgen Maria
De mil virtudes ornada
Trae del cuello colgada
Con gran gusto y alegria
La pieça mas estimada.

ROMEIRO :

Y no me direis qual es
Aquella pieça tan fina?

ISABEL :

Misericordia benigna
La qual dende su niñez
Le dio la mano divina.
Esta tiene ante sus ojos
Sin dexarla de mirar
Para hazer olvidar
Á Dios [los] muchos enojos
Que el hombre le suele dar.

Termina o auto por uma fervorosa prece dirigida á Virgem Mãe pelo Romeiro e seus companheiros :

Ave estrella de la mar
Guia de los que navegan,
Los quales a vos se entregan
Porque neste navegar
Por muchas vias se ciegan;
.....

responde-lhes a Mãe de Deus com uma falla amorosa, despede-se por fim o Romeiro dizendo-lhe :

Partome sin me partir
De Vos mi madre y Señora,
Confiado que en la hora
En que tengo de morir
Sereis mi visitadora;

e saem os cinco romeiros cantando :

Quien te visitó Isabel,
Que Dios en su vientre tiene?
Hazle fiesta muj solenne
Pues que viene Dios en el.

Esta es el gran vergel
De virginidad cercado
De cuyas flores criado
Fue aquel panal de miel
Que se llama Emmanuel
Que en su vientre limpio tiene;
Hazle fiesta muj solenne
Pues que viene Dios en el.

Encontro ainda mencionados os seguintes autos:
Prêgação Universal, obra de Anchieta, representada em muitas povoações da Costa do Brasil (1).

Mysterio de Jesus, composto por Anchieta em castelhano e passado a português pelo P. João da Cunha (2).

O Rico avarento e Lazaro pobre, representado em Pernambuco em 1575.

Auto no recebimento de uma cabeça da onze mil Virgens, representado na Bahia com "grande alegria no povo que concorreu quasi todo" (3).

O Martyrio de S. Sebastião, representado no Rio de Janeiro, no dia de Natal de 1584 (4).

(1) Cf. Vasconcellos, *Chronica do Brasil*, vol. II (Lisboa 1865) pag. 130.

(2) Cf. Theophilo Braga, *Eschola de Gil Vicente*, pag. 331.

(3) Fernão Cardim, *Narrativa epistolar*, (Lisboa 1847) pag. 9.

(4) O P. Fernão Cardim, *ob. cit.*, pag. 91, assim narra, como testemunha de vista, a representação do auto: «Estava um theatro á porta da misericórdia com uma tolda de uma vella e a santa reliquia se poz sobre um rico altar em quanto se representou um devoto dialogo do martyrio do santo com chóros e varias figuras muito ricamente vestidas; e foi asseteado um moço atado a um pau: causou este espectáculo muitas lagrimas de devoção e alegria a toda a cidade por representar muito ao vivo o Martyrio do Santo».

Martyrio das onze mil Virgens, representado na Bahia em 1584 na festa das Santas Martyres (1).

Dialogo da Ave Maria, auctor o P. Alvaro Lobo, representado na capital do Espirito Santo (2).

Dialogo Pastoril em lingua brasilica, portuguesa e castelhana, representado pelos Indios na Aldeia do Espirito Santo, em 1583, na recepção do P. Visitador Christovão de Gouveia (3).

E de arte dramatica seja bastante o que esboçamos, para se conceder, á luz dos factos, que os Jesuitas, se não se deram a promover directamente o theatro nacional, nunca o impelliram para a decadencia, mas até bem mereceram deste ramo de literatura. Lembremos tambem outras artes, mas que seja com uma breve referencia.

(1) «Saiu na procissão uma nau á vella por terra, mui fermosa, toda embandeirada, cheia de estudantes, e dentro nella iam as onze mil Virgens ricamente vestidas celebrando seu triumpho: de algumas janellas fallaram á cidade, collegio, e uns anjos todos mui ricamente vestidos... Á tarde se celebrou o martyrio dentro da mesma nau, desceu uma nuvem do céu e os mesmos anjos lhe fizeram um devoto enterramento». Fernão Cardim, *ob. cit.*, pag. 77, 78.

(2) «Alguns mancebos tambem festejaram o dia [de N. S.ª da Conceição], dançando na procissão e representando um breve dialogo devoto sobre cada palavra da Ave Maria e esta obra dizem compoz o P. Alvaro Lobo e até ao Brazil chegam suas obras e caridade» P. Fernão Cardim, *ob. cit.*, pag. 82. Theophilo Braga na *Eschola de Gil Vicente*, pag. 335, escreve que o P. Alvaro Lobo «na missão do Brasil seguiu o exemplo de Anchieta ensaiando a forma dramatica do auto», mas o P. Lobo nunca missionou no Brasil. Em Portugal escreveu a *Chronica da Companhia de Jesus*, que depois poliu e publicou o P. Telles, traduziu para português o *Martyrologio Romano*, e falleceu em Coimbra no anno de 1608.

(3) Fernão Cardim, *ob. cit.*, pag. 30.

*
* *

A musica, a pintura e a architectura nunca os Jesuitas as cultivaram de proposito nem crearam escola que formasse artistas. O renome que no campo das artes se grangearam justamente outras Ordens religiosas, como a dos Benedictinos e Dominicos, não o ambicionou a Companhia de Jesus. Occupada na grande obra da salvação das almas emprega com ardor os meios que primaria e directamente conduzem para esse fim nobilissimo; dos outros lança mão, quando as conveniencias lho aconselham ou as circumstancias lhos offerecem.

Foi assim que os Jesuitas que se distinguiram nalgumas daquellas artes, ou entraram na Companhia já mestres, ou se formaram por inclinação e talento particular. Artistas seculares suppriam a falta dos proprios, quando estes minguavam.

A *musica* emprestava-lhes frequentemente as suas melodias para realçarem o brilho das festas escolares, para augmentarem o culto das igrejas, e tambem para attrahirem suavemente á fé de Christo os gentios de além-mar.

Particularmente no theatro encontrava bom emprego a arte musical para os coros que, segundo as regras classicas, iam interpretando no decorrer da acção os sentimentos dos actores, e com frequencia encarecem documentos contemporaneos a perfeição de musica e vozes, que suspendiam suavemente a assembleia dos espectadores.

Acho noticia que o Jesuita *P. José Leite* compusera a musica para o drama allegorico intitulado *Angola Triumphante* e contou a Gazeta de 25 de Julho de 1720

que nesse drama havia côro excellente de vozes e instrumentos (1).

Nas funcções sagradas dos tempos christãos é que os Jesuitas dispendêram não raramente maior luxo de musica, bem justificado pelo fim santo de elevarem os corações dos homens á grandeza de Deus. Particularmente nas festas solennes realizadas na igreja de S. Roque, muita vez com a assistencia da familia real e da nobreza, a musica augmentava grandiosamente a magestade das ceremonias religiosas.

Em 1676 o arcebispo de Calcedonia, Nuncio de Lisboa, noticiava para Roma que D. Pedro II fôra a S. Roque para assistir á festa de S. Ignacio, celebrada com apparato magnifico e musica primorosa (2).

Annos mais tarde, em 1713, introduziu-se o costume de cantar no ultimo dia do anno o *Te-Deum* em acção de graças, e logo se começou a fazê-lo com pompa solennissima.

Em 1718 já recreava os animos de todos a harmonia de vozes, com que o povo, apinhado na igreja, respondia ao côro dos musicos (3).

Mas em 1719 subiu de ponto a solennidade. O Jesuita *P. Christovão da Fonseca* pôs em musica o hymno do *Te-Deum* com tal arte que os mais entendidos confessaram ser obra de valor mais que vulgar. Quinze coros haviam de ter parte no canto, e como nenhum outro mestre se atrevesse a regê-los, o proprio auctor

(1) *Portugal, Dicc. Hist.*, IV, 733.

(2) «Il 31 Luglio S. A. fu nella chiesa di S. Roque a visitarla per la festa di S. Ignazio, fatta con superbo apparato e musica esquisita». *Arch. Vat., Nunz. di Port.*, 81, 3 de Agosto, 1676.

(3) *Franco, Synopsis Ann.*, 1713, 1718.

houve de tomar o compasso e dirigir a complicadissima execução da peça. As vozes mais escolhidas e os melhores instrumentos de Lisboa resoaram aquelle dia no vasto templo, e aos coros responderam os numerosos estudantes dos collegios da Companhia de Jesus. Nunca houve em S. Roque mais lustrosa concorrência: assistiram os reis, os infantes, o cardinal inquisidor, o nuncio, o patriarcha, os embaixadores, duques, marqueses, condes e o mais distincto da fidalguia de Lisboa (1).

Para as missões servia a musica de meio suavissimo de propaganda religiosa. Na India desde os primeiros annos de apostolado tiveram os Jesuitas aula de musica no seminario de S. Paulo de Goa (2) e nas serras do Malabar o arcebispo *D. Francisco Garcia*, Jesuita, tambem ensinava solfa aos meninos indigenas, para que as procissões e funcções do culto se celebrassem com particular asseio e perfeição (3).

No Brasil a musica enlevava com particular suavidade os Indios neophytos, segundo conta o P. Fernão Cardim. "Em todas estas tres aldeias, diz este escriptor, ha escolas de ler e escrever, aonde os Padres ensinam os meninos Indios; e alguns mais habeis tambem ensinam a contar, cantar e tanger; tudo tomam muito bem e ha já muitos que tangem frautas, violas e cravo, e officiam missas em canto de Orgão, coisa que os Paes estimam muito" (4).

(1) Franco, *Synopsis Ann.*, 1719.

(2) *Oriente Conq.*, P. 1, C. 1, D. 1, § 47.

(3) Franco, *Imagem da V...* Evora, pag. 435.

(4) *Narrativa epistolar*, (1847, Lisboa) pag. 47, Cardim refere-se neste passo ás aldeias do Espirito Santo, de S. Antonio e S. João, situadas perto da Bahia. Escrevia sobre os annos de 1583 a 1590.

Na Ethiopia os Padres *Luís Cardeira* e *Francisco Marques* ensinaram os Abexins a cantar e tocar instrumentos com tão bom resultado que "em breve tempo formou sua capella, com a qual se celebravam mais apparatosamente os officios divinos (1). "Foy o P. Luís Cardeira, como testemunha Balthazar Telles, musico muy superior, tangia órgãos com toda destreza e tocava todos os mays instrumentos, e ensinou a muytos estas artes, assim na India como em Ethiopia, aonde foy o primeiro, que ensinou aos Abexins a arte do canto" (2).

Na China porêem talvez mais que em parte nenhuma, prestou a musica enormes serviços aos Missionarios, para promoverem os interesses da fé christã e conservarem a benevolencia do Imperador, tão arriscada a melindres de consequencias desastrosas.

O *P. Thomás Pereira* com o seu grande conhecimento da musica e rara habilidade em fazer instrumentos contentava summamente o Monarcha chinês. Elle mesmo em cartas escriptas para a Europa dá noticia de seus engenhosos artefactos e do motivo por que se dava a occupações deste genero.

Ao P. Assistente de Portugal em Roma escreve, a 10 de junho de 1682, sobre uns órgãos que fabricára para o Imperador e accrescenta: "Bem sei que *primo intuitu* será extranho ao olho português o Apostolo na Missão entre tantas gaitas; mas espero no Senhor, cuja maior gloria se canta com ellas, e a cujo fim se tempêrao, que entre ellas me levará com outros muitos a gozar de si, ultimo e adequado fim de todos nossos intentos".

(1) Franco, *Imagem...* Evora, pag. 270.

(2) *Historia Geral de Ethiopia*, pag. 636, 682.

E em carta de 30 de Agosto de 1681 desta maneira se exprime sobre a necessidade de conciliar, também por estes meios, a benevolencia do Imperador. "O milagre contínuo que o Senhor aqui obra, e grande, he o conservarnos nesta Corte com a benevolencia do Imperador por tantos annos... E nós para acompanhar a divina providencia procuramos por todos os meios licitos, ainda que de alguns vituperados, fomentar *per infamiam et bonam famam* esta benevolencia, em que se sustenta efficazmente esta missão: pois faltando aquella peresse esta: nem se acha humano meio mais proporcionado a sua conservação. Isto fazemos, inventando cousas curiosas e scientificas de que o imperador faz digna estimação"...

Um dos órgãos que muito satisfiz o monarcha, descreve-o o P. Pereira em carta de 1 de Agosto de 1683: "...Dava tãobem... principios a novos órgãos, que o Emperador depois de muitos já, quiz lhe fizesse de novas invenções: hum dos quaes levantado em altura de 12 braças tange de si sem tangedor mudanças chinas, a que o Senhor, cuja gloria, in cymbalis benesonantibus, (de que também constava a machina, incluindo em sy huma ordem de campaynhas bem temperadas, que ao som do órgão toção de si as mesmas mudanças a compaço) tãobem se acha, deu o successo desejado. Foi notavel o applauso que teve a novidade ajuntando-se-lhe a occorrença de publicas comedias, a que o Emperador por 10 dias assistia, congratulando-se com o povo a paz universal do Imperio, a cuja vista na sobredita altura, tangendo o nosso órgão de si mesmo com suas campaynhas, fasia suberba figura, da qual se disserão cousa tais, quais a mim me não convem escrever..."

Os applausos que despertara o órgão que o mesmo P. Pereira fabricara para a Igreja de Pequim, assim os conta elle na carta de 30 de Agosto de 1681, escrevendo de terceira pessoa: "Pello que fez aqui o mesmo Padre, que a sima, outro órgão, que inclúe em si 4 de diversas vozes entre si... cujo mayor canudo será comprido mais de duas varas de medida. Colocou-se este anno na Igreja: e foi tal o aplauso e concurso que teve, que fomos obrigados a por soldadesca na Igreja e seu pateo, para evitar desordens dos gentios; e da muita turba que concurrea a ver, e ouvir cousa nunca vista nem ouvida em sua Corte: sendo obrigado o Auctor a tanger mais de hum mez inteiro cada dia muitas horas, e muitas dellas a cada 4.º para dar vasão a muita gente que corria e se renovava a cada quarto de hora... Causa notavel foi o aballo que fez nesta Corte o som do nosso órgão nos ouvidos dos gentios, dos quaes muitos, deixando-o penetrar aos da alma, dedusindo della argumento para a ley com a paridade das suas, tomão muitos resolução de seguir a verdadeira, que he o mais desejado fim de nossos desejos".

Com o P. Pereira também o *Ir. Manuel Rodrigues*, macaense, gozava a estima do Emperador pela solfa, que sabia, e destreza com que tocava instrumentos musicos, segundo no-lo refere o P. Miguel do Amaral em carta de 18 de Outubro de 1688 (1).

* * *

A *pintura*, além do emprego que della se fazia nas decorações magnificas dos theatros escolares, utiliza-

(1) Todas estas noticias as tirei de cartas autographas dos PP. Pereira e Amaral, as quaes tenho em meu poder.

vam-na os Jesuitas quase exclusivamente para promover a piedade nos templos e adornar seus collegios com imagens de devoção. Nas igrejas que fabricaram se admiravam quadros de não somenos valor.

A pintura que decora o tecto da igreja de S. Roque, inaugurada em 1573, assim a descreve Telles no seu estilo culto: "Acabado o madeiramento do tecto, o forraram pela parte convexa de bordo de obra chã, e raza, sem artezões, nem molduras, porque tratavam de o animar com pintura: pera isto se traçaram tres valentes desenhos, pelos melhores, e mais primos officiaes de Lisboa, porém o que mais contentou aos peritos, he o que hoje aly vemos: a ordenança da obra he de grande architectura, avulta muito ao longe, tem conhecidos primores, notaveis arremeços, grandes valentias da arte; mostrando-nos (entre curiosos emblemas, entre fermosas tarjas, e engraçados brutescos) varios passos da sagrada Escripura, e representando-nos á vista quatro arcos tãobem fingidos, que parece sustentam o mesmo tecto, e entre elles se vêem huns zimborios abertos, e humas cupulas tãobem representadas, que com hum alegre engano festejam os olhos ver-se enleados quando cuydam que o vam destes zimborios passa muito avante, e sobe ao alto, escondendo-se entre as sombras reflexas, e entre os repercussos da pintura..." (1).

Na casa professa contigua á igreja pintou-se mais tarde, pelos annos de 1737, um grande quadro que symbolizava os varios ministerios da Companhia e o premio que os havia de galardoar. Occupava elle de alto a baixo todo o lanço do corredor, por onde entravam os

(1) *Chronica*... P. II, C. xxv, pag. 111.

seculares. Na pintura tudo era vida e movimento. Uns ouvem confissões no tribunal da penitencia, outros pregam; aqui leccionam nas aulas, acolá distribuem esmolas ás grades das prisões; estes ensinam catecismo nas praças, aquelles ajudam os doentes a bem morrer; além acompanham os condemnados ao patibulo. Avulta no quadro a imagem de S. Teresa, como arrebatada em extase e o esquadrão bem formado da Companhia com a bandeira branca á frente, caminhando ao encontro de Jesus seu capitão. Inscricção elegante explica o symbolismo da pintura (1).

O templo do Collegio de Evora, cuja inauguração se festejou no dia de Paschoa de 1573, e o tecto da igreja de Santarem diz Franco nos seus Annaes que eram aformoseados de pinturas excellentes (2).

Pintores Jesuitas de algum nome poucos me vieram á noticia. O *P. Manuel Alvares*, que entrou na Companhia em 1549 e navegou para a Índia, onde falleceu

(1) « Pios hujus domus abores aptius, quam pagina, refert tabula de novo addita quae totum pergulae parietem, qua parte ad colloquium admittantur externi, a subselliis ad tectum usque obteggit. Ibi vero omnia Societatis nostrae ministeria destinatumque operariis praemium ad vivum exprimuntur. Audituri confessiones in templo sedent, concionantur, praelegunt in aulis; eleemosinas ad ferreos carceris cancellos distribuunt; catechesim docent in plateis; in domibus juvant morituros, capite damnatos comitantur ad patibula; ubi picturae limbus ministerium quodque discriminat, legitur: *Societas in templis = in aulis = in carceribus = in plateis = in domibus = in patibulis*. Bonam tabulae partem Sancta Mater Theresia, velut extra se raptata, occupat, et instructissimum Societatis agmen candida vexilla praeferens ad Jesum Ductorem suum properans intuetur. Picturae denique sensum aperit inscriptio elegans ». *Mss. Soc. J., Lus. 54, Litt. ann., 1734-1737, f. 271.*

(2) Franco, *Synopsis Ann.*, 1574, 1687.

em 1571, deixou bons quadros, como o de N. Senhora da Palma no Collegio de Coimbra; e no de S. Paulo de Goa, segundo conta o P. Sebastião Gonçalves, delineou pinturas de grande preço (1).

O *Ir. João de Mayorga*, aragonês, um dos 40 martyres do Brasil, era bom artista e fez com primor quatro copias da Imagem da Senhora de S. Lucas e outros quadros no retiro de Valle de Rosal (2).

Artistas de maior inspiração foram os dois Irmãos Coadjuutores Domingos da Cunha e Manuel Henriques; ambos vieram á Companhia já mestres na arte e na Companhia a exercitaram.

Domingos da Cunha, fallecido em 1644, gozava credito de tão insigne pintor, que "não havia fidalgo, que não procurasse ter nas suas salas e galarias pinturas da sua mão. Depois de ser Jesuita pintou só para o Noviciado de Lisboa mais de cinquenta paineis e já nos ultimos annos de sua vida tirou muito ao natural e com muita perfeição o retrato del-Rei D. João IV (3).

Manuel Henriques, a quem chamavam o *pintor santo*, fez no Collegio das Artes o retrato de D. João III, que se collocou na sala dos estudos, e quase todas as pinturas que se vêem naquella Collegio; no de Evora pintou a vida de S. Ignacio e muitas das obras que são ornamento da casa, e finalmente enriqueceu o Santuario de N. Senhora da Lapa, em que falleceu no anno de

(1) Mss. Soc. J., Lus. 64, f. 328; Franco, *Imagem... Coimbra*, II, pag. 359, 373.

(2) Franco, *Imagem... Evora*, pag. 215; *Imagem... Coimbra*, II, pag. 86.

(3) Franco, *Imagem... Lisboa*, I, pag. 486, 487.

1654, com as pinturas dos milagres feitos por aquella devota imagem (1).

*
* *

Em *Architectura* mais numerosas e importantes foram as obras dos Jesuitas portuguezes que as levantaram monumentaes nas varias partes do mundo. E tantas foram ellas que se chegou a classifica-las, com as dos Jesuitas de outras nações, sob a epigraphe de *estilo jesuitico*. Mas esta denominação não é rigorosa, antes muito impropria, sendo verdade que os Jesuitas não inventaram estilo architectonico e sòmente se accommodaram com o estilo do tempo e dos paizes que habitavam. Tiveram a pouca sorte de apparecer no mundo, quando as artes declinavam da sua perfeição classica.

"Havemos de censurá-los, escreve o protestante Monod, por não terem produzido grandes artistas? Havemos de lançar-lhes em rosto o chamado *estilo Jesuitico*? E que culpa tiveram elles de nascer no tempo em que todas as artes estavam em decadencia? Mas este estilo não o inventaram elles; receberam-no de Vignola e de seus discipulos" (2).

(1) Franco, *Imagem... Coimbra*, I, pag. 795, 796.

(2) H. Boehmer, *Les Jésuites*, Introdução de G. Monod pag. LXXV: Faudrait-il aussi leur reprocher de n'avoir point produit de grands artistes et leur faire un crime de ce qu'on a appelé «le style Jésuite»? Ce n'est pas leur faute s'ils ont pris naissance au moment où tous les arts étaient en décadence. Et ce style jésuite, ce n'est pas eux qui l'ont inventé. Ils l'ont reçu de Vignole et de ses élèves.

Cf. na Revista *Stimmen aus Maria Laach*, vol. 87, pag. 545 segg., um artigo intitulado *Jesuitenstil* do especialista no assumpto, P. José Braun, que reprova a denominação de estilo jesuitico taxan-

Não obstante porêm os defeitos da escola, a verdade obriga-nos a confessar que muitas das obras architectonicas de Jesuitas e com particularidade as igrejas, são ainda hoje verdadeiros monumentos. Os collegios levantavam-nos sobretudo grandiosos, porque eram destinados geralmente a acolher numerosas comunidades e multidões de alumnos externos. O de Coimbra, o de Evora e o de S. Antão bem o mostravam nas suas espaçosas dimensões.

Na construcção dos monumentos sagrados a ideia da grandeza divina é a que sobre todas inspirava os architectos. Por isso os seus templos, se não primam pela sobriedade, elegancia e bom gosto das obras classicas, admiram e muita vez deslumbram pela riqueza e magnificencia.

Além disso os Jesuitas fabricavam as suas igrejas não tanto para alardear finezas de arte, como para levantar a Deus o coração do povo, a quem impressiona sobretudo a grandiosidade e a opulencia (1). E como eram especialmente destinadas a receber grandes auditorios que ouvissem com facilidade a palavra de Deus e sem estorvo assistissem ás cerimoniaes religiosas, não as

do-a de invenção do seculo XIX, nascida não do exame das igrejas e historia dos Jesuitas, mas de preconceitos sectarios. O estilo das igrejas da Companhia, diz elle, era o da terra, onde se construiam. Se dominava o gotico, tambem os Jesuitas o adoptavam nos desenhos de seus templos; se a renascença ou o baroco, a este se accommodavam.

(1) Segundo o protestante Dr. Nauman foram os Jesuitas os que melhor entenderam a necessidade de tornar bem sensiveis ao povo os mysterios da Religião: «Niemand hat dieses Bedürfnis des Volkes richtiger erkannt, besser eingeschätzt als der Jesuitenorden." *Der Jesuitismus*, pag. 121.

traçavam ordinariamente divididas em muitas naves, mas alargavam-nas em um corpo central vastissimo, ladeado por numerosas capellas.

Tal foi a traça da igreja de S. Roque de Lisboa, em cuja fabrica se assentou, como escreve Balthazar Telles, "que se fizesse a Igreja de huma só nave, por ficar desta maneira mais desabafada, com mais luz e muito mais accommodada pera de toda a parte os ouvintes se aproveitarem da palavra de Deus, nam sòmente ouvindo, mas tambem vendo o prègador (1). Sobre a architectura e belleza do templo assim escreve penna autorizada: "Trasposto... o portico, se não se recebe uma inesperada sensação de grandeza e magestade, fica-se todavia agradavelmente impressionado, e muito maior seria o effeito se a capella-mór, de acanhadas proporções, fosse mais profunda. De uma só nave, bastante larga e extensa, na pintura do tecto, nos quadros que revestem as paredes, nas capellas lateraes, não faltam motivos de recreio para a vista do espectador mais exigente. Gradeamentos de pau santo torneado ou de mosaico florentino: rica obra de talha, pinturas, que não são para desprezar, paineis de azulejo, alguns dos quaes, como os da capella de S. Roque, de bello colorido e de um fino estylo do renascimento, firmados

(1) *Chronica*, II, pag. 109. A igreja começou a construir-se de tres naves; mas logo se alterou o plano, sem duvida para obtemperar a observação vinda de Roma, donde o Geral Francisco de Borja dizia no anno de 1568 que as «nossas igrejas fossem de uma nave, como havia de ser a de Roma». Cf. Mss. Soc. J. *Congr.* 41, *acta Congr. prov.* 1568, f. 219; *Lus.* 63, f. 34, carta de Torres a Borja, Lisboa 14 de março de 1569.

pelo nome de um artista nacional, eis os principaes attractivos do templo fundado pela Ordem de Jesus" (1).

"Ha, quanto a mim, escreve tambem o Sr. Visconde de Castilho, uma desusada serenidade, um repouso singular n'aquella architectura austera e grande, onde pela muita largura do templo, de uma só nave e todo desobstruido, dominam as longas parallelas horisontaes, affirmadas ainda, segundo as regras estheticas, pelas series verticaes das varias capellas e prumadas de alvenaria. Sente-se o espirito dominado logo de uma idéa accessivel de ordem, subjugado por não sei que symetria compassada, fria sem duvida, mas de um indizivel character de ascetismo e de um encanto que nos conchega, se nos não eleva, para a oração. Não ha os raptos ideaes e apaixonados da ogiva, mas ha uma serena confiança que restaura. Mora alli o pensamento classico da renascença, mui succintamente expresso..." (2). Enriquece a este templo a joia preciosissima da Capella de S. João Baptista, fabricada em Italia por ordem de D. João V.

A igreja do Collegio de S. Antão, arruinada pelo terremoto de 1755, era a mais vasta e rica de Lisboa, monumento notavel pela variedade, belleza e finura dos marmores, pelo primor das esculpturas, intelligente distribuição dos ornatos e harmonia de todas as suas partes. Foi inaugurada no anno de 1652. A sacristia, que ainda conserva hoje toda a magnificencia primitiva, é a capella do Hospital de S. José (3).

(1) Sousa Viterbo e R. Vicente d'Almeida, *A Capella de S. João Baptista* (Lisboa, 1900), pag. 11.

(2) Lisboa Antiga, I, pag. 155.

(3) Cf. Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal* VI, pag. 607; Franco, *Synopsis Ann.*, 1705, onde descreve da seguinte maneira a

São ainda monumentos de boa architectura a magestosa igreja do Collegio de Coimbra, hoje cathedral, a do Collegio de Evora, a de Braga e a de Santarem (1).

No Brasil tambem os Jesuitas levantaram templos magnificos. Bem o apregoam entre outros a soberba cathedral da Bahia, e a de S. Luís do Maranhão, da qual escreveu o chronista que era "o mais nobre templo da cidade" (2).

riqueza de marmores que adornam o altar mór da igreja: «Pegma ex marmoribus pretiosissime politis et omni lapidum varietate fabricatum ac magnis ex jaspide columnis fultum Ulyssipone par non habet». Veja-se no *Panorama*, Vol. 13.º, pag. 288 segg., a minuciosa descrição da riqueza e formosura deste grandioso templo.

(1) Sobre o Collegio e igreja de Santarem escreveu Garrett nas *Viagens na minha terra* (Lisboa, 1904) II, pag. 245: «Cá estamos no Collegio, edificio grandioso, vasto, magnifico, propria habitação da Companhia-rei que o mandou construir para educar os infantes seus filhos. Creio que esta e a de Coimbra eram as duas principaes casas, que para isto tinham os jesuitas em Portugal... O edificio do collegio é todo philippino, já o disse: a igreja dos mais bellos specimens desse estylo, que em geral secco, duro e sem poesia, não deixa comtudo de ser grandioso». Garrett, como romantico, não se julgou obrigado a exprimir com exactidão a verdade historica. O Collegio era primitivamente palacio real, que D. João IV deu aos Jesuitas no anno de 1647. Da antiga morada que tinham junto á ermida de S. Sebastião, para alli se passaram em solennissima procissão no anno de 1651, prégando na solennidade o P. Antonio Vieira. Nunca foi das casas principaes, que para educação de Jesuitas tinha a Companhia de Jesus em Portugal; era apenas Collegio de alumnos externos e nos Collegios de Coimbra e Evora é que se formavam nas letras os membros desta Ordem religiosa. A igreja que tinha como orago a Immaculada Conceição, foi inaugurada em 1687; mas o altar mór, de marmores riquissimos, só se concluiu em 1715. Cf. Franco, *Synopsis Ann.*, 1687, 1715.

(2) José Moraes, *Hist. da Companhia de Jesus no Maranhão*, pag. 15.

Em Goa edificaram o grandioso templo de S. Paulo de tres naves, que o tempo converteu em ruínas, e a igreja do Bom Jesus, que ainda hoje com a sua magnificencia recorda a grandeza da antiga metropole portuguesa do Oriente. "A sumptuosa igreja e a magestosa Casa Professa de Bom Jesus, escreve Caetano de Sousa, não carecem de belleza de architectura... são, por assim dizer, obras originaes pela graciosa união do simples com o grandioso" (1).

Na mesma cidade campeava o Collegio novo de S. Paulo "edificio soberbo de quatro andares, que fazia admirar-se não só pelo estylo magnifico da sua architectura, mas ainda pelas suas dimensões gigantescas" (2). Por muito tempo se visitaram com interesse, ainda no seculo XIX, as ruínas magestosas deste Collegio. Depois até os vestigios desappareceram do grandioso monumento (3).

Architectos Jesuitas de mais nome só aponto o *P. João de Faria* que lançou os arcos gigantescos de S. Paulo de Goa; o *P. Silvestre Jorge*, que pelos extraordinarios conhecimentos de architectura muito ajudou a Companhia na fabrica de seus collegios, particularmente no de S. Antão; o *P. João Delgado*, que dirigiu as obras da casa e igreja do Noviciado de Lisboa, hoje Escola Polytechnica; o *P. Bartholomeu Duarte* que desenhou e construiu o Collegio de Villa Nova de Portimão; *Francisco Dias*, que trabalhou na construcção da Igreja e Casa de S. Roque, e *Domingos Fernandes*, na-

(1) *Instituições Portuguezas no Oriente* (Bombaim, 1890) pag. 79, 80.

(2) C. de Sousa, *ob. cit.*, pag. 67.

(3) C. de Sousa, *ob. cit.*, pag. 74.

tural de Mello, que edificou a Casa Professa de Goa (1).

*
* *

Vimos de relance a architectura dos Jesuitas; saibamos agora como se aproveitaram da *Arte typographica*. Em Portugal estabeleceram duas typographias, uma na Universidade de Evora e outra no Collegio das Artes de Coimbra.

A Imprensa de *Evora* foi aquella em que os Jesuitas se estrearam no anno de 1657. O P. Miguel Tinoco, procurador enviado a Roma pela provincia Transtagana em 1655, alcançou do P. Geral Goswin Nikel a necessaria licença, e para a installação veio de Flandres o Coadjutor Jorge Serazim. Pretendeu este levar a typographia para Lisboa com intentos lucrativos, mas a Direcção da Academia oppôs-se, visto que ella fôra conce-

(1) A primeira planta do Collegio de S. Antão foi traçada por Balthazar Alvares, architecto mór d'El-rei; como porém demandasse grandes gastos, depois da morte de D. Henrique se encurtou a obra pelas medidas da nova planta que fez e executou o P. Silvestre Jorge. Sobre esta planta escreve para Roma em 1581 o P. Christovão de Gouveia, reitor do Collegio: «La traça que hizo el P. Silvestre Jorge... ha contentado aca mucho y parece ser la mejor de todos los Collegios desta provincia, segun dicho comun, por ser llana y bien acomodada al sitio y al buen orden del Collegio...» Mss. Soc. J., Lus. 68, f. 296. Silvestre Jorge era natural de Nogueira no bispado de Coimbra, entrou na Companhia em 1550 para Coadjutor, mas em 1561 mandaram-no estudar e ordenar-se de Sacerdote, e falleceu em 1608 no Collegio de Coimbra. Cf. Mss. Soc. J., Lus. 43, f. 257, Lus. 68, f. 12; Franco: *Imagem da V... Evora*, pag. 173, *Synopsis Ann.*, 1608, *Imagem da V... Lisboa*, pag. 11; Sousa, *Or. Cong. P. II, C. I, D. II*, § 28, 69.

dida, não para ganancias, mas para proveito da Universidade (1).

Grande numero de obras saíram desta imprensa até o anno da expulsão da Companhia de Jesus. Em 1659 imprimiu os *Commentarios* de Vellez á grammatica do P. M. Alvares; em 1665 estampou o *Speculum Parochorum* do P. Sebastião de Abreu; em 1677 o *Compendio de Lógica Conimbricense* do P. Carvalho; nos annos de 1717, 1720 e 1724 sucessivamente os tres tomos de *Sermões do P. Manuel dos Reis*; em 1719 o primeiro tomo da *Imagem da Virtude do Noviciado de Coimbra*, e nos annos de 1697, de 1723 e 1750 novas edições, da *Prosodia* do P. Bento Pereira.

A segunda Imprensa dos Jesuitas portugueses foi a que installaram no Collegio das Artes em 1710, uma das mais notaveis que tem havido em Coimbra, diz Joaquim Martins de Carvalho. "É admiravel, escreve o mesmo douto investigador, o numero de obras que nella se imprimiram durante os 49 annos que existiu. Era esta imprensa abundantissima em variedade de typos, havendo-os alli da lingua grega, o que raras impressas possuiam. Era procurada a imprensa dos Jesuitas até de Lisboa e Porto..." (2).

Lá se imprimiram obras como os *Exercícios Espirituaes* do Padre A. Carneiro logo em 1710, a *Grammatica grega* de Clenardo em 1712 e 1729, os quatro primeiros volumes do *Vocabulario de Bluteau* em 1712 e 1713; a *Imagem da Virtude em o Noviciado de*

(1) Cf. Franco, *Synopsis Ann.*, 1657.

(2) *Apontamentos para a Historia Contemporanea* (Coimbra, 1868), pag. 310, 338.

Lisboa em 1717, e o segundo volume da *Imagem da Virtude em o Noviciado de Coimbra* em 1719, obras ambas de A. Franco; as *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia* de D. Sebastião Monteiro de Vide em 1720; a segunda edição das *Constituições do Bispado do Porto* de D. João de Sousa em 1731. O movimento da imprensa era tão consideravel, que nos sete annos decorridos de 1716 a 1723, apesar de haver cinco typographias em Coimbra, gastou pelo menos 2:787 resmas de papel. Em 1759 converteu-a Pombal em typographia da Universidade (1).

Mas passemos ás regiões de além-mar, onde por ser maior e mais urgente a necessidade, introduziram os Jesuitas muito cedo maior numero de typographias. A primeira que estampou livros na India foram os Jesuitas portugueses que a assentaram em Goa no anno de 1556. Levou-a de Portugal o Patriarcha de Ethiopia D. João Nunes Barreto que nesse anno aportára á India. Começaram logo as prensas a trabalhar, pois nesse mesmo anno imprimiram umas *Conclusões* que os estudantes de philosophia defenderam em acto publico; e no seguinte o *Catecismo* composto por S. Francisco Xavier. O primeiro impressor foi o Coadjutor João de Bustamante, espanhol de Valencia (2).

(1) Cf. *O Conimbricense*, citado por Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal*, vi, pag. 406.

(2) Cf. *Rerum Aethiopicarum Scriptores*, x, pag. 55-61, 62-67, carta do P. Gaspar Calça, Lisboa 30 de Abril de 1556, e outra do Patriarcha D. João Nunes Barreto, Goa 6 de Novembro do mesmo anno; *Mon. Hist. Soc. J., Litt. Quad.* iv, pag. 351, carta de Ignacio de Azevedo, em Maio de 1556; Sousa, *Oriente Conq.*, P. 1, C. 1, D. 1, § 23; Rodeles, *Imprentas de los Antigos Jesuitas*, pag. 5-7. — Segundo estas noticias seguras, dadas como foram pelas cartas de

Depois do Catecismo deu a imprensa de Goa uma serie de obras scientificas e religiosas com que os Jesuitas illustraram aquelles povos, tão faltos das luzes da fé e da sciencia. Em 1563 estampava os *Coloquios dos Simples e drogas* de Garcia da Orta, e no principio do livro a poesia que o nosso Camões fizera ao Conde de Redondo, Vice-Rei da India. Foi esta a primeira poesia do grande epico publicada pela imprensa (1).

Os prelos da mesma typographia imprimiram no anno de 1642 em caracteres ethiopicos o *Magseph asse-tat* do P. Antonio Fernandes, a terceira edição do famoso *Purâna* do P. Thomás Estevão em 1654, e em 1658 a volumosa obra de concionatoria em lingua concanî do P. Miguel de Almeida.

Em Rachol no Collegio de S. Ignacio fundaram os Jesuitas outra imprensa que esteve em acção pelo menos de 1616 a 1668. Entre as obras que estampou,

testemunhas de vista, se tira a incerteza dos escriptores em assignar o anno á introdução da Imprensa na India. Vide Caetano de Sousa, *Instituições Port.*, pag. 51 segg. No Congresso dos Orientalistas de Florença de 1878, disse Gerson da Cunha ser desconhecido o anno preciso em que a typographia começara a funcionar em Goa, e contentou-se com lhe marcar o tempo da construção do Collegio de S. Paulo. « The exact date of the introduction of the press into Goa is unknown; most probably about the time the college of St. Paul was built where it was established ». *Atti del IV congresso...* T. II, pag. 186. — Nas primeiras obras impressas em Goa veem noneados, como impressores, João de Endem, João Quinquenio ou Quinquinio. Serão, de feito, nomes de impressores diversos ou antes pseudonymos de João de Bustamante, o mencionado typographo, que por esse tempo estudava no Collegio de S. Paulo, onde se installara a imprensa, e se ordenou de sacerdote em 1584?

(1) Cf. Theophilo Braga, *Camões, obra Lyrica e epica* (Porto, 1911), pag. 745; Caetano de Sousa, *Instituições Port.*, pag. 55.

menciono a primeira e segunda edição do *Purâna* do P. Estevão em 1616 e 1649, e a *Arte da lingua concanica* do mesmo auctor, saída dos prelos em 1640.

“A maior parte das obras das impressas de Goa e Rachol, escreve Gerson, foram estampadas em caracteres romanos. Os primeiros missionarios portuguezes não tinham regras convencionaes ou systema baseado no valor phonetico das letras para a accommodação do seu alphabeto aos alphabetos dos orientaes. Cada escriptor interpretava o som por sua maneira particular de *transcripção*, dando com isto ensejo a um systema de romanização confuso e caprichoso. Como porém o alphabeto português seja mais regular que o inglês, aquelle systema era mais exacto que os innumeraveis propostos por orientalistas ingleses...” (1).

“De facto o systema de transcripção, diz o *Truebner's Record*, que elle [P. Estevão] empregou no *Purâna* e na *Grammatica de Concani*, é merecedor da nossa admiração. Baseia-se na pronunciação portuguesa do alphabeto; é porém exacto e sem deficiencias e até nossos dias usado pela numerosa população catholica do Concan na costa occidental da India” (2).

(1) «Most of the Works printed at Goa and Rachol were in the Roman character. The early Portuguese missionaries had no conventional rules or system based on the phonetic value of letters for the application of their alphabet to the Eastern vernaculars. Each writer interpreted the sound by his own mode of transcription, giving thus rise to a confused and capricious system of romanization. But the Portuguese alphabet being more regular than the English, their system was far more accurate than the innumerable ones proposed for adaption by several English Orientalists...» *Atti del IV Congresso...* T. II, pag. 188.

(2) *Truebner's Record*, 1872, pag. 258, citado por Dahlmann, *Die Sprachkunde*, pag. 15.

Mas os zelosos missionarios não se davam por satisfeitos com aquella tal qual perfeição e bem cedo começaram a formar typos indianos. Foi o *Ir. Coadjutor João Gonçalves*, de nação espanhol, o primeiro que os cortou para a lingua *Malayálam* no anno de 1577 e com esta industria se estabeleceu typographia em *Vaipicota*, perto da fortaleza de Cranganor. A primeira obra que deu a nova imprensa, foi um *Catecismo*, e não ajudou pouco para grangear o agrado dos naturaes a novidade de verem um livro impresso na sua terra com os caracteres peculiares da sua lingua (1).

O terceiro Concilio de Goa deu grande impulso a esta typographia, determinando que se traduzissem "na lingua suriana e malabar, como escreve F. de Sousa, alguns livros muito necessarios ao bem daquella Igreja e obedecendo os Padres da Companhia a este Decreto traduziram de Latim em Suriano uma exposição dos quatro Evangelhos, outra do Pentateuco, as vidas dos Apostolos e outros Santos, um livro de Sacramentis, o officio Romano de Nossa Senhora, os exorcismos de Santo Ambrosio e um Ritual: e compuzeram na lingua Malabar um confessionario copioso, a doutrina christã, praticas para todas as Domingas e festas principaes do anno e verteram o Catecismo Romano" (2).

(1) O *Ir. J. Gonçalves* falleceu em opinião de Santo no Collegio de S. Paulo de Goa em 1579 tendo vivido na Companhia 25 annos. «Era ferreiro insigne e muito particular de relógios, que fabricava com admiravel subtiliza.» *Oriente Cong.*, P. II, C. I, D. II, §§ 12, 33.

(2) *Or. Cong.*, l. c. § 106.—Pelos annos de 1602 fundou-se nesta região mais uma imprensa chaldaea, com os typos que o Papa Clemente VIII mandou pelo P. Alberto Laercio. Cf. *Guerreiro, Relação Annual...* (Lisboa 1607) f. 119.

No anno seguinte á inauguração da Imprensa de Vaipicota, começava a exercer actividade benefica a typographia de *Punicale*, "pela rara habilidade do P. João de Faria, como se lê no Oriente Conquistado, o primeiro que abriu e fundiu os caracteres da lingua Tamul na Costa da Pescaria, com os quaes se imprimiu este anno o *Flos Sanctorum*, a doutrina christã, um copioso confessionario e outros livros, por onde os Padres aprendiam a ler e escrever. Admiraram aquellas Provincias a nova invenção e assim os christãos como os gentios buscavam e estimavam muito os livros impressos" (1).

Mais tarde estabeleceram os Jesuitas outra Imprensa em *Ambalacata*, que se tornou famosa pelas obras importantes que estampou. Alli foram impressas obras tamulicas do P. Roberto de Nobili pelos annos de 1673, e em 1678 o grande *Vocabulario Tamulico* do P. Antão de Proença. Sobre esta Imprensa se lê no *Truebner's Record*, que "alcançou na historia das typographias a mesma fama que a de Goa" (2).

Da India passemos á *China*. Em *Macau* tambem os Jesuitas puseram em actividade as prensas typographicas. Em 1590 publicavam no seu Collegio a obra do P. Duarte de Sande intitulada *De missione legatorum japonensium... Dialogus*, e em 1620 a *Arte Breve da lingua japoã* do P. João Rodrigues.

No interior do Imperio chinês não tiveram os missionarios que estabelecer impressas, porque encontraram um methodo typographico relativamente perfeito e muito

(1) Sousa, *Oriente Cong.* P. II, C. II, D. II, § 3.

(2) *Truebner's Record*, 1872, pag. 258, citação de Dahlmann, *Die Sprachkunde*, pag. 10.

mais antigo que o da arte europeia. Segundo a opinião do P. Alvaro Semedo, parece que os chineses tiveram impressas desde os primeiros seculos do Christianismo; antes alguns cuidam, ajunta o P. Trigault, que as usavam antes da vinda de Christo. Em todo o caso diz o mesmo Trigault ser coisa averiguada, que já imprimiam cinco seculos antes do invento de Gutemberg (1).

Da typographia chinesa se aproveitaram pois largamente os Jesuitas para as muitas obras scientificas e religiosas, que publicaram naquelle imperio.

Ao *Japão* levaram os missionarios a Imprensa quando o P. Visitador Alexandre Valignano lá entrou a segunda vez em companhia dos embaixadores japoneses que voltavam da Europa. Em Congregação reunida no Collegio de Katsusa no anno de 1590, sob a presidencia do Visitador e com a assistencia do Provincial, dos vinte e quatro superiores e de mais dez Padres, combinou-se o plano de uma campanha typographica para se estamparem os livros necessarios á apprendizagem da lingua e

(1) Semedo, *Imperio de la China* (Lisboa, 1731), pag. 36: «En la Impression, parece averse llevado la China el primer lugar; porque conforme a sus libros, usan della desde 1600 años.» Note-se que o P. Semedo compôs a sua obra pelos annos de 1640. Trigault escreve — *De christiana expeditione apud Sinas*, L. 1, C. iv —: «Typographiae apud sinas antiquior est aliquanto usus, quam apud Europaeos, nam a quinque retro seculis certum est, ab iis usu receptam, neque desunt qui asserant prius ea Sinas fuisse usos, quam in hanc mortalitatem immortalis sese Deus abjecisset».

Ricci nos seus *Commentarios* afirma simplesmente que: «La stampa traloro è più antica che fra noi, poi che l'hanno più di cinquecento anni addietro; ma è assai diversa dalla nostra». *Opere storiche del . . . Ricci* Vol. 1, (Macerata, 1910), pag. 15. O mesmo escreve o P. Antonio Gouveia na sua *Asia extrema*, L. 1, C. xii.

á dilatação e defêsa da religião christã; e logo começaram a sair dos prelos obras utilissimas e de grande alcance em português, em latim e em japonês com seus caracteres proprios. A primeira que appareceu foi, como já observámos, o *Flos Sanctorum*, impresso no Collegio de Katsusa em 1591, e animou extraordinariamente para a virtude e desejos do martyrio aquellas novas plantas da christandade.

A imprensa funcionou em diversas cidades do Japão. Os prelos de *Amacusa* davam em 1594 a *Grammatica do P. Manuel Alvares*, com numerosas phrases de auctores classicos japoneses e as conjugações na lingua portugueza, japonesa e latina; e em 1595 o *Dictionario trilingue latino-português-japonês*.

Em *Nangazaqui* publicava a Imprensa do Collegio em 1593 o *Vocabulario da Lingoa de Japam*, com a declaração em portuguez, feito por alguns Padres e Irmãos da Companhia de Jesus; em 1595 o *Manuale ad Sacramenta Ecclesiae ministranda* do Bispo D. Luis Cerqueira e no anno de 1604 a *Arte da lingoa de Japam* do P. João Rodrigues; em 1605 o *Manual de casos de Consciencia* do já mencionado Bispo, e em 1610 o livro intitulado *Flosculi de virtutibus et vitiis* do P. Manuel Barreto (1).

Com estas obras e outras muitas que o zelo e sciencia dos Jesuitas espalhavam no Japão, se adestravam os Missionarios para a propagação da fé e se accendiam admiravelmente os christãos para sellarem com o sangue as verdades que apprendiam.

(1) Cf. Satow, *The Jesuit Mission Press in Japan*, pag. 1, 26, 27, 45-57; Rodeles, *Imprentas . . .* pag. 21 segg.

Concluamos. Foi a imprensa nas mãos dos Jesuitas arma benefica e poderosa, com que diffundiram as luzes da civilização, da fé e da sciencia.

Das demais artes serviram-se, conforme o exigia o fim nobilissimo da sua missão educadora.

CAPITULO VII

A obra literaria e scientifica

Dois seculos de labores literarios, emprehendidos e continuados por uma associação dedicada largamente ao ensino da mocidade e ao exercicio da palavra e da penna, era impossivel que não entregassem aos fastos da literatura muitos nomes de homens abalizados nas letras, e obras de não somenos valor. Os capitulos anteriores deste nosso estudo já o demonstram com evidencia. Agora só queremos apresentar numa synthese brevissima a obra dos Jesuitas nos diversos ramos de letras e sciencias, apontando o que tem de bom e de censuravel, para mais facilmente podermos fazer ideia, não injusta, da sua actividade.

Nos varios generos de literatura foram os Jesuitas portugueses em todo o tempo representados por homens eminentes. * Nunca em tempo algum, escreve auctor insuspeito, os padres da Companhia de Jesus foram em boa fé accusados de ignorantes. Poderão ser accusados de muitos defeitos e de muitos excessos, mas de ignorancia de certo não. Hoje mesmo, que o horizonte das sciencias é muito mais amplo, mais vasto, e que todos em toda a parte se entregam affanosamente á sua cultura, ainda elles não cedem um passo aos mais adean-

tados tanto nas sciencias physicas, como nas sciencias moraes; e o mesmo acontece pelo que respeita ás artes. E, se isto assim é na actualidade, o que seria nessa epocha, em que as sciencias e artes não só não estavam tão adiantadas, pois que acabavam apenas de renascer, mas em que se não entregavam ao seu estudo e cultura tantos, e com tanto affan, como hoje? De certo que a sciencia dos Jesuitas devia destacar da de todos os outros. *Labor improbus vincit omnia*: e os padres da Companhia de Jesus não se esquivavam, como ainda hoje se não esquivam ao trabalho" (1).

Na linguistica, na oratoria, na poesia, na ascetica, na didactica, na biographia, na geographia, na historia, na epistolographia, nas sciencias theologicas, philosophicas, naturaes e mathematicas ha nomes que não deslustrariam nenhuma corporação, e obras que merecidamente grangearam os applausos dos doutos.

As linguas classicas encontraram nos Jesuitas cultores esmerados. Especialmente na latina deram á luz obras valiosas; e citar nomes como os de M. Alvares, Luis da Cruz, M. Pimenta, B. Pereira, A. Franco, e José Caeiro é recordar outros tantos escriptores primorosos no idioma do Lacio (2).

As linguas das nações ultramarinas, tão varias, tão difficultosas, tão innumeraveis, devem aos Jesuitas ou as suas primeiras Artes e Vocabularios ou a diligencia porfiada e a constancia, muitas vezes heroica, em as cultivar para fazer bem aos que as falavam, e torná-las

(1) Motta Veiga, *Esboço Historico-Litterario da Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra* (Coimbra 1872) pag. 64.

(2) Cf. L. II, C. II.

accessiveis aos Europeus, e uma serie incalculavel de obras impressas, com que enriqueceram as literaturas da Asia, da Africa e da America (1).

Mas tambem, e mais que todas, a lingua da nossa patria ha de pronunciar com eterno agradecimento nomes de Jesuitas portugueses, que a honraram, como os que melhor o souberam fazer. A Companhia de Jesus pode gloriar-se de contar no seu gremio escriptores, cujo classicismo emparelha com o das pennas mais finas que escreveram em lingua portuguesa. Referindo-se ás obras do grande Vieira pôde asseverar um critico erudito e desapaixonado, que "se o uso da nossa lingua se perder e com ella por acaso acabarem todos os nossos escriptos que não são os *Lusiadas* e as obras de Vieira, o portuguez, quer no estylo de prosa, quer no poetico, ainda viverá na sua perfeita indole narrativa, na sua riquissima copia e louçania" (2).

Não é porém Vieira o unico mestre. Emquanto houver quem preze a abundancia, a formosura, a pureza do patrio idioma, hão de ser lidas as obras de Lucena, Mendoça, Monteiro, Telles, Sousa e de outros Jesuitas que nos legaram monumentos imperecedoiros de lidima linguagem portuguesa em varios generos da literatura. O oratorio, o ascetico, o didactico, o historico e epistolar teem nos Jesuitas mestres de primeira linha (3).

Não foi porém só dentro dos limites de Portugal, que os Jesuitas illustraram a sua lingua. Tornaram-na conhecida nas regiões mais afastadas, ensinando-a nos

(1) Cf. L. II, C. III.

(2) D. F. Alexandre Lobo, *Discurso historico e critico acerca do Padre Antonio Vieira* (Coimbra, 1897) pag. 129.

(3) Cf. Liv. II, C. III.

seus Collegios da India, da China, do Japão e Brasil e estampando nas impressas que elles fundaram além-mar, obras que lhe alargavam os ambitos da sua literatura, de modo que sem grande encarecimento se pode affirmar que por obra dos missionarios Jesuitas a lingua portuguesa era lida e falada em todas as partes do mundo. Até o tapuya barbaro, já civilizado, se deleitava nos sertões brasileiros em recitar composições poeticas na lingua de Camões!

Nas sciencias os Jesuitas de Portugal distinguiram-se como mestres e escriptores. Na theologia especulativa e moral são luminares de primeira grandeza Suarez Granatense, Molina, Gil, e Fagundes; na hermeneutica sagrada grangearam renome universal Viegas, Barradas, e Mendoça; na philosophia acreditaram-se de pensadores profundos e mestres insignes Pedro da Fonseca e os auctores do Curso Conimbricense; nas mathematicas e Astronomia hombream com os mais eruditos alguns Jesuitas estrangeiros que estiveram em Portugal, como Clavio, Stafford, Ciermans, Koenig, e Carbone, e nacionaes como Delgado, Costa, Campos, e Veiga, cuja fama e obras publicadas attestam indubitavelmente a sciencia de seus auctores; nas sciencias naturaes primaram, já na segunda metade do seculo XVIII, Ignacio Monteiro, Cabral, e Loureiro, que nos seus escriptos deixaram demonstração inequivoca de sua vasta erudição. Não nomeio todos os sabios, só aponto para amostra alguns de mais renome.

Agora ninguem extranhará os elogios que deram aos Jesuitas portugueses, exaltando-os como doutos, homens de incontestavel auctoridade. No seculo XVII escrevia àcerca dos Estudos de Evora D. Rodrigo da Cunha que "foram nesta Universidade mestres varões

eminentissimos e só os que nós conhecemos podiam honrar a mais famosa da Europa" (1).

No seculo XVIII não diminuiu a boa opinião em que era tida a sciencia dos Jesuitas. Precisamente por esses annos em que os inimigos mais porfiavam em os apresentar como atrasados, que deixavam a sciencia seguir o seu rumo progressivo, momificando-se elles num conservantismo teimoso, assevera categoricamente o auctor do *Caramuru*, Frei José de Santa Rita Durão, que "só um louco se atrevêra a negar aos Jesuitas o nome de homens doutos e seus proprios inimigos lhes davam neste ponto vantagem sobre todos os demais letrados de Portugal" (2).

Mas até no seculo XIX escriptores que ninguem taxará de suspeitos, concedem aos antigos Jesuitas o mesmo louvor. "Desde a sua entrada em Coimbra, escreveu J. Martins de Carvalho, contaram sempre os Jesuitas entre si homens dos mais distinctos nas sciencias. Não se limitando ao ensino dos seus discipulos eram numerosos e do maior merito scientifico as obras que faziam imprimir" (3).

(1) *Hist. Brac.*, P. 2. C. 75, citação de F. da Fonseca, *Evora Gloriosa*, pag. 300.

(2) «Asisti en casi todos los pueblos expresados (refere-se o auctor a Lisboa, Coimbra, Evora, Porto, Braga, Santarem e Villa Viçosa) y sé la reputacion en que eran tenidos (os Jesuitas); lo primero en punto de doctos nadie se lo disputa a menos que no fuera loco; sus mismos enemigos les confesaban en esta parte la ventaja a todos los demas Literatos de el Reyno». Informacion . . . a el . . . Marques de Sarria . . . el P.^o D.^{or} Fr. Joseph de S.^a Rita Duram. Cf. Arthur Viegas, *O Poeta Santa Rita Durão*, onde vem a traducção de todo o documento. A paginas 98 lê-se a passagem citada.

(3) *Apontamentos para a Historia Contemporanea*, (Coimbra, 1868), pag. 310.

Em 1872 também Motta Veiga se viu forçado a tributar aos Jesuitas a homenagem da sua admiração. Depois de verberar os abusos da Inquisição, prosegue no seu *Esboço historico*: “E o mesmo juizo fazemos da instituição dos Jesuitas. Consideramos e respeitamos, como merecem, os seus grandes homens. Admiramos o seu talento e as suas letras: e teremos sempre como benemeritos da humanidade todos os que consumiram a vida no arroteamento do vastissimo campo da sciencia, e sacrificaram as doçuras duma vida commodata e tranquilla aos incommodos e agruras dos sertões para levarem a luz do Evangelho ás intelligencias rudes dos pagãos indigenas. Paramos extaticos diante da sua coragem, nunca desmentida, e da sua laboriosidade incançavel em todos os ramos das sciencias e artes, ainda nas suas minuciosidades mais reconditas. Assombra-nos até a proficiencia e profundidade, com que elles tractam todas as questões de que se occupam” (1).

É tão brilhante a luz dos factos que homens ainda animados de preconceitos contra a Companhia de Jesus tiram a mesma conclusão que os bem afeiçoados, sobre o merito scientifico e literario dos Jesuitas. Não obstante porém o elevado conceito que geralmente se faz da sua sciencia, pairam sobre a Companhia de Jesus accusações graves que pretendem lançar sobre ella a responsabilidade na decadencia dos estudos portugueses.

Desde os tempos pombalinos, em que “era, como adverte Motta Veiga, uma especie de monomania attribuir só aos Jesuitas todos os males e calamidades que Portugal havia soffrido e soffria ainda” (2), até o se-

(1) *Esboço historico-litterario* . . . pag. 66.

(2) *Ob. cit.*, pag. 98.

culo XX, a maioria dos escriptores repete, bastas vezes sem prova nenhuma séria, que a entrada da Companhia de Jesus em Portugal foi a ruina das letras e sciencias que por esse tempo floresciaam na Universidade (1). “Não admira, diz muito judiciosamente a um proposito semelhante o snr. Lucio d’Azevedo, desde que uma das funções dos Jesuitas na história tem sido suportarem a responsabilidade dos factos que contrariem a corrente de ideas que seus adversarios teem por justas” (2).

Não é porém difficultoso encontrar nas palavras dos accusadores contradicções, emquanto por uma parte engrandecem a actividade literaria e scientifica da Companhia de Jesus nem podem negar o preito de louvor aos sabios dessa corporação, e por outra lhe attribuem propositos deliberados de favorecer a ignorancia e impedir o progresso intellectual da humanidade.

Mas também se examinamos os que tentam corroborar as suas asserções, vemos que, se facilmente formulam a these geral de que os Jesuitas trouxeram a decadencia dos estudos, quando porém chegam á prova,

(1) Deixando os Decretos empolados de Pombal, a *Deducção Chronologica* (1767), e o *Compendio Historico do estado da Universidade de Coimbra* (1771) como escriptos de facciosismo palpavel contra os Jesuitas, cito entre outros Garção Stockler, *Ensaio Historico sobre a origem e progresso das mathematicas* (Paris, 1819) pag. 151; José Silvestre Ribeiro, *Estabelecimentos scientificos*, T. I, pag. 74 segg., 203 segg.; Rebello da Silva, *Historia de Portugal*, T. V, pag. 247 segg.; D. Antonio da Costa, *Historia da Instrução popular*, C. IV e V; M. E. da Motta Veiga, *Esboço Historico-Litterario*, pag. 60 segg.; Theophilo Braga, *Historia da Universidade e Hist. da Literatura Portuguesa*, passim; Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal*, T. IV, pag. 557; T. VI, 558 segg.

(2) *A Evolução do Sebastianismo*, (Lisboa 1916) pag. 30.

limitam-se a generalidades indecisas, a afirmações gratuitas, a conclusões que a boa logica rejeita, como são na sua maioria as em que assenta o *Compendio Historico*, e lhe acceitam os auctores, que não teem grande difficuldade em pautar a sua historia por aquelle libello.

Varios escriptores contentam-se com este facil raciocinio: Depois que os Jesuitas entraram em Portugal e abriram escolas, os estudos decaíram; consequentemente foram elles a causa da decadencia. Não advètem que podem ser multiplas as causas porque os estudos de uma nação decaem para a ruina. Entremos pois com serenidade por esta questão melindrosa, e sem exaggerar merecimentos nem poupar censuras, tentemos apurar a responsabilidade que neste ponto cabe á Companhia de Jesus.

Apesar de não podermos admittir o pessimismo injustificado daquelles que nenhuma coisa boa encontram que louvar no seculo XVII e primeira metade do seculo XVIII, em que brilharam os talentos e as pennas de D. Francisco Manuel, de Vieira, de Bernardes e de alguns socios da Academia de Historia, temos de confessar que os estudos foram decaindo successivamente do seu periodo aureo e exigiam reforma que os levantasse do abatimento. As causas porém do esmorecimento geral hemos de buscá-las não em particulares individuos ou corporações, mas em influencias que tenham penetrado no organismo da nação.

O germe da decadencia já desde o reinado de D. Manuel se ia alastrando no seio de Portugal; o reino esgotava-se com as conquistas e guerras tão espalhadas pelas regiões afastadas do Oriente, e as riquezas corrompiam os costumes e effeminavam os animos. Sobre este esphacelamento vem cair o desastre de Alcacér-Kibir e

a perda da independencia com a serie innumeravel de consequencias lastimosas para o espirito e brio nacional.

Ora num organismo abalado e como que em dissolução haviam de desenvolver-se livremente as forças vi-taes? Em todos os ramos da actividade humana se ressentiu o enfraquecimento da nação, e os estudos padeceram grande quebra porque, se tudo em volta é desalento, não logram elles ter prosperidade. "Se a Universidade de Coimbra, que tinha produzido tantos sabios, escreve um amigo de Pombal, estava exaurida, é forçoso confessar que a influencia dos Jesuitas não havia concorrido para isso mais do que o adormecimento produzido na nação pela riqueza das Indias..." (1)

(1) F. L. Gomes, *Le Marquis de Pombal*, pag. 298, citação de Sotto-Mayor, *O Marquês de Pombal*... pag. 331.— O decaimento da nação occasionado pelas riquezas da India já o previa e chorava Sá de Miranda na carta que escreven a Antonio Pereira, quando ainda se não podia falar de influencia Jesuitica em Portugal:

«Como eu vi correr pardaos
Por Cabeceiras de Basto,
Crecer em cercas e em gasto,
Vi por caminhos tam maos
Tal trilha, tamanho rasto,
Nesta ora os olhos ergui
À casa antiga e á torre
Dizendo comigo assi:
Se nos deus não val aqui,
Perigoso imigo corre!
Não me temo de Castela
Donde guerra inda não soa,
Mas temo me de Lisboa,
Que ó cheiro d'esta canela
O reino nos despovoa,

Deste desanimo e quebrantamento provinha a falta de incitamento aos estudos, que não promettiam num meio tão acanhado, como era Portugal, a recompensa que anima e alenta a fadigas aturadas. "Mostra a experiencia, escreve um critico no anno de 1786, que em Portugal por ser hum reyno pequeno e não dos mais

E que algum embique ou caia!
Ó longe va mao agouro
Falar por aquela praia
Na riqueza de Cambaia,
Narsinga das torres de ouro.

Ouves, Viriato, o estrago
Que ca vai dos teus costumes:
Os leitões, mesas, os lumes,
Tudo cheira: eu olios trago,
Vêm outros, trazem perfumes.
E aos bons trajos de pastores
Em que saístes ás pelejas
Vencendo tais vencedores,
São trocados os louvores,
São mudadas as envejas.»

Cf. *Poesias de Sá de Miranda* (Halle, 1885) pag. 237.—O mesmo parecer emittiu o P. Pedro Perpilhão no discurso proferido em 1555 quando os Jesuitas tomaram posse do Collegio das Artes: «...Navigandi gloria ultimarumque terrarum incredibilis pervestigatio, quibus superiorum Regum fama Oceanum Atlanticum, extima totius Africae littora Indumque et Gangem superavit: amplificarunt quidem hujus regni opes supra modum, auri, argenti, gemmarum, aromatum vim paene infinitam et copiam exaggerarunt; locupletarunt multos fortunis: sed exhauriunt paene quotannis Lusitaniam, publicos mores affligunt vehementius, antiquam illam virtutem debilitant, sicut Romanam olim debilitarunt; ut difficile existimatu sit, plusne illa hominum abutentium vitio incommodi attulerint, an eorum Regum qui pervestigarunt, inaudita diligentia ornamenti.» Cf. *Petri J. Perpiniani... Opera* (Romae, 1749) T. 1, pag. 35.

ricos, só as faculdades, que são lucrosas se aprendem e as que o não são se desprezão... Isto experimentavão os Jesuitas nas suas aulas de Rhetorica e Philosophia; nas de Rhetorica porque os discipulos contentando-se com entender os livros latinos, que tratam de leis ou canones, Theologia ou Medicina, desamparavão os mestres e hião aprender Philosophia; e nas de Philosophia, porque apenas tinham completo o primeiro anno, não querendo saber mais, partião para ás Universidades, aonde, se não fosse prohibido admittir algum estudante ás sciencias maiores, sem ter... aprendido Logica, nem esta talvez estudarião. O que se passava nestas aulas succedia tambem naquellas em que ensinavão Mathematica e as linguas Hebraea e Grega; mas em todas pela mesma razão de não serem estas artes lucrosas nem premiadas" (1).

Deste mesmo parecer é Garção Stockler, pelo que diz respeito á mathematica, apesar de attribuir a decadencia de Portugal á demasiada influencia da classe ecclesiastica. Depois de louvar alguns mathematicos insignes que floresceram no seculo XVII e XVIII, accrescenta: "Não foram porém bastantes estes exemplos para promover os progressos de uma sciencia que o governo não continuava a animar, e que demandando além do talento proprio, estudo mais serio e assiduo, somente serviria de consumir sem proveito o tempo de quem a ella se applicasse. Esta razão era mais do que sufficiente para que as mathematicas se vissem em Portugal reduzidas á ultima decadencia" (2).

(1) *Reposta Apologetica ao poema o Uruguay* (Lugano, 1786) pag. 173.

(2) *Ensaio historico sobre a origem e progressos das Mathe-*

Estas considerações, nascidas do exame historico, apontam-nos a causa suprema por que os estudos não floresceram nem podiam florescer geralmente em Portugal. Desçamos a alguns pontos particulares, indicados pelas accusações especiaes que ainda hoje pesam sobre a Companhia de Jesus. São ellas que os Jesuitas

máticas (Paris, 1819) pag. 59. O mesmo auctor na pagina 151 e seguintes, lastima a pressa quase incrível « com que as sciencias retrogradaram em Portugal, desde que o Senhor Rei Dom João III... se determinou a adoptar no seu reino instituições repressivas da livre comunicação das ideias ». As instituições são, já se vê, a Inquisição e a Companhia de Jesus. « Esta, diz elle, procurava com incrível actividade e mui reflectido estudo, acreditar-se no conceito dos poderosos do seculo para firmar solidamente a sua existencia ». Mas logo abaixo accrescenta: « Eu não pretendo nem o poderia fazer sem faltar á minha convicção interna, criminar de impuras ou de astuciosas as intenções de tantos homens de solida virtude, costumes puros e acreditada probidade que illustraram a Companhia denominada de Jesus... » Os Jesuitas, se lhe agradecem a confissão insuspeita, difficilmente concordarão em que uns homens de tão solida virtude, de costumes tão puros e tão acreditada probidade tenham concorrido para que a nação portugueza decaísse, como diz o mesmo escriptor, « immediatamente do seu antigo esplendor », quando a historia nos attesta e prova: que os Jesuitas produziram exactamente naquelles annos, em que se ultimava a decadencia, professores realmente notaveis, não inferiores aos que antes delles ensinavam letras e Artes em Portugal; que os professores da Companhia de Jesus empregavam methodos razoaveis, não infecundos e semelhantes aos daquelles que os tinham precedido nas cadeiras; e mais ainda que era impossivel que a nação, com taes methodos de ensino e taes homens nelles formados, decaísse immediatamente de seu esplendor, apenas fôra confiada aos Jesuitas a instrucção da mocidade. As causas tinham de ser e, como dizemos no texto, foram muito outras, mais remotas e gerais. O raciocinio de Stockler, como o de tantos escriptores, confunde-se com aquelle sophisma, que as escolas explicam por estas palavras: *Post hoc, ergo propter hoc*.

metteram nos estudos o mau gosto litterario, o chamado culteranismo; que em philosophia se apostaram a conservar systemas retrogradados e perniciosos, e que nas sciencias experimentaes systematicamente se oppuseram a todo o progresso.

Quanto ao gosto litterario de que enfermavam os escriptores portuguezes, não lhes nasceu elle em casa, mas veio-lhes trazido pelo contagio que lavrava nas demais nações. Era doença universal que em Italia se chamava *Marinismo*, em França *Preciosismo*, na Inglaterra *Euphuismo* e em Espanha *Gongorismo*. Quem levou a peste a países tão distantes? Auctor adverso, para quem os Jesuitas são a causa de todos os males da sociedade, não receia affirmar que foram elles quem metteu e fez alastrar a epidemia em todas aquellas nações (1). Provas adequadas não se cansa muito o censor em apresentá-las. Mas qualquer espirito culto facilmente vê que não as poderia dar convincentes, se reflectir que os fundadores dessas escolas, nefastas ao bom gosto litterario, não eram Jesuitas nem delles dependiam. Nem Marini em Italia, nem Gongora em Espanha, nem John Lyly na Inglaterra, nem as Preciosas de França se gloriaram nunca de filiação na Companhia de Jesus, mas todos por iniciativa e inclinação propria saíram com aquellas affectações ridiculas e extravagantes que o estado geral de mentalidade nessa epoca infelizmente recebeu e applaudiu.

Portugal pela sua pequenez em face das demais nações e sobretudo pelo abatimento em que jazia, não tinha forças para reagir contra a corrente que tudo avas-

(1) Teoph. Braga, *A Arcadia Lusitana* (Porto, 1899) pag. 16.

sallava; cedeu sem difficuldade e abriu as portas ao mal. A Espanha que bem mais gravemente adoecia, foi a que nos pegou a contagiosa enfermidade. A literatura espanhola teve de facto no seculo XVII notavel influencia nas literaturas das outras nações, e em Portugal que lhe estava unido politicamente, encontrava condições muito favoraveis ao seu predominio. O uso que os auctores portuguezes faziam da lingua castelhana, facilitava a introducção do mau gosto (1).

E como se houve então a Companhia de Jesus nesta invasão estrangeira? Por infelicidade contemporizou geralmente com o estilo que dominava; e em vez de levantar uma resistencia nobre que lhe teria ganhado os applausos dos bem entendidos e salvado talvez as letras patrias da decadencia, deixou-se levar na corrente da moda. Os seus escriptores e prégadores deleitavam-se tambem muita vez com os trocadilhos, conceitos agudos e phrases guindadas e recreavam os ouvintes e leitores com esse manjar tão appetecido. Quanto não seria mais benemerito da eloquencia e literatura portuguesa o grande Antonio Vieira, se com a pujança do seu talento e força de auctoridade que o seu genio lhe grangeara, tivesse combatido o mal não só de palavra, como o fez no sermão famoso da Sexagesima, mas sobretudo pelo exemplo, que ou teria mão na derrocada, ou pelo menos arredaria do mau caminho a muitos escriptores! Não

(1) J. Demoges, *Histoire de la Littérature Française* (Paris, 1783) pag. 353 segg.; Theophilo Braga, *Introducção e Theoria da Hist. da Litt. Port.* (Porto, 1896) pag. 316 segg., sobre a hegemonia literaria de Espanha; Remedios, *Hist. da Litt. Port.* (Coimbra, 1914) pag. 345; Garcia Perez, *Catálogo razonado... de los autores portugueses que escribieron en Castellano* (Madrid, 1890).

lhe faltavam de certo ao seu originalissimo engenho os recursos necessarios; mas é tão difficultoso não ser homem do seu tempo! Foi-o Vieira, ainda que o seu exemplo se ficou muito àquem dos vicios ridiculos de seus contemporaneos. Foram-no boa parte dos literatos da Companhia de Jesus, como o foram tambem na grande maioria os membros das demais congregações religiosas, que tinham estudos, os socios das muitas academias que se formaram em Portugal, e quantos se deram a falar e escrever a gosto dos que os liam e escutavam. A responsabilidade na decadencia das letras não compete a uma só corporação; infelizmente são muitos os réus do mesmo delicto.

Como os demais literatos portuguezes, os Jesuitas tiveram seus erros e suas glorias. "A defeza da Companhia de Jesus, no ponto de vista litterario, como escreveu Camillo, requeria mais amplo espaço sobre pulso mais vigoroso. Na orbita das letras, ao critico illustrado não lhe faltariam bons lanços para glorificar-lhes a memoria. A censura não passaria por elles silenciosa; mas o louvor tambem ergueria a sua voz pondo ouro fio a balança dos bens duradouros e erros transitorios..." (1)

A segunda accusação lança em rosto aos Jesuitas o serem conservadores e defensores do systema escolastico num tempo em que novos systemas philosophicos já tinham o applauso do mundo scientifico. "Ao passo que as ideias caminhavam na Europa, diz um escriptor, ella [a Companhia de Jesus] cada vez cerrava mais as suas escolas ás influencias externas defendendo com igual ardor Aristoteles e a igreja, e repellido com anti-

(1) *Curso de Litter. Port.*, pag. 20.

pathia profunda todas as innovações. Sustentando a auctoridade do mestre em epochas, em que ella já vacillava combatida, travou com o presente e com o porvir uma lucta impossivel em nome do passado, condemnando seus auctores, escolasticos decididos, como erro, tudo o que podia offender ou attenuar sua fé..." (1)

Mas se os adversarios accusassem lealmente, seriam mais equitativos e não exaggerados na censura. Os Jesuitas nunca defenderam com igual ardor Aristoteles e a Igreja, pois tinham regra peremptoria de se afastar das opiniões do Estagyrita, quando discordassem da doutrina commum das Universidades e muito mais quando fossem oppostas aos dogmas da fé orthodoxa (2).

Nem tambem repelliram com antipathia profunda todas as innovações. Para os julgarmos com equidade ponhamo-nos com o pensamento na epoca de sua actividade. Naquelles seculos o prurido de novidades doutrinaes tinha causado á Igreja lastimosos desastres. Ora os Jesuitas nascidos para a defender, obrigados á defesa pelo juramento sagrado que faziam junto dos altares, e plena e intimamente convencidos da verdade inabalavel da sua fé, que muito que repellissem com ardor innovações que avaliavam como perigosas para os dogmas da Religião Christã?

Por isso educados pela sua regra que lhes mandava seguissem, por mais seguras, as doutrinas communs,

(1) Rebello da Silva, *Historia de Portugal*, T. v, pag. 254, 255.

(2) *Rat. Stud.*, Reg. Prof. Philos. 2: «In rebus alienjuss momenti ab Aristotele non recedat, nisi quid incidat a doctrina, quam academiae ubique probant, alienum; multo magis si orthodoxae fidei reputat: adversus quam si quae sunt illius aliusve Philosophi argumenta, strenue refellere studeat, juxta Lateranense Concilium.»

quando se lhes pønha deante uma novidade, ficavam primeiro em expectativa e exame; se contrariava doutrinas antigas, que julgavam inabaladas, combatiam-na geralmente; se depois lhes apparecia verdadeira, admitiam-na em suas escolas. Era regra de boa prudencia. Foi alguma vez excessiva na practica? Não o nego. Terá impedido ou antes retardado algum passo no progresso? Tambem o concedo. Mas em compensação quantas aberrações e erros não poupou ás intelligencias?

Seria para desejar que se guardasse em tudo o meio termo, e não se peccasse nem por excesso nem por defeito; mas sejamos um pouco indulgentes com a limitação do entendimento humano. Os Jesuitas terão faltado neste ponto, os adversarios excederam; os Jesuitas estorvaram algum bem, os seus contrarios causaram grande mal. De quem foi mais grave o delicto (1)?

(1) Como geralmente succede em toda a lucta de ideias, havia excessos e azedumes por uma parte e outra nos que pretendiam defender cada um o seu campo, e davam-se ás vezes episodios, que hoje nos fazem sorrir, mas são desculpaveis pela irritação dos animos e pelos costumes do tempo. Vem a proposito mencionar o caso seguinte, colhido num documento inedito, e succedido na côrte de Lisboa por volta de 1740. Conversavam juntos o Infante D. Antonio, um medico de bom talento que fôra Jesuita, e o P. Luis Alvares da Companhia, confessor do Infante. O medico não talvez sem intenção de picar o melindre do P. Alvares, começou de censurar a philosophia Aristotelica e de encomiar o systema de Descartes; o Infante escutava sorridente e dava signaes de o favorecer contra o Padre. Este, mais acceso do que pedia a conveniencia, desatou numa diatribe contra o discurso do medico, taxando de sonhos de imaginação as novas doutrinas. D. Antonio levou muito a mal a liberdade do seu confessor, falou contra elle e contra a Companhia, chamando-a pertinaz e arrogante em manter as suas opiniões. O bom Jesuita, a quem tocavam no credito de sua Religião, indignado protestou que só elle, e não a

Além disso os Jesuitas estavam de posse do systema secular, auctorizado e sustentado por grandes sabios e com particular força pelo genio de S. Thomás de Aquino. "A filosofia tradicional cristã era formidável construção, levantada por varias gerações de sabios, para defesa do Evangelho. Parte dos materiaes e o cimento eram de Aristoteles; mas a traça dos fundamentos, o desenho das arcadas agigantadas que se iam a sotopôr harmonicamente aos entablamentos e ás grimpas que roçavam pelas nuvens, era do genio desse grande dominicano que foi Santo Tomás de Aquino. Essa obra foi com razão chamada secular, pois levou seculos a aperfeiçoar e era destinada a atravessar os subsequentes" (1).

E que systema se oppunha a este edificio grandioso? Um dos mais celebres foi o que architectou Descartes. Mas eram tacs os erros, indecisões e obscuridades com que o inventor explicou o seu methodo, que são bêm desculpaveis, creio eu, os que se conservaram fieis ao systema tradicional (2).

Até Luis Antonio Verney, declarado inimigo da escholastica, o sentenciou com dureza. "Eu certamente não sou carteziano, escreveu o critico, porque me per-

Companhia, era merecedor de tamanho desprezo; que, depois de tal injuria, não tornaria mais á côrte a tratar com D. Antonio, e se contentaria em casa de pedir a Deus pela sua salvação; logo se foi resolutamente a não voltar. Mas o Infante pesaroso do acontecido, mandou chamar o seu confessor, pediu-lhe desculpa e daí por deante deu mostras de quão sinceramente o estimava. Mss. Soc. Jes., Lus. 54, Litt. Ann. 1738-1747, f. 308.

(1) Azevedo, *O Jesuita*, T. 1, (Bruxellas, 1913) pag. 150.

(2) Henri Ritter, *Histoire de la Philosophie Moderne*, trad. por Challemeil-Lacour, T. 1, L. 1, C. 1, René Descartes.

suaudo que o tal systema em muitas coizas é mais ingenhozo que verdadeiro" (1). E que haviam de pensar homens creados e embebidos nas ideias escholasticas?

Mas o certo é que os Jesuitas não guerreavam systematicamente o cartesianismo, como affirma Theophilo Braga (2); rejeitavam-no porque não dava seguranças de poder substituir o grande systema dos dois genios, Aristoteles e Thomás de Aquino. De facto o methodo carteziano, que parecia triumphar ao principio, desacreditou-se e tornou-se esteril (3), emquanto a Escholastica,

(1) *Verdadeiro Metodo de Estudar* (Valensa, 1737) 1, pag. 230. Transcrevamos da obra eruditissima de Fernandes de Santanna, *O Materialismo em face da sciencia*, vol. 1, Lisboa, 1900, pag. 19, os pareceres de alguns homens competentes sobre Descartes: « Como physico, diz Stallo, (Descartes) emittiu numerosas theorias, que se acharam completamente destituídas de fundamento, e ignorou ou comprehendeu mal quasi todas as leis da acção meehanica, cuja descoberta é a gloria de seu contemporaneo, Galileo ». Mais: « Seus erros, em physica, obscureceram de tal modo o campo da investigação, que essas sombras ainda hoje não estão completamente dissipadas ». O grande Newton, em idade de vinte annos, começou a ler as obras de Descartes, mas cansado de se ver obrigado a escrever á margem e quasi em cada pagina — error — deixou-as inteiramente. (Cf. Faye, *Origine du Monde*, c. 7). — Bertrand não é menos severo. A doutrina de Descartes é para elle « um pomposo edificio sem solidez e sem fundamentos, que nem sequer deixou ruinas após de si ». (*Les Fondateurs de l'astronomie*, pag. 371). Até aqui a citação de Fernandes Santanna, que appellida Descartes « mathematico profundo, mas systematico e apriorista em physica e philosophia ». *Ob. cit.*, l. c., pag. 18.

(2) *Historia da Univ. de Coimbra*, II, pag. 458.

(3) O mesmo Verney lhanamente confessou o descredito do cartesianismo: « Os Cartezianos e Gazendistas, ainda que se chamem modernos porque se fundam em experiencias; contudo são Filsofos ipoteticos, que é o mesmo que dizer maos Filsofos: porque supoem muitas coizas que não provam... oje o metodo de Cartezio quasi não

depois de algum tempo de eclipse parcial, rejuvenesceu no seculo XIX e se revigorou á voz de Leão XIII que, para renovação dos estudos philosophicos tão decaídos, convidou os bispos da christandade a promoverem o estudo da philosophia de S. Thomás. E a palavra auctorizada do sabio Pontifice foi semente fecunda que se desentranhou em fructos beneficos. Revistas e obras scientificas, Academias e sabios de primeira ordem vieram provar claramente que esta philosophia pode caminhar em boa harmonia com as sciencias modernas e que o systema escolastico nem no seculo das luzes foi bandeira de retrogradação no campo da sciencia.

É bem verdade que as investigações da experiencia vieram apontar como erradas certas explicações de phenomenos naturaes, propostas nas escolas; tambem é certo que na philosophia escolastica se tratavam de quando em quando questões inuteis e talvez ridiculas; mas eram deficiencias e imperfeições accidentaes, que não destruíam o systema e se foram corrigindo com o progresso das sciencias. Não se alcunhem pois de retrogrados os Jesuitas por defenderem no seculo XVIII em suas escolas e com seus livros o systema escolastico, defendido ainda e preconizado no seculo XX (1).

tem sequazes: o de Gazendo ainda existe em parte...» (*Verdadeiro Metodo*... II, pag. 32). Porque se hão de logo condemnar os Jesuitas de não abraçarem precipitadamente uns methodos fugazes que appareciam e desapareciam? Pelo menos não soffreram o desaire de inconstantes.

(1) Em hora pouco feliz pegou da penna o Sr. Agostinho de Campos para inculcar no livro *Educação e ensino*, já citado, o atraso dos Jesuitas em estudos philosophicos. De sobejo o confirma a pagina 244, onde amontoa erros palpaveis e falsificações de textos no intento de desacreditar o ensino da Companhia de Jesus.

No que toca á physica e mathematica, apesar de terem os Jesuitas portuguezes cultores eximios destas sciencias (1), pede a verdade historica se confesse que não acompanharam logo do principio com enthusiasmo

Escreve que «a philosophia se estudava sómente em Aristoteles atravez dos commentarios truncados dos Jesuitas Toletto [sic] e Fonseca». Não é exacto. O *Ratio Studiorum* recommenda ao professor com mais encarecimento S. Thomás do que Aristoteles (Reg. Prof. Phil. 6) e só para a Logica propõe (Reg. Prof. Phil. 9) os livros de Toletto e Fonseca. Cito o *Ratio Studiorum* antigo; que no reformado em 1832 nem sequer já se menciona Aristoteles nem os compendios dos dois ultimos philosophos.

Mais observa o Sr. Campos que «a parte que se referia ao estudo da alma punham-na de lado, como respeitando á medicina». Tambem não é verdade. Explicavam o tratado da alma e só advertia o *Ratio* (Reg. Prof. Phil. 11) que não entrassem pelo campo da anatomia e outros pontos de sciencia, que eram da alçada dos medicos. Noto porém que no *Ratio* de 1832 se tirou esta limitação (Reg. Prof. Phil. 23).

Accrescênta ainda o auctor que «a *Ratio Studiorum*, codigo pedagogico dos Jesuitas, recommendava que no commentario de Aristoteles se attendesse mais ás palavras do que ás proprias questões».

É afirmação totalmente contraria ao texto. O *Ratio* mandava expressamente, que se examinasse Aristoteles, se acceitassem as questões de maior importancia, a não ser que discordasse da fé christã ou das doutrinas geralmente recebidas nas universidades, e se refutasse com valentia no que se oppunha á religião catholica (Reg. Prof. Phil. 2).

Assevera mais o Sr. Campos ser preceito do *Ratio* «que, ainda quando a fé e a piedade não perigassem, se evitasse a introdução de qualquer opinião nova». É outra a lei do codigo citado, o qual ordena (Reg. Prof. Sup. Fac. 6) que «em materias de alguma importancia se não introduzam questões novas, nem opinião que não seja sustentada por auctor de nome, sem primeiro consultar a quem preside aos estudos». É regra bem diversa, e aconselhada pela prudencia.

(1) Cf. L. II, C. II.

os progressos admiráveis que no campo da experiencia se iam fazendo cada dia. Contentando-se por algum tempo com ensinar nos seus collegios a philosophia escolastica ficaram atrasados nas sciencias naturaes, emquanto lá fóra as nações estrangeiras iam seguindo a marcha triumphante do progresso.

É porém de todo calumniosa a affirmação de que hostilizavam por systema e por acinte o methodo experimental. A Congregação Geral 16.^a, celebrada em Roma no anno de 1730 e 1731 declarou no decreto 36, que a sciencia que explicava os phenomenos da natureza pelos processos experimentaes, não só não estava em opposição com a philosophia Aristotelica, mas com ella concordava perfeitamente (1). E em Portugal o P. José de Araujo, na refrega que sustentou contra os ataques de Verney, longe de condemnar o methodo experimental, o louva, e só repelle os exclusivismos ferozes do seu antagonista. "Não ha duvida, escreve Araujo, que a Fysica experimental he boa, engenhosa, e nella se usa de bellas machinas artificiaes e com ellas se tem observado muita cousa, que os antigos ignoravam e a experiencia ensinou... Porem daqui nada se infere contra a Fysica especulativa..." (2)

Mais ainda. As obras que os Jesuitas iam publicando no seculo XVIII são prova manifesta de que não contra-

(1) Cf. *Institutum S. J.*, Decreta Congr. Gen. 16.^{ae}, Dec. 36: «Non adversari, sed optime convenire Aristotelicae Philosophiae amoeniorem illam eruditionem, qua in Physica praecepit particulari, ex mathematicorum principiis et eruditorum experimentis, insigniora naturae phoenomena explicantur et illustrantur.» Este decreto foi confirmado na Congregação 17.^a reunida em 1751.

(2) *Reflexões apologeticas...* (Valença, 1748) pag. 32.

riavam o movimento de avanço nas sciencias, mas o favoreciam e começavam de entrar francamente no caminho do progresso. "Cumpre confessar, escreve Francisco de Castro Freire, que, se naquellas obras [dos Jesuitas I. Monteiro e M. Campos] se não descobre ainda o espirito de invenção, já se observa nellas mais regularidade do que em todas as que as precederam, e ao mesmo tempo uma nova tendencia dada aos estudos Mathematicos, que parecia dirigi-los para a estrada do admiravel progresso que depois de Newton tinham feito as mathematicas e as sciencias que dellas derivam. O impulso dado pelos grandes geometras do seculo XVIII a estas sciencias ia-se tornando geral e irresistivel, e devia por fim despertar-nos do somno lethargico em que jaziamos" (1).

Das observações astronomicas feitas em Lisboa depois de 1722 pelos Jesuitas Carbone e Capassi escreve o auctor da *Historia Genealogica*: "... havendo-se empregado em fazerem varias observações astronomicas com grande estudo, conseguiram applausos da côrte e satisfação d'El-rei, as quaes se imprimiram e participaram ás nações estrangeiras, de quem foram estimadas pela sua exacção" (2).

Já no capitulo II citei nomes de sabios e apontei obras que escreveram; e esses sabios e essas obras de incontestavel merito scientifico mostram que os Jesuitas portugueses não eram extranhos ao movimento progressivo da Europa sabia. Do P. Ignacio Monteiro pôde,

(1) *Memoria Historica da Faculdade de Mathematica... desde 1772 até ao presente* (Coimbra, 1882) pag. 14, 15.

(2) L. 8.^o pag. 269, cit. de S. Viterbo, *A capella de S. João Baptista* (Lisboa, 1900) pag. 12.

como já notámos, escrever o insuspeito Stockler, que não desconhecia nada de quanto até o seu tempo se tinha escripto sobre sciencias naturaes (1). Effectivamente nos volumes que publicou, trata com muita erudição da Geometria, da Physica geral, da Mechanica, da Astronomia, da Geographia, Hydrometria e Hydrographia; da Pyrotechnia, da Areometria e da Electricidade; da Physica dos seres vivos, da Botanica, da Physiologia do corpo humano, da Anatomia e da Optica.

Que se explicassem já nos collegios da Companhia todas estas questões, provam-no tambem umas Theses defendidas solennemente na Universidade de Evora no anno de 1754, sendo professor o P. Sebastião d'Abreu, e estampadas num volume em quarto de cento e vinte seis paginas (2). Nellas expõe o defendente as questões da physica geral, da constituição e propriedade dos corpos, do movimento e da mechanica e os tratados da physica particular, da esphera celeste e terrestre, cosmographia, meteorologia e outros, tudo explicado com muito luxo de erudição particularmente ao declarar os systemas de Ptolomeu e Copernico, no ultimo dos quaes, diz o auctor, se conciliam melhor as observações com a hypothese. Adverte porém que não o admite, porque ainda pesava sobre elle a sentença da Inquisição (3).

(1) *Ensaio historico...* (Paris, 1819) pag. 161.

(2) *Conclusiones philosophicas*, praeside P. Sebastiano de Abreu S. J. publico Philosophiae professore, propugnabit Antonius de Carvalho e Sequeira in regia ac Pontificia Eboensis Academiae Aula... (Eborae, Typis academicis, 1754). — O P. Seb. de Abreu nasceu em Serpa no anno de 1713, entrou na Companhia em 1728, professou philosophia e theologia; em 1759 foi desterrado para a Italia e morreu em Urbana em 1792.

(3) «Absit tamen ut contra aequissimum S. Inquisitionis De-

Em consequencia pois de todo o nosso exame estamos auctorizados a concluir que os Jesuitas portuguezes não só não eram refractarios ao adeantamento das sciencias, mas avançavam em companhia dos que melhor as cultivavam. Pombal cortou-lhes a marcha quando começavam de correr com maior velocidade pelo caminho do progresso.

Em resumo: a parte que teve a Companhia de Jesus no movimento literario e scientifico de Portugal, se não foi sem mescla de defeitos, os quaes lealmente ai ficam apontados, é injustiça não a reconhecer como benefica. Se em pontos particulares houve deficiencias, a obra no seu conjunto e olhada sob todas as luzes foi grandiosa; e a historia imparcial, se lhe não falta com a merecida censura, ha de registar nas suas paginas que os Jesuitas, na patria e além dos mares, foram altamente benemeritos das letras e das sciencias.

cretum, quo hujusmodi Systema locutioni Scripturarum parum conforme judicatur, ei adhaereamus... Multos et illustres habuit sectatores, inter quos immortalis ille astronomus Galilaeus Galilaei, qui octogenarius coactus fuit Romae apud S. Officii Tribunal abjurare, quod sententiam Copernicam mordicus teneret». *Ob. cit.* pag. 67.

CAPITULO VIII

Depois da Ressurreição

A Companhia de Jesus succumbiu no seculo dezoito e o estrondo da sua queda abalou a terra inteira. Na Europa, na Asia, na Africa e na America foram desastrosos os effeitos da sua destruição, que fechou repentinamente numerosos e sabios Estabelecimentos de educação e ensino e desfez missões florentissimas com perda enorme para a civilização.

Não desabou porém como edificio velho e ruinoso, que pouco a pouco e pedra por pedra se vai desmoronando, mas á maneira de castello formidavel que só os assaltos de inimigos poderosos conseguiram dismantelar.

De feito, a Companhia na hora da suppressão firmava-se num organismo ainda exuberante de forças vitaes que se manifestavam em obras de utilidade publica nas diversas provincias da actividade humana. Não sem justo motivo escreveu um erudito brasileiro, que a Companhia de Jesus era uma "corporação tão solidamente organizada, que lhe coube o dom de não ter nem juventude nem caducidade" (1), e damos razão ao senti-

(1) C. Mendes de Almeida, *Memorias para a Historia do... Maranhão*, 1, (Rio de Janeiro, 1860) pag. viii.

mento do astrónomo Lalande, que se lastimava no Boletim da Europa, de que Pombal e Choiseul tivessem destruído "aquella corporação distinctissima e admiravel de 20:000 homens, occupados sem descanso nem interesse, na educação, na prêgação, nas missões...".

Mas nem sequer nos dominios de Portugal, onde se adeantou ás demais nações o odio de Sebastião José, caiu a Companhia de Jesus por desfallecimento nem decrepitude. Com os outros ministerios do sacerdocio e do apostolado desenvolvia activa e animosa a sua acção pedagogica numa Universidade, em vinte collegios e tres seminarios no Reino, e em numerosas casas de educação dispersas pelas regiões de além-mar no Oriente e no Occidente. O golpe foi-lhe vibrado na pujança de sua vida pela mão audaz e cruel do ministro onnipotente que ainda depois de a ver prostrada, lançou mão, sem reservas nem escrúpulos, de todos os meios para a sepultar sob um montão de accusações innumeraveis e horrorosas, dentre as quaes a temida Corporação em tempo nenhum se pudesse erguer.

Effectivamente ainda hoje carrega sobre a Companhia de Jesus esse peso enorme de descredito, em que a sanha do adversario a pretendeu esmagar. Não é pois maravilha que em Portugal mais a custo e bem mais tarde que nos outros países, lograsse a Companhia de Jesus sair como que do tumulto, e apparecer aos olhos dos portuguezes radiante de vida nova.

§ 1

Renascimento e expansão

Mas em fim, que pese á porfiada e acintosa má vontade do inimigo, tambem no reino de Portugal quebrou a pesada campa do sepulcro. A voz solenne que em Roma no dia 7 de Agosto de 1914 a chamou á vida por entre as acclamações de um povo saudoso dos antigos mestres, teve logo seu echo em Lisboa. Apenas chegou a Portugal a Bulla de Pio VII *Sollicitudo omnium Ecclesiarum*, foi immediatamente traduzida em Português, publicada na *Gazeta do Governo* e recebida com applauso e regosijo pelas varias classes da sociedade. É de causar assombro tão espontaneo acolhimento, se attentamos na atmospherá negra de accusações que sobre a memoria da Companhia de Jesus condensaram os odios Pombalinos.

Attesta-nos o facto Mons. Macchi, então Delegado Apostolico de Sua Santidade em Lisboa e assim o escreve em carta dirigida ao Cardial Pacca: "Juntamente com a prezadissima carta de V. Em.^a de oito de toAgos passado, me vinha um exemplar da Constituição *Sollicitudo omnium Ecclesiarum*, pela qual a Santidade de Nosso Senhor acaba de repristinar em toda a aterra Companhia de Jesus. Grandissima parte da primeira nobreza e das outras classes me deram por este acontecimento mostras da sua mais viva satisfação. Ora sabendo V. Em.^a, quanto se estampou até agora neste reino, desde o tempo do famoso marquês de Pombal, contra os membros da dita Companhia, e quanto rigr houveo sempre no prohibir a impressão de toda a especie de escriptos a favor delles, ha de sentir gosto de ver a men-

cionada Constituição traduzida no idioma português e publicada immediatamente na propria *Gazeta do Governo*, que tenho a honra de respeitosamente enviar a V. Em.^a...” (1)

Este documento leva-nos a admitir que Portugal já nesta ocasião estava disposto a acolher novamente a Companhia de Jesus com os braços abertos. Mas em volta do Rei que por esse tempo residia com a sua corte nas terras do Brasil, andavam elementos adversos aos Jesuitas; e conselheiros, subjugados por antigos preconceitos, apressaram-se a impedir a restauração daquela Ordem Religiosa e levaram o pobre João VI a protestar oficialmente contra a Bulla de Pio VII, declarando que nunca readmittiria nos seus Estados a Companhia de Jesus e manteria em todo o seu vigor as disposições do Alvará de 3 de Setembro de 1759 “qualquer que fosse a resolução que *tomassem* as outras testas coroadas e mesmo aquellas que então se uniram para a extinção da referida Companhia.”

Assim o intimou logo com data de 1 de Abril de

(1) «Compiegato nella veneratissima dell Em.^a V.^a degli 8 del passato Agosto ho trovato un esemplare della Costituzione *Sollicitudo omnium Ecclesiarum* con cui la Santità di N.^{ro} Signore vienne di ripristinare universalmente la C.^a di Gesù. Una grandissima parte di questa Primaria Nobiltà e delle altre classi mene ha esternato la sua più viva sodisfazione; e ben sapendo V.^a Em.^a quanto è stato finora impresso in questo Regno fin dai tempi del famoso Marchese di Pomal contro gli individui di detta Compagnia, ed il rigore con cui si è sempre proceduto in proibire la stampa di qualunque scritto in loro favore, dovrà recarle piacere di vedere la detta Costituzione tradotta nell idioma portoghese e pubblicata immediatamente nella stessa Gazzeta del Governo che ho l'onore di qui umiliarle....» Arch. Vat., Nunz. di Portogallo, 1814, n.º 9; Lisboa, 21 Setembro 1814.

1815 ao seu ministro em Roma, para que lavrasse o protesto perante a curia pontificia, assim o participou ao Nuncio de Sua Santidade no Rio de Janeiro, ao Delegado Apostolico em Lisboa e em circular aos seus ministros acreditados nas côrtes da Europa (1). Em consequencia destas ordens o ministro português em Roma remetteu de *Bagni di Lucca* ao Cardial Gonsalvi, Secretario de Estado, uma nota official de 24 de Agosto de 1815 a comunicar-lhe que sua Alteza o Principe Regente “experimentara a maior surpresa, vendo que Sua Santidade havia restabelecido a Companhia de Jesus sem o ter prevenido, quando a Europa sabia que partiram de Portugal as primeiras e mais energicas reclamações contra aquella corporação e a Santa Sé as achara tão valiosas que a supprimiu”; e que “estava agora determinado absolutamente a manter em todo o vigor o Alvará de 3 de Setembro de 1759, que abolira a Companhia em Portugal” (2).

No dia 22 de Outubro seguinte respondeu o Cardial Secretario que Sua Santidade se abstivera de dirigir aos Principes qualquer officio particular sobre o assumpto, e não dera aquelle passo senão em virtude das multiplicadas e urgentes representações que se lhe tinham feito continuamente para restaurar a Companhia de Jesus, designada não só pelo voto quasi universal dos seus povos, mas tambem pelo de outros Estados como a mais apta para instruir a mocidade e subministrar-lhe os ali-

(1) Officio do Marquês de Aguiar para José Manuel Pinto de Sousa, ministro em Roma; Rio de Janeiro, em o 1.º de Abril de 1815. Cf. Biker, *Collecção de Tratados*, xviii, pag. 76, 124.

(2) Arch. Vat., Nunz. di Portogallo, 1815, *Gesuiti di Portogallo*. Cf. Biker, *ob. cit.*, pag. 108.

mentos espirituaes, attribuindo á suppressão desse Instituto a origem de tantos males (1).

As razões do Cardial secretario, as quaes Pio VII reforçara em audiencia particular concedida ao ministro português, não convenceram o diplomata que a 24 de Outubro do mesmo anno, não sem mostras de satisfeito pela bizzarria com que se houvera, deu conta ao ministro de D. João VI, Marquês de Aguiar, da maneira como se desempenhára do encargo e rebatêra as palavras do Santo Padre particularmente no tocante ao beneficio da educação dada pelos Jesuitas, observando a Sua Santidade "que os homens grandes em todos os generos de artes e sciencias que florescia em Portugal até ao anno de 1580 e os assignalados feitos que tanto elevaram a nação entre as suas contemporaneas no valor e no brio militar, não foram certamente fructo da educação jesuitica pois que precederam a sua introdução no reino" (2).

Com tal argumento julgou o Commendador provado sem replica o nenhum prestimo da Companhia de Jesus para a prosperidade da nação, e com esta conferencia pôs termo ás negociações sobre a readmissão dos Jesuitas. Só no reinado de D. Miguel se entabularam novamente e levaram a effeito. Não passe porém despercebido que assim como a educação da juventude se enumerava entre as primeiras razões que levaram Pio VII a restabelecer a Companhia, assim tambem foi ella a que motivou agora a entrada dos Jesuitas em Portugal.

(1) Arch. Vat., Nunz. di Port., 1815; Dalle Stanze del Quirinale, 22 ott. 1815. Cf. Biker, *ob. cit.*, pag. 113.

(2) Biker, *ob. cit.*, pag. 108.

Antonio Ribeiro Saraiva, addido por esse tempo á embaixada de Londres e o primeiro que trabalhou para restituir á nação portuguesa a Companhia de Jesus, expressamente o escreveu ao P. Provincial de França em carta de 3 de Janeiro de 1829, oito meses antes da entrada dos Jesuitas francêses em Portugal: "Les vues de notre souverain et de notre premier ministre, regardent, dans cette mesure, particulièrement le but de l'éducation morale et religieuse; ils savent que votre Société a eu toujours sous ce rapport un avantage indisputable et moi-même j'ai fait foi des progrès que vous avez dernièrement faits en France et en Espagne à cet égard, ce qui a beaucoup aidé à décider le monarque et le ministre à vous rappeler" (1).

Em consequencia destes desejos alguns padres francêses, com o P. Philippe Delvaux por superior, que esperavam em Madrid a ordem de se porem a caminho para Portugal, receberam, com data de 10 de Julho de 1829, um decreto pelo qual D. Miguel chamava a seus reinos a Companhia de Jesus e permittia que nelles se estabelecesse de novo (2).

A 13 de Agosto desse anno entravam finalmente os Jesuitas em Portugal; mas por difficuldades que surgiam de antigos preconceitos contra a Companhia, só em Fevereiro de 1832 tomaram posse do Collegio das Artes e abriram aulas publicas.

Foi pomposa e commovedora a entrada em Coimbra dos novos professores e pareceu a muitos justa recompensa da expulsão ignominiosa que lançou da patria os

(1) Carayon, *Documents inédits*, xix (Poitiers, 1866) pag. 3.

(2) Carayon, *ob. cit.*, pag. 127.

Jesuitas portugueses em 1759. Partiram de Lisboa a 14 de Fevereiro de 1832 e a 17 eram acolhidos em Pombal, solar que fôra do seu mais terrível adversario, com repiques de sinos, saudados com regozijo e levados processionalmente á igreja com grande acompanhamento. Deste ponto até Coimbra trocou-se a viagem num triumpho. Nas povoações por onde passavam, saía-lhes ao encontro o povo a multidões, que demonstravam com vivas calorosos não ter morrido no espaço de tantos annos em corações portugueses a *sympathia affectuosa* á Companhia de Jesus. Alegrava os ares de quando em quando o estrondo dos foguetes, as ruas juncadas de ramos e flores realçavam o puro sentimento de regozijo que nos rostos se espelhava, e arcos triumphaes e chuvas de rosas saudavam os recémvindos que lentamente caminhavam mostrando commoção e agradecimento nos olhos marejados de lágrimas.

De Condeixa em diante foi augmentando a pompa do cortejo. Abria a marcha o Arcebispo de Evora, Reformador da Universidade, montado a cavallo e escoltado por um luzido troço de cavalleiros, e o sequito a cada momento engrossava com as ondas de povo e muitas personagens que da cidade de Coimbra se adeantavam a receber os hospedes. Chegaram primeiramente os trezentos alumnos do seminario diocesano e uma multidão de pobres e orphãos com ramos de loiro e oliveira nas mãos; seguiram-se os membros da Curia episcopal e do Capitulo, os parochos, os religiosos de quase todas as Ordens, o Chancellér Vice-reitor, o Conservador, Secretario, Professores e Doutores da Universidade, o Governador militar, um regimento de soldados e por fim multidão immensa de povo.

Com este acompanhamento penetraram em Coimbra

ao som de sinos que repicavam alegremente por toda a cidade. Foram atravessando as praças e ruas embandeiradas de festa, e de todos os lados, do povo que acudia, e das janellas vestidas de colgaduras e apinhadas de espectadores recebiam saudações e bemvidos.

Nas tres noites seguintes continuaram a alegria, as illuminações da cidade, os foguetes, as musicas e os repiques das torres.

Bem alto apregoam, creio eu, essas manifestações de regozijo espontaneo, que afinal os Jesuitas não são tão mal acceitos ao povo português, como o querem persuadir baldadamente espiritos menos affeçoados.

Poucos dias passados, a 22 de Fevereiro effectuou-se a cerimonia da entrega do Collegio das Artes, ao qual acompanhou os novos moradores um cortejo pomposissimo, formado de personagens distinctas, de ecclesiasticos, religiosos, universitarios, civis e militares, que atravessaram vagarosamente a multidão immensa de pessoas de todas as classes (1).

Sobre as aulas que abriram logo nesse anno e maneira de ensinar, penna insuspeita nos vai apontar noticias curiosas: "Devemos em preito da verdade dizer que o comportamento que os Jesuitas tiveram em Coimbra foi sempre exemplarissimo. Estranhos completamente á politica e cumprindo com todo o escrupulo os seus deveres religiosos, não houve pessoa nesta cidade, qualquer que fosse o seu partido, que tivesse o mais insignificante motivo de queixa delles... .Abriram as suas aulas no referido collegio no anno lectivo de 1832

(1) Carayon, *ob. cit.*, pag. 319 segg., 340 segg. Carta do P. Delvaux, Coimbra, 10 de Março de 1832.

a 1833. Só tiveram aberto o collegio regularmente neste anno. No seguinte de 1833 a 1834 por causa da guerra apenas admittiam estudantes de Coimbra.

Tinham uma aula de instrução primaria frequentada por grande numero de meninos; tres aulas de latim (infima, media e suprema); uma aula de humanidades, na qual se explicavam as bellezas dos classicos latinos e se ensinava grammatica grega, geometria elementar e geographia; outra de rhetorica, outra de grego e poetica; e outra de logica.

Os meninos que aprendiam instrução primaria eram ensinados com grande carinho. O professor fazia-os interromper algumas vezes o estudo, por bem entendido calculo; e durante a interrupção levava-os para o pé de um torno, onde fazia piões e outros brinquedos que dava aos que mais se distinguiam pela sua applicação. Os meninos tinham grande affeição ao seu mestre, o bom Padre Theodoro Cotel.

Os Jesuitas eram eminentes no modo de tractar as creanças, tendo um condão particular para as attrahir. Distribuiam uns numeros em papel aos meninos que aprendiam a doutrina. Uma certa somma destes numeros dava direito a um registo, ou estampa ou veronica. Assim com o intuito do premio tinham attentas as creanças no ensino.

Serviam-se ainda da musica que ensinavam aos que tinham melhores vozes; e os canticos sagrados eram outro attractivo dos meninos. Tambem tinham o seu côro, onde cantavam aos Domingos o officio de Nossa Senhora.

Pelo systema de ensino adoptado pelos Jesuitas nas aulas, mantinha-se uma constante emulação entre os estudantes. Por exemplo na aula de rhetorica os estudantes achavam-se distribuidos em bancadas com as

faces uns para os outros. Cada estudante tinha o seu emulo designado pelo professor. Havia exercicios escriptos todos os dias. Quando o estudante lia o seu exercicio de que dava o seu original ao professor e a copia ao emulo, este censurava o que reputava digno disso, e o professor corrigia e rectificava o que escrevera o estudante, quando o lia. Escrevia por exemplo o estudante: — *Empunho a penna para...* Respondia o emulo: — *Empunho* é termo improprio; diz-se: — *Empunho* a espada e não *empunho* a penna. *Tómo* a penna é melhor expressão, etc.

Todos os dias se contavam os valores das lições e das composições. A somma de uns servia para a concessão de premios de *frequencia* e a dos outros para a dos de *diligencia*.

Na aula de rhetorica, alem das lições e exercicios escriptos, havia declamação em dias determinados. Declamavam-se orações de Vieira, assim como de Cicero e de Bossuet, traduzidas em vulgar, e composições da propria lavra do estudante, depois de corrigidas pelo professor. A algumas declamações assistia todo o collegio. Nas aulas superiores antes de se conferirem os premios nas chamadas *academias*, havia um exercicio com thema geral e identico para todos os estudantes da respectiva aula. Estes exercicios (composições) eram avaliados por todo o collegio (corpo docente).

Havia *academias* todos os trimestres e no fim do anno *academia geral* e distribuição dos premios. Na proximidade dos exames trocavam-se por oito dias os professores das cadeiras que haviam de assistir a elles. Assim o professor de humanidades ia para a classe de rhetorica e vice-versa. Nas que não podiam trocar mandavam outros que deviam assistir aos exames finaes.

Os requerimentos para os exames eram despachados pelo Vice-Reitor da Universidade e a elle se communicava o seu resultado. As aulas duravam duas horas e meia de manhã e outro igual tempo de tarde.

Não havia castigos afflictivos..." (1)

Com esta acceitação recommençavam os Jesuitas em Portugal os seus labores pedagogicos; mas bem pouco lhes durou a consolação de trabalharem para bem dos portugueses, que depressa lhes trocaram em lagrimas os hosannas do triumpho passado.

O partido liberal quis celebrar a sua victoria com a oppressão de homens bemfazejos e, demais, innocentes na revolução do país, e no dia 31 de Julho de 1833 saíam já pela barra fóra alguns Jesuitas da casa de Lisboa. Os de Coimbra ainda se conservaram até o anno seguinte, mas um decreto de D. Pedro, com data de 24 de Maio de 1834, os arrancou ás gostosas fadigas escolares e a 30 desse mês atravessaram no meio de escolta a cidade, que saiu ás ruas consternada a despedir-se de seus mestres e bemfeitores e a pedir-lhes a benção com suspiros e lagrimas. Testemunha de vista nos descreve esta saída com sentidissimos pormenores. (2)

Sobre estes acontecimentos passaram 28 annos e no de 1858 o P. Carlos João Rademaker, entrado na Compa-

(1) Joaquim Martins de Carvalho, *Apontamentos para a Historia contemporanea*, (Coimbra, 1868) pag. 150-153. O depoimento deste escriptor é de grande peso. Como discipulo dos Jesuitas no Collegio das Artes de 1833 a 1834 foi testemunha ocular do que escreveu, e como liberal ferrenho tira ás suas afirmações qualquer sombra de parcialidade suspeita. Cf. *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, I, pag. 629, 769; *Portugal, Dicc. Hist.*, IV, pag. 884.

(2) Cf. Carayon, *ob. cit.*, I, pag. 68 segg., XIX, pag. 484 segg.

nhia de Jesus em Italia, na cidade de Chieri, em 1846 e dalli arrojado á patria pela revolução de 1848, dava começo ao Collegio de Campolide, semente da futura Provincia portuguesa e tão famoso na historia da pedagogia em Portugal nos 52 annos que decorreram em alternativas de temores e esperanças, de consolações e pesares; e logo em 1860 fundava no convento do Barro, situado pouco mais de meia legua a sudoeste de Torres-Vedras, a primeira casa de formação para Jesuitas. Nella houve por muitos annos o curso de letras para os membros da Companhia, chamados irmãos do Recolhimento, que em 1910 com os primeiros brados da Republica foram atirados para as nevoas da Hollanda.

Em 1861 já dirigiam tambem os Jesuitas o Collegio das Missões Ultramarinas em Sernache, onde só ficaram até o anno de 1871, e no de 1863 recebiam de Fr. Agostinho da Annunciação o Collegio de S. Fiel que no volver de quase cincoenta annos cresceu a muita grandeza e prosperidade e se tornou, como o de Campolide, um dos mais notaveis Estabelecimentos de educação em Portugal.

Pouco mais tarde em 1878 fundavam em Setubal, no antigo convento de S. Francisco, novo Collegio que abrigou primeiro os irmãos do Recolhimento, vindos do Collegio do Barro, pouco depois os estudantes de philosophia e sciencias naturaes e algumas escolas que frequentaram, como alumnos externos, os filhos da cidade (1):

(1) Os estudantes de philosophia mudaram para o Collegio de S. Fiel no anno de 1893 e aí ficaram até 1898, em que voltaram para Setubal. Mas em 1908 fechou-se nessa casa o curso de philosophia, indo nos annos seguintes os estudantes ao estrangeiro a formar-se nesta faculdade.

Para Guimarães se passou no anno de 1892 a Escola Apostolica, fundada no Collegio do Barro em 1880, e esta mudança deu ocasião a se estabelecer na mesma cidade e casa um Collegio, em que receberam lições alumnos externos e internos, com pequena interrupção, até 1906. Neste anno abriu-se na cidade do Porto, quase com o mesmo pessoal de Guimarães, novo Collegio que logo do principio grangeou a sympathia dos portuenses, mas teve a pouca sorte de não subsistir mais de tres annos. A revolução de 1910 veio cortar de raiz os planos que se faziam, para se reabrir em casa propria e mais ampla.

Foram estas as casas de formação literaria, scientifica e religiosa que os Jesuitas tiveram em Portugal desde 1858 até 1910.

Mas a pequena Provincia, cujas forças ainda eram escassas para o reino, animada contudo pelo espirito missionario que lhe deixaram como herança gloriosa os antigos Jesuitas portugueses, começou tambem de se expandir para as terras de além-mar. No anno de 1889 desferravam do Tejo e sulcavam a esteira dos velhos galeões que se ufanavam de levar esquadrões de apóstolos para a conquista espiritual, tres grupos de Jesuitas com a derrota na Africa Oriental, na India e na China. Nessas terras inauguraram tres missões, e brevemente encetaram o magisterio em escolas e collegios que de novo estabeleceram ou receberam já fundados.

Na India dirigiram os Jesuitas desde 1890 o Collegio de Belgão, ha pouco elevado a *High School*, logo em 1895 encarregavam-se do Collegio de Santa Cruz, *High School*, de Cochim; e em 1900 estavam á frente do Seminario e Collegio Leão XIII, *High School*, de Allapppy. Todos os tres collegios, a começar do tempo

em que foram entregues á direcção da Companhia de Jesus, cresceram annualmente em progresso continuo, como provam as estatisticas de frequencia.

Em Macau tomaram os Padres da Companhia a direcção do Seminario episcopal desde 1890 e a conservaram até serem expulsos pela revolução republicana de 1910; e dalli foram alguns em 1899 fundar a missão de Timor, onde o P. Sebastião Apparicio abriu uma escola que, pelos annos adeante, era frequentada por mais de 70 creanças (1).

Na Africa desenvolveram tambem os Jesuitas não menor actividade pedagogica, apesar de serem excepcionalmente grandes as difficuldades que lhes impedião o zelo emprehendedor. Regiam Collegios e escolas de alumnos internos ou externos em Quelimane, Coalane, Chimpanga, Boroma, Angonia e Zumbo, onde civilizavam,

(1) Já no anno de 1862 os Jesuitas PP. José Joaquim d'Affonseca Mattos e Francisco Xavier Rondina tinham ido para o Seminario de Macau a exercer o professorado e em 1867 foi o P. Domingos de Albuquerque substituir o P. Mattos que voltava para o reino; mas logo em 1871 houveram que se retirar definitivamente com os mais Jesuitas que se lhe tinham juntado. Cf. *Novo Mensageiro do C. de J.*, 1896, pag. 636, 1898, pag. 631. O P. Rondina homem de talento superior, insigne literato, e sabio para quem, como observou José de Sousa Monteiro, «a philosophia, a theologia... as sciencias naturaes, a que votava grande affecto e apreço, não tinham segredos», (Cf. *O Nosso Collegio*, II, pag. 136), ensinou naquelle Seminario rhetorica, physica, philosophia e theologia e deu á estampa, durante a sua estada em Macau, dois tomos intitulados *Compendio de Philosophia theoretica e practica para uso da mocidade portuguesa na China*, (Macau Typ. do Seminario 1869-70). Em 1871 já ensinava no Collegio de Pernambuco, no Brasil, e em 1872 voltou á Italia, onde foi um dos mais festejados redactores da *Civiltà Cattolica*. Falleceu em 1897. Cf. *Sommervogel*, IX, 817; *Novo Mensageiro do C. de J.*, XVII, pag. 311.

educavam e instruíam numerosas creanças, arrancadas á barbarie dos sertões africanos. As casas porém de maior importancia educativa eram os internatos do Zumbo e de Boroma.

Desta sorte a pequenina Provincia portuguesa, bracejando vergontees ao perto e ao longe, como o Portugal de outros tempos, se expandia mais e mais, e exercitava com ardor crescente os ministerios da sua vocação difficil mas grandiosa, na patria e em paragens remotissimas da metropole. Mas esta expansão ha de afigurar-se-nos maravilhosa, se recordamos os estorvos que se lhe levantavam pela frente e lhe embaraçavam o exercicio da sua nascente actividade. As lei pombalinas que ainda se mantinham de pé e a cada momento se ouvião citar para ameaço de exterminio, obrigavam-na a retrahir-se prudentemente, a viver como escondida, sem poder levantar o rosto com desassombro nem sequer declarar abertamente o seu nome. Por outro lado as antipathias nascidas de velhos preconceitos, enraizados em tantos espiritos, que facilmente se assustavam com o espectro jesuitico, a falta de protecção official, antes não raro a má vontade dos governantes, de quando em quando a perseguição declarada e a continua vexação de uma imprensa adversa e desenfreada, eram obstaculos em demasia, que peavam o desenvolvimente da nova Corporação e lhe atavam as mãos e tolhião os movimentos necessarios ao seu progresso. Contudo, não obstante as remoras que lhe impediam o passo, chegou pela força de sua vitalidade a dirigir uns dezoito estabelecimentos de formação, além dos multiplicadissimos ministerios sacerdotaes que exercia no reino e missões em esphera cada dia mais vasta; e a sua actividade não foi infructifera.

§ 2

Fructos de educação e de sciencia

O empenho que em todo o tempo empregou a Companhia de Jesus para educar a seus filhos, tambem no reino de Portugal produziu homens de merecimento incontestavel.

Os principios segundo os quaes ella ainda hoje os forma, são substancialmente os mesmos que deixamos traçados no primeiro livro, em que descrevemos as leis pedagogicas do *Ratio Studiorum*. Neste seculo em que a leviandade em forjar novos programmas tem sido tão prejudicial á formação da juventude, manteve a Companhia de Jesus inalterado o principio da educação solida em que seus primeiros Padres justamente assentaram. A Companhia de Jesus não quer formar levianos, que facilmente se viram ao leve sopro de qualquer doutrina com pretensões a novidade; mas esforça-se por educar homens serios e robustecer-lhes a intelligencia e o coração de modo que possam resistir sem difficuldade ao attractivo de seducções perigosas. No raiar do seculo XX mais uma vez ainda o preceituava, quando reunida solennemente em Congregação Geral no anno de 1906, determinou que os seus jovens não passassem ao curso philosophico senão depois de *solidamente* instruidos em letras (1); e nos estudos superiores proprios da sua vocação recebessem formação perfeita e acabada, es-

(1) «Solide instituendi sunt in Grammatica, Humanitate et Rhetorica et praecipue eloquentia sacra, litteris latinis, graecis, vernaculis...» Congr. xxv, Dec. 12, n.º 5.

pecialmente nas sciencias philosophicas e theologicas por serem mais necessarias á defesa da Religião Christã (1).

Assentadas estas bases tão seguras e sendo loucura temeraria, na vastidão actual dos conhecimentos humanos, pretender universalidade nas sciencias, recommenda em seguida a Companhia que seus estudantes se entreguem cada um, conforme seu engenho e inclinação, a ramos particulares de estudo, de modo que nelles venham a ser mestres e especialistas (2).

Segundo esta orientação não é maravilha que, onde não faltem as aptidões do talento, saíam bem formados os Jesuitas e se mostrem homens de solida instrução, servida por um gosto sobrio e apurado. Assim é que no espaço de cincoenta annos decorridos desde a fundação da missão, depois Provincia portuguesa, até á dispersão de 1910, não faltaram á Companhia de Jesus homens que primaram nos varios ramos do saber. Se não fossem ainda vivos na maior parte, folgaria de estender nestas paginas uma honrada lista de benemeritos das letras e sciencias. Limito-me porém quase unicamente a umas observações geraes indispensaveis, forçosamente incompletas, esquivando-me, quanto pudér, a elogiar pessoas vivas para não dar louvores que possam avaliar-se por lisonja nem tocar diferenças melindrosas.

(1) «...praeter solidam in spiritu formationem, optimam quoque in studiis Societatis propriis institutionem accipiant, praesertim in Philosophia et Theologia scholastica, utpote scientiis ad fidem tuendam maxime necessariis». Ibid. Dec. 16, n.º 6.

(2) Congr. G. xxv, Dec. 14, n.º 8 e 9, Dec. 16, n.º 5.

No campo das letras

As letras continuaram a cultivar-se nas aulas da Companhia com o ardor dos antigos Jesuitas. Mas a lingua portuguesa estudavam-na com mais particular empenho e com verdadeira afeição, zelando o seu purismo tão ameaçado pela invasão estrangeira, colhendo dos auctores antigos que sempre veneraram, as preciosidades que encerram suas obras e não desdenhando, antes apreciando devidamente a graça, suavidade e opulencia dos modernos. São prova os escriptos impressos, onde geralmente se admira o bom gosto e pureza de linguagem e em particular muitas paginas do *Novo Mensageiro* assignadas por diversos auctores.

No estudo do latim conservaram as honrosas tradições que lhes deixaram seus maiores, e lograram tambem formar latinistas de primeira plana que escreveram e escrevem no idioma do Lacio em prosa e verso com a elegancia dos tempos aureos. Quem não fôr extranho ás musas latinas, ha de sentir o lyrismo e sabor horaciano dessa ode saphica do P. Seraphim Gomes, até hoje inedita:

Deipara Romam tutatur

Nam quid insano fremit hostis ausu
Perdere aeternam meditatus urbem,
Plebs et erumpens agitat pudenda

Signa sub auras?

Aut quid, infandum!, exacuisse ferrum
Gaudet insontis cupidum cruoris,
Dum minax hostis sibi Vaticanas

Destinat arces?

Nempe bellaces gladiis cohortes
 Ducit et turmas rabie impotentes;
 Nos at hinc, sola pietate fortes,
 Stamus inermes.

VIRGINIS grata tegimur sub umbra,
 Cujus augustum venerata nomen
 Civitas plaudit meritosque spargit
 Turis honores.

Fidimus DIVAE: stygiis ab oris
 Excitae bellum moveant catervae;
 Protinus discent metuisse Magnae
 Vindicis arma.

Cernitis? VIRGO propere per altos
 Nubium tractus volitans, in alas
 Fertur hostiles et agente stragem
 Ense coruscat.

Praepetes tendunt juvenes minaci
 Luce et infestis gladiis timendi
 Funera, hac illac, bene fulminante
 Spargere dextra.

Audio jam nunc sonitum ruinae,
 Desuper cantu aligeros ovantes,
 Ac novos Tibrim geminare ab imo
 Gurgite plausus.

Quantus intentos oculos fatigat
 Fulgor! Investus populi per ora
 Pontifex, sanctosque humeros amictus
 Sole, triumphat.

Com o estudo do português e latim juntavam também o do grego e hebraico e das linguas modernas, e chegaram a ter polyglottas notaveis como o P. JOAQUIM CAMPO SANTO que falava e escrevia com aprimorada

correção o francês, o inglês, o allemão, o castelhano e o italiano, conhecia bem as linguas classicas principalmente o latim e o grego e estudára com proveito o sanscrito e outras linguas orientaes; e o P. MANUEL FERNANDES DE SANTANNA, profundamente erudito nas linguas classicas latina, grega e hebraica e varias linguas orientaes, e bom conhecedor de muitas modernas.

Na poesia portuguesa deixaram os Jesuitas novos as reservas cautelosas dos antigos e deram-se a cultivá-la muito de proposito. As frequentes sessões poeticas celebradas com solennidade e ardor juvenil ou nas festas de familia recatadas no recinto das paredes domesticas, ou alguma vez em publico, accenderam muita inspiração que brotou em verdadeiras obras de arte. A maior parte destas composições destinadas a festas intimas resguardaram-nas seus auctores de vistas profanas. Muitas porém viram a luz em revistas e jornaes sem terem de se envergonhar de apparecer ao lado das dos melhores mestres. Dentre os poetas que já falleceram, é justo, realçar os nomes de JOAQUIM CAMPO SANTO com sua lyra mimosa e suavemente inspirada, de CARLOS RADEMAKER espontaneo e caudaloso e de LUÍS D'ALMEIDA gracioso, lhano e finamente delicado.

O estudo da eloquencia, como de arte sobre todas util e até indispensavel para os ministerios sacerdotaes, sempre a recommendou a seus filhos com particular encarecimento a Companhia de Jesus. E se nos seculos passados viu em Portugal alguns delles applaudidos e acclamados entre os primeiros oradores, neste seculo de sua nova existencia pode ufanar-se de os ver igualmente hobrear com os melhores. Muitas das povoações ruraes do norte ao sul de Portugal hão de recordar com saudade a eloquencia popular de muito zeloso missionario,

que em linguagem, ás vezes menos ataviada, mas sincera, quente e repassada de uncção, despertavam suavemente na boa alma do povo português a lembrança consoladora das verdades da fé; mas também os templos das grandes cidades resoaram frequentemente com a voz de oradores cuja palavra artistica, eloquente e arrebatedora prendia e abalava os auditorios mais distinctos. Rademaker, o fundador da Companhia em Portugal no seculo XIX, foi o primeiro que encheu com o seu nome e com a fama de sua eloquencia o reino inteiro, e depois lhe succederam outros que certamente se lhe avantajaram nos primores da arte.

Luzes da imprensa

Mas para que se possa avaliar mais facilmente e com mais exactidão o merito dos Jesuitas portugueses, menciono brevemente alguns de seus trabalhos que viram a publicidade no campo das letras.

Entre as obras não poeticas apresentam-se primeiro os cinco volumes do *Chrysostomo Portuguez* com seus prologos magistraes, compilação dos sermões do P. Antonio Vieira, feita pelo P. ANTONIO ONORATI, que teve o intento de mondar os discursos vieirenses dos defeitos que o vicio do tempo lhes semeou, e accommodá-los ao gosto dos tempos de agora. Saiu a publico o primeiro volume no anno de 1878 (1). Em 1895 commemorou o

(1) O P. Onorati, natural de Ferentino, na Itália, falleceu no Collegio de Campolide em Lisboa a 14 de Agosto de 1881 com 52 annos de idade. Foi missionario zeloso e incansavel no Brasil, depois em Portugal, para onde veio em 1876, cultor eximio da lingua portuguesa e conferenciador eloquente e applaudido. «Perdemos inespera-

P. ANTONIO PINTO o setimo centenario do nascimento de S. Antonio com um volumezinho intitulado *Glorias de sete seculos*, breve historia do grande thaumaturgo.

Annos mais tarde em 1901 o P. LUÍS GONZAGA CABRAL, por ocasião do segundo centenario da morte do orador português, deu á estampa, em dois eruditos volumes, a obra intitulada *Vieira Prêgador* com o fim de concretizar no grande mestre as regras da oratoria e apresentá-lo, como modelo, aos aspirantes do pulpito português. O mesmo auctor publicára pouco antes em 1900 num opusculo escripto em lingua francêsa um estudo sobre a *Vida, character e eloquencia* do P. Antonio Vieira (1).

Em lingua portuguesa deu a lume o P. ANTONIO CORDEIRO no anno de 1910 uma elegante monographia historica sob o titulo *Jubileu do Collegio do Barro* para commemorar o quinquagesimo anniversario da abertura daquella casa; e pouco depois da expulsão dos Jesuitas intimada pela Republica saiu o P. LUÍS DE AZEVEDO com duas obras de mais fôlego que são os dois volumes dos *Proscritos*, historia bem documentada do que passaram os Religiosos da Companhia de Jesus na re-

damente..., escreve o *N. Mensageiro do C. de J.*, o inolvidavel P. Honorati, para quem as letras portuguezas contrahiram uma eterna divida de gratidão, como habilissimo compilador que foi do *Chrysostomo Portuguez*, auctor não menos solido que erudito dos magnificos prologos dos quatro primeiros volumes desta obra, assim como do precioso opusculo *O Character Religioso dos Lusíadas de Luiz de Camões*, que tão grande e bem merecida acceitação teve dos catholicos portuguezes por ocasião do centenario do nosso Epico». Cf. *N. Mensageiro*, 1, pag. 437, 438; Sommervogel, v, 1920.

(1) *Une Grande Figure de Prêtre — Vieira, biographie, caractère, éloquence* Paris, (1900).

volução de Portugal de 1910, e mais outros dois que intitulou *O Jesuita, fases de uma lenda*, escriptos com serenidade historica no intuito de desfazer os muitos erros que a imaginação ou a má fé de adversarios espalhou àcerca dos Jesuitas.

Em 1914, centenario da restauração da Companhia, appareceu, como lembrança commemorativa, um bello volume de scenas dramaticas, representadas em familia. Intitula-se *Rediviva* e contém o drama portuguez em quatro actos *Nunc Dimittis*, obra dos Padres ANTONIO DE MENEZES e LUÍS GONZAGA CABRAL; *Felix Rerum Concursus*, dramazinho latino do P. ANTONIO CORDEIRO, e *Hinos Crepusculares*, pequena peça dramatica em verso portuguez da penna de MANUEL DE S. PACHECO.

No mesmo anno deu ao prelo ARTHUR VIEGAS (P. Antonio Antunes Vieira) um trabalho erudito e palpitante de interesse pelas revelações historicas sobre *O Poeta Santa Rita Durão* e o seculo XVIII, e em 1916 *Um codice portuguez da Legenda Aurea — fragmento duma versão inédita do sec. XII* (1). O P. VALERIO CORDEIRO publicou em 1910 o opusculo *P. Mathaeus Ricci*, interessante biographia deste missionario escripta pelo P. Sebastião de Ursis, e em 1916 as *Memorias da ultima Condessa de Atouguia*, de interesse historico relevante, que teve logo segunda edição, e a graciosa vida de *S. Cecilia, Virgem e Martyr romana*;

(1) Esta ultima publicação deu origem a uma controversia com um escriptor espanhol sobre se o fragmento era realmente escripto em lingua portuguesa ou gallega; mas levou a melhor Arthur Viegas, cujo parecer teve a approvação dos mais doutos, não só portugueses mas tambem gallegos.

e o P. FRANCISCO RODRIGUES deu á publicidade dois livros de polemica historica, intitulados respectivamente *Os Jesuitas e a Monita secreta* e *Jesuitophobia, resposta serena a uma diatribe*, apparecidos aquelle em 1912 e este em 1917.

*
* *

Mas relanceemos um olhar pelas obras de poesia. Neste ramo enriqueceram os Jesuitas a literatura portuguesa com producções que os grandes mestres não desdenhariam de perfilhar. É lastima porém que a maior parte dellas ainda estejam espalhadas e escondidas por numeros de revistas e jornaes que as publicaram.

Reunidas em volumes avultariam, como obra benemerita da poesia portuguesa. Entre ellas teriam o primeiro logar na ordem do tempo, as composições do P. CARLOS RADEMAKER, cuja lyra facil e ardente se comprazia em tocar hymnos inspirados no amor da patria e religião. Com este duplice amor estuava o peito, donde brotaram poesias como *Santa Maria de Belém*, *Nossa Senhora de Milides*, *Nossa Senhora da Pena*, *O mosteiro de Penha Longa*, *Penha Verde*, *A gruta de Fr. Honorio*, *Ao Beato Francisco Peres*, *O Missionario da Africa*, *O Barco salvador*, e *Sexta-feira Santa*, todas successivamente publicadas na revista *Novo Mensageiro do Coração de Jesus* (1). Nem todas as poesias de Rademaker são obras primas, é verdade, mas, “quem lhe negará o seu merecimento?”, escreveu a penna auctori-

(1) Cf. Vol. I, pag. 226; IV, pag. 20, 289, 467; V, pag. 396; VII, pag. 354, 465; IX, pag. 328; XV, pag. 479; XVII, pag. 268.

zada de J. Campo Santo. Sentimento, mimo, lhaneza as mais das vezes, elevação até á sublimidade algumas, o ferrão satyrico e o remoque jocoso, de tudo ha nas cordas da sua lyra, e quasi tudo reproduzindo variações sobre dois motivos, contrapontos de dois bordões: religião e patria. Todos as lêem com gosto, embora os mais fastientos quizessem achar-lhe mais atticismo. Mas o P. Rademaker era em tudo espontaneo e deixava-se levar da facilidade até á improvisação'' (1). Esta facilidade riquissima invejava-lha com razão o P. JOAQUIM CAMPO SANTO outro poeta e o mais mimoso e limado, que no seio da Companhia de Jesus se formou em Portugal. A Campo Santo não o arrebatava certamente inspiração impetuosa, ainda que ás vezes se alteia com vãos de lyrismo vehemente; mas suas composições vão-se, por via de regra, desdobrando serenas em mimos e graças de phantasia suave e delicadezas de pensamento que enlevam. A forma é de artista primoroso, a lingua de mestre. Cada composição dir-se-hia uma joia rica, onde brilham engastadas com arte e fino gosto pedras preciosas de raro valor.

Quem percorresse as paginas do *Novo Mensageiro*

(1) *N. Mensageiro do C. de J.*, xxi, pag. 407. Nasceu em Lisboa no primeiro de Junho de 1828 o P. Carlos João Rademaker e logo no anno seguinte embarcou para a Italia com sua familia. Alli recebeu educação e em 1846 passou do Real Collegio dos Nobres de Turim, onde era alumno dos Jesuitas, para o Noviciado da Companhia de Jesus. Mas dois annos depois a revolução desterrou-o para a sua patria. Em Lisboa concluiu os estudos e depois de estabelecer novamente em Portugal a Companhia de Jesus e de ter trabalhado ardentemente e com applauso na patria, na Espanha e na Italia falleceu no seu Collegio de Campolide a 6 de Junho de 1885. Cf. *N. Mensageiro do C. de J.* v, pag. 305; xxi, pag. 281.

do *C. de J.* e do *Mensageiro de Maria*, onde foram saindo a lume as suas poesias, teria facil ensejo de verificar a exactidão do que asseveramos. Leria modelos de naturalidade, lhaneza e fluencia nas poesias *Ao Novo Mensageiro* (1), na lenda *A Senhora da Torre* (2) e *Nos annos de um parochio* (3); veria exemplos de delicadeza encantadora nas composições *Jesus dormindo nos braços de S. José* (4), no hymno *Bemdicta os céos cantem* (5) e nas *Flores milagrosas* (6); admiraria a vehemencia de inspiração patriotica na poesia *O caracter de Camões* (7); a magestade, riqueza e mimo nos poly-metros *Beato João de Brito* (8) e *Primicias do anno, primicias de sangue* (9), e sentiria os fremitos inspirados de indignação na poesia *A minha irmã* (10).

Nas traducções, e fê-las numerosas, também se mostra a fineza de uma penna bem aparada. Timbra em reproduzir com fidelidade e elegancia a belleza do original que não raro como que empallidece ante a formosura da copia. Foi saudada pelos mestres, como lustre esplendido da lingua portugueza, a versão do *Cancioneiro de Leão XIII*, edição commemorativa do jubileu sacerdotal que o Pontifice festejava em 1887 (11). Todo o livro é

- (1) *N. Mensageiro do C. de J.*, i, pag. 10.
- (2) *Mensageiro de Maria*, iv, pag. 292, 324, 356.
- (3) *N. Mensageiro*, v, pag. 85.
- (4) *Ib.*, ii, pag. 541.
- (5) *Ib.*, iii, pag. 75.
- (6) *Ib.*, iv, pag. 97.
- (7) *Ib.*, iii, pag. 156.
- (8) *Ib.*, i, pag. 686.
- (9) *Ib.*, vi, pag. 614.
- (10) *Ib.*, iii, pag. 356.
- (11) *Cancioneiro de Leão XIII ou os versos latinos e italianos*

uma preciosidade literaria, e a musa portuguesa, trajando a formosa roupagem que lhe vestiu Campo Santo, alli campeia sem rubor, antes com ufanía, ao lado da musa latina e italiana (1).

Outro poeta de menor envergadura que Joaquim Campo Santo, mas de bom talento, foi o P. LUÍS DE ALMEIDA. "Deixa-nos poesias muito mimosas, escreve um seu professor de letras; tinha nascido poeta e esse dote lhe descobri eu em tenros annos" (2). Infelizmente a saude sempre melindrosa não lhe permittiu que seu estro se accendesse em numerosas composições, mas as que nos deixou, abonam aquella affirmacão. Era na realidade um poeta mimoso. Não que lhe faltasse tambem a inspiração mais arrojada, como dão testemunho as poesias ineditas que o amor patrio suggeriu: *No passado e no porvir*, e *Nuno de Santa Maria*, mas a feição de seu espirito dava-se melhor com assumptos lhanos e delicados. Mostram-se por isso encantadoras de singeleza e naturalidade as composições *Os Martyres de Santa Maria*, *A Torre da Ermida* e *O Relógio*, que viram a luz da imprensa (3) e a inedita *Telmo o Semeador* (4).

de Sua Santidade postos em rima portugueza e precedidos da sua biographia pelo P. Joaquim José d'Abreu Campo Santo (Porto).

(1) O P. Campo Santo nasceu em Guimarães a 10 de Maio de 1841, aos 16 de Janeiro de 1859 entrou na Companhia de Jesus, foi director do *Novo Mensageiro do C. de J.* e do *Mensageiro de Maria* e por muitos annos professor e Director do Collegio de Campolide, onde falleceu a 29 de Setembro de 1909.

(2) P. João Seraphim Gomes no *Novo Mensageiro*, xxix, p. 594.

(3) *Legionario de Maria* (1904) pag. 270; *O Nosso Collegio*, I, pag. 104, 113. Cf. *Mensageiro de Maria*, vi, pag. 192, onde se publicaram as primeiras estrophes da composição *Nuno de Santa Maria*.

(4) O P. Luiz de Almeida [Lavrado] nasceu em Lisboa a 30

São estes os Jesuitas já fallecidos, crêdores, pelo seu talento poetico, de menção muito particular. Nos que lhes sobrevivem, ha-os tambem ou já entrados pela idade ou ainda na flôr da vida, que vibram o plectro com galhardia. As producções do seu engenho, que a imprensa tornou conhecidas, e são em menor numero que as manuscriptas, podem ler-se nas revistas citadas acima. Não louvo nenhum dos poetas nomeadamente, mas seria, cuido eu, omissão injustificavel, se não citasse o nome de JOÃO SERAPHIM GOMES, de ha muito respeitado pelos eruditos como mestre da lingua e poeta de raça. Entre as suas numerosas composições originaes são exemplo: de graça e naturalidade a lenda de *Santo Antonio da Matinha* (1); de inspiração arrojada e empolgante o polymetro *Tomada de Damiata* (2); de elevado sentimento lyrico a poesia *O Mosteiro demolido* (3); de força horaciana as odes *O justo sentenciado* (4), *Ao seculo XIX* (5) e *Industria e fé* (6), e de vigor satyrico a ode *Pombal aos liberaes* (7). Das traducções que são em numero avultado, sobresaem *O Purgatorio* da Divina Comedia de Dante, publicado em boa parte a trechos no *N. Mensageiro* desde o tomo

de Outubro de 1862, foi alumno no Collegio de Campolide desde 1871 a 1880, no anno seguinte alistou-se na Companhia de Jesus e falleceu em Campolide a 17 de Agosto de 1909. Cf. *N. Mensageiro*, xxix, pag. 593; *O Nosso Collegio*, vi, pag. 45.

(1) *N. Mensageiro*, iv, pag. 162.

(2) *Ibid.*, vi, pag. 668.

(3) *Ibid.*, vii, pag. 233.

(4) *Ibid.*, iv, pag. 679.

(5) *Ib.*, ix, pag. 206.

(6) *Ibid.*, i, pag. 266.

(7) Esta satyra foi publicada diversas vezes em varios jornaes.

XXVII em deante; o poema *O Sonho de S. João* (1) e o gracioso idyllio *Marina*, composições ambas de Verdaguer, poeta catalão (2).

Não devo também, por motivos especiaes, deixar sem lembrança o jovem poeta JOSÉ GOMES RIBEIRO que nos tem aformoseado a literatura portugüesa com inspiradas composições de sua penna. Della saíram, além de muitas, as poesias *Na Arrabida e Realidade ou sonho*, nas quaes o lyrismo elevado e a lhaneza se enlaçam graciosamente (3), a ode mimosissima *Lirio em botão* (4), o poemeto *Lourdes* com seus versos encantadores a nos pintarem scenas singelas e magestosas (5), e o poema de maior alcance *O Gran Paí*, a cantar o grande heroe P. Antonio Vieira em lucta contra a cubiça escravizadora (6). Com arrojo, bem justificado pelo exito, pôs o mesmo auctor em verso portugüês *A Atlantida*, poema catalão de Jacinto Verdaguer. "Grande e assinalado serviço, escreveu o Sr. Candido de Figueiredo, devemos ao tradutor portugüês que trasladou para linguagem nossa o monumental poema. Assim já ninguém se desculpará de desconhecer o poema pela difficuldade do idioma; e a bibliografia portugüesa registará uma tradução que feita como é em bons versos e boa linguagem acarea para o Sr. Gomes Ribeiro os mais sinceros agradecimentos e emoras; emoras pela dis-

(1) *N. Mensageiro*, ix, pag. 133; xxii, pag. 269 e tomos segg.; foi também publicado em folheto.

(2) *Ibid.*, v, pag. 738.

(3) *Ibid.*, xxx, pag. 266 segg., pag. 338 segg., pag. 472 segg.

(4) *Ibid.*, xxx, pag. 594.

(5) *Lourdes no Barro*, (Lisboa, 1908).

(6) *O Gran Paí* (Madrid, 1912).

tinta correção do seu trabalho; e agradecimentos por tornar vulgarizável entre nós o soberbo poema do imortal Verdaguer" (1).

Só com essas pequenas amostras fica bem claro que os Jesuitas de hoje, avantajando-se neste ponto a seus antepassados, cultivavam com brio e lustre a poesia portugüesa, não a poesia despuorada que vicia o coração, mas a poesia formosa e casta que lhe desperta santos e purissimos affectos.

Apontemos também as publicações periodicas. Dirigiram elles em Portugal o *Novo Mensageiro do Coração de Jesus* de que foi um dos primeiros e mais acreditados Directores o P. José Joaquim d'Affonseca Mattos, o *Mensageiro de Maria*, destinado a promover o culto da Mãe de Deus e o *Legionario de Maria*, expressamente publicado no anno de 1904 para festejar o jubileu quinquagenario da definição dogmatica da Immaculada Con-

(1) Citação do *Mensageiro do C. de J.*, xxx, pag. 446. — O Sr. Gomes Ribeiro entrara na Companhia em 1898, mas em 1911 della se despediu de boa intelligencia com os Superiores. Por esta razão não menciono aqui senão obras que compôs antes desta data, ainda que todas se puderam fazer fructo da formação recebida com os Jesuitas. Elle mesmo o quis significar na dedicatória do poema *O Gran Paí* que offerece á Companhia de Jesus nestes disticos:

Ignatí Proles, quae Jesu nomine clara,
Incedis victrix et sine labe cohors,
Tu me fovisti gremio, tu semina quondam
Curabas animo credere prima meo...
Qualiscumque tibi debetur fructus agelli:
En laetus venio solvere primitias.

Observo que este poema, saido do prelo em 1912, foi escripto, quando o auctor ainda era Jesuita.

ceição. Todos os tres periodicos se propunham fim religioso, mas pennas habéis e bem aparadas escreveram em suas paginas artigos de grande valor literario. Teem primazia os que escreveu a penna de Joaquim Campo Santo, e são notaveis pela doutrina e merecimento artistico as *Intenções mensaes* e as *Cartas a uns portugueses de além-mar* publicadas no *Novo Mensageiro*. O idioma patrio ali campeia em toda a sua pureza, opulencia e graça. Campo Santo era um escriptor classico e mestre insigne da lingua portugueza (1).

Nas colonias não descuidavam os Jesuitas, a exemplo dos antigos missionarios, o estudo das linguas e começavam de divulgar pela estampa os fructos de seu empenho. Na Zambezia além de varios catecismos e livros de piedade, compostos por diversos missionarios, publicou o P. VICTOR JOSÉ COURTOIS: os *Elementos de Grammatica Tetense*, lingua Chi-Nyungue, primeira edição em 1887 e a segunda em 1899; o *Diccionario Portuguez-Cafre-Tetense* em 1899, e em 1900 o *Diccionario Cafre-Tetense-Portuguez*, e um livro para escolas elementares intitulado *Rivuru Rakutoma rakufundzisa Kureri na kunemba mu Chisendzi cha che Nyungue* (2).

(1) Os Jesuitas publicam ainda annualmente as revistas: *O Nosso Collegio* «pregoeiro» e «archivista» da reunião annual dos antigos alumnos do Collegio de Campolide, cujo primeiro numero appareceu em 1905; e as *Cartas edificantes da Provincia de Portugal*, iniciadas em 1909.

(2) O P. Victor Courtois, francês de nação, nascêra em 1846, entrou na Companhia no anno de 1871, em 1882 saiu da barra de Lisboa para a Zambezia, onde desembarcou no porto de Quelimane a 25 de Outubro desse mesmo anno, e em 1894 falleceu em Inhambane. Cf. Joseph Petit S. J., *Victor Joseph Courtois*, (Tournai, 1905).

O P. MOHL estampou uma pequena *Grammatica* da lingua de Tete com *vocabulario* e *fabulas*.

O P. JULIO TORREND deu a lume *A Comparative Grammar of the south-African Bantu Languages, comprising those of Zamzibar, Mozambique, the Zambesi, Kafirland, Benguela, Angola, the Congo, the Ogowe, the Cameroons, the Lake Region* etc. (London 1891).

O P. ALEXANDRE MOREIRA imprimiu o *Resumo da Historia Sagrada em linguagem Echuabo* falada em Quelimane, (Lisboa, 1906) e a *Grammatica em Chi-Sena: Português-Sena e Inglês-Sena* (1914) (1); e o P. PEDRO DUPEYRON entregou á estampa a *Grammatica Chi-Yaw* comparativa da lingua de Quelimane e Tete, e o *Pequeno Vademecum da lingua Bantu na Provincia de Moçambique ou Breve estudo da lingua Chi-Yao ou Adjaua comparada com os dialectos de Sena, Tete e Quelimane* (2).

O missionario de Timor P. MANUEL FERREIRA compôs e publicou em Lisboa, em 1908, na lingua daquella Ilha o *Resumo da Historia Sagrada em Português e Tetum para uso das creanças de Timor*.

(1) O P. Alexandre Moreira falleceu no Mar-Vermelho na viagem para a Europa com 56 annos de idade em 1914. Governou como Superior toda a Missão da Zambezia. Entrára na Companhia em 1880 e foi a primeira vez para a Africa no anno de 1898.

(2) Outro missionario da Africa, o P. Ladislau Menyharth, hungaro de nação, deu-se a estudar a flora do Zambeze e enviou para a Europa boas collecções de plantas, cujo catalogo foi publicado por Hans Schinz com o titulo *Plantae Menyharthianae, eine Beitrag zur Kenntnis der Flora des Unteren Zambesi* (Wien, 1905)—Nascêra em 1849, entrou na Companhia em 1866, chegou á Missão em 1890 e falleceu em 1897.

Sciencias Naturaes

Não só porêem no campo das letras trabalharam os Jesuitas; as sciencias tambem lhes devem louvavel empenho e resultados magnificos. Bastaria para o comprovar a *Brotéria*, revista de sciencias naturaes, fundada no Collegio de S. Fiel no anno de 1902 pelos Padres JOAQUIM DA SILVA TAVARES, CANDIDO MENDES e CARLOS ZIMMERMANN, saudada no seu nascimento com phrases animadoras por muitas revistas scientificas, nacionaes e estrangeiras, e recebida nos annos seguintes com francos elogios de naturalistas eminentes. Em 1903 escrevia o Sr. Porter na *Revista Chilena de Historia natural* (año VII, n.º 4): "A *Brotéria* a julgar pelos trabalhos publicados no volume segundo, que recebemos e que somam 228 paginas illustradas com estampas e figuras intercaladas, está destinada a figurar entre as primeiras publicações do seu genero".

No mesmo anno lia-se na *Gazeta das Aldeias*, revista agricola do Porto, n.º 398: "Num meio tão avesso ao estudo das sciencias como é o nosso... a publicação de uma revista puramente scientifica e que se destaca pelo brilhantismo e alto valor da collaboração, constitue uma tentativa tão audaciosa como digna dos maiores louvores. E' a impressão que nos dá a leitura dos fasciculos I e II da *Brotéria* (vol. II), unicos que tivemos a satisfação de receber, mas pelos quaes nos é facil reconhecer o grande merecimento da notabilissima revista, cujo titulo é uma consagração á memoria do nosso insigne botanico Brotero... Vivamente aconselhamos aos estudiosos a *Brotéria* que é sem duvida alguma a mais instructiva revista que hoje se publica entre nós."

Louvores não menos significativos recebeu doutras

revistas, como da *Insekten-Börse* de Leipzig, n.º 46; de *Le Monde des plantes*, de Mans, França, n.º 19; *Marcellia*, *Rivista Internazionale de Cecidologia*, de Padua, fasc. IV, 1902, e fasc. II, 1905; *Bibliographische Zeitschrift*, de Berlim, vol. III, n.º 2; *Il Naturalista Siciliano*, 11, 1905; *Revista Agronomica de Lisboa*, n.º 4, 1903.

Animada com a benevolencia dos sabios davam-se os redactores da *Brotéria* com ardor ás investigações scientificas. "Quem no fim desse anno [1910], escreve o P. Candido Mendes, tomasse o balanço á sua obra scientifica, veria em dois florescentes collegios de instrucção secundaria o de Campolide e o de S. Fiel, dois grupos de professores que se dedicavam com entusiasmo ao estudo das sciencias naturaes em Portugal. Cada um na sua especialidade formara uma collecção da fauna ou flora e comprara os livros para a estudar.

J. S. Tavares explorando uma secção nova, a das *Zoocecidias*, percorrerá todo o país e formara uma collecção riquissima de cecidias e seus cecidozoides, unica na Peninsula. Seus estudos sobresaíam entre todos na *Brotéria* pelo numero de especies novas descriptas e por um trabalho de conjuncto (*Synopse das Zoocecidias Portuguesas*, *Brotéria*, vol. IV, 1905) que abrange todas as especies de Portugal então conhecidas. Por estes seus estudos é com razão contado entre os principaes cecidologos. Reconheceu-lhe o merecimento a Academia Real das Sciencias de Lisboa, que o nomeou seu socio correspondente.

Carlos Zimmermann depois de estudar a flora phanerogamica e cryptogamica vascular dos arredores de S. Fiel, depois de ter publicado na *Brotéria* apreciados estudos de Microscopia, especializou-se no estudo das

Diatomaceas. Tornara já conhecidas na *Brotéria* 211 espécies da Madeira e quatro centurias de Portugal e preparava para o prelo uma monographia de todas as espécies portuguesas.

Candido Mendes dera-se de preferencia aos lepidopteros palearcticos e especialmente aos de Portugal. Só dos arredores de S. Fiel contava já na sua collecção passante de 800 espécies, entre as quaes descobriu um genero e dez espécies novas, que foram descriptas na *Brotéria*. Publicou tambem varios catalogos locais de lepidopteros portugueses.

A par destas collecções formavam-se em S. Fiel outras mais vagarosamente. Na dos coleopteros occupava-se o professor M. N. Martins, que a seu tempo publicaria o fructo de sua rara habilidade de investigador.

Aos nevropteros dedicara-se Athanasio Silvano; ainda aos lepidopteros Manuel Rebimbas e Paulino Vieilledent que publicou um catalogo dos da região de Setubal; pelos dipteros, hymnopteros e orthopteros repartia J. S. Tavares os momentos livres do estudo das cecidias.

Assim se ia formando um museu entomologico, não só regional mas de todo o país e das colonias, que em breve tornaria conhecidas as riquezas faunisticas da nossa patria.

A par das collecções augmentava dia a dia a bibliotheca scientifica, indispensavel para estudos deste genero. Numerosas revistas de valor permutavam com a nossa. Muitos naturalistas presenteavam com as suas obras os seus collegas da *Brotéria*.

Em Campolide não era menor a actividade scientifica, principalmente nos ultimos annos.

O professor Oliveira Pinto, dedicado em especial

às questões actuaes de physica e chimica, começara o estudo da radioactividade das aguas mineraes de Portugal, cujas primicias apresentou pessoalmente no Congresso de electricidade e radiologia de Bruxellas.

Camillo Torrend proseguia no estudo dos fungos de Portugal e colonias, que começara em Setubal e continuara em S. Fiel. Varios catalogos e muitas espécies novas, por elle descobertas e descriptas, estão na *Brotéria* a attestar a sua incessante actividade. Mas sobretudo a prova a collecção de Myxomycetas de todo o mundo e a monographia que sobre ellas publicou na serie botanica da *Brotéria*, vol. VI e VII (1907-1908). Foi a primeira obra deste genero que se publicou em francês. Justamente o nomeou tambem seu socio correspondente a Academia Real das Sciencia de Lisboa.

Affonso Luisier estudou primeiramente a flora dos arredores de Setubal, que publicou no Boletim da Sociedade Broteriana de Coimbra. Circumscreveu-se depois ao estudo dos musgos. Era já grande o material que possuia, sobretudo de Portugal e Madeira, com o qual se propunha publicar dentro em pouco uma flora bryologica das ilhas e de Portugal.

Todos tres como socios fundadores que eram da Sociedade Portuguesa de sciencias Naturaes, tomavam parte activa nas suas sessões" (1).

Com tão louvavel proficiencia trabalharam até 1910 os fundadores e redactores da *Brotéria*, e com a mesma continuaram nos annos seguintes, de modo que só o volume XIV de 1916 apresentou descriptos, como exemplares novos para a sciencia, 13 generos, 1 sub-genero, 75 espécies, 3 sub-especies e 2 variedades.

(1) *A Brotéria no Exilio*, (Madrid 1913) pag. 6-8.

Este movimento scientifico, nascido em grande parte de iniciativas particulares, era favorecido pelos superiores da Companhia, que não se poupavam muita vez a sacrificios dispendiosos para animar a boa vontade dos subditos. Faziam-se viagens de estudo e exploração, despachavam-se commissões scientificas para observação de eclipses solares, reuniram-se museus curiosos que dia a dia enthesoiravam novas riquezas, formaram-se gabinetes de physica nas diversas casas de instrução e montou-se tambem no Collegio de S. Fiel um Observatorio meteorologico, onde se faziam observações que se transmittiam regularmente ao Observatorio central de Lisboa.

O fructo deste labor scientifico divulgava-o a imprensa em artigos de revistas, em opusculos separados, ou obras de maior tomo.

O P. CAMILLO TORREND, conhecido mycologo, editou em 1909 um bom volume com o titulo *Flore Générale des Myxomycètes* em que reuniu os artigos já publicados na Broteria. Antes porém já o P. MANUEL FERNANDES de SANTANNA déra a lume obras de subido valor que demonstram profundo conhecimento e erudição no campo da philosophia, theologia e sciencias naturaes. Firmaram a merecida reputação do auctor os dois volumes intitulados *Questões de Biologia*, *O Materialismo em face da Sciencia* (Lisboa, 1900). A imprensa de todos os matices sentiu-se forçada a prestar homenagem á sciencia daquelle sacerdote.

"O monismo, escreveu o *Tempo* a sete de Fevereiro de 1900, a geração espontanea, o atomismo mecanico e a vida, a evolução ontogenica, a unidade da vida, o vitalismo, a vida psychica, a consciencia e outros tantos problemas de alta investigação scientifica são discutidos

e apreciados pelo novel mas sabio escriptor, que se impõe desde já por este primeiro livro ao respeito e admiração de todos os homens de sciencia. É-nos summamente grato ver como um padre português apoia e defende á luz da sciencia a sua fé e as suas convicções, demonstrando de uma maneira inequivoca, que lhe são conhecidas todas as conquistas da sciencia... As *Questões de Biologia*... são a obra philosophica de maior valor que tem visto a luz publica em Portugal nos ultimos tempos" (1).

Um anno mais tarde apresentava o mesmo auctor o primeiro volume do *Curso de Religião*, no qual assenta com erudição e profundez a *Bases Scientificas* dos dogmas da fé; e depois a traducção de *O Evangelho segundo S. Mattheus*, illustrada com sapientissimas notas e precedida de uma introdução magistral (2).

Não era pois immerecido o credito que em Portugal gozavam os Jesuitas como homens dados á sciencia; nem é maravilha que ao instituir-se em Lisboa a Sociedade Portuguesa de Sciencias Naturaes, sete Jesuitas entrassem como Socios fundadores. Eram elles os Padres Antonio Pinto, Affonso Luisier, Camillo Torrend, Candido Mendes, Carlos Zimmermann, Joaquim Tavares e Manuel Rebimbas.

Além desta distincção receberam ainda os Jesuitas outras, muito honrosas, em Portugal e no estrangeiro. O P. Joaquim Tavares foi eleito socio da Academia das

(1) Citação do *Mensageiro do C. de J.* xxx, pag. 355.

(2) O P. Santanna nasceu na Ilha da Madeira a 14 de Maio de 1864, alistou-se na Companhia de Jesus em 1880, professou linguas, mathematica, philosophia e theologia e morreu no Collegio de Campolide a 2 de Maio de 1910.

Sciencias de Lisboa, da Real Academia de Sciencias e Artes de Barcelona, da Sociedade Entomologica de França, da Sociedade Espanhola para o Progresso das Sciencias, da Real Sociedade Espanhola de Historia Natural e membro correspondente do Museu Nacional do Rio de Janeiro. O P. Camillo Torrend é também socio da Academia das Sciencias de Lisboa e da Real Academia de Agricultura de Turim. O P. Affonso Luisier entrou na Sociedade Espanhola para o Progresso das Sciencias, e na La Murithienne, Société Valaisanne des Sciences naturelles, e os Padres Candido Mendes e Carlos Zimmermann foram escolhidos para membros aquelle da Sociedade entomologica de Florença, e este da Real Sociedade de Microscopia de Londres (1).

Não são logo descabidas as phrasas de louvor que C. G. Lloyd exarou na *Mycological Notes* de Cincinnati, E. U., 1903, n. 13: "... A proposito do P. Torrend e da ordem a que elle pertence, descerei a alguns pormenores: temos o maior apreço pelos trabalhos dos Jesuitas, ainda que a sua modestia e desinteresse seja parte para que seus labores não cheguem ao conhecimento de muitos. Ajuntarei que esta Ordem se occupa na educação da mocidade pela qual seus membros se desvelam nas varias partes do mundo. Só entram na Companhia os que se obrigam a consagrar a vida ao estudo, ao ensino e outras occupaões respeitantes á gloria de Deus e proveito espirital dos proximos. O Jesuita, que deve ser homem de sciencia, renuncia aos

(1) Por motivo da sua muita erudição literaria e philologica receberam também o P. Antonio Antunes Vieira o diploma de socio da Real Academia Gallega, e o P. João Seraphim Gomes o de socio de merito da Sociedade Archeologica de Pontevedra.

bens da familia e releva que seja de vistas desinteressadas. Não sou membro da Igreja Catholica, mas tenho varios correspondentes Jesuitas; não creio que entre os que se dão a labores scientificos, haja homens mais estudiosos, mais sabios, mais modestos do que elles. Mas poucos reconhecem que a sciencia lhes deve assignalados serviços. As suas pacientes investigações obrigam-me a tributar-lhes o preito da admiração mais sincera" (1).

A Juventude dos Collegios

Professores tão habéis e instruidos estavam preparados para o mistér sagrado da educação e instrucção da mocidade, e os Jesuitas entregavam-se a elle com a nobre paixão de fazer bem. A Companhia de Jesus resurgiu em Portugal com o mesmo espirito que lhe dera vida no primeiro nascimento; resurgiu para ensinar os homens a serem felizes com a felicidade que lhes traz a posse do Bem Supremo. É este ideal que a Companhia de Jesus, antiga e moderna, deseja realizar em suas casas de instrucção e para o attingir se empenha em dar a seus alumnos educação genuinamente christã, a unica poderosa a tornar os homens felizes e a base unicamente segura de qualquer outra educação ulterior, literaria, scientifica, social, patriotica e physica. Em todas se esmera a Companhia de Jesus, mas a razão imperiosamente exige, que dê os primeiros e maiores cuidados á educação religiosa, como aquella que a todas sobreleva, a todas vivifica e fecunda admiravelmente.

O regulamento do Collegio de Campolide, que o

(1) Citação de L. de Azevedo, *O Jesuita*, II, pag. 271.

era tambem dos demais collegios, assim o proclamava logo nas primeiras linhas: 1.º — *O fim dos que entram para este collegio é insistir com a maior diligencia no alcance das virtudes christãs, das letras e de todos os predicados de uma boa educação.*

Para dar pois a conveniente educação religiosa usavam os Jesuitas as industrias que já mencionei, accommodando-as agora prudentemente ás exigencias dos tempos modernos. As practicas da Religião sem excesso, as festas piedosas, as Congregações Marianas e com especialidade o ambiente de virtude e o trato intimo com os mestres e directores, que desveladamente iam formando o coração dos jovens, eram os vehiculos, por onde introduziam na alma pouco a pouco os germens da boa educação.

E colheram fructo desta semente nos cincoenta annos em que a lançaram á terra de Portugal? Quem o pode negar? Em todas as classes da sociedade figuram homens de bem que aos collegios da Companhia devem os sentimentos piedosos e arraigadas convicções religiosas que os nortearam e norteiam na travessia procellosa da vida. Quantos bispos, sacerdotes, magistrados, advogados, militares, professores, escriptores, homens de acção, jovens de costumes intemeratos e sublimes ideaes, que nunca desdisseram da educação recebida nem desmentiram os desvelos de seus educadores! E quanta morte edificantissima não registam as memorias collegiaes de alumnos piedosos, sobre cuja fronte moribunda pairava a esperança risonha e segura de uma felicidade sem termo!

Mas... infelizmente não escasseiam os que se extraviavam da vereda por onde seus mestres os encaminharam. E' tão difficiloso na verdura dos annos não ceder

ás seducções que afagam, e resistir á torrente impetuosa da corrupção que arrasta! Ao sairem do Collegio, onde aprenderam os solidos principios da Religião e começaram a practicá-la com ardor, aquelles jovens briosos, mas ainda tenros na piedade, precisavam de um meio que lhes favorecesse o exercicio da virtude e lhes robustecesse os habitos adquiridos; mas quando principiavam a respirar em atmosphera de maior liberdade, aspiravam-na empregnada e corrompida de miasmas, envenenavam e debilitavam o espirito, arruinando aquella saude vigorosa que só poderia reagir contra a força da intoxicação. Isto porém não prova que fosse má ou por si mesma inefficaz a educação que receberam, só demonstra que os organismos são tambem adoecem, quando lhes inoculam elementos deleterios. Não é preciso falar dos que no Collegio se mostram refractarios á solicitude dos educadores. A natureza humana, como dotada de liberdade, pode sempre recalcitrar contra os que lhe fazem bem e rejeitar o que só a poderia tornar feliz. (1)

Com a educação religiosa levavam os Jesuitas a par a educação civica e patriotica, e é facto que a Companhia restaurada não só não tem cedido neste passo aos antigos, mas talvez se lhes tenha avantajado. Não havia data gloriosa nos annaes da história patria que se não commemorasse, nem feito illustre contemporaneo que

(1) Não falta quem attribua os resultados menos lisonjeiros da educação aos proprios *Internatos*. É certo que esta especie de collegios que aliás a Companhia de Jesus nunca louvou de preferencia, mas adoptou por força das circumstancias, tem seus inconvenientes. Mas estes procura a sã pedagogia dos Jesuitas evitá-los ou diminuí-los, e não rejeita semelhantes estabelecimentos de educação pelos grandes bens que podem trazer e muitos males que impedem.

• não accendesse enthusiasmos nos collegios de Jesuitas e assim pouco a pouco se ia infiltrando no animo dos alumnos o nobilissimo affecto do amor patrio. Daqui vinha que muitas das academias literarias celebravam glorias de Portugal, tomando por assumpto factos colhidos nas nossas historias, como o indicam e servem de exemplo os titulos das seguintes feitas no Collegio de Campolide: *D. Affonso Henriques, Portugal na idade Media, D. Manuel, Cardiaes Portugueses, D. Sebastião, Glorias de Portugal, Heroes d'Africa, Homenagem a Vasco da Gama, Ao Santo Condestavel, Portugal aos pés de Christo, Portugal á sombra da Igreja* (1). Daqui nascia o entusiasmo por vezes delirante, com que a juventude dos collegios festejava os acontecimentos de regozijo nacional. Ficaram em memoria as festas dos centenarios de Camões, de S. Antonio e do Descobrimento da India e o ardor juvenil com que se applaudiram as ultimas victorias da Africa e as explosões de patriotismo que no Collegio de Campolide victoriarão a Mousinho de Albuquerque e a Azevedo Coutinho, e no de S. Fiel a Alves Roçadas.

Com a educação religiosa e civica, também acompanhavam os Jesuitas a educação physica, lembrados do antigo adagio *Mens sana incorpore sano*. Por esta razão não faltavam, com seus exercicios musculares, os jogos de movimento que ao mesmo passo que fortalecem o organismo, robustecem também a vontade e o character; havia escolas de gymnastica e esgrima, dirigidas por homens de reconhecida competencia, e de quando em quando saía todo o Collegio em passeio fóra de casa

(1) Cf. *O Nosso Collegio*, 1, pag. 22.

para afrouxar um pouco o arco retesado da disciplina collegial, retemperar os animos nas expansões ao ar livre e retomar depois com brio renovado as occupações escolares.

Rematemos com a educação intellectual. Qual tenha sido esta, com segurança o podemos conjecturar da formação e destreza dos mestres. Mas é para lastimar que o quase monopolio do ensino official lhes tenha coarctado a liberdade de ensinarem francamente segundo o seu methodo tão racional e tão solido. De facto os Jesuitas desde que abriram novamente suas escolas em Portugal, tiveram quase sempre de se accommodar a programmas alheios, falhos nos principios da verdadeira educação e tendentes antes a formar encyclopedicos levianos do que homens solidamente instruidos. Houveram de ensinar por uns compendios officialmente impostos, em que se expendiam ás vezes doutrinas erroneas, e viram-se com frequencia vexados por syndicancias incommodas que lhes dificultavam o exercicio livre da sua actividade. Ainda assim não desanimavam, mas, navegando contra a corrente, procuravam desviar obstaculos e supprir com as industrias de seu methodo as deficiencias de methodos extranhos.

A instrucção religiosa, cimento indispensavel de uma boa educação, mas desprezada nos programmas officiaes, ministravam-na com o ensino do catecismo e em escolas especiaes chamadas de Religião; a solida e bem orientada philosophia, illuminada pelas luzes da revelação christã, estudo quase desconhecido em Portugal nos estabelecimentos publicos de instrucção, ensinavam-na muito de proposito, a fim de darem á juventude formação bem fundamentada e metterem algum lastro á leviandade moderna; e para dirigirem o trabalho pessoal

do alumno e aproveitarem aptidões particulares, fundavam academias literarias e scientificas, onde comesassem a extremar-se futuros especialistas. Havia-as nos Collegios de Campolide e S. Fiel, e eram formadas pelo escol dos alumnos. Nas sessões que de tempos a tempos offereciam a escolhidas assembleias, apresentavam os noveis academicos os seus trabalhos que geralmente mereciam a approvação dos entendidos. É digna de mencionar-se com especialidade a sessão literaria, effectuada no Collegio de Campolide a 8 de Dezembro de 1906 e destinada a celebrar glorias portuguezas do reinado de D. Manuel, o Venturoso. Nella se pronunciam discursos valiosos sobre as *Navegações, Victorias no Oriente, Esplendor das letras e Artes portuguezas* (1).

No anno de 1908 fundou-se no Collegio de Campolide o *Instituto de Sciencias Naturaes*, com o fim de proporcionar aos professores meios abundantes de se aperfeiçoarem na sua especialidade scientifica, e tambem de facilitar aos alumnos os trabalhos practicos, permittidos pela indole dos estudos de intrucção secundaria. Este esperançoso gremio scientifico nos dois annos que teve de subsistencia, já começava de produzir fructos muito estimaveis. Ia formando a sua bibliotheca, já enriquecida de obras excellentes, e systematizando um museu, onde se admiravam já collecções importantes de zoologia e botanica (2).

Os Padres Luisier e Torrend, membros do Instituto, começaram a publicar as suas *Exsiccata* de musgos e

(1) Cf. *O Nosso Collegio*, III, pag. 38, 105, segg.

(2) Ibid., V, pag. 100; VI, pag. 143.

fungos. "O successo, escreveu o fundador do Instituto P. Antonio Pinto, passou alem de toda a expectativa; os principaes museus da Europa e America inscreveram-se immediatamente e em poucos meses foram tantos os pedidos que se tornou impossivel satisfazê-los a todos" (1).

Com esta industriosa habilidade se dava ao ensino das sciencias e letras aquella feição positiva e practica, tão propria dos estudos modernos, feição que se facilitava pelas esplendidas bibliothecas dos collegios da Companhia, pelos gabinetes scientificos e museus de zoologia, botanica, mineralogia, numismatica, archeologia e ethnographia, sobretudo colonial, onde professores e discipulos verificavam os conhecimentos adquiridos e adeantavam os seus estudos (2).

Mas para mais a fomentar servia ainda outro meio sempre muito agradável á juventude e grandemente proveitoso. Eram as excursões scientificas, em que os alumnos guiados por seus mestres iam com os proprios olhos investigar e examinar as maravilhas da natureza ou contemplar os prodigios da arte. A utilidade destas excursões é manifesta. Menciono sómente, por via de exemplo, a viagem que fizeram a Espanha para observar

(1) *O Nosso Collegio*, VII, pag. 46.

(2) Sobre a riqueza do Museu do Collegio de Campolide escreveu a penna competentissima do Snr. Felix Alves Pereira em 1908: « Em boa tarde que eu visitava attentamente o Museu do meu antigo collegio e me ia trasbordando a admiração pela abundancia e brilho das collecções que ali se guardam, o acaso quiz que meus olhos, sempre um pouco predispostos por força de habito, caissem sobre um pequeno calhao cuja parentela ethnographica eu bem conhecia... » Cf. *O Nosso Collegio*, IV, pag. 185.

um eclipse do sol e dou a noticia dos resultados citando a apreciação, de certo insuspeita, que delles fez o diário do Porto, *Primeiro de Janeiro*: "Por ocasião do eclipse total do sol, em 30 de Agosto de 1905, os academicos scientificos estabelecidos nos collegios de Campolide e S. Fiel delegaram commissões para observarem o curioso phenomeno. Foram escolhidos tres pontos de estudo: Palencia, Tortosa e Burgos, indo para o primeiro ponto a missão do Collegio de S. Fiel, para o segundo a do Collegio de Campolide e para Burgos uma commissão mixta dos dois Institutos. Essas missões scientificas redigiram relatorios muito minuciosos dos seus trabalhos e apparecem elles agora publicados em volume que archiva assim em lingua portuguesa as observações principaes do eclipse. Os estudos feitos pelos Academicos de Campolide e de S. Fiel são de um grande rigor e dum profundo interesse scientifico, testemunhando uma perfeita competencia e um escrupulo exemplar na observação. Para ser integral o registo do phenomeno, o livro illustra-se de numerosas e excellentes phototipias com clichés impressionados durante o eclipse. A obra, notavel pelo seu valor scientifico, engrandece-se tambem pelo esplendor da edição que é verdadeiramente irreprehensivel" (1).

Não eram pois infructuosas as industrias empregadas pelos Jesuitas para o adeantamento de seus alumnos. Mas para as reforçarem, não descuravam outras, com encarecimento já recommendadas no antigo *Ratio Studiorum*. A primeira era a emulação que por todos os meios ateavam entre a juventude. As aulas divididas em

(1) Cf. *O Nosso Collegio*, II, pag. 51.

dois partidos, os desafios literarios ou no recinto da escola, ou em publico, os premios e diplomas dos vencedores, os quadros de distincção e particularmente a solennissima distribuição de premios no fim do anno, tudo servia a despertar o legitimo pundonor e brios da juventude. Especial força para incitamento á diligencia tinham-na certamente as Academias literarias ou scientificas em que os alumnos haviam de comparecer com primor deante de uma assembleia distincta ou declamando composições alheias ou apresentando trabalhos proprios. São frequentes nos collegios dos Jesuitas estes exercicios, tão accommodados para adestrar os jovens a apparecer dignamente na sociedade. Já em 1860 se dava solennemente no Collegio de Campolide um *Ensaio scientifico e poetico*, no qual tomaram parte alumnos que depois se distinguiram nas letras como José Maria de Sousa Monteiro, José Greenfield de Mello, Bento Esquetim e Antonio da Costa Cordeiro (1).

O theatro, como excellente meio pedagogico, tambem os novos Jesuitas o empregaram com o entusiasmo dos antigos, mas agora em lingua portuguesa. Tinham mudado os tempos; as tragicomedias latinas seriam anachronicas e não entendidas. Com o fito na educação que alvejavam, escolhiam assumptos religiosos ou pelo menos taes que dessem boa lição de moral, e com frequencia patrioticos. As peças ou eram originalmente compostas pelos professores e alumnos actuaes e antigos ou tomadas entre as de bons auctores nacionaes e estrangeiros e accommodadas á scena collegial.

Entre os alumnos do Collegio que levaram ao

(1) Cf. *O Nosso Collegio*, I, pag. 27, segg.

theatro Campolidense obras de sua lavra, distinguem-se o dramaturgo laureado D. João da Camara que para Campolide compôs expressamente as suas primeiras obras dramaticas, intituladas *Nobrezas*, *Um apuro faz o Medico*, e *Bernarda no Olympo* (1), e José da Camara Manuel que escreveu para o mesmo theatro entre outras peças *O Filho Prodigio*, e o *Silencio heroico*. Dos professores cito apenas o P. Sallustio dos Santos que entregou á scena os dramas historicos *O Condestavel*, *Lissibona*, e *O sceptro de D. João II*. A proposito da força destas composições para reanimarem o brio nacional, escreveu a penna de Julio Monzó: *Compreenderam os dirigentes do Collegio de Campolide esta verdade e alcançam este *desideratum* pondo ante os olhos dos jovens o espectáculo vivo do que nos livros lêem, levando á scena as paginas da vida historica do povo português, fazendo vibrar a mocidade confiada á sua tutela com o espectáculo do passado falando e movendo-se ante seus olhos, levando-a até a sentir dentro de si a alma de seus antepassados, quando actores e espectadores, commovidos e hipnotizados pelos mesmos affectos sentem perpassar sobre suas cabeças nos momentos de grande entusiasmo, o influxo heroico do genio de Portugal... O anno passado, levando á scena o drama *O Condestavel* e este anno entusiasmando durante duas noutes de Carnaval os frequentadores do teatro do collegio, com a tragedia *Lissibona*, o P. Salustio conquistou as esporas de cavalleiro na difficil arte de Sofocles e Esquilo, graças a um esforço facilmente apreciavel para quem saiba quantas difficuldades a vencer, quantos

(1) Cf. *O Nosso Collegio*, 1, pag. 35.

obstaculos a transpor, representa o ter que metter dentro do quadro restricto de alguns actos sem fatigar o espectador e conservando o interesse dramatico, e mais, aumentando-o de acto para acto, episodios historicos tão extensos como a lucta entre *os dois Joannes* e a conquista de Lisboa por Afonso Enriques..." (1).

Com todos estes meios de tanto agrado e proveito, como não haviam os Jesuitas de attrahir a seus collegios numerosos alumnos e colher tambem resultados consoladores? De feito, apesar das circumstancias melindrosas que os rodeavam em Portugal, apesar da guerra acintosa que lhes faziam homens inimigos e instituições anti-religiosas, e do descredito que procurava lançar a suas casas de educação um imprensa apostada a todo o mal, os Jesuitas no conceito das pessoas razoaveis gozavam estima de bons educadores e os seus alumnos obtiveram geralmente nos exames publicos, não só bom resultado mas ainda superior aos dos outros collegios e lyceus (2). Se porém algumas vezes se não alcançou tão lisongeiro, ainda é para admirar que o nivel das approvações se mantivesse tão elevado, attendida a antipathia e não raro a injustiça com que eram tratados os jovens, por serem discipulos dos Jesuitas. O que nos lyceus de Lisboa se passou particularmente nos ultimos annos da monarchia basta para o demonstrar.

Mas o crescimento quase constante do numero de alumnos que no reino e nas missões frequentavam as aulas dos Jesuitas, é tambem signal manifesto do bom

(1) Cf. *O Nosso Collegio*, II, pag. 52, segg., 106, 108.

(2) Damos, como exemplo, a estatística comparativa dos resultados que em Lisboa as varias casas de instrução obtiveram em 1902 nos exames de 5.º e 7.º anno. A estatística, prova elo quente da

conceito que havia de seus methodos e dos excellentes fructos que estes produziam. Os Collegios de Campolide e S. Fiel, começados com bem modestos inicios, foram gradualmente crescendo de maneira que o Collegio de Campolide tocou alguns annos o numero de 350 internos e o de S. Fiel o de 360 internos e externos. O Collegio do Porto começou logo a medrar a olhos vistos em reputação, frequencia e resultado.

Além-mar correspondiam também ás fadigas dos missionarios fructos que os animavam. Na India o Collegio de Cochim, quando os Jesuitas se encarregaram de o dirigir em 1895, contava 224 alumnos, e em 1898 já estes subiam a 279 assim divididos: 138 eurasiáticos, 75 indigenas christãos, 65 hindús e 1 judeu (1); em 1900

superioridade do Collegio de Campolide, foi recolhida pelo Jornal do Commercio.

Nome do collegio	Requereram	Obtiveram aprovação	Com B.	Com M. B.	Perd. o anno	
					Repro- vados	Desis- tindo
Collegio Arriaga.	8	5	0	0	3	0
Collegio de Belem	2	0	0	0	2	0
Collegio de Campolide.	12	12	1	3	0	0
Collegio Nacional	8	1	0	0	7	0
Collegio de S. Isabel	4	1	0	0	3	0
Collegio de S. Jorge	3	1	0	0	2	0
Escola Academica	12	5	1	1	7	0
Escola Nacional	11	2	0	0	7	2
Lyceu Polytechnico.	10	4	0	0	6	0

Tirámos a estatística de *O Nosso Collegio*, x, pag. 53.

(1) Cf. *Santa Cruz High School, Cochim, Annual Distributions of Prizes* (Alleppey, 1899) pag. 5.

cresciam a 369, a saber 142 eurasiáticos, 141 christãos indigenas, 78 hindús, 6 mahometanos e dois judeus (1), em 1913 chegavam á boa somma de 700, e a perto de 900 em 1916.

Sobre este Collegio escreveu em 1897 no livro das visitas o Governador de Madrastra, Arthur Havelock, que o porte dos alumnos lhe deixára impressão agradável e que essa casa de educação estava desenvolvendo uma acção beneficca (2), e noutra occasião o Inspector das Escolas declarava que o andamento disciplinar da casa era satisfactorio, que os alumnos se apresentavam com asseio e se portavam dignamente, que o collegio trabalhava com proveito e dos exames publicos saía com lustre (3).

Egualmente o Seminario e Collegio de Alleppey ao tempo em que delle tomaram a direcção os Jesuitas, que foi em 1900, continha 142 alumnos; em 1903 já eram 333 e no meado de Julho de 1909 já se contavam 468, sendo 296 catholicos, 4 jacobitas, 13 protestantes, 108 hindús (51 de castas altas e 57 de castas inferiores) e 47 mahometanos (4).

O Collegio de S. Paulo de Belgão (*St. Paul's School*)

(1) Cf. *Santa Cruz High School, Cochim, Annual Distributions...* (Alleppey, 1901) pag. 1.

(2) «...The appearance and demeanour of the boys impressed me very favourably. I believe the School is doing useful work and that it is a suitable monument of its founder, the late Bishop of Cochim». *Santa Cruz High School, An. Dist. of Prizes* (1899) pag. 2.

(3) «The tone and discipline of the school were satisfactory; the boys were cleanly dressed and well behaved; the school is doing good work and in the Public Examinations acquitted itself very fairly» *ob. cit.*, pag. 3.

(4) Cf. *Cartas Edificantes da Prov. de Portugal* (1910) pag. 8.

que apenas era frequentado por 25 alumnos no anno em que para elle entraram os Jesuitas, 23 annos depois, em 1912, já tinha crescido a 200 alumnos, e em 1913 a 230, merecendo por esta occasião ser elevado ao grau de *High School*. Pouco antes em 1911 o Inspector das escolas, Mr. Dudley, dissera que "se regozijava de ver que era brilhante o progresso dos alumnos, tanto no que respeitava á intelligencia como no modo de proceder..., que o numero dos que se matriculavam, bem longe de diminuir, tinha subido de 145 a 167, augmento mais de duas vezes superior ao dos dois ultimos annos, e que este facto era bom indício da reputação do collegio." (1)

O Seminario de Macau tambem os Jesuitas o dirigiam com proveito para a mocidade e honra do nome português no extremo oriente. Ácerca d'elle escreveu em 1910 um dos seus ultimos directores: "O Seminario foi crescendo sempre em numero e fervor. Delle sahem annualmente muitos jovens que espalhados pelos differentes postos do Extremo Oriente, vão sustentando o prestigio do nome português e o amor e respeito á Religião entre os povos gentios e protestantes com quem teem de lidar. Isto sem falar dos sacerdotes que se ordenaram sob a nossa direcção, muitos dos quaes trabalham hoje com grande zelo na salvação das almas em diferentes pontos da diocese: Singapura, Malaca Xau-Cheu, pri-

(1) «I was glad to note a distinct brightening up, in the general intelligence and demeanour of the pupils... The number on the rolls, so far from decreasing, as a consequence of this step, has actually risen from 145 to 167 more than double the increase in the last two years, respectively. This speaks well for the reputation of the School». *S. Paul's School, Belgaum, Prize Distribution 5th November, 1912*, pag. 1-2.

meira cidade no Continente da China, em que o P. Ricci abriu residencia depois de saído de Macau, e sobretudo em Timor onde temos o melhor da missão." (1)

Nas missões da Africa oriental, apesar da inconstancia dos pretos, que dava causa a grandes oscillações na frequencia das aulas, o numero de alumnos ia crescendo com manifesta utilidade para a civilização. No Relatorio, apresentado em 1908 pelo Superior da Missão R. P. João Baptista Gonçalves ao Governador do Districto, lê-se a proposito da escola de Quelimane o seguinte: "A quasi totalidade dos empregados publicos, *Muzumbos*, principalmente telegraphistas dos Districtos de Tete e Quelimane, são alumnos da escola da Missão, e entre elles ha um bom numero de bons empregados a que se poderiam accrescentar outros que servem louvavelmente empregos particulares" (2).

Façamos porém uma ideia geral do movimento escolar dos Collegios da Companhia de Jesus com um relance de olhos para essa estatistica referente ao anno de 1910, em que os Jesuitas foram expulsos de Portugal. Bem que alguns numeros sejam só approximados, o quadro no seu conjuncto representa-nos com exactidão a actividade pedagogica dos Jesuitas portugueses (3).

(1) Cf. P. Matheus Ricci, S. J., *Relação escripta pelo seu Companheiro P. Sabatino de Ursis* S. J. (Roma, 1910) pag. 4.

(2) *Cartas Edificantes da Prov. de Portugal*, II, (1900) pag. 30.

(3) Cf. sobre este assumpto e estatistica um excellente artigo da penna do R. P. Antonio Antunes Vieira, composto para ser publicado no *Trait d'Union*, Agosto de 1914.

Quadro estatístico do anno de 1910

	Internos	Externos
PORTUGAL		
Collegio de Campolide	280	
Collegio de S. Fiel	307	60
Guimarães — Escola Apostolica.	40	
Setubal — Escola elementar		70
Barro — Escola elementar		50
Collegio do Porto fechado em 1909 com 100 alumnos.		
INDIA INGLEZA		
Belgão — S. Paul's School		150
Allappey — Leo XIII High School		408
Allappey — Seminario	50	
Cochim — St. ^a Cruz High School		400
AFRICA ORIENTAL		
Quelimane		150
Chipanga	30	109
Coalane	28	
Boroma	200	
Angonia		615
Zumbo (Mirúru)	107	
Quinze escolas filiaes de catequese e pri- meiras letras nos contornos de Mirúru .		882
CHINA		
Macau — Seminario	100	
TIMOR		
Soibada — Collegio		76
Total	4:172	

De todos estes collegios e escolas saíram certamente muitas personagens illustres, muitos homens bem ins-

truidos e cidadãos proficuos á sua patria. Seria demasiadamente longo enumerá-los um por um. Mas se houvesse de apontar ao leitor alguns nomes apenas, daria o primeiro logar aos sete Prelados da Igreja Portuguesa, D. Antonio de Medeiros, Bispo de Macau, D. Augusto Eduardo Nunes, Arcebispo de Evora, D. Sebastião Leite de Vasconcellos, Bispo de Beja, D. João Gomes Ferreira e D. José Bento Martins Ribeiro, Bispos de Cochim, D. Antonio Pereira Ribeiro, Bispo do Funchal e D. Manuel da Costa Damasceno, Bispo de Angra; mencionaria nos que se distinguiram pelas sciências, letras ou artes Arthur Lobo d'Avila Lima, Egas Moniz, Eugenio Pacheco de Canto e Castro, Felix Alves Pereira, Fernando Garcia, João Augusto da Graça Barreto, D. João da Camara, José da Camara Manuel, José Greenfield de Mello, José de Sousa Monteiro, Julio Monzó, Manuel M. da Silva Bruschy, Mario Artagão (pseudonimo), Martinho Brederode, Rui Chianca, e os dois musicos insignes Alvaro Roquette (Salvaterra) e D. Francisco Coutinho (Redondo); entre os diplomatas poderia, além de José de Sousa Monteiro e Martinho Brederode já recordados, nomear ainda Frederico Rodrigues de Lima, o conde de Martens Ferrão, José Horta, visconde d'Alte, Nogueira Pinto, conde de Leça, e Bartholomeu Ferreira; no numero de cidadãos beme-meritos, pertencentes a varias classes da sociedade, metteria Monsenhor Jeronymo T. de Figueiredo Amaral, Conego Manuel Moreira Aranha F. de Mendonça, Antonio Vaz de Macedo, medico, João Thaumaturgo Junqueira, alto funcçionario, José Luis Portugal de Sousa Coutinho, conde de Redondo, capitalista, D. Miguel Vaz de Almada, Pedro de Oliveira Pires, alto funcçionario e jornalista, e Peixoto Correia, advogado; como

distinctos officiaes do exercito, lembraria Benjamim Pinto, Francisco e Luis Quintella (Charruada), Francisco de Carvalho Brito Gurjão, João Peixoto (Lindoso), José Lobo de Vasconcellos, Luis d'Albuquerque do Amaral Cardoso, os tres novos engenheiros militares José Marques Pereira Barata, Licinio Cantharino Lima e Viriato Augusto Thadeu, e particularmente os que deram mostra de valor singular nas campanhas de Africa, Ayres de Ornellas e Vasconcellos, José Teixeira de Barros, Manuel Ferrão de Castello Branco, conde da Ponte, Fernão de Magalhães e Menezes, D. Miguel Antonio de Mello, os quaes Mousinho de Albuquerque no seu relatorio *A Campanha entre os Namarraes*, apresenta ao governo como dignos de louvor, D. José d'Almeida Correia de Sá, marquês de Lavradio, que se assignalou na Campanha de Gaza, e Carlos Campos Andrada na do Barué. Mas, em vez de me demasiar em listas, termino com as palavras de José Greenfield de Mello que ao elogiar o P. Carlos Rademaker escreveu ter-se elle filiado "na Sociedade que melhores educadores e missionarios espalha pelo mundo (1).

CONCLUSÃO

Com este empenho, com este resultado e credito trabalharam em Portugal os Jesuitas durante mais de dois seculos desde 1540 a 1759 e depois pelo espaço de cincoenta e dois annos desde 1858 até 1910. De olhos nesses dois quadros, que me esforcei por debuxar de modo que representassem nitidamente a verdade sem

(1) *O Nosso Collegio*, 1, pag. 112.

disfarce nem enfeite, poderá o leitor ver, em si mesma e nos seus fructos, a formação intellectual do Jesuita e, segundo esta noticia, avaliar a exactidão e imparcialidade ou talvez o partidario e preconceito com que em Portugal se tem descripto e historiado a pedagogia da Companhia de Jesus. Á sua vista foram passando uma a uma as LEIS, como estão exaradas no codigo escolar daquella Corporação. Conheceu o primeiro esboço do systema pedagogico, logo o seu desenvolvimento e depois as alterações que o foram modificando segundo os progressos das sciencias e letras; analysou miudamente o programma de ensino; inteirou-se da formação moral, literaria, scientifica e technica dos professores, e alcançou minucioso conhecimento das industrias empregadas na instrucção da juventude. Onde é que pôde suspeitar que se escondesse algum mysterio? Antes onde é que se lhe não depararam normas claras, singelas, prudentissimas de uma educação franca, solida e em conformidade com os dictames da razão?

Nem cuide a desconfiança meticulosa que houve sonegação de leis secretas. Todos os livros, onde se podem consultar as regras da Companhia de Jesus, estão patentes nas grandes bibliothecas; a *Monita Secreta* é fabula, sempre ridicula, e agora, á luz da critica moderna, completamente desautorizada; os manuscritos, em que talvez suspeita contumaz quisesse ainda suppôr instrucções secretissimas, tomaram-nos de surpresa e como de assalto a perseguição de Pombal e a revolução republicana, examinaram-nos sofregamente e nada puderam trazer a lume, que maculasse a legislação da Companhia. Não appareceu regra nem lei, que não fosse traçada pela norma da suprema verdade.

O Jesuita é effectivamente *educado* segundo os pre-

ceitos e conselhos da moral purissima de Jesus Christo, e as leis particulares de seu Instituto apontam-lhe a estrada sublime da perfeição evangelica; o Jesuita é *instruido*, conforme um systema racional, na doutrina mais sã e mais seguida pelos grandes mestres, e, segundo a educação e instrucção que recebe, *educa* e *instrúe* a mocidade que frequenta suas escolas.

Os FACTOS, que as leis no exercicio practico de muitos annos produziram, tambem o leitor os foi contemplando, como numa exposição compendiosa, mas ordenada. Viu os collegios e universidades que successivamente se levantaram em todas as partes do mundo, os professores que mais os illustraram, os homens que se distinguiram nas sciencias e nas letras, as obras que saíram de pennas eruditas, os numerosos discipulos, tantos delles santos e sabios, e num relance de olhos, como em breve quadro, toda a obra literaria e scientifica da Companhia de Jesus em Portugal. Por esses factos, considerados sem a nuvem dos preconceitos, póde finalmente julgar se os Jesuitas são esterilizadores da intelligencia e adversarios de todo o progresso, ou antes homens de sciencia, amantes do trabalho que augmenta o thesoiro intellectual da humanidade, e propagadores indefessos das luzes da instrucção.

FIM

IMPRIMI POTEST.

Antonius Pinto, S. J.

Praepositus Provinciae Lusitanae

IMPRIMATUR:

Coimbra, 1917.

† *A. Bispo do Porto*

ERRATAS

<i>Pag.</i>	<i>linha</i>	<i>onde se lê</i>	<i>leia-se</i>
5 (nota)	3	geistingen Baues der S. J. keunen	geistigen Baues der S. J. kennen
5 (nota)	7	fäbig	fähig
43 (nota)	2	E o	Ê o
90	6	os discipulos	dos discipulos
104	17	escrever a lingua	a escrever e :
125 (nota)	31	duração dar	duração das
135 (nota)	24	dieni cht	die nicht
137 (nota)	11	nutritif set	nutritifs et
188	15	Luis	Pedro
207 (nota)	3	1740	1746
207 (nota)	4	em 1752	e em 1752
231	1	das sereias	da nympha
400	16	mestre	mestres
417 (nota)	14	escriptos	escriptores
432 (nota)	12	scizete quitandi	scizet equitandi
436	9	notavel	notavel,
482	19	da	la
484	8	sir	sis
484	9	me:	mei.
543	19	toAgos	Agosto
543	22	aterra	terra a
543	28	rigr houveo	rigor houve

INDICE

	Pag.
Prologo	VII
Lista das obras principaes consultadas	XIII

LIVRO I

Leis	3'
CAPITULO I — O Ideal	7
Ordem docente	8
Educação e ensino	11
Formação do character	12
Educação christã.	14
CAPITULO II — Meios pedagogicos	17
Virtude e letras	17
Atmosfera de santidade	19
Practicas piedosas	21
Festas collegiaes	23
Leitura de bons livros	26
Disciplina escolar	28
Punição	31
CAPITULO III — Systema de Ensino	39
Curso de letras	42
Philosophia	55
Theologia	60
CAPITULO IV — Grande actividade	67
Interesse	67
Emulação	68
Academias escolares	76

Representações theatraes	Pag. 79
Premiação solenne	83
CAPITULO V — O Professor	89
Preparação moral	90
Iniciação pedagogica	94
Formação scientifica	97
CAPITULO VI — Origem e desenvolvimento	103
Os primeiros collegios	104
O methodo parisiense	107
<i>Ratio Studiorum</i> definitivo	114
CAPITULO VII — Originalidade do Methodo	121
Escolas precursoras	122
Notas caracteristicas	129
Censuras e louvores	138

LIVRO II

Factos	153
CAPITULO I — Força de expansão	155
Collegios aquêem e além-mar	156
Numero de estudantes	168
Aulas e professores	171
CAPITULO II — A Escola, o Pulpito e a Imprensa	177
§ 1 Nos Estudos classicos	180
§ 2 Na Literatura patria: Oratoria	211
§ 3 Na Poesia portugueza	225
§ 4 Na Historia	235
§ 5 Na Ascetica	251
§ 6 Na Hermeneutica sagrada	255
§ 7 Na Theologia especulativa e na moral	263
§ 8 Na Philosophia	274
§ 9 Na Mathematica e Sciencias naturaes	281
§ 10 Nas Academias scientificas	308
CAPITULO III — Além-mar: Sciencias e Letras	317
§ 1 Explorações e noticias	319
Na Asia	320
Na Africa	331

Na America	Pag. 334
§ 2 Estudos linguisticos	338
India	340
China	362
Japão	369
Brasil	377
Ethiopia	384
Angola	387
CAPITULO IV — Na educação da juventude	391
Os educadores	392
Resultado brilhante	394
Decadencia de Portugal	419
CAPITULO V — Discipulos	423
Membros da Companhia de Jesus	424
Alumnos externos	430
CAPITULO VI — Nas Artes	453
Arte dramatica	453
A Musica	490
A Pintura	495
A Architectura	499
A Arte typographica	505
CAPITULO VII — A obra literaria e scientifica	515
CAPITULO VIII — Depois da Resurreição	541
§ 1 Renascimento e expansão	543
§ 2 Fructos de educação e sciencia	557
No campo das letras	559
Luzes da imprensa	562
Sciencias Naturaes	574
A Juventude dos Collegios	581
Conclusão	598